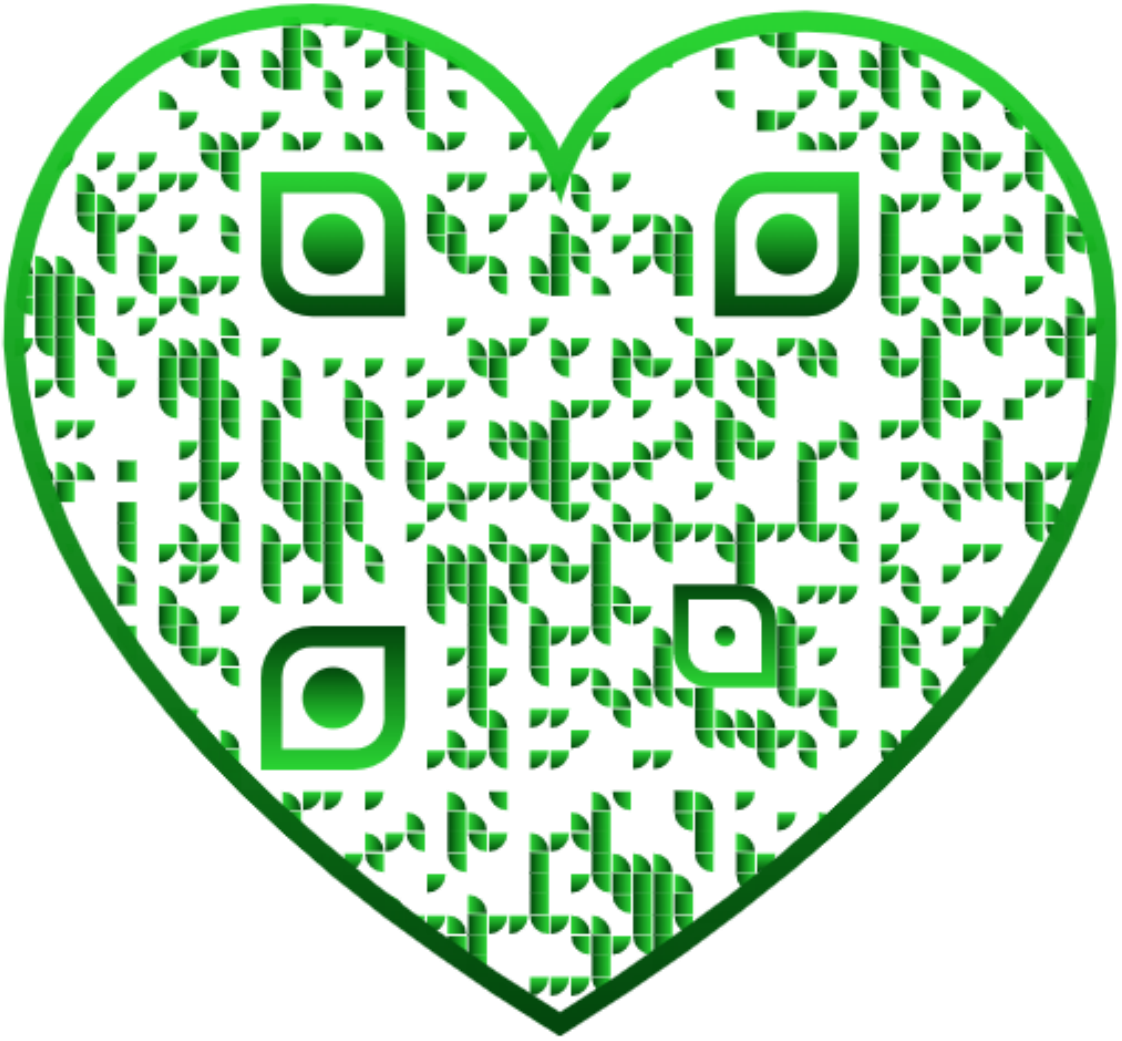
A DIVA E O BRUTO

GISELE SOUZA



Este livro foi disponibilizado pela equipe do e-Livros, com o objetivo de ser usado somente para fins não comerciais.

e-Livros.xyz

A DIVA E O BRUTO

GISELE SOUZA

Copyright © 2018 Gisele Souza

Capa: Dri K. K.
Revisão: Carla Santos
Diagramação: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão do autor e/ou editor.

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Prefácio

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39

Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Epílogo
Cena pós-crédito
Agradecimentos
Biografia
Obras

Prefácio

Por Lenny Silva

Ao receber o convite para prefaciar esse livro, eu confesso que o coração bateu absolutamente acelerado no peito. Eu fui surpreendida, senti-me honrada e tomada por uma emoção única e indescritível.

Foram mais de 60 capítulos, onde página após página, os sentimentos se intensificaram em mim. Eu passei por risos, lágrimas, raiva, suspiros, tantas e doces emoções, até finalizar extasiada, em estado de mais puro e incondicional amor.

Logo no início eu fui apresentada à força, determinação e coragem de Mileni, ainda uma menina-mulher. O tempo passou e ela me mostrou que nunca perdeu essa essência. Sua família sempre foi sua base, sua fortaleza. Foi por eles que ela lutou e viu seu destino, de seus pais e irmãos tomando novos e melhores rumos. Ela seguiu seu coração sem nunca duvidar dos caminhos que ele a levaria.

E ele a guiou diretamente para uma colisão de realidades diferentes, onde mundos opostos acabaram se chocando e descobrindo que se encaixavam mais que perfeitamente.

Ali entrou Rodrigo. Forte, batalhador, intenso, teimoso, marcado pela vida, que o levou a

levantar muros, se proteger.

Vou tentar mostrar o que senti ao ver nossos protagonistas se conhecendo. Eu escrevi um trecho para um livro recentemente e ele descreve por completo a minha sensação: "Seria mais um simples encontro ao acaso, se não tivesse tocado e marcado tão profundo a alma".

Não é mais outra história qualquer a ser contada, sabe. São Mileni e Rodrigo, o nosso mocinho lindo e bruto, tomando a caneta nas mãos e escrevendo seus próprios destinos. Entrelaçados. Juntos.

Eu costumo sempre dizer que ler me leva a sonhar, a conhecer novos lugares, me transporta a outros universos. E aqui, eu tive uma das experiências mais lindas e inesquecíveis da minha vida: eu vi realidade.

Eu encontrei em Priscila, a garota que tem o coração maior que o mundo, o verdadeiro sentido de amizade. Ela está sempre ali, ao lado, seja para se juntar a sua alegria ou compartilhar também da sua tristeza. Ela é equilíbrio. É porto seguro necessário na vida de Leni.

Do outro lado, temos Paulão e Jorjão. Eles são o companheirismo, leveza, segurança e lealdade que todo amigo deveria sentir e expressar. A ligação deles com Rodrigo vão além de qualquer laço que o sangue poderia ter. Foi decisão do coração. São irmãos que se escolheram.

E tem mais. Muitos mais. Você viajará por segredos, intrigas, reviravoltas, descobertas, lições, afetos, medo, dores e amores, terá a alma aquecida e o coração transbordando, repleto de uma infinidade de sentimentos.

Obrigada, Gisele Souza, por quebrar regras, derrubar preconceitos, ultrapassar limites e mostrar que sim, no fim, nunca devemos temer o amor, ele é e sempre será a peça central e fundamental do quebra-cabeça da vida.

Então leia, sinta cada palavra, viva intensamente cada página e depois me diga qual o tamanho do seu amor por essa história.

Eu posso lhe contar a dimensão do meu. É grande, big, bruta, totalmente estilo Rodrigo de ser.

A diva e o bruto ficarão marcados, eternizados em meu coração. Para sempre. E espero que no seu também.

Boa leitura (sem dúvidas, eu sei que terá)!

Beijos carinhosos.

Lenny Silva

Prólogo

— Lu, esse ano não vamos conseguir dar presente para as crianças como planejamos, arranjei muito pouco até para nossa ceia, as contas vão ter que ficar para trás novamente.

Minha mãe fez uma careta de decepção e assentiu, sorrindo tristemente, abraçou meu pai, que estava sentado à mesa da cozinha mexendo nas contas que tinha para pagar e afagou sua nuca com carinho.

— Não fica preocupado com isso, Márcio. Eles vão entender, são crianças maravilhosas! E as contas a gente dá um jeito, sempre damos, não é mesmo? Vou ver se arrumo algumas roupas para lavar e passar.

Papai assentiu e suspirou largando os papéis na mesa e encostou a cabeça na cintura de minha mãe.

— Eu sei, mas queria poder dar um pouco mais a eles nesse Natal. Mileni queria tanto um violão, nem usado vou poder comprar.

Dava-me um aperto no peito de vê-los daquela forma e mesmo que nós não reclamássemos

de não ganhar presente, os mais novos sentiam um pouquinho mais, assim como eu e Diego sentimos um dia. Eu entendia que meus pais ralavam muito para poder colocar comida na mesa e pagar algumas contas, quando dava, e fazia o possível para ensinar aos meus irmãos a não deixarem os dois mais preocupados e frustrados. E sabia também o quanto gostariam de nos presentear com brinquedos, o que para muita gente poderia ser supérfluo e sem tanta importância, e acharem que deveríamos dar graças por ter comida na mesa e um teto sobre nossas cabeças. Mas que pai e mãe não deseja presentear seus filhos e vê-los felizes?

— Vamos dormir, Leni?

Olhei para meu irmão e sorri, abraçando-o com um braço.

Apesar de termos dois anos de diferença, eu me sentia muito responsável por ele, era o mesmo sentimento que tinha com os caçulas.

— Vamos sim, mano! Não fica triste, tá?

Ele assentiu, mas vi que não tinha como não ficar. Diego pediu por aquele brinquedo há anos. E mesmo com onze anos, meu irmão ainda parecia um bebê para mim.

Por mais que meus pais tentassem, não conseguiam nos dar o que queriam; fiquei vendo os dois chateados daquela forma, além dos meus dois irmãos caçulas dormindo tranquilamente em nosso quarto compartilhado e Diego ao meu lado, decepcionado, porque não ganharia seu caminhão de bombeiro, mesmo tentando não demonstrar. Às vezes, a vida era dura; mesmo tendo amor de sobra em nossa família, em alguns momentos as dificuldades faziam com que a frustração de não conseguir melhorar se sobrepusesse em nossa bolha familiar.

Então, naquele momento, eu prometi que iria mudar tudo, que daria a eles uma vida melhor, que conseguiria uma forma de não ver mais aquelas rugas na testa de meu pai e as lágrimas nos olhos da minha mãe.

Eu era a filha mais velha e daria um jeito de conseguir que tivéssemos um Natal como sonhavam.

Capítulo 1

Naquele amor
À sua maneira
Perdendo o meu tempo
A noite inteira
(À sua maneira – Capital Inicial)

Mileni Pontes

— Oi, Pri! Eu sei que estou atrasada, dois minutos e já saio.

Desliguei o celular e o ajeitei dentro da bolsinha, olhei no espelho uma última vez e sorri. Hoje era a minha noite de liberdade!

Saí do quarto e passei pelo extenso corredor andando devagar, não que eu precisasse me esconder de alguém. Não devia explicação a ninguém do que eu fazia ou deixava de fazer, o problema era que minhas ações refletiam muito em outras pessoas e isso provocava certo tipo de controle. Contudo, eu acreditava que algumas horinhas *sumida* não fariam mal!

Desci as escadas e tranquei a porta da frente, Priscila estava estacionada no portão com o som ligado e batia no volante ao ritmo do rock que, provavelmente, escutava. Eu a conheci numa das minhas fugas, depois de discutirmos por um assunto bobo, nos tornamos inseparáveis. Poucas pessoas me conheciam de verdade, não permitia que ninguém mais se aproximasse. Com ela não tive muita escolha em me abrir ou me fechar, Pri via todos os meus lados, conhecia minha alma, sabia o quanto, às vezes, me saturava da minha vida e que não via uma forma de fugir de tudo.

Bati no vidro com os nós dos dedos e ela olhou para cima sorrindo, piscou para mim e destrancou a porta.

— Caramba, Mileni. Demorou, hein! Nem se emperiquitou tanto para essa demora toda, tá *basiquinha*. — Fez uma cara engraçada bagunçando os cabelos curtos.

Priscila Marins era uma menina de altura mediana, pernas torneadas, cabelos escuros, cortados no estilo Chanel, olhos castanhos, lábios grossos e sorriso fácil. Independente desde os dezoito anos, cuidava de si mesma e não precisava que ninguém ditasse sua vida; agora, com vinte e cinco anos, dava aula de dança numa academia no centro da cidade.

— Não me chama assim, essa noite sou Leni. Não esquece!

Ela revirou os olhos e fez um gesto como se trancasse a boca com a chave e jogasse pela janela.

— Até parece que só de falar o seu nome vão te reconhecer. Com esse estilo aí, amiga, parece outra pessoa. O que houve? Por que esse cuidado exagerado? E por que colocou as malditas lentes? A *Chátima* não te pegou, não é?

Respirei fundo e olhei pela janela, não queria ofender Priscila, mas precisava esquecer um pouco meus problemas em casa. Não queria ter que lhe explicar que o motivo de usar lentes de contato era para não me reconhecerem logo de cara. Heterecromia[1] era algo raro, meus olhos eram verdes e o esquerdo manchado com o castanho mel de minha mãe. Por isso, para que mantivesse o anonimato, precisava esconder a minha peculiaridade.

— Não, ela saiu mais cedo deixando claro que não admitiria outra de minhas escapadas. — Dei de ombros e olhei para Pri. — O que os olhos não veem o coração não sente, não é?

Minha amiga sorriu amplamente e assentiu aumentando o volume, isso era o que mais gostava naquela menina. Ela sabia exatamente quando me dar privacidade. Não pressionava em nada.

— Além do mais, não é como se você devesse algo para aquela velha, né? — Estreitou os

olhos para mim, como se me desafiasse a contradizê-la.

O caminho até o bar me distraiu, já não estava mais chateada e infeliz com tudo que se resumia minha vida. Quando estacionamos, já era eu de novo. Desci do carro e atravessei a alça da bolsa em meu ombro, Pri parou ao meu lado e sorriu ajeitando a minissaia que não escondia nada do que havia por baixo.

— Pronta para a caçada, amiga?

— Prontíssima, esperei a semana toda por isso.

Ela sorriu abertamente e demos as mãos para atravessar a rua. A música do bar que gostávamos de frequentar — quando eu conseguia dar uma escapada — era basicamente MPB e algumas noites rolava um samba. A adrenalina subia por meu corpo fazendo com que minha pele se arrepiasse. Adorava aquela expectativa do desconhecido, de ser mais uma pessoa no meio de outras, o anonimato me deixava feliz.

O local estava cheio naquela noite, havia uma fila extensa na porta, muitas pessoas aguardavam uma oportunidade para entrar. Mas nós não precisávamos ficar esperando, ser influente e conhecer o dono ajudava muito.

Desviamos de alguns rapazes que haviam se aglomerado bem na entrada e no caminho para a porta dei um esbarrão em alguém, automaticamente me virei parar olhar quem era. Um homem alto, de olhos castanhos intensos, um olhar quente e sexy me encarava de uma forma nada pudica. Seu rosto era marcante e coberto por uma barba ruiva que complementava o visual de cara bruto dele. Muito forte, com músculos e tatuagens pelo braço exposto pela camiseta branca.

Ele sorriu de lado, medindo-me de cima a baixo. Estendeu uma mão, em uma atitude quase inconsciente, para evitar que caísse.

— Desculpa, moça. Te machuquei?

Na minha parada, por causa da trombada com o desconhecido sexy, soltei a mão da Priscila

que me esperava a alguma distância.

— Não, estou bem.

O homem assentiu e olhou para mim daquele jeito de novo, era um olhar tão carregado de sensualidade que me senti nua. Claro que com a atenção dele, tão focada e voltada para mim, fiquei com medo de ser reconhecida, essa coisa não me deixava nem quando estava no meio de pessoas que confiava, quanto mais ser encarada daquela forma por um desconhecido. Contudo, notei que ele estava mesmo flertando, me admirando daquele jeito.

— Que bom. Seria uma pena começarmos dessa forma.

O quê? Fiquei sem ter o que dizer e sorri de boca fechada me afastando. Cheguei ao lado de Priscila que arqueou uma sobrancelha, curiosa com minha pequena interação com o rapaz.

— Se perdeu no meio do caminho, foi?

— Não, estou aqui, vamos entrar?

Ela assentiu sorrindo, consciente do que tinha acontecido ali, eu não tinha o costume de paquerar caras em filas, era mais arriscado estar muito tempo em um ambiente aberto do que um lugar controlado aonde eu poderia fugir e me misturar às pessoas. Não pude deixar de olhar para trás e o homem estava lá, parado, me olhando como se tivesse uma visão de raios X e pudesse enxergar até a minha alma.

Engoli em seco e voltei-me para a porta que já estava aberta para nós, passamos pelo segurança, o cumprimentamos com um aceno e constatei que aquela era uma sexta especial, nunca tinha visto o bar tão cheio e apesar de estar superlotado, ter pessoas esperando por uma mesa de pé no balcão do bar, a nossa já estava reservada.

— Caramba, isso tá cheio mesmo hoje! Vamos beber alguma coisa, estou morrendo de sede. — Nos sentamos e cumprimentamos Sérgio com um aceno, que sorriu caminhando até à nossa mesa.

Mediu-nos de cima a baixo e balançou a cabeça.

— Coitados de nós, pobres mortais! — gritou elevando sua voz acima da música.

— Para com isso, Serginho! Sei que é apaixonado pela Dri — declarei, rindo da graça que fazia. Gostava de brincar conosco daquele jeito.

Ele era namorado de uma das garçonetes, que também era nossa amiga e sabia de seu gracejo.

— Com certeza, porém não fiquei cego da noite para o dia. — Piscou para mim e sorriu. — O de sempre hoje, meninas?

— Sim! — dissemos em uníssono com a voz cantante.

Ele assentiu e se virou para pedir nossas bebidas, aproveitei o momento de pausa e virei-me para observar as mesas.

As pessoas estavam ali para se divertirem, tudo tão diferente do que eu estava acostumada, o que era perfeito. Ali eles não fingiam ser o que não eram, apenas se deixavam levar pelo ritmo delicioso da música. Amava aquele ambiente, estar entre aqueles seres humanos comuns, sem nomes, passado ou presente. Viver intensamente era maravilhoso!

Ali eu me libertava de estereótipos e amarras. Era alguém que escolhi ser, não que impuseram a mim.

— Ei, louca! Vai ficar aí encarando as pessoas e me deixar beber as duas taças? Ainda não são nem duas da manhã, não posso ficar bêbada.

Sorri para ela e levantei uma sobrancelha, nem tinha percebido que Sérgio já tinha estado ali.

— Do que você tá falando? Isso aí é sem álcool.

Ela torceu a boca e deu de ombros chupando o canudinho.

— Nós sabemos disso, mas ninguém mais precisa saber. Gosto de colocar a culpa no álcool das minhas doideiras.

Revirei os olhos pegando minha bebida da sua mão. Nós não éramos adeptas ao álcool; ela, porque gostava de levar a vida saudável e eu por outros motivos. Então, nossas bebidas eram 0%; porém, Pri gostava de dar uma de bêbada, às vezes. Eu não entendia bem, mas cada um com sua loucura, certo?

Terminei minha bebida, me virei e coloquei a taça vazia na mesa.

— Eu não sei você, mas hoje estou com vontade de extravasar.

Priscila piscou um olho, virou a taça na boca, capturando o último gole de *Piña Colada*.

— Estou com você até no inferno, amiga. Só me chamar, que estarei lá. E quando o assunto é extravasar, sou a rainha da porra toda.

Eu sabia disso, por esse motivo sorri e me levantei olhando para ela.

— Beleza, vou me jogar. Bora?

Ela sorriu de lado, se levantou e alisou a saia curta.

— Tô dentro, cachorra!

Fomos rebolando para perto da roda de samba que havia sido montada no canto do bar. Ao longo dos anos que conhecia Priscila aprendi muito com sua dança, além do fato que eu frequentava suas aulas ocasionalmente. E a modéstia ficava em casa, arrasávamos. Fechei os olhos e me deixei levar, me transportei para outra dimensão, onde eu não era ninguém, apenas mais um rosto no meio daquela gente. Esvaziei minha mente e me joguei na dança.

Horas, dias, meses, anos poderiam passar e se eu pudesse escolher entre voltar para a minha vida vazia e sem sentido ou dançar até cansar, eu o faria. Cheguei a uma fase que estava cansada, exausta de ser eu. De representar um papel que não queria, de viver algo que não

sabia se era o que eu realmente amava.

— Você parece estar feliz, amiga! — Pri gritou se fazendo ouvir acima do volume da música.

Assenti, sorrindo, e me aproximei do ouvido dela.

— Hoje eu estou!

Ela riu e se aproximou.

— Que bom, porque você tem que se divertir e viver conforme merece. Não deixe que te digam o contrário.

A emoção ameaçou me sufocar e assenti, respirando fundo.

— Eu não vou deixar, mas não quero pensar nisso agora, hoje quero só me divertir!

— Eu acho que hoje é seu dia de sorte, amiga! Homão da porra detectado logo atrás. — Piscou um olho examinando o alvo por cima do meu ombro, então me afastei um pouco, fazendo com que praticamente trombasse em uma muralha.

Antes que pudesse olhar para trás, senti os cabelos da minha nuca se arrepiarem, minha pele esquentou quando senti uma presença atrás de mim. Mãos fortes descansaram em meus quadris e senti a firmeza de um abdome definido em minhas costas. Olhei pra Priscila de olhos arregalados, procurando por ajuda, mas ela piscou mais uma vez e sorriu dando-me as costas, deixando-me à mercê daquele desconhecido.

O toque dele era bruto e possessivo. Seu quadril se movia contra o meu, sorri amplamente e acabei me deixando levar, aproveitando aquela sedução sem rosto, a dança mais sensual que experimentei em muitos anos. *O que estava acontecendo comigo?*

Não era de me envolver dessa forma quando saía para me divertir, era perigoso, mas me via tão tentada a arriscar que mal me reconhecia.

— Qual seu nome, princesa?

Droga, um ponto a menos para ele! Não gostava de ser chamada assim. Mas resolvi ignorar todos os sinais que piscavam como néon em minha mente, levando em conta sua voz rouca e deliciosa no meu ouvido eu poderia apostar que valeria a pena correr riscos.

— Leni!

— Hum... Só Leni?

— Pra você é! Não precisa mais do que isso. — Já estava arriscando demais somente por deixá-lo me tocar assim em público, não daria meu nome de bandeja.

— Tá ótimo então... É suficiente para o que preciso saber pra gozar.

Uau!

Meus olhos se abriram na hora, meu coração disparou e senti a adrenalina correndo em minhas veias, ele encostou a boca em meu pescoço e pude sentir que estava sorrindo.

— Acho que você tá muito confiante só com uma dança, não?

— Sabe o que é? Eu te vi desde que entrou e a primeira coisa que me chamou a atenção foram esses lábios pintados de vermelho, pensei comigo como seria bom te beijar e tirar tudo a deixando descoberta pra mim. Quis saber se o gosto seria tão bom quanto a visão, minha intenção era apenas roubar um beijo, mas te vendo tão entregue ao meu toque... preciso provar o corpo inteiro. — Fez uma pausa e sorriu na minha pele. — Um simples encontro foi capaz de despertar esse tanto de coisa em mim, fico só pensando o que aconteceria se você permitisse mais do que isso.

Eu não aguentava mais de curiosidade, aquela voz rouca, juntamente com as palavras, me deixou ainda mais interessada. Virei-me em seus braços e me deparei com ele, o cara da entrada, aquele que praticamente me despiu só olhando para mim. E era ainda mais impressionante de pertinho do que quando trombamos na porta do bar.

O homem era diferente, mais fascinante e sensual do que bonito, na verdade esse adjetivo não combinava com ele de jeito nenhum, era até um insulto classificá-lo como apenas bonito, porque era viril, todo bruto e sexy. Seus olhos intensos tinham cílios longos e sobrancelhas grossas, sorrindo amplamente era ainda mais atraente; o rosto forte e másculo, com aquela barba que fez minha mente viajar, seus cabelos eram curtos e avermelhados, mas que dariam para que os puxasse em um momento quente.

Engoli em seco, surpresa com as sensações e pensamentos que invadiram minha mente. Realmente era algo a se analisar devido à pouca interação que tivemos. Arranhei a garganta para não correr o risco de minha voz entregar demais a excitação que me dominava.

— Entendi, e o que te faz pensar que vou deixar você me fazer gozar?

— Não sei, chame de intuição. Mas alguma coisa me trouxe até aqui esta noite e eu acho que foi o destino falando que nos encontraríamos nesse lugar! — Sorriu malicioso, todo pretensioso e certo que sua cantada surtiria efeito.

— Eu não acredito muito nessas coisas... E você está se achando demais.

Eu nunca iria admitir, mas estava gostando de toda aquela arrogância, mas a forma como me olhava era o que mais estava mexendo comigo.

— Nem eu, mas que outra desculpa eu poderia dar para justificar o meu descaramento?

Seus olhos desceram para minha boca e automaticamente lambi os lábios convidando-o a cumprir o que disse. Quem tá na chuva é pra se molhar, certo? Agora eu queria provocar!

— Eu preciso provar essa sua boca... Tão convidativa!

Sorri de lado e senti meu coração batendo forte, engoli em seco e assenti, olhando dentro dos olhos quentes dele. Logo que dei minha permissão, sua boca colou na minha, ele enfiou a língua e seu gosto era uma delícia; não tinha nada de pasta de dente, bala de menta e essas táticas que os caras usam para ter um hálito mais limpo. Era natural, delicioso e picante.

Meus lábios moveram sobre os dele captando cada detalhe, guardando na memória cada movimento da língua intrusa na minha. Ele se afastou tão de repente que fiquei zonza. Depois me olhou nos olhos e passou o dorso da mão em minha bochecha. Curvou-se à minha altura e sussurrou:

— Delícia, princesa. Imaginei mesmo que era irresistível quando te vi, mas, cara, isso é mais do que qualquer coisa que pudesse fantasiar.

Mordi minha boca ainda sentindo seu gosto e queria mais, muito mais. Resolvi jogar todo o bom senso para o alto e me estiquei nas pontas dos pés apoiando as mãos em seus ombros largos. Ele vestia uma camiseta branca que ficava colada em seu peitoral definido, algo esplêndido de se olhar.

— Vem provar mais então. Faz o que disse que estava com vontade, foi destino, afinal. Quem somos nós de ir contra ele?

Ele olhou-me nos olhos e engoliu em seco, seu sorriso amplo tinha sumido e no lugar havia uma expressão sexy e um pouco assustadora.

Sem dizer nada, o homem misterioso me arrastou para fora da roda de samba e só deu tempo de sinalizar para Priscila que logo estaria de volta. Ela nem ligou, já estava flertando com um loiro alto que dançava com as mãos em sua cintura.

O homem era enorme, só percebi agora com a iluminação melhor, devia ter mais de um metro e noventa de altura enquanto eu tinha apenas um e sessenta. Não que eu ligasse para o meu tamanho, adorava homens altos. Mas *este* era realmente muito grande.

Tinha certeza de que aquela noite me levaria à níveis elevados de adrenalina e sensualidade e eu não seria nem uma louca de deixar de aproveitar cada segundo do momento, pois sabia que na manhã seguinte tinha que representar o meu papel.

Paramos num beco que estava bastante escuro, apesar de algumas lâmpadas fracas próximas ao bar. Ele encostou-me à parede com um baque e aproximou o rosto do meu, sua respiração estava pesada como se tivesse corrido muito.

— Você tem noção do que me ofereceu? Nem me conhece!

Eu quase não via um centímetro à minha frente e estava adorando aquilo. Ele me apertava com o corpo como se assim pudesse me absorver, ou matar a vontade louca que o invadia. Como eu sabia disso? Porque era a mesma coisa que acontecia comigo e eu não via uma maneira de aplacar aquela doideira só com beijos e amassos.

— Claro que eu tenho noção, eu não quero te conhecer, gato. Apenas me divertir, será pedir muito?

Ele encostou a testa na minha e respirou fundo.

— Porra, eu não vou te comer na parede de um beco qualquer. Nem mesmo sabe o meu nome!

Resolvi ser mais ousada e ajudá-lo um pouco na decisão, percebi estar diante de um cara legal, o que era difícil em nossa atual sociedade. Mas eu precisava viver no limite aquela noite. Espalmei minha mão livre na frente da sua calça jeans e massageei devagar, pegando exatamente onde eu queria que ele ficasse “tenso”. Aproximei minha boca da sua orelha e mordisquei levemente roubando um gemido rouco dele.

— Não quero saber seu nome, seu passado, presente. Nem mesmo quero te conhecer, mas você veio me provocar e agora eu te quero. Me dá esse prazer, pelo menos por essa noite. Preciso ser livre! Só por essa noite...

O desconhecido resmungou e assaltou minha boca num beijo faminto e possessivo, ele não me beijava, mas me devorava. Sua boca parecia que me punia por alguma coisa que fiz ou deixei de fazer. Suas mãos fortes apertaram minha carne e senti sua dureza apertando contra mim. Ele se afastou.

— Eu não vou te comer aqui! Mas vou te beijar até você não aguentar mais.

Assenti concordando, eu aceitaria qualquer coisa naquele momento. Estava presa numa névoa de luxúria e só uma coisa me tiraria de lá. Ele cobriu minha boca com a dele enquanto

acariciava meu corpo inteiro, estava tão sensível e excitada que não foi difícil fazer-me ficar mais. A mão calosa passeava por minha pele enquanto sentia espasmos de prazer percorrendo-o.

Alguma coisa naquele homem misterioso mexeu comigo e por isso não queria saber nada dele. A noite ficaria gravada em minha memória para o resto da minha vida. Teria aquela loucura para me lembrar nos dias em que não poderia ser livre.

Assim que soltou minha boca e encostou a testa no meu ombro, percebi que ele arfava e a ereção encostada em minha barriga estava mais dura que rocha, deslizei minhas mãos em seus braços fortes e expostos, aproveitando a chance de contornar sua pele quente.

— Seu gosto é doce, preciso de mais do que só isso. Estou louco para te comer. Vem comigo, vamos sair daqui! Tenho certeza de que seremos tão compatíveis juntos, muito mais do que só isso. — Deslizou o nariz por meu pescoço e eu fechei meus olhos apreciando a sensação, minha pele estava arrepiada e meu coração batia descompassado com a excitação. — Vem comigo... — pediu de novo com a voz rouca.

Tentador! Mas as coisas podiam se complicar se eu ficasse mais tempo com ele, não tive tempo de pensar direito quando decidi ir até aquele beco com o desconhecido, mas ir para onde queria me levar era mais sério do que apenas dar uns pegas.

— Não posso, sem nomes e nada mais, lembra? Se for com você, as coisas podem se complicar.

— Mas eu já sei o seu nome, nada mais justo que saiba o meu. — Balançou a cabeça, apertando o corpo no meu. — Olha como eu estou por você, Leni. Não está excitada também?

Se estava? Nunca me senti com tanta vontade de jogar a precaução para a puta que pariu, só conseguia pensar em como as mãos dele em mim pareciam tão certas.

— Você sabe parte do meu nome, não posso me comprometer desse jeito. — Tateei por seus ombros fortes e encontrei o pescoço largo e a mandíbula áspera. Depositei um beijo leve em seus lábios e falei entre eles: — Obrigada por isso, não sabe como me fez bem. Mesmo

sem te conhecer, quero que saiba que foi especial.

Apesar dele não ter entendido nada, nós apenas nos beijamos e tivemos alguns amassos e eu agradeci por algo tão simples. Já tinha ido para a cama com homens aleatórios, mas aquele beijo no beco significou demais e não podia ir por esse caminho. Que loucura!

Empurrei-o com delicadeza e logo ele se afastou, deixando-me sair. Nunca andar me custou tanto, estando com as pernas bambas e ainda com vontade de voltar, tudo havia me desestabilizado. Já estava quase no final do beco quando senti uma mão quente e cheia de calos em meu pulso. Como não o ouvi chegando? Devia estar mais aérea do que o normal.

— Tudo bem, sem nomes, me contento com o que sabe de mim, sem compromisso, só nós dois... mas não quero que grite outro nome quando te fizer gozar, pode me chamar de *Big Mac*. — Sorri de lado e arqueei uma sobrancelha curiosa com a peculiaridade do apelido. Sua respiração quente soprou em meu pescoço e o perfume cítrico tomou os meus sentidos. — Fica comigo essa noite, princesa. Eu moro perto e estou de carro. Será bom, prometo!

Desvencilhei-me dos seus braços e queria correr dali, mas alguma coisa em mim estava diferente naquela noite. Talvez fosse a mudança de lua... Peguei meu celular na bolsa e mandei uma mensagem para a Priscila dizendo que ia embora sozinha.

Olhei para seus lábios duros, que castigaram os meus minutos atrás, e sorri. A noite prometia ser mais do que eu pretendia.

— Você venceu então, *Big Mac*! Onde pretende me levar?

Capítulo 2

Eu segurei minhas lágrimas
Pois não queria demonstrar a emoção
Já que estava ali só pra observar
E aprender um pouco mais
sobre a percepção
(Só os loucos sabem – Charlie Brown Jr.)

Mileni Pontes

Não era a primeira vez que acordava sem saber onde estava realmente, não porque eu bebia até cair, já vimos que não ando nessa corda bamba, mas porque, assim que acordo, meu cérebro funciona como aqueles computadores jurássicos, daqueles que têm tudo compactado nele e demora um século para pegar no tranco e faz um barulhinho chato para conectar na internet discada, o que se torna impossível que você pense em qualquer coisa coerente.

Mais ou menos isso!

Só que havia coisas diferentes naquela manhã em especial, abri meus olhos e senti meu corpo todo... Tá, eu sei que a gente sente o corpo, mas era algo diferente do normal, sabe? Parecia que eu tinha sido atropelada por um caminhão. Cada músculo estava dolorido e percebi que um grupo de músculos em especial estava mais "trabalhado", podemos dizer assim. Sabe quando você malha as pernas na academia e quando vai subir uma escada sente ela mole e pulsando? Então...

De repente, tudo que rolou na noite passada me veio à mente como uma porrada de informações e, se eu já não estivesse na posição horizontal, teria caído no chão.

Engoli em seco sem acreditar muito bem no que eu havia feito. Sério que eu tinha ficado a noite toda com aquele brutamontes? Que tinha dormido na cama dele?

Socorro! Não, não podia ser.

Tinha mais chances de ele me reconhecer à luz do dia do que com a névoa de luxúria correndo por nossas veias, e o que eu faria se sacasse o celular e começasse a tirar fotos minha pelada? Pior, se ele sacasse aquela ferramenta enorme e começasse a querer treinar os meus músculos novamente?

Naquele momento de neurose, meus olhos já estavam esbugalhados e eu devia estar parecendo aqueles personagens de desenho animado em que os olhos saltam da órbita, sabe? O pânico ameaçava me sufocar e eu precisava sair dali sem acordar aquele homem.

Virei a cabeça bem devagarzinho e olhei para o espécime que eu havia "caçado" ontem. Ou ele me caçou? Não importava, mas o fato era que, dessa vez, eu me superei. O homem era mesmo, com *Caps Lock* ligado, muito grande. Seus braços eram muito pesados, eu sabia porque ele tinha uma bigorna tatuada daquelas em volta da minha cintura, as costas largas abrigavam um dragão inteiro, cuspindo fogo, daí já dá para tu ter uma ideia do tamanho dele.

O cara era sensual, brutal... homem com H maiúsculo.

E eu estava presa nele arriscando ter meu rosto estampado nas capas de revista. Droga, Mileni!

Olhei o braço pesado e sabia que não conseguiria levantá-lo sem que o acordasse, então aproveitei as minhas aulas de dança com a Pri e rebolei nua até o final da cama, caindo de bunda no chão.

Tinha um espelho enorme na parede direita do quarto e vi meu reflexo sendo eu mesma, minha peruca loira tinha se perdido em algum lugar durante a minha fuga. Inclinei-me um pouquinho, ficando só com um pedaço da cabeça visível, porque a cama dele era bem alta e vi que ela tinha agarrado debaixo do braço do homem.

— Ótimo!

Estendi a mão e puxei a peruca pelo fio longo tentando fazer com que ela deslizasse, mas alguma coisa aconteceu, talvez o cabelo tenha feito cosquinha no braço dele, que o fez se virar, liberando meu cabelo falso, mas parecia tão real, e que custou dois mil.

Com meus cabelos em mãos fui atrás das minhas roupas, que estavam espalhadas pelos cantos. Assim que entramos na casa dele foi logo tirando as nossas roupas e me mostrou que jogo é jogo e treino é treino.

Até me surpreendi que não tenha puxado meus cabelos denunciando a minha farsa logo de cara, ele era tão intenso.

Ai, me dava até um calorzinho olhando aquelas paredes. Tantas lembranças... Fiquei com dó de ter que sair assim sem me despedir, mas eu não podia me apegar, muito menos correr riscos.

Quando estava devidamente vestida, decidi que não dava tempo de colocar a peruca de novo, saí daquele jeito com os cabelos cheios de grampo, torcendo para ser cedo demais para ter alguma alma viva acordada que me reconhecesse.

Desci as escadas tão assustada, com medo que alguém estivesse à minha espera com um celular apontado para a minha cara, e quando cheguei do lado de fora daquele pequeno prédio, meu carro estava estacionado lá com meu motorista de anos à minha espera. Sempre discreto, ele nem mesmo me olhou e abriu a porta.

— Obrigada, Estevão!

— Imagina, senhorita *Leni*!

Sorri ao ouvir meu apelido que poucos usavam, mas que ele tinha dito de propósito por causa da minha pequena escapadinha.

Estevão estava comigo desde sempre e eu tinha uma relação muito boa com ele. Quando se

acomodou no assento do motorista, olhou pelo retrovisor e sorriu.

— Conseguiu se divertir?

— Sim, muito! A Fátima já está em casa?

— Não sei. Eu saí assim que recebi a mensagem de sua amiga dizendo que você poderia estar encrencada.

Estreitei os olhos para ele, que nem mesmo piscou.

— E rastreou meu celular?

— Sim!

Assenti sabendo que isso era uma invasão de privacidade, mas que ele havia me poupado de pedir um táxi e correr o risco de ser reconhecida. Mesmo que fosse estranho que ele me resgatasse dessa forma, afinal eu o conhecia desde criança, ficava agradecida, pois me poupava de um monte de dores de cabeça.

— Obrigada, Estevão. Vamos logo que se a Fátima chegou já deve estar soltando fogo pelo nariz.

Ele assentiu e não disse mais uma palavra todo o caminho de volta até a zona sul. Eu me mudei para o Leblon há anos e ainda achava aquilo demais para mim.

Nasci e cresci no subúrbio, vim de uma família humilde, meus pais lutaram muito para cuidar dos filhos e encaminhá-los para uma vida digna, longe das drogas e do crime que rondava quase diariamente nossas vidas.

Morar numa cidade como o Rio de Janeiro te faz ficar mais atenta ao seu redor. É muita violência, muita maldade, o que me tornou um pouco “safa”. E isso refletiu em minha personalidade.

Sempre fui uma menina moleca, algumas de minhas amigas até implicavam, mas a verdade

era que eu tinha mais amigos homens do que mulheres. Que para mim estava muito bom, não gostava dos “não-me-toques” das garotas.

Enfim, me virei como dava e quando percebi estava fazendo um curso de teatro e representava um personagem masculino na peça. Fui vista por olheiros que procuravam alguém com o talento e a minha beleza, que eu pudesse me transformar em quem eu quisesse. Só não imaginava que a minha “representação” precisaria ser migrada para o meu dia a dia.

Eu não podia ser eu mesma, o meio não aceitava, as pessoas iriam falar, minha imagem — que era o que eu vendia — ficaria manchada e não conseguiria nenhum contrato. *Assim diziam meus empresários*.

Minha carreira foi crescendo no meio da mentira que eu vivia, me tornei uma atriz aclamada não só no Brasil, mas também no exterior. Fiz filmes e séries americanas, contracenei com gigantes do cinema e descobri uma paixão que sempre vivia em segundo plano: a música. Passei a ser também uma cantora, minha vida ficava dividida, eu tinha muitos fãs que me amavam e esperavam por um momento que pudessem me ver, eu era feliz e bem-sucedida. E isso tudo antes dos vinte e cinco anos, era algo realmente incrível um sucesso meteórico e tão rápido assim.

Só havia um porém.

Eu não era feliz, amava contracenar e cantar, amava cada fã que admirava meu trabalho. Porém, a pressão de não poder ser eu mesma me sufocava a ponto de começar a odiar aquela vida. Poderia facilmente largar tudo e começar algo diferente, do zero. Amava as pequenas peças de teatro que trabalhei e filmes amadores. Contudo, havia pessoas que dependiam do meu trabalho para sobreviver e eu não podia decepcioná-las porque simplesmente estava sendo infantil e querendo aproveitar a vida.

Quem eu achava que era para brincar com o sustento dos outros assim?

Quando o carro parou em frente à minha mansão respirei fundo e minha sandália tocou aquele solo novamente para contracenar mais uma cena.

O que Fátima diria se descobrisse que eu estive a noite inteira fazendo sexo selvagem com um desconhecido? Eu nem sabia o nome dele direito, só o conhecia por *Big Mac*. Que loucura!

O bom de tudo é que eu o teria só para mim, ninguém teria o poder de tirá-lo das minhas lembranças. Seria um segredinho de mais uma noite de liberdade.

Com um sorriso satisfeito entrei em casa pronta para a chuva de sermões que sabia que me esperava.

— Você não tem nenhuma responsabilidade, Mileni! Pensa somente em si mesma e não se importa que suas ações reflitam em outras pessoas.

Eu sabia que Fátima iria achar ruim, mas não imaginava que faria tanto drama por causa de uma noite fora. Imagina se ela soubesse *aonde* eu havia passado a noite?

— Você está exagerando, Fati! Ninguém me reconheceu, já fiz isso várias vezes e as pessoas que sabem quem eu sou, não abrem o bico. São de confiança.

Dei-lhe as costas porque eu estava cansada de olhar aquele semblante presunçoso dela e fui retirando os grampos que prendiam meus cabelos castanhos.

— Mileni, você acha mesmo que uma peruca e essas roupas sem classe escondem quem você é?

Sem classe? Não havia nada de errado com a forma que me vestia!

Respirei fundo umas dez mil vezes e coloquei minhas coisas em cima da cama. Fátima estava parada na porta do meu quarto, pois ela sabia que ali era ambiente proibido para que pudesse futricar. Meu coração estava tão apertado, eu estava cansada de viver dessa maneira e sabia que a maior causadora de tanta angústia era a mulher para quem eu tanto devia.

Ela foi uma peça crucial para que minha carreira crescesse e não era somente isso. A história dela com a minha família era longa e de muitos anos.

Minha mãe não gostava que eu tivesse compromisso ou me sentisse em dívida com ela, mas eu não conseguia pensar de outra forma e estava sofrendo por isso.

Engoli em seco e me virei. Fátima Monteiro tinha por volta de cinquenta e três anos e era uma mulher independente e muito inteligente, bem-sucedida em seu trabalho, porém seu defeito era ser esnobe. Não gostava de meus amigos, os verdadeiros, porque eram de classe inferior que a minha e de um passado que eu deveria enterrar, segundo ela.

Decidi usar meu bom humor e o "foda-se ligado" como uma forma de não ser grosseira.

— Veja pelo lado bom, faz tempo que os tabloides não falam sobre mim. Será uma forma de colocar meu nome nas páginas novamente.

Ela arregalou os olhos e ficou vermelha como um pimentão. Achei que iria explodir.

— Relaxa, Fátima! Amanhã vou partir para a première e não voltarei ao Rio de Janeiro por um mês. Não tem com que se preocupar, agora se me dá licença preciso da minha privacidade.

Ela parecia que iria enlouquecer de raiva e precisei me segurar para não rir na cara dela, o que poderia piorar a situação. Colocou a mão na maçaneta e estreitou os olhos em minha direção.

— Você ainda vai se dar muito mal, Mileni! Escreva o que estou dizendo. — E fechou a porta silenciosamente.

Ela nunca perdia a classe. Se fosse minha mãe, teria batido a porta com tudo saindo gritando a plenos pulmões. Aí estava, ela *não* era a minha mãe, por isso não deveria se sentir tão à vontade em me botar na linha, como gostava de dizer.

Por falar nela, eu estava com saudades. Prometi a mim mesma ficar um tempo em casa quando retornasse ao Rio.

Fui perdendo amigos ao longo dos anos, por falta de tempo e também por “ser esnobe demais” agora que havia alcançado um patamar na minha vida e carreira. Poucos foram os que continuaram e eles estavam ao meu redor.

Estevão e sua família me conheciam desde novinha; eu cresci com seus filhos, fui à escola com eles e quando consegui uma estabilidade financeira empreguei todos, de acordo com suas profissões. Podia confiar em cada um com a minha vida.

Eu aposentei os meus pais, depois de uma vida de trabalho pude dar ao luxo de comprar uma boa casa, no mesmo bairro, mas em um local diferente. Consegui um negócio para que meu pai administrasse onde ele poderia ser seu próprio patrão, que não precisasse dar satisfações a ninguém ou engolir sapos. Mamãe pôde se dedicar a vida que não teve e fazia o que desse na telha.

Meus irmãos estudavam e seguiam suas vidas sem ter que se preocupar de trabalhar para ajudar em casa.

Graças a Deus tudo se encaminhava bem, consegui cumprir a promessa que fiz quando tinha apenas treze anos.

Eram poucas pessoas que me amavam por meu verdadeiro eu e não por ser a *diva* Mileni Pontes. E agradecia todos os dias por eles, ou então não teria ideia do que fazer da vida.

— Tudo o que eu queria na vida era ficar com você e isso não foi possível, agora eu não sei o que fazer!

Ele me olhou daquele jeito que sabia que não resistiria, meu coração retumbou e sabia que estava chegando o momento crucial. O que decidiria se eu seria apenas uma parte de quem já fui ou se a vida havia reservado o melhor presente.

— Podemos apenas seguir nossas vidas, não podemos prever o futuro nem ficarmos presos no passado. Nossos erros nos acompanharão, mas o que irá decidir quem nos tornaremos a partir deles somos nós. Ninguém tem o poder de mudar a vida do outro se essa pessoa não permitir. Nós podemos fazer dar certo se quisermos. Vamos caminhar, a passos lentos, para o futuro?

Estendeu a mão e eu a peguei sem pestanejar. Era o primeiro passo do resto de nossas vidas.

Os créditos do filme começaram juntamente com a trilha sonora deliciosa, as pessoas que assistiam a estreia aplaudiram entusiasmadas e até eu, que estava ali nas telas, que sabia tudo

que aconteceria, me emocionei com as cenas finais.

Vendo tudo montado era diferente, era maravilhoso ver em tempo real como a magia do cinema transformava tudo.

Levantei-me sem graça, por estar chorando, estava ao lado de meu colega de atuação e agradeci aos aplausos com sorrisos e mesuras.

O filme era baseado em um livro *best-seller* e teria uma série de divulgação junto com os protagonistas e a autora. Todos estavam animados e eu fiquei feliz por ter a oportunidade de viver aquela história tão bonita.

Quando fiz o teste, a pedido da autora, não imaginava que ela tinha se inspirado em mim para criar a personagem, que era uma menina simples que havia se tornado uma incrível cantora e no meio de tudo encontrava um amor que não se encaixava em sua vida de estrelato, por isso ela não conseguia ver uma forma de fazer as duas coisas. Precisava decidir e escolher o que era mais importante.

Apesar de me identificar em partes com a protagonista, eu sabia que não haveria forma de escolher; se encontrasse alguém capaz de me amar, eu teria que deixá-lo ir, os dois não poderiam coexistir visto a carga do passado que eu carregava.

Estava há duas semanas viajando pelo mundo para a divulgação do filme e já me encontrava cansada de ficar para lá e para cá. Queria minha casa, minha família, o colo dos meus pais e só bater papo com a Pri sem me preocupar com horários e agendas.

Depois de horas falando com pessoas influentes do mundo cinematográfico e também da música, feito contatos e possíveis contratos, cheguei ao hotel e deitei em minha cama. Olhei para o teto onde havia um enorme espelho e fiquei fitando o meu rosto. Estava maquiada impecavelmente, usava um vestido lindo, feito exclusivamente para mim, sapatos caríssimos, joias finas, penteado magnífico. Eu era uma estrela, uma bela mulher em seu ápice da carreira, mas, apesar de tudo isso, meu coração continuava vazio.

Droga, isso não combinava comigo! Eu não era nem um pouco dramática, nem fazia meu

estilo ficar me lamentando pelos cantos da casa, apesar de fazer isso com frequência ultimamente.

— Sai para lá, urucubaca!

Dei uma sacudida e me levantei procurando por meu celular que havia ficado no quarto. Assim que o desbloqueei vi várias mensagens e ligações, o que não era estranho devido ao cuidado dos meus pais e as várias fofocas que minha amiga gostava de me atualizar, mas estava exagerado até para eles. Liguei primeiro para Priscila, que era a que mais havia solicitado minha atenção.

Estava com saudade daquela maluca. Sentei-me na poltrona e coloquei um pouco de suco em um copo de uísque. Se Alex visse isso teria um ataque. Ele era um amigo que havia feito no meio e que achava hilário eu não colocar uma gota de álcool na boca.

No quinto toque, ela atendeu.

— *Você sabe que horas são, viada?*

— Desculpe, cheguei da première agora e vi suas mensagens e ligações. Pensei que fosse urgente.

— *Sei, e não tem nada a ver com seu prazer mórbido de me acordar no meio da madrugada? Sério, Mileni! Isso é doentio da sua parte, o sono das pessoas é algo muito sagrado.*

A voz da minha amiga estava entre gemidos de dor e quase sumindo de sono. Exagerada que só!

— Mulher, fala logo quem morreu para você ficar me ligando assim. Fiquei preocupada, de verdade!

Ouvi gemidos dela e farfalhar de lençóis, então um baque e um xingamento. Apesar de ser verdade que eu gostava mesmo de atrapalhar o sono dela, porque sabia que a mulher era

dramática, fiquei mesmo preocupada. Priscila podia ser tudo, mas não fazia nada por fazer. Se ela queria falar comigo com urgência era real.

— *Você falou com a Chátima hoje?*

— Não, por quê? Ela ficou em Nova Iorque, eu vim para Los Angeles. Graças a Deus tive um descanso da sua *intensidade*.

— *Então você ainda tem tempo para se defender. Te mandei um e-mail agora, abre aí. Vou ficar na linha.*

Engoli em seco com medo de abrir aquele e-mail. Vi a notificação da caixa de entrada e cliquei em cima, era um vídeo de uma reportagem no Brasil, um lugar que reconheci, mãos que reconheci e o cabelo de dois mil reais que eu conhecia também. Na legenda, abaixo do vídeo, havia a seguinte frase:

"Atriz e cantora famosa se aventura, disfarçada, nos guetos do Rio de Janeiro. Quem é o boy magia que tirou Mileni Pontes de sua conduta impecável?"

— Meu Deus!

Não podia acreditar! Haviam me filmado e mesmo não dando para ver meu rosto, podendo abafar aquilo tudo, eu sabia que era real. Aquela mulher que estava sendo muito bem "amassada" era eu. Ainda podia sentir as mãos daquele homem sobre o meu corpo, o gosto da boca dele e o calor da sua pele na minha. Não havia me esquecido dele e sonhava com aquela noite todas as vezes que fechava meus olhos, na verdade até quando estava acordada.

Levei o celular de volta ao ouvido.

— Priscila, o que é isso?

— *Porra, não sei, mulher! Fui até o Beer e Heitor também ficou chocado, ninguém que*

sabe quem você é realmente deu com a língua nos dentes. Sabe que são todos confiáveis, são da família. Acredito que tenha sido alguns paparazzi, amiga. Sinto muito!

— Caramba, a Fátima vai me matar! — Respirei fundo tentando me acalmar. — Vou dar um jeito nisso, o pessoal das relações públicas vai resolver. — Eu falava mais para mim do que para ela.

— Claro que vão, você paga a eles horrores de dinheiro para fazer o trabalho bem feito. Amiga, você tá bem?

Se eu estava? Parecia que ia sufocar a qualquer momento, mas o pior de tudo era que eu me sentia mais exposta do que jamais estive. E olha que já tinha feito nu total em filme, mas a questão era que aquela noite foi especial de alguma forma. Não conseguia esquecer aquele homem e ter as imagens divulgadas de uma forma tão tosca me fez sentir invadida e Priscila sabia o quanto eu amei estar com ele.

— Vou ficar, Pri. Agora vou deixar você dormir. Daqui a duas semanas estou de volta ao Rio e a gente se vê, tá?

— Ok, mas não encuca, tá bom? Tudo vai se resolver.

— Obrigada por me alertar antes da bomba explodir na minha cara, te amo!

Finalizei a ligação e decidi que era melhor desligar o telefone, não precisava de outras surpresas naquela noite. Quando amanhecesse, eu decidiria como fazer e a melhor forma de lidar com tudo.

— Você *realmente* não tem responsabilidade, Mileni! Eu não sei mais o que fazer para te botar na linha. Olha o que aconteceu com sua escapadinha inocente, passou a noite com alguém desse tipo? Não tem vergonha?

Parecia estar tendo um *déjà vu*, tinha certeza de que ouvi algo parecido recentemente.

Não tinha acordado de bom humor e minha empresária decidiu que era um ótimo momento para me dar sermão. Estava tentando me segurar e não dizer poucas e boas a ela. Mamãe me ensinou a respeitar as pessoas, mas já estava no meu limite.

— Fátima, eu sou bem grandinha para saber as consequências dos meus atos. Já cuidei de tudo ontem e o pessoal das relações públicas já está resolvendo isso.

— E você acha que isso vai abafar as pessoas de comentarem?

— Eu não ligo para isso e nem você deveria. Esses sites de fofocas são bem versáteis, é só aparecer um escândalo novo que se esquecem de mim.

— Pois deveria ligar, porque é a sua imagem que está em jogo e se ela se perder tudo que trabalhei até aqui irá pelo ralo.

Virei-me, encarando-a, sem saber se estava mesmo dizendo aquilo de verdade. Como ousava dizer que ela trabalhou sendo que se não fosse por mim nada do que conquistou todos esses anos seria possível? Sua agência só cresceu por minha causa e parecia ter se esquecido disso.

— Olha, Fátima, sempre tive muito respeito por você e por seu trabalho. Nós temos um passado difícil, devo muito a você pelo começo da minha carreira, e por tudo que fez para a minha família, mas quem trabalha por mim sou eu mesma. Por mais que eu queira ser educada e condescendente com as coisas que manipula ao meu redor, estou ficando farta. Nada do que passamos, ou trabalhamos, te dá a liberdade de faltar com o respeito comigo. Nada do que aconteceu lá atrás lhe dá esse direito. Agora, se me der licença, eu preciso me arrumar.

Ela parecia ter sido feita de cera. Não queria dizer nada daquilo nem mexer em uma ferida que eu sabia que não parava de doer. Mas, infelizmente, foi necessário ou então eu acabaria enlouquecendo e já estava na hora de ela perceber que eu não era mais a adolescente que conheceu no começo de tudo.

Cheguei a um ponto da minha vida que, se eu não desse uma guinada, iria estagnar e me arrastar pelos anos só esperando a beleza me deixar e as pessoas deixarem de comentar sobre mim, pararem de se interessar por meu trabalho. Às vezes, parecia que, na indústria do cinema, o que mais contava era o corpo e qualidades fúteis e não o talento e dedicação que se tinha. Sabia que um dia minha carreira teria fim e pretendia aproveitar cada minuto dela, plantando o que colheria no futuro. Se fosse uma atriz excepcional, meu nome ficaria marcado, mas se me deixasse modular apenas pela bonitinha de olhos diferentes não teria tanto impacto assim.

Tinha que mudar isso logo, tomar coragem e pegar as rédeas da minha vida.

Capítulo 4

Me sinto tão estranho aqui
Que mal posso me mexer, irmão
No meio dessa confusão
Não consigo encontrar ninguém
(O dia que não terminou – Detonautas)

Mileni Pontes

Um mês inteiro de viagens, estadias em hotéis, entrevistas e festas, encontros com artistas, posar para a mídia, tirar fotos...

Para muitas pessoas pode ser um sonho, para mim um dia foi, mas agora que vivia isso, que mesmo não estando bem, precisava fazer a minha parte, encenar o meu papel se tornou cansativo e até estressante.

Estar em casa depois de uma maratona dessas e com o bônus de não ter o meu cão de guarda farejando cada passo meu, era como voltar a ser alguém comum, uma mulher normal que poderia caminhar na calçada da praia sem ser parada ou questionada do motivo de estar calçando um tênis simples sem marca famosa.

Acredite se quiser, isso já aconteceu comigo. As pessoas comentavam até mesmo a cor do meu esmalte ou se ele estivesse um pouco lascado, eu não podia ser imperfeitamente normal, tinha que parecer impecável o tempo todo.

Antes de sair de Londres, depois da última première, recebi uma mensagem de minha mãe que Estevão havia nos convidado para um almoço em comemoração ao meu filme, comentei

que poderíamos nos reunir em minha casa no Leblon e que eu contrataria um *buffet*, mas ele e sua família faziam questão de serem os anfitriões.

Chamei Priscila para ir também, que ficou de me encontrar lá, já que era no mesmo bairro em que ela morava.

Eu estava tão cansada que nem me dei conta do que estava fazendo quando acordei, me vesti com a primeira roupa que peguei, coloquei a bolsa no ombro, peguei meus óculos escuros e pulei dentro do meu carro dirigindo no automático até o bairro onde Estevão morava.

Meu celular tocou e logo liguei no viva voz para poder falar sem ter problemas.

— Fala, Priscila!

— *Onde você tá? Já cheguei aqui e se prepara porque a galera caprichou.*

Fiz uma careta virando a esquina e respirei fundo.

— Eu já estou chegando, acabei de entrar no bairro. Mas tá muita coisa? Pedi para eles não se preocuparem com nada. Ficam gastando à toa e depois não querem que eu ajude nas despesas.

Ouvi a risada de Priscila e, pelo barulho, pude perceber que ela estava se afastando do movimento.

— *Amiga, aprende uma coisa. Você já foi pobre e sabe como a gente pensa. Queremos agradar quem amamos e nos orgulhamos. Apesar de todos eles trabalharem para você são, acima de tudo, sua família e querem mostrar o quanto estão felizes pelo seu sucesso. E você se oferecer para pagar os ofende, porque podem achar que está esnobando o esforço que fizeram para te ver feliz.*

Eu sabia disso tudo e nunca seria esnobe, principalmente com eles, apesar das pessoas pensarem isso de mim, porque eu contribuí para isso diversas vezes. Mas não queria dizer que me sentia confortável com isso. Cresci no meio de tanta simplicidade e me ver tendo tanto

dinheiro de repente, me decepcionando com as pessoas, e também eu mesma fazendo isso. Acabei usando o que já pensavam de mim como um mecanismo de defesa.

— Eu sei, Pri. Mas me preocupo com eles, tenho certeza de que meus pais estão metidos nisso.

— Pode apostar que estão, até o pescoço.

— Pois é, eles não aceitam mais do que eu ajudei, por isso passam aperto.

— Mileni, faz o seguinte. No Natal, você dá um superpresente para aplacar essa sua neura, agora cala a boca e dirige sua bunda até aqui que estamos te esperando.

Sorri sabendo exatamente o jeito que ela devia estar me dando aquela bronca com a mão na cintura e batendo o pé.

— Até mais!

Dei o comando e o telefone desligou. Ainda com a cabeça quente virei em uma curva e não vi que tinha um enorme buraco no meio da rua. O carro guinou e senti que o pneu havia furado. Droga! Logo agora que estava atrasada. Encostei o carro e desci para ver o estrago.

O pneu, na verdade, não tinha furado, mas estava todo rasgado e o pior que meu estepe também não estava bom. Maldita hora que não ouvi meu pai quando disse para arrumar isso ou teria problemas. Aí estava a previsão de um sábio se concretizando, mas mesmo se o estepe estivesse bom eu não saberia trocar de qualquer jeito.

Eu não podia chamar atenção. Não queria que me reconhecessem e logo acionassem a imprensa, que ao invés de ajudar iriam ali filmar e fotografar a minha vergonha. Já até podia ver nas manchetes uma notícia de que a diva havia furado o pneu da carruagem de cristal nos guetos da vida atrás do seu homem misterioso.

Sim, a notícia que eu estava com alguém num beco escuro no subúrbio não abafou facilmente. As pessoas comentaram por dias, meus fãs *shipparam* e até inventaram uma

história que eu estava de romance secreto. Apelidaram de Cinderela ao contrário.

Imagina, onde aquele homem seria considerado a gata borralheira?

Respirei fundo e olhei em volta discretamente. Não tinha muitos pedestres por ali e, graças a Deus, não chamei muita atenção quando passei pelo buraco.

Vi que no final da rua tinha algo que se parecia com uma oficina mecânica. Era o jeito, lidar com isso ou correr o risco de ser reconhecida. O que não era minha intenção.

Abri a porta do carro, peguei minha bolsa e acionei o alarme. Somente naquele momento percebi que não tinha me vestido de forma adequada para visitar a família.

Usava um salto alto enorme que nem me lembrava de ter calçado e um microvestido de noite.

Jesus, onde eu estava com a cabeça? Lantejoulas naquela hora do dia? Devia estar dormindo em pé mesmo.

Teria que pedir arrego com Priscila antes de chegar à festa para me trocar e não passar mais vergonha.

Caminhei devagar de cabeça baixa até o final da rua, sabia que poderiam me reconhecer lá na tal oficina, por isso resolvi representar. Se tinha algo que eu sabia com certeza era que bancar a metida afastava as pessoas, era exatamente isso que eu precisava.

Assim que cheguei a porta dei de frente com uma oficina mecânica comum.

Homens trabalhando, muitos carros com capôs abertos, outros em uma espécie de elevador, algumas sucatas, cheiro de graxa, muitas peças e uma música bem alta tocando: rock pesado!

Mas o diferencial era que os homens que trabalhavam ali eram muito bonitos, pelo menos do ângulo que eu estava vendo — se é que me entende? —, com todos enfiados no meio de um carro.

Gente, como assim não tinha tido conhecimento dessa oficina ainda?

O que foi? Eu ainda era uma mulher acima de todo o drama e gostava de observar belas paisagens.

Eles não iriam me notar ali por dois motivos. O barulho da música e por estarem muito compenetrados em seus serviços.

Então, como quem não quer nada, caminhei com meu salto quinze até o outro lado da oficina e desliguei o som. Sim, isso mesmo. Eu estava representando, lembram? Era a diva mimada que se metia em oficinas e dava uma de esnobe desligando o som dos outros. Ou seja, uma mal-educada de marca maior.

E como era de se esperar quatro pares de olhos intensos, curiosos e um pouco bravos se viraram para o meu lado.

— Olá, meninos, será que um de vocês... rapazes... fortes, poderiam me ajudar com meu pneu lá no início da rua? Ele literalmente rasgou em um buraco que eu não vi e não tenho estepe.

Sorri abertamente o sorriso que, segundo a *Vogue*, valia um milhão de dólares. O que eu achava um exagero, mas se eles diziam, quem seria eu para questioná-los?

Naquela altura, os caras já não estavam com raiva, mas variavam entre interessados e muito divertidos. Mas o curioso é que eles não se moviam.

Será que eu estava falando inglês e não percebi? Depois de tanto tempo no exterior, isso acontecia às vezes. Arranhei a garganta.

— Olá, vocês falam português? — perguntei de inocência, mas também bancando a metida.

E o silêncio estava começando a me incomodar. Quando pensei que teria que chamar mais atenção para ser ouvida e atendida, alguém apareceu de trás de um carro, limpando as mãos de graxa em um pano bem branquinho.

— Moça, eu acho que você não está no lugar certo. Seu castelo deve ficar do outro lado da cidade!

Arregalei os olhos sem acreditar. Ai, meu Deus! Não era possível a sorte que eu tinha!

Capítulo 5

Ela não é do tipo de mulher que se entrega na primeira
Mas melhora na segunda e o paraíso é na terceira
Ela tem força, ela tem sensibilidade, ela é guerreira
Ela é uma deusa, ela é mulher de verdade
(Ela vai voltar – Charlie Brown Jr.)

Mileni Pontes

Às vezes, a porra do destino dá uma de comediante, gosta de mexer nas peças — vulgo nós —, brincar com sentimentos e bagunçar tudo. Eu já deveria estar acostumada, porque tantas vezes fui surpreendida pela vida, em seu lado bom e o não tão bom assim.

Eu olhava aquele homem, parado à minha frente, com as mãos sujas de graxa, com o pano na mão, o boné virado para trás, os olhos castanhos fixos em mim, o corpo forte e robusto como me lembrava, coberto por uma calça jeans surrada e suja e uma camisa branca manchada.

Clichê? Cara, com certeza! Mas ele era um integrante bem sexy do estereótipo, viu?

Estava em uma sinuca de bico com vários homens me olhando, testosterona por todo lado, e só conseguia pensar em como aquelas mãos me levantaram quase sem esforço algum e no que aquela barba ruiva fez com a minha pele.

— Senhora? Está me entendendo? — Fez uma pausa. — Ou não fala *português*?

Ai! Senti uma alfinetada que me tirou do devaneio erótico. Arranhei a garganta e recuperei

a minha pose de diva. Sorri abertamente e retirei os óculos escuros batendo o cabelo, de propósito.

— Oh, sim! Que bom que vocês me entendem. Eu preciso de uma ajudinha com meu carro. Será que algum de *vocês*... rapazes, podem me dar uma mãozinha?

O homem, aquele, do vídeo, do bar, do beco... que eu fiquei louca e não me esqueci por um mês, me olhava como se estivesse me investigando e aquilo não era bom, ele poderia me reconhecer e isso daria pano para a manga. Porque eu sabia bem como homens como ele, viris, gostavam de se gabar por terem transado com famosas.

Mas havia algo diferente, ele não parecia feliz com a minha presença, na verdade aparentava estar bem irritado.

Continuei com a minha aparência de paisagem, que aprendi nas aulas de interpretação e fitei cada homem chocado. Eles não se moviam, pareciam todos membros de algum grupo que esperava por um movimento de seu líder, para que pudessem fazer qualquer coisa, exatamente esse, que ainda me encarava com intensidade.

— E o que a *madame* precisa, exatamente? — ele falava entredentes praticamente resmungando cada palavra, deixando bem claro a sua infelicidade em me ter ali.

Dei de ombros.

— Não vi um buraco lá na frente e passei com tudo, meu pneu rasgou todinho e meu estepe não está utilizável. Preciso que me deem uma ajudinha com isso.

Ele estreitou os olhos.

— E por que não chama o seguro? Uma mulher como você — mediu-me de cima a baixo com aqueles olhos exploradores — provavelmente tem o melhor atendimento, não?

Eu não sabia o que responder. Pelo que parecia — na verdade, me iludi quanto a isso —, ele não tinha me reconhecido, ainda, e os caras também não. *Ponto para mim!* Contudo, se

ficasse muito tempo ali, algum deles poderiam se lembrar de alguma coisa. Não que meus filmes fossem o que eles estivessem acostumados a assistir, eu fazia muito romance e comédia romântica. Eles tinham jeito de gostar de ação e aventura, não era muito a minha praia. Porém, o meu nu total saiu em várias capas de revista, o que eles poderiam ter espiado.

— Fiquei sem bateria no celular...

O sujeito me olhava desconfiado e pensei que teria que me humilhar para conseguir ajuda quando um homem muito alto, careca e tatuado se adiantou e parou ao lado do amigo.

— Qual é, Digão! Tá recusando serviço? Ainda mais para uma mulher bonita e... — Olhou para mim medindo-me, também, de cima a baixo. — Requintada! Não tô te reconhecendo. Vamos lá, moça. Vou ver no que podemos te ajudar.

Soltei todo o ar, que nem sabia que estava prendendo, e assenti mais tranquila.

— Obrigada, querido! Siga-me, por favor?

Ele assentiu e olhou para "Digão" e fez uma careta estranha seguindo-me em seguida. Passei ao lado do homem e, pelo que percebi ser o chefe da oficina, sorri docemente em agradecimento e quando fiquei exatamente ao lado dele, como em câmera lenta, meu corpo todo se arrepiou em reconhecimento ao dele.

Engoli em seco e apressei o passo, logo o meu salvador me alcançou e tentei não me intimidar com todo o seu tamanho. Apesar da olhada lá na oficina, ele se manteve em silêncio e não disse nada até chegarmos ao meu carro.

Assim que parei e destravei o alarme ouvi-o assoviar e me virei pronta para atacá-lo pelo assédio, mas o rapaz estava admirando mesmo era o carro.

— Uau, que máquina, dona! Não vimos muitos desse por aqui. É um Sonata 2018?

Sorri ao perceber a autêntica admiração dele pelo carro: *homens e seus brinquedos*. Assenti e parei ao seu lado, cruzando os braços e tentando ver o que ele enxergava, mas eu só o via

como um meio de me locomover. Na verdade, nem fui eu que comprei o carro, não gostava de extravagância, mas meu irmão mais novo adorava fazer isso por mim.

— Sim! Não gosto muito, é chamativo demais.

Ele olhou-me de uma forma como se eu tivesse insultado a mãe dele.

— Não deixe ele ouvi-la falando assim.

— Quem, o carro?

— É, a dona deve saber que são temperamentais. Talvez por isso que rasgou o pneu. Tem que cuidar melhor desse bebê. — Sorriu amplamente e piscou um olho, divertido.

Ufa, por um momento achei que ele estivesse louco e não saberia lidar com isso naquele momento.

— E você consegue me ajudar para que o *bebê* não se zangue mais comigo?

O rapaz fez uma careta e se abaixou ao lado do carro passando a mão pelo pneu destruído como se estivesse acalmando-o. Não sabia se ele estava brincando naquele momento. Olhou para mim e de volta para o buraco que estava perto.

— A senhora não viu o buraco? A prefeitura ficou de arrumar, mas as coisas aqui são bem devagar, nós sinalizamos ele para não haver acidentes.

— Eu estava distraída.

Ele assentiu e coçou a careca.

— Bem, a sua roda empenou. — Virou-se para mim. — O estepe está inutilizável como?

— Furado!

— Abre o porta-malas para mim? Podemos colar seu estepe para que possa seguir viagem,

mas terá que comprar outra roda para substituir a original. Esse tipo de roda não pode ficar passando em buracos assim, estraga.

Ok, senhor óbvio!

Assenti e dei a volta para abrir o porta-malas do carro, o moço grande e gentil abriu um compartimento que eu nem sabia que tinha ali e tirou o estepe. Olhou para mim e sorriu.

— Vai esperar aqui ou quer me acompanhar?

Olhei para a oficina e para rua. Seria perigoso ficar ali sozinha, mas também era perigoso ir até lá.

— Não sei!

Ele sorriu e assentiu.

— Rodrigo só tem aquele jeitão mesmo, mas é legal. É melhor me acompanhar do que uma moça bonita como você ficar aqui sozinha. O bairro é relativamente tranquilo, mas sabe-se lá, né?

Engoli em seco e assenti, com minha sorte acabaria sendo assaltada, caminhei ao lado dele, que se manteve em silêncio e andou devagar respeitando meus passos pequenos por conta do salto.

Que péssima escolha de vestuário eu fui fazer naquela manhã!

Estava aliviada que nenhum daqueles caras me conhecia, parecia que meus filmes e minha música não eram suas preferidas mesmo, ainda mais se contasse com o rock pesado que tocava lá na oficina quando fiz minha entrada triunfal.

Não gostava de agir dessa maneira esnobe, se meus pais me vissem fazendo algo do tipo me repreenderiam, mas, às vezes, eu tinha que representar meu papel para me resguardar. O que funcionou, parecia que aquele era meu dia de sorte, afinal.

— Ah, dona! Preciso dizer que adorei sua atuação no “Encontros de amor”, é muito talentosa!

Ou não!

O rapaz sorriu enquanto fiquei parada ali na porta da oficina tentando pegar meu queixo que tinha caído no chão. Estava mesmo perdida agora!

Capítulo 6

Complicada e perfeitinha
Você me apareceu
Era tudo que eu queria
Estrela da sorte
(Mulher de Fases – Raimundos)

Rodrigo Silva

Quando eu vi aquela mulher linda e sensual no bar, com aquela aura tão alegre e um sorriso que poderia derreter a Antártida inteira, não imaginei que minha vida seria sacudida de uma forma tão violenta. Que eu me veria em uma situação que, na verdade, nunca imaginei passar.

Porém, eu deveria ter desconfiado de alguma coisa, era mistério demais para uma mulher simples.

As horas que apreciei na companhia daquela mulher foram as melhores da minha vida. Nunca toquei em alguém que correspondesse tanto, nunca fiquei com uma mulher que se libertasse tanto e se entregasse ao prazer daquela forma. E não consegui tirá-la da minha cabeça por dias... até que fui surpreendido.

Estava me martirizando por não ter pegado mais informações dela, quem era, seu telefone, porque eu queria repetir a dose. Como não iria querer? Ela era incrível! Contudo, estava também muito puto da vida porque ela saiu sem dizer nada, fugiu como se devesse alguma coisa e milhões de situações passaram por minha cabeça. Será que era casada? Ou sabe-se lá, uma fugitiva da polícia? De verdade, estava surtando e isso estava refletindo em meu trabalho de modo geral. Andava mal-humorado, descontando nos meus amigos.

Eu era sócio de uma oficina mecânica juntamente com mais dois caras, amigos de infância que cresceram comigo e éramos apaixonados por carros e tudo que envolvia eles. Quando terminamos a escola, não vimos uma forma de nos formarmos em um ensino superior, então entramos em um curso técnico para aprendermos mais do que já sabíamos e montamos a oficina. Paulo e Jorge eram meus sócios e amigos mais chegados. Não ganhávamos rios de dinheiro, porém me permitiu ter uma casa própria, um carro e comida na mesa.

E foi em um dia que eu acordei com uma puta mala matinal depois de um sonho quente com a desconhecida que Paulão chegou com o celular virado em minha direção e os olhos arregalados.

— Digão, você tá nas manchetes!

Respirei fundo, meu amigo tinha tendência de ser bem exagerado. Olhei para ele fazendo uma careta, quer dizer, mais ainda do que aquela que tinha sido congelada na minha cara quando acordei.

— Do que você tá falando, *parceiro*?

Ele estendeu o celular para mim e seus olhos estavam *mesmo* arregalados.

— Olha por si mesmo! — Naquela altura tinha chamado atenção dos outros homens da oficina e alguns clientes que estavam ali.

Sem muita paciência tomei o celular da mão dele e o navegador estava aberto em uma página de notícia sensacionalista de fofoca sobre famosos. Eu não entendi muito bem enquanto lia aquele monte de palavras maliciosas até que chegou a uma foto e abaixo um pequeno vídeo amador.

Senti que estava ficando tonto, meus ouvidos zumbiam, o corpo começou a esquentar e uma pressão na nuca me deixou atordoado. Engoli em seco.

— Esse do vídeo é você, essa *tatuagem* no braço é inconfundível.

Era sim, eu me lembrava de cada detalhe daquela noite e também da mulher que estava comigo. Mas ainda não havia entendido por que eu, um cara comum, estava num site de fofocas.

Senti que estava sufocando e não podia mais assistir aquilo.

— Nem por um caralho, velho. Tá de brincadeira comigo, né? Que porra é essa?

Paulo sorriu e pegou o celular da minha mão. Um sinal de bom senso da parte dele, porque eu estava prestes a jogar aquela porcaria na parede. Na verdade, qualquer coisa que parasse na minha frente seria atingida de uma maneira ou de outra.

— Você leu e não leu nada, né? Típico! — Paulo gostava de ler, muito. Era devorador de livros de romance e gostava muito de filmes nesse estilo. Por isso estava sempre por dentro das fofocas de artistas. O que iria contra a sua aparência bruta. Alto, careca, tatuado e muito forte. — Essa mulher que está sendo amassada por você no vídeo, segundo as informações do site, é Mileni Pontes. Uma atriz e cantora brasileira que está despontando no cinema internacional. Por que não contou pra gente que estava saindo com uma celebridade, *Big Mac*?

Droga! Eles só me chamavam assim quando queriam me encher o saco. Depois de um apelido idiota que minha namorada da escola deu acabou pegando. Por anos eu não gostei, mas acabei me acostumando e tinha momentos que me apresentava dessa forma. Dependia do meu humor. E ele não estava bom para esse tipo de provocação.

Eu não respondi nada a eles, não conseguia encontrar palavras ou até mesmo minha voz. Sentia que estava sufocando, meu corpo parecia ter sido feito de uma tonelada. Pisquei os olhos e encarei todos eles, muito sério, como um aviso de que não queria gracinhas e fui andando até o escritório que tínhamos no cantinho da oficina. Entrei batendo a porta com força, fechei as mãos em punhos e só não urrei de ódio porque iria parecer mais louco do que deveria.

Não podia estar acontecendo isso, tudo que mais odiei, tudo que sempre evitei. Esse tipo de gente não era para mim e tinha caído em uma armadilha. Sim, armadilha. Porque ela enganava bem, nunca imaginaria que a Leni, que se derreteu em meus braços, fosse uma diva esnobe e

famosa.

Pior que eu não conseguia esquecê-la, nem mesmo depois de descobrir que ela era tudo que eu não gostava e evitava. Agora que sabia seu nome e de ter *stalkeado* notícias dela pela internet sentia meu corpo respondendo a ela a cada vez que me lembrava de como ficamos.

Mas podia ser que o site estivesse enganado. Depois de alguns dias, o bafafá fora abafado, graças a Deus poucas pessoas me ligaram ao homem do vídeo e achei que tudo seria esquecido, até por mim. Com o tempo eu deixaria para lá, quando outra mulher gostosa me fizesse gozar, eu deixaria de lembrar dela.

Bem, como eu era inocente, não?

Naquele sábado, eu sabia que não deveria abrir a oficina, estava cansado e queria ficar deitado no meu apartamento sem fazer nada. Mas tinha serviço atrasado por conta de um feriado. Os meninos estavam dispostos a fazer serão, então acabei cedendo. Antes tivesse ficado em casa.

Quando ouvi aquela voz e espiei por cima do carro que eu estava trabalhando não podia acreditar, mais uma vez, que a sorte não estava ao meu lado.

Observei-a saindo da oficina, sentindo como se fosse a dona do mundo, acompanhada de Paulão. Isso não poderia dar certo!

— Porra, Digão! É a mulher do vídeo!

Olhei para o Jorge, que me encarava boquiaberto. Mesmo estando tão diferente do dia em que nos conhecemos, os cabelos não eram os mesmos, muito menos os olhos, não tinha como confundir. Foi ela que me tirou o juízo por semanas, era bem diferente da mulher que conheci e que me atraiu no bar, mas era ela com certeza. Nunca esqueceria aquela boca, o sorriso, o corpo feito para sentir prazer. Porém, seus atos em nada se pareciam com a Leni. Ela era metida, assim como imaginei que fosse, cheia de si e nos olhando de cima como se não fôssemos nada. Onde já se viu ir entrando em um lugar e exigindo atenção daquela forma tão bizarra?

— Não sei do que você tá falando, Jorjão! — Olhei de relance para o lado de fora novamente e voltei-me para ele. — Vamos trabalhar!

Virei-me torcendo para que ele esquecesse aquela merda, logo ela sumiria novamente e nunca mais precisaria me sentir daquela forma que me via naquele momento. Quando ela passou ao meu lado foi como se um imã me puxasse para ela, meu corpo se arrepiou e, apesar do meu desprezo para tudo que representava, fiquei tentado a arrastá-la para o escritório e reavivar as lembranças que me atormentavam desde a noite que ficamos juntos.

Só que eu não estava lidando com homens maduros e que respeitavam o espaço alheio, não, eles eram chatos e gostavam de pegar no meu pé. Não deu nem um minuto que eu disse para que me deixasse em paz e Jorge apareceu do meu lado sorrindo.

— Digão, cara, *Big Mac*?!

Fechei meus olhos e apoiei o cotovelo no carro, balançando a cabeça. Merda! Não tinha como escapar...

— O que é, caralho?

— É ela, cara! Eu procurei saber mais da mulher depois do vídeo vazar, claro que o Paulão ficou falando nisso por dias, o que aguçou a minha curiosidade. É a mulher que você deu uns pega no beco do *Beer*.

Olhei feio para ele e voltei minha atenção ao motor do carro que estava mais interessante do que o blá-blá-blá do Jorge.

— E daí?

— E daí? Você ficou dias falando da mulher maravilhosa que tinha conhecido, não deu muitos detalhes porque você é um pé no saco e quando a bomba que a tal mulher é uma “famosona” veio à tona, você ficou quieto e ignorou totalmente o que estava sentindo. Agora que todos nós vimos a tentação que te botou de joelhos e te damos razão, amigo, você finge que não é com você.

Ele não desistiria e senti que iria enlouquecer a qualquer segundo, o que não era uma boa ideia já que ela voltaria.

— Talvez porque não seja da conta de nenhum de vocês! — Olhei para cada homem que não tinha voltado ao trabalho e esperava que eu *realmente* explodisse. Achava até que eles gostariam de me ver perdendo a linha.

Sempre fui reservado e nunca gostei do que muitos caras fazem, ficam com as garotas e depois saem contando o que fizeram e até o que não fizeram. Contei a eles sobre a Leni, porque realmente fiquei muito obcecado e precisava entender o que tinha acontecido. Além do fato de nunca ter sido "deixado" na manhã seguinte, elas sempre queriam mais e eu fiquei confuso de verdade.

— Ah, cara, é uma famosa. Você precisa entender a nossa curiosidade. — Rafael estava mais perto da porta e era um dos funcionários mais antigos. Por isso, achava que tinha alguma intimidade comigo. Ele olhou para trás, em direção à rua que ela tinha ido com Paulo. — Além do mais, sabe que Paulão não vai conseguir se conter. Ele vai falar que conhece ela.

Droga! Estava contando com o fato de que ela faria o possível para esconder que havia me reconhecido, porque ela havia feito isso no momento em que eu abri a boca. Percebi seu desconforto e se não fosse a minha raiva poderia até achar bonitinho.

Peguei o capô do carro e o bati com força para fechá-lo, os rapazes se assustaram um pouco e os vi recuando inconsistentemente.

— Eu não quero ouvir uma palavra sobre essa porra, ela não sabe que a reconheci e que fique assim. Talvez, ela nem se lembra do que aconteceu também! Logo a mulher vai embora e voltamos a nossa vida. — Minha voz estava firme e grave, típico de meu humor no momento. — Agora voltem ao trabalho porque pago vocês para isso, não para ficarem fofocando e tomando conta da minha vida, cacete!

Eles assentiram e voltaram ao serviço que faziam antes da *diva* entrar botando banca na *minha* oficina. Falando nisso, andei até o aparelho de som e liguei a música novamente. Quando voltei, Jorge estava no mesmo lugar sorrindo abertamente para mim.

— Você não paga meu salário, isso quer dizer que eu posso ficar te enchendo o saco, né?

Filho da mãe!

— Não fode, porra!

Ele riu e se virou saindo do meu alcance antes que batesse na cabeça dele com uma chave de roda.

Capítulo 7

O tempo corre contra mim
Sempre foi assim e sempre vai ser
Vivendo apenas pra vencer a falta que me faz você
De olhos fechados eu tento esconder a dor agora
(Um minuto para o fim do mundo – CPM 22)

Mileni Pontes

Jesus, Maria e José!

Eu estava mais do que encrencada, eram tantas possibilidades de desastres que nem mesmo tinha ideia por onde começar a imaginar o pior cenário.

Qual era a melhor opção? Fazer a egípcia? Fingir que nada aconteceu e que a montanha careca não havia dito nada?

Resolvi entrar na oficina e representar mais uma vez. O amigo havia me reconhecido, mas não queria dizer que o Digão, vulgo *Big Mac*, teria feito o mesmo. E se tivesse eu poderia mentir e fazê-lo acreditar que *eu* não me lembrava.

O rock pesado já estava tocando novamente e os rapazes haviam voltado aos seus afazeres, vi de esguelha que ele também estava ocupado e se percebeu que eu tinha voltado, assim como os outros que levantaram suas cabeças para me ver passando, não demonstrou nenhum sinal a respeito.

Parei ao lado do careca, que trabalhava em meu pneu furado, e fiquei de costas para onde o

Rodrigo estava.

Rodrigo, nome bonito. Combinava com ele, forte!

Estava me sentindo estranha, era como se tivesse um peso em minhas costas, estava ficando nervosa e não resisti, acabei me virando e espiei por cima do ombro dando de frente com ele me encarando e quando nossos olhos se encontraram senti o corpo se arrepiando. Por mais que eu estivesse em desespero, não conseguia parar de olhar, me sentia tentada a me aproximar sabendo que não traria nada de bom.

— Oi!

Virei-me assustada com a mão no peito e dei de cara com um homem forte e alto. Será que isso seria requisito de contratação na oficina?

— Olá! — Franzi a testa observando o sorriso enigmático no rosto dele, o rapaz tinha tatuagens nos braços e pescoço. Bem intimidante, na verdade, se não fosse seu sorriso e expressão de menino travesso.

— Te assustei?

— Imagina!

Ele assentiu e se aproximou um pouco.

— Posso saber o que uma moça bonita como você faz por essas bandas?

Engoli em seco e olhei para o careca, que sorria, balançando a cabeça, como se estivesse se divertindo com a entrevista que o amigo estava fazendo.

— E por que eu deveria te dizer? É comum vocês interrogarem os clientes, ou acontece só com mulheres?

Ele coçou a cabeça e olhou para trás onde *Big Mac* trabalhava e sorriu travesso. Fiquei com vontade de olhar também, mas não o fiz.

— Só estou curioso, não é comum mulheres como a senhora, digo de sua classe social, ficar de bobeira por aqui.

Ele estava sendo educado, mesmo que enxerido, e eu estava tão nervosa com a presença da minha escapada no mesmo recinto que não conseguia pensar em uma mentira plausível.

— Vou até a casa de alguns amigos que me convidaram para uma comemoração.

— Hum, tenho a impressão de que conheço a senhora de algum lugar. Qual seu nome?

Puta merda! Não poderia dizer a ele meu nome verdadeiro, nem mesmo o apelido que dei ao *Big Mac*. Fiquei parada, olhando para os olhos escuros daquele homem, tentando entender o motivo de ter feito aquele monte de pergunta, o que se pensar bem não é natural. E não sabia mesmo o que dizer. O filho da mãe parecia se divertir e me perguntei se estava zoando com a minha cara.

Olhei para trás mais uma vez e me deparei com seus olhos intensos em mim, ele tinha me reconhecido. Isso era fato pela forma que me encarava. Eu não soube o que fazer com aquilo, não estava conseguindo me concentrar para representar e acabaria me enrolando, tinha certeza.

Apesar de meu talento, a real mulher por trás das telas era uma catástrofe, desastrada e totalmente sem jeito.

— Jorjão, pare de importunar a moça! — Olhei para trás com a voz de meu salvador e fiquei aliviada que ele já tivesse terminado com o pneu e olhava o amigo como se o repreendesse também em silêncio. — Vamos lá? Terminei o serviço e a senhora pode seguir seu caminho.

Assenti em agradecimento e abaixei a cabeça seguindo-o, mais uma vez, pela oficina, mas antes de sair não consegui resistir a dar uma última olhada para trás. Dessa vez, ele não me olhava, sua atenção estava toda cativada pelo motor em que estava trabalhando e a cabeça toda enfiada naquele capô.

Bem, era melhor assim, apesar de meu corpo dizer outra coisa. Dei um adeus aos rapazes e

andei com passos incertos o caminho até a saída da oficina. Lá fora, vi o letreiro dizendo: *Oficina do Big Mac*. Ah, ótimo! Se tivesse reparado nisso antes poderia ter desconfiado. Mas nunca em minha vida pensei que veria aquele homem de novo.

Meu salvador já estava trocando o pneu e fiquei ao seu lado esperando que terminasse para saber o valor, pagaria até mais pela gentileza dele. Alguns minutos, o carro já estava em condições de andar novamente.

O rapaz se levantou, limpando as mãos na calça jeans, e sorriu para mim.

— Prontinho, dona. Pode seguir seu caminho!

— Muito obrigada... — Levantei a sobrancelha como se perguntasse seu nome.

— Paulo, mas pode me chamar de Paulão!

— Ok, Paulão! Muito obrigada mesmo, quanto eu te devo?

Peguei a carteira na minha bolsa que estava na porta do carro, mas fui impedida de continuar por uma mão grande e suja.

— Não, senhora, não precisa. Não foi nada, fica como um presente de um fã.

Fiquei olhando para ele e nunca imaginaria que aquele homem visse meus filmes.

— Mas você não vai ter problemas com o seu chefe?

Ele fez uma careta e riu.

— Que nada, sou sócio da oficina. Não se preocupe!

— Tudo bem, obrigada novamente!

Ele deu de ombros e deu a volta em mim para ir embora, quando se lembrou de algo e enfiou a mão no bolso da calça estendendo em minha direção um cartão simples, branco,

apenas com o nome da oficina e telefone.

— Já ia me esquecendo, peguei lá na oficina para a senhora, caso tenha alguma emergência.

— Oh!

Estendi a mão e peguei o cartão observando com cuidado o número gravado sem ver realmente qualquer coisa.

— E dona?

Levantei os olhos surpreendida por ele ainda estar ali.

— Seu segredo está guardado comigo, ok? — Piscou um olho e seguiu seu caminho de volta para a oficina.

Respirei fundo e entrei no carro dando partida, minha cabeça estava a mil e pensei seriamente em voltar para casa, mas não podia fazer isso com as pessoas que me esperavam.

Fiz com que o carro se movimentasse e, quando passei em frente à oficina, procurei forças em todas as células de meu corpo para não olhar lá para dentro. Acabei acelerando e cantando pneu seguindo meu caminho até a casa de Estevão, que por coincidência ficava a poucos metros dali.

Como não tinha percebido aquela oficina antes?

Quando entrei na garagem e estacionei meu carro logo atrás do de Priscila nem mesmo saí, peguei o celular e mandei mensagem para minha amiga que me socorresse.

Estava tão confusa que fechei meus olhos e encostei a testa no volante. O que aconteceria? Será que ele ligaria para a imprensa e daria detalhes de como foi a nossa noite?

Um barulho no vidro chamou minha atenção e vi Priscila parada do lado de fora com um copo de plástico cheio de refrigerante na mão e um sorriso enorme no rosto. Abri o vidro do carro.

— Sua filha da mãe! Senti sua falta, porra!

Eu também tinha sentido, mas minha cabeça estava voando e precisava desabafar.

— Eu vi o homem do vídeo e ele me reconheceu, Priscila! É um mecânico aqui no bairro.

Olha, imaginei milhares de reações: xingamentos dela, desespero por saber que poderia estar encrencada, mas não aquele sorriso congelado em sua cara.

— Ah, é? Eu o conheci também!

Como é que é?

Capítulo 8

Se você não entende não vê
Se não me vê, não entende
Não procure saber onde estou
Se o meu jeito te surpreende
(Primeiros Erros – Capital Inicial)

Mileni Pontes

— Como assim, Priscila? Conta isso direito, mulher!

Ela revirou os olhos e me encarou intensamente.

— Primeiro vamos trocar essa roupa aí. O que aconteceu? Andou bebendo depois de tantos anos?

— Claro que não, o fuso horário me deixa maluquinha. Acordei tonta e peguei a primeira roupa que encontrei. Só vi que estava de vestido de noite quando meu pneu furou.

— Tonta você sempre foi, Mileni! Vem cá, que eu sempre tenho uma reserva no carro, mas o que temos para hoje é roupa de academia.

Dei de ombros sabendo que ninguém que estava naquela casa se importaria com qualquer roupa que eu estivesse usando, mas não me sentia bem com um vestido tão chamativo.

Acompanhei Priscila até seu carro, que estava estacionado na frente do meu, ela pegou a bolsa com suas coisas de academia e entramos pelos fundos da casa do Estevão. Assim que ela

entrou no banheiro comigo, eu fui logo tirando o vestido e interrogando-a:

— Agora, dá para me explicar como você conhece aquele homem e não me disse isso todos esses dias em que falei sobre o vídeo e como isso me fez pensar mais do que o normal nele?

Pri sentou-se na tampa do vaso sanitário e deu de ombros, como se não fosse nada de mais o meu desespero, e conforme fui pedindo as roupas ela me entregava as peças. Apesar de ser mais malhada do que eu, tínhamos a mesma constituição física e altura.

— Mileni, desde que te conheço você tem a propensão de ser histérica, não quis causar nenhum desastre falando por telefone que tinha conhecido aquele bofe magnífico que te deu um trato. — Ela sorriu amplamente e fiz uma careta concordando que eu realmente surtaria se soubesse disso por telefone. — Eu precisei arrumar meu carro um dia desses e o Diego me indicou a oficina do *Big Mac*. Imagina minha surpresa quando cheguei lá e estava cheio de *boy magia*? Sendo que o chefe da tribo era aquele grandalhão ruivo! Menina, como não conhecia aquele paraíso morando no mesmo bairro?

Pelo amor de Deus! Ela falava com tanta tranquilidade aquilo, que nem parecia que as coisas poderiam ficar complicadas, que eu poderia ser mais que exposta, caso aquele homem desse com a língua nos dentes. Foi um custo para abafar aquela história e convencer a imprensa que a mulher aos amassos no beco não era eu.

Precisei de um álibi que confirmasse que eu estava em outro lugar naquele dia, sério mesmo!

— Eu imagino, porque quase tive um treco quando aquele homem saiu detrás do carro quando fiz minha entrada triunfal na oficina — falei vestindo aquela calça apertada, rebolando para que ela subisse em minhas pernas e quadris.

Para uma mulher com o trabalho como o meu, eu não tinha o corpo exatamente como era esperado, como era comum entre as famosas. Malhado e definido. Eu não tinha muito controle do que comia e aquelas dietas rigorosas não combinavam com a fome de dragão que me devastava. Por isso me conformei que sempre seria *mignon* com curvas e pneuzinhos, sem falar nas celulites e estrias, nunca seria magérrima, perfeitinha ou entraria nos padrões de

beleza das estrelas do cinema. Afinal, nunca fui de seguir estereótipos e coisas convencionais, só quando representava mesmo.

— Não acredito, você deu uma de diva metida!

Arregalei os olhos e dei de ombros colocando a camisa que tinha escrito na frente: *I love dance*.

— Como eu iria saber que ele estava lá, Priscila? Além do mais, você sabe quantas vezes tive problema em chegar em algum lugar sem parecer uma nojenta e as pessoas se aproveitarem disso para ter alguma vantagem.

— Mas nem todo mundo é igual, Mileni! Não se esqueça das vezes que foi muito bem tratada e que te deram uma força para que permanecesse em algum lugar discretamente sem ser incomodada.

Respirei fundo olhando meu reflexo no espelho e arrumando meus cabelos. Meus olhos não tinham as lentes que escondiam sua peculiaridade, por isso eu gostava tanto daquele reflexo, tão simples e tão eu.

— Eu sei disso, mas preciso me precaver. Antes ser julgada como uma metida e nojenta do que ter a imprensa atrás de mim e ainda incomodando quem eu amo. Não são responsáveis dessa parte das minhas escolhas, eu sei lidar com isso, vocês não precisam.

Priscila se levantou e parou atrás de mim abraçando-me pela cintura e apoiou o queixo em meu ombro.

— Nós te amamos tanto, você não precisa viver assim, Mileni! Não tem nenhuma criança para você proteger, vejo você sendo meia pessoa que me dá um aperto no peito.

Sorri para ela e tentei controlar as emoções que vinham à tona quando falava assim. Priscila era a única que sabia como era um fardo ser assim, não gostava de ficar reclamando de barriga cheia como muita gente, vulgo Fátima, gostava de se referir aos meus problemas.

— Nem sempre, consigo ser totalmente eu quando saio com você.

— Mas tem que se disfarçar para não ser reconhecida.

— Na verdade, eu me disfarço quando não estou com vocês. Mas vamos lá, de onde meu irmão conhece essa oficina?

Ela riu daquele jeito que eu sabia que estava aprontando. Meu irmão era mais novo que eu apenas dois anos e tenho que dizer, minha amiga já havia dado uns beijos nele assim que nos conhecemos. Mesmo sendo mais novo, ela falava que era gatinho e que podia ensinar uns truques. Mas o caso deles não durou mais do que dois beijos, Diego sempre foi muito imaturo e Pri, tão independente, não aguentou suas "criancices". Porém, eles eram bons amigos.

— Pelo que parece, eles jogam futebol juntos aos domingos. — Fez uma careta sabendo que eu estava prestes a surtar.

— Como isso ainda não estourou na minha cara?

— Sorte?

— Jesus Cristo!

Minha amiga revirou os olhos e saiu de trás de mim indo até a porta do banheiro.

— Para de drama, Mileni! Sua família e amigos estão te esperando, bota um sorriso nesse rosto e deixa que o que tiver de rolar vai rolar. Não dá para controlar tudo a sua volta. O que é a vida sem correr riscos?

Talvez mais tranquila?

Assenti respirando fundo e calcei a sapatilha dela, que era um número maior do que o meu, mas servia. Estava parecendo mais normal e não uma louca que dormiu fora de casa e não teve tempo de trocar a roupa.

As coisas não tinham ficado claras e nem tive tempo de me explicar aos meus pais sobre o

vídeo, então parecer exatamente como a mídia estava me pintando não lhes daria uma boa visão do que andava fazendo.

Conforme atravessava a casa de Estevão podia ouvir o burburinho de todos, tinha bastante gente ali e quando chegamos ao quintal vi que era uma festa no estilo que fazíamos quando era criança.

Meus irmãos e amigos, filhos de Estevão, ficavam em volta da piscina de plástico enquanto os mais velhos se abrigavam debaixo da marquise e meu pai comandava a churrasqueira.

— É bom voltar pra casa!

— Bem-vinda de volta, minha amiga!

Olhei para Pri, que piscou um olho e desceu as escadas, se juntando a Diego e Thays, minha irmã caçula. Quando os outros notaram minha presença começaram a gritar juntos, comemorando a minha chegada. Estevão e Maria, que fizeram questão de me dar uma festa, foram os primeiros a chegar, logo me vi sendo abraçada por tanta gente e me emocionei com a quantidade de amor e carinho real que recebia.

Os dois filhos de Estevão, Ricardo e Wesley, que eu não via há alguns meses, apesar de trabalharem comigo, estavam entusiasmados com o filme e todo trabalho que teríamos pela frente. Os rapazes gostavam daquele meio e eu amava ter amigos fiéis comigo.

Eles falaram sobre as viagens de divulgação e que teríamos que contratar novos guarda-costas já que os últimos não deram muito certo. Os meninos eram os chefes de segurança e ficavam obcecados com isso, diziam que todo cuidado era pouco.

E assim que chegou a vez de minha mãe falar comigo, eu desabei. Abracei-a com força e senti meus olhos marejados de saudade, ela sempre foi meu porto seguro, minha amiga querida e que estava sempre disposta a me ouvir, me dar conselhos e puxar minha orelha quando precisava. Mamãe foi a primeira a me apoiar quando decidi que queria ser atriz.

— Minha menina, quanto orgulho que sinto de você! Estava maravilhosa naquelas fotos,

seu irmão nos mostrou todas que saíram nas matérias dos jornais.

Sua voz emocionada transmitia exatamente o que ela dizia. Afastei-me de seu abraço já sentindo falta dele e sorri ao encontrá-la do mesmo jeito que eu, com lágrimas nos olhos. Éramos tão parecidas.

— Eu também senti, mamãe!

Ela se afastou me inspecionando, assim como era comum quando ficávamos mais de uma semana sem nos ver.

— Você emagreceu, Leni!

— Não, mãe! Na verdade, engordei um pouco, o que gerou reclamações da Fátima.

Ela revirou os olhos e fez uma cara feia quando mencionei o nome de minha empresária. Minha mãe não gostava da forma como Fátima me tratava e nem com a maneira que eu me sentia presa a ela.

— Já te falei pra procurar outra pessoa para cuidar das suas coisas. A Fátima te ajudou muito no começo, mas está ficando de um jeito que você não pode peidar que ela chama sua atenção.

— Mãe!

— O que, menina? Você agora parou de soltar gases? Eu, hein! — Ela sorriu e me deu um beijo no rosto. — Vem, que seu pai vai te dar um motivo para engordar um pouco. Ele fez a famosa picanha recheada.

E era assim que qualquer tentativa de dieta iria pelos ares.

Meu pai havia envelhecido precocemente por ter trabalhado tantos anos no sol. Sua pele era queimada e tinha mais rugas do que deveria ter.

— Olha, Márcio! Ela não emagreceu?

Papai se virou, sorriu, colocou o garfo de churrasco em cima da mesa e veio até mim olhando-me com bastante atenção, balançou a cabeça e me puxou me apertando até eu reclamar.

— Eu não acho, Luciana! Tá linda, minha filha.

— Obrigada, pai!

— Mas isso não quer dizer que não possa comer minha picanha, não é mesmo?

Como se eu fosse recusar!

— Claro que não, fiquei o mês todo pensando nela.

— Ótimo!

Ele me deixou ali e voltou para a churrasqueira, mamãe engatou em uma conversa com Maria, a esposa de Estevão, que era minha madrinha, e enquanto eu cumprimentava a todos e agradecia pela festa minha mente foi se acalmando.

Não queria que achassem que eu não tinha gostado de todo esforço que fizeram para me agradar por causa de meu mau humor.

Algumas coisas mudaram na casa de Estevão, no lugar da piscina de plástico havia uma de fibra onde “as crianças” estavam. Eu não pretendia entrar, nem tinha levado roupa para isso e, na verdade, só precisava descansar. O fuso horário me deixava confusa mesmo.

Sentei-me em uma cadeira ao lado de Thays e encostei a cabeça em seu ombro. Minha irmã era a mais nova e tinha dezessete anos, cursava cinema e dizia que ainda produziria um filme onde eu seria a protagonista. Amava todos a minha volta, eles tinham se especializado no mundo onde eu vivia, era gostoso e sempre tínhamos assuntos parecidos, mesmo que cada um tivesse sua profissão e particularidade delas.

O que me lembrou de um detalhe importante para falar com a Pri.

— Amiga, preciso que você me acompanhe ao estúdio de gravação essa semana.

Ela franziu a testa sem entender muito bem. Foram poucas as vezes que minha amiga me acompanhou em meu trabalho. Ela dizia não ser seu lugar, mas eu insistia em querer ajudá-la de alguma forma.

— Por quê?

— Vai rolar a gravação do clipe da música tema do filme e queria que você fizesse a coreografia.

Era uma oportunidade e tanto para a carreira dela e o melhor de tudo que não precisaria mostrar seu rosto. Que era o que ela não gostava de estar comigo.

Thays riu sabendo como Pri era. Minha irmãzinha era como meu bebezinho e foi difícil aceitar que minha menina estava crescendo.

— Priscila é bicho do mato. Só parece que é descolada.

— Cala a boca, Thays. — Mostrou a língua para minha irmã e se virou para mim já de cara amarrada. —Vou pensar, tá, Leni? Não prometo nada.

Estreitei os olhos, ela só me chamava assim em nossas saídas e quando estava brava comigo.

Estava tudo calmo, falávamos de bobagens e eu contava algumas coisas interessantes do meio do cinema. As meninas surtavam quando eu mencionava que conheci os galãs dos filmes, que para mim não eram nada de mais.

Achei que a tarde seria tranquila e perfeita para desanuviar a cabeça. Não queria nada mais do que ficar deitada sem fazer nada.

Porém, crescer com dois irmãos mais novos me fez aprender que minha vontade não era tão respeitada. Diego e Pedro me surpreenderam pegando-me no colo e jogando na piscina com

roupa e tudo. Quando voltei à superfície da água, os dois riam de mim.

— Olha, essa foto me daria uma boa grana. Mileni Pontes encharcada até a alma. — Como se Diego fosse capaz mesmo disso. Ele havia se tornado parte da minha equipe e era responsável pelos meus contatos com os produtores de cinema, na verdade ele era tipo um assistente da Fátima, coitadinho.

— Você me paga, moleque! Não se esqueça de que sou a mais velha e ainda te dou uns tapas.

Ele deu de ombros e cruzou os braços sendo imitado por nosso irmão Pedro, de dezoito anos. Entre Diego e Thays, ele era o mais calmo e que tinha tomado um rumo diferente do meio artístico, ele estava estudando gastronomia e se tornaria um grande *chef* de cozinha.

— Tô pagando pra ver!

Bem, o que posso dizer... Cresci como uma verdadeira moleca. Saí da piscina pronta para mostrar aqueles dois como poderia ainda lhes dar uma surra. Claro que tudo virou uma bagunça onde todos acabaram molhados.

Capítulo 9

Vamos fugir deste lugar, baby!
Vamos fugir
Tô cansado de esperar
Que você me carregue
(Vamos Fugir – Skank)

Rodrigo Silva

— Então, você não sabia que a mulher do bar era, na verdade, Mileni Pontes?

Estava cansado, queria ir para casa, era sábado e nem deveria ter botado os pés ali. Aqueles caras não iriam parar até que eu dissesse tudo o que queriam saber. Paulão era fanático por tudo que envolvia livros, filmes e música, nada surpreendente, mas para um homem com a aparência como a dele curtir romance de mulherzinha era, no mínimo, inusitado.

— Não, irmão! Eu nem conhecia essa mulher até você enfiar aquele celular na minha cara.

Ele deu de ombros e sorriu, provavelmente se lembrando do meu ataque quando percebi que havia sido flagrado na intimidade e ido parar na mídia.

— Sabe que ela é irmã do Diegão, né?

— O que joga bola com a gente?

— Ele mesmo!

— Porra! Isso vai dar mais assunto do que eu gostaria.

Paulo tinha sido o último a ficar na oficina, depois, claro, de eu ameaçar quebrar a cabeça de cada idiota que me perguntasse da dona famosa. Só que o grandalhão não tinha medo de mim, azar o meu.

— Pode ter certeza disso! Mas me conta, irmão, como você tá se sentindo agora que sabe quem ela é? — Meu amigo e sócio arqueou as sobrancelhas. — Estava doido para ter mais um minuto com a mulher até um tempo atrás e agora parece que ela tem alguma doença contagiosa, essa sua cara feia assusta qualquer um. Não que ela seja melhor no dia a dia.

Engoli em seco e apoiei os cotovelos em meus joelhos deixando que minha cabeça caísse entre meus ombros. Estava confuso e se fosse sincero comigo mesmo podia sentir a vibração do desejo percorrendo meu corpo, mas não havia muito que eu pudesse fazer. Aprendi com muitas burradas que rico e pobre não se misturam, que apesar de se atraírem não é algo que se pode confiar, pois alguém sempre sai machucado e o elo fraco acaba se partindo. Já havia entrado nessa onda, a sociedade é cruel com seus costumes tradicionais.

— Não me importa, Paulão! Você sabe que eu não me misturo com essa gente!

— Mas, Rodrigo, ela não é assim. Conhecemos o irmão dela, Diego é nosso *brother*.

— Mas ele não é o famoso que tem milhões na conta bancária e acha que todo mundo deve ficar feliz por sua simples presença. — Levantei a cabeça e encarei meu amigo, que me conhecia mais do que eu gostaria, sabia mais da minha vida do que qualquer outro. — Você viu como ela entrou aqui, cara? Achando que era a dona do pedaço.

— Ah, mas foi engraçado! A mulher é pequena e envolve todo mundo na ponta do dedo. Sem contar a expressão de todos os marmanjos chocados. E o que é que tem a conta bancária da mulher? Ela trabalha e luta pelo dinheiro dela, mais do que um direito dela em usar da forma que quer.

Respirei fundo à procura de paciência, Paulo não entenderia nunca, somente quem passa por certas situações que realmente compreende.

— Não achando que pode comprar tudo e que pode tratar os outros, menos favorecidos, como qualquer coisa.

— Ei, *Big Mac*! Acho que você está confundindo as coisas. Em nenhum momento, Mileni demonstrou pensar que podia comprar a gente. Na verdade, ela aceitou que eu colasse o pneu de graça. Tem mais por baixo de todo brilho de estrela do que você sabe.

Estava começando a me irritar com aquele papo e meu melhor amigo estar defendendo aquela situação estava me enlouquecendo. Será que era tão difícil para ele entender que não daria certo? Uma vez magoado já estava de bom tamanho!

Peguei a bolinha de borracha que fizemos na oficina e a joguei na parede com força, demonstrando assim a raiva que estava sentindo por toda a situação.

— Paulão, pela amizade que construímos nessa vida, eu peço que pare de falar desse assunto. Sei que tu gostas da mulher e admira o trabalho dela, mas não te dá o direito de se meter na minha vida. — Levantei-me e virei-lhe as costas. — O que aconteceu aquela noite foi algo diferente do que eu pensei, foi só um momento em que a riquinha se disfarça de classe média pra sair pegando os idiotas no bar, os pobretões como eu.

Caralho! Aquilo soava amargo e estava ruim de engolir. Desde que vi aquela matéria me senti usado e, por mais que tentasse, não conseguia sentir raiva da mulher porque ela simplesmente não saía da minha cabeça. E não de uma forma que eu desprezava, mas meu corpo respondia a cada lembrança que invadia minha mente.

E agora que eu sabia quem ela era, e onde encontrá-la, aqueles sentimentos estavam piores.

— Acho que você está muito enganado. Mas quem sou eu pra te dizer o que pensar e como se sentir. Sou só um cara fanático por coisas estranhas, não é? — Podia ouvir na voz do meu amigo o quanto ele estava decepcionado e até magoado. — Vou nessa, Digão! A gente se vê no jogo amanhã, tá?

Não me virei para olhar ele saindo da oficina, tinha que fazer com que entendesse que não tinha o direito de se meter na minha vida pessoal muito menos quando se tratava de uma

situação como aquela.

Acordei na manhã de domingo sem nenhuma vontade de bater bola, algo que era impensável já que nunca tinha faltado um dia de jogo desde os onze anos. Lembrava-me como se fosse ontem a primeira vez que meu pai me levou à escolinha de futebol.

Tínhamos economizado por algum tempo para que pudesse comprar o uniforme e um par de chuteiras para que eu pudesse treinar. A aula era gratuita, mas nós que arcávamos com o vestuário necessário. O que não era muito barato para a minha família.

Porém, eu vi meu pai domingo após domingo trabalhando em bicos pela cidade para economizar e realizar um sonho que eu tinha desde muito novinho. O que sempre me fez pensar que, apesar de gostar muito do esporte, a paixão por carros falou mais alto e me tornei um mecânico ao invés de investir em uma carreira que poderia me trazer mais dinheiro.

Contudo, algo que meu pai me ensinou foi dar valor ao que meu coração batia mais forte, não ao que o dinheiro podia trazer. Por isso já me dei muito mal na vida, confiar que todas as pessoas tivessem esse tipo de pensamento era algo ingênuo demais.

E naquele domingo eu não estava querendo ir, me privando do meu divertimento, de algo que amava. Mais uma prova do quanto aquela mulher, Mileni, não era boa para minha sanidade.

Decidi que não deixaria que o medo de ser interrogado e lembrado dela fosse maior do que minha promessa ao meu pai.

Pulei da cama, tomei um banho rápido, vesti o uniforme do time, calcei meu tênis e coloquei as chuteiras na sacola. O campo que jogávamos era perto, por isso eu gostava de ir correndo, ajudava a aquecer. Passei pela vizinhança cumprimentando meus amigos e curtindo o geladinho da manhã, assim que pisei no gramado minha cabeça estava vazia. O que era bom!

Os rapazes já estavam ali se aquecendo e fazendo exercícios, de longe vi Diego conversando com Paulão e senti um frio na barriga. O grandão estava obcecado com o fato de eu ter ficado com a tal famosa e mesmo eu deixando bem claro que não queria falar sobre o assunto, ainda me mandou mensagens tocando nisso.

Ele estava alucinado de que eu viveria um romance como nos livros. Não me surpreenderia se ele bancasse o cupido. Decidi nem mesmo me aproximar e depois de colocar as chuteiras fiquei correndo pelo campo até que o jogo começasse, pensei que seria deixado em paz porque era de conhecimento de todos a forma que eu levava a sério o esporte e por isso costumava me manter isolado me concentrando.

Mas pedir um pouco de paz era demais para aqueles meus dois amigos cabeças de vento. Quando dei uma pausa e parei para descansar me deparei com três marmanjos — Paulo, Diego e Jorge — me encarando como se fossem três crianças levadas.

— O que é agora?

— Eu estava contando para o Diegão aqui que você conheceu a irmã mais velha dele. — Paulão sorriu, me encarando, desafiando-me a ser grosseiro.

Soltei o ar com força e fechei os olhos jogando a cabeça para trás.

— É mesmo?

— E sabe o que é mais curioso?

Que ele não sabia o que era não se meter na vida dos outros?

— O quê?

— Ele já sabia!

Agora sim despertou minha curiosidade! Abri os olhos e me voltei para os três patetas. Diego estava sério, apesar do divertimento em seus olhos castanhos. Olhando para meu amigo

com calma podia ver certa semelhança com ela, apesar de que na oficina seus olhos não eram castanhos, mas verdes e manchados. Incríveis!

Droga, meus pensamentos já estavam se perdendo!

— E posso saber como ele já sabia se eu não falei pra ninguém? A não ser que algum idiota tenha dado com a língua nos dentes igual duas maritacas!

E sim, isso foi diretamente para o Jorge, que fez uma careta. Diego deu de ombros e sentou-se ao meu lado, alguma eles estavam aprontando. Podia ver na forma como meus amigos estavam se portando.

— Eu te reconheci naquele vídeo, suas tatuagens são únicas, *brow*. Te reconheci assim que vi a matéria, na verdade eu fui um dos responsáveis por abafar aquela bagunça.

— E por que não me disse nada?

— Não achei que você gostaria que lhe dissesse qualquer coisa, te conheço *Big Mac*. Você não é vacilão, não tomaria proveito da situação, a reputação da minha mana estava segura.

Respirei fundo e assenti, o agradecendo com um tapa no joelho, estava feliz por não ter que ficar tenso ou preocupado dos caras saírem falando merdas pelos cantos. Levantei-me pronto para começar o jogo quando a voz de Diego me parou:

— Mas diz aí... Quais são suas intenções com a minha irmã?

Capítulo 10

Então já era
Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer
Se for já era
Eu vou fazer de um jeito que ela não vai esquecer
(Papo Reto – Charlie Brown Jr.)

Mileni Pontes

— Você fez o quê?

Olhei para o aparelho de celular na minha mão como se assim ele pudesse ver a raiva que transparecia no meu rosto.

— Mileni, não grita, caramba! Quase estourou meus tímpanos!

Deus meu! Onde no mundo eu arranjaria um filho novo para a minha mãe? Se tivesse algum lugar para comprar, eu iria fazer uma troca sem pensar duas vezes.

— Sem drama, Diego! Agora me conta direito essa história! Era pressuposto que você cuidasse da minha imagem, não ficar me oferecendo para os seus amigos. O que foi? A fase de adolescente te pegou de novo?

— Nossa, Leni! Você tá levando tudo pro lado errado. Eu nunca te ofereci pra ninguém!

Quando meu irmão me chamava assim era porque ele sabia que estava encrencado e tentava amenizar a situação. Atendi ao telefone de Diego só porque estava preocupada. Na festa do dia

anterior vi ele de muita conversa com Priscila, sabendo que ele teria jogo de futebol presumi que fosse encontrar o Rodrigo, meu irmão e minha melhor amiga juntos só podia significar problemas.

Se não fosse esse detalhe, eu teria me privado da dor de cabeça em pleno domingo. Fora que sua defesa era infundada e ele sabia disso quando uma vez ficou bancando de cupido para um amigo que ainda cheirava a leite na escola.

— Não, irmão. Você que precisa se explicar direitinho para eu entender sua cabeça. Como assim perguntar a um cara, que eu não tenho nada, de suas intenções comigo?

— *Bom, boa sorte tentando me entender.* — O filho da mãe teve a coragem de rir do outro lado da linha. — *Mas vou te explicar, eu já sabia que o maluco do vídeo era o Rodrigo da oficina, conheço ele faz anos e é muito gente boa, então sabia que não daria problema. Na verdade, ele não gosta desse meio que a gente vive. O Paulão veio me falar que você esteve lá, então quis brincar um pouco, Mileni! Não foi nada de mais, precisa relaxar, maninha. Foi hilário, tinha que ver a cara daquele brutamontes quando perguntei. Só faltou ele correr pra longe. O que você fez com ele, mana?*

Respirei fundo lembrando de que éramos filhos da mesma mãe para não xingar o desgramado. Ele gargalhava do outro lado da linha como se estivesse revivendo o momento engraçado que se referia.

— Você não tinha que ter dito nada, Diego. Se ele não tinha me reconhecido, agora já tem certeza, as coisas podem piorar mais do que já estão.

— *Mileni, você é muito ingênua. Ele te reconheceu, todos que o conhecem fizeram isso no momento que o vídeo vazou.*

— Mais um motivo para você não fazer essa besteira. Quando você vai crescer, Diego?

Ele bufou e podia vê-lo revirando os olhos, como fazia quando eu chamava sua atenção.

— *Irmã, se não sabe eu já cresci.* — Fez uma pausa parecendo chateado, meu irmão não

gostava quando eu falava assim, principalmente depois do fora que ele levou de Pri por ser tão infantil. Claro, como uma boa irmã adorava implicar com ele. — *Você tá sendo muito dramática e exagerada, mas deixa eu ir porque tô suado e preciso de um banho. Só quis te ligar pra ficar ciente de tudo. Ele não vai falar nada com a imprensa, mesmo porque o caso já morreu. Beijo!*

E desligou na minha cara.

Sabia o que ele estava pensando, o que Pri pensava. Eles me amavam e achavam que eu era muito solitária e meu interesse por Rodrigo foi além do que eu admiti. Mas eles não conheciam o meio que eu precisava lidar. Por mais que Diego estivesse ligado a ele, não era diretamente. Sua vida pessoal não era revirada do avesso e qualquer mínima coisa que você faz vira um tornado de proporções gigantescas.

Mesmo o caso tendo sido abafado, qualquer notícia poderia tomar um rumo totalmente descabido e logo a mídia estaria me casando, engravidando, divorciando ou enterrando, sem eu saber.

Não era drama a minha negativa em qualquer envolvimento ou o famoso “fazer doce”, mas sim uma preocupação real até mesmo com eles. Eu precisava ter certeza de que Rodrigo não diria nada.

Respirei fundo, e apanhei o cartão que Paulão me deu, liguei para a oficina, mesmo sabendo que não deveria ter ninguém lá porque era domingo, mas vai saber... O telefone chamou até cair e então resolvi ir mais longe, peguei a minha bolsa, as chaves do carro e saí de casa com uma direção em mente. Pelo pouco que me lembrava, o apartamento que ele me levou era no bairro vizinho da oficina e onde Estevão morava.

Não sabia se seria bem recebida, ou se seria escorraçada depois do papel que me prestei na oficina no dia anterior, mas precisava arriscar. Não podia me dar ao luxo de confiar em telefones sem fios. As coisas de boca em boca podem mudar de forma e aumentar. Talvez se eu conversasse com ele conseguiria ficar mais tranquila. Não que eu não quisesse nada com ele, ou estivesse com medo de associarem a minha imagem a dele.

A situação era mais complicada do que poderiam pensar. Quando se tem um passado que você quer que fique lá, você precisa tomar cuidado para que alguma coisa não desperte o interesse para que remexam em feridas dolorosas, situações semelhantes como aquela poderiam causar problemas que eu não estava disposta a enfrentar.

Sem falar que, apesar da química deliciosa que tivemos e a clara atração que ainda estava presente, tive a prova viva quando o vi na oficina, que o que tivemos foi apenas algo de uma noite. Não poderia deixar que inventassem um romance onde não existia, eu acabaria machucada ou machucando alguém.

Quando parei em frente ao prédio simples respirei fundo e desci do carro, as pessoas me olhavam curiosas e abaixei minha cabeça orando para todos os santos que não me reconhecessem. Apesar de ter me vestido de forma casual, jeans e camiseta, meu carro chamava muita atenção.

Subi as escadas até o terceiro andar e, na porta certa, fechei os punhos e bati três vezes. Por um lado, queria que ele estivesse ali, mas por outro estava pedindo a Deus que não estivesse.

E quando abriu a porta, eu perdi completamente a direção de norte e sul.

— O que você está fazendo aqui? — Seus olhos quentes estavam cheios de raiva e desprezo, Rodrigo olhava para mim como se fosse um inseto que se atrevia a incomodar o seu caminho.

Aquela voz forte e rouca, que gemeu em meu ouvido palavras tão indecentes, agora eu só identificava desprezo nela.

— Queria falar com você, posso entrar?

Rodrigo estreitou os olhos e parecia prestes a dar com a porta na minha cara, tinha certeza de que pensou nisso, mas vi seu corpo cedendo, ele se afastou e assentiu.

Entrei naquele lugar aconchegante, que me proporcionou momentos deliciosos, e olhei em volta. Sem o desespero da fuga nem a luxúria da noite pude reparar que era tudo muito

simples, rústico e totalmente ele. Virei-me e o encarei de frente, detalhe para o fato de que vestia somente uma bermuda e pude ver aquele monumento todo em pelo, aquelas tatuagens, a barba ruiva e os olhos intensos.

— Então, o que traz a madame à minha humilde casa? — Sua voz estava carregada de desdém.

Perdi o fio da meada! Engoli em seco e arranhei a garganta, pude sentir o deboche em suas palavras e já que era como uma madame que ele me via, assim eu pareceria.

— Sei que me reconheceu lá na oficina ontem e que é até amigo do meu irmão!

Ele sorriu de lado e assentiu, cruzando os braços. Senhor da glória, faz isso não! Aquelas toras imensas me traziam tantas lembranças boas.

— Você tá bem diferente do que me lembro, mas eu te reconheci sim. Não teria como ser diferente, já que ficamos bem próximos, não é? — Mediu meu corpo de cima a baixo e lutei contra a vontade de recuar, não iria me sentir oprimida por ele, que era o que tentava fazer. — Diego é um amigo de pelada.

Pisquei duas vezes e confirmei, ele tinha um brilho no olhar que não poderia ser disfarçado. Ainda mais para mim que sabia indicar quando as pessoas fingiam.

— Pois bem, eu vim garantir que você não vai à imprensa para confirmar os boatos daquele vídeo.

Curta, grossa e totalmente esnobe! Droga, odiava ser desse jeito!

Silêncio total e nenhuma mudança na fisionomia no rosto daquele homem, sem contar na veia que pulsava em seu pescoço e nos olhos castanhos que brilhavam cheios de raiva.

— Você acha que eu conseguiria um bom dinheiro vendendo essa informação? Porque, pelo que sei, não é nenhum boato!

Ai, meu Deus! Será que o tiro havia saído pela culatra? Meu irmão garantiu que ele seria discreto. Talvez indo ali eu tenha dado ideia para ele, que poderia nem ter cogitado em ganhar algo em troca de cinco minutos de fama.

— Bem provável que você consiga sim, mas vai perder muito mais com os meus advogados na sua cola. Fora que os repórteres não vão te deixar em paz, é isso que quer atrair para sua vida?

— Hum, sei! E o que eles poderiam alegar? Não fui eu quem fez aquele vídeo ou o colocou na internet, só estaria confirmando uma notícia. E se me lembro bem, você aproveitou bem do nosso encontro. Talvez repórteres na minha cola possa dar mais visibilidade a minha oficina, o que não seria legal para a moça estar com um mecânico.

Ele se aproximava a cada palavra e percebi ter sido um erro enorme ter ido até ali. Mais uma vez meti os pés pelas mãos e tinha piorado a situação.

— Você não pode fazer isso!

— E por que não?

— Você destruiria minha carreira, tem muita coisa em jogo, por favor. Eu te pago um dinheiro pelo seu silêncio, por favor.

Então ele parou de andar e seus olhos flamejavam, ele estava enfurecido.

— E de quanto dinheiro estamos falando — olhou-me de cima a baixo cheio de desprezo —, madame?

— Quanto você quiser!

Rodrigo assentiu de cara feia e mordeu a boca parecendo um pouco nervoso e então sorriu, sarcástico.

— Não acredito nisso! Eu não sei quem você pensa que eu sou, não tenho ideia do tipo de

homem que andou se envolvendo, mas nunca me aproveitaria de uma situação assim. Quando a gente se conheceu, eu não tinha noção de quem era e nunca tive a intenção de alguma imagem minha ir parar nos noticiários, então pode guardar seu cheque, querida, que não preciso do seu dinheiro. — Andou até a porta novamente e a abriu. — Se não tiver mais nada a dizer pode saindo da minha casa!

Engoli em seco, porque senti o quanto ele tinha ficado magoado, porém eu estava desesperada. Com medo de que minha vida se tornasse um circo e ele poderia não saber, mas a dele também viraria um inferno. Conseguia ver nos jornais a legenda de que a bela havia domado a fera, porque era exatamente isso que Rodrigo parecia naquele momento.

Mesmo se estivesse tentada a levar aquilo adiante, experimentar algo diferente, viver a vida que eu conhecia, me divertir, não podia. Já tinha experimentado algo assim, tão intenso, e não foi nem um pouco legal. Na verdade, tudo se tornou um pesadelo.

Por isso, eu abaixei a cabeça e passei por ele, senti aquela ligação louca e sem sentido quando me aproximei e percebi que ele também, pois parecia nem um pouco à vontade.

Não me importava sobre o que as pessoas pensavam de mim, bem, me importava sim, mas fingia que não. Quando passei pela porta, parei e olhei-o nos olhos.

— Peço desculpas por qualquer inconveniente, não queria que nada disso tivesse acontecido. Se pudesse mudar alguma coisa, eu o faria.

Ele sorriu de novo, mas não da forma que havia feito uma outra vez, que parecia ser outra vida. Parecia amargo e muito magoado.

— Não há problema, dona. Eu sei lidar com gente como você que acha que pode comprar qualquer um com dinheiro, infelizmente já me ferrei com isso e não repetirei a dose. Pode ter certeza de que não chegarei perto da senhora novamente, passar bem.

E ele fez o que pensei assim que me viu, bateu a porta com força na minha cara. Senti como se tivesse levado um tapa com todas suas palavras cheias de raiva, apesar de merecer por ter sido idiota em lhe oferecer dinheiro, não podia evitar de ficar mal com tudo aquilo.

Mas as pessoas me julgavam sem nem mesmo me conhecer, e isso muito antes da fama. Depois de ter entrado para o mundo no qual vivia aprendi a me blindar de certas coisas.

Resolvi que esqueceria aquele bruto de uma figa e seguiria minha vida de cabeça erguida, por que o que mais eu poderia querer? Era uma mulher linda, rica, bem-sucedida, famosa, cheia de glamour e com homens maravilhosos aos meus pés.

Que garota pode dizer que alcançou isso aos vinte e cinco anos?

Capítulo 11

Se não faz sentido, discorde comigo
Não é nada demais, são águas passadas
Escolha uma estrada
E não olhe, não olhe pra trás
(Não olhe pra trás – Capital Inicial)

Rodrigo Silva

Quem ela pensava que era me oferecendo dinheiro? Se achava melhor do que eu? Se arrependia de ter passado a noite com um pobretão, um mecânico bruto sem muito estudo?

Claro que sim, ou ela não teria se deslocado lá da zona sul só para garantir que eu não fosse a imprensa confirmar os boatos de que a celebridade havia se sujado na sarjeta.

Porra, por que me sentia tão incomodado?! Não queria admitir, mas algo que sempre fui é muito sincero com o que queria e sentia, com as minhas opiniões e filosofias de vida. Por isso não pude negar que todo o tempo em que ela esteve na minha casa, eu só pensei em fazê-la parar de falar tanta merda e beijar sua boca carnuda e vermelha, deslizar minhas mãos por aquela pele de porcelana, massagear os seios túrgidos que mais pareciam como uma obra de arte, enlouquecer com os gemidos baixos que ela soltava sem querer enquanto eu me enterrava em seu corpo.

— Foda-se!

Nada que eu fizesse naquele momento adiantaria em diminuir o desejo que sentia. Fui até à janela da sala e a vi saindo do prédio. Tinha a cabeça baixa e não olhava para os lados, parecia

com medo, provavelmente de ser reconhecida. Então ela foi embora me deixando com o corpo tenso de vontade e o coração cheio de raiva por minha fraqueza. Ela não era para mim e nem eu para ela.

Éramos opostos, dois polos sociais que não se misturavam. Com raiva bati no batente da janela, me segurando para não sair chutando meus móveis e quebrando tudo que visse pela frente.

Passei o resto da tarde de domingo em casa, pensando demais e ficando ainda mais puto comigo mesmo, porque, por mais que tentasse, não conseguia parar de pensar nela. O que me fez voltar naquela noite...

Depois de mandar a mensagem para a amiga entramos em meu carro e nunca dirigi tão rápido na minha vida. O bar não era longe da minha casa, mas acreditei que fiz o caminho em tempo recorde. Leni se manteve em silêncio, apenas me olhando de vez em quando e dando uns sorrisos maliciosos.

Assim que entramos em meu apartamento me dei conta de que não pretendia levar ninguém para casa naquela noite, por isso estava tudo uma verdadeira zona.

Olhei para ela envergonhado e sorri recolhendo as coisas espalhadas pela sala.

— Sinto muito por isso, não esperava visitas.

Ela balançou a cabeça e deu uma volta completa olhando o lugar.

— Não tem problema, tenho dois irmãos e eles simplesmente não conseguem ficar sem fazer bagunça. Seu apê é lindo!

Percebi que não adiantava o desespero, não conseguiria arrumar aquilo e ao mesmo tempo passar momentos de qualidade com ela. Por isso joguei tudo no sofá, me aproximei enlaçando a cintura dela e tirei os cabelos loiros do caminho. Passei o nariz suavemente por seu pescoço sentindo o perfume doce.

— Linda aqui é você! Você quer conhecer o resto do meu cafofo?

Ela se virou em meus braços e olhou para mim com tanta intensidade, a mulher era linda, mas o que mais me chamou atenção nela foi o seu olhar, a forma como sua energia era viva. Tinha algo que não encaixava, que não combinava ali, mas com seu corpo colado ao meu nem mesmo me importei em pensar no que poderia ser.

Foram momentos que eu nunca tinha experimentado antes, nos encaixávamos perfeitamente, éramos tão compatíveis na cama que me deixei levar e quando percebi estava acordando em uma cama vazia e gelada com o corpo quente, coberto de lembranças.

Fui o primeiro a chegar à oficina, como sempre, e abri as portas já pronto para mais um dia de trabalho. O que seria bom, dando-se conta do humor que eu estava por ter ficado o domingo inteiro pensando naquela metida e me lembrando de como foi bom estar com ela.

Tinha que tomar vergonha na cara porque a mulher não queria nada comigo.

Sentei em minha cadeira no escritório e peguei o telefone, precisava falar com a minha mãe, pois ela havia me mandado mensagem pedindo para que retornasse. Desde que meu pai faleceu há um ano, mamãe havia se distanciado dizendo que precisava aprender a viver sozinha, ou então surtaria. Eu dava o espaço que ela precisava, mas não abria mão de vê-la toda semana e nosso trato, para que ela tivesse privacidade e liberdade, era que me diria o dia que eu poderia ir até lá.

No segundo toque, ela atendeu.

— Alô!

— Mãe? Tá tudo bem?

Era clara a preocupação em minha voz, pude ouvi-la rindo do outro lado da linha e dando

um suspiro longo.

— *Oi, filho! Tá tudo bem, sim. Só queria te ver, pode vir aqui em casa hoje?*

Apesar da voz calma, senti um pouco de tristeza e logo presumi que estava carente, se sentindo solitária. Devia estar sentindo falta do meu pai.

— Claro, mãe! Sabe que vou sempre que precisar, já falei para a senhora mudar aqui perto.

— *Não, eu preciso me virar sozinha! Então te espero com uma caçarola de macarrão.*

Sorri e encostei-me à cadeira giratória dando uma volta, feliz igual uma criança que ganhou um doce.

— Assim vou ficar mal-acostumado, não tenho isso todo dia!

Depois que me mudei para morar sozinho, acabei ficando relaxado. Cozinhava muito bem, mamãe me ensinou tudo que você precisa saber para se fazer um lar, mas a preguiça ganhava. Chegava cansado do trabalho e acabava comendo comidas congeladas, *fast-food* ou macarrão instantâneo.

— Porque é bobo! Te ensinei a cozinhar direitinho, o seu problema é a preguiça, né? Fica sozinho demais naquele apartamento, acaba se entediando... — Ficou em silêncio por alguns segundos e logo soltou a bomba. — E a moça daquele vídeo?

Oh, não! Até ela tinha visto aquilo? Isso não podia ser bom!

— Er... mãe, preciso ir, os meninos chegaram e precisamos acertar algumas coisas aqui. Te amo, estarei aí por volta das sete da noite, ok? Beijo!

Sim, eu desliguei no desespero e nem esperei ela se despedir, o que com certeza me custaria muita bronca. Mas não estava a fim de explicar para a mulher que me deu à luz quem era a mulher que eu estava agarrando no beco de um bar.

Eu estava de olhos arregalados quando Paulão chegou à porta do escritório e logo estacou,

parecendo assustado.

— Quem morreu?

Balancei a cabeça tentando colocar as ideias no lugar e me levantei passando por ele e indo em direção ao carro que eu tinha que terminar naquele dia, o que queria dizer trabalho intensivo.

— Ninguém morreu! Só minha mãe que tá carente e pediu para ir até lá hoje à noite.

— Hum...

Ele me seguiu e por aquele resmungo eu sabia o que ele estava querendo. Meu amigo não tinha pai nem mãe, foi criado pela tia e a avó, por isso minha mãe acabou adotando o bom gigante amigo como filho.

— Ela vai fazer macarrão?

Sorri e abri a porta para destravar o capô do carro. Quando voltei, ele parecia uma criança com os olhos brilhando ao ver pela primeira vez na vida um sorvete. Pensando bem, quando Paulão tomou sorvete a primeira vez foi exatamente aquela expressão que fez. Lembrava-me direitinho, tínhamos doze anos e havíamos ganhado um troco trabalhando em uma oficina de lanternagem e pintura.

— Vai!

— Oba, tô com saudade da dona Maria Helena!

— Você tá com saudade da comida dela!

Ele deu de ombros e pegou o lenço vermelho no bolso amarrando na cabeça. Sorriu e foi trabalhar em seu próprio carro.

— Também, mas quem está contando, certo? Sabe que sua mãe ama mais a mim do que a você, né? Sou mais fofo... e bonito!

Nem me dei ao trabalho de responder, Paulão falava sem parar mesmo, se eu o interrompesse não daria em nada para calar a matraca dele, então o deixei derramar a sua enxurrada de palavras matutinas. Meu amigo não era um cara comum, seus gostos e seu jeito tão fofo, como ele disse, era algo que muitas pessoas estranhavam. Minha mãe dizia que ele foi abençoado com a alma de uma mulher e as vantagens de ser homem. E isso lhe trouxe muitas coisas na vida, desde amigos sinceros e amores, até humilhações e decepções.

Mas eu gostava do sujeito, ele e Jorge eram meus parceiros de verdade, mesmo que muitas vezes tivesse vontade de socá-los.

O restante do pessoal chegou e o som pesado já enchia a oficina, clientes iam e viam e meu dia foi indo embora até que no final da tarde recebemos uma visita inesperada.

— Ei, vocês! Meu carburador estourou, podem me ajudar?

Todos nós levantamos a cabeça ao ouvir aquela voz aguda e feminina. Quando vi quem era, fechei meus olhos sabendo que não conseguiria chegar à casa de minha mãe com a paciência intacta como achei que seria.

Meu dia estava indo tão bem!

Era Priscila, a amiga da Mileni, sua presença provocaria lembranças e custaria muitas perguntas dos mexeriqueiros.

Paulão logo se empertigou e se aproximou cruzando os braços encarando nossa recém-chegada com os olhos estreitos.

— A senhorita não cuida bem do seu carro, não é mesmo?

Ela deu de ombros, mordeu os lábios e se aproximou do careca gigante.

— Mas de você posso cuidar!

Ele sorriu amplamente e ficou olhando para a boca dela. O clima estava ficando bem

intenso, não? Da outra vez que ela apareceu na oficina, eles tinham flertado um pouco, mas agora estava bem na cara a atração que sentiam um pelo outro. Eu a reconheci como a amiga da mulher que ficou comigo no bar, mas não quis perguntar nada, pois já havia saído na mídia quem era a minha mulher irresistível e fatal, eu só queria distância daquele mundo.

— Vou cobrar isso, viu, dona?

Ela sorriu de lado e estendeu a mão contornando a tatuagem do ombro de Paulão.

— Amigo, te pago com juros! — Piscou um olho, sedutora. — Mas em outro momento, agora eu realmente preciso de ajuda com meu carro. Minha amiga esteve aqui no sábado e disse ter sido muito bem atendida, o que confirmou minha impressão da outra vez, né? Por isso, será que podem me ajudar?

Paulão olhou para mim com os olhos brilhantes, eu não iria interferir e sinalizei para que ele a acompanhasse. Ainda mais sabendo de qual amiga ela estava falando, não iria dar munição para ninguém ainda mais que os panacas da oficina tinham me dado um descanso depois da confusão de domingo.

Depois da pergunta de Diego, eu surtei. Confesso que não foi bonito, mas pirei legal dizendo que eles precisavam ser mais maduros e não moleques idiotas querendo dar de cupido.

— Só vou pegar uma camisa e podemos ir.

Ela olhou para meu amigo e arqueou as sobrancelhas.

— Por mim pode ir desse jeito! — Paulo riu e foi para o lado do vestiário onde deixávamos algumas roupas e tinha um chuveiro. Vi pelo canto do olho que Priscila se aproximava e logo me preparei. Se ela soubesse da ida de Mileni ao meu apartamento poderia querer brigar pelo modo como tratei a amiga. — Eu achei que você fosse mais esperto, Rodrigo! Mas tá deixando a sorte escorrer pelos dedos.

Estranhei aquilo, não esperava isso e levantei a cabeça encarando-a.

— O que quer dizer com isso?

— Eu? Nada não! Só pensei que depois do que vi no vídeo, você não fosse se contentar com apenas uma noite, mas devo ter me enganado. Deve ser como todos os outros mesmo. — Ela olhou para Paulão, que vinha sorrindo para o nosso lado, e piscou para mim. — Nos vemos por aí!

Ela saiu com meu amigo e me deixou com uma dúvida enorme na cabeça, tudo que trabalhei para esquecer naquele dia estava de volta com força total. Droga!

O que aquela mulher tinha que grudou na minha vida como piche no asfalto?

Eu quase larguei Paulão e fui para minha mãe sozinho. Depois que o idiota saiu com a moça, não voltou mais, pensei até que tinha arrumado compromisso para o dia todo até que o babaca apareceu na oficina com um sorriso largo e assoviando igual passarinho. Jorge olhou para mim e empurrou a cabeça em direção ao nosso amigo.

— Se esse aí já não transou está com tudo encaminhado para transar.

— Por que você é assim?

— Como? Lindo e abençoado por Deus?

— Não! Tem que levar tudo pra esse lado? Não tem um filtro que pare essas besteiras de sair da sua boca?

Jorjão fez uma careta e deu de ombros como se não entendesse o que eu estava dizendo, ou não se importasse, que era o mais provável.

— Foda-se vocês, otários. Eu vou indo que tenho mais o que fazer, compromissos e umas mulheres à minha espera.

Revirei os olhos e o vi se levantando, limpando as mãos sujas de graxa no paninho que carregava no bolso, foi em direção ao nosso vestiário/banheiro e logo se foi com aquele sorriso besta no rosto.

Juro que se não fosse meu amigo teria muita vontade de bater nele, na verdade mesmo sendo meu amigo eu tinha essa vontade. Só que eram anos conhecendo o babaca e sabia que, apesar da pinta de malandro que não leva ninguém a sério, tinha um bom coração.

Paulão demorou a sair do banheiro e quando voltou estava como novo, banho tomado, bem-vestido... a careca até brilhava. Aquele sorriso satisfeito dele estava começando a me irritar. Talvez fosse culpa do meu péssimo humor, mas não me importava desde que não visse mais aquela felicidade desagradável que, pelo jeito, pegou em todos da oficina.

— Que cara de merda é essa?

O idiota olhou para mim, cruzou os braços e abriu ainda mais aquele sorriso.

— Não é porque você não gosta de sorrir que somos obrigados a congelar uma cara feia no rosto.

— Foda-se! Vamos logo que tô com fome!

Ele franziu o nariz e fungou o ar em minha direção quando parei ao seu lado.

— Não vai tomar banho?

Olhei minha calça e camisa sujas e neguei com a cabeça. Mamãe ainda tinha algumas coisas minhas em casa e tomar um banho lá seria melhor do que passar debaixo da água ali na oficina.

— Agora não, idiota. Você demorou um século embelezando essa careca que já estamos atrasados.

Ele deu de ombros e passou à minha frente indo em direção ao meu carro.

— Vamos lá! — Até aquela animação na voz estava me irritando.

Respirei fundo e o segui, dando partida logo para que acabasse a tortura e a comidinha da minha mãe acalmasse o meu humor.

Fui ingênuo de pensar que Paulo poderia ficar trinta minutos em silêncio, o filho da mãe falou pelos cotovelos durante todo o caminho. Nem com o som do rádio ligado, num volume alto, atrapalhou sua ladainha. Ficou contando o que fez a tarde inteira e como estava impressionado com Priscila, como ela era inteligente e engraçada. Achei que estava apaixonado já e pelo menos o assunto ficou nisso, ele nem mesmo tocou no nome de alguém que eu não queria saber e que me deixaria louco.

O que era muito bom, porque se minha mãe falasse alguma coisa sobre isso eu acho que acabaria em alguma clínica de reabilitação para me recuperar do surto psicótico.

Assim que entramos fomos recebidos pelo cheiro maravilhoso do molho à bolonhesa dela e muitos abraços, quer dizer em Paulão. Eu fui enviado direto para o chuveiro porque estava fedendo demais para encostar em alguém.

Depois de um banho que realmente precisava, peguei uma bermuda e camiseta no meu antigo quarto e me dirigi a sala, onde sabia que Paulão e dona Maria Helena estavam conversando.

Parecia estar vivendo um pesadelo ao ver na tela da televisão nova da minha mãe, a imagem de Mileni vestida como uma adolescente no que parecia ser um filme daqueles que Paulão era fissurado.

Minha mãe se virou e olhou para mim com os olhos brilhando e vidrados.

— Oh, meu filho! Que moça linda, você precisa largar de ser burro e ir atrás dela.

Virei para Paulo, que tentava segurar a risada, e prendi os lábios para não falar o monte de palavrão que estava na ponta da língua.

— Mãe, não é assim!

Ela estreitou os olhos e se levantou apoiando as mãos nos quadris.

— Como não, garoto? Não foi assim que seu pai te ensinou não, eu te disse pra não se aproveitar das filhas dos outros quando começou a criar cabelo no saco. Aquele vídeo que a sua tia me mostrou me diz que você estava com ela e não de um jeito amigável, ou não era você e eu tenho outro filho perdido no mundo?

Paulão riu baixinho e se inclinou olhando para mim com as sobrancelhas arqueadas.

— Na verdade, tia. Ele não foi muito legal com ela, conheci uma amiga da Leni que me disse que a moça estava bem chateada com o último encontro que teve com ele. Parece que Digão foi bem bruto.

Engoli em seco e vi que meu amigo, o filho da mãe, estava perdendo a batalha contra o riso que tentava segurar. Eu ainda mataria aquele careca metido a cupido.

— Rodrigo, o que é isso?! — Podia ouvir a bronca na voz baixa dela. Dona Maria Helena nunca levantava a voz, mas aquele tom de ameaça que usava quando estava brava fazia qualquer um ficar com a guarda levantada.

Eu poderia argumentar, explicar para ela que não era assim, que a mulher praticamente tinha pulado em mim naquele dia no beco, que éramos adultos e eu não tinha me aproveitado de ninguém. Porém, iria perder tempo. Minha mãe me via como uma criança arteira naquele momento e nada tiraria isso da cabeça dela.

— Ok, mãe! Eu vou procurar por ela e me desculpar por minhas atitudes.

— Bom, agora vamos comer que eu quero saber como andam meus meninos. Paulo, você precisa arrumar uma namorada logo, quem sabe vocês não se casam juntos? Seria lindo ver meus dois meninos casando e se encaminhando, não é, Diguinho?

E foi assim que me arrependi de ter convidado aquele pateta para jantar na casa da minha

mãe, o que era para ser uma noite tranquila se transformou em sonhos e alucinações comigo entrando numa igreja com a madame metida a besta.

Capítulo 12

Não vejo a hora de te reencontrar
E continuar aquela conversa
Que não terminamos ontem
Ficou pra hoje
(All Star – Nando Reis)

Mileni Pontes

Passei o dia todo no estúdio de gravação preparando os detalhes para o clipe que faríamos da música tema do novo filme que seria lançado. Estávamos animados e eu vinha tentando convencer Priscila a trabalhar com as coreografias desde sábado, mas a teimosa não dava o braço a torcer.

Resultado? Eu me encontrava exausta, não queria falar com ninguém muito menos ver qualquer alma viva. Meu sonho de consumo no momento era tomar uma bela chuveirada, colocar meu pijama de ursinho e comer pipoca deitada no sofá.

Mas claro que eu não conseguiria algo tão simples, não é? Assim que abri a porta de casa me deparei com Fátima sentada na mesa de jantar afundada em papéis e com o telefone grudado na orelha.

Que Deus me ajudasse a aguentar qualquer coisa que ela tinha em mente para a noite!

Quando me viu, desligou o celular, muito grosseira com quem quer que estivesse do outro lado da linha, e se levantou parecendo bem estressada. Nada de novo!

— Mileni, que bom que chegou. Temos que conversar.

— Não pode esperar, pelo menos, eu tomar um banho?

Ela negou veementemente com a cabeça e começou a pegar papéis de cima da mesa.

— Nem pensar, estou aqui desde uma da tarde tentando ver uma forma de dar certo e consertar a burrada que fizeram e preciso de você aqui. Afinal, é do seu interesse, não é? Ou quer perder dinheiro?

Suspirei pesarosa vendo os meus planos de paz saindo pela janela. Sabia que viriam problemas e reclamações e já preparei meu semblante de interesse, bem ensaiada, para fingir que estava prestando atenção.

— O que está acontecendo?

Fátima se sentou e pegou alguns papéis empilhando-os na minha frente.

— Seu irmão vai afundar a sua carreira, ele marcou duas apresentações beneficentes e um comercial sem cachê para uma instituição.

Sério que ela estava surtando por isso? Toda vez que eu fazia algum evento beneficente, que queria dizer sem retorno financeiro, ela dava uns *pitis*. Porém, eu estava em uma fase um pouco rebelde por esses tempos e não queria ter que explicar que a vida era minha, o dinheiro era meu e, principalmente, o tempo.

Tentei manter a calma para não ser grosseira com ela, apesar de muitas vezes merecer.

— Fátima, veja bem. Em primeiro lugar, eu autorizei ao Diego agendar os trabalhos beneficentes. Em segundo lugar, você sabe muito bem de onde eu e minha família somos e o quanto eu lutei para estar nessa posição. Se eu posso ajudar quem não tem condições, o farei sem nem mesmo piscar.

Como ela já estava querendo berrar, então levantei uma mão para interrompê-la:

— Deixa eu terminar! Não espero que entenda ou aceite, apenas respeite que eu farei sempre que puder eventos *pro bono*.

— Mileni, as coisas não estão boas. O mercado é muito competitivo e logo você vai entrar na casa dos trinta, as rugas aparecem.

Revirei os olhos e me levantei cansada daquela conversa. Já estava na hora de tomar um novo rumo na minha carreira.

— Com a idade vem a experiência e amadurecimento, Fati. Vou nessa que tô morrendo! Boa noite!

— Temos um contrato para analisar!

— Amanhã vemos isso, se for ficar para dormir sabe qual quarto é o seu!

Arrastei-me para fora da sala indo em direção aos quartos e a deixei plantada lá, senti o olhar mortal da Fátima por todo o caminho.

Meu irmão estava trabalhando comigo há três anos, desde que se formou na faculdade. A partir de então comecei a pensar na possibilidade de ele tomar a frente de toda a minha carreira, isso queria dizer demitir a Fátima, o que me traria coisas chatas e dolorosas.

Precisava pensar mais sobre o assunto e tomar uma decisão, não dava mais para viver da forma que fazia há tanto tempo por me sentir de alguma forma responsável pelo que ela teve que passar.

Finalmente consegui o que queria, mas ao invés de sair do quarto para fazer uma pipoca — porque poderia acabar dando de cara com Fátima e teria que me esquivar de novo, o que duas vezes no dia seria um milagre —, me contentei com algumas barras de cereal que tinha na gaveta da escrivaninha. Peguei meu celular e resolvi mandar mensagem para Priscila, que estava on-line.

Aquela mulher era viciada, se não estivesse dando aula era certo estar conectada nas redes

sociais.

Mileni: Acabei de ter uma DR com a Chátima. Eu queria só descansar. É pedir muito?

Apareceu os três pontinhos indicando que ela estava digitando e recostei-me melhor para poder ficar confortável e conversar com minha amiga.

Priscila: *Sim, para essa mulher maluca é. Você tem que se livrar desse fardo, Leni!*

Mileni: Você sabe que não é tão simples!

Priscila: *Você precisa deixar esse passado lá atrás. Você era muito nova e deslumbrada quando aconteceu. Não tinha como saber o que iria rolar.*

Respirei fundo e fechei os olhos, não era disso que eu queria conversar. Abri meus olhos e vi que ela mandou outra mensagem.

Priscila: *Vamos falar de outra coisa! Fui à oficina hoje de novo.*

Mileni: A oficina do *Big Mac*? :o

Priscila: *Sim, mulher! Ainda não me conformei de não saber daquele lugar antes, acho que virei cliente especial. Vi seu homem lá! :)*

A vontade de perguntar qualquer coisa sobre Rodrigo foi bem forte, ainda mais com ela falando daquele jeito. Estava pensando nele, mais do que o normal, desde o dia anterior que estive em sua casa e fiz uma grande besteira claramente ofendendo-o. Mas digitei apenas o que estava afirmando a mim mesma todo o tempo.

Mileni: Ele não é meu, Pri!

Priscila: *Então posso ficar com ele pra mim?*

Mileni: O quê?

Ai, meu coração!

Priscila: *Hahaha, te peguei! Tô brincando, sabe que não mexo nos bofes "dazamigas". O que eu quero tem menos cabelo.*

Mileni: Hummm, tá interessada no Paulão? Ele é legal!

Priscila: *Talvez, ainda não me decidi. Mas te conto SE e QUANDO rolar.*

Mileni: Tem que contar mesmo, senão te pego, sua cachorra! Obrigada pelo papo, Pri. Estava precisando distrair a cabeça.

Priscila: *Sem problemas, estou sempre por aqui! Vamos sair na sexta? Pronta para outra dose de escapadinha? O que acha de tomar uma água de coco na praia?*

Mileni: Sim, por favor! Combinamos depois. Vou dormir, amanhã tenho que gravar. Te amo, sua vadia!

Priscila: *Também te amo, diva metida a besta!*

Não sabia como me sentir, quando ela disse que iria investir nele senti meu coração se apertando, caindo. Sabe quando parece que desceu lá para o estômago e você sente o corpo todo gelar?

Estava o tempo todo dizendo que não queria nada com ele, que não tinha significado coisa alguma o nosso esbarrão de um mês atrás, mas só a ideia de vê-lo com outra pessoa, ainda mais minha melhor amiga, sentia coisas estranhas e não queria nem pensar no assunto.

O melhor para todos seria que o que aconteceu entre nós ficasse apenas naquela noite. Só me lamentava da proporção que tudo tomou, pois assim eu não o tinha mais somente para mim.

Assim que saí do estúdio de gravação imediatamente vi o carro de Priscila parado próximo a calçada, ela não podia ser vista em lugar algum, poderia ser qualquer outro carro. Pois ela tinha um popular, mas nenhum deles tinha um adesivo na traseira que dizia “Foda-se!”.

Encostei-me ao capô do carro e peguei meu celular da bolsa, estava cansada de uma maratona da gravação do clipe e ainda tínhamos uma semana para tentar acertar as coisas antes que a produtora e o diretor surtassem e pedissem nossas cabeças em uma bandeja.

Alguns dançarinos passavam por mim, me cumprimentavam, mas podia ver no rosto de cada um a mesma frustração que eu estava sentindo. O coreógrafo contratado não estava fazendo um trabalho legal e os passos beiravam ao ridículo, a teimosa da minha amiga seria perfeita para que aquele clipe ficasse incrível, mas a chata se recusava a trabalhar com qualquer coisa que envolvesse televisão e arriscar do rosto dela aparecer na mídia. Não sabia como ela ainda mantinha uma amizade comigo.

— Sinceramente? Não sei como você se mantém sã no meio desse monte de homem gostoso. Caramba! Parece que todos os caras bonitos no país viram atores? Uma voltinha que dei vi cada coisa que minha nossa...

Levantei os olhos do meu celular, onde eu digitava uma mensagem para a louca parada na minha frente, com a expressão mais engraçada do mundo. Ela realmente se impressionava com a aparência dos rapazes. Ficava imaginando o que ela faria em uma première no exterior.

Dei de ombros como se não fosse nada, e não era mesmo, não mais.

— Nem todos se tornam atores, alguns são modelos, cantores... E esse é um dos pré-requisitos para a profissão, beleza e charme são grandes atrativos para agentes e olheiros, se tiver os dois você tá feito!

Priscila revirou os olhos e mordeu os lábios quando um dos meus colegas passou por nós me cumprimentando com um aceno. Claro que ele secou minha amiga, ela era linda.

— Eu não me importo de ficar por aqui só observando, de verdade! — Ela suspirou teatralmente e sorriu ao se voltar para mim. — Vamos tomar água de coco?

Arqueei uma sobrancelha surpresa, achei que iríamos dali a alguns dias, mas, pelo jeito, sua necessidade de bater papo era urgente.

— Assim? Vão me reconhecer!

Ela deu de ombros e se recostou ao meu lado.

— Desde que eu não saia em nenhuma capa de revista estamos bem, então?

Pensei por alguns segundos os prós e contras, provavelmente a Fátima estaria me esperando em casa de novo e eu não queria ter que falar com ela sobre as minhas escolhas em fazer trabalhos para a caridade e toda a ladainha que ela adorava me encher. Ainda estávamos no meio da semana e não me livraria da mulher tão cedo.

— Vou mandar uma mensagem para o Estevão ir para casa, ele ficou com meu carro hoje para fazer algumas compras e ficou de me pegar. — Levantei os olhos para ela quando uma ideia me surgiu. — Posso dormir na sua casa hoje?

— Só se a gente for comer uma pizza no DeLano.

Respirei fundo, era muita exposição para um dia só, mas eu estava propensa a não me importar naquele dia em especial. Meu final de semana tinha sido uma loucura e minha

segunda não foi das melhores. Quem ligava se eu estava saindo da dieta em plena terça-feira.

Comecei a digitar a mensagem para Estevão que iria para a casa de Priscila e que ele me buscasse no estúdio no dia seguinte na saída, porque iria ficar sem carro.

— Vai ter que me trazer aqui amanhã.

Ela colocou o dedo na boca e mordeu a unha olhando um dos atores da novela que passou por nós e sorriu.

— Querida, pego o trabalho de Estevinho numa boa se for para ver essas paisagens todos os dias!

Como o estúdio ficava perto da praia, não levamos muito tempo para estarmos sentadas em cadeiras confortáveis, debaixo de um guarda-sol, admirando a praia e bebendo uma água de coco bem geladinha.

— Preciso de você, Pri!

Ela fez uma careta e revirou os olhos dando o suspiro dramático dela.

— Quê?

— O coreógrafo é um idiota, preciso do seu talento para esse clipe ficar perfeito, por favor?

— Mi, você sabe que não gosto desse meio. — Ela sorriu e deu de ombros. — Bem, de algumas coisas eu até gosto. Mas sério que vai me obrigar a isso?

Bebi mais um gole da minha água e coloquei o coco em cima da mesa. Eu não estava disfarçada, não exatamente. Usava óculos escuros e boné, nada garantido que não me reconheceriam, mas já era alguma coisa.

— Não vou te obrigar, Pri, mas você não vai aparecer em nada. Se não quiser, nem seu nome aparece nos créditos. Mas seria uma oportunidade incrível, tem noção de quantos contatos pode fazer com esse trabalho?

Ela tinha os olhos baixos e parecia triste.

— Você não entende...

— Então me conta, por que tem tanto pavor de sua foto aparecer em algum lugar? Não deveria sair comigo, sabia? É um risco.

Priscila parecia estranha, nada como a louca que sempre me colocava para cima, tinha os olhos longe e os pensamentos deveriam estar a quilômetros de distância.

— Não quero falar disso.

— Como sempre, então o que me diz?

— Podemos falar sobre isso depois? Prometo pensar!

Eu não sabia o que se passava com ela quando o assunto era esse, não tinha ideia do seu medo e receio. Só sabia que era real e nunca forçaria a fazer algo que não se sentia à vontade, mas aquilo realmente era uma oportunidade maravilhosa. Ela teria mais visibilidade no mundo da dança, talvez conseguisse bons contratos e o melhor: novos alunos, que sempre foi o seu objetivo ao se mudar para o Rio de Janeiro.

Claro que não passei por aquela tarde anonimamente, alguns fãs me reconheceram, foi gostoso atender a eles, tirar fotos e dar autógrafos. Interagir com quem realmente gostava do que eu fazia era muito bom, não tinha preço ao ver a emoção e alegria deles. Adorava conversar e responder as dúvidas deles, achava engraçado a forma como pensavam de mim. Como uma pessoa inalcançável e era muito ver como se preocupavam quando viam alguma notícia ruim.

Teve até quem comentou sobre o tal vídeo do beco, se eu estava apaixonada e tal. Não disse muita coisa sobre o assunto, que ficou no ar, mas percebi que a curiosidade era do bem. Noventa e nove por cento dos fãs que vinham falar comigo queriam o meu bem e realmente admiravam o que eu fazia. Era maravilhoso e se precisasse eu ficaria a tarde toda ali, atendendo a todos que aparecessem.

O problema era quando chamava atenção da mídia, virava um circo e eu não conseguia nem dar atenção a quem merecia. Enchiam-me de perguntas sem sentido, não respeitavam o meu direito de não dizer nada sobre alguma coisa e eu não podia dar um passo que era fotografada, aí já era. Praticamente me interrogavam, julgavam e condenavam. Queriam saber se eu tinha engordado, que dieta eu estava fazendo, de que marca era a minha roupa, com quem eu estava saindo, se iria comprar o novo lançamento de um estilista famoso...

Algo que eu observei, em inúmeras vezes, não acontecer com os homens do meio, poucas perguntas direcionada a mim e algumas colegas mulheres eram sobre o trabalho. Mas aos rapazes eram dados o prazer de falar sobre seu novo projeto, ou até opiniões importantes. A nós, ficava apenas a ilusão de que éramos respeitadas como profissionais e não pintadas como objetos.

Pois é, amigos! O machismo existia sim no meio cinematográfico e na mídia.

Enfim chegamos ao apartamento da Pri, eu me deitei no sofá e fechei os olhos. Já era mais de sete da noite e eu queria dormir, talvez se fingisse que estava fazendo isso ela me deixaria em paz.

Mas me enganei, Priscila passou por mim, jogou algo na minha cabeça e entrou no banheiro falando:

— Nem pensar, Leni! Tô com fome e você me prometeu uma pizza!

Eu só queria dormir... Mas até que uma pizza iria bem. Levantei-me pronta para mais uma rodada de Mileni Pontes sai da linha. Tinha certeza de que não escaparia de ter alguma nova nota no jornal.

Capítulo 13

Outra vez, eu tive que fugir
Eu tive que correr, pra não me entregar
Às loucuras que me levam até você
Me fazem esquecer que eu não posso chorar
(De Janeiro a Janeiro –
Roberta Campos part. Nando Reis)

Rodrigo Silva

— Cara, eu não quero ir!

Paulão olhava para mim como se tivesse nascido um chifre no meio da minha testa. Nunca recusava comida, ainda mais que ele iria pagar. Porém, eu não estava me sentindo bem, minha cabeça estava a mil e meu humor estava pior do que o habitual.

— Tem comida na sua casa?

— Não! — A não ser as sobras que estavam na geladeira desde a semana passada.

— Então vamos comer uma pizza, depois você se enfia dentro daquele apartamento igual a um velho eremita e fica vendo os pornô, que sei que gosta.

— Idiota! Quem vê pornô é o Jorjão.

— Vejo mesmo e ainda bato uma... — O panaca sorriu amplamente e girou a chave de roda entre os dedos dando de ombros.

Paulão sorriu e olhou para o nosso amigo, que não tinha filtro algum.

— Maluco, não seja tão chato. É só uma pizza e cerveja. Melhor do que o que tem na sua geladeira, tenho certeza. — O cara devia ler pensamentos.

Pensando pelo lado de que se eu não aceitasse comer uma pizza teria para mim em casa um macarrão instantâneo e salsichas, dormidas ainda por cima. Então, inteligente como sempre fui, acabei cedendo e no momento me via sentado no DeLano com Paulo de um lado e Jorge do outro, três marmanjos famintos.

Tínhamos pedido duas supermaracanã, porque três caras grandes e famintos comiam demais, por isso ela precisava ser o dobro do tamanho convencional. Os dois estavam tranquilos, haviam parado de pegar no meu pé e tinham se entretido com uma conversa meio sem nexo, o que era estranho. Desde que minha vida tinha virado do avesso por causa da Mileni, eles não tinham me deixado em paz um dia sequer, pelo menos alguém tinha que comentar algo, ou vir me mostrar notas de jornal, fotos e toda a merda que vinha junto. Simplesmente não me deixavam esquecer que eu havia estado com uma “famosona”, como dizia Jorjão. O que, mesmo se quisesse, que não era o caso, não conseguiria deixar de lembrar dela.

Por isso, meu humor não tinha melhorado em nada, ainda pensava naquela mulher abusada que teve a coragem de ir até minha casa ditando ordens e me oferecendo dinheiro. Cada vez que me lembrava tinha uma vontade sufocante de beijar a boca dela. Puta que pariu, de onde vinha isso? Eu deveria estar querendo é distância de toda a bagagem que vinha junto com Mileni Pontes isso sim ao invés de ficar desejando a mulher.

— Você vai ter que me levar em casa! — falei assim, de repente, porque precisava distrair minha cabeça de pensamentos pecaminosos.

Ele arqueou as sobrancelhas e cruzou os braços chamando o garçom com um aceno.

— Tudo bem, o fusquinha tá como novo.

Jorge riu e se recostou, ficando mais à vontade. O que queria dizer largado mesmo.

— Vixi, vai ficar no meio do caminho e ainda terá que empurrar lata velha. — Riu quando Paulão fez cara feia. O careca não gostava quando falávamos do carro dele.

— Você tá muito enganado, meu bebê é um clássico e disso você não entende. É um burro!

— Pelo menos, eu não fico empurrando lata velha pelas ruas. Eita! — Jorjão se inclinou como se fosse contar um segredo. Eu logo me preparei, o babaca era um pé no saco. — Digão, não olhe agora, mas a sua famosona acabou de entrar aqui com aquela amiga gostosa dela.

O quê? Como assim? Virei-me com cuidado, para não parecer um louco desesperado por vê-la, e realmente Mileni estava sentada a quatro mesas atrás da nossa. Ela estava vestida de forma simples, usava um chapéu e mantinha o rosto baixo como se estivesse se escondendo.

Onde eu imaginaria que a atriz de Hollywood estaria na pizzaria DeLano.

— Porra! — Virei-me bem rápido e puxei minha cadeira de uma forma que ficasse mais de costas ainda para onde ela estava. Com sorte, não notaria minha presença ali e sairia ileso.

Isso, se eu não tivesse dois amigos que mais pareciam duas fofoqueiras.

— Você prometeu pra sua mãe que ia pedir desculpas — Paulão falou com aquela cara de idiota que gostava de usar quando queria me dar uma bronca.

— Ela não está aqui!

— Como assim? Quando vocês viram dona Maria Helena? — Jorjão virou-se para nós e nos olhou como se tivéssemos enfiado uma faca no peito dele.

— Ontem nós jantamos lá — Paulão respondeu sorrindo sabendo que iria irritar nosso amigo.

— Porra e não me convidaram? Eu amo o rango dela. Dois amigos da onça, deixa vocês, estão na minha lista.

Nem estava prestando atenção naquela briga sem sentido por causa da comida da minha

mãe, só conseguia pensar em ter que ir até à mesa da madame e me desculpar por algo que nem queria.

— Eu não vou lá!

Paulão estreitou os olhos e pegou o celular de cima da mesa, desbloqueando.

— Vai sim, senão eu vou ligar para a dona Maria Helena e vai ter que explicar por telefone porque não foi o menino que ela criou. Sabe que ela pode te constranger até mesmo pelo telefone.

Filho da puta!

— Você me paga!

Ele deu de ombros e sorriu agradecendo ao garçom quando trouxe as nossas bebidas.

— Se eu fosse você, ia lá antes da pizza chegar, Jorjão tá com raiva e quando ele fica assim come mais do que o normal.

— Verdade! — O esfomeado e mal-humorado respondeu sem que lhe perguntassem qualquer coisa, mas sorriu ao ver a minha cara.

— Vocês dois me pagam! Eu só vou lá porque sei o quanto são babacas e ligariam mesmo para a minha mãe, não quero ter que ficar me explicando para ela essa hora da noite e ainda mais com fome. Não comam até eu voltar.

— Sim, senhor! — disseram em uníssono.

Otários!

Levantei-me muito sem vontade e, provavelmente, dava para ver em meu rosto a expressão de aborrecimento por ser obrigado a ir falar com uma mulher que claramente me desprezava, porque senão os idiotas iriam ligar para a minha mãe.

Pelo amor de Deus, eu tinha vinte e sete anos nas costas, não tinha que ficar obedecendo a minha mãe não.

Bem, então por que estava indo pedir desculpas por algo que nem mesmo provoquei?

Eu sabia da resposta, mas não iria admitir nem para mim mesmo. Fui me arrastando até parar ao lado da mesa das duas, Mileni permaneceu de cabeça baixa olhando o cardápio sem perceber a minha presença, enquanto que a amiga dela, Priscila, levantou o olhar e sorriu amplamente. Perguntei-me se ela era parente do Jorjão, porque parecia tão irritante quanto ele naquele momento. Cutucou a amiga com o braço, que levantou a cabeça e me encarou. Seus olhos impressionantes estavam encobertos pela aba do chapéu esquisito, mas ainda assim eu podia ver a intensidade que encontrei quando nos conhecemos, o problema era esse. Eu enxergava nela a mulher quente que esteve comigo e não a riquinha, a diva que achava que podia comprar qualquer um. Por isso, não conseguia tirá-la da cabeça.

Arranhei a garganta e respirei fundo.

— Posso me sentar?

Mileni olhou para a amiga, como se pedisse ajuda, ou sei lá o que se passa na cabeça das mulheres quando ficam se entreolhando desse jeito. Eu acreditava em telepatia. Priscila estreitou os olhos e assentiu.

— Senta aí, *Big Mac*.

Ela disse o meu apelido com ênfase, como se assim lembrasse a mim e a Mileni sobre o que aconteceu conosco. O que resultou na amiga dela de bochechas vermelhas e olhos arregalados.

— O que você quer?

Pela primeira vez, a voz dela estava em tom calmo, as vezes que nos encontramos ou ela estava dando uma de esnobe, gritando e fazendo a voz afetada, ou estava totalmente sedutora, falando roucamente em meu ouvido o quanto queria que eu me afundasse em seu corpo.

Porra, não dava para ficar perto daquela mulher sem pensar em como ela ficava bem em meus braços.

— Eu vim pedir desculpas pelo modo como te tratei no dia que foi na minha casa.

Coisas aconteceram em câmera lenta, era como um acidente de trem inevitável de acontecer. Mileni olhou para a Priscila, que piscou duas vezes sem entender, olhou para mim de boca aberta e então, de alguma forma, ela derrubou o copo de água que tinha em cima da mesa, e eu não tive reflexo. Apenas vi o líquido escorrendo pela mesa e molhando-me todo. Sim, a água derramou no meu colo e escorreu, me dando um banho em minhas partes.

— Puta que pariu! — foi automático xingar alto e me levantar de supetão.

— Nossa! Me desculpa, Rodrigo!

Ela se levantou enquanto Priscila ria da nossa cara.

Logo fomos cercados de garçons que secavam a enxurrada e Mileni tentavam me secar também, com um guardanapo ela apalpava minhas pernas e então olhou para mim, percebendo o que estava fazendo. Se afastou rapidamente e eu tive que me controlar para não beijá-la, aquela mulher ficava linda corada, sabia disso porque já a tinha visto dessa forma em outra ocasião.

Esperei que os garçons se afastassem e levantei os olhos e Mileni parecia chocada com o que tinha feito e, então, eu sorri amplamente percebendo o quanto a cena toda foi cômica.

— Deus, que banho, hein! Se sua intenção era me dar um banho, conseguiu... Se não queria me desculpar por ser grosseiro era só falar, mulher! Tá calor, mas nem tanto.

Ela gargalhou alto, balançando a cabeça e se aproximou de mim, sem se preocupar com nada colocou a mão em meu ombro.

— Tudo bem, Rodrigo. Acho que depois desse banho, eu que tenho que me desculpar.

Olhou para mim com os olhos brilhantes.

— Eu que fui à sua casa com uma ideia totalmente equivocada, praticamente te acusei de coisas ruins e você só se defendeu. Não tem que se desculpar, tá tudo bem mesmo!

Engoli em seco, porque eu não estava ouvindo quase nada do que ela dizia, apenas via sua boca se mexendo, os olhos intensos grudados nos meus e só pensava em puxá-la pelo pescoço, beijar a sua boca e sentir o que era ter aquele corpo junto do meu de novo, sem nada entre nós. Apenas pele com pele.

— Ok, então... — Minha voz estava rouca, então pigarreei tentando disfarçar o desejo. — A gente se vê!

Ela assentiu e se aproximou para me dar dois beijos, eu estava acostumado a me despedir das pessoas assim, coisa de carioca. Então não achei grande coisa, era até uma oferta de paz. Nossas faces se encostaram, não resisti e virei um pouco o rosto e apertei um pouco a boca na pele dela, afastei-me olhando em seus olhos e vi quando Mileni se retraiu e eu entendi.

Pensei ter feito algo errado e foi que notei um tumulto na entrada da pizzaria, com seguranças e garçons afastando um cara, que era um repórter com uma máquina fotográfica na mão. Olhei para ela, que parecia bem chateada, me senti inadequado mais uma vez, algo que odiava.

— Sinto muito por isso.

Ela abriu a boca para responder, mas não teve a oportunidade porque o dono do restaurante se aproximava de nós, saindo da confusão que havia se instalado lá na frente.

— Nossa, sinto muito por isso, Mileni, não percebemos que tinha esse *stronzo*[2] aqui. Deveria ter prestado mais atenção quando Priscila avisou que viriam. Mil desculpas mesmo!

Ela sorriu e se sentou ao lado da amiga novamente.

— Sem problemas, Antony[3], eu já estou acostumada com essas coisas. Eu que deveria me

desculpar por causar tumulto, ainda molhei o Rodrigo e não pude fazer nada quanto a isso.

Olhou para mim de uma forma tão intensa, que percebi que coisas não tão ortodoxas passavam por sua cabeça. Engoli em seco e olhei para Antony.

— Não sabia que tinha voltado da Itália. Quando chegou?

— Ontem à noite! Faz tempo que não nos vemos, Digão. Veio com os amigos, hã? — Inclinou-se e cumprimentou Jorge e Paulo com um aceno. — Vocês ainda jogam aos domingos?

— Sim, topa uma bolinha essa semana?

— Vou acabar com vocês, sabe disso.

Dei de ombros e sorri, Antony era um bom amigo. Italiano de sangue quente, que sempre arrumava confusão no campo. Bati no ombro dele, forte, não iria deixar o nosso último jogo para trás. Tinha uma trombada para devolver.

— Sei sim, cara. Nos vemos lá então. — Virei-me para Mileni, que olhava para mim. — Vou me sentar, pelo que vi minha pizza já chegou e se não for logo fico sem jantar.

— Por que não come com a gente?

Priscila recebeu um olhar matador da amiga e eu ri.

— Chega de acidentes e fotos por hoje. Vejo vocês por aí! Antony! — Acenei para todos.

Saí logo dali antes que fizesse algo que, com certeza, me arrependeria. Quando me sentei de novo, Paulo e Jorge estavam de boca cheia, o que era bom; dei um gole na minha cerveja, que estava mais quente e comi um pedaço da pizza.

— Porra, cara, sei que sou gostoso, mas não precisava se molhar todo, né?

Olhei para Jorge, que havia parado de mastigar para soltar uma de suas merdas, enfiei mais

um pedaço de pizza na boca para não mandar ele para a puta que pariu. Paulão riu e olhou para mim.

— Tá pronto para mais uma notinha no jornal? Aquela foto ficou bem incriminadora. De onde aquele filho da puta saiu?

E, mais uma vez, estava de boca cheia para responder. Sabe quando dizem que o melhor é o silêncio porque deixa os idiotas sem graça? Foi aquele o caso. Os babacas voltaram a comer e falar entre si sobre futebol, carro e mulheres. Nessa ordem.

Fiquei quieto, sentindo o peso da presença dela às minhas costas, a cabeça cheia de pensamentos contraditórios, o coração cheio de coisa que não queria prestar atenção no momento e sabia que a minha convicção sobre ela ser quem eu pensei que fosse estava indo pelo ralo.

Aquilo não tinha como dar certo e sabia disso. Só tinha que convencer meu cérebro e outros lugares sobre isso. Achei que precisava de mais um banho para me acalmar.

Capítulo 14

Ter que ver você, assim, sempre tão linda
Contemplar o sol do teu olhar, perder você no ar
Na certeza de um amor
Me achar um nada
(Anna Julia – Los Hermanos)

Mileni Pontes

Ser desastrada era o meu maior lema da vida, só podia ser. Quando vi que tinha molhado o homem todinho de água não pude acreditar, foi automático me levantar e tentar minimizar o estrago que tinha feito.

Resultado: uma foto minha num site de fofocas com as mãos no "documento" do rapaz e depois outra que foi tirada em uma hora oportuna, porque um inocente — talvez nem tanto, porque meus pensamentos não estavam nada inocentes — beijo no rosto virou um quase beijo na boca. Segundo a nota do site: *"Mileni Pontes visita mais uma vez o subúrbio do Rio e tem affair interessante com um rapaz de classe mais baixa. Será que a diva está fazendo mais uma caridade ou se encantou pelos atributos do rapaz?"*.

— Puta que pariu! Que merda essas pessoas têm na cabeça?

Poucas vezes eu xingava dessa forma, mas aquilo tinha sido demais. Eu percebi no momento que vi a câmera fotográfica que daria uma boa matéria, só não imaginava que iria fazer algo tão feio quanto aquilo.

E tão rápido!

Foi o tempo de sairmos da pizzaria, chegar ao apartamento da Priscila e logo procurei na internet dando de frente com uma coisa tão absurda.

Minha amiga, que estava no chuveiro, logo saiu do banheiro, pingando água pela casa toda.

— Que foi?

Virei o celular para ela, Pri se aproximou e passou os olhos pela matéria que estava aberta, se afastou e fez uma careta.

— Depois você fica perguntando por que eu não quero meu rosto estampado nessas coisas. O povo distorce tudo e faz algo simples se tornar um furacão. — Respirou fundo como se realmente conhecesse mais a fundo o que era estar nas garras da mídia sensacionalista. — Mas logo isso some, Mileni. Esse site não é o tipo que bomba.

Encostei-me no sofá e joguei o celular em cima da mesa de centro, olhei para ela de esguelha e fiz uma careta.

— Se você soubesse o quanto as pessoas gostam de notícias montadas e de espalhar boatos sem nem mesmo procurar saber a respeito.

— Mas você está preocupada de seu nome ser ligado ao Rodrigo de novo? Não me diga que está se tornando uma esnobe mesmo.

— Credo, Priscila! Nem parece que me conhece, né? Claro que não. Só não gostei do tom que usaram, com ele sendo de classe mais baixa, como se eu estivesse interessada nele só para usar o cara. Isso é sujo e nojento. — Olhei para a minha amiga, meu coração estava apertado porque eu tinha adorado o fato de que Rodrigo tinha ido falar comigo, se desculpar. Podia ver, pelo menos, uma convivência melhor acontecendo, senão uma amizade talvez.

Por mais que ele tenha sido grosso, o entendia, eu quem tinha começado. Me mostrado esnobe e totalmente o que as pessoas liam nos jornais. E por algum motivo sentia uma aproximação estranha com ele, talvez as lembranças de nossa noite estivessem frescas demais, ou bem no fundo eu ainda ansiava por algo mais, uma repetição do que aconteceu. Não

conseguia aceitar que ele ficasse com raiva de mim novamente.

— Acha que eu deva procurar por ele e explicar isso?

Pri sorriu carinhosamente e se sentou do meu lado, pegou minha mão e a apoiou em seu colo. Ela estava enrolada na toalha, com os cabelos pingando e mesmo assim não se preocupava com nada, apenas queria me ajudar.

— Você sabe o que aconteceu quando resolveu procurar por ele e se explicar, né?

— Sim, mas eu fui uma besta de oferecer dinheiro pra ele.

— Mas ele foi mais besta por ser um bruto contigo. Amiga, talvez o *Big Mac* nem veja isso. Não fica com essa merda na cabeça, ele estava lá e viu o que aconteceu.

— É, mas essas palavras são cruéis. — Respirei fundo e encostei a cabeça no ombro dela. — Eu ficaria melhor se você aceitasse fazer a coreografia do clipe.

Dois segundos se passaram, estes que pareceram uma eternidade. Priscila era irredutível quanto a isso, mas tinha certeza de que só ela podia salvar aquele projeto.

— Cachorra! Sabe exatamente o meu ponto fraco, né? Leni, eu só faço isso se prometer que meu nome nem imagem será divulgado. Consegue fazer isso?

Afastei-me dela, com um sorriso enorme de orelha a orelha e assenti freneticamente. Pri tinha os motivos dela, que não queria me contar e eu respeitava, assim como ela me respeitou até que eu quisesse me abrir sobre o meu passado. E por isso eu amava, apesar de qualquer coisa estava comigo para o que fosse.

— Juro, juradinho! Você vai ficar literalmente nos bastidores. Vai ser incrível!

Deitei de novo no ombro dela.

— Espero não me arrepender, sua filha da mãe!

A noite passou tranquila, no dia seguinte Priscila seguiu comigo para o ensaio e demitimos o coreógrafo arrogante que achava saber de tudo. Depois de alguns ajustes, contratos de confidencialidade, começamos a trabalhar com a equipe e eu tive a certeza da minha convicção de que ela seria perfeita para o trabalho.

Ela amava fazer aquilo e tudo que criou ficou perfeito, estava tudo caminhando muito bem para se tornar uma obra maravilhosa. O clipe seria incrível, assim como o filme merecia.

Saí de lá muito satisfeita e Priscila acabou amando trabalhar com os dançarinos profissionais, podia ver a alegria em seu rosto e animação. Nos separamos na hora de ir embora, encontrei com Estevão e enchi o coitado de novidades sobre tudo que aconteceu na noite anterior e hoje no ensaio. No meio do caminho recebi uma mensagem de Fátima me chamando para conversar em seu escritório. Tinha alguns papéis para assinar e outras coisas que precisávamos colocar em pauta.

Logo pedi para que Estevão mudasse o caminho e vinte minutos depois estava sentada na cadeira do escritório dela sem acreditar em tudo que ouvia.

A mulher simplesmente estava me ordenando que mudasse minha compostura, que deixasse amizades com esse tipo de gente, para evitar situações onde ela precisava gastar dinheiro para que eu saísse de circulação.

Toda a fala dela estava sendo tão ridícula, preconceituosa, que eu fiquei me perguntando por que demorei tanto tempo para ver quem aquela mulher era de verdade, por que me prendi a alguém tão mesquinha e fútil. Como fui deixar que ela pintasse uma imagem minha semelhante à dela e não disse nada? O que havia de errado comigo?

Levantei-me, olhei-a bem nos olhos e respirei fundo. O sorriso em seu rosto, acreditando que eu acataria tudo o que disse, me deu um ódio que estava difícil até de engolir.

— Nós precisamos rever tudo o que tivemos até aqui, Fátima, não posso trabalhar com alguém dessa forma. Acho que os papéis foram trocados e quem tem que dar a última palavra aqui sou eu e não alguém que trabalha para mim. Está muito enganada se vou deixar meus amigos por sua causa ou porque preciso manter a minha imagem limpa. Se não melhorar, ou se você achar que tem o direito de se meter assim comigo, precisaremos rever se podemos mesmo continuar trabalhando juntas.

Os olhos dela se arregalaram e sua reação aconteceu em câmera lenta, o olhar, antes soberbo, adquiriu um brilho de ódio que já havia visto algumas vezes na mulher que me acompanhava há anos.

— Você não pode fazer isso, não é nada sem mim.

— Bem, continue agindo dessa forma que verá. E não me chame para dizer essas coisas, somos profissionais como gosta de frisar. Não acredite que sou sua amiga porque não sou.

Virei-me pronta para ir embora quando a voz dela, pingando desprezo me fez parar.

— Mileni, você tirou tudo de mim, não tem o direito de tirar o meu trabalho.

Ela sabia que aquilo me machucaria, por isso usou contra mim. Naquele momento entendi o quanto minha família estava certa. Fátima usava o nosso passado para me manter presa. Com a mão na maçaneta voltei-me e a olhei com atenção, percebendo exatamente que tipo de pessoa ela era.

— Eu perdi muito também, Fátima. Mas não posso mais me culpar pelo que aconteceu, sinto muito.

Saí de lá ouvindo-a chamar por mim, mas fiz o impossível para não voltar atrás no que disse, tinha que ser firme e não deixar que me manipulasse mais daquela maneira.

O melhor era focar no trabalho, ainda era meio da semana e ainda havia um teste para gravar. Nada como me enfiar naquele projeto para esquecer o que não podia controlar.

— Você sabe que é a pessoa mais importante da minha vida!

Ah, como ele era bonito e perfeito! Sua boca vermelha era desenhada como se um artista plástico o tivesse feito e a forma que me olhava transmitia todo o amor que sempre me professou.

— Sim, Mariano, eu sei! Acho que fomos feitos um para o outro, porque minha vida sem você não vale nada. Eu te...

— Corta!

Pisquei duas vezes e meu parceiro de atuação desfez o sorriso perfeito, levantou-se sendo abordado logo em seguida por maquiadores que tentavam tirar o tal brilho de oleosidade de sua testa que ele tanto implicava. Fiquei olhando para aquela coisa bizarra e vi como os caras perfeitos eram empurrados goela abaixo de quem acreditava naquele tipo de sentimento "fabricado" e a sociedade tentava fazer uma lavagem cerebral para que nós procurássemos incansavelmente por um homem tão superficial.

Seres humanos não são perfeitos e nem deveriam ser. São nas imperfeições de cada um que encontramos o encaixe ideal.

Confesso que senti um pouquinho de enjoo de representar aquela personagem que nada se parecia com o que eu acreditava, além do fato de meu parceiro ser um grande idiota. Talvez se mudasse o cara e colocasse um homem mais real, rústico, ruivo, forte e cheios de tatuagens seria mais interessante.

Droga! Já estava eu pensando naquele bruto. Ele havia sido um ogro comigo quando o abordei há uma semana, não consegui reagir de imediato, fiquei com raiva de mim mesma e dele, claro, e ainda assim pensava nele o tempo todo.

— Mileni, posso falar com você um minuto?

Olhei para o diretor e sorri aproximando-me de onde ele estava sentado olhando o roteiro do filme. Eu fazia um teste para o papel principal, mas naquela altura não sabia se queria mesmo atuar naquele longa-metragem.

— Sim, Mauro!

Ele levantou um dedo para que eu esperasse e revirei os olhos, detestava quando fazia aquele sinal. Era tão arrogante e prepotente. Mauro Ribeiro era um dos diretores de cinema mais aclamados do mundo todo, mas também o mais ignorante, já havia trabalhado com ele em outros filmes e, apesar de ter sido uma obra de arte cinematográfica, foi difícil lidar com seu gênio.

Quando ele levantou os olhos entediados do roteiro e me encarou sabia que lá vinha crítica.

— O que está acontecendo? Depois que voltou de suas viagens não vejo mais o brilho em seus olhos ao encarar o seu par romântico. Fábio também reclamou! Assim, não sei bem se conseguiremos segurar esse papel para você.

Estreitei meus olhos e virei-me para o meu parceiro de cena, ele não se importava com nada a sua volta, nem com os paparicos das meninas ao redor dele e, decerto, estava fazendo intrigas para levantar seu ego depois de várias negativas minhas em sair com ele.

— Ah, ele disse, é? O Fábio é um pulha, Mauro. Não dá para me envolver com um ator tão sem sentimento como ele.

— Você ainda não se acostumou com isso, minha querida? É o show *business,* você não tem que se envolver, apenas fazer o trabalho que está ganhando para fazer.

Não falei que ele era ignorante?

— Agora, vá pra casa. Nosso próximo dia de gravação é na segunda-feira, quero você aqui, diva, assim como sempre é. Tudo bem? Faremos um novo teste para ver se o papel será seu mesmo!

Minha vontade era de dizer poucas e boas para aquele idiota. Sabe quando você fica engasgada e quer falar a real, desabafar tudo o que sente e tantas injustiças que vê, mas fica presa a uma porcaria de contrato? Uma simples folha de papel que coloca grilhões em seus pés sem que você possa se mover. É uma sensação sufocante que me matava a cada dia de gravação daquele teste idiota. Quem faz dias de filmagens, gasta dinheiro sem fim, só para escolher os protagonistas? A produtora do filme era muito chata e todo o conselho da empresa queria nos ver em algumas cenas, gravadas, para decidir se servíamos para o papel.

E falando sério, não sabia se me encaixava no perfil da personagem. Quando comecei naquele ramo fazia filmes eletrizantes, emocionantes, bonitos e que pediam muito do meu trabalho. Agora, percebi que poucos papéis oferecidos para mim eram assim, apareciam apenas personagens fracos, sem conteúdo, enaltecendo apenas a minha beleza.

Não foi para isso que decidi ser atriz!

Eu havia mudado sim, porque percebi que eu vivia uma novela mexicana não só por trás das telas, mas em minha vida real e já não aguentava mais aquilo. De um lado, a vida gritando para que eu a vivesse; do outro, meu passado encarnando em minha empresária me lembrando das minhas responsabilidades, achando que eu lhe devia alguma coisa. Algo que eu também acreditei por muito tempo.

Será que, afinal, me envolver com alguém, sair em alguns sites de fofocas seria tão ruim?

Não, o caso não era isso, mas sim com quem eu saía. Tinha certeza de que se começasse a namorar o pé no saco do Fábio Medeiros — *eca!* — seria perfeito para todos.

Meu celular tocou a caminho do camarim e o atendi sorrindo ao ver o nome na tela.

— Oi, Layla!

— Oi, Mi! Não estou te atrapalhando, não é? Você está gravando?

Podia ouvir o desespero na voz dela, eu a conheci depois de uma confusão no bar no qual ela me salvou quando alguém me reconheceu e quis brigar comigo por um papel que fiz, onde

a mulher era uma vilã e matava a mocinha do filme e foi no mesmo dia que conheci Priscila. Layla Bonatti[4] era uma mulher doce, sócia do bar onde também se apresentava como cantora, muito bem casada e tinha uma filha linda. Era uma das poucas pessoas que me conheciam, mesmo quando estava disfarçada e entendia a minha vontade de discrição e liberdade.

— Não, tudo bem! Já terminou por hoje e estou me aprontando para ir pra casa. O que você precisa?

Ela arranhou a garganta, parecendo um pouco incomodada, e sussurrou algo para alguém.

— Fico até sem graça de te pedir isso, porque sei o quanto você gosta de se manter discreta quando vem aqui, mas é por uma boa causa ou eu não pediria isso se não fosse.

— Eita, tá me assustando! Pode falar, mulher, o que está havendo?

— É que organizamos hoje à noite um show beneficente que vai ajudar uma ONG de crianças carentes, convidamos uns amigos para cantar e tocar, vai ter até apresentação de mágica para abrir as apresentações, mas são todos desconhecidos, por isso não chamou muita atenção. Então, pensamos se você não poderia dar uma palhinha?

Alguém falou algo com ela, que pediu para ficar quieto com um chiado. Sorri, já imaginando que pudesse ser Bruno, seu marido.

Como se eu fosse recusar um pedido assim! Só se fosse realmente tão esnobe como gostava que pensassem. Além de todos do bar serem muito legais comigo, era por uma linda causa.

— Claro, pode contar comigo! Mas será que em cima da hora você consegue espalhar a notícia para chamar mais gente? Se quiser, eu dou um jeito de falar com o meu pessoal de relações públicas.

— Com certeza, isso é moleza! Muito obrigada, Mileni! Sabia que podia contar contigo!

Abri a porta de meu camarim e me joguei na poltrona felpuda que eu carregava para cada set de gravação. Apesar de ser incômodo e nada prático gostava dela, me sentia em casa e

aconchegada de ter aquela coisa velha comigo ao final de um dia estressante, deitei a cabeça no encosto e fechei meus olhos.

— Imagina, minha linda! Eu que agradeço o convite, será um prazer me apresentar no *Beer*. Podemos dividir o palco um pouquinho?

Layla tinha muito talento e seria maravilhoso poder cantar com ela.

— *Oh, meu Deus! Sério?*

— Com certeza!

Podia ouvir a alegria na voz dela e sempre me surpreendia quando as pessoas reagiam dessa forma comigo, pois me sentia como alguém tão normal. Afinal, quem era eu na fila do pão?

— *Nossa, será uma honra! Te vejo à noite então. E, Mileni, nada de disfarce dessa vez. Quero você linda assim como eu a conheço.*

— Pode deixar!

Desliguei o telefone sorrindo, seria bom ser eu mesma naquele lugar que tanto gostava e me sentia bem.

Mandei mensagem para Priscila convidando-a para ir ao bar e já fiquei nervosa por antecipação. Apesar de ser uma cantora profissional, eu me apresentava poucas vezes em público. Essa parte do meu trabalho era mais explorada nos filmes que eu fazia, em estúdios de gravação, clipes e no chuveiro, o que me deixava um pouco frustrada porque a sensação de estar na frente de um palco, cantando para milhares de pessoas que juntavam suas vozes a minha era simplesmente maravilhoso e poucas vezes tive esse prazer.

Meu celular apitou e havia uma resposta da minha amiga.

Priscila: *Você sabe que estarei na primeira mesa para te ver brilhar, né? Tenho um orgulho danado de você, amiga! E, Mileni, nada de basiquinha, por favor. Quero você divando! Te*

vejo mais tarde!

Aquela noite seria memorável para mim, podia sentir e estava ansiosa por isso.

Mesmo sabendo que teria problemas, Fátima não gostaria nada daquilo, o que me acarretaria horas de sermões.

Mas, como mamãe disse, já era hora de soltar as amarras. Se ela não gostasse e se metesse aonde não era chamada seria mais um motivo para que eu desatasse os nós que nos prendiam, não devia ser bom para ninguém se ver presa dessa forma a alguém por pena, culpa ou qualquer coisa do tipo.

— Não precisava ter vindo me buscar, Alex! Poderíamos ter nos encontrado no *Beer*, depois vai ficar difícil para você ir embora.

Ele havia ido de táxi até minha casa e estávamos a caminho do bar com meu carro.

Meu amigo olhou para mim e fez um bico engraçado, que me fez rir. Alexander Becker era um ator alemão que havia contracenado comigo em vários filmes, os produtores diziam que tínhamos uma química inegável, o que fez com que trabalhássemos juntos por tantas vezes e nos tornássemos grandes amigos. Sempre que estava no Brasil me visitava, quando me ligou à tarde, depois do convite de Layla, aproveitei e pedi para que fosse ao *Beer* comigo, ajudaria a arrecadar ainda mais se ele estivesse no palco comigo. As pessoas especulavam se tivemos um envolvimento amoroso, o que daria um bom ibope para a causa.

E sim, além de gato, ele cantava também.

— Amor, não se preocupe com isso que pretendo me divertir essa noite, tenho certeza de que não terei problemas para voltar ao hotel. Priscila está por aí? — falou em português com aquele sotaque carregado delicioso e que deixava as meninas loucas.

Alexander e Priscila haviam se enroscado umas duas vezes que ele me visitou, mas não tinha certeza se ela queria repetir a dose, minha amiga era bem reservada e se envolver com um astro do cinema internacional não era sinônimo de anonimato.

— Cuidado que você pode se machucar, Priscila não tá querendo ter o rosto dela estampado nas capas de revista não. Ela não curte muito essa parte da nossa vida.

Ele piscou um olho e sorriu sabendo exatamente como usar seu charme alemão.

— Não terá, vou me certificar disso.

— Isso vai dar problema! — Ele sorriu e voltou-se para a janela olhando para fora.

Estava quase chegando ao bar, era a primeira vez que ia até ali com meu carro, vestida como eu mesma, com os meus cabelos e tudo o que completava Mileni Pontes.

— Agora me conta, que escândalo do sujeito no beco foi esse?

Arregalei os olhos e me virei para encará-lo, meu amigo sorria e estava com os olhos brilhantes de diversão.

— Como você sabe disso?

— Internet!

— Droga! Não se tem mais privacidade nessa vida.

— Sendo quem somos, não mesmo!

— Não é nada de mais, Alex. Eu saí com ele, tentei me disfarçar para que não reconhecessem, mas, pelo jeito, alguém me identificou e quis ganhar um dinheiro com isso, mas consegui abafar e fim de papo.

Ele levantou uma sobrancelha com a minha rispidez em falar sobre o assunto, não era

normal isso em mim e ele me conhecia bem, apesar de todo papel que representava para os outros.

— Nossa, tudo bem então. — Levantou as mãos na frente do peito e recostou-se no banco do carro. — Mas acho que tem mais caroço nesse angu, vi outras coisinhas em um site quando cheguei que são mais recentes. Você não daria esse mole duas vezes se o homem fosse um zero à esquerda e não estivesse interessada em repetir a dose.

— Onde você aprendeu a falar isso? — Ri da cara dele falando ditados populares brasileiros.

Alex deu de ombros e riu.

— Convivendo com você, eu acho. Adoro esses jargões daqui, quando falo lá em casa ninguém entende uma letra. É divertido!

Balancei a cabeça achando graça e imaginando ele falando os vários ditados que lhe ensinei em alemão e as pessoas não entendendo nada.

— Para que fique claro, nos encontramos sem querer outro dia e sabe como se aproveitam de qualquer coisa para montar história com a intenção de ganhar dinheiro e ibope com isso, né?

— Se você tá falando, eu acredito, amor!

Assenti agradecida e fiquei em silêncio até que parei no estacionamento do outro lado da rua, olhei para o bar, que estava lotado, e podia ver até os meninos que trabalhavam no *Beer* do lado de fora recebendo entradas que seriam cobradas e revertidas para a caridade.

— Então, meu amigo. Preparado para derreter corações?

— Só se você estiver! — Ele piscou.

— Vamos lá, então!

Desci do carro e ajeitei o meu vestido longo floral, bem simples e confortável. Não quis colocar salto alto, nem qualquer peça de marca famosa, apesar de estar ali a trabalho, não queria parecer tão estrela como fazia nas festas que costumava frequentar.

Afinal, o *Beer* era o lugar onde me sentia como eu mesma e não queria de forma alguma representar nenhum papel. Mesmo correndo o risco de me magoar, eu não iria dar uma de diva. *Estava de folga!*

Peguei o braço de Alex, que estava estendido para mim, e sorri atravessando a rua. Assim que entramos, as pessoas nos notavam e falavam sobre nós, mas não se aproximavam. As garotas estavam encantadas com a presença do meu amigo e eu sabia que, mesmo se Priscila não o quisesse, ele não iria sozinho para casa.

Avistei Layla perto do palco acertando alguns detalhes com o irmão, o marido e a cunhada. Já tinha visto todos eles se apresentando e sabia como eram supertalentosos.

Quando ela me viu, sorriu e aproximou-se me abraçando.

— Ah, que felicidade ter você aqui, Mileni!

Retribuí seu carinho sorrindo e me sentindo realmente acolhida, como sempre.

— Mas eu venho sempre aqui!

Ela se afastou e tinha alguma coisa naquela mulher que a tornava tão especial, seus olhos eram tão doces.

— Eu sei, mas é a primeira vez que te vejo tão linda. Não me leve a mal, os vestidos que você usa nos tapetes vermelhos são maravilhosos. Mas esse combinou com você de uma forma tão incrível, que parece uma aparição divina.

Assenti, sorrindo, um pouco sem graça, e me virei puxando Alex pelo braço.

— Deixa te apresentar meu amigo, Alexander Becker. Ele está no Brasil para um trabalho e

aproveitei para trazê-lo e fazer um dueto. Imaginei que chamaria mais atenção tê-lo aqui, e ele não ligou de ser usado. Não se importa, não é?

Ela tinha a boca aberta e olhava para nós como se não acreditasse que era real. Essa reação era comum quando se deparavam com aquele homem loiro, enorme e sensual. Layla sacudiu a cabeça e sorriu, derretida.

— Claro que não, muito prazer, Sr. Becker. Espero que aprecie o nosso bar.

Ele pegou a mão estendida de Layla e levou aos lábios para um beijo.

— Já estou encantado!

Oh, droga! Eu reconhecia aquele tom de voz. Aproximei-me dele e sussurrei:

— Ela é casada, seu idiota!

Acho que sussurrei alto demais.

— E muito bem casada, por sinal! — Bruno deu um passo à frente encarando meu amigo e ri.

— Uh! — Alex se afastou, rindo.

Logo soltou sua mão e ela percebeu, acabou sorrindo e olhou para o marido, que não escondia os ciúmes, apesar de que poderia ser uma confusão se não fossem todos civilizados, foi bom. Acabou quebrando o gelo. Layla já iria dizer alguma coisa quando seus olhos se arregalaram ao ver alguém se aproximando.

— Oh, deixa te apresentar alguém, Mileni. Esse é o meu amigo Rodrigo. Ele quem vai fazer o show de mágica. Não é incrível? Digão, essa é uma pessoa muito especial que aceitou nos ajudar!

Digão? Oh, Deus! E a vida nos colocava frente a frente de novo! Ou seria o destino?

Capítulo 15

Eu vou fazer de tudo que eu puder
Eu vou roubar essa mulher pra mim
Eu posso te ligar a qualquer hora
Mas eu nem sei seu nome!
(Proibida pra mim – Charlie Brown Jr.)

Rodrigo Silva

— Eu vou só porque prometi a Layla e ao Bruno. Não tenho boas lembranças daquele lugar!

Estávamos na caminhonete de Jorge a caminho do *Beer at the bar* para um evento de caridade, onde eu havia oferecido minhas habilidades de mágica, que aprendi com meu tio, como entretenimento para que chamasse mais pessoas e pudéssemos arrecadar um bom dinheiro para as crianças carentes.

Eu adorava frequentar o *Beer* e íamos lá sempre que podíamos, mas ultimamente vinha evitando o lugar.

Jorge e Paulo olhavam para mim, que estava sentado no banco traseiro, emburrado desde o momento que me pegaram em casa. Era uma noite de sexta-feira e eu estava num dia especialmente complicado, meu humor estava mais azedo do que de costume e não encontrei nenhum pote de paciência à venda. O que não era um bom sinal, principalmente se você tem como dois melhores amigos pessoas que gostam de provocar seu pior lado. Na verdade, eles sempre se divertiam à minha custa, o que era bem inconveniente.

— Não tem boas lembranças, Digão? Conta outra, cara! Temos um vídeo para te lembrar da sua última visita ao *Beer*, que foi bem proveitosa. — Paulo, que estava no assento do carona, virou-se me encarando com aquele sorriso idiota. Que vontade de dar um soco nele! — Confessa que você está com medo de encontrar com ela! Ainda mais depois do que aconteceu na pizzaria...

— Claro que não, tenho certeza de que a *madame* não voltará aqui depois de tudo que aconteceu, ela não vai se arriscar a ser reconhecida e ligada a um mecânico chinfrim como eu. Tu não viu aquela matéria, não? Sou de classe muito baixa para a senhorita se envolver.

A amargura em minha voz podia ser identificada até mesmo pela pessoa mais desligada do mundo, o que, claro, não passou despercebida por meus dois amigos enxeridos. Paulo ficou olhando para mim enquanto Jorge dirigia com um ouvido em nossa conversa e a atenção voltada para o tráfego.

— Mas, cara, essas notícias são assim mesmo. Não quer dizer que Mileni pense assim. — Paulão balançou a cabeça e tentei ignorar a parte racional do meu cérebro que dizia que o cara tinha razão. — E se houver a possibilidade de ela estar ali? E se ela estiver disfarçada novamente e já tiver encontrado outro maluco? Nós todos sabemos que ainda não a esqueceu, apesar de querer muito. O que vai fazer? Você não é reconhecido por ser muito... civilizado.

— Quem disse que não esqueci? E sou civilizado sim, tá?

Pude ver Jorge rindo pelo espelho retrovisor central do carro. Paulo fez uma careta e se debruçou ainda mais no banco para falar comigo.

— Cara, a Vitória esteve na oficina umas dez vezes essa semana e você dispensou a mulher. Nunca*, nunca* tinha acontecido isso desde que te conheço.

Dei de ombros, Vitória era uma amiga de anos, morava em outra cidade e sempre que estava no Rio me procurava para sairmos e, dessa vez, apesar de seus vários esforços, eu não consegui encontrar animação para ir. Apesar do sexo ser muito bom, algo estava errado. Culpei o estresse do trabalho, o que não colou muito para meus dois amigos.

Quando o carro parou numa rua ao lado do bar, eu olhei para Jorge e Paulo.

— Eu não estou entendendo esse esforço todo dos dois patetas para que eu admita qualquer coisa. Onde querem chegar com essa conversa?

Jorge deu de ombros e tirou o cinto de segurança virando-se para mim.

— É legal te irritar! — Riu e abriu a porta saindo da caminhonete.

— Você gosta dela e acho que vocês dariam certo — Paulo disse abrindo a porta e saindo também.

Juntei-me aos dois e olhei de um para o outro lembrando a mim mesmo que não podia socar a cara dos meus amigos ou minha mãe me colocaria de castigo. Assim como fez outras vezes em que acabamos levando as nossas implicâncias às vias de fato.

— Por que não deixam isso pra lá? Se quiserem tentar alguma coisa com ela, porque a acham tão irresistível, fiquem à vontade. Sabem que eu não me misturo com essa gente, não é para mim e nem mesmo ela quer isso. Já deixou bem claro quando esteve na minha casa semana passada e mesmo depois de terça na pizzaria percebi que não é pra ser!

Depois do nosso encontro na pizzaria DeLano recebi vários recados de amigos com a matéria que claramente apontava a mim como inadequado para ela, com comentários maldosos de que eu deveria ser até um gigolô que Mileni havia contratado para se divertir. Que uma mulher como ela nunca se rebaixaria tanto, ainda mais tendo vários homens do cinema aos seus pés. O que causou ainda mais nojo do meio que ela vivia, odiava me sentir fora de lugar e sim... eu a culpei por estar passando por aquilo, me dei conta de que não deveria me aproximar.

Já tinha me desculpado por minha falta de educação no outro dia e estava tudo bem, não precisava adicionar mais caldo para a confusão aumentar de tamanho.

Dei-lhes as costas e comecei a atravessar a rua pedindo para que os idiotas desistissem mesmo depois disso. Quem sabe, eles investissem nela agora que eu tinha dado o sinal verde.

Pensar nisso me deu um frio na barriga e uma vontade insuportável de bater em qualquer um que tentasse. *De. Onde. Vinha. Essa. Merda?*

— Então esteja preparado, porque recebi uma mensagem da Layla antes de sair dizendo que ela vem para se apresentar e sem disfarce. — Parei de andar e Paulão passou por mim, sorrindo de lado, sem me olhar. — Espero que esteja bem com o fato de um monte de maluco estar desejando a mesma mulher que você. Já que não quer nada com ela, né?

Os dois pareciam tão satisfeitos com a minha reação, podia ver na forma que riam enquanto entravam no bar. *Panacas!*

— É por uma boa causa, só ficar longe dela que vai ficar tudo bem! — disse tentando convencer a mim mesmo.

Respirei fundo e os segui, assim que entrei percebi que as coisas estavam indo bem para o evento. As mesas estavam todas ocupadas, o bar também. Muita gente gastando e contribuindo por um bem maior e não seria eu o idiota medroso que fugiria de uma coisa grandiosa por medo de meus próprios desejos.

Vi que os caras iam até o balcão do bar e os deixei lá, não queria me estressar mais do que já estava aguentando gracinhas. Fui passando pelas pessoas à procura de Bruno para me preparar, meu show seria o primeiro, o que abriria as apresentações e já estava quase na hora.

Encontrei-o ao lado de Layla e outro casal, percebi tarde demais de quem se tratava e quando me dei conta, estava sendo apresentado a Mileni e seu acompanhante galã.

— Nós já nos conhecemos, Layla! Encontrei-me com Rodrigo algumas vezes.

A anfitriã arregalou os olhos e pareceu entender ao que Mileni se referia, a voz dela estava rouca, diferente de algumas noites atrás, lembrava mais a mulher que esteve em meus braços do que qualquer outra coisa.

— Oh, é mesmo?

Eu assenti, mas não disse nada. Estava hipnotizado e ignorando os outros de propósito. Poderia até dar uma de louco e beijá-la ali mesmo, na frente de qualquer um. Porra, até minutos atrás queria só distância...

— Show de mágica? Isso é muito legal! — disse o cara, claramente estrangeiro.

Virei-me para ele, com um sorriso totalmente forçado, tinha feito de tudo para não reconhecer sua presença, mas claro que o babaca não permitiria, certo?

O homem que tinha um braço em volta da cintura dela olhava para mim com curiosidade genuína e eu só pensava em arrancar o braço dele dali. Não consegui dizer uma palavra e apenas admirava a beleza dela, que parecia tão doce e tão real, aqueles olhos sem a lente eram tão intensos, tão ela.

Layla franziu a testa, provavelmente estranhando o meu silêncio acompanhado de olhares mortais e se virou para o cara.

— Além de um mecânico e jogador de futebol incrível, Rodrigo faz alguns truques, não é?

Ignorando totalmente que eu estava em local público, de repente minha mente voou. Lambi os lábios e sorri pela primeira vez desde que cheguei, mas tive a impressão de que não foi algo amistoso e sim malicioso. Encarei Mileni, que também não conseguia deixar de me olhar.

— Com certeza, faço alguns *bons* truques!

O cara levantou uma sobrancelha e Mileni corou envergonhada abaixando os olhos, mas não conseguiu esconder o sorrisinho sacana de quem sabia do que eu me referia. Ah, ela tinha captado exatamente o que eu quis dizer!

Voltei de meu transe fora de hora ao levar um soco no braço, olhei para o lado e arregalei os olhos vendo Bruno parecendo irado.

— Que porra é essa, Digão?

Olhei para ele, que me encarava como se fosse me esganar, então percebi que a minha resposta havia soado em duplo sentido para todos eles. O que poderia ser interpretado por qualquer um livremente.

— Foi mal — eu disse sorrindo de forma que ele entendesse que não tinha sido para sua esposa a minha insinuação e voltei-me para o casal perfeito. — Prazer conhecê-lo, espero que apreciem o show! Se me dão licença...

Meus olhos se recusavam a desgrudarem-se dos de Mileni e ela parecia sofrer do mesmo problema. Eu tinha que me mexer, aquilo estava ficando ridículo. Voltei-me para Layla, que parecia chocada.

— Posso me aprontar?

Ela piscou duas vezes e assentiu, olhando de mim para sua convidada, tentando adivinhar o que se passava ali.

— Claro, Bruno vai te explicar tudo direitinho!

Assenti e segui um marido bravo e carrancudo até o escritório onde ela se aprontava nas noites dos shows. Eu sabia que estava com ciúmes, o conhecia bem, por isso ao entrarmos no escritório fui logo me explicando, antes de levar outro soco:

— Desculpa por aquilo, não foi minha intenção desrespeitar sua mulher.

Ele olhou para mim e sorriu, tipo sorrindo mesmo, achando graça da minha cara.

— Acha mesmo que eu não sei de nada, *Big Mac*? Minhas irmãs são viciadas nos filmes dessa mulher, sei do seu casinho nos fundos do bar e o encontro na DeLano. Eu estava te dando uma mão ali. Você não foi nem um pouco sutil, na verdade achei bonitinho. Só que fiquei com medo do cara engrossar, dizem que eles tiveram algo no passado.

Droga, mais um cupido e eu não iria aguentar!

— Não é nada disso!

— Conta outra, já fiquei com essa cara de cachorro perdido anos atrás. Não adianta negar o que está bem claro para todo mundo que vê vocês juntos.

— Eu não sabia quem era ela, naquela noite. Acabou, foi algo casual mesmo.

Ele assentiu e cruzou os braços.

— E na terça quando a viu na pizzaria e quase beijou a mulher, também não sabia de nada?

Revirei os olhos e suspirei pesadamente, não tinha muito o que dizer para me defender naquele momento.

— Ok, vai ficar quieto, é? Tudo bem, vou fingir que acredito nessas suas mentiras. As coisas que pediu para a apresentação estão aqui. — Estendeu-me uma caixa de papelão e foi saindo em direção à porta. — Só esteja preparado porque a noite vai ser longa, pelo que sei ela vai se apresentar também. Mas você não tá interessado, não é?

Merda! Estava ouvindo muito essa pergunta naquela noite.

Sinceramente, não sabia como me sentir, achei que mesmo se a visse de novo a minha reação seria diferente. Que sentiria raiva e nem mesmo quisesse ficar no mesmo lugar que ela. Não precisava ser o segredinho sujo de ninguém, por isso me surpreendi com o desejo que percorria meu corpo só de pensar que Mileni Pontes estava a poucos metros de mim.

Peguei as coisas dos truques de mágica e me preparei para a apresentação. Era por uma boa causa e assim fiquei repetindo até subir naquele palco e ver todas as pessoas viradas para mim.

Inconscientemente, eu a procurei pelo bar e a vi sentada em uma mesa no canto direito acompanhada de sua amiga Priscila e o estrangeiro colado, literalmente, nela. O ciúme me corroeu e fiz a maior força do mundo para continuar sendo coerente e não fazer algo que me arrependesse.

Aproximei-me do microfone e sorri da melhor forma que poderia.

— Boa noite, é um prazer estar aqui com vocês essa noite e uma honra abrir os shows. Estamos todos aqui em prol de uma causa linda e espero que apreciem alguns truques que tenho na manga.

Foi mais forte do que eu, olhei-a intensamente focado em seus olhos incríveis e pisquei um olho sedutoramente.

O que estava acontecendo comigo?

Capítulo 16

Depois você me vê vermelha e acha graça
Mas eu não ficaria bem na sua estante
Tô aproveitando cada segundo
Antes que isso aqui vire uma tragédia
(Na sua estante – Pitty)

Mileni Pontes

As coisas não poderiam piorar, conseguia ver na forma como Alex sorria e olhava para mim que ele sabia quem era o homem que nos foi apresentado. Falando nele, Rodrigo estava simplesmente irresistível com aquela camisa branca de mangas compridas enroladas até o cotovelo e o jeans surrado.

Olhando para ele naquele palco, sorrindo, fazendo gracejos e truques simples de mágica, adivinhações óbvias, cartas mágicas e aparições de objetos, percebia que tinha um talento nato para lidar com o público. Mesmo parecendo um pouco tímido, ele entretinha e divertia sua plateia, tinha a todos nas pontas dos dedos. Pude enxergar um cara diferente daquele que eu conheci naquele mesmo bar e também do mecânico bruto que só faltou me expulsar de sua oficina e se parecia mais com o homem que me procurou para se desculpar. Ele era uma completa contradição o que estava me deixando ainda mais atraída e curiosa.

Sem contar das vezes que me olhava de forma intensa como se assim estivesse lembrando-se de ter me visto nua, porque era como me sentia.

Minha mente estava uma loucura e não conseguia me recordar do motivo que eu não podia me envolver com ele, só pensava em uma maneira de arrastá-lo para o mesmo beco onde

fomos gravados e matar a saudade que me afligia.

— Tenho certeza de que está passando um monte de coisas sujas nessa sua cabecinha.

Virei-me um pouco assustada pela intromissão de Alex em meus devaneios maliciosos e acabei ficando um pouco constrangida por ter sido pega. Priscila, que havia chegado há alguns minutos, tentava segurar a risada ao me ver tão envergonhada. Arranhei a garganta tentando disfarçar e ganhar um tempo para formular uma desculpa que soasse como verdade.

— Não sei do que você tá falando! — É, não foi dessa vez que manipulei algo coerente que soasse como autêntico.

Ele sorriu daquela forma que fazia as meninas arrancarem as calcinhas. Seus olhos estavam com aquele brilho de divertimento e foi inevitável não sorrir sabendo que não poderia enganá-lo nem se quisesse. Alexander conseguia sentir o cheiro de mentiras de longe.

— Minha querida amiga, você está olhando para aquele brutamontes como se ele fosse um belo brigadeiro de colher.

Balancei a cabeça divertida com a comparação, depois de provar o nosso famoso doce, Alex havia se apaixonado. A partir daí fazia muitas comparações com o brigadeiro.

Olhei para Priscila em busca de ajuda, mas a amiga da onça estava faltando pegar uma pipoca para assistir a nossa conversa.

— Eu acho que você está imaginando coisas, estou só prestando atenção ao show. Foi para isso que viemos, não?

— Ok, Mileni. Continue mentindo assim, mas não dou até o fim da noite para você voltar para aquele beco do vídeo.

Arregalei os olhos e o encarei chocada por ele ter reconhecido Rodrigo. Se ele o fez, qualquer um poderia fazer, o que dava mais um motivo para que eu não me envolvesse com o homem, pois assim que alguém nos visse juntos poderiam associar ao vídeo e aquele pesadelo

voltaria, só que agora com o dobro da força.

— E agora vamos receber a nossa querida Mileni Pontes.

Layla me chamou do palco e eu nem percebi que já era minha vez.

— Vai brilhar!

Respirei fundo e mesmo com os sentimentos à flor da pele me levantei sorrindo para as pessoas que me cumprimentavam, ao chegar à escada do pequeno palco passei por Rodrigo, que me cumprimentou com um aceno e estendeu a mão para me ajudar a subir as escadas.

Aceitei a sua ajuda e subi os três degraus com os olhos colados nos dele, pude enxergar a mesma confusão que havia em mim; o desejo, a luta, a paixão... Engoli em seco e ao estar no centro do palco vi que havia se instalado ao lado do balcão e que me observava com os braços cruzados e lábios entreabertos.

Deus, ele parecia como um personagem saído dos filmes e livros. Aqueles caras fortes e muito sedutores, com uma beleza difícil de descrever, um olhar tão intenso que me senti nua.

— Obrigada pelo convite, Layla! É um prazer estar aqui e poder cantar um pouquinho com vocês, serão três apresentações e espero que uma delas seja com a nossa anfitriã. — Respirei fundo, de repente fiquei tímida e não sabia o que fazer com minhas mãos. Abaixei a cabeça e olhei para meus dedos me sentindo uma artista em seu primeiro recital. Quando, enfim, levantei os olhos dei de frente com Rodrigo. — Faz tempo que não canto ao vivo, então deem um desconto caso eu desafine. Tem uma música tão bonita que tem embalado meus dias: *Trem bala,* da Ana Vilela.

Olhei para o rapaz estendendo-me o violão e sorri agradecendo, me acomodei no banco enquanto ele ajeitava o microfone para que ficasse na minha altura. Quando ele desceu do palco, as luzes diminuíram, com o foco virado para mim. Quase não conseguia ver as pessoas e, de alguma forma, aquilo era bom, pois assim eu me sentia como se estivesse em minha casa, segura, sem julgamentos ou olhos críticos virados para o meu lado.

Os primeiros acordes daquela linda música fizeram minha pele se arrepiar, então eu comecei a cantarolar aquele poema em forma de canção. A letra tinha tanto sentimento, tantos significados gerais, mas ainda assim particulares para cada um.

Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós

Podia ouvir a emoção em cada letra que eu entoava e, apesar da luz em meu rosto, eu consegui me conectar naqueles olhos castanhos tão intensos.

A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim

Por tudo que vivi em minha vida, eu aprendi a valorizar cada pessoa que me amava, que confiava em mim e acreditava nas minhas escolhas, mesmo que, às vezes, elas me sufocassem.

Dedilhei as últimas notas e, quando acabou, as luzes se acenderam, as pessoas me aplaudiram de pé enquanto ainda podia sentir a emoção daquela música correndo em meu corpo.

Sorri abertamente de uma forma que há anos eu não o fazia. Quando silenciaram vi que Layla subia ao palco e a abracei em agradecimento àquele convite que se tornou tão especial. Não sabia que precisava de algo assim na minha vida naquele momento.

— Obrigada pela ajuda, Mileni! A casa lotou e tem um monte de gente esperando para entrar, sua apresentação foi muito especial.

Separamo-nos e eu a olhei emocionada.

— Não tem que agradecer, foi maravilhoso estar aqui. Espero que possamos nos apresentar juntas hoje.

Ela assentiu com vigor e sorriu.

— Com certeza, mas antes quero te ver com aquele bonitão aqui no palco. Pelo que sei, ele canta muito bem.

— Alex é maravilhoso!

— É mesmo. Que meu marido não me ouça. Agora vai lá descansar um pouco, tem mais duas apresentações e você volta pra cá.

— Sim, senhora!

Layla sorriu e me virei levantando meu vestido para descer as escadas. Todo o tempo que estive naquele palco eu o procurei, pensei nele e assim que desci, esquadrinhei todo o balcão do bar e não o achei. Não pude evitar de ficar decepcionada, mesmo sabendo que talvez tenha sido melhor.

Apesar da inegável atração sexual podia sentir certo distanciamento da parte dele, era como se estivesse se esforçando para se manter distante. O que não deveria ser nenhuma surpresa, principalmente depois do que eu fiz indo até a sua casa e oferecendo dinheiro pelo seu silêncio. Agi como se seus sentimentos não importassem e isso era muito ruim.

Quando me aproximei da mesa que dividia com meus amigos tive um pressentimento que coisa boa não viria daquela cena que se apresentava. Depois de anos contracenando com os melhores, eu aprendi a assistir as coisas como num filme e ali se desenrolaria, com certeza, em uma tragédia grega.

Alex olhava para Rodrigo, que o encarava como se fosse o matar, Priscila sorria como uma menina inocente e praticamente devorava *Big Mac* com os olhos. Aquela menina não tinha

pudor algum, senhor! Além deles, estavam Paulo e Jorge na mesa, que encaravam toda a cena como se estivessem se divertindo muito!

E quanto mais me aproximava podia sentir a vibração estranha vindo dele, mas meu mundo caiu quando eu cheguei perto e ouvi minha amiga perguntando:

— Digão, você faz fisiculturismo ou algo assim?

Rodrigo desviou o olhar de sua presa, o Alex, por um segundo, e a olhou.

— Não! — respondeu ríspido.

Ela o mediu de cima a baixo como se ele fosse um manjar a ser servido.

— Nossa, como tem esse *porte* todo então? Benza Deus, viu? Mileni deve ter se esbaldado em cada gominho...

Oh. Meu. Deus!

Eu parei, estaquei no lugar sem acreditar no que tinha ouvido, era hora de dar o fora. Se saísse de fininho nem perceberiam que eu tinha voltado. Virei-me para fazer exatamente isso, qualquer coisa era melhor do que ter que enfrentar aquilo.

— Ei, Leni! Amiga, você se fartou mesmo de *Big Mac,* hein! Não me disse que o pacote era farto! — Deu uma gargalhada sonora. — Esse não foi extraviado!

Onde se encontra um buraco quando a gente precisa dele?

Capítulo 17

Eu procurei em outros corpos encontrar você
Eu procurei um bom motivo pra não, pra não falar
Procurei me manter afastado
Mas você me conhece eu faço tudo errado, tudo errado
(Só por uma noite – Charlie Brown Jr.)

Rodrigo Silva

Não poderia explicar tudo que aconteceu nem mesmo se vivesse mil anos!

A voz dela, a emoção que era tão clara em seu rosto enquanto cantava, mexeu comigo. Não sabia explicar, por mais que soubesse que me envolver seria um erro, não consegui parar de fazer minhas pernas se moverem. Até que uma voz chamando meu nome me parou.

— Digão!

Olhei em direção a voz e vi a amiga de Mileni de pé na sua cadeira fazendo sinal para que eu me aproximasse, Paulão e Jorge já se encontravam na mesa e me encaravam como se soubessem o que eu estava prestes a fazer.

Contra a minha vontade me aproximei, encarando o homem que havia chegado com Mileni, ele era um rival, uma ameaça... Precisava ficar atento a cada detalhe.

— Olá, boa noite! — cumprimentei-os ao parar ao lado da mesa.

Priscila sorria amplamente e o homem me observava com atenção. A apresentação de

Mileni tinha terminado e decidi falar com ela, o que, eu não sabia, mas precisava mesmo que fosse um erro.

— Você conhece o Alex, amigo da Leni? — Priscila enganchou um braço por volta do ombro do cara e deitou a cabeça em seu ombro, ganhando um olhar feio de Paulão.

Olhei para ele com atenção pela primeira vez. Loiro, olhos azuis, estrangeiro, bem-vestido e com pinta de que acha ser o rei do mundo...

— Fomos apresentados mais cedo.

— Oh sim, então eu estava dizendo a ele que você também é famoso. Daí ele quis te conhecer.

Estreitei meus olhos olhando de um para o outro, o sangue fervia em minhas veias. Por que ela estava fazendo aquilo? Tinha certeza de que não com a aprovação de Mileni! Decidi dar corda para ver até onde iria aquela conversa.

— Eu? Não mesmo, sou só um mecânico do subúrbio. Nada de mais!

Paulo e Jorge olharam para mim, evidentemente se divertindo à minha custa.

O *amigo*, que estava quieto, até então sorriu abertamente, e olhou por detrás de mim, para o palco onde Mileni se despedia de Layla.

— Eu não diria isso, estava atuando muito bem com a minha amiga em um vídeo amador que vazou na internet. Se bem que contracenar com a Leni é maravilhoso, ela é intensa em tudo o que faz. Tenho certeza de que entende do que estou falando!

Não sabia o que pensar, não tinha ideia do motivo de ele estar falando aquilo, ou o que estaria insinuando, mas por qualquer motivo que fosse o que qualquer um dos dois estivesse tentando provocar, eles despertaram um lado meu que poucas vezes fora acordado: o ciúme e a possessividade.

Tive sentimentos por alguém apenas uma vez na minha vida e fracassou. Mas experimentei tudo que tinha para experimentar, desde o bom até o ruim. O ciúme era algo amargo e difícil de esquecer seu sabor. Os casos que tive não me importavam, desde que não trocasse meu nome na hora do sexo estava bom demais.

Nunca imaginei que sentiria aquelas duas coisas ao mesmo tempo e por uma só pessoa, ainda mais sendo quem era e o que representava.

Mas quem conseguia entender o ser humano e suas peculiaridades, não é mesmo?

— Eu acho que isso não é uma boa coisa de se dizer, já que é amigo dela, não?

— E o que acha que eu quis dizer*, Big Mac*?

A tensão estava ficando mais forte e eu já podia ver meu rosto estampado nas manchetes por bater em um ator internacional. Paulão se levantou e aproximou-se de mim.

— Não faz o que você tá pensando em fazer!

Olhei para meu amigo e sorri amplamente.

— Não estou fazendo nada, irmão. Só conversando...

Paulo balançou a cabeça e pegou meu braço, fazendo com que eu desse um passo para trás.

— Eu te conheço, tá com aquele ar de psicopata.

Estreitei os olhos para ele e me aproximei, para falar baixo e não deixar que ninguém escutasse.

— Se você consegue conversar normalmente com o cara que está querendo comer a mulher que tu tá a fim, parabéns. Mas eu não sou evoluído a esse nível.

Sabia que estava sendo cruel e grosseiro, mas ele sabia que não deveria me provocar quando eu ficava daquele jeito. O mauricinho filho da puta estava me provocando insinuando

coisas a respeito do seu relacionamento com Mileni. Ele já tinha percebido meu interesse e queria ver quem cantava mais alto. Paulão me soltou, quase me empurrando e percebi o quanto ficou chateado.

— Digão, você faz fisiculturismo ou algo assim?

O quê? Desviei o olhar e encarei Priscila, que tinha os olhos arregalados e um sorriso no rosto.

— Não! — Podia ouvir a agressividade em minha voz e isso não me cheirava bem.

Paulão se sentou novamente, com a cara amarrada, e Jorge riu achando graça em tudo que estava acontecendo, idiota. Só que aquilo não era uma piada, já havia magoado um amigo e não sabia o que poderia fazer com o meu rival, eu faria uma besteira a qualquer momento, era questão de tempo.

Priscila não parecia se importar com nada, nem mesmo com a minha gana repentina de arrancar cabeças, e me mediu de cima a baixo sem pudor algum.

— Nossa, como tem esse *porte* todo então? Benza Deus, viu? Mileni deve ter se esbaldado em cada gominho...

O quê?! A mulher estava bêbada ou algo assim?

Então ela olhou para detrás de mim e sorriu, dando mais um grito de felicidade, assim como o que fez quando me aproximei. Ah, se arrependimento matasse!

— Ei, Leni! Amiga, você se fartou mesmo de *Big Mac,* hein! Não me disse que o pacote era farto! — Ela riu e eu me virei deparando-me com uma Mileni quase roxa e de olhos esbugalhados. — Esse não foi extraviado!

Apesar do ridículo de toda a situação, não pude deixar de achar tudo tão cômico. De um lado, a amiga louca falando coisas sem sentido e, claramente, provocando ciúmes em mim com um galã mauricinho, sem ter ideia do perigo que corria, eu sendo um babaca com quem só quis

me ajudar; e do outro lado, *ela*, a mulher que povoou meus pensamentos e sonhos e alguém que eu não deveria me aproximar. O passado era cruel, voltava para me assombrar constantemente, e aquela situação fez como se um flashback voltasse a mim como num filme antigo, onde se vê tudo em preto e branco.

Eu trabalhava na oficina que atendia a uma seguradora de carros há alguns meses, assim que fiz meus dezoito anos consegui ser contratado, claro que o fato se devia pelos anos de experiência que tinha com os bicos que fazia em oficinas.

Meu chefe me mandou para a zona sul num chamado de um carro que havia fervido, levei o reboque porque, se tivesse mesmo fundido o motor, não teria que chamar mais alguém. Gostava de ser independente em meu trabalho, o que me tornava um funcionário valioso e sabia que não seria mandado embora por qualquer bobagem.

Estava há anos juntando dinheiro para abrir minha própria oficina, Paulo e Jorge também estavam, nosso sonho parecia um pouco longe, mas chegaríamos lá.

Olhei para o relógio e vi que daria tudo certo para encontrar-me com Lívia na minha casa como combinamos. Não gostava de fazê-la esperar, mesmo que ela estivesse na companhia de meus pais.

Localizei o carro estacionado no endereço indicado e vi que era um importado de luxo. Parei o reboque logo atrás, peguei minha maleta atrás do banco e desci. Quando fui me aproximando senti como se o chão estivesse sendo tirado sob os meus pés, havia um casal encostado no capô do carro, aos beijos, sem se importarem com mais nada. Pareciam encantados um pelo outro, apaixonados.

Fiquei olhando para aquela cena não acreditando que aquilo estava mesmo acontecendo comigo. Era a minha namorada que estava ali, engatada no rapaz, como se sua vida dependesse disso. As mãos dela estavam embrenhadas nos cabelos dele assim como tantas vezes fez com os meus, eram tantas semelhanças, fiquei tão atordoado e acabei derrubando a maleta pesada no chão fazendo um barulho oco e eles se separaram.

— Oi, você deve ser do seguro? Cara, ainda bem que veio, estava levando minha noiva pra

casa e essa droga esquentou. Espero que você possa arrumar porque ela tem um compromisso muito importante agora. — Se virou para ela, sorrindo. — As pessoas carentes não podem esperar, não é, amor?

Meu coração não foi quebrado, ele foi estraçalhado, assim como minha autoconfiança e ingenuidade. Percebi que classes sociais não se misturavam, que o dinheiro e status falavam mais altos para pessoas com uma condição de vida alta. Naquele dia, eu prometi nunca mais me envolver com qualquer mulher que poderia me deixar vulnerável. E era exatamente o que estava acontecendo naquele momento.

Por mais que eu pudesse estar atraído, não poderia ter nada com uma mulher como ela. Era demais para mim, ainda vendo o tipo de homem que ela já se envolveu. Que claramente ainda sentia algo por ela, ou não diria nada do que me disse.

Olhei para ela, lamentando o destino que fez nos encontrarmos e a vida por destruir qualquer coisa que poderíamos ter.

— Bom conhecer você, Alex. — Virei-me para ela, que estava chocada com as palavras da amiga. — Você esteve incrível no palco, Mileni. — Olhei para Priscila, que não parecia mais achar graça de nada, e acenei em despedida. — Preciso ir, se me dão licença?

Passei por ela, fazendo o possível para não encostar em seu braço ou não seria capaz de me controlar, ela tinha os olhos arregalados, claramente envergonhada com a situação e não disse uma palavra. Andei até o bar e pedi uma dose dupla de uísque. As lembranças estavam amargas em minha boca e precisava tirar aquilo do meu sistema, se tinha que ser à base de álcool que assim fosse. Não estava dirigindo mesmo! Peguei o copo e dei uma golada fechando os olhos ao sentir o sabor forte.

— Adorei a sua apresentação de mágica, será que faz alguns truques fora do palco também?

Virei-me ao ouvir aquela voz feminina e deparei-me com uma ruiva muito bonita que conhecia de outras vezes que frequentei o bar. Não tive nenhuma vontade nem mesmo de falar, mas talvez fosse bom um pouco de papo. Encostei-me no balcão do bar.

— Não sei, depende do tipo de truque que a moça se refere! — Sorri e virei o resto de uísque sem me importar com a ardência.

Ela deu uma risadinha de lado e se aproximou colando o quadril em minha coxa.

— Eu acho que podemos descobrir!

A mulher era sexy, com certeza seria fogosa na cama e com o adicional de ser anônima era perfeito para que eu tirasse Mileni da cabeça.

— Acho que...

Interrompi o que iria dizer ao ver que Leni já subia no palco novamente, mas agora já não era uma apresentação solo e sim com o galã. A mulher que estava até então me encoxando se afastou e sorriu ao olhar para o palco.

— Nossa, eu só vim hoje por causa dela, mas não sabia que teria esse homem aqui. Ele é tão lindo, você viu o filme que fizeram juntos? Que casal lindo, sexy, que química!

Não respondi e me afastei, não daria certo ouvir aquela mulher falando o tempo inteiro, queria sair dali, estava sufocando e quase consegui fugir até que vi Paulo e Jorge na porta de braços cruzados e sorrindo. Os idiotas deviam ter ficado na mesa com a Priscila, estava com gana de matar os dois!

— Onde você pensa que vai? — Jorge levantou uma sobrancelha.

— Tenho que sair, vazem da minha frente os dois!

— Por que, logo agora que a Mileni vai cantar de novo? — Paulo sorriu e com um gesto indicou o palco, ele estava se vingando por eu ter sido um puto. — O dueto que ela faz com o Alexander é digno de se ver, você precisa assistir.

Fechei as duas mãos em punhos e procurei forças para não bater nos dois.

— Saiam da minha frente!

Jorge riu e se esticou olhando para mim atentamente.

— Você tá com ciúmes?

— Não, de quê?

— Você tá! Cara, eu vivi pra ver isso! Vai ser incrível assistir de camarote!

Por que esse pessoal decidiu me testar hoje? Eu sairia dali nem que corresse o risco da minha mãe me dar uma bronca por bater nos meus amigos. Dei dois passos em direção aos dois patetas, pronto para usar a força quando a voz dela me parou:

— Olá, pessoal! Nós vamos cantar uma música do Bruno Mars: *Versace on the floor.* Espero que gostem do nosso dueto!

Capítulo 18

Sei que nunca fui perfeito
Mas com você eu posso ser
Até eu mesmo
Que você vai entender
(O que eu também não entendo – Jota Quest)

Mileni Pontes

— O que você está fazendo, Priscila? O que foi isso, meu Deus?!

Eu olhava para minha amiga tentando entender o que foi que aconteceu ali. Por mais que tentasse, minha cabeça não conseguia compreender. Alex e Rodrigo estavam se digladiando com o olhar e Priscila devorando o meu *Big Mac* enquanto Paulo e Jorge pareciam estar assistindo a um show.

A vadia deu de ombros, sorrindo, e pegou seu copo puxando o líquido rosa pelo canudinho.

— Nós resolvemos te dar uma forcinha com o bruto, já que a diva resolveu ficar em cima do muro ao invés de aproveitar a vida!

— Nós quem, Priscila?

Ela levantou uma sobrancelha e apontou para Alex, que tinha o semblante mais inocente do mundo e virou-se para os amigos do Rodrigo, que pareciam segurar a risada.

— Deus, eu tô lidando com adolescentes na escola? Eu não preciso de “forcinha” nenhuma,

pelo amor! O que vocês pensam que vão conseguir fazendo isso? — Olhei para a minha amiga. — Mulher, você estava falando do corpo do cara!

Ela comprimiu os lábios fortemente tentando segurar a gargalhada, mas não conseguiu. Se conseguisse, não seria Priscila Marins, né?

— Caramba, você tinha que ter visto sua cara. E a dele? Vocês são feitos um para o outro, fofos demais! Né, Alex? — Ela cutucou meu amigo, que parecia ter percebido o perigo que corria.

Eu não deveria estar com o semblante muito bom e acreditava que ele nunca tinha me visto daquela forma, já que a pessoa que tinha o poder de me tirar do juízo era a filha da mãe que estava sentada ao lado dele.

— Desculpa, *schatzi*[5]! Não foi minha intenção te irritar, mas preciso concordar com a Priscila. O homem estava tão concentrado te olhando, tenho certeza de que se não o chamássemos, ele teria invadido o palco e feito uma verdadeira cena de filme. Você tinha que ver o ciúme quando eu mencionei como é sua atuação nas telonas. — Ele se virou para os dois patetas, que não diziam uma palavra. — Eles também disseram que vocês precisavam de um estímulo.

Senhor! As coisas não poderiam ficar piores. Eu estava me sentindo tonta e me sentei na cadeira que antes ocupava, podia sentir um calor subindo por meu pescoço e minha cabeça girava.

Escondi meu rosto em minhas mãos, não sabendo onde enfiar a minha cara. Por isso, ele estava tão desconfortável, Rodrigo não me suportava e aqueles amigos da onça me deixaram ainda mais constrangida.

— Vocês enlouqueceram! Rodrigo não está louco por mim, ele me despreza!

Alex levantou as sobrancelhas loiras e perfeitas e se aproximou me dando um beijo no rosto como se assim pudesse me confortar, mas sua intenção era para que ninguém ouvisse o que ele iria dizer.

— Se desprezo for todo aquele desejo que reconheci nos olhos dele, eu não sei o que é atração. O cara está louco por você e, pelo que percebi, você também! Agora, não sei por que os dois idiotas continuam com essa palhaçada e não caem nos braços um do outro?

Bom, pelo menos deve ter sido a intenção dele que ninguém ouvisse, só que estávamos cercados por pessoas com poderes super-humanos para ouvirem a conversa alheia.

— Porque ela tem medo da Fátima!

Levantei a cabeça e vi que os amigos de Rodrigo se levantavam, saindo de fininho, evitando o drama que estava acontecendo. Covardes!

— Não é isso, Priscila. — Ela fez uma careta para mim como se não me conhecesse. — Ok, não é *só* isso.

— Então explica pra gente porque eu ainda não entendi. É por que ele é pobre?

— Claro que não, Priscila! Você sabe que eu não sou assim! — Surpreendi-me de ter perguntado isso. Será que não me conhecia?

— Então o quê?

Engoli em seco e olhei para o lado tentando organizar a minha cabeça.

— Além do fato de eu já ter metido os pés pelas mãos, eu não posso envolver ninguém na minha bagunça de vida. Tem noção de quantos jornais especulariam a vida do meu *affair*? Não precisa nem ser namorado, só de me dar alguns amassos em público a ficha dele seria toda virada pelo avesso.

— Isso é verdade, qualquer pessoa que entra em nossas vidas tem que saber como se tornarão públicas, não há privacidade em nosso meio — Alex concordou comigo e fez uma careta.

Mas Pri não se convenceria com facilidade.

— Ai, você vai ser uma eremita o resto da vida? Que tal colocar um cinto de castidade? Fica menos penoso o seu sacrifício em prol do próximo, né?

Eu não entendia como ela, sabendo de todo meu passado, não compreendia os meus motivos.

— Eu não vivo desse jeito, você bem sabe. Numa dessas minhas escapadas meti Rodrigo nisso. Ele parece ser legal, apesar de ter sido grosseiro comigo, mesmo eu tendo o provocado. Não merece entrar nesse mundo só porque eu gostaria de repetir a dose.

— E se ele quiser? Não pensou que ele poderia ter algo a dizer a respeito disso?

— Ele não vai querer. — Virei-me para Alex e levantei da cadeira. — Agora vamos que temos que nos apresentar.

E do outro lado do bar estava a comprovação de que Rodrigo não queria nada comigo, aquele olhar de desejo que ele ofereceu a mim estava direcionado a uma ruiva exuberante que havia colado nele.

Aceitei o braço de Alexander e subimos ao palco, havíamos cantado uma música de Bruno Mars uma vez e tinha dado muito certo. A voz de Alex era rouca e seu timbre sexy, que deixava as meninas enlouquecidas.

Fechei meus olhos e me entreguei para aquela letra e meu companheiro, fingi que estávamos atuando como em um último filme, o qual eu fiz o tal nu total, nossa química contribuiu para uma apresentação perfeita.

No final, olhei para o meu amigo e sorri enquanto ele dizia as últimas palavras. Nossas mãos estavam entrelaçadas e numa salva de palmas eu desci as escadas pronta para ir pra casa. O show já estava bom para mim, não queria mais ouvir nada de ninguém, como achavam que eu deveria viver, como deveria agir, nem correr o risco de ver ele com alguém.

Meus motivos para não ter nem mesmo mais uma noite com quem eu queria poderia parecer ridículo e infantil, sem sentido. Mas algo que aprendi na vida é que cada pessoa tem a

sua verdade, sente de uma forma só dela, algo que para alguém pode parecer ínfimo e banal, para outra é doloroso e tão difícil de lidar. Então antes de se julgar qualquer coisa deve-se ter empatia e entender que cada sentimento é único.

Antes que eu pudesse descer o último degrau, tropecei e achei que me espatifaria no chão e então fui suspensa no ar, arregalei os olhos assustada, quando me deparei com ele me encarando com a mesma intensidade da noite em que nos conhecemos, meu coração começou a retumbar forte no peito.

— Eu tentei ficar longe, mas não consigo esquecer essa boca, Mileni! O que você tem que mexe comigo desse jeito?

Ele falava comigo da mesma forma que fez da outra vez, a voz baixa, quase sussurrante cheia de desejo. Engoli em seco sem saber o que dizer porque qualquer coisa poderia estragar o momento e nunca quis nada, tanto quanto queria sentir os lábios duros dele nos meus.

Minha respiração estava acelerada e eu estava ciente das pessoas que nos olhavam e o silêncio sepulcral que fazia no bar. Mas não me importei, só queria sentir o gosto do meu bruto novamente.

— E o que *você* tem?

— Eu não tenho nada! Mas no momento não quero me afastar de você. — Ele parecia sem fôlego, como se tivesse corrido e confesso que eu também estava, por conta do quase tombo, mas também por estar nos braços dele de novo.

— Então não se afaste!

Ele mordeu a boca e os olhos castanhos estavam conectados aos meus. Quando me dei conta, os lábios dele estavam colados aos meus, fortes, possessivos e tão ele.

Agora sim a festa havia começado para mim!

Capítulo 19

Queria ter aceitado
As pessoas como elas são
Cada um sabe a alegria
E a dor que traz no coração
(Epitáfio – Titãs)

Rodrigo Silva

Eu poderia inventar mil de desculpas, falar até perder o fôlego, mas nada disso adiantaria porque quando alguém mexe com você de verdade, quando te deixa sem ar e até mesmo ser coerente custa demais, a única saída que você tem é se entregar a esse sentimento louco e sem sentido. Pois o que tem mais sentido além de se entregar a cada surpresa que a vida nos reserva?

Mesmo que essa surpresa venha acompanhada de flashes e aplausos!

Não sei o que deu em mim quando a vi naquele palco cantando com tanto entusiasmo, claro que fiquei com ciúmes, mesmo sendo insano ter esse sentimento já que não tínhamos nada, porém naquele momento eu nem me dei conta de que ela olhava para outro homem. A sensualidade de Mileni era tão intensa que me senti sendo guiado por uma marionete e quando percebi estava resgatando-a de cair e se machucar e então meus lábios estavam esmagando os dela, matando a saudade que me consumiu por dias, relembrando seu sabor e experimentando estar com ela verdadeiramente.

Separamo-nos apenas alguns centímetros e estávamos sem fôlego, ela estava tão atordoada quanto eu.

— Uau! Você tem noção do que fez? — A voz dela estava rouca e insegura.

Sorri de lado e assenti encostando minha testa na dela.

— E você, tem noção do que fez?

Mileni engoliu em seco e olhou em volta de esguelha, parecendo ainda mais assustada do que quando a peguei em meus braços salvando-a de um tombo.

— Acho que sim!

— Meu Deus, isso que é tomar as rédeas da situação! — Aquela voz eu conhecia bem, a amiga de Mileni havia se mostrado uma pessoa bem extrovertida e sem filtro, não imaginava o que ela poderia dizer naquele momento.

Priscila encarava a gente sendo ladeada por meus amigos, que sorriam amplamente. Eu gostava da garota e percebi alguma coisa acontecendo entre ela e Paulão, achei que daria em alguma coisa a mais do que flertes, mas agora tinha minhas dúvidas com o tal do Alex no páreo. Ele, aliás, nos olhava de boca aberta da escada do palco.

Afastamo-nos e as pessoas nos encaravam com o celular virado em nossa direção e senti que Mileni estava tensa.

— Vocês estão namorando?

— Já se conheciam?

— Esse é o homem que estava com você no vídeo, Mileni?

— Quando é o casamento?

As pessoas se aglomeraram a nossa volta, literalmente nos engolindo e fazendo perguntas ao mesmo tempo. Eu fiquei chocado com aquilo e Mileni foi só se retraindo atrás de mim e quando percebi estávamos sendo arrastados para os fundos do bar por Paulo, Jorge e Priscila.

Sem entender bem o que acontecia vi que Alex, o amigo de Mileni, havia começado a distribuir autógrafos e tirar fotos, claramente tentando tirar a atenção das pessoas de nós dois.

— O que aconteceu? — perguntei assim que entramos no escritório de Layla. Paulo revirou os olhos e espiou por uma fresta da porta.

— Você beija uma estrela de cinema fazendo igual a uma cena de filme e não quer que os fãs criem ilusões e *shippem* o casal?

— O quê?

Às vezes, era difícil entender Paulão. Vi que Mileni se sentou no sofá e parecia culpada de alguma coisa. Eu não sabia como agir e tudo foi voltando a mim como uma avalanche de sentimentos e inseguranças.

Tinha beijado ela na frente de todas as pessoas que tiraram fotos e logo estaria nas mídias — de novo, só com o adicional que tinha rolado mesmo o beijo — como a bela atriz havia se encantado por um pobretão.

Jorge olhou para ela e fez uma careta. A mulher parecia mesmo estar surtando, ele fez um sinal para que eu me aproximasse dela. Mesmo sentindo como se minha respiração tivesse sido roubada, senti-me obrigado a confortá-la, já que eu fui responsável por aquilo, sentei-me ao seu lado, que só então notou minha presença.

— Sinto muito por você ter que passar por isso, tentei evitar, mas você não me deu muita chance de explicar o que aconteceria se me beijasse, e confesso que eu também não quis fazer isso — falou de um fôlego só atropelando palavras, se mostrando muito nervosa, mas havia um pequeno sorriso em seus lábios.

— Não precisa, sou crescido e sei arcar com as consequências dos meus atos. É sempre assim?

Ela fez uma careta e assentiu.

— Na maior parte do tempo sim, as pessoas sempre querem saber da minha vida, se estou apaixonada e até o que ando comendo. Por isso, eu me disfarço sabe, me dá um pouco de anonimato e com isso posso me divertir sem ter que dar conta de cada passo.

Vi que Jorge e Paulo saíram do escritório. Mileni segurava as mãos parecendo nervosa, e apesar de estar chateado com os pensamentos que rondavam minha cabeça, fiquei com pena por ela estar se sentindo daquela forma.

— Sinto muito! Eu não tinha intenção de te beijar, só queria conversar com você, me desculpar melhor pelo outro dia lá em casa e também pelo que aconteceu agora mesmo na mesa. Fiz algo impulsivo e claramente te chateou, não achei que seria tão intenso e que dariam tanto assunto você estar beijando nos bastidores de um bar. — Eu estava sendo idiota, porque se um amasso no beco, sendo que ela estava disfarçada, e uma foto tirada em momento oportuno deu uma bagunça danada, imagina em um pobre mecânico beijá-la depois de uma apresentação com o galã que era supostamente seu caso?

Ela engoliu em seco e se recostou no sofá fechando os olhos e balançou a cabeça.

— Não é por mim que ficaram alvoroçados desse jeito, é por você.

Enruguei os olhos enquanto via que Mileni estava relaxando um pouco. Seu peito subia e descia mais calmamente agora, o que me deixou um pouco hipnotizado. *Não vá por aí, Rodrigo!*

— Mas eu não sou ninguém!

Ela sorriu e olhou para mim de uma forma que fez meu coração pulsar mais rápido. Tinha o desejo claro que vi desde o momento que nos conhecemos e que ficou um pouco assombrado por algumas vezes que nos vimos, mas que estavam claros.

— Eles te reconheceram do vídeo e da pizzaria, muitos fãs fantasiaram mil coisas sobre nós por semanas e então se prepare para a enxurrada que virá nas redes sociais.

— Não esperava por isso!

— Desculpa...

Desviei meu olhar e fiquei encarando a porta por alguns segundos tentando entender o que havia acontecido. Não era o que eu esperava nem o que queria para a minha vida, mas depois de todo esse tempo tentando esquecê-la percebi que não adiantava.

Ela se levantou e andou até a porta, colocou a mão na maçaneta e a girou. Olhou por sobre o ombro e sorriu tristemente.

— Olha, não precisa ficar nervoso. As coisas vão se acalmar com o passar dos dias, mas te aconselho a não sair agora ou vão te atacar. Até mais, Rodrigo!

Franzi a testa, ouvi-la falando o meu nome daquela forma tão decepcionada fez meu coração ficar frio e toda a adrenalina que senti ao resgatá-la de seu tombo e então o beijo evaporou-se com o claro arrependimento que pude notar vindo dela.

Engoli em seco e quando a porta bateu senti que as coisas pioraram para mim, pois eu havia provado da sua boca novamente e percebi que beijar Mileni Pontes era melhor do que beijar a Leni. Mesmo com o risco de me machucar ou ser humilhado, de ter minha foto estampada em revistas e sites de fofocas.

Rapidamente me levantei e em três passadas largas eu já estava no corredor, peguei-a pelo braço e a virei. Mileni me olhou assustada e os lábios estavam entreabertos, convidativos.

— Eu posso não ser ninguém, não tenho nada que possa acrescentar na sua vida, mas, porra, eu não quero parar o que quer que esteja acontecendo entre a gente. A única coisa que pode me parar nesse maldito momento é você me dizer que eu não presto para você, mas estou aqui pedindo a todos os santos que não faça isso. Porque a gente pode ser bom pra caralho juntos! — Minha respiração estava rápida, o corpo dela tinha se colado ao meu e por eu ser mais alto teve que se inclinar para olhar em meus olhos, seus cabelos caíram deixando o pescoço exposto, os olhos coloridos me encaravam com tanta intensidade que fraquejou meus joelhos. — Então, o que me diz? Vou embora e te deixo em paz, ou te levo pra minha casa comigo, de novo?

Capítulo 20

Me perdi no céu das suas pintas
Me encontrei no céu da tua boca
Tu é labirinto, rua sem saída
Me rendi a tua alma nua, vem cá
(Fica – Anavitória part. Matheus e Kauan)

Mileni Pontes

O corpo dele colado no meu daquela forma, seus olhos castanhos intensos e decididos, cheios de paixão. Os lábios entreabertos de onde saía sua respiração rápida. Podia sentir seu coração batendo forte e minha mente estava nublada. Tudo aquilo me levou à loucura! Não sabia aonde eu começava e ele terminava, percebi que Rodrigo também estava confuso com a conexão que tínhamos.

Não era algo que ambos estivéssemos acostumados. Com certeza, as coisas que passavam por sua cabeça não deviam ser coerentes, assim como as que passavam pela minha. Contudo, naquele momento, eu não queria pensar, apenas sentir.

Pensei que havia se arrependido por ter me beijado no meio das pessoas. Eu fiquei surpresa quando ele me tomou em seus braços, evitando que me espatifasse no chão, mais chocada ainda quando vi em seus olhos o quanto me queria, não que não tivesse visto antes, mas o tempo todo ele lutava contra o que sentia e eu também, mesmo com toda a comoção que havia ocorrido o desejo estava ali.

Não sei o que aconteceu conosco naquele momento, mas o tempo todo que estive no palco com Alex, eu pensava no quanto estava sendo idiota deixando que algo como aquilo, um

desejo tão intenso, um sexo tão bom, escapasse por entre meus dedos por causa de um medo sem sentido.

A química entre duas pessoas não é fácil de encontrar, assim como relatam. Quando ela é real, quando os dois são compatíveis na cama e se encaixam de uma maneira tão certa... *isso*, é difícil de acontecer.

E quando vi que Rodrigo havia ficado assustado com todo aquele alvoroço que se deu por conta de um simples beijo, sabia que não tinha forma de dar certo. Ele tentava encontrar um jeito de dizer isso sem que fosse grosseiro. Tentei facilitar para ele... Então, mais uma vez, me surpreendeu ao me alcançar e dizer tudo aquilo de uma forma tão simples e tão crua, sem meio termo, curto e no ponto certo.

Mordi a boca olhando para ele e a única coisa que queria fazer era sumir com todas as pessoas e ficarmos juntos, sozinhos, pele com pele, corpos colados e suados... Senhor, era só o homem me tocar que já estava viajando para um mundo de pura lascívia.

— Me leva com você!

Ele sorriu, mas foi de uma forma que não tinha feito antes. Era um sorriso sincero, feliz e repleto de promessas. Seus olhos brilhavam e Rodrigo estava tão perto que seus lábios quase tocaram os meus, como quis que tocassem...

— Vamos logo então, há semanas te quero na minha cama de novo! — Levantou a cabeça e olhou para trás de mim, não sei o que viu, mas fez uma careta e então sorriu. — Acho que teremos que fugir!

Soltou-me e então me virei, tinha várias pessoas tentando passar pelo corredor, mas Paulo e Jorge serviam como uma mureta de músculos os impedindo. Aquela paz estava boa demais para ser verdade, não é?

— Desculpa por isso!

Ele abaixou os olhos e me encarou.

— Para de se desculpar, Mileni! — Ele olhou para o final do corredor. — Acho que teremos que pular a janela, ou enfrentar essa gente toda! O que você quer fazer?

Respirei fundo e o encarei.

— Acho que já enfrentamos flashes e perguntas demais para um dia só, né?

— Vai fugir comigo?

O que era aquele olhar dele? Seus olhos estavam semicerrados e os lábios puxados num meio sorriso encantador. E a voz? Rouca, forte e sedutora.

Onde tinha ido o bruto que conheci naquela oficina?

— Com certeza!

Ele mordeu a boca, parecendo muito feliz com a minha resposta, e me puxou pela mão de volta para o escritório, olhou em volta e então foi até a janela que dava para o beco na rua do lado, *aquele* beco. Então olhou para mim e estendeu a mão.

— Vem, que vou te ajudar a pular.

O sangue corria por minhas veias, era algo bobo e simples o que fazíamos, mas tinha tanto tempo que eu não vivia algo do tipo. Para mim, que sempre fui uma moleca, não deveria ser nada pular uma janela, mas para *Mileni Pontes* era sim. O risco de alguém nos ver, tirar suas conclusões e sair espalhando pela mídia, era enorme e isso aumentou ainda mais a adrenalina em meu sangue.

Aproximei-me e sentei-me na janela, virando-me e estendendo as pernas para o lado de fora. Não era tão alto, mas ainda assim era um pouco. Olhei para Rodrigo, que sorriu vendo a minha apreensão, ele se virou, subiu no peitoril da janela e saltou, caindo de pé como um gato, estendeu os braços para mim, sorrindo.

— Eu te seguro, pode pular!

E eu pulei!

Como disse, não era tão alto, mas acabei com o corpo totalmente colado no dele e Rodrigo me segurava pelos quadris, fiz algo que queria desde o momento que o vi entrando no bar.

Abaixei a cabeça e colei meus lábios nos dele, suavemente, me afastando logo em seguida. Ficamos apenas nos olhando por alguns segundos, curtindo aquela sensação deliciosa que não conseguia descrever nem se passassem anos.

— Você tá de carro? Eu vim de carona com o Jorge.

— Tô sim! Estacionei do outro lado da rua.

Ele assentiu e me desceu até o chão, fazendo com que nossos corpos se roçassem por todo o caminho, provocando fricção em pontos estratégicos. Caminhamos lado a lado pelo beco de luz fraca.

Quando chegamos ao final da rua, Rodrigo se virou e olhou para trás, voltou-se para mim e sorriu com cumplicidade. Sabia o que deveria estar pensando, foi naquele beco que tudo começou. Porque foi o que passou por minha cabeça a cada passo que dávamos.

— Vamos? — Estendeu a mão olhando em meus olhos.

Sabia que, ao entrelaçar meus dedos nos dele, eu estaria fazendo muito mais do que atravessar a rua e não pensei duas vezes.

Atravessamos de cabeça baixa, sem fazer muito alarde, ou chamar a atenção. Rodrigo parecia ter feito aquilo tantas vezes, pois não esboçou nenhuma reação estranha como muitos faziam ao fugir comigo. Parecíamos apenas um casal qualquer atravessando a rua e não dois loucos fugitivos.

Assim que paramos ao lado de meu carro, peguei a chave que estava no bolso escondido em meu vestido e destravei o alarme. Ele sorriu e abriu a porta do motorista para que eu entrasse. *Que gentil!* Mas sacudi a cabeça e entreguei a chave na mão dele.

— Pode levar!

Ele me olhou e assentiu dando a volta e abrindo a porta do carona.

— Por favor, madame?

Gente, de onde aquele homem tinha saído?

Tombei a cabeça de lado e sorri encantada com aquele novo Rodrigo que se apresentava à minha frente. De repente parecia que tínhamos feito isso tantas vezes e era tão natural estarmos juntos. Sentei-me no banco do carro e, então, ele se acomodou diante do volante. Olhou rapidamente para tudo e então deu partida. Quando passamos na frente do bar, ele diminuiu e vimos que ainda estava uma confusão lá dentro.

Rodrigo pegou o celular, desbloqueou e me entregou.

— Manda uma mensagem para o Paulão e diga que fugimos, senão eles vão ficar a noite toda naquele corredor.

Olhei para ele de sobrancelha arqueada.

— Tem certeza de que quer que eu diga isso?

Rodrigo sorriu e acelerou o carro fazendo a rotatória para tomarmos o caminho para sua casa.

— Ele vai ter bastante assunto para me encher o saco depois, mas sim. Não posso deixar os dois plantados lá!

— Ok!

Digitei rapidamente uma mensagem me identificando e passando o recado do Rodrigo, que se manteve em silêncio durante o percurso até onde morava. Percebi que estava ansioso, podia ver isso claramente pela forma que ficava quando tinha algum trânsito nos impedindo de chegar rápido ao nosso destino. Confesso que também estava nervosa e queria que

chegássemos logo.

Parecia tudo tão certo que fiquei com medo de que alguma coisa acontecesse para estragar. Isso acontecia com muita frequência comigo. Quando eu achava que tudo estava indo bem, vinha algo e pá, atrapalhava tudo.

Assim que paramos à frente do seu apartamento, Rodrigo desligou o carro, puxou o freio de mão, soltou o cinto de segurança e virou-se para mim muito sério. Estendeu a mão e pegou uma mecha do meu cabelo, deslizou os dedos ásperos por meu rosto.

— Com quem vou estar essa noite, Leni ou a Mileni?

Meu coração bateu mais forte com a sua pergunta, senti meu corpo se arrepiando com o toque suave e sensual dele, os olhos castanhos colados nos meus, a boca firme pressionada em uma linha fina. Ele era lindo, rústico e fascinante. Ainda podia sentir a aspereza de sua barba em meu rosto do nosso beijo no bar.

— Com quem você quer estar? — Engoli em seco com medo de sua resposta, não sabia como me sentiria dependendo do que ele dissesse.

Rodrigo sorriu e desceu os dedos por meu pescoço em uma carícia simples e tão erótica.

— Por mais que tenha adorado estar com você, loira de olhos castanhos, eu fiquei mais encantado com a mulher de olhos coloridos e cabelos escuros. Combina mais contigo. Quando ficamos juntos, achei que algo não estava certo e é isso. — Aproximou-se, colando o nariz com o meu. — Sempre que quiser trazer a Leni para a cama fique à vontade, amarei estar com as duas. Mas hoje, quero só você!

Não pude evitar que um enorme sorriso surgisse em meu rosto. Senti como se observasse de cima nós dois dentro do carro, com ele tão perto de mim, seu hálito gostoso soprava em meu rosto e então fechei os olhos esperando o beijo que sabia que estava próximo e quando, finalmente, ele chegou entreguei-me por inteiro àquela sensação que nascia dentro do meu peito.

Sem me importar com o que poderia vir, sem recriminações e decepções, eu estava deixando tudo de lado para ficar com ele, para passar a noite com meu *Big Mac* sendo eu mesma.

Ele estava me recebendo de braços abertos e eu não seria louca de recusar.

Capítulo 21

Longe daqui, longe de tudo
Meus sonhos vão te buscar
Volta pra mim
Vem pro meu mundo
(Aonde quer que eu vá – Os Paralamas do Sucesso)

Rodrigo Silva

O rosto dela estava entre as minhas mãos e o corpo imprensado na parede da sala, eu beijava sua boca como se provasse um delicioso sorvete. De olhos fechados aproveitei aquele momento gostoso, me deliciando com cada sensação que estar com Mileni me proporcionava.

Era impressionante e assustador tudo que se passava dentro de mim quando se tratava daquela mulher. Tentei fugir disso, esquecer que a tinha conhecido, me distrair das coisas loucas que aconteceram conosco, mas não deu certo. Ela povoou minha mente por tantos dias que agora que a tinha em meus braços parecia ser um sonho, uma alucinação.

Por ficar tanto tempo a querendo e negando a mim mesmo que a queria, assim que entramos no meu apartamento a única coisa que quis fazer foi provar ao meu corpo que era real, que ela estava lá de novo, que tinha voltado, mesmo tendo o mundo aos seus pés.

Afastei-me de sua boca com um estalo e lambi os lábios provando ainda o sabor dela.

— Pensei tanto em você esses dias, quase enlouqueci de verdade. Depois que vazou o tal vídeo piorou a situação, porque para mim seria inalcançável estar contigo de novo. — Deslizei o nariz por seu pescoço delicado, aspirando o seu perfume gostoso, a alça de seu vestido

escorregou dando-me mais acesso a sua pele macia. — Fiquei louco porque te queria tanto e não podia ter!

Olhei em seus olhos incríveis e vi o quanto estava embriagada pelo desejo que nos consumia. Encostou a cabeça na parede e com aquele olhar carregado de paixão, Mileni ficava ainda mais irresistível.

— Também pensei muito em você e fiquei muito chateada quando o vídeo foi divulgado, queria te guardar só para mim. Nunca me senti tão exposta.

Sorri em sua pele e o perfume daquela mulher estava sendo um afrodisíaco para mim, podia sentir que estava ficando cada vez mais duro de tesão. Seus dedos percorriam meus braços e pescoço, massageando minha nuca ela embrenhou-os em meus cabelos e deu um leve puxão.

— Agora você me tem todo para você. — Arrastei minhas mãos por sua cintura apertando-a conforme o meu desejo aumentava. — Caralho, você é deliciosa demais!

Abaixei a cabeça, beijando-a em cada parte exposta que encontrava. Meu coração batia forte, puxei-a pelos quadris e a levantei. Mileni enlaçou as pernas em minha cintura e afastei a cabeça um pouco de seu colo para olhar em seus olhos novamente. Os braços estavam presos em meu pescoço e nós estávamos tão perto.

— Não sei se te como aqui ou se te levo para a cama. — Apoiei-a em um joelho e deslizei uma mão por sua perna chegando até a calcinha de renda. — Já está molhadinha para mim, Mileni?

— Droga! Adoro você falando meu nome assim.

Sorri de lado com o desespero que identifiquei na sua voz e busquei sua boca. Eu a beijei com vontade, um beijo molhado e cheio de promessas, um tesão que era traduzido em nossos lábios.

Se fosse ser sincero comigo mesmo, eu estava quase surtando com a vontade de me afundar dentro dela, mas provocar era tão bom. Estava amando ver como me recebia e enlouquecia por

mim. Porra, me senti muito foda por isso! Soltei sua boca mordendo de leve a maciez de seus lábios.

— Acho que vou te levar para a cama. Assim posso aproveitar cada pedacinho do seu corpo tão acolhedor. — Abaixei a cabeça chegando perto de sua orelha e mordisquei de leve, as mãos dela agora estavam depositadas em meus ombros, como se não conseguissem ficar paradas. — Depois eu te como na parede debaixo do chuveiro!

— Vou cobrar!

— Tenha certeza de que eu pago as minhas dividas, delícia!

Com um impulso a levantei pegando-a em meus braços e atravessei a pequena sala em poucos passos, logo eu a tinha esparramada em meus lençóis tão perfeita, que parecia ter sido moldada para estar ali. Os cabelos castanhos espalharam-se pela cama e os olhos pareciam duas estrelas de tanto que brilhavam, os seios empinados clamando por minha atenção, o peito subia e descia rapidamente com a respiração acelerada. Ela me observava com atenção e podia ver em seus olhos o desejo latente que queimava entre nós.

— Por que você me olha tanto?

Eu a olhei de cima a baixo, gravando na memória aquela imagem tão sexy e sorri com sua pergunta feita numa voz quase sussurrante. Engatinhei pela cama até chegar perto de sua barriga coberta pelo vestido. Apoiei minhas mãos ao lado de seu corpo e me esfreguei nela como um gato, suas mãos automaticamente foram parar em meus braços, ela apertava meus bíceps como se estivesse monitorando os movimentos dos meus músculos.

— Porque você é a mulher mais linda que eu já vi na vida. Seu corpo é deliciosamente sensível, responde a cada toque meu. Os seus lábios são doces e macios. A forma como você me olha faz com que eu me sinta um filho da puta sortudo porque está aqui comigo, e quando essa sua voz geme alto ao gozar me deixa parecendo um homem das cavernas de tanto orgulho por ter te dado prazer. — Aspirei seu perfume fechando os olhos por um segundo. — Mesmo quando estivemos juntos da outra vez, você estando disfarçada e eu acreditando que estava ao meu alcance, fiquei meio louco por nunca ter sentido nada do que senti, com tanta intensidade.

Agora que sei quem é, não consigo evitar de olhar para você e tentar gravar cada momento na mente. Não sei se terei outra oportunidade de estar assim contigo de novo.

Num dia normal, eu não diria nada disso! Para outra pessoa, eu não falaria nada do que estava sentindo muito menos o que eu pensava. Provavelmente iria distraí-la com beijos e carícias e ela esqueceria da pergunta, mas Mileni merecia a minha verdade. Tinha algo acontecendo comigo que não tinha acontecido antes.

Sua respiração foi ficando mais rápida ao ponto que eu subia para o seu corpo enchendo-a de beijos e mordidas. Assim que cheguei na altura de seus seios firmes e deliciosos, uma lembrança da outra vez que estivemos juntos me veio à cabeça, me lembrei da forma como ela reagiu quando eu chupei seu peito com vontade e sorri malicioso. Mordi o mamilo túrgido e ganhei um gemido como reposta de que realmente era real, que tinha estado mesmo com ela e que agora a tinha em meus braços novamente. Mileni arqueou o quadril na cama à procura por mais prazer e a deitei, mais uma vez, prendendo-a com minha pélvis.

Ela levantou a cabeça parecendo atordoada de vontade, seus olhos estavam enevoados e os lábios entreabertos.

— Você vai ficar me torturando, B*ig Mac*?

Sorrindo com a boca em volta do seio dela levantei os olhos encarando-a.

— Por quanto tempo eu quiser.

— Não sei se vou aguentar esperar.

Soltei o seu seio e subi um pouco mais até pairar por cima dela. Olhei-a nos olhos.

— E o que você poderia fazer para me impedir de te torturar, Mileni? Sou maior que você. — E para provar, eu peguei as mãos dela e as prendi por cima da cabeça.

Tão linda, tão cativa, tão entregue...

— Não te disseram que não se brinca com o tesão de uma mulher?

— Já sim, mas eu adoro brincar. Você não?

Ela piscou duas vezes parecendo estar em uma espécie de transe e sem que eu esperasse prendeu as pernas em meu quadril, me derrubando na cama e invertendo as posições. Quando ela estava por cima de mim, o sorriso de satisfação em seu rosto era enorme.

— Pois você deveria dar mais ouvido ao que te dizem, agora é meu refém. — Aproximou-se sorrindo e colou os lábios nos meus. — Para seu registro, eu adoro brincar!

— O que vai fazer comigo, moça?

Ela engoliu em seco e olhou para o meu corpo como se realmente estivesse gostando do que via.

— Primeiro vou tirar esse monte de roupa que esconde esse corpo maravilhoso. Depois vou contornar cada tatuagem sua com os dedos e a boca, então vou memorizar com as mãos seus músculos e vou lamber cada pedaço de pele.

Porra, ela estava me deixando louco! Inclinou-se fazendo com que o decote do vestido caísse e seus seios ficassem à mostra.

— Aí eu vou sentar no seu pau e cavalgar até que eu consiga gozar loucamente, assim como me lembro da outra vez — sussurrou essa última parte como se estivesse dividindo um segredo comigo.

Estendi as mãos e tirei o cabelo do seu rosto, prendendo-os em um rabo de cavalo em meu punho.

— Só que agora vai ser diferente.

— Por que seria? Só porque eu estarei por cima e não você?

— Não! Porque é *você* quem está comigo dessa vez. Linda e deliciosa! E estar contigo,

sendo você mesma, me deixa ainda mais com tesão para que cumpra sua promessa. Só que eu não vou querer uma foda só, depois vou te levar para o chuveiro, Mileni. Quero você molhadinha para mim.

Ela parecia ainda mais excitada, se movia por cima do meu pau fazendo movimentos circulares e me deixando ainda mais duro.

— Eu já estou, Rodrigo!

Podia sentir, mesmo com tanto pano entre nós, o quanto ela estava quente.

— Tô vendo! — Deslizei a mão livre por sua cintura descendo até as coxas grossas, senti os calos da minha palma raspando a pele delicada e isso a fazia se arrepiar. — Você gosta que eu te arranhe?

Ela assentiu fechando os olhos como se assim pudesse aproveitar ainda mais a carícia.

— Adoro essa aspereza em você. Amei desde o momento que dançamos no bar e senti que sua mão era grossa.

Eu me lembrava daquilo. Fiquei com medo de estar machucando-a, mas ela parecia gostar. Mileni jogou a cabeça para trás apreciando o meu toque. Curvei-me e puxei seu vestido tentando tirá-lo, ela abriu os olhos e me ajudou a despi-la.

Ela vestia uma calcinha de renda amarela, muito bonita, e parecia bem cara. Não era nada com as que eu já tinha visto. Não queria pensar em diferenças econômicas naquele momento e levei minha mão para o lugar onde eu sabia que estava pulsando por mim, com o polegar fiz uma leve pressão massageando a sua carne em círculos.

Os lábios dela entreabriam e Mileni fez um som rouco de prazer deixando-me quase enlouquecido. De súbito, eu a girei na cama, ficando por cima novamente e sorri abaixando-me quando ela me encarou um pouco assustada com o movimento brusco.

— Agora, eu vou tirar a minha roupa para você fazer o que prometeu!

Capítulo 22

Eu vou equalizar você
Numa frequência que só a gente sabe
Eu te transformei nessa canção
Pra poder te gravar em mim
(Equalize – Pitty)

Mileni Pontes

Rodrigo estava de pé ao lado da cama, olhando para mim de uma forma diferente, era como se quisesse me comer. *E senhor, como queria que ele fizesse isso!* Seus olhos castanhos praticamente me devoravam enquanto ele desabotoava a camisa branca, vagarosamente. Fazendo um verdadeiro show ao descobrir aquelas tatuagens sexy.

Ele mordeu a boca carnuda que eu sabia o prazer que ela dava, os beijos deliciosos e as coisas sujas que me diria.

— Por que você me olha tanto? — Sorriu de forma enigmática ao repetir a pergunta que eu havia lhe feito minutos antes.

Sua resposta tinha praticamente explodido minha mente. Como alguém tão rústico teria tanto tato, daria uma resposta tão completa e certa como aquela?

Engoli em seco e me levantei apoiando-me em meus cotovelos. Admirei aquele homem enorme, com músculos fortes, tatuagens quase no corpo todo, os olhos intensos e expressivos. Rodrigo não era homem de esconder o que sentia. Quando ele gostava ou não, dava para ver em seu rosto e eu apreciava isso nele.

— Porque você é gostoso!

O sorriso preguiçoso de lado que ele me deu foi a prova de que tinha gostado da minha resposta. Mas ele era muito mais do que isso, só não sabia se um dia eu seria capaz de expressar em palavras tudo que ele representava.

— Só isso? — Ele tinha aquela voz rouca, forte que ressoava em minha alma.

— Porque eu me lembro bem como você me fez gozar e não parou até eu gozar novamente. Porque você é muito mais do que aparenta ser e estou querendo muito descobrir tudo que você guarda das outras pessoas.

— Hum... — Ele olhava para mim, de uma forma misteriosa. Com um sorrisinho de lado, tirou a calça e então a cueca boxer. Abriu uma gaveta na cômoda e tirou a camisinha colocando-a de lado no colchão. — Então você praticamente está analisando o produto antes de provar?

Assenti e mordi a boca quando ele subiu na cama engatinhando até estar entre as minhas pernas.

— Também estou pensando nas mil possibilidades de como posso te saborear!

— Sei. — Ele inclinou-se e deu um beijo em meu seio, subindo por meu colo e parou em meu queixo olhando nos meus olhos. — E já se decidiu qual delas vai começar primeiro?

Engoli em seco e balancei a cabeça afirmativamente. Ele abaixou o quadril roçando o membro ereto em mim, fazendo uma fricção gostosa, que me deixou ainda mais excitada. Inclinei-me e mordisquei sua orelha sussurrando:

— Que tal começar com você dentro de mim?

Ele se esticou como um gato, me dando acesso a sua pele e fechou os olhos.

— Boa ideia! — Afastou-se um pouco, com os olhos grudados nos meus, pegou a

camisinha colocando-a em seu pênis. Abaixou-se novamente colando-se em mim. — Depois vou querer que faça aquilo que me disse.

Quando ele voltou a me olhar, tinha tanta malícia e paixão, que senti meu corpo todo se arrepiando de expectativa.

— Com certeza, eu farei. Mas estou louca pra sentir você me preencher completamente. Para de me torturar, *Big Mac*! — Cheguei perto de sua orelha e sussurrei: — Me come logo!

De súbito afastou a minha calcinha para o lado e com um impulso ele me invadiu, seu pênis deslizou pouco a pouco e quando se acomodou completamente colou os olhos nos meus e sorriu abertamente.

— Posso continuar?

Ele tinha um cuidado enorme comigo, exatamente como foi quando ficamos juntos da primeira vez. Sempre preocupado se me machucava, ou se eu queria alguma coisa. Sempre atento ao que estava bom e no que podia fazer melhor.

Assenti e o enlacei com as pernas prendendo-me a ele como se tivesse uma cola entre nós.

— Não quero devagar!

Ele riu abertamente.

— Você que manda!

Rodrigo apoiou os dois braços ao lado do meu corpo e prendeu os joelhos na cama, pressionou o peito em meus seios e então começou a se mover de uma forma que eu acreditava que nunca experimentaria igual. Ele fazia movimentos cadenciados como se estivesse dançando, um vai e vem gostoso, forte, que mexia a cama, batendo-a na parede em cada estocada.

Tirou uma das mãos da cama e passou por baixo de mim, pegando meus cabelos e

puxando-os, arqueei minha cabeça e gemi baixinho sentindo o prazer naquela doce tortura.

— Quis puxar seu cabelo da outra vez, mas estava com tanta vontade de me afundar em você que acabei esquecendo.

— Que bom, ou ele sairia na sua mão! — Ri e Rodrigo me acompanhou.

— Você é linda, Mileni! Sou grato por estar com você nesse momento, independente de qualquer coisa.

Meu coração começou a bater ainda mais forte e senti que um nó se formava em minha garganta. Não sabia se era de emoção ou de tesão mesmo. Porque a forma que ele fazia me deixava sensível em cada parte de mim.

Seu corpo martelava no meu; por estarmos tão colados, a pélvis dele roçava em meu clitóris e aquilo estava me enlouquecendo. Senti espasmos em meu ventre e sabia que estava perto.

— Eu vou gozar!

Ele sorriu abertamente e assentiu aumentando a velocidade de seus movimentos.

— Pode vir que vou junto com você!

Quando o ápice do prazer chegou, deixei-o me consumir forçando-me a não fechar os olhos para ver a magnitude que era aquele homem tendo um orgasmo.

Rodrigo abriu a boca, jogou a cabeça para trás e gemeu alto, as veias do seu pescoço se esticaram mostrando claramente a intensidade do prazer, enquanto o êxtase tomava nossos corpos. Viajamos para um mundo onde éramos só nós dois, longe de qualquer outra coisa que pudesse atrapalhar o momento. O desejo era tão puro e forte, corria por nossas veias nos marcando, nos enchendo de paixão. Senti meu coração batendo mais vigorosamente e então ele deitou em cima de mim, respirando muito forte, logo se virou preocupado com seu peso, tirou o preservativo, dando um nó e colocando-o em cima da embalagem que havia jogado no chão, me prendendo em seus braços.

Meu pulso estava rápido e podia sentir que meu corpo todo estava sensível. Meus ouvidos zumbiam e a única coisa coerente na qual eu podia pensar era em como eu me encaixava tão perfeitamente com ele.

— Uau, isso foi...

— Maravilhoso! — completei o que ele iria dizer e levantei a cabeça de seu peito forte e suado para afirmar o que dizia. — Foi incrível, acho que até melhor do que da outra vez.

Ele sorriu e estendeu a mão que antes apoiava na barriga e contornou o lado do meu rosto.

— Ainda não sei. Aquela noite nós só paramos porque senão desmaiaríamos de cansaço.

Eu sabia disso, estava totalmente sem forças que fui contra tudo que sempre disse que não faria, adormeci em seus braços.

— Você acabou comigo, de manhã eu andava igual a uma pata.

— Então acho que não fui muito efetivo, o meu objetivo agora é que de manhã você não consiga nem mesmo fugir de mim.

Aquilo sim que era uma promessa. Mas senti que em parte ele falava a verdade, sabia que para um homem orgulhoso como Rodrigo ter sido abandonado feriu seu ego e eu poderia me explicar naquele momento do porquê de ter saído na manhã seguinte, mas não o faria. Não ainda...

Primeiro: porque poderia estragar aquele momento. Segundo: porque não tinha motivos para que eu me explicasse.

Ele não tinha me pedido nenhuma explicação, ainda. E para mim estava bom não ter que lhe dizer detalhes dos meus motivos de sair disfarçada e fugir na manhã pós-foda. Mas, inevitavelmente, eu sabia que essa hora viria.

— Então eu acho que você ainda tem muito que trabalhar aqui, grandão. Consigo sentir

minhas pernas.

Ele balançou a cabeça e deslizou a mão por meu corpo dando um tapa estalado em minha bunda.

— Não, moça, a senhora ainda tem uma promessa a cumprir, lembra?

Assenti e fechei os olhos já imaginando tudo que viveríamos naquela noite. Estava sendo promissor e eu mal podia esperar.

— Você prometeu um banho também!

Rodrigo se mexeu e sentou-se me levando junto. Acabei meio sentada, meio deitada, com o rosto na pélvis do homem. Caramba, o negócio era farto até mesmo depois de tanto exercício.

— Eu acho que podemos nos sujar um pouco ainda, antes de uma chuveirada. O que acha?

Afastei-me, sentando, porque aquela "coisa" estava me distraindo e o encarei. Rodrigo me olhava com um sorriso sacana no rosto de quem sabia que eu estava pensando bobagem.

— Que tipo de sujeira você está falando?

— Não sei, de todas possíveis.

— Hum, podemos pensar em algumas coisas.

Ele assentiu e me levantei. Sem vergonha nenhuma retirei a calcinha que ele não tinha se dado ao trabalho de fazer e Rodrigo sorriu quando a joguei em seu rosto. Andei até o outro lado da casa, onde ficava uma geladeira pequena tipo frigobar, abri-a inclinando-me para ele. Pude ouvir seu gemido e espiei por baixo do braço. Estava praticamente deitado na cama me olhando.

— Tá tendo uma boa visão daí?

— A melhor! Posso ficar aqui, olhando-a desse jeito eternamente.

O que tinha os homens com bundas?

Voltei minha atenção para o que tinha na geladeira e achei o que ele deveria estar se referindo. Havia um spray de chantilly e tive uma ideia. Quando viu o que eu tinha nas mãos foi logo se ajeitando na cama, dobrou um travesseiro apoiando a cabeça e abriu os braços.

— Só pra avisar, eu tenho mais de vinte tatuagens. — E fechou os olhos, sorrindo.

Ele era praticamente um monumento de arte, lindo, para ser admirado. Os desenhos em sua pele eram lindos e combinavam com ele. Tinha imagens, frases, nomes, números e palavras. Tudo isso integrava na personalidade daquele cara bruto e tão delicioso.

Subi na cama e fiquei apoiada nos joelhos. A garrafa estava gelada e a apoiei no lado interno de sua coxa direita, ele puxou um pouquinho devido ao susto e então abriu os olhos me encarando.

— Acho melhor eu começar logo então, né?

Ele assentiu e deitou novamente.

— Fica à vontade, madame. Sou todinho seu! — Levantou a cabeça olhando pra mim. — Mas depois será a minha vez, não coma todo o chantilly...

E senhoras e senhores, aquilo era uma promessa!

Capítulo 23

Recaí quando te vi
E a paixão veio à tona
Fui a nocaute, beijei a lona
O meu corpo tremeu
(Nocaute – Jorge e Mateus)

Rodrigo Silva

Eu quase troquei de lugar com ela. Queria provar aquele doce em seu corpo e contornar cada curva com a língua, mas confesso que também estava ansioso para ver o que Mileni iria fazer e como eu iria me sentir tão exposto daquela forma.

Seus lábios estavam vermelhos de nossos beijos e senti como se pudesse enlouquecer se não os provasse logo. Pelo que me pareceu, ela também se sentia da mesma forma, porque antes mesmo de começar a me explorar, subiu na cama e tomou minha boca beijando-me como se nunca houvesse feito antes.

Os lábios dela eram macios, suaves e famintos. Mileni sentou-se em minha barriga e segurou meu rosto com uma mão, mantendo-me parado para que ela saboreasse como queria. E claro, eu me entreguei a ela, porque não era idiota. Quando uma mulher te quer de uma forma tão intensa, você se deixa levar, não tem essa de quem comanda o quê. Eu era seu para que fizesse o que tivesse vontade.

E ela fez por um bom tempo, desvendando cada tatuagem minha e me enlouquecendo com aquele doce gelado em minha pele. Mileni Pontes me beijou, me levou e me fascinou. Quando não aguentei mais, inverti nossas posições e acabei com o chantilly em seu corpo, lambi cada

gota e a fiz gozar deliciosamente.

Ela me olhou com os olhos enevoados de prazer, sabia que eu estava ferrado. Porque, por mais que eu negasse, tentasse fugir, por mais que soubesse que no final de tudo poderia me machucar muito, não conseguiria fugir do que começava a sentir por ela.

Levei-a para o chuveiro e não a comi na parede como disse, estava cansada e, para falar a verdade, o que eu mais quis naquele momento foi lavar o corpo dela. Dar-lhe banho, massagear seus músculos tensos e acariciar sua pele macia, aproveitar a forma como ela olhava para mim: como se eu fosse alguém especial. Deixar que a água nos envolvesse enquanto nos beijávamos sem pressa, deslizando as mãos um no outro. Aprendendo o que gostávamos e rindo em meio às brincadeiras bobas.

Aquilo estava íntimo e certo demais; e, sinceramente, eu não sabia como agir a partir dali.

Ela era alguém totalmente fora do meu alcance e mesmo assim estava ali comigo, em minha casa simples, recebendo meu toque de uma forma que me deixava sem reação. Era tão intensa em cada coisa até mesmo em um banho que se tornou tão particular.

Percebi naquele momento que as coisas estavam caminhando para algo maior e que meu tombo poderia ser muito pior por conta disso.

Contudo, como um verdadeiro masoquista, eu estava pronto para sofrer a tortura que ela estivesse disposta a me proporcionar.

— Agora me conta. Qual a história das suas tatuagens?

Sorri para Mileni, que tinha o queixo apoiado em meu abdome, ela me olhava com curiosidade enquanto seu dedo indicador traçava os desenhos pintados na minha pele.

Depois do sexo que tivemos, tomamos um banho relaxante e deitamos na cama com um

pacote de batatas Chips. Pensei que acabaria adormecendo, mas, pelo que podia perceber, estava bem acordada e não havia nenhum sinal de cansaço em seu rosto.

— Hum, por onde devo começar? — Olhei para baixo onde seu dedo estava estacionado há alguns minutos e percebi que ela estava mais focada naquela tatuagem, que era um desenho de um lobo em 3D, com o rosto meio quadriculado, que dava a impressão de que estava saindo da pele, metade do rosto dele estava manchado de azul e roxo e em cima do desenho tinha alguns números importantes. Aquela tatuagem cobria todo o lado direito da minha barriga, começando abaixo do peitoral e terminando em meu osso do quadril. — Essa eu comecei a fazer com dezoito anos, o lobo significa força, sobrevivência, lealdade, coragem... todas as coisas que quis preservar em minha vida. Os números são as datas importantes, as que me fizeram feliz e as que me machucaram.

Ela piscou duas vezes e parecia encantada com a minha explicação. Não tinha como Mileni saber, mas essa era uma das minhas tatuagens que mais importavam para mim.

— Nossa! — Ela olhou para as linhas em minha pele e apontou para uma das datas mais novas. — Essa é recente.

Assenti e levei minha mão até a dela cobrindo-a.

— É a data que meu pai faleceu, gravei esse número no dia seguinte ao seu sepultamento.

Mileni levantou os olhos e a luz parecia ter se apagado de seu olhar.

— Sinto muito!

Balancei a cabeça e apertei sua mão mais uma vez, como se assim a confortasse.

— Eu já superei. Meu pai foi crucial para a construção de quem eu sou hoje, ele me ensinou o valor do trabalho, do esforço e que a gente não deve desistir do que quer sob nenhuma circunstância. Quando ele partiu, eu fiquei muito machucado, foi como perder uma parte de mim, mas assim que marquei essa data em meu corpo percebi que esse é só mais um degrau que a gente precisa subir. A perda faz parte da vida!

Apesar de seu semblante triste, ela também parecia pensativa.

— Eu não sei lidar com a morte, acho que quando chegar a hora que precisarei enfrentar a partida de quem amo, não conseguirei superar dessa forma.

Assenti sabendo exatamente o que ela dizia, também pensava assim até ter que enfrentar, fiquei olhando para ela, a mulher era tão linda, e naquele momento percebi o quanto a julguei mal por causa de seu status social e posição financeira. Claro que eu poderia estar apenas iludido pela névoa do sexo recente, mas alguma coisa me dizia que ela era muito mais do que deixava que as pessoas vissem.

— Você consegue sim! A única certeza que temos desde que abrimos os olhos pela primeira vez é que vamos fechá-lo para sempre um dia. Mas isso não quer dizer que acabou, certo? Uma vida cheia de realizações não pode ter final quando o corpo enfraquece. Isso que sempre me confortou. Eu acredito que nos encontraremos com quem amamos em outro lugar, melhor do que esse.

— Você é muito surpreendente, sabia? — Sorri para ela com o elogio e meu peito se encheu de alguma coisa que não quis prestar atenção no momento.

Minha mão esquerda passeava por suas costas lisas e eu descia até a curva de seu bumbum. Estávamos tão conectados daquele jeito quanto estávamos quando me afundei em seu corpo.

— Mas nem todas as minhas tatuagens têm significados. Muitas aí são apenas desenhos que gosto e frases legais.

Ela sorriu e se virou para mim, apoiando o queixo na mão que antes fazia traços em minha pele.

— E aquele seu dragão enorme nas costas? Fiquei bem impressionada com ele.

Sorrindo desviei o olhar por um minuto, ele também era uma tatuagem com um grande significado para mim.

— Além de gostar muito dessas coisas, o dragão é um ser quase indestrutível. Não imortal, mas quase impossível de se matar, sempre quis ser alguém que você não vence com facilidade, sabe? Ter a força bruta dele; e quando fiquei mais forte, achei legal fazer um enorme monstro desses nas minhas costas.

— É lindo! — Engoli em seco ao ouvir o tom de sua voz. Ela parecia não falar apenas do meu desenho. — Quando eu fugi, meu cabelo ficou agarrado no seu braço e fiquei um pouco hipnotizada olhando para o seu dragão.

— Hum, e tenho certeza de que pensou em alguma coisa...

Ela assentiu e vi suas bochechas se avermelharem.

— Eu estava com tanto medo de você acordar e ver meu cabelo preso em seus enormes braços, que, aliás, tem as tatuagens tribais mais lindas que já vi, que surtei um pouco. E logo pensei que você era realmente muito grande para caber um dragão inteiro nas costas.

A sua voz divertida e aquele olhar de menina travessa me deixou encantado. Dei uma gargalhada sonora e ela me acompanhou, fiquei olhando para aquela mulher tão incrível.

— Por que você fugiu de mim?

Então a diversão em seu rosto sumiu. Eu quis perguntar isso e muitas outras coisas a ela desde o momento em que o vídeo vazou. Não entendia seus motivos e ao mesmo tempo suspeitava. Claro que a julguei muito, devido ao meu passado e tudo que acreditei por tantos anos. Mas, quando decidi que deixaria toda a merda de lado para ter mais uma chance com ela, sabia que esse momento chegaria sem que eu forçasse.

Mileni se sentou e puxou o lençol consigo cobrindo os seios. Sabia que ela falaria sobre o assunto, então para não constrangê-la me cobri com o outro pedaço do tecido.

— Não queria que me reconhecesse. Fiquei com medo. — Ela parecia envergonhada e não me olhava nos olhos, parecia incomodada e tinha a cabeça baixa.

Levei minha mão até seu rosto e levantei seu queixo com um dedo fazendo com que ela se conectasse comigo de novo. Não queria que isso acontecesse, não estava julgando-a, não naquele momento. Só queria entender mesmo para que as caraminholas não tomassem conta de novo.

— Não precisa ficar assim, eu só quero entender seus motivos. Quando veio aqui em casa pedindo para que eu não revelasse que era você mesmo que estava comigo, fiquei bem chateado e pensei um monte de besteira. Fui grosso e não tem desculpa.

Ela sorriu levemente e se encostou de lado na cama olhando para mim.

— Você já se desculpou por isso, Rodrigo. Na pizzaria, lembra?

Dei de ombros.

— Minha mãe mandou eu me desculpar, Paulão acabou me entregando, sabe? Ela é bem rigorosa quanto a educação que me deu. Apesar de ter sido intimado a chegar em você aquele dia, eu sinto muito mesmo por ter sido um grosso.

Mileni arqueou as sobrancelhas surpresa com a minha "confissão" e sorriu.

— Eu também não fui muito legal com você. Passei a me comportar como as pessoas me veem depois de muito dar com a cara na parede. Tornei-me uma mulher esnobe e mimada quando preciso me proteger.

— E você achou mesmo que eu poderia tirar vantagem de você?

Ela assentiu e baixou os olhos mais uma vez, voltando-se para mim logo em seguida.

— Sinto muito, Rodrigo!

— Não tem que se desculpar, cada pessoa sabe onde o sapato aperta, não é? — Sorri para ela, tentando amenizar o clima estranho que se instalou entre nós. — E você faz isso com frequência?

— O quê? Sair à procura de caras aleatórios pra transar? — Ela riu amarga e ouvi em sua voz que ela já tinha sido acusada disso.

— Não! Se disfarçar para se proteger. Não que eu esteja reclamando, amei te ver loira, mas *você é você,* assim. Na verdade, eu só não te reconheci porque não sou fã dos filmes que faz, desculpa.

Os olhos incríveis dela estavam arregalados de diversão e então ela começou a rir alto encostando-se mais em mim. Suspirei aliviado porque fiquei com medo de ter estragado tudo.

— Preciso! Quando saía sendo eu mesma, sempre dava problemas e depois que passei a me disfarçar as coisas melhoraram, especificamente quando vou ao *Beer,* onde me conhecem de verdade. Às vezes, minha escapada escondida não dá certo e acabam me reconhecendo, então saio escondida às pressas. As pessoas não gostam disso e se sentem traídas por eu não querer revelar a minha identidade e depois de descoberta ficam chateadas porque foram enganadas. É confuso!

Ô, se era, a vida dela não era nada fácil, pelo visto. Porque ter que se disfarçar toda para ter um pouco de paz não era vida.

— Naquela noite, se você se lembra, eu não pretendia ir adiante contigo. Só queria te beijar porque, bem, você é irresistível.

Engoli em seco com a sua sinceridade e ela olhava para mim com desejo e pude ver a verdade em seu olhar. Inclinei-me apoiando-me em um braço e levei minha mão até seu rosto deslizando meus dedos por ele, apreciando sua beleza tão singular, os cabelos caíram de seu ombro deixando a pele exposta. Curvei-me e a beijei ali, num ponto estratégico onde tinha pequenas pintas enfeitando a beleza dela, fechando os olhos, me entregando àquilo que acontecia entre a gente.

— E você ficou tão tentada que foi contra o que dava certo, ficando com um bruto como eu? — Pude perceber que ela assentia e sorri em sua pele voltando a me afastar para olhar em seus olhos. — E valeu a pena toda a confusão que veio depois?

Mileni entreabriu os lábios e os lambeu parecendo recordar de alguma coisa.

— Cada minuto! — Ela estreitou os olhos e tombou a cabeça de lado. — Por que *Big Mac*?

Sorrindo, eu me sentei, sabendo que esse momento chegaria. Não gostava de explicar isso e, normalmente, quando me perguntavam eu acabava não falando. Mas depois de tudo que ela me disse sem ter a obrigação de fazer, sabia que merecia a verdade, mesmo que fosse muito ridículo.

Cruzei os braços e não foi nem um pouco sutil a forma como ela olhou para eles, sorri.

— Quando eu tinha uns dezesseis anos, eu namorava uma menina muito legal da escola. Éramos virgens e cheios de tesão. Quando finalmente decidimos que era hora de levar nosso relacionamento a outro patamar, a levei para um motel que ficava ao lado de uma lanchonete. — Olhei para ela, que me encarava cheia de expectativa, provavelmente pensando que seria uma história romântica, mulheres tendem a enfeitar tudo, e sorri um pouco envergonhado com o que estava por vir e abaixei a cabeça. — Quando eu tirei a roupa, ela ficou assustada, por causa do... — Apontei para a minha pélvis e Mileni deu uma risadinha. — Então a menina começou a vestir a roupa, um pouco surtada, dizendo que não iria perder o cabaço com um cara desse tamanho e que era maior que o *Big Mac* que ela tinha comido na lanchonete do lado. Resultado: fiquei virgem por mais um ano. Ela contou para todo mundo e fiquei com esse apelido até hoje, não gostava no começo porque aquele sanduíche nem é tão grande assim, mas acabei me acostumando e usando quando me era conveniente.

Eu sabia o que viria e para mim estava bom quando Mileni deitou na cama e se rolava de rir. Era a reação de todo mundo quando eu contava essa história, mas vê-la daquele jeito, gargalhando alto, tão forte que chegava a se segurar como se alguém lhe fizesse cócegas, fez alguma coisa com meu coração e eu não queria chegar lá ainda, mas havia algo que era certo.

Eu estava maravilhado por uma diva, estrela do cinema, que tinha se encantado pelo mecânico bruto.

Capítulo 24

Cada um em seu casulo, em sua direção
Vendo de camarote a novela da vida alheia
Sugerindo soluções, discutindo relações
Bem certos que a verdade cabe na palma da mão
(Teto de vidro – Pitty)

Mileni Pontes

Jesus! Eu nunca tinha rido tanto na minha vida, a forma como ele contava aquela história... a voz dele e os olhos parecendo entediados, como se estivesse esperando por aquela reação da minha parte... tudo se juntou em um caso cômico.

Ele olhava para mim de um jeito tão suave, por incrível que pudesse ser naquele homem. Em um primeiro momento você o julga como alguém selvagem, ríspido. Mas ao conhecer Rodrigo pude perceber o quanto ele era sensível.

— Isso não aconteceu!

— Claro que sim, essas coisas sempre acontecem comigo. Não pense que não vi o seu rosto de assustada quando me viu nu pela primeira vez.

Oh, Deus! Não soube onde me enfiar naquele momento, porque ele tinha razão. Eu havia ficado um pouco assustada, mas estava tão excitada que nem mesmo me importei com nada.

— E, pelo que entendo de meninos adolescentes, você foi zoado por dias.

— Meses, anos... Quem está contando? Mas depois meu pai me disse que os meninos deviam estar com inveja. E comecei a me gabar da situação!

— Oh!

Ele riu e arqueou as sobrancelhas pegando meus braços e me puxando pela cama, deitando-me de costas e colando o peito enorme em meus seios.

— É, oh! Queria te perguntar uma coisa.

Inclinei-me e dei-lhe um beijo doce nos lábios firmes e cheios.

— O que quiser!

— Sábado que vem, vamos fazer um churrasco na oficina em comemoração ao aniversário do Paulão, queria que você fosse. Sei que não é como as festas que você está acostumada, nem de perto. Mas adoraria que estivesse lá. Isso, se não for te atrapalhar. Além do fato de que ele é seu fã.

Ele tinha uma expressão tão insegura que chegava a ser fofo o modo como estava com receio de me fazer aquele convite.

— Não é mesmo! — Era melhor, mas não diria isso a ele ainda. Estávamos nos conhecendo e não queria me abrir tanto logo de cara. — Vou adorar ir!

Os olhos de Rodrigo brilhavam de felicidade e o sorriso em seu rosto era de pura satisfação, então ele se moveu, ficando com o corpo todo por cima de mim, cada parte de sua pele nua colada na minha. Senti que ele estava ficando excitado.

— O *Big Mac* quer brincar?

Aquele olhar safado, cheio de fome. Deus, ele era lindo demais!

— Ele quer!

— Não vamos deixá-lo na vontade então...

E claro que as coisas não poderiam ser somente flores, não é? No momento em que o *Big Mac* iria mesmo descer para o *playground*, a campainha tocou, fazendo com que parássemos no meio do caminho. Rodrigo estacou e olhou para mim com o semblante tão triste que foi engraçado.

— Será que se eu fingir que não estou em casa vão embora?

— Talvez...

Estava torcendo para que sim, que acontecesse mesmo, mas não. Nosso empata era insistente e tocou mais duas vezes completando com batidas na porta.

— Porra! Deve ser um daqueles idiotas querendo me importunar. — Rodrigo fechou os olhos, encostou a cabeça em meu peito e se levantou xingando um monte de palavrões. Vestiu uma bermuda e tentou se arrumar, estando ainda pronto para a nossa brincadeira. — Não sai daí que vou mandar esse filho da puta embora e volto logo. Já é tarde pra caralho para aguentar alguma merda de alguém.

E saiu falando um monte de coisas, fiquei com pena de quem quer que tivesse ido ali. Fiquei deitada na cama, esperando que ele voltasse, mas alguns minutos se passaram e nada do Rodrigo voltar.

Levantei-me, envolvi o lençol no meu corpo e fui espiar pra ver quem estava ali àquela hora da noite importunando a nossa brincadeira.

Abri a porta, só um pouco e logo vi que não era nenhum dos amigos dele que tinham ido ali para importunar, como disse. Mas sim uma mulher muito bonita e claramente chateada.

— Não credito que você me dispensou todos esses dias por causa daquela sem graça. Sabia que gente como ela finge em todos os sentidos?

Não dava para ver o rosto de Rodrigo porque ele permanecia de costas, mas pela tensão em

suas costas que não estava satisfeito com a intrusão dela.

— Não fale o que não sabe, Vitória. Acho melhor você ir embora porque não estou sozinho.

Ela se inclinou tentando passar por ele, parecia louca de ódio.

— O quê? Você a trouxe para cá? Nós nunca ficamos no seu apê, apesar de eu querer vir pra cá. O que ela tem que fez isso com você, Rô? É o dinheiro, né?

— O que você tá insinuando, Vic? — Apesar da fala mansa, podia sentir a raiva na voz dele. — Vai embora logo, não quero ter que te arrastar para fora daqui. Não é um bom momento pra gente falar sobre qualquer coisa.

— Você tá comendo ela por causa da grana, né? Confessa! Não me trocaria assim por pouco.

E já estava de bom tamanho pra mim ouvir a conversa dos outros, claro que o clima havia esfriado e não rolaria nada mais do que, talvez, conversas estranhas.

Fechei a porta e me sentei na cama ainda enrolada no lençol esperando que Rodrigo voltasse de sua conversinha com a visita da meia-noite. Eu estava com ciúmes, mesmo não admitindo isso para ele nunca.

Era fato que a bile que subia por minha garganta tinha mais a ver com a a intimidade clara que tiveram do que com a insinuação maliciosa que a tal Vitória fez.

Uns dois minutos depois, que pareceram mais, ele entrou no quarto, coçando a cabeça e com uma expressão de desgosto em seu rosto.

— Desculpa por isso!

— Não eram os meninos?

Ele balançou a cabeça, suspirou e sentou-se do meu lado na cama. Seu corpo ainda estava tenso, podia ver seus músculos se retesando e eu sabia que não estava mesmo no clima mais.

— Não, era uma antiga conhecida. Ela vem me procurado há algumas semanas, mas não estava com cabeça para sair.

— Conhecida? — Arqueei uma sobrancelha e ele ficou ainda mais tenso, se possível. — Eu leio isso como uma amiga de foda?

— Sim. — Torceu a boca de lado e suspirou pesadamente. — Não tivemos nada sério e parece que Vitória não aceitou bem que eu tenha a dispensado.

Senti-me muito mal naquele momento e toda a magia que vivemos até ali estava se desvanecendo, fiquei triste por isso, pois minhas expectativas eram bem altas.

— Se quiser, eu vou para casa, Rodrigo. Não me importo mesmo.

Ele arregalou os olhos e se levantou, ficando à minha frente e então se abaixou pegando minhas mãos nas dele.

— De jeito nenhum, Mileni. Por que acha que quero isso?

— Você está chateado, posso ver isso claramente,

— Porque nossa noite estava muito boa e foi estragada por uma pessoa inconveniente e não sei como melhorar isso. — Ele sorriu e se esticou dando um beijo na ponta do meu nariz. — Não trocaria um minuto de estar com você nem por um milhão de reais.

Abaixei a cabeça, ainda com os ciúmes correndo em minha veia, mas ao mesmo tempo querendo voltar ao que estávamos vivendo antes da maldita campainha tocar.

— Ei, tenho uma ideia. Que tal a gente pedir uma pizza do DeLano e comer vendo qualquer coisa na TV?

Levantei os olhos e o peguei muito animado e esperançoso.

Rodrigo estava sendo uma grande surpresa para mim e eu mal podia esperar para descobrir mais daquele homem que você precisava tirar as camadas para vê-lo realmente. Sorri ao

perceber que meus pensamentos estavam voltando para coisas maliciosas.

— E que tal se a gente pedir a pizza e jogar *strip poker*?

Os olhos castanhos dele ficaram brilhantes e quentes, algo que percebi ser uma marca em Rodrigo, pois quando se excitava o homem parecia pegar fogo.

— E eu adorei essa ideia — olhou para meu corpo coberto apenas com um fino lençol e para o dele que suava somente uma bermuda —, mas vamos ter que nos vestir para tirar depois.

— Eu acho que será mais excitante, então...

Levantei-me, soltei o lençol e fui em busca da minha roupa enquanto ele ficou ali gemendo e xingando baixinho enquanto procurava o celular para pedir a pizza.

A noite estava ficando boa de novo.

— Então, a gente se vê no final de semana?

Odiava isso, de verdade, nunca gostei. Início de relacionamento é sempre assim, você se perguntando quando poderia vê-lo de novo, se é que poderia classificar duas noites maravilhosas como relacionamento. Mas, se ele tinha me convidado para um churrasco com os amigos era porque queria me ver de novo.

Rodrigo olhava para mim, apoiado na porta do meu carro, e sorriu. Inclinou-se e me deu um beijo suave nos lábios.

— Com certeza! Quer que eu vá te buscar ou você conhece bem o caminho para a oficina? — Seus olhos brilhavam de diversão e podia ver toda a satisfação que eu sentia refletida neles.

Passamos uma noite incrível! Mesmo com a pequena intromissão em nossa bolha, nada que um *strip poker* animado não desse jeito. Confesso que fiquei exausta e quando adormeci estava feliz como não me sentia há muitos anos. Acordei de uma forma inusitada, com um beijo exótico que me levou às nuvens.

Rodrigo era um homem sem pudor algum, ele se dedicava a cada coisa que se propunha a fazer e, minha nossa, como fazia bem. Além do fato que ele era muito bom de cama, pude conhecê-lo um pouco mais, fora da impressão que dava de ser um bruto. Era sensível, dedicado a família e aos amigos, carinhoso e tinha um papo tão gostoso que poderia ficar falando por horas.

Se eu estava ansiosa para repetir muitas doses como aquela noite? Com a mais absoluta certeza!

— Conheço sim! Precisa levar alguma coisa?

Aquele sorriso deveria ser proibido, o homem tinha uma cara de safado que se eu já não estivesse caidinha na dele seria inevitável não me encantar por todo aquele charme.

— Só essa sua bunda gostosa! — Piscou um olho e se aproximou dando-me uma mordida na bochecha. — Agora vai logo, senão te prendo na minha cama para abusar de você mais tarde.

Ai, que tentação!

— Eu vou, senão é capaz que *eu* me prenda na sua cama. — Estiquei e dei-lhe um beijo na boca. — Até mais então!

Dei ré no carro e manobrei, buzinei duas vezes dando partida de volta para minha casa, olhei pelo retrovisor e ele estava lá na calçada olhando meu carro se afastar. Rodrigo vestia só uma bermuda fininha e todo aquele monumento exposto causou certo ciúme da minha parte. Era coisa demais para se apreciar e eu sabia que tinha um monte de mulheres por ali loucas para provar cada pedaço dele.

Não queria prestar atenção aos milhares de sentimentos que me invadiam cada vez que pensava em Rodrigo, vulgo *Big Mac*. Ele tinha me feito relembrar como era bom ser livre, me soltar e não ficar presa ao que esperavam de mim, muito menos ao que precisavam de mim. Fez-me sentir coisas que não sentia há muito tempo, fez com que me entregasse ao prazer de uma forma que nunca tinha feito. Era coisa demais para processar e eu estava com medo de pensar muito e acabar fugindo, que era o que eu sabia fazer de melhor.

Depois de um bom tempo no trânsito até o Leblon estacionei na garagem e vi que Estevão estava no jardim mexendo em suas rosas que ele tanto gostava. Quando me pediu para que plantasse elas em meu quintal, fiquei tão feliz, porque era algo que ele tinha muito cuidado e ciúme. Pegou em sua casa algumas mudas e agora elas estavam incríveis. Só ele podia mexer, por isso fazia questão de estar sempre cuidando para que continuassem perfeitas.

Travei o carro e caminhei até onde ele estava agachado. Estevão não usava terno nem nada, mas não abria mão de vestir-se socialmente para trabalhar, naquele dia usava uma calça preta e camisa azul.

— Elas estão lindas, Estevão!

Ele levantou os olhos de seu trabalho e sorriu.

— Oi, menina. Nem percebi seu carro entrando, fico tão perdido quando estou com elas.

— Eu já acho que você se encontra. Adoro essa sua paixão pelas rosas. Lembro de quando era criança que eu e os meninos pegamos uma para dar de presente para nossas mães e você ficou muito bravo.

Estevão riu e balançou a cabeça concordando. Aquele tinha sido um dia divertido, tivemos que ouvir por horas seu discurso de dar valor à natureza e depois ainda pegamos mais uma rosa para juntar ao buquê.

— Tem certas belezas que não podem ser modificadas ou morrem, elas ficam perfeitas em seu lugar de origem. Se forem forçadas a mudar acabam perdendo o brilho.

Sempre filosofava quando estava com suas plantas.

— Tem razão! E como estão todos?

— Tudo bem! Maria mandou um beijo pra você e te espera para almoçar em breve.

— Agradeça a ela por mim e diga que vou, desde que ela faça o meu nhoque de frango preferido.

Ele olhou para mim e piscou um olho voltando-se para as rosas.

— Eu direi. Fátima está aí desde cedo, acho que dormiu na sua casa. O humor dela não está dos melhores.

Revirei os olhos sabendo que as coisas iriam ficar feias.

— E quando está, não é mesmo? Até mais, Estevão!

Deixei-o com suas plantas que ele tanto amava e fui enfrentar a fera. Mas estava de tão bom humor que acreditei que nada poderia me estressar. Entrei em casa e estava tudo silencioso demais, o que seria perfeito se a Fátima não estivesse ali. Logo que subi as escadas até o andar de cima tive um pressentimento ruim. Caminhei bem atenta a tudo ao meu redor e ao chegar em meu quarto dei de cara com uma bagunça sem fim, estava tudo revirado e no meio daquilo tudo, minha empresária, com uma expressão de louca, sussurrando coisas e com os olhos estatelados.

— O que está acontecendo aqui?

Fátima levou um susto e se endireitou de sua função em revirar as gavetas de meu closet.

— O que você está fazendo em casa a essa hora? Não tinha um comercial para gravar?

— Eles marcaram para depois do almoço. Mas você ainda não me respondeu: que bagunça é essa, Fátima? Quem lhe deu o direito de mexer nas minhas coisas.

Eu estava com raiva, morta de ódio, porque, além de uma invasão de privacidade enorme, ela sabia que meu quarto era território proibido para que ela botasse o bedelho. Mas a mulher parecia não ter conta do risco que corria, ela revirou os olhos e continuou mexendo nas coisas.

— Você me deu esse direito quando resolveu fazer uma aparição numa noite de sexta em um bar de categoria baixa e ainda por cima ficar beijando mecânicos sem futuro. Estou procurando uma forma de abafar isso tudo. — Levantou os olhos até mim numa calma surpreendente. — Você não olhou as redes sociais hoje, pelo visto.

— Claro que não! Eu sabia que estaria em todo lugar e não queria estragar a noite incrível que tive.

— Incrível? Imagino o tipo de noite vulgar que aquele ser te proporcionou. Francamente, Mileni, você tinha um padrão mais elevado. Não nega a origem que veio, né? Só decaindo...

Ela estava mesmo me dando bronca enquanto fuçava as minhas coisas? Aquilo precisava parar, tinha fugido de todos os limites, eu já tinha avisado a ela que não aceitaria mais aqueles tipos de atitudes.

— Para com isso agora, Fátima! — gritei tão alto que achei que poderiam ter me ouvido no final da rua.

A mulher se assustou e pareceu perceber, pela primeira vez, o que estava fazendo e que eu estava ali vendo a sua falta de educação.

— Não dá mais, você não tem limites. Sempre te falei que meu quarto era território proibido para você, até mesmo entrar nesse cômodo está fora de seu trabalho. Deixo você dormir na minha casa por uma gentileza, porque você sai muito tarde e a cidade é perigosa. O que me arrependi exatamente no dia que fiz esse convite, não tenho paz nem mesmo na minha casa. Você não pode fazer isso mais.

Ela engoliu em seco e cruzou os braços parecendo um pouco culpada pelo que tinha feito, mas não perdia a pose esnobe.

— Você não me deu escolha, tenho que consertar o que você...

Levantei a mão calando-a, o que, por incrível que pudesse ser, funcionou.

— Cala a boca! Eu acho que não podemos mais trabalhar juntas, eu estou cansada e infeliz. Meu trabalho já não é o mesmo de quando eu comecei e não quero mais ter que dar cabo de cada passo que dou para você.

— Você não sobreviveria sem mim, Mileni. Não pode fazer isso!

— Veja se não posso. — Aproximei-me e peguei-a pelo braço arrastando-a até o lado de fora do meu quarto. — Quero você fora da minha casa em dez minutos e leve todas suas tralhas, aguarde meu advogado entrar em contato.

— Você está fazendo algo muito errado.

— Não, Fátima, meu erro foi deixar você me chantagear com o nosso passado. Mas agora acabou, e, aliás, você vai ficar melhor sem mim, já que devido às minhas origens não sou tão boa assim para a sua empresa. Passar bem!

E fechei a porta na cara dela sem dó, o que fez um estrondo. Virei-me vendo aquela bagunça, algo que poderia me fazer surtar devido ao meu TOC, mas eu me sentia tão livre que meu humor estava maravilhoso.

— Ai, Jesus, não acredito que consegui fazer isso.

Mas sim, eu havia feito, me soltei dos grilhões que me prenderam por tanto tempo e boa parte dessa coragem se devia à noite esplêndida que tive. Mal podia esperar para o próximo final de semana.

Peguei meu telefone e mandei uma mensagem ao meu irmão:

Mileni: Preciso conversar com você, urgente! Vem aqui em casa o mais rápido que puder!

Não demorou muito para que meu celular apitasse com a resposta de Diego:

Diego: Chego aí em vinte minutos!

Algo que meu irmão sempre foi é pontual. Não precisei ficar esperando e logo ele entrava na sala com uma expressão de preocupação em seu rosto. Não sabia como lhe dizer tudo que havia acontecido, então resolvi fazer como se estivesse tirando um band-aid. Arranquei de uma vez só.

— Parabéns, maninho. Você foi promovido!

Diego fechou a porta atrás de si e foi se aproximando com o cenho franzido enquanto eu estava recostada no banquinho do bar que havia no canto da sala com um copo de uísque com suco de uva.

— Como assim, Mileni? Você tá bem? Tá parecendo meio louca! — Dei de ombros sem querer falar muito, estava ainda sem acreditar que tive coragem de fazer o que fiz, e ele estreitou os olhos. — Recebi uma mensagem estranha da Fátima antes da sua, será que tem algo a ver com isso?

Arregalei os olhos chocada com a audácia da mulher e me aproximei dele.

— Mensagem? O que ela falou?

— Não entendi bem, mas acho que estava me demitindo. Disse algumas ofensas, mas isso é normal no trato dela comigo.

— Isso é inveja, ela sabe o quanto você é bom no que faz e tem tudo para crescer ainda jovem. Não esquenta, o problema da Fátima é comigo e está descontando em você, eu deveria ter reconhecido isso há muito tempo. Mas estava presa demais ao que devo a ela para enxergar

qualquer coisa.

Diego parecia confuso e respirei fundo antes de lhe contar tudo o que aconteceu, no final do meu relato desde nosso desentendimento no escritório da Fátima até a invasão dela em meu quarto por causa do Rodrigo, meu irmão ouviu tudo em silêncio e quando terminei ele apenas ficou andando pela sala com as mãos na cintura.

— Quer dizer que você demitiu uma das maiores empresárias do meio cinematográfico brasileiro e vai me colocar no lugar?

Ele parou e olhou para mim de um jeito que não poderia identificar se tinha gostado ou não da notícia, eu estava tão desnorteada com todos os acontecimentos que não poderia nem tentar entender o que se passava na cabeça do meu irmão nem se quisesse.

— É!

Diego ficou parado ali, tão perto, me olhando sem nenhuma reação, nem mesmo um piscar de olhos. Comecei a achar que ele não estava passando bem.

— Você tá bem?

— Se eu tô bem? Caralho, mana! Porra, tô sim!

E deu um grito alto, como se o seu time de futebol preferido tivesse ganhado a final contra o maior rival. Ele vibrava e começou a pular pela casa como fazia quando era criança e conseguia me vencer em alguma disputa estúpida. Não pude evitar de sorrir ao vê-lo daquele jeito e na hora que parou perto de mim, quase sem fôlego, se serviu de qualquer coisa do bar bebendo de um gole só enquanto arqueei a sobrancelha e o empurrei com o ombro.

— Se soubesse que você ia ficar tão feliz com uma promoção teria feito antes.

Ele balançou a cabeça e arranhou a garganta.

— Você não entende, não é? Não foi por causa da promoção que tive essa reação. Claro

que estou muito feliz com isso, mas não é o maior motivo da minha alegria.

— Ah, não?

— Não, mana. — Diego sorriu e me empurrou com o ombro de volta enquanto me olhava com carinho. — Estou feliz porque finalmente você se livrou da trava que te segurava no passado.

Suas palavras simples significavam mais para mim do que se ele filosofasse por horas dizendo coisas bonitas e de impacto que me fizessem ver algo que sempre esteve na minha frente.

Notei que seus olhos estavam marejados e o abracei pelos ombros; apesar de ele ser maior que eu, ainda me sentia responsável por confortar meu maninho.

— Também estou feliz por isso, Di! Sinto-me mais livre. — Ele assentiu e ficamos sentados ali nos banquinhos ao lado do meu bar de enfeite e os minutos se passaram.

Diego olhou para mim e começou a rir.

— Entramos na lista negra de Fátima Monteiro...

— Eu já estava nessa lista, irmão. — Era engraçado que eu só enxergasse naquele momento o que sempre esteve na minha frente, Fátima usou de seu controle comigo para me castigar. — Agora você, é melhor se preparar porque ainda vai ter chumbo grosso pela frente. Preparado para trabalhar?

— Com certeza, a primeira coisa a fazer é entrar em contato com os advogados para que ela não venha com surpresas, aliás, farei isso nesse momento. — Diego se inclinou e me deu um beijo no rosto. — A gente se encontra na semana para que eu consiga te colocar a par de tudo, tá? Obrigado pela oportunidade, Leni.

Assenti emocionada com minha constatação: meu irmãozinho tinha crescido e não precisava mais da minha proteção ou cuidado, os papéis haviam se invertido de certa forma e

agora ele cuidaria de mim.

— Sempre acreditei em ti, mano! Agora vai lá começar a trabalhar senão já sabe, não tem o décimo terceiro.

— Tirana! — Ele sorriu e se levantou; andando até a porta virou-se para mim com um brilho no olhar, que eu conhecia bem. — Devemos comemorar. Por que não convida o seu *Big Mac* para sairmos um dia desses? Acho que tá na hora de apresentar a família, não, mana? Depois daquele beijão...

E voltou o irmão chato que gostava de pegar no meu pé, peguei uma almofada no encosto do sofá e joguei nele, só que o filho da mãe fechou a porta se safando de uma travesseirada.

Tinha que ver logo a tal matéria que deixou a Fátima surtada e o que disseram sobre mim e Rodrigo. Peguei o celular em cima da mesinha do bar e abri no navegador, logo digitei no mecanismo de busca meu nome e a data da noite anterior, apareceram vários links de site, então cliquei no primeiro, que era o mais acessado.

Estava até com medo do que iria abrir, mas ao descer a página vi uma foto muito bem oportuna, de quando ele me salvou de cair da escada; Alex olhava para nós parecendo chocado e eu simplesmente enxergava somente o homem que me tinha nos braços, nossos olhares denunciavam o desejo e atração que sentíamos um pelo outro. Na foto seguinte, nós nos beijávamos e parecia mesmo uma cena de filme.

Logo abaixo havia uma nota que dizia o seguinte:

"Em uma cena digna de prêmios, Mileni protagoniza romance com um desconhecido, mas nem tanto, porque já vimos pelas mídias sociais. O caso dos dois parece ser mais sério do que muitos diziam e até mesmo o galã Alex Becker perdeu para o mecânico bonitão. Logo depois da cena romântica, os dois simplesmente sumiram do Beer at the bar, onde participavam de um show beneficente. Aí fica o questionamento: para onde os pombinhos foram? Será esse um caso de amor tórrido ou alguém finalmente roubou o coração de Mileni Pontes?"

Eu entendi o porquê do desespero da Fátima, aquele não era um site de fofocas que

inventava mentiras e procurava apenas por audiência, mas era uma página respeitável onde simplesmente mostravam a realidade até mesmo para que alguém desligado pudesse ver.

O que tinha acontecido à noite no bar não era algo de momento, não era uma escapada, era mais. E como qualquer pessoa que lesse aquela reportagem, fiquei me perguntando também o que será que estava acontecendo entre nós?

Capítulo 25

Arrumei a mala há mais de uma semana
Só falta você me chamar pra eu fugir com você
Mudei meu status, já tô namorando
Antes de você aceitar, já te assumi pro Brasil
(Te assumi pro Brasil – Matheus e Kauan)

Rodrigo Silva

Eu sabia o que iria enfrentar assim que pisasse naquela oficina, por isso não fui trabalhar no sábado e nem fui ao jogo no domingo. Não queria que nada estragasse a noite que tive ao lado daquela mulher irresistível. Mesmo com o pequeno imprevisto da Vitória, ela não foi capaz de nos atrapalhar. Então optei por guardar por mais tempo as memórias dos momentos incríveis. Estar com ela me fez ver o porquê de tanto estardalhaço por seu nome, ela era maravilhosa em todos os sentidos.

Infelizmente, não consegui fugir por muito tempo, na segunda tinha trabalho me esperando e a minha paz estava chegando ao fim.

Como de costume, cheguei à oficina de *bike*. Além de me exercitar evitava que pegasse trânsito de um bairro para o outro.

Mal encostei e fui abordado por um dos panacas.

— Olha só quem resolveu aparecer depois de deixar a gente curioso o final de semana todo!

Revirei os olhos e olhei para Jorge, que sorriu para mim. Tinha evitado ligações e não

respondi suas mensagens, o cara era muito chato.

— Ficou curioso porque é um idiota.

— Parceiro, você não é um bom amigo. Depois da gente ter salvado vocês daquele bando de gente, o mínimo que poderia fazer era nos dizer que estava bem.

— E por que não estaria, Jorjão? Não é como se eu estivesse em perigo ou algo assim. — Passei por ele indo em direção ao escritório e claro que o chato me seguiu até lá.

— Sei lá, vai que a mulher fosse uma louca e você precisasse da gente para te ajudar a se safar.

Ele riu como se eu fosse mesmo fazer isso, além do mais Mileni não era louca e a única coisa que eu precisava me safar era da perturbação daqueles caras chatos.

— Tudo bem, Jorge. Você espera um agradecimento?

Ele assentiu entusiasmado.

— Ok, obrigado por ter segurado as pontas lá no bar! Melhor?

— Por enquanto sim, mas espera só até o Paulão chegar. O cara tá surtando literalmente!

— Vocês não têm nada melhor pra fazer não? Pelo amor de Deus!

Olhei para as ordens de serviço em aberto que tinha em cima da mesa e fui em busca do carro que precisava trabalhar, era algo que me tomaria bastante tempo, o dia todo e talvez o seguinte também, uma coisa para ocupar minha mente.

— O que você espera, oh, amigo da onça? — O insistente ainda estava atrás de mim. — Sua cara feia está em todos os jornais e mídias sociais. O homem é fissurado nessas coisas, está enlouquecendo pra saber se deve *shippar* vocês ou não. — Olhei para Jorge sorrindo com as sobrancelhas arqueadas e ele deu de ombros. — Palavras dele, não minhas. Nem sei o que isso significa. Ele é estranho.

— Sabe que não sou de ficar falando dos meus relacionamentos, Jorjão. Ele vai ter que lidar com isso.

Meu amigo riu e virou-se, enfim, dando atenção ao trabalho dele.

— Boa sorte com isso!

— Então é mesmo um relacionamento?

Merda! Levantei a cabeça das peças que eu estava separando e vi que Paulão tinha chegado, provavelmente há alguns minutos e possuía um sorriso enorme no seu rosto idiota. Olhei para Jorge, que me olhava como se dissesse: “Eu te avisei!”.

— Por que não me avisou que ele estava aí?

— E perder de ver essa sua cara de tonto?

Aqueles dois ainda me levariam à loucura! Sempre havia sido assim, nós três contra o mundo, até que os panacas resolveram pegar no meu pé. Segundo eles, eu me importava demais e era legal me encher o saco.

Respirei fundo à procura de paciência e me encostei no carro, cruzei os braços e olhei de um para o outro.

— Não que eu deva alguma explicação para vocês dois, e agradeço a ajuda de sexta à noite com toda aquela gente. — Abaixei a cabeça fingindo que não diria mais nada e pude ouvir Paulão resmungando, sorri e olhei para ele. — Ficamos juntos, mas não sei como se encaixa o que tivemos ou se teremos alguma coisa de novo. Não nomeamos nada!

Os dois ficaram em silêncio olhando para mim, piscando como dois idiotas, que sempre foram, e revirei os olhos porque sabia que queriam saber mais. Contei em silêncio até três e, antes que terminasse, começaram a falar juntos:

— Irmão, estou decepcionado com você! — Paulão tinha a expressão mais triste que eu já

tinha visto.

Jorge balançava a cabeça inconformado.

— Só isso? Tivemos que segurar um bando de mulheres doidas que queriam tirar foto de vocês e saber quantos filhos vão ter. Velho, a gente merece mais do que só isso.

— Não se deixa uma mulher incrível como a Mileni escapar não... Estou decepcionado, Digão!

— Que tipo de amigo não conta os detalhes sórdidos? Que decepção, não foi assim que te criei!

Arqueei a sobrancelha e os dois continuaram seus monólogos como se eu não estivesse ali. Senhor, que caras mais dramáticos eram aqueles? Depois de tantos anos de amizade, eu ainda não tinha me acostumado com aquilo. Era reservado e toda vez que eu ficava com alguém, eles queriam saber detalhes que eu não daria de jeito nenhum.

Não sabia se eles perguntavam por curiosidade mesmo ou só para me perturbar, porque sabiam que eu não diria nada. Provavelmente, a segunda opção.

— Ei, ei! Vamos parar com essa merda vocês dois? Que isso, gente! Estão parecendo loucos desse jeito. — Virei-me para Paulão, que continuava com aquela cara de menino chorão. — Eu não deixei ela escapar, sei o quanto é especial e incrível.

Ele sorriu abertamente e seus olhos brilharam.

— Não pensa nela mais como uma madame metida e mimada?

— Ainda não sei, não deu para conhecê-la o suficiente, mas isso não me incomoda tanto quanto incomodava. Mesmo que seja, ela é mais do que *só* isso!

Paulão assentiu e pegou sua bandana no bolso da calça jeans amarrando-a na careca.

— Você ainda vai se surpreender muito com ela, a vida da Mileni nunca foi fácil como

todos pensam. Tem muito mais por baixo de toda aquela beleza.

— Eu percebi! — Virei-me para Jorge, que continuava com um bico enorme, mas podia ver o divertimento em seus olhos. Ele era um fanfarrão, gostava de implicar com todo mundo. E quando dizia todo mundo era porque era verdade, até mesmo quem não conhecia, ele importunava. — E você! Que porra é essa de detalhes sórdidos, velho? Tu sabes que não sou disso, pode deitar, porque senão você cansa esperando eu te contar o que aconteceu ontem à noite.

— E de manhã também?

— É... — Olhei para ele, o homem tinha um talento para pegar a gente sem que quiséssemos dizer. — Porra, Jorjão!

Ele riu e levantou as mãos dando de ombros e virando-se para começar seu dia de trabalho.

— Você que falou, você que falou... Agora papai está orgulhoso de novo. Bom menino!

E sumiu de vista se enfiando debaixo de um carro. Paulão continuava me olhando e sorria parecendo muito satisfeito.

— O quê?

— Você sabe que ele quer te irritar.

Arqueei uma sobrancelha.

— E você também!

Paulão deu de ombros e se aproximou encostando no carro ao meu lado e cruzou os braços.

— Mas eu não quero saber os detalhes sórdidos...

— É porque ele já viu sua mulher pelada no filme! — Jorge gritou e riu com sua voz abafada por estar debaixo de algum carro.

Olhei para o meu amigo de um modo que tinha certeza de que deveria ser assustador, Paulão arregalou os olhos e se afastou um pouco de mim.

— Tenho certeza de que ela teve uma dublê para o nu, cara.

Aquilo encheu meu peito de ciúmes, o mundo todo havia visto ela nua e mesmo se fosse uma dublê, os marmanjos achariam que não era. O homem possessivo que eu havia redescoberto recentemente tentava sair de dentro de mim e mostrar sua cara feia, mas eu o prendi, não era meu direito ficar com raiva por isso. Não tínhamos nada sério e mesmo se tivéssemos, quem eu pensava que era para interferir no tipo de trabalho que ela fazia?

— Sei...

— Digão, ela é legal, parceiro. Sempre foi humilde, atenciosa com os fãs. E, pelo que sei da vida dela, a mulher é forte e apaixonada pela família.

— Por que você tá me dizendo isso?

— Pra você não dar uma de idiota e perder alguém como ela por causa de pré-conceitos e julgamentos injustos. Você tem que aproveitar essa chance. Se tá mesmo caído na dela, o que não é difícil de acontecer, e ela está na sua, velho, vai de cabeça.

— O que você não tá me contando?

Ele deu de ombros e se afastou pegando os papéis que eu mexi há alguns minutos.

— Não é meu trabalho te contar nada. Vocês vão se conhecer e vão descobrindo um ao outro. — Ele levantou os olhos dos papéis que analisava e sorriu. — Só não esquece que te disse, sem julgamentos.

— Como você ficou tão sábio nessas coisas, cara?

— É porque ele lê muitos romances de mulherzinha e acredita em conto de fadas — Jorge não calava a boca nem quando estava debaixo de um carro.

Paulão não se importava com essas provocações por causa de quem ele era, aprendeu com muito custo a relevar. Pois, segundo ele, se não o fizesse, iria acabar se transformando em alguém que não era. E olha que ele poderia querer fazer isso por ser mais fácil. O cara já havia sido xingado e até apanhado quando éramos moleques por causa de seu jeito. As pessoas não se dão bem com as diferenças, para a sociedade temos que ser tachados de uma forma só, mulheres têm que ser donas de casas, recatadas e boas esposas. Os homens têm que ser machões, provedores do lar, até ser ignorante e violento é aceitável desde que seja homem. O preconceito do ser humano ainda seria o fim da humanidade.

— Ele só fala isso porque nenhuma mulher quer nada sério com ele. — Paulão riu quando Jorge começou a resmungar coisas incompreensíveis. — Mas grava o que te disse, Rodrigo. Ela é de ouro!

— Eu sei disso! Percebi... — Olhei para o meu amigo, sabendo que o que contaria deixaria os dois de novo no meu pé. — A Vitória esteve no meu apê na sexta quando Mileni estava lá.

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Jorge tentou levantar debaixo do carro e bateu a cabeça, o que o fez xingar até a sétima geração e Paulão estacou no lugar com os olhos arregalados.

— Putz, e aí? Deu merda?

Jorjão se levantou com a mão na testa, que estava vermelha, e fez uma careta.

— Conta pra gente, teve barraco e briga de mulheres? Adoro ver mulher brigando, é sexy.

Revirei os olhos e Paulo bateu na cabeça do nosso amigo ganhando uma olhada feia do outro.

— Sério, você precisa mesmo ser estudado. Claro que não teve, não deixei a Vitória nem mesmo entrar na sala. Mileni levou numa boa. Depois que a intrusa se foi demorou uns dois minutos (e duas rodadas de *strip poker*) para que voltássemos às boas.

Eles pareciam não acreditar, conheciam bem a Vitória e sabiam que a mulher tinha fama de

barraqueira, também achei estranho ela ter saído com tanta “facilidade”. Quando eu a vi do outro lado da porta, vestindo a roupa que costumava usar quando saíamos juntos, para algo mais do que apenas conversas, sabia que seria difícil tirar a mulher dali. Só que a doida começou a ofender Mileni, dizer merdas que nem mesmo sabia a seu respeito. Eu simplesmente nem me importei em pensar que ela poderia estar tramando algo. Agora que os meninos me olhavam com desconfiança comecei a duvidar que tudo ficaria em paz somente com um não da minha parte.

— Sei, espero que ela aceite isso numa boa — Jorjão declarou e se afastou, perdendo o interesse e voltando para o carro.

Percebi alguma coisa estranha vindo dele nos últimos tempos, mas, apesar de ser um chato, não gostava de se abrir e falar como se sentia. Levava tudo na brincadeira, mas nós sabíamos que era como um mecanismo de defesa dele.

Paulão arqueou uma sobrancelha olhando nosso amigo e voltou-se para mim.

— Toma cuidado com a Vic. Adoro a garota, mas ela é perigosa e não gosta de levar fora, sabe disso.

Assenti sabendo exatamente do que ele falava, em todas as semanas que ela esteve na oficina e eu não quis sair, a mulher fez um draminha, não aceitando facilmente que eu estava recusando-a.

— Estou ciente disso, vou ficar esperto. — Olhei meu amigo, estreitei os olhos e cruzei os braços. — Quer dizer que você é fã do trabalho da Mileni?

— Você sabe que sim. Por quê?

— Nada... Só perguntando. Por isso o interesse no que aconteceu ou deu pra dar uma de Jorjão?

— Eu ouvi isso, babaca! — A voz dele estava abafada pelo carro suspenso em cima de sua cabeça, mas dava para perceber que estava se divertindo e ouvindo tudo que dizíamos.

Paulo sorriu, parecendo meio sem graça e assentiu.

— Estou enlouquecendo porque você está namorando com ela e eu preciso me controlar para não parecer um maluco pedindo fotos e autógrafos. Sexta foi complicado me conter, viu?

Balancei a cabeça, achando curioso estar presenciando esse lado do meu amigo, voltei para o meu motor sorrindo, ele enlouqueceria com a próxima coisa que iria dizer:

— Então se segura mais um pouco, porque ela vem para o seu aniversário.

Nem me virei para olhar o careca gigante paralisado com a notícia, dei ao meu amigo a privacidade de surtar que ele precisava. Mas não imaginei o que viria a seguir.

— A amiga dela, Priscila, vem também?

Arqueei as sobrancelhas e virei a cabeça para olhar para ele. Suas bochechas estavam vermelhas por baixo da barba.

— Tá rolando alguma coisa?

Paulão deu de ombros e pegou a folha de OS, se dirigindo para o carro ao meu lado.

— Não sei ainda, mas gostaria de descobrir. Então?

— Não sei, Mileni não falou nada se iria convidá-la. Posso ligar... — Me dei conta de que não tinha o telefone dela e fiquei bem chateado por isso. Passaria uma semana inteira sem ter notícias porque também não tinha dado meu número para ela. Olhei para Paulão, que tinha esperança em seus olhos. Ele estava mesmo a fim da doidinha da Priscila. — Tenho certeza de que ela vem, as duas são inseparáveis. Mileni não se arriscaria a vir para cá sozinha. Afinal, tem que manter a discrição, certo? Não dá para ficar aparecendo nas notícias todos os dias por causa de um mecânico.

— E isso te incomoda?

— Não, eu entendo... Você viu que loucura é a vida da mulher? Eu não sei bem se

aguentaria essa pressão toda, pessoas vigiando cada passo meu. É estranho!

— Mas se for rolar alguma coisa a mais entre vocês, inevitavelmente terá gente na sua cola. Sabe disso, né?

Dei de ombros não querendo olhar para o meu amigo.

— Só tivemos algumas noites juntos, Paulão! Não é como se fosse algo sério. Bora trabalhar que tá cheio de coisa pra fazer e nossas contas estão vencendo.

Meu amigo se afastou e fiquei em silêncio o restante do dia. Não sabia se me incomodava ou não tudo o que acontecia e até o que eu não sabia que estava acontecendo, mas o caso ali era que, no fundo, mesmo depois de ouvir tudo de bom que ele disse a respeito de Mileni, ainda sentia algo estranho no peito como se fosse me machucar muito insistindo continuar com aquilo.

Mas como iria mandar em meu cérebro, e coração, se ele continuava repetindo cada momento que estive com ela como se fosse um maldito *replay*?

Capítulo 26

Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo
(Tempo Perdido – Legião Urbana)

Mileni Pontes

Muitas vezes, nossa vida toma rumos diferentes do que traçamos para ela por escolhas que fazemos, ou decisões que deixamos de tomar. Passei o final de semana enfiada dentro do meu quarto refletindo sobre tudo que fiz da minha vida em vinte e cinco anos, estava às vésperas do meu vigésimo sexto aniversário e minhas escolhas não poderiam ter sido um pouco equivocadas em alguns aspectos.

Agora que tudo estava mudando fiquei um pouco sem rumo, sem saber o que faria, como seguiria dali por diante. Percebi que por anos deixei que guiassem meus passos, dissessem o que eu deveria fazer, como me vestir e portar, com quem eu deveria me envolver até mesmo que tipo de relacionamento era aceitável ter.

Nunca fui alguém que obedecesse muito a padrões e aceitava que não poderia ter o tal do inalcançável. Quando queria alguma coisa, eu lutava por ela até conseguir, ou me dar conta de que tinha que mudar a minha forma de guerrear. Foi assim em minha carreira profissional e por causa de uma tragédia da vida acabei deixando com que sufocassem quem eu era de verdade.

Não contei a Priscila que eu havia demitido a Fátima, sabia que minha amiga ficaria feliz

porque sempre me dizia o quanto me fazia mal ficar cercada da energia daquela mulher, porém eu queria alguns momentos de privacidade para refletir.

Na segunda-feira mandei uma mensagem para que Diego me encontrasse em casa para conversarmos sobre planos para o futuro. Ele tinha saído da minha casa no sábado prometendo ver tudo que precisava ser feito e talvez pela forma como me sentia naquela manhã eu queria saber quais eram seus planos.

Ele havia me respondido que não demoraria a chegar e que tínhamos muito trabalho para discutir. Fiquei feliz com sua animação. Por isso me preparei para que quando ele chegasse eu estivesse mais sorridente.

Quando nos damos conta do que permitimos que façam conosco, a frustração se torna inevitável. Mas precisamos entender que para mudar de caminho é só pegar um novo desvio e seguir em frente sem desistir, acreditando que tudo vai se encaixar.

Ao abrir a porta, sorri ao ver os olhos arregalados de Diego.

— O que foi?

— Nada é tão fácil quando se envolve Fátima Monteiro, irmã!

Afastei-me para que ele pudesse entrar e arqueei a sobrancelha quando vi o monte de pastas e papéis que tinha debaixo do braço. Pelo jeito, ele tinha ido preparado para o que quer que fosse.

— Você revolucionou tudo mandando aquela jararaca embora. Acredita que ela me ligou ensandecida para que eu coloque juízo na sua cabeça? Quando eu falei que você tinha me colocado no cargo e que seria seu mais novo empresário, ela disse que eu não era capaz e que iria afundar a sua carreira — ele falava sem parar e jogou aquele monte de coisa em cima da mesa de centro, virou-se para mim e colocou as mãos na cintura respirando fundo. — Tem certeza disso? Acha mesmo que sou capaz de estar à frente de tudo?

Sabia que Fátima não deixaria assim e colocaria essas dúvidas na cabeça dele, sabia o

quanto ele ainda era jovem e inexperiente, sua autoestima no trabalho era frágil e não hesitaria em atacar.

Fiquei olhando para Diego e lembrando das vezes que brincávamos juntos quando criança e tudo o que dividimos. Desde o nosso quarto, até as preocupações e tristezas. Ele se tornou um homem incrível, um pouco mulherengo e infantil, mas responsável e profissional impecável como nenhum outro. Tentava se superar a cada novo projeto e se mostrar melhor do que o julgavam. Nos parecíamos tanto fisicamente e mesmo sendo dois anos mais novo que eu, eu o julgava meu bebê.

Aproximei-me e me sentei na poltrona de frente para ele.

— Eu tenho, e você?

Diego sorriu abertamente e seus olhos castanhos iguais aos da mamãe brilharam de uma forma que me lembrava da primeira vez que ele ganhou um carrinho.

— Me preparei para isso a minha vida inteira, irmã!

Sorri para ele, que se sentou pegando a pasta cinza que trouxe.

— Você está bem? Não falamos muito sobre isso sábado. Foi uma mudança e tanto e sei como se sente em dívida com ela.

Assenti grata pela preocupação de Diego. Meu irmão me conhecia bem, mas não tanto quanto eu gostaria que fosse. Nos últimos anos havia me fechado em uma concha onde dali eu não pudesse ferir ninguém, por isso deixava apenas partes de mim para serem vistas.

— Estou sim, ela passou dos limites. O que aconteceu foi o ápice, mas estava me sentindo sufocada há muito tempo. Foi melhor assim.

— Hum... será que esse ápice tem mais a ver com o fato de ela ter se metido no seu relacionamento com o Digão ou você estar mesmo saturada?

Levantei os olhos dos papéis que estava olhando e encarei meu irmão com cuidado.

— Sem gracinhas, Diego.

Ele levantou as mãos e riu.

— Não tô falando nada, só comentando sobre o assunto.

Estreitei meus olhos e larguei os papéis de volta à mesa e me inclinei apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Sei que aprendeu a trabalhar com a Fátima e que ela foi importante para quem você é hoje como profissional, mas não pense que vou aceitar intromissões de você como aceitei dela por tantos anos.

— Fica tranquila, Leni. Não vou me meter em sua vida pessoal, desde que não atrapalhe sua agenda. Não tenho nada com isso.

Agradeci com um aceno, mas ele continuava me olhando.

— Mas, como seu irmão, tenho que te importunar, você me entende, né? Vai saber separar as coisas?

— Não esperava nada diferente da sua parte, é o mais chato de todos da família.

Ele piscou um olho e abriu a pasta tirando algumas folhas com desenhos, nomes de filmes e muitas coisas que pareciam ter algum tempo.

— Rodrigo é legal, forte e humilde. Fico feliz por ser ele a te desencalhar.

Revirei os olhos e ele parecia não ter sido afetado por minha reação enquanto espalhava aquele monte de papel na mesa.

— Em primeiro lugar, eu não estou encalhada. Em segundo lugar, para de falar sobre isso porque é seu primeiro dia de trabalho oficialmente como meu empresário. Não quer dar uma

impressão errada de fofoqueiro metido a besta, né?

Diego riu e balançou a cabeça concordando.

— Bom, esses são alguns projetos que você foi convidada a fazer, desde clipes de música, participação em canções, seriados e filmes que a Fátima vetou, mas eu sabia que você amaria fazer porque era o que te deixava feliz no começo da carreira. São produções de baixo orçamento e ela disse que você estava em outro patamar. Como seu novo empresário acredito que você deva analisar, porque esses que eu trouxe ainda não começaram.

Não tinha ideia de que aquele monte de trabalho havia sido recusado sem nem mesmo que eu soubesse da existência deles. Por isso que meu nome no meio artístico estava tão caracterizado como esnobe. A cada folha que pegava de projetos, e-mails e convites, percebia que era tudo que eu sempre amei fazer e que não tive chance de ser contra ou a favor.

Olhei para Diego, que parecia um pouco ansioso.

— Por que não me contou sobre essas coisas?

Meu irmão fez uma careta e respirou fundo encostando-se no sofá.

— Você precisa entender a minha posição, Mileni Silva dos Santos. — Arqueei as sobrancelhas surpresa. Quando meu irmão falava meu nome todo real era porque as coisas deveriam ser importantes, ou ele estava bravo. Ao entrar no show *business*, Fátima achou que meu nome era muito comum e colocou o “Pontes” para dar um ar de sofisticação. Algo que não me agradou, mas que acabei me acostumando com os anos. — Eu era subordinado a Fátima e com a criação que tivemos, você sabe bem, aprendemos a não trair quem põe a comida na mesa. Ela não estava te prejudicando, porque se estivesse tenha certeza de que eu seria o primeiro a te contar, apenas recusava o que eu sempre soube que você gostaria de trabalhar. A sua carreira cresceu e deslanchou com os trabalhos que ela arrumou, então não me vi obrigado a ir contra tudo que aprendemos.

Eu o entendia e sabia da índole de Diego, fomos criados de forma simples e aprendemos a respeitar as pessoas e não trair quem nos ajudava. E foi por essa educação que eu fiquei presa a

ela por tantos anos. Então o entendia muito bem.

— Tudo bem, eu te entendo apesar de achar que deveria ter me falado.

— Você nunca disse o porquê continuou com a Fátima depois do que aconteceu, e eu sempre a respeitei.

Assenti com um nó na garganta e sorri triste para meu irmão por ter deixado que aquela mulher ficasse nas nossas vidas por tanto tempo.

— Chega disso, vamos ver esses projetos porque fiquei animada com essas coisas.

Passei horas conversando com Diego sobre os projetos e convites, fizemos algumas ligações e combinamos reuniões com produtores de filmes e séries, que ficaram felizes por terem a chance de trabalhar comigo. Faríamos um teste, mas ao que tudo indicava tínhamos trabalhos para anos à frente.

Meu irmão se mostrou um profissional melhor do que eu esperava, muito sério, inflexível e ressonável. O melhor de tudo isso? Ele não estava preocupado apenas no que podíamos ganhar, mas sim em como eu ficaria feliz realizando coisas importantes e que amava.

Ao final daquele dia, eu estava cansada e queria dividir todas as novidades com alguém e normalmente eu ligaria para a Priscila, mas na verdade queria mesmo era ver Rodrigo e lhe dizer todas as coisas que tinham acontecido.

Não tinha o telefone de celular dele, mas havia um cartão da oficina em algum lugar. Já era mais de sete da noite, mas decidi arriscar.

Procurei em minha bolsa pelo cartão de visitas branco e sorri ao encontrá-lo. Deitei em minha cama e disquei o número, chamou até cair, o que deveria ser normal devido a hora adiantada, mas decidi tentar mais uma vez. Na segunda vez que liguei demorou cinco chamadas para que atendesse. E aquela voz eu nunca esqueceria na vida, mesmo que se passassem anos, e que a gente não estivesse mais juntos. Foi a voz dele que me fez voltar a viver.

— *Oficina do Big Mac, Rodrigo falando.*

— Oi, será que estou ligando em uma má hora?

— *Mileni?*

— Eu!

— *Oh, não. Tá tudo bem, estou só terminando um carro e já estava indo para casa. Como você está? Tudo bem?*

— Er... sim. Eu iria te mandar mensagem, mas percebi que não tinha seu número de celular, então resolvi ligar pra oficina e arriscar.

— *Hum, queria falar comigo, é? Sentiu saudades? Porque eu senti!*

Sorri com a doçura e sensualidade na voz dele. Rolei na cama e me sentei olhando-me no espelho, acabei desviando o olhar porque estava parecendo uma adolescente apaixonada com as bochechas rosas.

— E não é que senti? Queria te ver.

— *Quer ir lá pra casa?*

— Na verdade, queria te perguntar se não pode vir pra cá? Preparo algo pra gente comer, só queria bater papo mesmo.

Ele ficou em silêncio por alguns minutos intermináveis e me preparei para um fora bem dado, mas ao ouvi-lo respirar fundo relaxei.

— *Tudo bem, vou em casa tomar um banho e chego aí em uma hora. Me passa seu endereço.*

Sorrindo dei a ele todas as coordenadas para que chegasse na minha casa e passei a hora seguinte louca de ansiedade e surtando sem saber o que fazer para aquele homem comer.

Resolvi optar por algo simples que sempre comíamos em casa nos finais de semana quando meu pai ganhava um pouco mais dos bicos que fazia: batata frita e linguiça.

Assim que terminei de preparar tudo, liguei para a portaria do condomínio dando o nome do Rodrigo na entrada para que permitissem a entrada dele. Deixei a cozinha arrumada e corri para o banheiro para tirar um pouco do cheiro de fritura do corpo, vesti um short jeans e uma regata preta, soltei os cabelos e quando comecei a descer as escadas correndo ouvi a campainha tocar.

Ai, Deus, estava tão nervosa. Corri para a porta e abri. E, Senhor, percebi naquele momento que eu já estava caidinha pelo bruto mais lindo do mundo.

Ao aceitar aquele convite sabia que estaria entrando em um mundo que jurei nunca colocar os pés. Um mundo no qual eu não cabia... Ainda podia ouvir Lívia me dizendo que eu não pertencia àquela vida, que nunca seria bom o suficiente para estar ao seu lado, que o sexo era maravilhoso e se eu quisesse poderíamos continuar juntos, mas às escondidas, para que sua imagem não fosse afetada. Um simples detalhe, como o seu noivado, não interferiria no que tínhamos. *Uma química dessas não se pode jogar fora por detalhes sociais, né?* Palavras dela!

Meu orgulho foi ferido, meu coração foi quebrado e minha alma humilhada. Eu não era bom o bastante para ser seu namorado, mas para amante estava perfeito. Seria seu segredinho sujo.

E foi todas essas palavras, toda a cena e o modo como ela se referia a mim e a minha família que me veio à cabeça, além de cada minuto que passou desde que aceitei aquele convite inusitado da Mileni.

Tentei o meu melhor para não compará-la com minha ex, mas ao passo que me aproximava do seu endereço e via todo o poder aquisitivo que ela tinha foi bem complicado para mim. Confesso!

Logo de cara ganhei umas olhadas estranhas do porteiro, que só me deixou entrar após conferir minha identidade umas dez vezes, consultou seu superior e ainda não satisfeito ficou reticente para liberar a minha entrada.

Eu entendia o cuidado, pois, pelo visto, ali só morava gente da grana e celebridades, não dava para se responsabilizar assim. Porém, pude ver o julgamento nos olhos daquele cara. Ele olhava minhas tatuagens, as roupas simples, camiseta e jeans surrado, meu carro de segunda mão e já me julgava inapto para estar ali.

Quase dei meia volta e desisti de ir até lá, mas algo nela me chamava, apesar de todos os receios e lembranças que estar com ela ainda me traria. Dei partida com meu carro e parei de frente à casa dela. Era uma linda construção de dois andares, com um jardim bem cuidado na frente, tudo muito caro e claramente fora da minha realidade.

Engoli o orgulho e andei o caminho de pedra que me levava à porta branca, toquei a campainha e esperei de cabeça baixa que ela me atendesse. Mil coisas passaram por minha mente naquele meio tempo em que ela demorou para abrir a porta, mas quando o fez levantei a cabeça e a contemplei por inteira, os olhos estavam brilhantes e cheios de alegria, ela parecia tão feliz por me ver ali que me forcei a deixar toda aquela insegurança e os fantasmas do passado do lado de fora. Ela não tinha culpa das coisas que aconteceram comigo, Mileni não era a Lívia.

O sorriso dela devia mesmo valer muito no meio que trabalhava, porque vou te contar. Era muito bonito de se ver, podia ficar a noite toda na porta parado, apenas apreciando sua beleza.

— Que bom que chegou, acabei de preparar uma coisa pra gente comer. — Abriu a porta sorrindo ainda mais, se fosse possível. — Entra!

Dei um passo para dentro da casa e me aproximei, sem desgrudar os meus olhos dos dela e dei-lhe um beijo no rosto.

— Você está linda!

— Obrigada! Teve muito problema para entrar? Aqui tem tanta burocracia, acabei

esquecendo de te avisar.

Dei de ombros e me afastei enfiando as mãos nos bolsos da calça jeans. Ela fechou a porta e andou até a sala, parando do lado do sofá. Parecia sem jeito, como se nunca tivesse recebido ninguém na sua casa. Colocou a mão na parede e me olhou de lado, sorrindo de forma inquieta e achei engraçado vê-la daquele jeito.

— Um pouco, mas conquistei o porteiro com meu charme. — Sorri e olhei em volta da sala, onde não havia tantas coisas como você apostaria pela elegância de tudo, apenas um conjunto de sofá branco, uma mesa de centro, um bar pequeno no canto e uma televisão bem grande pregada na parede. — Você tem uma bela casa!

Ela riu sem graça e olhou em volta como se não se importasse tanto com tudo aquilo. Sua expressão denunciava cada coisa que passava por sua cabeça. Mileni era muito transparente e eu estava fascinado com esse lado dela que não conheci até dois dias antes. Isso, ou estava sendo ingênuo e enxergando só o que queria ver.

— Eu acho grande demais para mim, mas minha empresária insistiu que eu precisava de uma mansão e que morar em um condomínio seria mais seguro para mim. Fui voto vencido quando ela mencionou a segurança para o meu pai. — Respirou fundo e deu de ombros olhando para mim. — Quis deixar o mais parecido comigo e fiz de forma simples e clara.

Assenti, concordando, que não era fácil qualquer um ter acesso às casas porque era um fato irrefutável. O porteiro, na verdade, parecia um atirador de elite pronto para eliminar qualquer ameaça.

— Você quer comer aqui e assistir TV ou prefere sentar lá na cozinha escutando uma música?

— Normalmente onde você fica para conversar com suas amigas? Estou aqui para isso, não é? — Levantei uma sobrancelha sorrindo de lado e vi como Mileni ficou vermelha. É, eu fiz de propósito mesmo para ver se ainda estava ligada em mim como eu estava nela.

Mas a moça estava querendo me provocar ou estava mesmo sem saber como agir comigo

em seu cantinho particular, porque fez uma carinha de menina inocente, ficando simplesmente encantadora e desviou o olhar.

— Só a Priscila e minha irmã que vem aqui, e normalmente vamos para a cozinha ou meu quarto. Oh, nem te levei para um tour pela casa! — Arregalou os olhos como se tivesse se dado conta àquela hora que era a anfitriã.

Olhando para Mileni tão empolgada com a minha presença em sua casa, percebi o quanto estava sendo idiota por ficar apreensivo em estar ali.

— Acho que temos tempo para isso depois. Pelo que me lembro do seu telefonema tem comida para nós? Estou faminto!

Ela assentiu sorrindo e se aproximou pegando-me pela mão e puxando pela casa.

— Sim, fiz alguma coisa para a gente beliscar. Amo batata frita e linguiça, espero que goste. Tem cerveja e refrigerante na geladeira e alguns frios. — Parou no meio de um corredor e voltou-se sorrindo. — Podemos fazer um tabuleiro de petiscos, você me ajuda?

Ela falou num fôlego só e não podia mais esperar. Aproximei-me dela, a peguei pela cintura e a encostei contra a parede daquele corredor estreito. Fixei meus olhos nos dela e nossos rostos estavam perto, narizes colados e as bocas quase se tocavam.

— Desculpa a minha ansiedade. Achei que iria te ver só no sábado. Quando percebi que não tinha como entrar em contato, porque fui burro o suficiente para não lembrar-me de pedir seu número, fiquei frustrado. Senti sua falta no momento em que saiu da minha casa e não consigo esperar para que tome qualquer iniciativa.

A mulher respirava rapidamente e tinha os lábios entreabertos, enquanto olhava para a minha boca com vontade de devorá-la.

— Fiquei do mesmo jeito. Tanta coisa aconteceu e a única pessoa com quem eu queria falar foi você.

— Você só queria falar?

Ela riu de lado e levantou a perna direita se esfregando em mim.

— Na verdade, não!

— E o que mais a senhora queria de mim, moça?

Mileni lambeu os lábios sensualmente, olhando fixamente para os meus e sorriu.

— Olha, pensei em um monte de coisas. Mas agora só quero provar a sua boca e ver se seu beijo é tão gostoso mesmo como eu me lembro.

— Seu desejo é uma ordem, madame!

Com as duas mãos apoiadas na parede atrás dela, eu abaixei minha cabeça até chegar bem perto de sua boca, automaticamente ela apoiou as mãos em minha cintura. Fechei os olhos e rocei meus lábios nos dela, apenas sentindo sua maciez e suavidade. Forcei a entrada e ela abriu para mim, que invadi sua boca com a língua, provando seu gosto tão inesquecível. Enquanto nos beijávamos, esqueci de tudo, apenas me dando conta do quanto ela já era importante para mim naquele momento. Fiquei um pouco assustado e incomodado com essa constatação que não esperava, meu coração bateu mais forte e ela estava grudada em mim enquanto nossas bocas se moviam, devagar fomos diminuindo o ritmo até que lhe dei beijos estalados na boca.

Afastei-me e abri os olhos, observando como ela voltava do mundo em que habitávamos cada vez que estávamos juntos. Foi tudo em câmera lenta, Mileni abriu os olhos e então sorriu.

— Uau! Preciso de mais visitas como essa.

Estreitei os olhos e tirei uma das mãos da parede deslizando os nós dos dedos por seu rosto delicado.

— Se for eu o visitante podemos marcar todos os dias da semana. Acho até que posso te

mostrar mais coisas do que só um beijo.

Ela lambeu os lábios bem tentada com a minha proposta, mas piscou duas vezes. Como se estivesse saindo de uma hipnose aumentou a pressão em minha cintura empurrando-me até a outra parede. Pensei que seria atacado e estava bom demais para ser verdade.

— Tentador, *Big Mac*, mas você está com fome, esqueceu? Na verdade, eu também estou. — Não pude esconder a decepção em meus olhos e isso trouxe uma risada dela, que se aproximou e deu um beijo em meus lábios, suavemente. — Vamos lá, grandão, vou te alimentar.

Podia até parecer machista da minha parte, mas ouvi-la falando daquela forma, como se estivesse cuidando de mim fez com que meu coração batesse um pouquinho mais forte. Não tive ninguém cuidando de mim por anos, a não ser nas visitas ocasionais que fazia para a minha mãe. Mas era diferente, me senti alguém importante despertando a atenção de alguém como ela.

Mileni abriu a porta da cozinha e olhou para mim sorrindo, acompanhei-a até o cômodo e aquilo ali era um sonho, até mesmo para mim que não me ligava muito naquelas coisas.

— Minha mãe surtaria aqui!

Ela se dirigiu até uma espécie de estufa e tirou duas travessas grandes contendo batata e linguiça suína fritas.

— Isso é obra da dona Luciana, mamãe fez questão de que eu tivesse a cozinha dos sonhos. Apesar de não cozinhar muito por conta do trabalho, adoro passar o tempo aqui fazendo algumas coisas. Mas quando ela vem me visitar, não me deixa chegar perto.

— Estou surpreso de que você cozinhe. — Eu não estava julgando, não mesmo. Só expressando algo que nem imaginei que ela fizesse.

Mileni sorriu, abriu a geladeira, pegou um pote contendo queijo, azeitonas e presunto e duas garrafas de refrigerante, sentou-se no banquinho do lado da bancada e piscou um olho.

— Tem muita coisa que você ainda não sabe sobre mim. — Bateu no outro banquinho ao seu lado.

Sentei-me ao lado dela e peguei o pequeno garfo que me oferecia.

— Acho que terei muito prazer em descobrir as coisas novas sobre você, Mileni Pontes.

Capítulo 28

Quando não houver saída
Quando não houver mais solução
Ainda há de haver saída
Nenhuma ideia vale uma vida
(Enquanto houver sol – Titãs)

Mileni Pontes

— Não acredito que você fez isso, meu Deus! Não machucou?

Ele sorria de uma forma tão descontraída, os cantinhos dos seus olhos enrugavam-se e os lábios se curvavam de alegria e diversão enquanto tentava falar. Balançou a cabeça e terminou de mastigar uma batata frita.

— Não, Paulão disse que eu tinha uma cabeça de ferro. Sei que foi bem idiota, mas era a minha única chance de impressionar aquela menina. Achei que sendo um recordista de ficar equilibrando em um pé só na trave do gol seria uma boa, acabei com arranhões e uma semana de castigo para largar de ser besta.

Era tão legal vê-lo daquela forma, nossa conversa fluía de uma maneira natural, parecia que tínhamos uma intimidade enorme e eu estava amando isso.

— Vocês homens são ridículos! As mulheres não gostam desse tipo de coisa, ainda mais adolescentes. Achamos tudo muito imaturo, depois falam que os meninos demoram a amadurecer e vocês ficam putos.

Ele deu de ombros e apoiou um cotovelo no balcão, descansou o queixo na mão e olhou para mim sorrindo feito menino, como se estivesse voltando no tempo.

— Paulão disse que daria certo e que ela acharia demais, fui na onda. Ele era bem popular na escola, por ser o típico cara grande de coração de ouro.

Balancei a cabeça tentando imaginar a cena e tudo parecia surreal demais. Dois garotos, que provavelmente já eram enormes, querendo aparecer para as garotas, o que acabava dando errado como foi o que aconteceu.

— Você e o Paulão são amigos há muito tempo? Ele é um rapaz simpático, foi muito atencioso comigo quando estive na oficina.

Rodrigo mexeu as sobrancelhas e voltou sua atenção para a travessa de guloseimas que estávamos devorando bem rápido.

— Desde que me lembro! Como ele perdeu os pais muito cedo, minha mãe acabou adotando ele. Fora meu pai é o cara que mais admiro no mundo.

— Que legal! E você é filho único?

Ele colocou mais um “espetinho” de batata, linguiça, azeitona e queijo na boca e assentiu pegando o refrigerante, bebendo logo que engoliu.

— Minha mãe teve complicações quando eu nasci e teve que tirar o útero. Quando Paulão apareceu, precisando de carinho, acho que foi inevitável o laço que criaram. Claro que ele amou! — Inclinou-se como se fosse me confidenciar algo. — Mas cá entre nós, ele gosta mesmo é do rango dela.

Deu de ombros rindo da brincadeira. Adorava aquela forma carinhosa que Rodrigo falava da família, tinha um brilho nos olhos e um carinho que poucas vezes vi nos homens que conheci.

— Lá em casa sou a mais velha de quatro filhos; e mesmo Diego sendo dois anos mais

novo achava que todos eram meus bebês. Aprendi a cozinhar para não ficar louca com ele pedindo comida. O garoto simplesmente parecia sem fundo.

Rodrigo olhava para mim do mesmo jeito que ele falava de quem gostava e isso fez borboletas baterem asas em minha barriga, senti um frio na espinha quando ele estendeu a mão e cobriu a minha, que eu tinha apoiado no balcão, fazendo um carinho despretensioso.

— Confesso que fiquei surpreso por você saber cozinhar, achei que teríamos caixas de pizza, no mínimo.

Arregalei os olhos e o empurrei com o ombro, desfazendo, sutilmente, o contato inocente e que mexeu tanto comigo. Tudo estava indo rápido demais e fiquei assustada.

— Não que eu não goste de pizza, porque amo e peço com frequência. Aprendi a cozinhar cedo, e fritar batata e linguiça também não me faz uma grande chef. Esse departamento deixo com meu irmão Pedro, mas até que dou para o gasto.

— Olhando para você, nunca te imaginaria cuidando dos irmãos.

Ele me olhava ainda incrédulo enquanto mastigava os espetinhos que fazia com tudo que coloquei em cima da mesa, parecendo bem descrente e interessado no meu passado, me deixando encabulada. Algo que não era muito comum e que Rodrigo conseguia com muita facilidade.

— Não nasci em berço de ouro. Meus pais suaram muito para nos criar, tinham que trabalhar, em vários empregos às vezes, e as crianças ficavam comigo para tomar conta. Pensei que soubesse disso, conhecendo meu irmão.

Ele parecia um pouco culpado e envergonhado e abaixou a cabeça como se estivesse muito preocupado com o montinho de azeitona que fazia no seu prato, mas a verdade era que escondia seu constrangimento.

— Nós não falamos de nossas vidas no futebol. Não tenho muita intimidade com seu irmão, além do campo e, às vezes, que foi até a oficina. Além do mais, não sou de me abrir ou querer

saber das coisas dos outros. — Virou-se para mim com os olhos estreitos e um sorriso sem graça no rosto. — Mas tem algo que eu queria saber.

Arqueei uma sobrancelha admirada com aquela mudança de expressão, ele era como uma incógnita que eu estava adorando decifrar. Era divertido estar com ele.

— Fiquei com medo agora... Pode perguntar!

— Como você acabou sendo atriz?

Estávamos há meia hora conversando e falávamos de nossas vidas, ele me contou um pouco de sua juventude e de seus pais, mas nada muito importante. Percebi que não era um cara de ficar se abrindo e se um dia o fizesse era porque confiava mesmo na pessoa. Por isso acreditava no que disse sobre ser reservado.

Essa pergunta, de como me tornei atriz, fora feita tantas vezes por tantas pessoas e eu dava a mesma resposta de sempre, que era um sonho de criança que se tornou realidade, mas eu achava que ele merecia um pouco mais do que isso.

— Sempre fui muito moleca, talvez por meu melhor amigo ser meu irmão e ele nunca foi flor que se cheire, acabei adotando certas peculiaridades, mas o fato era que eu amava imitá-lo para irritar o coitado. Meus pais morriam de rir enquanto Diego ia para o quarto de bico porque dizia que eu o imitava mal demais. Mas a verdade era que ficava igualzinho. Conforme fui crescendo fui criando coisas na cabeça, personagens que, às vezes, encarnava para entreter meus pais. Quando nossa luz era cortada por falta de pagamento, a gente se juntava lá em casa e montava uma peça de teatro à luz de velas. — Sorri com a lembrança e olhei para Rodrigo, que a essa altura tinha parado de comer e me encarava muito concentrado. — Uma coisa foi levando a outra, uma professora quis montar uma apresentação de fim de ano e eu fui escalada para interpretar o Peter Pan, bem, fui o melhor Peter Pan que você pode imaginar, modéstia à parte.

Seus olhos estavam focados em mim e ele parecia mesmo interessado em minha ladainha. A minha reposta ensaiada nunca foi o que eu gostava de responder, mas era o que Fátima dizia ser mais interessante do que despertar a pena dos outros por ter passado necessidade na

infância e todas as coisas que me fizeram ficar encantada pelas artes cénicas.

— Você tinha quantos anos quando interpretou o Pan?

— Quatorze.

— Uau! Isso é... surpreendente. Incrível!

A voz dele estava tão chocada e parecia cheia de admiração, que acabei ficando envergonhada com sua reação tão genuína e acreditei que um elogio vindo dele era algo bom de se receber, porque Rodrigo não parecia ser um homem de sair puxando saco.

— Depois disso, a professora se animou e acabamos fazendo todo final de ano. Aos dezesseis, eu fui descoberta por minha empresária e aconteceu rápido demais. Não que tenha sido fácil como muita gente pensa, mas obtive sucesso a partir de uma brincadeira de criança.

Dei de ombros me recordando da sensação de estar realmente trabalhando com o que eu amava e, quando percebi que era mesmo uma atriz profissional, quase enlouqueci.

— Tenho certeza de que tudo que conquistou foi por causa desse amor que vejo nos seus olhos quando conta sobre seu trabalho. Isso que faz a diferença na nossa vida, Mileni.

Engoli em seco e assenti agradecendo em silêncio pelas palavras de apoio. Depois de tanto ser criticada por ter alcançado um patamar alto tão rápido era como respirar ar fresco estando no meio de um incêndio.

— Essa empresária que te descobriu é a que está com você até hoje?

Concordei com a cabeça e comecei a espetar os petiscos deixando que as lembranças chegassem a mim.

— Fátima Monteiro, na verdade ela estava comigo até sábado. Eu a demiti, agora quem cuida de tudo é o Diego, que foi seu assistente por anos.

— O que aconteceu? Essa era a sua grande novidade?

Assenti e mordi a batata olhando para ele pelo canto do olho, com receio de que se eu falasse demais estragasse aquele momento tão gostoso que estávamos tendo.

— Mileni? O que você não está me contando? Tem alguma coisa aí... Seu irmão estar trabalhando diretamente com você parece ser algo muito bom, porque afinal ele te conhece como ninguém, mas por que estou sentindo que tem mais na sua decisão?

Não sabia como ele reagiria sabendo que era um dos motivos por ter desfeito o meu contrato com a Fátima. Rodrigo era orgulhoso e talvez achasse que era culpado, se sentisse mal com a situação e poderia até ficar com pena dela, mas a coisa era maior do que somente nós.

— Ah, deixa isso pra lá. O fato é que estou melhor sem ela, já surgiu um trabalho incrível que ela estava escondendo. Vê se pode? Ela negou várias coisas legais que eu amaria fazer só por causa do cachê e agora que Diego me mostrou tudo estou empolgada para começar a trabalhar logo. Faz tempo que não me sinto desse jeito — falei de uma vez sem parar para respirar. Eu olhava para todos os lados, menos para ele, que me encarava firmemente.

— Mileni! — Havia um tom de aviso em sua voz e fechei os olhos tentando encontrar uma maneira de fazer aquilo direito.

Respirei fundo, ele não desistiria. Não deveria ter dito nada e contado somente do projeto que ainda nem tinha tido a chance de falar sobre e ficado quieta sobre a Fátima.

— Tudo bem, mas saiba que ela tem sido muito sufocante. Controlava cada passo que dou e escondeu trabalho incríveis que eu amaria trabalhar por achar abaixo do meu nível. Na verdade, ela é culpada pela minha fama de esnobe no qual me feriu por anos, por isso acabei adotando a personagem já que me julgavam dessa forma.

— Mas esse não foi o principal motivo, foi?

— Não!

— E qual foi?

Engoli em seco, era melhor falar de uma vez.

— Você!

— Eu? — Ele parecia não acreditar e olhava para mim com um ponto de interrogação enorme no rosto, parecia até um daqueles desenhos animados. — Como assim, por quê?

Droga! Não tinha como ficar tudo de boa depois disso.

— Saiu na internet algumas fotos nossas que tiraram lá no bar na sexta e sábado, quando cheguei da sua casa, ela estava no meu quarto, fez uma bagunça procurando não sei o quê, querendo encontrar uma forma de abafar todo o "escândalo", sendo que eu a avisei que meu quarto era território proibido, mas ela não ouviu. Então eu dei um basta, não queria mais minha vida sendo regrada por uma loucura de "boa imagem", "pessoas certas para me relacionar", a lista dela é bem extensa de coisas que devo fazer e o que não devo.

Ele estava sério olhando para mim de uma forma que era impossível de decifrar, tinha os lábios presos em uma linha fina e o corpo tenso, parecia prestes a fazer alguma coisa que eu não sabia o que. E estava ficando nervosa.

— Rodrigo? Fala comigo!

Balançou a cabeça de um lado para o outro como se assim pudesse organizar seus pensamentos, eu sabia disso porque já havia feito o mesmo várias vezes.

— Então você demitiu a mulher que estava com você há praticamente dez anos porque ela não queria que saísse na mídia que a diva, estrela do cinema, Mileni Pontes estava beijando um mecânico pobre do subúrbio?

Como disse, ele não desmontava nada no rosto. Parecia ter sido feito de cera, porque eu, que costumava identificar as pessoas por suas expressões, não conseguia ver nada ali. Era como se tivesse sido congelado.

Bom, eu não mentiria.

— Não é o único motivo, mas sim, foi o que me fez dar um basta.

Capítulo 29

Não consigo dizer se é bom ou mau
Assim como o ar me parece vital
Onde quer que eu vá o que quer que eu faça
Sem você não tem graça
(Fogo – Capital Inicial)

Rodrigo Silva

Eu olhava para ela, sentada naquele banco em sua cozinha, os olhos tão incríveis brilhando de empolgação, contando sobre sua vida, sobre como chegou até onde estava e percebi que eu não sabia de nada daquela mulher. Que a julguei muito mal, assim como muitas pessoas já deviam ter feito.

Sentir-me da forma que estava sentindo, sabendo o que ela havia feito, por mim, mesmo que indiretamente, estava me deixando um pouco surtado. Variava de chateado, por ter lhe dado dor de cabeça, a satisfeito por Mileni ter me defendido, nos defendido, do ataque de sua empresária.

E ainda tinha o fato da amargura em minha voz quando vocalizei que não era bom o suficiente para ela se referindo a ser um mecânico do subúrbio.

— Sinto muito, não queria te causar problemas quando te beijei, só que... — Porra, estava me sentindo um idiota e queria sair dali antes que falasse alguma merda.

Ela arregalou os olhos e levantou a mão direita.

— Ei, pode parando por aí. — Mileni parecia confusa e franziu a testa, cruzando os braços em seguida. — Vocês homens só escutam o que querem? Por acaso me ouviu quando eu disse o quanto ela prejudicou o meu trabalho, me escondendo propostas que eu amaria trabalhar, e que mandava em tudo na minha vida?

— Sim, mas...

— Rodrigo... — Ela respirou fundo e fechou os olhos como se estivesse entediada em ter que explicar aquilo, acabei rindo porque era algo que a gente faz com pessoas que temos um relacionamento mais íntimo, mas escondi para não a irritar mais ainda. — O fato de ter explodido por causa da Fátima querer interferir em nosso relacionamento, se é isso que temos, não se sobrepõe em anos sendo sufocada. Claro que fiquei irritada, mas isso foi só o limite, sabe?

Assenti um pouco envergonhado da minha reação e também por estar sendo tão otário. Não estava gostando de me sentir daquela forma, dos pensamentos que invadiam a minha cabeça, de me sentir tão fora de lugar.

— Eu sei, mas não me sinto bem causando inconvenientes para você. Provavelmente ainda vai dar bastante dor de cabeça ter que explicar aquelas fotos e o que aconteceu entre nós.

Mileni fez uma careta e deu de ombros como se fosse uma menina arteira, sorriu espetando uma batata e a mordeu.

— Pra isso eu pago os relações públicas, mas eu não tenho que explicar nada. A gente faz isso quando não quer assumir nada, esse não é o caso.

Não queria sentir tanta alegria por palavras tão simples, ainda mais estando ali, vendo o quanto ela era rica, o quanto nossos mundos estavam distantes e o quanto aquilo não poderia dar certo. Deveria ser eu a dizer que não podíamos continuar, que acabaríamos machucados ou um machucando ao outro, eu praticamente podia ver aquilo acontecendo porque a sociedade tende a questionar, julgar, apontar o dedo e condenar relacionamento socialmente diferente, ainda mais quando o gênero com o poder aquisitivo maior for a mulher.

Mas não, eu estava ali, olhando para ela como se fosse a mulher mais linda que vi na vida, e para mim realmente era. Não só pela beleza exterior, mas o pouco que conheci da Mileni percebi a incrível pessoa que era.

— O que você quer dizer com isso?

Mileni sorriu, se esticou e depositou um beijo estalado em meus lábios, se afastando em seguida com os olhos colados nos meus.

— Você foi uma das melhores coisas que me aconteceu em muito tempo. — Engoli em seco sem saber como reagir a isso e ela sorriu, piscando um olho, virou-se e espetou uma azeitona e a colocou na boca, mastigando-a. — Acho que só não dá para se comparar com a Priscila porque você eu posso beijar e transar, mas a felicidade que sinto com você é bem parecida com a que sinto com ela, e isso eu não deixo ninguém tocar. A não ser que você só queira mesmo alguns momentos comigo e nada mais.

Oi? Eu tinha ouvido aquilo direito? Ela estava mesmo me colocando contra a parede? Que danadinha!

Fiquei sem fala, sem nem saber meu nome e achei que nunca me depararia com alguém que se assemelhasse a ela. Eu abria e fechava a boca procurando algo para dizer, mas achei que estava igual aquele filme onde a *peixinha* tinha perda de memória recente.

Mas se você acha que a mulher tinha acabado, tinha nada! Ela sorriu abertamente, espalmou as duas mãos em minhas coxas e se aproximou, dando-me uma visão privilegiada de seu decote farto.

— Então, *Big Mac*, perdeu a língua?

Estreitei os olhos e fiquei ciente das mãos dela que subiam por minhas pernas, chegando muito próximo a um lugar que já havia respondido o que ela havia dito antes mesmo de perguntar.

— Perdi não, moça. Vou te mostrar!

Puxei-a pelo banquinho fazendo com que ficasse entre as minhas pernas abertas e Mileni arregalou os olhos surpresa pelo meu ato repentino. Mas o que ela esperava depois de me provocar e falar aquilo tudo daquela maneira?

O rosto dela estava bem perto do meu e levantei a mão direita deslizando-a por seu rosto, descendo até o pescoço e quando ela inclinou a cabeça um pouco me dando mais acesso, não resisti. Abaixei a cabeça e depositei um beijo suave na pele macia de sua clavícula. Mordisquei devagar, apenas raspando os dentes, fazendo-a se arrepiar, subindo lentamente, degustando de cada pedacinho dela. Quando alcancei seus lábios, abri os olhos, que nem tinha me dado conta de que havia fechado e a encarei enquanto me aproximava mais e mais de sua boca.

Eu a beijei de olhos abertos por dois segundos, apenas para admirar o que era aquela mulher tão perto de mim e então me entreguei àquele ato tão pessoal, onde você entrega uma parte de quem é para a outra. Beijar não deveria ser tratado de uma forma tão banal, porque quando você verdadeiramente se entrega àquela troca é como deixar uma parte de si na outra pessoa.

E sim, eu mostrei a ela que não tinha perdido a língua.

— Você tem mesmo que ir?

Mileni tinha a postura mais engraçada que havia visto, parecia uma criança que perdeu o pirulito. Bem...

Depois de muitos beijos, passadas de mão, sorrisos cúmplices e realmente agirmos como dois namorados, mesmo que essa palavra ainda me assustasse era gostoso pensar dessa forma, vi que era hora de ir embora. Por mais que quisesse ficar, o melhor era dar um espaço para que nós dois pudéssemos pensar em tudo que estava acontecendo.

— Amanhã acordo cedo para trabalhar e tenho um bom caminho até em casa.

Ela fez um bico fofo e sorriu, encostando-se em mim e deitou a cabeça em meu peito, olhando para cima.

— Pode dormir aqui, juro que deixo você descansar.

Eu a enlacei pela cintura, colando um pouco mais seu corpo quente no meu. Estávamos na porta de sua casa e eu tentava ir embora, querendo muito ficar, mas firme nessa decisão. Encostei-me ao batente da porta e a levei comigo, abaixei a cabeça e raspei a barba em seu pescoço fazendo com que aparecessem bolinhas em sua pele.

— Mileni, você acha mesmo que se a gente ficar na mesma cama, nessa altura do campeonato, vamos conseguir *só* dormir?

Ela riu, abertamente, de uma forma que não tinha feito até então. Seus olhos praticamente se fecharam e as bochechas ficaram vermelhas, linda!

— Podemos tentar!

— Não dá, moça! Você sabe disso, né?

Ela fez um muxoxo e suspirou decepcionada.

— E o que tem de não conseguir *só* dormir?

Pois é, o que tem, Rodrigo? Praticamente podia ouvir meus amigos brigando comigo. Se Paulão e Jorge me vissem naquele momento diriam que eu tinha que nascer de novo para ver se consertava, porque entender a minha cabeça era uma obra e tanto.

— Tem que eu preciso colocar minha cabeça no lugar e sexo não vai ajudar. Confie em mim, vai ser melhor ficar mais um pouco na expectativa. Aumenta o tesão.

Ela revirou os olhos, mas vi que já havia aceitado a minha justificativa, que não era furada. Precisava pensar em tudo que estava sentindo e em tudo que acreditei e pensei a vida toda, tinha que ter certeza de tudo o que se passava comigo para saber qual passo dar.

— Se você insiste...

Sorri de lado e levei minha mão até o queixo dela, apertei-o entre o indicador e o polegar e me aproximei dando-lhe um selinho.

— Te vejo no sábado, ok? — Ela assentiu e então desci os três degraus até a varanda, me virei e sorri. — E parabéns pela sua independência, será ainda mais sucesso que já é.

Ela cruzou os braços e arqueou as sobrancelhas.

— Você nunca nem viu meus filmes. Então, como sabe que sou um sucesso?

Não consegui conter a risada e balancei a cabeça.

— Não preciso assistir pra saber que você faz com amor, mas juro que vou tentar ver aquela melação toda.

Mileni arqueou uma sobrancelha parecendo se deliciar com a minha tortura iminente.

— Não te aconselho a começar por “Amor e Desejo”.

— É o tal do nu total que você aparece?

Ela assentiu e fiz o possível para continuar andando e não voltar para lhe mostrar o quanto estava me sentindo possessivo no momento.

Ao chegar à calçada, abri a porta do meu carro e apoiei os braços nela, olhando para Mileni parada na porta da casa, com um sorriso no rosto e um brilho nos olhos que podia ver do outro lado do mundo se bobeasse.

— É você ou um dublê?

Mileni estreitou os olhos, deu um passo para trás e começou a fechar a porta.

— Você nunca vai saber... Até sábado, Digão!

E a filha da mãe se vingava por eu não ficar me deixando na curiosidade? Ah, mas ela ainda pagaria por aquilo. Primeira parada? Alugar “Amor e Desejo” e ver se o nu total era de Mileni Pontes ou não.

Capítulo 30

O que você faz quando
Ninguém te vê fazendo
Ou o que você queria fazer
Se ninguém pudesse te ver
(Quatro vezes você – Capital Inicial)

Mileni Pontes

Às vezes, eu queria ser invisível, andar na rua sem que ninguém me visse, ser alguém anônimo no meio da multidão. Poder observar as pessoas que iam e vinham. Tomar um sorvete no shopping apenas porque estava com vontade.

Queria poder beijar um homem num bar e não ter a minha foto estampada na capa de várias mídias sociais.

Evitei abrir tudo o que estava relacionado à internet no final de semana depois de verificar o motivo do rebuliço de sexta, não assisti TV aberta, fiquei apenas no meu canal de assinatura vendo minhas séries preferidas. Deixei o tempo passar, porque eu sabia o que me esperava e não queria estragar os bons momentos que tive com preocupações.

Mas ao me despedir de Rodrigo na porta da minha casa, percebi que as coisas estavam ficando mais sérias entre nós, tinha que estar preparada para qualquer coisa que viesse, para que conseguisse me defender, ou defendê-lo.

Encontrei coisas boas e não tão boas. Muitos fãs nos *shippando,* outros nos esculachando.

“Atriz internacional se envolve com homem do subúrbio do Rio de Janeiro.”

“Será o novo projeto de caridade de Mileni Pontes?”

“Quem é o homem que roubou o coração da nossa diva?”

“Atriz se envolve com mecânico pobre do subúrbio.”

Muitos títulos de matérias nesse estilo falando um monte de coisa que não sabiam e não tinham receio algum de magoar os outros.

Respirei fundo e deitei na minha cama olhando o celular, tinha milhares de ligações de Priscila, um monte de envelope indicando mensagens dela. A mulher estava surtando desde domingo querendo falar comigo. Até estranhei que ela não tenha aparecido na minha casa.

Não sei bem o porquê de ter me isolado um pouco depois de tudo que aconteceu com Rodrigo, mas o fato era que eu me sentia diferente. Parecia que queria guardar os momentos que tivemos juntos só pra mim, não queria dividir com mais ninguém, nem mesmo com a minha melhor amiga.

Olhei para as paredes da sala e sorri. Estar me sentindo diferente talvez fosse algo bom, certo? A verdade era que eu já havia me escondido demais. Decidi ligar pra Priscila logo, porque senão seria capaz dela me matar se fosse a última a saber das novidades, bem, as que ela não tinha visto na internet.

O telefone quase não tocou e ela atendeu, sem falar nem uma palavra. Era a maneira que minha amiga tinha de me dar um gelo.

— Preciso confessar que estou fugindo de você!

Priscila fez uns ruídos estranhos e murmúrios incoerentes do outro lado da linha, que me fez rir. Logo, seu gelo não demorou muito, por que, né? Estamos falando de Priscila Marins,

meu povo!

— Vadia! Eu sabia que tinha alguma coisa errada! Depois do beijão que tu ganhou na sexta, nem se dignou a me ligar para contar os detalhes sórdidos. Eu, inocente, achei que estivesse com o bonitão, muito ocupada gozando, que não podia ligar para mim. Mas tem caroço nesse angu, não tem?

— Quem me dera ter ficado todo o final de semana com ele, saí de lá no sábado. Antes tivesse ficado mais!

Priscila riu e me sentei no sofá olhando para a porta fechada que há mais ou menos uma hora Rodrigo havia saído, deixando-me muito confusa.

— Hum, então passou a noite, né, danadinha? Menos mal, mas me conta tudo, acabei de abrir uma garrafa de Gatorade e posso te ouvir à vontade. Hidratada e pronta para as fofocas!

— Bom, o que você quer saber?

— Porra, garota! Tudo, né? Se ele é bom de cama mesmo, se beija bem, se te tratou como merece, quantos orgasmos ele te deu, se o "documento" do rapaz faz jus àquele volume todo...

Ouvi a risadinha de Priscila, porque ela sabia que eu não diria nada daquilo e a vaca estava só me provocando fazendo tantas perguntas.

— Você precisa parar de olhar para os documentos dele, Priscila!

— Desculpa, amiga, mas é meio difícil meus olhos não serem atraídos para lá. É bem chamativo, você tem que admitir.

— Faça um esforço, caralho!

Ela riu e eu a acompanhei, a mulher realmente não tinha jeito.

— Tudo bem, desembucha logo que prometo não olhar para as coisas do seu homem.

— Você sabe que não vou ficar te falando detalhes, né?

— *Estraga-prazeres!* — Ela nem me deixava terminar.

— Só o que você precisa saber é que ele acabou de sair daqui e temos um churrasco para ir no sábado!

Ouvi um estrondo e o mundo parecia ter caído do outro lado da linha.

— *Mentira? Ai, Deus, então o lance é sério?! Ficou caidinha pelo Digão?* — Ficou em silêncio para dar um grande efeito, coisa de Priscila. — *Espera aí, churrasco? Onde?*

— Na oficina, é aniversário do Paulão. Você o conheceu no bar, o careca tatuado. Ao que parece, ele é fã do meu trabalho e Rodrigo achou que seria legal se eu aparecesse.

— *Sei, como se o único motivo para ele te convidar fosse a felicidade do amigo. Quer é te levar para o apê dele de novo, isso sim. E, amiga, claro que conheci aquilo tudo de homem. Ele é tudo de bom!*

Podia até ver a Pri revirando os olhos e se abanando de calor.

— Hum, tô sentindo um interesse da sua parte? — Eu gostava de dar uma de cupido mesmo.

— *Mileni, quem sonha com história de amor eterno é você. Não é pra mim, eu não sei amar.*

— Claro que sabe, Priscila. Você me ama!

Ela riu baixinho do outro lado da linha e eu ri também, tínhamos uma cumplicidade e carinho tão grande que nem pareciam ser apenas três anos de amizade. Parecia que nos conhecíamos a vida inteira e eu a amava como uma irmã.

— *É diferente e você sabe do que tô falando. Mas, me conta, por que o bonitão esteve aí e foi embora? Poderia ter dormido nessa sua cama do outro mundo, né? Não sabe o que*

perdeu! Eu daria um dedo para dormir na sua cama todos os dias.

— Acho que ele ficou assustado quando eu disse que tinha mandado Fátima embora por causa dele.

Um, dois, três...

— *Porra, prepara a cama dos sonhos que tô indo aí para passar a noite. Tem que me contar essa merda direito.*

Não deu tempo nem de contar até cinco ou de me despedir, ela já tinha desligado e tinha certeza de que estava correndo pelo Rio de Janeiro para saber de todos os detalhes... e dormir na minha cama.

— Mulher, me conta que novidade é essa? Você deu mesmo um pé na *Chátima*?

Priscila nem mesmo esperou que eu abrisse a porta totalmente e foi entrando, quase me derrubando no percurso e enchendo minha cabeça de perguntas. Eu sabia que ela iria surtar e iria querer explicações, ela era a *persona non grata* da Fátima e o sentimento era mútuo, por isso precisei de tempo para alinhar as ideias antes desse furacão de proporção cinco chegar.

— Nossa, mulher, muita calma nessa hora! Vai acabar tendo um troço antes do tempo.

Pri revirou os olhos e pegou uma almofada atrás de si, sem olhar e a abraçou olhando para mim cheia de expectativa.

— Tá, mas conta logo...

Com ela não tinha conversa quando o assunto era contar uma coisa muito quente.

— Sim, Pri, Fátima não está comigo mais, agora quem está à frente de tudo é o Diego!

Ela arregalou os olhos, parecia mesmo chocada e se sentou no sofá, colocando a mão para se apoiar.

— Gente, eu achei que você nunca teria coragem de tomar as rédeas da sua vida. Pelo visto, o *Big Mac* te fez mesmo um bem danado.

— Por que você acha que tem a ver com ele e não com a forma que quero viver?

Priscila revirou os olhos e voltou a ser a louca que eu conhecia bem, não a menina chocada e sem reação de um segundo atrás.

— Mileni, você aguentou aquele encosto por dez anos. Dez *fucking* anos! Aí o gostosão do Rodrigo aparece, ela mete o bedelho querendo acabar com seu casinho excitante e você do nada dá um pé na vaca. Claro que o homem te fez bem! — Deu de ombros sorrindo como uma loba. — Não que eu esteja triste por isso, aquela lá só veio ao mundo para gastar oxigênio.

Meu Deus! Não sabia se ria ou se ficava cada vez mais impressionada com as pérolas que simplesmente brotavam da minha amiga. Sempre soube da animosidade das duas e Fátima nunca gostou da minha amizade com a Pri, claro que minha amiga nunca escondeu o quanto desaprovava a minha escolha de ficar com alguém que me travava a vida. Tanto que já disse na cara da mulher o que pensava dela, mas era cada coisa que saía da cabeça dessa menina que ela merecia um parabéns.

— Pri, você sabe como minha relação com ela é delicada, eu simplesmente surtei quando eu a vi mexendo nas minhas coisas. Depois que a mandei embora que percebi o que ela estava procurando.

— Que era? — Ela levantou a sobrancelha e eu não tinha voz para falar sobre aquele assunto, então a peguei pela mão e arrastei até o meu quarto.

Assim que entramos minha amiga foi logo se jogando na cama e se esparramando toda, abri o closet e numa prateleira de cima, bem escondida achei a caixa trancada. Joguei no colchão e então ela entendeu ao que me referia.

— O que ela pretendia com isso?

Engoli em seco e me sentei ao lado dela, coloquei a mão em cima da caixa como se assim pudesse manter todo o conteúdo de dentro dela guardado, sem que tocassem nele e cutucassem velhas feridas.

Olhei para a minha amiga e balancei a cabeça sorrindo tristemente.

— Não sei, Pri, mas o que quer que tenha passado na cabeça dela não era coisa boa.

Minha amiga cobriu minha mão com a dela e eu a olhei com carinho. Só contei do meu passado para Priscila depois de um ano que éramos amigas. Eu havia tomado um porre, depois de anos, e acabei contando tudo e mostrando as coisas que tinham na caixa. Ela chorou por dias ao olhar para mim e sabia o quanto era complicado falar sobre aquilo.

— Amiga, pensa que agora você está livre do fardo de ter que aguentar aquela mulher. Não precisa mais andar com um fantasma te assombrando todos os dias. Agora pode viver da forma que sempre quis e ainda de brinde ganhou um bofe muito lindo para dar uns pegas. — Ela arqueou as sobrancelhas, pegou a caixa e levou até o closet fechando a porta em seguida. — É como diz o ditado: “Se a vida te dá limões, faça uma limonada”. No seu caso, peça o lanche completo, porque vou te contar aquele conteúdo todo deve ser algo a se apreciar, hein.

Sorrindo, eu me deitei na cama e ela me acompanhou, passamos a madrugada inteira rindo de nossos *crushe*s, falando da vida alheia e fazendo planos para o futuro, já que eu estava livre para aprontar bastante.

Primeira parada: churrasco do Paulão.

Capítulo 31

Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado
(Exagerado – Cazuza)

Rodrigo Silva

— Meu Deus, meu Deus, meu Deus! Não acredito que estou vendo isso!

Estava há vinte minutos sentado na frente da televisão, assistindo ao filme que disse à Mileni que não veria, mas naquele momento eu me arrependi completamente de não ter seguido sua sugestão. Se fosse ser sincero, eu me arrependi assim que percebi quem era o tal par romântico dela. Se arrependimento matasse... Era ninguém mais, ninguém menos que o tal do Alex Becker.

— Cara, que merda!

O filme contava a história de uma garota que sofreu muito quando criança e adolescente e que fugia de seu passado. Ela não acreditava em se apaixonar e quando encontra esse rapaz, que a faz acreditar que era possível, eles se entregaram ao que sentiam. Os dois protagonizaram cenas engraçadas e algumas até dolorosas, mas naquele momento eu presenciava uma cena sensual, onde podia se perceber a química que havia entre o casal, fazia a trama tão real e intensa que confesso estar ficando envergonhado. Era como se estivesse invadindo a intimidade deles.

E como num filme, o homem simplesmente era insuperável, imbatível e tinha fôlego para horas de sexo sem pausas para uma água. Ver aquele cara alisando ela, beijando-a, fazendo tudo e mais um pouco do mesmo que eu fiz, estava me deixando um pouco surtado. Na verdade, muito surtado!

Se alguém me visse naquele momento provavelmente acharia que eu estava sofrendo de uma paralisia qualquer, porque meus olhos estavam arregalados, a boca aberta, a respiração entrava e saía só porque os meus pulmões sabiam funcionar sozinhos e no automático, peguei o controle remoto e desliguei a televisão.

Não era mentira sobre o nu total, seu corpo aparecia todinho no filme, nu total, frente e verso, e era mesmo ela. Como eu tinha tanta certeza? Eu vi aquela mulher pelada, porra!

— Isso não pode ser bom! Não mesmo...

Eu estava falando sozinho desde que começou o filme, comentava em cada parte — principalmente xingando o galã alemão —, parecia louco e pensei em até me internar depois de acabar torcendo pelo final feliz do casal.

Minha mente sabia que aquele era o trabalho dela e que não significava nada, mas meu coração teimoso não queria parar de bater de forma estranha.

Claro, que com isso tinha que vir as neuroses loucas para encher a minha cabeça.

Será que eles tiveram um caso?

Será que ela era apaixonada por ele em segredo?

Ou ele por ela?

Será que eles transaram de verdade?

Tiveram mesmo o caso que todos falavam?

Precisava sair de casa, não, eu tinha que sair! Estava surtando e me arrependi de alugar a

porcaria daquele DVD. Ainda mais depois da carinha de apaixonada da atendente ao me dizer que era o filme de romance mais lindo que ela tinha visto e torcia para que os atores assumissem seu amor na vida real, que *shippava* muito os dois. *Seja lá o que signifique essa porra*. O fato era que já devia ter parado ali, mas não. O idiota tinha que chegar em casa, em plena sexta-feira e assistir aquela merda. Resisti bravamente por dias até que a curiosidade me venceu.

Podia ter ficado sem essa, no dia seguinte a veria, poderia assumir que não me senti confortável em ver o filme e ficaria tudo bem. Agora, a única coisa que passava pela minha cabeça era a gana que sentia em esganar aquele filho da mãe do *chucrute*[6].

Paulão, eu tinha que ver o Paulão!

Levantei-me do sofá, peguei uma camisa e a vesti, desci as escadas do prédio sem ter tempo de falar com ninguém, peguei meu carro e saí cantando pneu até parar na porta da casa do meu amigo, que morava a duas ruas depois da minha.

Assim que estacionei vi a luz de sua cozinha acesa, indicando que ele estava em casa. Graças a Deus! Não saberia a quem recorrer numa hora dessas, já havia passado das onze da noite e eu fui me torturar que nem um idiota. Rodrigo burro, burro!

Bati na porta e esperei, o que pareceu demorar mais do que realmente foi e quando sua cabeça grande e careca apareceu, ele parecia surpreso com a minha presença ali àquela hora.

— O que aconteceu? Quem morreu?

Alguma coisa em meu rosto deve ter me denunciado, também pelo fato do adiantar das horas.

— Fiz merda!

— O quê? Que merda você fez dessa vez, cara?

Franzi a testa.

— Como assim dessa vez? — Balancei a cabeça e o empurrei entrando na casa. Virei-me e Paulão me observava da porta com os braços cruzados e uma sobrancelha arqueada. — Eu vi o filme dela, da Mileni.

— Hum, que bom. Agora entende porque sou fã dela, mas me diz qual foi?

— Amor e desejo.

— Ai! — Ele fez uma careta.

— Pois é... Ai... tô surtando, cara, milhões de pessoas viram minha mulher nua e não sei o que fazer com isso. — Como assim? Minha mulher? De onde estava vindo isso, porra?

Minha situação era pior do que imaginei.

— Então é ela mesmo no filme? Nossa!

Eu enlouquecendo e o idiota querendo saber se era ela pelada mesmo e não um dublê.

— Porra, tô falando sério. Ainda tem a merda do fato de com quem ela faz o filme. Por que não me disse que era o alemão filho da puta? Sei o que fazer não, mano. Você tem que me ajudar! Tô enlouquecendo!

Paulão olhou para mim e sorriu descruzando os braços, andou em direção ao corredor que levava até a cozinha e fez um gesto para que o seguisse.

— Vem, tô fazendo rango. A gente conversa enquanto come. Você tá pálido, irmão. Não deve ter comido nada desde o almoço, né?

Eu o segui pelo pequeno corredor até a cozinha ainda menor. Paulão viveu sozinho a partir do momento que se tornou maior de idade e, pela primeira vez, tinha uma casa decente desde que saiu das asas de sua avó. Não foi fácil para o grandão se virar, a família dele era ainda mais simples que a minha e ele dividia o que ganhava com suas despesas e ajudava eles com a outra metade.

Era tudo humilde, mas era dele.

Sentei-me na cadeira que ele puxou para mim e o observei mexendo nas panelas do antigo fogão que ganhou de sua tia. Era de segunda mão, mas estava conservado. Era engraçado ver o careca gigante lá, ele quase cobria todo o espaço. Na verdade, todos éramos grandes, se Jorge estivesse ali tinha certeza de que não caberia mais ninguém.

— Cara, você começou muito mal, devia ter assistido "Ela é dez" primeiro, ela interpreta uma adolescente muito engraçada. Tem nada de muito... — Virou-se e olhou para mim fazendo uma careta. — Forte. Imagino como deve estar se sentindo agora. Eu provavelmente ficaria maluquinho.

— Parceiro, eu não sei o que fazer. Não quero estragar as coisas, mas se eu vê-la me sentindo dessa forma vou acabar fazendo merda.

Eu olhava para meu amigo que sorria com os dentes à mostra, parecendo muito feliz com meu estado. Idiota! Ele pegou a panela e jogou o que estava dentro numa travessa de vidro que estava à minha frente. Era a especialidade dele: risoto de bacon com ervilha.

Logo me levantei e peguei dois pratos no armário atrás de mim, os garfos e os copos de requeijão. Fiquei olhando para aquela cena e olhei meu amigo que se sentava e nos servia, pensando em tudo que tinha acontecido comigo desde que a conheci, Paulão me pegou parado observando-o e arqueou uma sobrancelha.

— O que foi? Cara, você tá me assustando.

Engoli em seco e me sentei, estava assustado também. Morto de medo com tudo o que se passava dentro de mim, não era acostumado àquilo.

— Até nisso a gente não combina, velho. Eu bebi Coca-Cola num copo de cristal na casa dela na segunda, que tenho certeza de ser mais caro do que a minha televisão.

Paulão revirou os olhos e nos serviu de risoto, pegou o saquinho de suco de uva do armário e jogou dentro do jarro cheio de água gelada colocando em nossos copos em seguida. Ele

balançou a cabeça e olhou para mim.

— Digão, tu tá exagerando. Só porque a gente usa os copos de requeijão e extrato de tomate não é motivo para vocês não serem compatíveis.

— E o fato de eu querer matar o amigo dela, porque contracenou pelado com a minha mulher?

E lá estava eu de novo, nomeando o que ela era para mim, tomando-a como minha sem nem mesmo perceber.

— Então... mas sua mulher? Conta isso direito, o lance é sério mesmo pra você estar com medo de estragar as coisas? — Paulão parecia não acreditar. Ele cruzou os dedos na frente do rosto e me olhava cheio de curiosidade.

Podia confiar nele, mas ainda não tinha admitido nada nem mesmo para mim, era difícil falar no assunto.

— É, e ainda tem o fato de eu não creditar que pode dar certo sendo que quero que dê. Tá entendendo o nível de loucura?

Ele apoiou o queixo nos dedos entrelaçados e assentiu, parecia um tipo de investigador dos filmes policiais, psicólogo nerd... meu amigo via filmes demais.

— Tô sim, mas você tá pensando demais, isso não pode ser bom. Você sabe que não é o seu forte.

Paulo era meu melhor amigo e eu o amava, mas, às vezes, me dava uma vontade de socar a cara dele, ainda mais quando ele falava daquela forma e me zoava a cada oportunidade.

— A última vez que não pensei demais, a Lívia me quebrou completamente.

— Mileni não é ela! — rebateu em seguida.

Meus amigos nunca gostaram da minha ex, no final tinham razão.

— E você acha que não sei? Ela é dez mil vezes melhor, por isso estou com tanto medo. O tombo vai ser grande dessa vez, irmão.

Paulão bateu com a mão aberta na mesa e sorriu.

— Aí que está, admitindo o problema podemos solucioná-lo. — Parecia que ele falava de algo simples, mas que, na verdade, não era. — Olha, depois que você me disse que ela mandou a empresária de tantos anos embora por sua causa, eu entendi que Mileni não quer somente algumas noites com você. Se os boatos que eu sei são reais, o passado dela com a mulher não é simples, por isso esse ato é algo grandioso. — Ele parou e pensou um pouco. — Tá, tudo bem que a mulher era um saco e que, visivelmente, até pra mim que era um mero fã, expectador, percebi o quanto atrasava a vida dela. Mas mesmo assim...

— Isso não ajuda a tirar as cenas que vi naquele filme da cabeça.

Paulão arqueou as sobrancelhas e deu uma garfada em seu risoto, fiz o mesmo porque manter a barriga cheia era uma boa opção naquele momento.

— Bom, quanto a isso. Acho que não tem jeito. A única forma que você tem de não fazer merda é dizer a ela o que sentiu quando viu. Ser sincero, até porque, se fizer merda, que é bem provável, ela já está ciente dos seus sentimentos.

Não sabia se era uma boa, principalmente que isso me deixaria vulnerável.

— Você não ajudou muito! E esse passado com a empresária? Ainda não me disse o que é.

Ele deu de ombros.

— Você que pediu minha ajuda, agora aguenta. E o passado dela não é meu para contar. Pergunte a ela que é melhor. O que aprendi nesses anos que acompanho esse mundo de celebridades é que as notícias que vemos são como um telefone sem fio, a cada pessoa que passa a história é modificada de um jeito. — Sorriu e levantou o copo de requeijão com suco de uva para um brinde. — Um viva ao bruto apaixonado!

— Você é um babaca!

— E você me ama assim mesmo! — Tudo bem, não tinha vergonha de admitir que amava um homem, ele era meu irmão. Peguei meu copo e bati no dele bebendo o suco todo num gole. — E pensa pelo lado bom, se você fizer merda e ela te der um pé na bunda, você tem a mim e ao Jorjão.

Olhei para meu amigo e revirei os olhos enquanto ele ria da minha cara. Belo panorama para o futuro. Os três babacas solteirões!

Não tinha um filme assim?

Capítulo 32

Se amanhã não for nada disso
Caberá só a mim esquecer
O que eu ganho, o que eu perco
Ninguém precisa saber
(Apenas mais uma de amor – Lulu Santos)

Mileni Pontes

— Um minuto e já desço, Priscila!

Desliguei o celular e joguei em cima da cama, olhando mais uma vez para o meu reflexo no espelho. Estava tendo um *déjà vu* de semanas atrás quando saí com minha melhor amiga para escapar da minha rotina estressante. Eu estava de peruca loira, lentes de contato e não queria que ninguém me reconhecesse, estava à procura de diversão e encontrei. Da melhor maneira possível. Passei uma noite incrível com um cara sexy, gostoso e muito bom de cama... mas algo mais aconteceu naquela noite. Não que eu tenha me apaixonado por ele logo na primeira transa, não prometi amores e nem passava pela minha cabeça que o homem seria os pais dos meus filhos. Não, nada disso!

Sentia como se tudo tivesse se encaminhado para eu estar no bar naquela noite, escondida, tentando fugir e me misturar e o que na verdade aconteceu foi que me encontrei de alguma forma, em algum momento em que decidi sair daquele beco e seguir com ele para uma aventura desconhecida, arriscada, mas extremamente excitante, tudo mudou.

As coisas se repetiam, eu me arrumava com cuidado, mas não coloquei minha peruca caríssima, nem as lentes que disfarçavam a peculiaridade dos meus olhos. Escovei os cabelos e

modelei de forma que eles destacassem o ondulado natural, me maquiei de forma simples, apenas rímel e batom. Escolhi uma roupa que há muito tempo não vestia, era um conjunto de short e blusa de malha simples e amei o que vi refletida de volta para mim. Parecia mais com a Mileni de antes e não a que fora moldada para se encaixar em padrões.

Sorrindo peguei a bolsa, o celular, a carteira e corri pela casa silenciosa, a tranquei em seguida. Pri estava dentro do seu carro, com os vidros fechados e o ar ligado, sem contar no rock que tocava bem alto no aparelho de som.

Cheguei ao lado da janela e bati duas vezes, fazendo com que ela olhasse para mim, abriu a porta e entrei me acomodando. Ela olhou para mim, de cima a baixo, parecendo bem crítica e eu já podia ouvi-la reclamando da minha escolha de roupa, *basiquinha* como ela gostava de pontuar. Porém, ao contrário, ela piscou um olho e deu partida no carro.

Fiquei esperando, mas nada veio e cinco minutos depois não me aguentei.

— Você tá bem?

Ela franziu a testa e assentiu, olhando para mim de soslaio e prestando atenção no trânsito.

— Tô, por quê?

— Não falou nada da minha roupa!

— E por que falaria, você está linda!

Aquilo estava estranho e ela sorriu de uma forma que eu sabia que estava guardando o melhor para mais tarde.

— Você me perturba toda vez que saímos por eu gostar de vestir roupas básicas.

Priscila riu e quando paramos em um sinal vermelho se virou e olhou para mim com aquela expressão de que eu sabia o que estava vindo.

— Amiga, quando saímos para a noite, você está à procura de diversão, qualquer que seja.

Apenas dançar, comer, se divertir ou passar o tempo. Mas tem vezes que eu sei que está querendo sexo, e para isso eu reclamo sim da sua roupa *basiquinha*, mas agora, querida, você já tem o bofe no menu, pode ir até vestindo um saco de batatas que nós duas sabemos que você terá muito sexo para se divertir. — Piscou um olho e deu partida quando o sinal abriu para nós.

Sinceramente? Eu não sabia o que fazer com aquela garota! Ela não tinha filtro e eu amava esse jeito dela.

Passamos o restante do tempo em que percorríamos o caminho até a oficina do Rodrigo rindo e lembrando de algumas vezes que nossas escapadas não deram certo. Até mesmo comentamos o dia que a gente se conheceu e que ela ficou brava comigo por estar atrapalhando no balcão do bar, o que chamou atenção de algumas pessoas e ela me ajudou a fugir para que não me reconhecessem. Na verdade, eu tive quase um ataque de pânico quando começaram a olhar pra mim de uma forma que sabia que me reconheceriam.

Demorou um pouco para que chegássemos por conta de um acidente na estrada, mas assim que chegamos vimos que não perdemos nada. Aparentemente o churrasco tinha apenas começado. Havia os meninos que vi anteriormente e mais outros rapazes, não havia nenhuma mulher. *Mas, gente, como assim? Éramos as únicas sortudas no meio de toda aquela testosterona?*

Priscila arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Acho que somos as benditas entre os mecânicos. Tá pronta?

— Tô e você?

— Vamos embora, cachorra!

Descemos do carro e assim que batemos a porta chamamos a atenção do pessoal dentro da oficina, reconheci dois rapazes, Jorge e Paulo. Os outros só tinha visto muito rápido no dia que cheguei ali exigindo atenção. De repente, me senti envergonhada por minha atitude, não sabia o que eles pensavam de mim ou se sabiam do meu envolvimento com o chefe deles, mas, como não era mulher de recuar, continuei firme ao lado da Pri.

Não conseguia avistar Rodrigo em nenhum lugar e aquilo me deu um frio na barriga de expectativa. Estava há dias querendo vê-lo, pensei em procurar por ele, passar um tempo juntos, mas me contive e aguardei.

Paulão se levantou e foi nos recepcionar na entrada da oficina.

— Olá, meninas! Que bom que vieram, chegaram na hora certa. Jorjão acabou de cortar uma picanha que tá ó, uma delícia.

Sorri para ele, que era tão simpático, desde o início foi assim. Aproximei-me e lhe dei um abraço, a princípio ele ficou surpreso, mas logo se recuperou, devolvendo o carinho.

— Parabéns, Paulão, muita saúde e muita paz pra você! — Afastei-me dele, que sorria; e, por incrível que pudesse ser, ele estava com as bochechas vermelhas. Tirei um envelope de dentro da bolsa e entreguei para ele. — Não sabia o que te dar, então escolhi o que eu gostaria de ganhar, sabendo da sua paixão pelos filmes. Espero que goste!

Ele tinha os olhos brilhantes e sorriu abertamente rasgando o selo, ao mesmo tempo que olhava para mim.

— Não precisava se preocupar... — ele ficou mudo quando viu o que era e arregalou os olhos me encarando. — O que é isso, Mileni? É de verdade?

Assenti entusiasmada ao ver a felicidade genuína estampada em seu rosto.

— É sim. E então, gostou?

Paulão estava pálido e olhava para o envelope como se fosse um tesouro, eu estava começando a me preocupar com ele e então ele deu um grito:

— Porra, mulher. Se eu gostei? Isso é uma passagem de avião para a França e um convite VIP para o Festival de Cannes! Como não gostar? Puta que pariu, eu tô surtando! Não sei nem como agradecer.

— Não tem que agradecer, fico feliz em fazer os outros felizes. Você só precisa tirar o visto e o passaporte, se quiser posso te ajudar com isso também, mas como ainda falta um ano para acontecer acredito que dê tempo. Aproveite muito sua viagem. — Pisquei um olho e coloquei a mão em seu braço fazendo com que assim ele se acalmasse.

— Nossa, eu vou aceitar a sua ajuda e com certeza que vou aproveitar sim!

— Espero que não tanto que decida se tornar um francês. — Priscila se aproximou e deu-lhe um abraço e um beijo estalado no rosto. — Feliz aniversário, Paulão! Obrigada por nos receber.

Ele piscou como se estivesse voltando à Terra e sorriu para ela de um jeito tão fofo, que apareceram até covinhas em seu rosto.

— Eu que agradeço por virem! Bom, vamos logo que a carne está esfriando. Rodrigo foi buscar umas cervejas e refrigerante, logo tá de volta, então vou fazer as honras e te apresentar os caras.

Paulo nos acompanhou para dentro da oficina, que tinha sido muito bem limpa, não havia muitos carros lá dentro, alguns bancos de madeira foram colocados estrategicamente perto de uma mesa grande e umas cadeiras. Apontou para Jorge que estava na churrasqueira improvisada de roda de caminhão.

— Aquele ali vocês conhecem, é o pé no saco do Jorjão.

O mesmo sorriu e bateu na aba do boné em um cumprimento silencioso. Paulão apontou para os outros dois rapazes que vi na oficina da outra vez, eles estavam sentados em um dos bancos de madeira e bebiam cerveja em copos de plástico.

— Esses são nossos funcionários, Rafael e Vitor. Eles amam trabalhar pra gente e dizem que nem precisamos pagar. Pode acreditar? Só pagamos esses dois porque somos muito bons. — Sorriu amplamente e se virou para mim.

— Até parece, vocês que querem forçar a gente a fazer trabalho escravo. Logo vai se dar

mal, grandão! — Rafael falou e se virou para mim piscando um olho.

Todos riram da brincadeira e nos cumprimentaram com um “oi”, Rafael era loiro e tinha os cabelos na altura do ombro. Vitor parecia um daqueles caras dos filmes de guerra, cabeça rapada e fisionomia marcante.

— Continue dizendo isso que vai acabar acreditando, Rafa. Tenho certeza de que o Vitão não vai te seguir.

— Não mesmo, esse aqui só se mete em encrenca. Eu adoro trabalhar pra você, chefe! — Empurrou o amigo com o ombro e riu.

— Puxa saco! — Rafael devolveu.

Paulão apontou para mais dois rapazes que estavam mais perto da churrasqueira, acomodados nas cadeiras de bar.

— Esses são Tiago e Gabriel. Eles jogam bola com a gente. — Paulão olhou para mim e arqueou uma sobrancelha. — Aliás, seu irmão vem? Te disse alguma coisa?

Cumprimentei os rapazes que acenaram parecendo bem curiosos com a minha presença ali. Fiquei um pouco constrangida com aquela olhada tão examinadora deles e me virei para Paulo e balancei a cabeça.

— Não, na verdade acho que ele nem teve tempo de dizer nada, porque ficou bem atarefado de serviço com o novo cargo.

Ele assentiu e se virou nos empurrando gentilmente até um banco que fora colocado de frente para a mesa.

— Digão me contou. Que coisa boa que você se livrou de algo que não te fazia bem. Mas, meninas, fiquem à vontade, comam muito, bebam, se divirtam, que nós estamos aqui pra isso. — Olhou para mim e piscou para Priscila, claro que o olhar direcionado a ela foi diferente e senti certo duplo sentido em sua declaração. Inclinou-se e confidenciou: — Se eu me tornar um

fã meio louco me perdoe, é que não sei como estou aguentando ser “normal” com você assim tão perto.

Eu abri a boca para lhe responder que não se preocupasse com isso quando uma voz forte e grossa me interrompeu:

— E quem disse que você já foi normal na vida, Paulão?

Eu conhecia aquele timbre forte e me virei no momento em que ele largou as bolsas com as cervejas e refrigerantes em um canto e veio até mim, andando firmemente como se fosse um homem em uma missão. Não se importou com mais ninguém e me enlaçou pela cintura, puxando-me até que me colasse em seu corpo. Com os olhos colados nos meus, ele abaixou a cabeça e sorriu.

— Espero que não se importe se eu te beijar na frente dos meus amigos. — Aquela voz dele, baixa e rouca, era exatamente a que ele usava para falar em meu ouvido coisas sujas e deliciosas. Balancei a cabeça e ele sorriu. — Que bom, porque eu não ia aguentar ficar esperando até terminar a festa pra te tocar.

Rodrigo abaixou a cabeça e capturou minha boca em um beijo repleto de saudade, tinha tesão, mas havia algo mais que eu não soube identificar com a mente nublada por meus sentidos em alerta. Suas mãos me mantinham firme nele enquanto seus lábios matavam a vontade que sentíamos um pelo outro.

Assim que o ritmo foi diminuindo e beijos suaves eram depositados sobre a minha boca, eu abri os olhos e o encontrei me encarando e sorrindo.

— Senti sua falta!

— Nossa, amigo! Isso todos nós percebemos. Que calor, gente! Onde liga o ar condicionado? — Todos os meninos riram da gracinha.

Olhei para Priscila, que havia se sentado no banco de madeira e se abanava com a mão, parecendo estar mesmo com calor, mas eu a conhecia bem e sabia que estava apenas

implicando comigo. Fiz uma careta e ela desviou o olhar falando algo com os meninos que estavam à sua frente. Virei-me para Rodrigo, que olhava para mim cheio de admiração.

De onde estava vindo isso? Ele estava tão diferente...

— Eu também senti a sua falta... Você assistiu ao filme? — Tinha ficado ansiosa para saber o que ele tinha achado de tudo, pensei em ligar para a oficina no meio da semana e perguntar, mas não queria parecer uma louca chata e perseguidora.

Ele assentiu e sorriu de uma forma que poderia ser identificada como sensual, seus olhos escureceram e ele se aproximou, ficando bem pertinho do meu ouvido:

— Eu assisti sim, e é mesmo você toda pelada naquela cena, né? Reconheci suas marquinhas sexy.

Oh, meu Deus!

Capítulo 33

Pode ser que eu a encontre
Numa fila de cinema
Numa esquina
Ou numa mesa de bar
(Segredos – Frejat)

Rodrigo Silva

— Mas preciso dizer que fiquei com ciúmes!

Mileni olhava para mim entre chocada e divertida, podia ver em seus olhos suas reações tão claras. Eu não me importava se meus amigos vissem a forma possessiva que eu a abraçava, e o jeito hipnotizado que a encarava.

Podia ouvir os idiotas cochichando e Jorge era o líder, mandando indiretas e falando gracinhas, mas fingi que não era comigo, porque a única coisa que pensei ao vê-la de costas lá dentro da oficina foi em tomar para mim aquela boca carnuda e só soltar quando perdêssemos o fôlego.

Eu pensei nela todos os dias e mesmo surtando com aquele filme, fiquei ainda mais excitado ao notar certas marcas em seu corpo que ainda não tinha explorado.

— Ciúmes? — O sorriso dela era de menina travessa e o que passou pela minha cabeça naquele momento foi algo bem fora de hora e lugar, porque, infelizmente, não poderia realizar todas aquelas fantasias, ainda. — Por quê?

Estreitei os olhos e dei-lhe um beijo rápido.

— Porque não gostei de ver outro homem te tocando daquele jeito, acho que temos um problema.

O sorriso em seu rosto sumiu em um segundo e Mileni ficou tensa, se afastando um pouco, empurrando meu peito com as mãos abertas.

— O quê?

Fiz uma cara sem graça e abaixei os olhos.

— Acho que não conseguirei ver os seus filmes, sinto muito!

Silêncio! Será que eu falei muito alto? Ou algo errado? Olhei em volta e os caras não pareciam perceber nossa troca reservada e continuavam com suas coisas e comiam sem prestar atenção em nós. Virei-me para Mileni e ela parecia tentar segurar a risada.

— Que fofo! Não se preocupe, meu pai também não assiste, só os que eu dou o sinal verde. Farei isso com você também, se quiser, claro.

— Isso seria bom, porque de verdade você é muito talentosa. Mas não aguento uma sessão daquelas de novo.

Eu olhava para ela, sabendo o quanto me esforcei para chegar ali e levar tudo que senti na noite anterior numa boa, ser sincero estava ajudando, desde que não desse de homens das cavernas ficaria tudo bem. O que, na verdade, era o que eu queria.

Sendo sincero fiz um pouquinho de cena sim, não foi nem um décimo do que queria, mas aquele beijo foi inevitável e também proposital. Tinha muita testosterona ali que poderiam ter visto a minha mulher na TV e aquilo me incomodava. Mas Mileni não parecia chateada com minha atitude, o que me aliviou.

— Obrigada pelo elogio, vou fazer uma lista de filmes *lights* que você vai poder ver. E

obrigada por ter assistido.

— Você gostou que eu tenha assistido, mesmo tendo instintos assassinos contra o seu parceiro de cena?

Ela riu baixinho e assentiu dando um passo para trás, ficando repentinamente vermelha.

— Sim! Fico feliz que tenha se interessado e ter tido o trabalho de assistir, obrigada!

Abaixou a cabeça parecendo realmente tímida com isso. Levei minha mão até seu queixo e o levantei, para olhar naqueles olhos incríveis e tão expressivos.

— Você é maravilhosa, merece tudo que conquistou!

— Que merda! Que coisa mais melosa, dá pra parar vocês dois?

Olhei para Jorge com a sobrancelha arqueada e mostrei o dedo do meio para ele, que riu voltando sua atenção para a churrasqueira. Peguei a mão de Mileni e a levei até a mesa onde Priscila havia se acomodado — na hora que eu abordei a amiga dela de uma forma tão inesperada e já comia o que Paulão tinha lhe servido.

— Fiquem à vontade, meninas, vou pegar o restante das coisas e volto logo. Temos cerveja e refrigerante, lembrei que vocês não bebem e fui fazer uma comprinha. — Pisquei um olho e a amiga de Mileni me olhava com curiosidade.

— Quem disse que eu não bebo?

— Eu percebi, nas duas vezes que nos esbarramos no bar. Quando conheci a Leni — Olhei para ela que sorriu. — Vocês pediram piña colada sem álcool e no outro dia da ação beneficente estava só no *refri* e água com limão.

Ela fez uma careta e virou-se prestando atenção na pequena montanha de carne picada que havia à sua frente. Colocou uma na boca e me encarou novamente.

— Como você pode saber? Poderia ser vodca com limão!

Tombou a cabeça, olhando para mim como se me desafiasse. Neguei com a cabeça e sorri para ela.

— Não, no primeiro dia talvez eu possa estar errado porque não dava para saber, mas no outro não. Sei bem quando alguém bebe vodca.

— Hum, perdi meu álibi para justificar as minhas loucuras. Você é muito observador, vou me lembrar de tomar cuidado perto de você. — Levantou a cabeça e me mostrou a língua.

Mileni sorriu e a empurrou com o ombro.

— Obrigada pelo convite e pela gentileza em nos comprar o refrigerante.

— Só não temos taça de cristal! — Ela me olhou com a testa franzida e percebi que tinha dito, sem querer, o que me incomodava desde que saí de sua casa na segunda-feira.

Dei meia volta antes que ela perguntasse o que eu queria dizer com isso, não queria ter que explicar as minhas neuroses, e fui até a cozinha nos fundos onde preparamos farofa, vinagrete e arroz. Peguei as travessas e quando estava retornando quase trombei em um corpo enorme que barrou a minha passagem.

Revirei os olhos e encarei aquele idiota.

— O que foi agora?

Jorge sorriu amplamente parecendo mais babaca do que era, ele gostava de passar essa impressão. O motivo eu não sabia!

— O que foi aquilo, cara? Pareceu cena de filme, só faltou você dar uma corridinha de braços abertos. Você tá caidinho pela *famosona* mesmo!

— E daí?

Ele deu de ombros e os olhos estavam arregalados.

— Mesmo depois da Lívia? Isso é o máximo. Pensei que você nunca fosse superar aquela lá. Tô feliz de te ver assim.

Engoli em seco, dei de ombros e estendi a ele uma das travessas para que me ajudasse a levar para a mesa.

— Ela não é a Lívia! E obrigado pelo apoio.

Jorge se virou e tomou o caminho de volta para onde fazíamos o churrasco.

— Ah, que nada... Mas se prepara que ainda tenho muita munição para pegar no seu pé.

— Cara, por que não vai perturbar outro, ou quem sabe ir arrumar uma mulher pra deixar de ser chato? Talvez seu problema seja falta de sexo!

Ele riu e seguiu à frente sem me responder, Jorge era o implicante da turma. Sempre foi assim e não deixava ninguém em paz, o que causou muitas brigas por caras que não aceitavam muito bem essa personalidade dele. Largou a travessa lá e foi ver a churrasqueira de novo, pegando um copo de cerveja no caminho.

Passei pela geladeira, peguei o refrigerante e os copos de plástico levando até onde tinha deixado Mileni com Priscila. Assim que fui chegando perto, eu a vi conversando com os rapazes, rindo e se enturmando. Falando sobre sua carreira e as coisas estranhas que acontecem nos bastidores dos filmes. Rafael se inclinou para ela com os olhos arregalados.

— Você conhece todas aquelas mulheres gatas dos filmes? A Viúva Negra é tão bonita como na telona?

Ela balançou a cabeça e riu.

— Cara, o que vocês têm com a Scarlett? Sim, ela é linda, simpática e muito bem comprometida. Sabe quantas vezes me perguntaram isso?

Ele deu de ombros e olhou para Vitor.

— Sei lá, deve ser aquele ar de mulher malvada. Adoramos um tapinha de amor, né, não, mano?

Vitor fez uma careta para ele e se afastou arrastando-se no banco.

— Sai pra lá, cara! Você é muito estranho, Rafa!

Os meninos começaram a zoar o coitado que rendeu mais de meia hora de conversas e gozações com ele.

Por mais estranho que pudesse ser, ela parecia se encaixar ali, era como se pertencesse ao lugar, ao meu mundo. Então ela virou para mim e sorriu tão linda, de uma forma que parecia que eu fosse o filho da puta mais interessante que ela já tinha visto, como se não houvesse mais nada que quisesse do que estar ali comigo e me peguei torcendo para que realmente desse certo.

Eu estava me apaixonando e não tinha maneira de voltar atrás.

— Você precisava ver, Leni. Ele era muito estranho, magrelo, cabeçudo e com os olhos pidões. — Jorge fazia uma careta de incredulidade. — Por incrível que pareça, as meninas ficavam apaixonadas por ele, parecia mais um E.T. do que um garoto.

Revirei os olhos e apertei Mileni mais perto do meu corpo. Estava sentado no banco, com uma perna de cada lado e a mantinha presa a mim, que estava de costas, colada em meu peito.

— Não esqueça de dizer que você e Paulão também eram estranhos. Todos os garotos de doze são.

Jorge olhou para o nosso amigo aniversariante que não parava de admirar Priscila, que parecia se esquivar de suas tentativas de algo mais.

— É, ele tinha cabelo. Coisa estranha! Mas não muda de assunto, *Big Mac*.

Fechei o semblante para ele, que riu balançando as sobrancelhas. Mileni se virou para mim sorrindo com cumplicidade e pisquei um olho.

Só nós havíamos ficado, eu, Mileni, Paulo, Jorge e Priscila, já tinha passado das seis da tarde. Diego acabou não aparecendo e os meninos tiveram que ir para casa por causa de seus compromissos, mas a tarde tinha sido supreendentemente muito boa. Todos se divertiram, comeram até acabar o último grão de arroz e beberam todos os líquidos disponíveis. Estávamos contando coisas um do outro, melhor, Jorjão enchia nosso saco contando todos os podres e cismou de convencer Mileni de que eu era um feio arrumado, que começou a malhar depois de passar a pré-adolescência sendo rejeitado. Claro que não estava funcionando. Quem seria louco de acreditar naquele sujeito?

— Isso é feio, cara. Chama-se inveja! Você não arruma ninguém mesmo se acabando na academia de tanto malhar. — Era a minha vez de pegar no pé dele.

Paulão gostou de me ouvir enchendo o saco de Jorge e desviou seu olhar hipnotizado de Priscila.

— Rá, ele é chato. Ninguém aguenta mais de uma noite com esse aí.

Jorge riu e eu dei de ombros, mas vi que algo estranho acontecia com ele, pois abaixou a cabeça mexendo no encosto da cadeira que estava virada. Ele deu um tapa na lata e se levantou.

— Bom, crianças, já vou indo porque meu caminho é longo. Digão, é a sua vez de limpar! Vejo vocês perdedores amanhã?

— Não aguenta ser zoado, né?

— Não, cara! É que eu estou cansado de exibir a minha beleza de forma gratuita pra vocês, idiotas! Só esses dois colírios que me seguraram até agora. — Sorriu para as meninas e piscou, tentando ser sedutor. Contudo, algo estranho nele era que não sabia piscar um olho, franzia o

rosto inteiro no meio do gesto. — Vocês vão no jogo amanhã?

Olhei para Mileni, que tinha começado a cochichar com Priscila, inclinada ainda presa em meus braços e balancei a cabeça negativamente.

— Acho que não, vejo você na segunda.

Ele sorriu, entendendo que eu tinha outras coisas melhores para fazer do que ficar correndo atrás de uma bola com mais um monte de homens suados, e assentiu.

— Tá certo! Até mais, meninas!

Elas se despediram, dando tchau para ele, fiquei observando-o sair em direção ao ponto de ônibus. A moto dele tinha sido levada ao ferro velho, por ter dado PT[7], mas já estava providenciando uma nova que, segundo ele, iria fazer a gente chorar de tão linda, só que ela nunca chegava.

— Quando ele vai comprar uma moto nova? — Paulão torceu a boca e olhou para mim, vi que ele também tinha estranhado a atitude de nosso amigo.

Dei de ombros para a pergunta silenciosa que ele me fazia e fiquei observando-o parado no ponto de ônibus. De repente, depois de falar algo no ouvido de Mileni, Priscila se levantou e gritou por ele, que se virou e começou a atravessar a rua de volta.

— Vamos comigo, te dou uma carona. — Olhou para Paulão e lhe deu um abraço, meio sem graça e um beijo no rosto. — Parabéns, grandão! Obrigada por tudo, vou precisar gastar esse monte de carne a semana toda na academia. Te vejo por aí!

Piscou e saiu correndo atrás de Jorge e eles andaram lado a lado para o carro dela. Mileni olhou para mim e Paulo, que estávamos curiosos.

— Eu vou ficar pra te ajudar a limpar. — Ela estava claramente disfarçando para não falar nada sobre a amiga.

— Não precisa, eu me viro!

Paulão arqueou as sobrancelhas, olhando entre nós dois e sorriu se levantando.

— Bem, essa é minha deixa. Sou o aniversariante e não vou limpar droga nenhuma. Mileni, muito obrigado pelo presente. É a melhor coisa que já ganhei na vida.

Ele se abaixou e deu um beijo no rosto dela, sorriu para mim, que o encarava com os olhos estreitos e me deu um tapa na testa, saindo em direção ao seu fusca turbinado. Era estranho ver aquele gigante dentro do carro tão pequeno.

— Sério, não precisa me ajudar. Eu cuido de tudo!

— Que nada, é pouca coisa. Eu pego os pratos e copos, você guarda as cadeiras e mesa.

Assenti sem saber muito bem o que fazer, não tinha experiência com relacionamentos e estava sendo tudo novo para mim. Então ela se levantou, começando a recolher as coisas, jogando-as em um saco de lixo que encontrou ao lado da mesa.

Trabalhamos juntos, fazendo com que as coisas acabassem mais rápido, fui fechar tudo no escritório e quando retornei a encontrei sentada na roda de um caminhão que tínhamos improvisado de sofá, colocamos um monte de estopa velha e cobrimos com um lençol, que era constantemente trocado.

Parei à sua frente, ela olhou para cima e sorriu.

— Confortável?

— Muito, isso é uma delícia! Pode me levar em casa? Perdi minha carona... — Fez um biquinho bonitinho.

Se alguém me dissesse, há dois meses, que eu estaria na minha oficina naquela noite, olhando para uma estrela de cinema, sabendo que estava perdendo meu coração e ainda ficava feliz com isso, eu riria na cara dessa pessoa, diria que era maluca e ainda saía zoando com

meus amigos. Mas a verdade era que... bem, não tive nem mesmo chance quando conheci a menina dos olhos coloridos.

Sorri de lado e estendi a mão para ela.

— Por que não passa o final de semana comigo? Te levo na segunda em casa!

Capítulo 34

E a flor conhece o beija-flor
E ele lhe apresenta o amor
E diz que o frio é uma fase ruim
Que ela era a flor mais linda do jardim
(Flor e o beija-flor – Henrique e Juliano;
part. Marília Mendonça)

Mileni Pontes

Seus olhos expressivos estavam focados em mim. Rodrigo tinha um jeito de me olhar que me fazia sentir a mulher mais linda do mundo. Era como se não existisse outra pessoa para ele e que não conseguia deixar de olhar para mim.

Ele estava esperando por uma resposta para o convite e a única coisa que pude fazer foi pegar a sua mão, me levantando, quando me puxou.

— Isso é um sim? — Sorriu de lado e me abraçou, levantou uma mão deslizando-a por meu rosto em um carinho delicado.

— O que você acha? — Inclinei-me para seu toque apoiando as mãos em seu peito forte.

— Eu acho que quero te levar pra minha casa e fazer amor com você!

Meu coração acelerou, senti um frio na barriga, porque até então não tínhamos mencionado essa palavra. Não sabia como me sentir com aquilo, porém a única coisa que podia pensar era que ele cumprisse o que tinha dito, sussurrando em meu ouvido coisas gostosas de escutar com aquela voz rouca e sensual.

— Então eu acho que é um sim!

— Ótimo, vamos lá!

Rodrigo entrelaçou os dedos nos meus e andamos devagar para fora da oficina, ele me soltou. Baixou a porta de ferro e trancou, sorriu quando pegou minha mão novamente. Assim que chegamos ao lado de seu carro, ele abriu a porta do passageiro para mim e esperou que entrasse, deu a volta, entrou no carro e deu a partida. Virou-se para mim, piscou um olho e ficou em silêncio todo o caminho até sua casa.

Não foi algo incômodo, ou porque não tínhamos assunto. Não era isso, não havia o que dizer quando sentia que era tudo tão natural e parecia que tinha acontecido tantas vezes, o rádio estava ligado e sabíamos até que música o outro iria gostar.

Nunca tinha experimentado esse tipo de relacionamento tão conectado e estava adorando.

Assim que paramos de frente ao prédio que ele morava, Rodrigo olhou para mim, parecia feliz por eu estar ali e suspirou.

— Espera que vou abrir a porta pra você. — Assenti, ele saiu do carro e deu a volta fazendo o que disse, estendeu a mão para mim. — Madame?

— Mas você é muito gentil, sabia? Quem olha pra você assim, todo forte e tatuado, não pensa isso.

Ele arqueou a sobrancelha quando eu desci do carro e o trancou caminhando para dentro do prédio comigo ao seu lado.

— Esse é meu charme, não saio fazendo propaganda gratuita por aí...

— Sei, você está se mostrando bem charmoso mesmo.

Rodrigo olhou para mim meio de lado e começamos a subir as escadas.

— É? Isso é bom?

— Se é? Se não fosse, eu não estaria aqui ainda. Não sou alguém fácil de se agradar — brinquei, adorando a facilidade que tinha em conversar com ele.

— Então eu acho que continuarei a ser gentil com a moça e não um bruto. O que acha?

Sorri e abaixei a cabeça quando paramos de frente à sua porta, Rodrigo tinha um olhar malicioso, de quem estava falando com um duplo sentido, que eu entendia muito bem.

— Eu acho que você pode ser um pouco dos dois. — Levantei os olhos. — Gosto da sua rudeza também!

Rodrigo abriu a porta e fez um gesto galante com a mão para que eu entrasse na sua frente. Assim que passei pela porta, ele entrou e pegou minha mão, arrastando-me pelo apartamento, ele estava decidido a me guiar naquela noite.

— Podemos começar com um banho e depois vou fazer você gozar na minha cama.

— Uau, você tem um plano?!

Ele riu alto e olhou para mim rapidamente sem perder o compasso.

— Tenho sim, mas sabe como são os planos. Saem do nosso controle constantemente, posso decidir fazer você gozar no chuveiro também, não esqueci que te devo uma foda debaixo d'água.

Gente, que mistura de cavalheiro e selvagem era aquela? Estava amando ver o *Big Mac* em sua aspereza natural e aquela suavidade surpreendente.

O banheiro dele era pequeno, mas confortável. Rodrigo foi logo tirando a roupa e entrou debaixo do chuveiro. Sentindo a temperatura da água, me chamou com o indicador e fui me despindo, tomando o cuidado de fazer um pequeno show ao deslizar as peças de pano sobre o meu corpo. Podia sentir seus olhos me esquentando e adorei aquilo.

Quando me juntei a ele, prontamente enlaçou a minha cintura e me puxou para debaixo da

ducha.

— Eu não sei como falar isso sem parecer estranho, sei que é cedo, louco ou idiota demais. — Deu de ombros com o sorriso mais doce que vi naquele homem. — Mas preciso dizer logo...

Aquela voz, o timbre rouco, forte e tão sexy...

— O que é?

Levantei a cabeça deixando que a água respingasse em meu rosto, molhando os meus cabelos, observando a doçura como aquele homem me olhava. Rodrigo engoliu em seco e seu pomo de adão se moveu, ele parecia nervoso e parecia não encontrar palavras direito para me dizer o que queria. Olhou para mim e arranhou a garganta.

— Não sei como isso foi acontecer, mas eu acho que estou gostando muito de você. — Sorriu sem graça e deslizou a mão, quase inconscientemente, por minhas costas e parando em meu quadril, subindo novamente. — Confesso que não queria isso, não estava procurando. Mas cada vez que digo para mim mesmo que não é nada, me pego pensando em você. Na forma que sorri, como seus olhos brilham quando está excitada com alguma coisa, a paixão que sente por seu trabalho, o modo que olha para mim quando estamos na cama; mesmo que tenha sido poucas vezes, isso não sai da minha cabeça. E estou cada vez mais descobrindo coisas sobre você que me deixam simplesmente sem saída.

— E você queria sair? — Eu mesma ouvi a diferença do tom da minha voz, estava com uma rouquidão e sabia que era a emoção que tentava conter.

— Olhando para você agora, sentindo seu corpo macio colado no meu, tocando seu corpo... não. Eu poderia viver a vida inteira sem sentir isso e nunca saberia, mas agora que está acontecendo não consigo imaginar como seria minha vida se não tivesse te conhecido, provavelmente mais simples.

Eu ri achando graça nisso, e ele completou:

— Mas é muito bom e ao mesmo tempo não sei o que nos espera.

— Você tá com medo?

Rodrigo assentiu e abaixou a cabeça colando o lado do rosto no meu, respirando fortemente. Podia sentir em meu peito o coração dele batendo forte.

— Eu também estou, mas não quero que isso acabe. Adoro saber que vou te ver, que vou poder te tocar, que vou ouvir sua voz e rir das suas piadas. Estar com você trouxe uma cor à minha vida, que eu nem sabia que precisava ser colorida.

Ele se afastou e olhou para mim com os olhos vermelhos e os lábios entreabertos, aproximou-se abaixando a cabeça e nossos lábios se tocaram, levemente, como se fosse um bater de asas de um beija-flor.

Seus olhos castanhos estavam colados nos meus e então os fechou, começando a mover sua boca contra a minha de uma forma suave, como se aproveitasse de cada segundo, como se provasse pela primeira vez. Era diferente, intenso, forte... tinha sentimento. Parecia que eu poderia explodir de tanto que meu coração estava disparado.

Nossos corpos começaram a se movimentar sem que nos déssemos conta e quando percebi estava com as costas pregadas na parede do banheiro.

— Acho que vou cumprir a minha promessa agora!

Sorrindo, eu assenti com as mãos presas em seu pescoço, procurando por apoio.

— Eu acho ótimo pagar suas dívidas, *Big Mac*!

Ele riu preguiçosamente e se esticou, pegando alguma coisa do armário ao lado do boxe, vi que era um preservativo. E como um homem que estava acostumado a fazer isso, ele se cobriu com a camisinha.

Rodrigo me olhava, pedindo permissão com o olhar e eu concedi, vagarosamente entrou em

mim fazendo com que a sensação de ser invadida por ele fosse deliciosa, nunca me esqueceria de como era sentir aquilo, de como era estar sendo preenchida por aquele homem. Era indescritível, não conseguia raciocinar direito, só viver aquele momento.

Ele murmurava coisas carinhosas e sexy enquanto entrava e saía de mim, nossas respirações se misturavam e os corações batiam em um só compasso, aquela conexão era surpreendente e maravilhosa. Rodrigo era cuidadoso e, ao mesmo tempo, muito sensual, o que intensificou ainda mais as minhas sensações, quando eu alcancei o clímax encostei a cabeça na parede, sentindo tudo aquilo me invadir, deixando livre o que sentia. Permitindo me entregar, nunca tinha me entregado daquele jeito, receptiva a cada toque...

Rodrigo ainda não tinha atingido o orgasmo, porém estava perto, podia sentir no modo que aumentava suas estocadas, ele grunhia e resmungava coisas incoerentes. Às vezes, eu entendia; outras, nem mesmo me preocupei em decifrar, seu corpo estava tenso e me agarrei mais ao seu pescoço, ele apertou as mãos em minha cintura e esticou o corpo invadindo-me uma última vez enquanto gemia alto. Seu corpo relaxou, mas ainda podia sentir os espasmos em nossos corpos, encostou a cabeça em meu ombro. Parecia exausto, e eu imaginava que estivesse mesmo, porque o tempo todo me segurou firme em seus braços, sem que me deixasse escorregar.

Ele deitou a cabeça de lado, olhou para mim e sorriu.

— Desculpa por isso, fui muito bruto!

Balancei a cabeça e o aninhei em meu peito, sentindo dentro de mim a importância daquela cumplicidade.

— De forma alguma, foi delicioso. Já disse, gosto de você bruto também!

— Nunca tinha me sentido dessa forma, se pudesse entraria inteiro dentro de você.

Sorri e fechei os olhos sentindo minhas pernas começarem a doer por causa da posição.

— Entendo o que quer dizer. — Porque eu me sentia da mesma forma, parecia que não era o suficiente, tamanho o tesão que sentia. — Foi maravilhoso!

— Foi diferente, não foi?

Assenti e fechei meus olhos, apoiando o queixo na cabeça dele.

— Foi sim!

E apaixonante! Estava sensível física e emocionalmente, podia sentir tudo que vivemos chegando de uma vez só, sabia que logo eu desabaria.

Deitamos de lado na cama, com as pernas entrelaçadas, e ficamos nos olhando; estávamos naquela posição há mais ou menos vinte minutos. Não tinha certeza ao certo, mas para nós parecia muito mais. Ele percorria meu corpo com a palma da mão cheia de calos, arranhando a minha pele de um jeito que estava me deixando extasiada e eu fiquei contornando as tatuagens dele com os dedos.

Não dissemos nem uma palavra, apenas nos olhamos.

Era gostoso estar assim com ele, com aquela intimidade tão forte, podíamos ficar nus, com as luzes acesas, olhando um para o outro, encontrando pequenos defeitos que nos tornavam apenas pessoas normais, imperfeitamente perfeitas um para o outro que estava bom. Não precisávamos de mais nada e eu amei me sentir daquele jeito.

— Já são duas da manhã, não está com sono? — ele perguntou enquanto descansava sua mão pesada em meu quadril.

— Não. E você?

— Acho que posso ficar olhando pra você a noite inteira que nunca vou me cansar. Tá com fome? Não tenho muita coisa na geladeira, mas posso encontrar algum biscoito perdido.

Neguei com a cabeça e sorri da preocupação dele. Era fofo!

— Estou bem! — Sabia que não seria algo que se pergunta quando está nua com um cara na cama, mas eu estava curiosa para saber mais sobre a vida dele, sobre sua família. — Como é a sua mãe? Você se parece com ela?

Rodrigo arqueou as sobrancelhas da minha mudança brusca de assunto e sorriu.

— Na verdade, só no gênio, mas fisicamente sou o meu pai escrito. Dona Maria Helena é delicada, não se parece com um bruto como eu.

— Você fala dela com tanto carinho, acho isso tão legal. É difícil vermos isso atualmente, sou tão ligada à minha família que ver os outros não dando tanta importância chega a ser estranho.

— E você se parece com quem?

— Bem, meus olhos não são como os da minha mãe. Dissemos que foi um acidente genético, mas eu pareço muito com ela sim, só o gênio orgulhoso podemos dizer que puxei ao papai.

— Eu sou encantado por seus olhos, nunca vi igual. Você é linda em todos os sentidos, me lembre de dar os parabéns aos seus pais por terem criado uma mulher tão incrível como você.

Senti meu rosto ficar vermelho e ele riu do meu constrangimento, não era como se nunca tivesse ouvido elogios, recebi muitos deles. Alguns até inconvenientes no meio em que eu trabalhava, mas ele falava sem maldade, era genuíno e de coração.

— Poderíamos ir almoçar com eles amanhã, o que acha? Será que sua mãe aceitaria ir para a casa dos meus pais? Seria mais fácil levar ela até eles do que todos os meus irmãos e meus pais até ela. Matamos dois coelhos de uma vez só.

Rodrigo tinha os olhos arregalados de surpresa, mas parecia feliz com a minha proposta. Ele voltou a mover sua mão despercebidamente por meu corpo.

— Acho que seria legal, ela iria sim, minha mãe é muito sozinha. Vai ser bom fazer novas

amizades. — Franziu a testa e mordeu o lábio inferior. — Mas isso é muito sério, Mileni... Apresentar nossas famílias vai fazer eles pensarem em um compromisso. Tem certeza de que quer dar esse passo?

Eu sabia disso, minha mãe já iria começar a sonhar e planejar milhares de coisas, papai iria querer ter a tal conversa de homem com Rodrigo. Talvez eu devesse prevenir ele sobre isso. Diego não largaria do meu pé pela vida toda. Pedro já o tomaria como amigo e o convenceria que era o melhor cunhado do que o Di e Thays iria cair dura quando o visse.

— Nunca estive mais certa de alguma coisa na vida! — Por mais que parecesse repentino e talvez eu pudesse estar me adiantando muito, poderia me machucar assim, era verdade. Sentia-me de uma forma diferente ao seu lado e gostava da Mileni que me tornava quando estava com ele.

Rodrigo sorriu deliciado com a minha resposta e subiu em cima de mim, pairando sobre meu corpo, com os olhos brilhantes e aquele sorriso novo e lindo que tinha sido congelado em seu rosto desde cedo.

— Então vamos lá!

Capítulo 35

Eu tô na lanterna dos afogados
Eu tô te esperando
Vê se não vai demorar
(Lanterna dos Afogados –
Os Paralamas do Sucesso)

Rodrigo Silva

O domingo amanheceu preguiçoso, não tive a mínima vontade de levantar da cama. Talvez se devesse ao fato de ter uma mulher deitada com o corpo nu colado no meu, ou poderia ser porque eu amava essa intimidade e cumplicidade que compartilhávamos. Algo tão surpreendente e inesperado que nem sabia o que pensar.

Foi bom ter admitido o que sentia, mas também assustador. Não sabia como ela reagiria ou se corresponderia, mas não podia ficar apenas olhando para aquela mulher e fingir que era apenas coisa de pele quando eu estava me apaixonando.

Porra, nunca pensei que sentiria isso de novo ainda mais por alguém como ela, que representava um passado que eu não gostava de lembrar.

Mileni se mexeu e senti que estava acordando, eu já tinha despertado há mais ou menos uma hora e apenas fiquei deitado, sentindo como era gostoso de estar com ela daquele jeito. Nunca tinha experimentado nada daquilo, acreditava que ainda teria muitas dessas sensações estando com ela.

Fiquei olhando seu rosto sereno enquanto descansava e quando os olhos incríveis dela se

abriram, sonolentos, focando aos poucos em mim e então ela sorriu, percebi que eu não estava me apaixonando, já tinha me apaixonado.

— Bom dia, dormiu bem? — Minha voz saiu mais rouca do que deveria por conta do nó que tinha se formado em minha garganta.

Ela assentiu e suspirou, se aninhando mais em meu corpo como se fosse uma gatinha.

— Melhor impossível! E você? Não te incomodei, ou sentiu calor?

Sorri e neguei com a cabeça, deslizando minha mão por seus cabelos.

— Esquentou só um pouco, mas valeu a pena sentir você assim tão colada em mim.

Seu olhar era doce e tinha algo diferente naquela manhã. Ficamos acordados, conversando até as três da madrugada e só adormecemos depois de muita insistência minha de que se íamos mesmo apresentar uma família a outra precisaríamos estar bem e não parecer duas pessoas que tinham transado a noite toda.

— Que bom, porque eu poderia usar você como travesseiro as noites.

Aquela simples declaração causou um alvoroço dentro de mim, minha cabeça e meu coração duelaram para ver quem ganhava na luta de qual dos dois me deixaria louco primeiro. Engoli em seco e sorri levando minha mão até seu rosto, passando os dedos no contorno de seu maxilar.

— Você tem certeza de que quer reunir todo mundo? Ainda não falamos com ninguém, podemos ficar o dia todo na cama.

Ela sentou-se, não se cobrindo de mim, como teria feito uma semana atrás, sem vergonha nenhuma, apenas confirmando a intimidade que tínhamos conquistado.

— Por mais que seja muito tentador, e olha é muito, eu acho que vai ser legal esse almoço. Mas se prepare, minha família gosta de abraçar muito, todos, sem exceção. Até mesmo papai.

Bem, se bem que eu levei poucos caras para conhecê-lo, posso contar em uma mão e ainda sobraria dedos. Isso pode ser um agravante para o modo protetor que vai adotar.

— Hum, acho que gostei dessa história de poucos namorados. Então vamos fazer isso mesmo?

Ela riu e se levantou, ficando de pé na cama, nua, linda e muito tentadora. Porra, ela estava me provocando, pude ver isso em seus olhos.

— Pode crer, caubói, depois voltarei com você pra casa e vamos ficar na cama como você sugeriu. O que acha?

Mordi a boca e sorri de lado, me inclinando e puxando-a pelo pé, jogando-a deitada na cama, engatinhei para cima dela e parei perto de seu rosto. Mileni sorria parecendo muito feliz e eu me senti um pouco, na verdade muito, satisfeito por ter sido o responsável por aquele lindo sorriso.

— Temos um plano então... preciso confessar que estou mais ansioso para o final do dia do que para o resto dele.

— Por que você não telefonou pra ela antes, Rodrigo? E se sua mãe não gostar de me receber hoje na casa dela?

Mileni olhava para mim parecendo realmente muito chateada, e ficava linda daquele jeito. Seus olhos assumiam um tom mais escuro e as bochechas ficavam vermelhas, bem semelhantes a momentos atrás quando eu fazia cócegas nela, só que em outras circunstâncias.

— Leni, não fica assim. Minha mãe vai adorar te conhecer, na verdade ela já sabe de você. Ela viu nosso vídeo na TV, provavelmente também ficou sabendo das notas que saíram na internet sobre nossos encontros da semana.

Ela arregalou os olhos e abriu a boca em um “O” de choque.

— Meu Deus! Com que cara eu vou olhar para ela agora? — Cobriu o rosto com as duas mãos, balançando a cabeça freneticamente. — Você devia ter me contado isso antes!

Sorri de lado e coloquei a mão em sua coxa. Mileni vestia o mesmo conjunto de malha do dia anterior e tinha livre acesso a sua pele por causa do short curto. Ela queria ter ido em casa trocar a roupa, vestir uma calça ou algo assim, mas não permiti. Não tinha que impressionar ninguém, ou provar nada.

— Não disse para que você não surtasse. Ei, minha mãe é gente boa. Ela até puxou minha orelha quando eu contei sobre você e que não íamos nos ver de novo. Disse que precisava tratar as mulheres com respeito. Não foi exatamente essas palavras que usou, mas teve o mesmo efeito para mim.

Olhou por entre os dedos e então descobriu o rosto sorrindo e respirando fundo, olhou para a casa pequena que foi dos meus pais a vida toda. Era bem antiga e humilde, não sabia como me sentir levando-a ali, ou o que ela poderia pensar.

— É mesmo? Bem, então tenho que agradecê-la, não é verdade? Vamos logo porque meus pais estão loucos para conhecer você, mamãe já foi ao mercado pra preparar o prato especial dela.

Apesar de achar engraçado aquele nervosismo, estava angustiado pelo fato de conhecer todos de sua família. Eu só tinha minha mãe, mas Mileni tinha uma verdadeira linha de fuzilamento.

Ela andou atrás de mim, parecendo de verdade muito constrangida, achei bonitinho. Nem mesmo bati, usei minha chave e fui entrando. Sabia que minha mãe deveria estar na área perto da cozinha costurando. Assim que ouvi o barulho da máquina de costura sorri por ter acertado.

— Mãe! — A chamei para evitar uma supressa tão grande, e ao ouvir minha voz a máquina foi desligada.

Escutamos um barulho de cadeira sendo arrastada e assim que ela apareceu na porta da sala, segurando uma peça de roupa, sorrindo carinhosamente como eu sempre me lembrava, senti como se fosse um garoto novamente e tinha levado a minha primeira namorada para casa.

— Rodrigo, meu filho! Que bom te ver! — Ela se inclinou, olhando para Mileni, que estava um pouco atrás de mim, mas que sorria educadamente para minha mãe. — Oh, vejo que se acertaram!

Virei-me puxando Mileni em meus braços e a empurrando delicadamente para a frente, ela estava surpresa com a declaração da minha mãe, podia ver em seu rosto que não sabia muito bem como agir.

— Mãe, essa é Mileni. Mileni, e essa é Maria Helena, minha mãe.

Leni engoliu em seco e deu um passo à frente estendendo a mão.

— Prazer, dona Maria Helena!

Eu ri quando minha mãe balançou a cabeça e a puxou para um abraço apertado.

— Só Helena, filha! Deixa eu te ver. — Mamãe segurou nos braços de Mileni e a afastou olhando para ela, na verdade examinando-a com muita atenção. — Meu Deus, você é muito mais bonita do que na televisão!

— Er... Obrigada! A senhora viu meus filmes? — A voz dela estava estrangulada, como se tivesse saído aos trancos.

Mamãe assentiu surpreendendo a mim e a Mileni, que parecia ainda mais sem graça.

— Paulo me trouxe alguns para assistir, eu gostei muito. É uma menina muito talentosa. Quando vi vocês dois na TV disse ao meu Diguinho que ele precisava deixar de ser bobo e não te deixar escapar. — Ela olhou para mim e sorriu. — Muito bem, meu filho!

E foi a minha vez de ficar envergonhado. Mileni olhou para mim com uma expressão de

quem eu sabia que iria me zoar depois. Arranhei a garganta e franzi a testa.

— Mãe, nós temos um convite para a senhora!

— Oh, é mesmo? Bem, vamos sentar. Vem cá, Mileni, pra perto de mim, que quero olhar mais pra você.

Ela sorriu e sentou ao lado de minha mãe. Sentei-me na poltrona do outro lado e olhei para as duas. Percebi que minha mãe já tinha adotado Mileni, assim como fez com Paulão.

— Bem, Mileni queria conhecer a senhora e tivemos a ideia de juntar as duas famílias, assim matamos dois coelhos numa cajadada só. O que me diz?

— Ah que legal, acho que será bom. Que dia?

— Agora!

Eu sabia que minha mãe tinha um problema com isso, ela gostava de planejar, não tinha muito costume de sair assim de supetão. Depois da morte do meu pai, ela ficou diferente, mais reclusa e vi em seus olhos certo receio, mas quando olhou para Mileni, que esperava ansiosa por uma resposta dela, sorriu.

— Vamos, a senhora vai adorar conhecer minha mãe.

— Não sei, estou com um serviço para entregar amanhã.

— Por favor, mãe! É importante que a senhora esteja lá. Prometo te trazer de volta cedo.

Ela riu e estreitou os olhos.

— Tá com medo do pai dela te capar, é? Bem, se for para proteger meu menino, eu vou, mas se o pai dela quiser te dar um apertão, eu vou deixar. Não mandei ficar agarrando a filha dos outros nos becos escuros. Não foi essa a educação que te dei.

Ela disse tudo isso, com o dedo em riste e exatamente como me lembrava ao me dar bronca.

Levantou-se e foi para o quarto.

Acompanhamos seu caminho até que ela sumiu dentro do cômodo, Leni olhou para mim como se estivesse segurando o riso até que não aguentou mais.

— Sua mãe é demais, Rodrigo! Vejo a quem você puxou o charme.

Arqueei uma sobrancelha e sorri.

— Eu te disse! E ela ainda consegue me deixar constrangido.

Mileni deu de ombros e olhou em volta, bastante atenta aos detalhes. Ela se levantou e foi até uma parede onde tinha um retrato antigo dos meus pais quando jovens.

— Esse é o seu pai, certo? Você parece muito com ele mesmo.

Assenti e me levantei parando ao lado dela, a foto era daquelas antigas que parece ter em toda casa de pessoas mais velhas. Senti um nó na garganta ao olhar aquela imagem.

— É o que todo mundo dizia, ele gostava de falar que era mais bonito. — Sorri e olhei para ela de soslaio. — Mas nós sabemos que isso não é verdade.

— Não sei, acho que é um páreo bem acirrado.

— Ele amaria te conhecer. — Olhei em volta na casa simples da minha mãe, os móveis velhos, o sofá daquele ainda de madeira e couro, era tudo muito antigo e simples ali, o mais novo que consegui convencer a minha mãe a trocar foi a televisão, mas só quando a dela queimou e não teve conserto.

— A casa da sua mãe é linda, muito aconchegante, me lembra muito a casa dos meus avós no interior. Costumávamos ir pra lá em algumas festas, quando dava.

Não sabia bem dizer o porquê daquela declaração dela mexer comigo, me lembrar do quanto a gente era diferente, que ela deveria estar acostumada a frequentar casas mais chiques.

— É simples e pequena, não consegui tirá-la daqui e fazê-la ir morar perto de mim. Ela disse que tem muitas lembranças nessa casa. — Senti uma necessidade de me explicar, como se me desculpasse pela humildade de tudo e isso não era bom.

— Eu entendo ela. — Mileni se virou, passou a mão pelo encosto do sofá e olhou para mim. — Cada coisa que a gente tem na vida leva uma história, tenho certeza de que ela ficou muito nesse sofá olhando você brincar, ou passou uma noite vendo televisão com seu pai. Sair daqui pode fazê-la pensar que estará perdendo tudo que conquistaram. Às vezes, o que ela precisa não seja de um lugar maior, mas das pequenas lembranças que ela já tem aqui mesmo.

Não imaginava que eu poderia admitir que estava tão errado sobre alguma pessoa, tantas vezes seguidas, logo depois que as dúvidas tentaram invadir a minha cabeça. Aproximei-me e a abracei por trás, encostando o queixo em sua cabeça, olhando para o quadro dos meus pais.

Estava pronto para pedir desculpas por minha atitude estranha quando a voz da dona Maria Helena nos fez virar para olhar para ela.

— Se você deixar essa menina escapar, vou te colocar sobre os meus joelhos e vou bater na sua bunda, coisa que nunca precisei fazer.

E essa, meus amigos, era a minha mãe!

— Vejo que já está pronta, né?

Ela assentiu e olhou para o vestido florido que usava, mamãe gostava de usar roupas confortáveis e a maioria de seus vestidos ela mesma que fazia.

— Estou bem?

Mileni se aproximou e a abraçou, elas eram baixinhas, quase da mesma altura.

— Tá linda! Amei o vestido da senhora.

— Para com isso de senhora, menina. Se quiser faço um vestido desse pra você, claro que

vai ficar mais bonito, já tive um corpinho desse.

— Mãe!

— O que foi, Rodrigo? — Ela olhava para mim como se não tivesse dito nada e eu sorri, balançando a cabeça. — Esse menino acha que eu fui pura minha vida toda, eu hein! Já fui muito bonita. Por que acha que seu pai enlouqueceu quando me viu?

— A senhora é linda, Helena! E vou amar um vestido que a senhora fizer pra mim.

Mamãe sorriu de uma forma que não via desde o falecimento do meu pai.

— Ah, que maravilha, mas farei um mais curto e decotado. Tudo que é bonito tem que se mostrar, não?

Oh, droga! Já era hora de ir ou então tinha certeza de que surtaria. Levei-as para fora, Mileni caminhou até o carro e eu esperei por minha mãe e, antes de fechar a porta, ela se virou para mim, sorrindo.

— Seu pai amaria ela!

Abaixou a cabeça e foi andando até a calçada. Eu sabia que ele aprovaria, senti falta dele em cada segundo que estivemos ali, por isso eu sabia que tinha feito o certo ao deixar as minhas incertezas e promessas sem sentido para trás.

Capítulo 36

Eu só quero saber em qual rua minha vida vai
Encostar na tua
(Encostar na tua – Ana Carolina)

Mileni Pontes

Quando eu era muito novinha, vi meus pais sentados em frente à televisão, mamãe estava grávida da minha irmãzinha e tinha Pedro nos braços. Ele não tinha conseguido dormir à noite por causa de dor na barriga e meus pais nos colocaram na cama cedo, dizendo que não precisávamos nos preocupar e que tudo ficaria bem.

Eu levantei quando ouvi Pedro fazendo barulhinhos e os vi sentados no sofá com a TV ligada, eles assistiam a um filme antigo em preto e branco, minha mãe dormia com meu irmão no colo e meu pai brincava com ele, para que ela pudesse descansar, enquanto não reclamava de fome.

Aquele ato simples e natural me fez ver um amor tão cúmplice, mesmo sendo tão nova eu percebi isso. Éramos pobres, não tínhamos muito, meus pais trabalhavam demais para que tivéssemos o pouco que conseguíamos e mesmo assim eles não se tornaram pessoas amargas, eram mais que um casal, eram parceiros, amigos acima de tudo, compartilhavam cada coisa.

Prometi a mim mesma que só entregaria meu coração a alguém que soubesse o valor que a família tem de verdade, o quanto ela é importante na vida da gente. Esqueci disso em uma fase sombria, mas logo que levei uma rasteira da vida me lembrei de tudo.

Vendo como Rodrigo cuidava da mãe, se preocupava com ela e fazia questão de incluí-la em sua vida fez com que meu coração se entregasse um pouquinho mais para aquele homem tão especial.

Chegamos a casa dos meus pais e vi que ele estava nervoso, o que era novidade para mim, achei que seria mais fácil já que conhecia meu irmão, mas pelo jeito me enganei.

Rodrigo abriu a porta para a mãe e caminhamos lado a lado, com ela na frente, até o portão de casa. Inclinei-me e sussurrei:

— Não se preocupe que meu pai é de boa, não vai querer te capar.

Ele olhou para mim de soslaio e fez uma careta engraçada, franzindo o nariz.

— Está tão óbvio assim que estou com medo?

— Só um pouquinho.

Suspirou e pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos, ficou fazendo círculos com o polegar, como se assim pudesse distrair a cabeça.

— Desculpa, é que nunca fiz isso e está sendo novo para mim. Não sei como agir, tô com medo de fazer besteira e estragar tudo.

Fiquei surpresa com sua declaração e acabei parando de andar, fazendo com que ele também parasse. Rodrigo tinha a sobrancelha arqueada e olhava para mim com curiosidade.

— Você nunca conheceu pais de ninguém? Nunca foi apresentado a família de alguma namorada?

Ele deu de ombros.

— Não!

— Você tá falando sério?

Rodrigo respirou fundo e se aproximou, pegando as minhas duas mãos e levando-as até seus lábios. Deu um beijo suave e assentiu.

— Eu nunca passei por isso e espero que você me ajude, porque minha mãe é capaz de fazer o possível para que eu fique constrangido, tipo contar as coisas que fazia quando pequeno. — Ele olhou para frente e viu que a mãe tinha parado e olhava algumas rosas que tinha no quintal de meus pais, coisa de Estevão. — Ela adora contar uma história que eu não gostava de vestir roupa e queria sair pelado, por favor, não deixe ela fazer isso.

Deus, que homem mais fofo!

Confesso que fiquei surpresa por ele nunca ter passado por uma situação assim. Isso queria dizer que ele nunca namorou sério. Senti-me lisonjeada por ele ter aceitado conhecer minha família, mas ao mesmo tempo fiquei receosa porque ele pode não ter namorado, o que não quer dizer que não houve muitas mulheres em sua vida.

Sorri tentando afastar aqueles pensamentos, torci a boca meio pensativa.

— Eu quero ouvir essa história! — Soltei de suas mãos e andei em direção da mãe dele, a chamei e ela se endireitou olhando para mim. — Rodrigo me disse que a senhora tem uma história muito boa de quando ele era pequeno, precisa me contar essa.

Dona Maria Helena sorriu e assentiu olhando para o filho que andava em nossa direção com os ombros caídos e uma expressão de dor em seu rosto.

— Oh, sim! Essa é muito boa mesmo, Diguinho era um menino muito teimoso e não queria vestir roupa nenhuma. Nem para sair de casa, menina, foi um custo para ele superar essa fase. — Ela riu e olhou para o filho, que estava igual um pimentão por baixo daquela barba, parado no meio da calçada. — Aí o pai dele disse que se não colocasse uma cueca, o piu piu ia cair de tanto peso. O menino chorou tanto e depois correu pra vestir uma roupa, disse que nunca ia ficar sem cueca de novo, mas era uma graça ele correndo pela casa como veio ao mundo.

Os olhos dela fitavam o filho com tanto carinho, se lembrando não só do filho, mas do marido também. Senti um nó se formando em minha garganta e engoli em seco, arranhando a

garganta. Quando se tem uma cumplicidade tão forte com alguém em especial, como via nos olhos de Maria Helena e tantas vezes vi em meus pais, a perda devia ser devastadora.

— Uau, era um menino levado então!

— Ah, era mesmo! Mas foram dias felizes, né, filho?

Rodrigo assentiu, também emocionado ao mesmo tempo que estava constrangido. Eu sorri e pisquei para ele.

— Bom, vamos lá que mamãe já deve estar com tudo pronto! — Esperei que ela se afastasse dois passos e sussurrei: — Ainda bem que você decidiu usar roupas, né?

— Hum, não gosta de me ver sem elas?

Aquele timbre rouco dele ainda iria me deixar louca.

— Adoro, mas se andasse sem roupas eu teria muito trabalho em tirar as mulheres de cima de você.

Ele riu e balançou a cabeça ficando com as bochechas vermelhas de novo, apertei o passo e abri o portão, esperei que os dois passassem, meus pais não moravam em uma mansão, a casa era nova, tinha três quartos, sala, cozinha e banheiro. Simples e comum, tinha sido eles a escolher. Não quiseram trocar de bairro, com muito esforço os convenci a mudar de lado, pois onde cresci havia se tornado perigoso, e queria que tivessem um pouco de segurança.

Não sabia o que Rodrigo esperava, mas tinha certeza de que não era o que encontrou. Podia ver a surpresa em seu rosto claramente. Assim que subimos na varanda, minha mãe abriu a porta e nos recepcionou com seu sorriso acolhedor.

Ela sempre me ouvia chegando, mesmo que ninguém mais o fizesse. Gostava de dizer que era sexto sentido de mãe, mas eu sabia que era o barulhinho que o portão fazia quando era aberto, ela era só muito alerta para ouvir o que os outros não conseguiam.

— Ah, vocês chegaram! Já estou com tudo pronto e todos estão a postos, na verdade está até difícil segurar os meninos de atacarem as panelas.

— Oi, mãe! — Aproximei-me dela e a abracei apertado. Afastei-me e sorri quando a vi olhando para Rodrigo, um pouco fascinada. Acreditava que essa seria uma reação comum quando eu o apresentasse a alguém. — Mãe, esse é o Rodrigo e sua mãe Maria Helena.

Seu sorriso apenas aumentou, podia ver a felicidade estampada em seu rosto. Há anos que ela me dizia que eu precisava seguir em frente, sem medo do que tinha acontecido no passado. Ela sabia que eu evitava me envolver por causa do meu coração que tinha sido machucado e esperava ver o dia que eu me abrisse de novo.

— É um prazer conhecer vocês, sou Luciana, mas podem me chamar de Lu. Sintam-se à vontade, a casa é de vocês, vamos entrar!

Rodrigo não parecia com o homem sedutor que conheci no bar, ele estava envergonhado e podia jurar que ele tentava se esconder atrás da mãe, que lhe deu um empurrão e então se adiantou para dar dois beijinhos em minha mãe, já toda se enturmando. As duas pareciam ter a mesma idade e tinha certeza de que se dariam bem.

— Obrigada por nos receber, Lu! Amei a sua casa e aquelas rosas são lindas.

Minha mãe sorriu e assentiu olhando para as plantas que tinha na entrada de casa.

— São sim, mas não levo crédito. Temos um amigo muito querido que faz questão de cuidar do jardim.

— Nossa, me dá o telefone dele então. Eu tenho um jardim que anda sendo ignorado desde que meu Saulo se foi. — Maria Helena parecia animada em restaurar seu jardim.

— Claro! Estevão vai amar recuperar seu jardim, vamos entrando que logo atacam a mesa lá dentro.

Rodrigo se aproximou de minha mãe.

— Obrigado por nos receber, dona Luciana.

Ela sorriu e abanou a mão na frente do rosto, num gesto despretensioso.

— Sem dona, querido. É um prazer conhecer você, não pude lhe ver muito naquele vídeo que passou no jornal.

Minha nossa! Arregalei os olhos e dei um sorriso amarelo quando ele que me olhou assustado, como se pedisse socorro. Decidi salvar o coitado e o puxei pelo braço.

— Bom, vamos entrando mesmo antes dos meninos reclamarem de fome. Vem, Rodrigo, deixa sua mãe com a minha que, pelo jeito, já se entenderam.

Sim, eu estava fugindo e levando ele comigo. Não tinha ideia que minha mãe iria dizer isso, achei que manteria a discrição. Mas a quem eu queria enganar? Era da dona Luciana que estávamos falando.

Entramos em casa e pude ouvir o burburinho vindo da cozinha, eu estava certa, os rapazes com fome quase se matavam falando de futebol e política. Olhei para minha mãe, que já havia feito amizade com Maria Helena e as duas vinham batendo papo como velhas conhecidas.

— Mãe, por que deixou eles discutirem futebol e política no mesmo dia?

Ela arregalou os olhos e parecia sem saber o que fazer. Cuidar de uma casa com três homens não era fácil, eu sabia bem, às vezes não conseguíamos colocar ordem e deixávamos que se matassem, figurativamente falando, claro.

— Filha, ficar com a boca vazia dá nisso. Vou dar um jeito logo. — Ela assoviou e bateu palma. — Ei, ei! Vamos parar com a algazarra, temos visita e precisamos demonstrar um pouco de educação. Por favor?

Todos se voltaram para nós, Thays sorriu com simpatia, Pedro era sempre o mais distraído e meu pai ficou só observando. Diego foi o primeiro a se levantar e se aproximou de nós, pegou a mão da Maria Helena e a beijou educadamente.

— Seja bem-vinda a família!

Claro que ele iria usar aquele charme cafajeste para conquistar a mãe do Rodrigo. Ela sorriu e olhou para meu irmão encantada.

— Obrigada, meu filho! Você é muito gentil.

Revirei os olhos sabendo quem realmente era a peça e Diego sorriu para mim, se virou para Rodrigo, estreitou os olhos e cruzou os braços. Eu sabia que aquela educação toda era demais e não duraria muito tempo.

— Não tem beijinho pra mim, não? — Rodrigo sorriu zoando da cara do meu irmão.

Diego fechou a cara e fez um gesto com dois dedos apontando para seus olhos e voltando para Rodrigo.

— Tô de olho em você, cara!

Eles se conheciam e podia ver que implicavam um com o outro com frequência.

— Oh, Deus! Márcio, dá pra tirar esse menino daqui? Desculpe, gente! Esses meninos têm uma coisa de besta que vou te falar. — Mamãe riu e puxou meu irmão pelo braço sentando-o na mesa onde ele estava quando chegamos.

Vi que meu pai havia se levantado e não tinha uma expressão tão diferente do meu irmão, mas Diego estava brincando, meu pai eu já não sabia bem.

— Então, você é o tal do vídeo?

Arregalei os olhos, engasguei com a saliva e olhei para minha mãe, para a mãe do Rodrigo, para os meus irmãos e então me virei para ele que parecia querer fugir a qualquer momento. Podia até visualizar a cena. Não sabia o que responder e parecia procurar por ajuda. Eu resolvi dar uma de Priscila.

— Ah, pelo amor de Deus! Vocês vão falar nesse maldito vídeo para o resto da vida? É, era

o Rodrigo que estava comigo lá no beco, sim ficamos juntos e agora ele está aqui. Pronto? Respondido pra todo mundo? Mataram a curiosidade? Vocês não têm nada o que fazer além de ficar assistindo programa de fofoca?

Minha irmã, que até então só admirava Rodrigo, sorriu e piscou um olho para mim.

— Fica difícil não assistir quando todo mundo coloca o celular na nossa cara por saber quem é você, né, mana? — Riu e acenou para meus convidados. — Prazer conhecer vocês, sou Thays e esse caladão aqui é o Pedro. Não se enganem com a aparente timidez, ele é um tubarão, fica rodeando pra dar o bote.

Pedro apenas assentiu como naqueles filmes de comédia quando um valentão fala pelo outro.

— O que deu em vocês hoje, hein? Pai?

Meu pai estreitou os olhos encarando Rodrigo e cumprimentou Maria Helena com um sorriso, a convidando para a mesa. Virou-se para voltar ao seu lugar e o vi rindo quando deu as costas para nós. Fiquei aliviada que estava brincando, porque se aquilo fosse real eu não saberia como lidar.

Rodrigo estava estático no lugar e quando a mãe se afastou para ajudar na cozinha, ele parecia querer ir atrás dela como um menino medroso. Achei aquilo hilário, porque era o *Big Mac*, não? O Digão da oficina! Aproximei-me, enlaçando-o pela cintura.

— Ei, tá tudo bem! Não precisa ficar com medo, é só zoação deles! Acho que planejaram toda uma encenação para me irritar.

— Eu não estava brincando, não! — Diego falou alto da mesa e riu quando olhei para ele de cara feia.

Cheguei perto do Rodrigo e me estiquei nas pontas dos pés.

— Tá tudo bem, mesmo!

Voltou-se para mim, parecendo relaxar um pouco, quase voltando ao normal quando a família do barulho voltou a atacar.

— Rodrigo, me responde uma coisa. Por que te chamam de *Big Mac*? — Oh Deus, só faltava essa! Thays sorria, sabendo que estava botando mais lenha na fogueira.

Voltei-me para minha família que tinha escolhido o dia para me importunar e exclamei exasperada:

— Mãe, manda eles pararem!

Aquele domingo ia render!

Capítulo 37

Desejo
Que você tenha a quem amar
E quando estiver bem cansado
Ainda exista amor
Pra recomeçar
(Amor pra recomeçar – Frejat)

Rodrigo Silva

— Então, Rodrigo, conta um pouco sobre você! O que faz da vida, seus planos para o futuro...

O pai de Mileni olhava para mim esperando por uma resposta, apesar das brincadeiras quando cheguei, as coisas até que foram bem. Percebi que todos se amavam ali e estavam quebrando o gelo que poderia ter com a nossa chegada por meio de brincadeiras, que confesso, me deixaram um pouco sem graça. Era uma família simples e que tinha amor para dar e vender.

Minha mãe havia se enturmado bem e conversava muito com a mãe da Mileni. O que eu gostei muito, pois ela era muito sozinha e ter uma amiga faria muito bem a ela.

Apoiei o garfo no prato e sorri um pouco constrangido, me senti desconfortável em falar da minha vida, não tinha muito o que dizer. Sempre fui muito simples e ciente das minhas limitações, isso estava ficando cada vez mais claro, o que trazia muitas dúvidas a minha cabeça. Contudo, eu entendia e devia ser natural a curiosidade e preocupação.

— Bem, eu sou um homem simples. Abri minha oficina com dois amigos há três anos e até

agora tá dando certo. Espero que continue assim por muito tempo.

Márcio assentiu e olhou para Diego, que sacudiu a cabeça sorrindo, percebi ali que eles já deveriam ter falado de mim.

— E não tem nenhum plano de aposentadoria? Digo por experiência própria de quem trabalhou anos por conta própria, que você deve se precaver para a velhice.

As pessoas na mesa acompanhavam nossa conversa com interesse, alguns já tinha acabado de comer, outros estavam terminando. O irmão mais novo de Mileni era o mais quieto, apenas me observava e não tinha falado muito à mesa. Thays, a caçula, ao contrário, tinha se sentado a meu lado e não parava de tagarelar sobre seus estudos e aspirações para o futuro ao lado da irmã, o que achei bem engraçado porque ela se parecia tanto com Mileni, e ao mesmo tempo eram diferentes.

Olhei para Márcio que havia terminado sua refeição e havia apoiado os cotovelos à mesa e cruzado os dedos, descansando o queixo neles.

— Na verdade, ainda não tive muito tempo para pensar nisso.

— Sei, e você pretende algo sério com a minha filha?

Arqueei as sobrancelhas e vi minha mãe pressionando os lábios para não rir, Mileni ao meu lado estava com a boca aberta e o silêncio imperava na mesa, podia cair um alfinete no chão que conseguiríamos escutar.

— Pai! — Mileni balançava a cabeça parecendo não acreditar.

— Márcio! — A mãe dela repreendeu o marido e lhe deu um empurrão om o ombro.

— O quê? — Ele olhou entre as duas parecendo não saber o motivo de chamarem sua atenção. — Só estou perguntando...

— Jesus, vocês surtaram hoje? Eu achei mesmo que teria uma coisa de homens da casa

preocupados, mas isso tá sendo demais. Você nunca foi disso, pai. — Mileni parecia realmente muito chateada com a situação, mas apesar do incômodo não me importei.

Olhou para Márcio como se não acreditasse, eu estava pronto para responder à pergunta dele, não tinha o que esconder.

— Ei, tá tudo bem mesmo! Eu não me importo de responder...

Mileni olhou para mim e balançou a cabeça negativamente.

— Não, Rodrigo! Você não tem que responder a isso, meu pai não precisa ficar fazendo essas perguntas. Tá parecendo um interrogatório policial, pelo amor de Deus, pai...

— Nunca fui disso até aquele último rapaz que esteve aqui. Lembra do que aconteceu, né? Isso porque não o pressionei, se tivesse feito tenho certeza de que ele teria dado no pé, covarde como era.

Ela ficou branca, a cor parecia ter sumido completamente de seu rosto e as pupilas de Mileni dilataram. Ela abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas só abaixou a cabeça e olhou para o prato por longos segundos.

Não imaginava do que, ou de quem estavam falando, mas foi claro para qualquer um que assistisse aquela cena que mexia com todos da família.

— Mãe, você precisa que eu lave as louças?

Luciana olhava o marido de cara feia, que cruzou os braços e se recostou na cadeira, olhando para a parede atrás de nós. Ela estendeu a mão e fez um carinho no braço da filha.

— Claro, filha! Por favor.

Mileni assentiu e se levantou, recolhendo os pratos vazios. Eu me ergui e comecei a ajudá-la em silêncio, percebi que não era hora de falar. As pessoas começaram a se levantar da mesa e se dirigiam para a sala. Minha mãe olhou para mim com carinho e dei graças a Deus por ela

estar ali, um apoio naquele momento foi bom.

Terminamos de pegar todos os pratos e garfos, levamos para a cozinha, Mileni estava quieta e de cabeça baixa, não mantinha contato visual e se manteve de costas o tempo todo.

— Ei, olha para mim.

Ela negou com a cabeça e sorri me aproximando, afastei os cabelos que cobriam seu rosto e passei os nós dos dedos em sua mandíbula.

— Olha pra mim, linda!

Ela parou de esfregar o coitado do prato e o depositou dentro da pia, virou-se com os olhos marejados e as mãos cheias de sabão.

— Sinto muito, Rodrigo. Não imaginei que eles fariam isso, na verdade imaginei sim, mas pensei que seria só uma brincadeira e parariam logo que o gelo fosse quebrado.

— Tá tudo bem, Mileni. Eu não me importei, seu pai só está sendo protetor.

Ela respirou fundo e torceu a boca de lado, pensativa.

— Mas isso foi demais, eu sou bem grandinha para cuidar de mim mesma e não preciso que fiquem remexendo em meu passado como justificativa para essas coisas. — Ela respirou fundo e desviou o olhar, notei que o que quer que tenha acontecido a machucou muito. — Vou terminar aqui e vamos embora. Sua mãe deve ter ficado chocada, né? Nem sempre somos assim, não há esse tipo de constrangimento em nosso relacionamento. Não sei o que deu neles...

Franzi a testa e me aproximei, colando-me um pouco mais nela.

— Mileni, foi tudo muito bom. Adorei conhecer a sua família e te ver com eles foi muito legal, é uma família que se ama e se preocupa um com o outro. Não fique assim. — Dei um beijo no topo da cabeça dela. — Eu vou lá falar com seu pai, tá?

— Não precisa! Ele logo melhora e vem te pedir desculpas.

— Ele não tem que pedir desculpas por uma pergunta que todo pai faria.

Deixei ela na cozinha e fui procurar por Márcio e Luciana, que não estavam na sala, ali tinham ficado os irmãos de Mileni, que tinham ligado o videogame, e minha mãe que conversava com Thays. A porta da sala estava entreaberta e fui até lá, cheguei a tempo de ver o pai de Mileni saindo do portão e a mãe dela o observava atravessar a rua.

Quando ela percebeu que não estava sozinha se virou, sorriu com carinho e mil desculpas no olhar.

— Oi, Rodrigo! Peço desculpas por meu marido, é que ele ficou preocupado com Mileni. Ela não é de trazer namorados aqui em casa e ele ficou surpreso.

— Não precisa se desculpar, Luciana. Eu entendo. Aonde ele tá indo?

Luciana sorriu e olhou para mim, voltando a observar a rua.

— Foi buscar sorvete para se desculpar, Mileni não resiste e ele sabe que fez besteira!

— Imagina, eu não me importo de responder. Gosto muito da sua filha e as minhas intenções com ela são as melhores possíveis, desde que ela me aceite, claro.

A mãe de Mileni assentiu e, de repente, parecia ter o peso do mundo nas costas, apesar do clima estar quente ela se abraçava como se sentisse frio.

— Muito bom ouvir isso, filho. Mas não é por esse motivo que Mileni ficou chateada. Márcio tocou em uma ferida que vive sangrando, sabe? — Olhou para mim e respirou fundo. — Provavelmente eu não deveria te dizer isso, mas na atual situação acho que deve ter um monte de perguntas na cabeça. — Assenti, concordando, porque era mesmo verdade, tudo ficou tão no ar e dava a entender que era muito sério. Luciana suspirou e continuou: — Minha filha sempre foi muito preocupada com a gente, ela cuidava dos mais novos para que pudéssemos trabalhar tranquilamente, deixou de ser uma adolescente, uma jovem normal e

cometer erros da idade para cuidar das crianças. Sempre muito compreensiva sobre as dificuldades que passávamos, nunca foi de reclamar. Quando as coisas começaram a melhorar e apareceu uma oportunidade de as coisas se estabilizarem, ela não pensou duas vezes e agarrou a chance com unhas e dentes. Cuidou de todos nós, Rodrigo. Pagou o estudo de todos os irmãos, nos deu uma aposentadoria, deu a Márcio um comércio para que ele pudesse continuar trabalhando, porque ela sabia que o pai não conseguiria ficar parado. Mas ela era jovem, ficou maravilhada com o mundo do cinema e as pessoas que vinham junto, vi minha menina se afundando, sabia que ela se machucaria e não consegui fazer muita coisa. Leni não gosta de tocar nesse assunto, mas acho que você merece saber, pelo menos um pouco, já que suas intenções são sérias.

Encarou-me e tinha os olhos brilhantes de lágrimas e vi a dor estampada em seu rosto. Eu não imaginava que as coisas fossem tão sérias, provavelmente machucou muito a família inteira, porque eles ainda se sentiam intimidados com pessoa novas invadindo o espaço deles. Compreendi que Luciana não diria mais nada, mesmo estando curioso para saber mais, respeitei sua discrição.

— Obrigado pelo voto de confiança, Luciana.

Ela sorriu e se aproximou, deu-me um abraço carinhoso e se afastou novamente.

— Só cuide da minha filha e não a faça sofrer, tá? Não se deixe abater pelas consequências do trabalho dela. As coisas nem sempre são como parecem.

Eu queria dizer a ela que entendia e que faria o meu melhor para não estragar as coisas quando ouvimos um barulho no portão, me virei e vi Márcio com uma sacola de plástico e um pote de sorvete. Ele sorriu sem graça e estendeu para a esposa.

— É de flocos, pede perdão a ela por mim.

Luciana sorriu e deu um beijo no rosto do marido.

— Ela já te desculpou, sabe disso. — Entrou dentro de casa anunciando o sorvete, pude ouvir a gritaria, parecia um monte de crianças loucas por sorvete.

Fiquei ali na varanda e olhei para o homem à minha frente, era clara a preocupação que ele tinha e percebi o que Mileni disse sobre ter o mesmo gênio do pai ser real. Márcio me encarava com seriedade e sabia que, apesar de ter se arrependido de ter chateado a filha, esperava por uma resposta.

— Minhas intenções com sua filha são as melhores possíveis, senhor. Gosto muito dela e quero ficar com ela, vou fazer o meu melhor para fazê-la feliz.

Ele assentiu e estreitou os olhos, exatamente como um pai apreensivo devia parecer.

— Espero que entenda a minha preocupação.

— Claro que sim, se meu pai estivesse vivo seria o primeiro a fazer essa pergunta pra mim, ele sempre dizia que não se deve brincar com a filha dos outros.

Márcio assentiu e sorriu, bateu em meu ombro duas vezes e se virou para entrar na casa.

— Mas chega de becos, ok?

Oh, cara! Essa coisa do beco demoraria a ser esquecida, não é?

Capítulo 38

Diz pra eu ficar muda
Faz cara de mistério
Tira essa bermuda
Que eu quero você sério
(Como eu quero – Kid Abelha)

Mileni Pontes

Fiquei em silêncio depois de tudo que aconteceu, não tive vontade de conversar, interagir ou qualquer coisa. Meu maior desejo no momento era me enfiar em algum buraco e me esconder para o resto do dia.

Meu pai se desculpou por ter tocado em uma ferida que ainda doía e eu entendi que só queria o meu bem, por isso a preocupação. Contudo, o estrago já tinha sido feito, não consegui fingir que estava tudo bem.

Rodrigo percebeu meu aborrecimento e rapidinho arrumou uma desculpa de irmos embora, deixamos a mãe dele em casa e seguimos para seu apartamento. Ele respeitou a minha vontade de ficar quietinha, e mesmo que estivesse curioso para saber tudo sobre o que falaram na casa de meus pais, não me fez nenhuma pergunta.

Ele abriu a porta e eu fui direto para o quarto com a maior liberdade, deitei na cama e abracei o travesseiro que tinha o cheiro dele, fechei meus olhos tentando espantar as lembranças que voltaram e me machucavam.

Senti o momento que ele entrou no quarto, a energia mudou. Pelo pouco tempo que nos

conhecíamos tive essa impressão de que, quando ele estava no mesmo lugar que eu, a vibração mudava, como se tudo se encaixasse, como se eu estivesse destinada a conhecer o bruto mais gentil do mundo.

Estava frustrada comigo mesma por me sentir daquela maneira, tínhamos tantos planos para a noite, que foram por água abaixo. A cama afundou com o peso dele e Rodrigo deitou atrás de mim, abraçando-me e puxando meu corpo para perto.

— Quer conversar?

Neguei com a cabeça e encostei-me um pouco mais nele, procurando por conforto. Rodrigo não sabia, mas aquele respeito por meu silêncio estava me ajudando muito mais do que falar qualquer coisa.

— Quer ficar só deitada?

— Você se importa?

Ele riu e começou a fazer carinho em meu braço, estávamos de conchinha e sentia cada parte minha encaixada nele. Até mesmo o que não podia ser visível aos olhos.

— De jeito nenhum, posso ficar desse jeito com você a noite inteira!

Engoli em seco tentando conter a emoção que, de repente, me invadiu, estava sendo demais para mim. O passado voltando, os sentimentos, o carinho e o apoio incondicional de um quase estranho...

Acabei falhando em minha intenção em parecer normal e quando me dei conta estava chorando, forte, de sacudir o corpo e ele apenas me apertou mais, segurando o meu pranto, deixando que as emoções levassem o melhor de mim, que lavassem as manchas que me mantinham presa, que tirassem do meu peito a angústia e desespero.

Rodrigo serviu de porto seguro para que eu pudesse sentir o que tinha em meu coração sem medo, ele me conduziu para que o pranto se amenizasse, me aconchegou e me vi a salvo do

que quer que pudesse me machucar.

Adormeci com suas mãos acariciando meu rosto, deslizando por meus cabelos e me peguei encantada, sentindo um carinho imenso por aquele homem grande, bruto e de uma suavidade surpreendente.

Sabia que estava fazendo besteira no momento que coloquei os pés fora do apartamento dele. Senti-me uma covarde, tinha certeza de que me arrependeria disso, mas meu coração estava pesado e não tive coragem de encará-lo depois do meu desastre de lágrimas.

Deixei um bilhete pedindo desculpas e também o número do meu telefone, caso ele precisasse entrar em contato comigo. Optei por me arriscar chamando um táxi do que ter que explicar a ele o motivo de toda a dor que presenciou.

Tinha uma reunião com a produção do filme que eu estava interessada em fazer, Diego já se encontrava à minha espera no local combinado e só tive tempo de ir em casa, tomar um banho e vestir algo mais apropriado para uma reunião.

Coloquei óculos escuros, para que dificultasse um pouco que me reconhecessem; como fui dirigindo manteria um pouco mais a discrição. Dei meu nome na recepção e fui encaminhada a um canto mais reservado que tinha no restaurante. Meu irmão tinha escolhido bem o local, era profissional e ao mesmo tempo acolhedor.

Diego estava de frente para mim e quando eu me aproximei, levantou-se para me cumprimentar. Ele tinha a testa franzida de preocupação, imaginei que estaria assim devido ao desastre do almoço.

— Tá tudo bem?

Sorri e estendi a mão acariciando seu rosto, agradecida por seu cuidado.

— Estou bem, Di.

— Tem certeza? Podemos remarcar!

— Imagina, já estou aqui e preciso trabalhar. Pronto para sua primeira reunião de negócios como chefe?

Ele abriu um sorriso lindo e se virou, olhando para os responsáveis pela realização do longa, virou-se e me deixou passar na frente. Sentia que teria uma grande oportunidade ali e que seria um sucesso incrível.

Meu irmão aproximou-se da mesa e sorriu.

— Vocês já conhecem a Mileni... — Olhou para mim com um sorriso e apontou para o homem e a mulher. — Esse é o João Moraes e a Luana Gomes, eles são os produtores que estão cuidando de tudo para as filmagens, e foi a Luana que te fez o convite.

Estendi a mão com um sorriso no rosto, por incrível que pudesse ser, não foi algo forçado como eu estava acostumada a fazer. Estava relaxada, coisa que não acontecia quando lidava com a Fátima.

— É um prazer imenso conhecer vocês! — Os dois se levantaram e me cumprimentaram com um aperto de mão, sentando-se logo em seguida. Meu irmão puxou a cadeira para mim e o agradeci com um aceno. — Então, estou animada para ouvir a proposta que disseram no e-mail. Se ainda estiver de pé, claro!

Eles sorriram e se entreolharam parecendo bem ansiosos.

— Com certeza está! Somos grandes fãs de seu trabalho e quando não obtivemos a resposta de imediato, decidimos adiar um pouco, esperando que nos respondesse positivamente, o que foi muito bom porque agora estamos aqui. — João olhou para a parceira, que assentiu.

— Exatamente, eu disse à autora que faríamos de tudo para que você, pelo menos, conhecesse a história, ela fez questão de que você participasse. Parece que você é a queridinha

entre as autoras de romance, muitas se inspiram em você para criar suas personagens.

Era verdade, já havia gravado vários filmes que foram baseados em *best-sellers* literários.

— Nossa, fico realmente muito feliz com isso e me sinto honrada, peço desculpas pela demora. Tive alguns problemas com minha antiga empresária, mas agora está tudo certo. Com Diego cuidando das minhas coisas, tudo vai ficar do jeito que sempre sonhei.

Os dois assentiram e Luana tomou um gole de sua água, olhando para mim com a testa franzida.

— Fico feliz. Fátima Monteiro pode ser bem difícil de se trabalhar.

Assenti concordando com ela, mas não queria entrar em detalhes porque não era de ficar falando dos outros pelas costas, apesar de perceber que não gostavam muito dela pela expressão em seus rostos, a conheciam bem pelo visto. O que não era nenhuma surpresa por ser um nome muito respeitado no meio.

Meu irmão tirou alguns papéis de sua pasta, que vi se tratar dos e-mails que trocaram e alguns contratos que, provavelmente, pegou com meu advogado.

— Bom, pelo que disseram nestes e-mails é um filme independente, sem muito capital, certo?

João assentiu e pegou com a parceira um bloco grosso.

— Não conseguimos um bom patrocínio, mas queremos muito fazer essa produção, então estávamos buscando medidas alternativas, infelizmente o cachê não é tão alto. Por isso a recusa de sua empresária.

— Ela chegou a falar com vocês?

Luana assentiu e fez uma careta estranha.

— Sim, nos encontramos em um evento e queríamos falar com você sobre o projeto, mas

ela fez questão de dizer que estava abaixo dos trabalhos que você fazia. Que não estávamos no seu nível.

E, mais uma vez, minha imagem foi pintada do jeito que ela achava melhor. Se arrependimento matasse eu estaria esticada no chão, Fátima me fez parecer esnobe de tantas formas que não sabia se conseguiria me recuperar disso. Deveria ter dado um basta em nossa parceria muitos anos atrás e não ter dado corda dançando a sua música.

— Sinto muito, gente! — Olhei para os dois muito sem graça e balancei a cabeça ainda sem acreditar que era real. — Acabei pegando uma fama que nunca quis para mim. E quero saber mais sobre essa história, sobre o enredo do filme, do que se trata. Pelo pouco que Diego me contou parece ser algo muito empolgante.

— Então, você não se importa que seja uma produção de baixo custo? — João perguntou, parecendo um pouco apreensivo.

— De forma alguma! Fiquei encantada com tudo que meu irmão me disse.

— Maravilha! — Luana sorriu amplamente batendo na mesa com entusiasmo. — Então, os planos são o seguinte...

Passamos a hora seguinte falando sobre o filme, eles eram muito competentes e profissionais. Porém, o que me deixou mais animada foi a paixão com o trabalho que pude ver entre os dois, o companheirismo e a vontade de que desse certo.

O roteiro era incrível e tinha tudo para se transformar em um sucesso, nosso desafio seria conseguir um bom patrocínio e tive uma ideia muito boa.

— Acho que consigo levantar um dinheiro para vocês, mas tenho apenas uma exigência.

Luana levantou a cabeça interessada em minha proposta e olhou para o parceiro com expectativa.

— Deus, sério? Claro, me diga o que quer que faremos o possível para realizar seu desejo.

— Para o protagonista, gostaria de convidar meu amigo para contracenar comigo. Todos os filmes que fizemos juntos deu muito certo e acho que seria muito bom tê-lo, não só pelo talento, mas pelo nome dele também.

Diego sorriu sabendo a quem eu me referia. Todas as vezes que trabalhamos juntos, meu irmão acompanhou e sabia que tínhamos uma química, dávamos muito certo e era o que precisávamos.

João apoiou o cotovelo na mesa e descansou o queixo em seu punho fechado.

— Quem seria?

— Alex Becker!

Luana engasgou, João arregalou os olhos e parecia não conseguir respirar direito.

— Uau, se ele aceitar acho que seria perfeito! — Olhou para João, que assentiu freneticamente. — Na verdade, Alex se encaixa perfeitamente no papel de deus do rock.

— Maravilha! Vou falar com ele hoje ainda e Diego entra em contato para preparar as papeladas e passar detalhes da minha ideia, tenho que ver se vai dar certo, combinado?

O casal assentiu e percebi no olhar entre eles que eram mais que parceiros de negócios. Meu irmão estava eufórico com seu primeiro contrato sozinho e depois que João e Luana se foram ficou comigo planejando as coisas e aproveitei para olhar meu celular.

Tinha uma mensagem de Rodrigo, meu coração disparou antes que abrisse o envelope, tive medo do que ele diria se estaria bravo. Lembro bem da última vez que o deixei e fui embora sem falar nada.

Rodrigo: *"Senti sua falta hoje de manhã, espero que esteja bem. Nos vemos em breve?"*

Não consegui evitar que um sorriso enorme se abrisse em meu rosto, meu coração se acalmou um pouco e respirei mais aliviada.

— Hum, acho que tem dedo do Digão nesse seu sorriso.

Levantei os olhos e encarei meu irmão, travei o celular e decidi responder quando estivesse sozinha.

— E por que você acha isso?

Diego revirou os olhos e bufou, como se fosse mais do que óbvio.

— Você chegou estranha, posso ver por baixo da sua maquiagem que teve uma noite difícil e seu corpo está tenso. Te conheço, mana! — Deu de ombros e chamou o garçom pedindo a conta. — Fico feliz que ele te faça bem assim. Sempre que alguém mexe no passado, você fica mal por dias. Pode não parecer, mas gosto de te ver bem!

Sorri assentindo e pressionei os lábios um no outro.

— Ele faz sim! Como as coisas ficaram lá em casa depois que fui embora?

Meu irmão fez uma careta e, quando o garçom chegou com a conta, ele tirou o cartão da carteira e passou na máquina, agradeceu ao receber a nota fiscal e olhou para mim muito sério.

— Papai ficou mal porque sabia que tinha te machucado, mas você sabe como ele é, não consegue ficar muito tempo enclausurado. Lembra alguém que eu conheço. — Balançou as sobrancelhas e eu sorri. — Quando eu fui embora, já tinha saído do quarto e estava importunando a mamãe.

— Bom, não quero que ele se sinta mal. Apesar de ser sido ridícula a forma como vocês agiram com Rodrigo.

Diego riu abertamente e se levantou, puxando a cadeira para mim, se inclinou e sussurrou:

— A gente só o importunou um pouquinho porque percebemos que vamos vê-lo muitas

vezes ainda, senão teríamos de deixar o coitado se iludir. Você já caiu na lábia daquele mecânico, né?

Levantei-me e dei o braço para meu irmão, que me acompanharia até meu carro como um bom rapaz.

— Eu acho que sim!

Diego bufou e riu alto.

— Você acha?

Levantei uma sobrancelha olhando para ele.

— Inocente, coitada! Eu só quero ver o que ele vai achar de você e Alex juntos de novo, o cara é bem ciumento pelo que me lembro.

Dei de ombros não me importando tanto, se ele foi tão compreensivo na noite passada e nessa manhã, não criaria caso ou teria crises de ciúmes, certo?

Poxa, ele viu meu filme com o Alex, o mais sensual e não surtou completamente. Isso, ou escondeu bem sua reação...

Capítulo 39

O meu quarto que ficou apaixonado
Travesseiro dependente e viciado em você
Não sou eu
Meu lençol te quer agora e não depois
Minha cama tem a medida certa pra nós dois
(Medida Certa – Jorge e Mateus)

Rodrigo Silva

Parecia estar vivendo um flashback, e não gostei nada daquilo.

Eu a segurei a noite toda, entendi sua vontade de ficar em silêncio, não lhe fiz perguntas, esperei que seu pranto passasse e acabei dormindo fazendo carinho em seus cabelos. Sentindo-me importante por ela permitir que a acalmasse, por estar ali quando precisou.

E quando acordei ela tinha partido!

Em um primeiro momento me senti um idiota, criei expectativas e acreditei em um sentimento que provavelmente era unilateral, contudo logo vi o bilhete dobrado embaixo da minha carteira. O abri com cuidado, e fiquei até com medo de ler o que estava escrito, mas meu coração foi se acalmando enquanto meus olhos passavam pelas poucas linhas.

"Rodrigo, sinto muito por sair assim novamente, não quero que pense que estou fugindo de você. Só preciso colocar minhas ideias no lugar. Obrigada por estar comigo essa noite, por me segurar. Acredite, ninguém nunca me fez sentir tão acolhida quanto me senti com você.

Vou deixar o número do meu celular para que possamos manter contato.

Espero poder te ver em breve.

Um beijo, Mileni!"

Ainda me incomodou o fato de ela ter saído assim, mas compreendi que precisava de um tempo. Pelo que pude perceber, as coisas eram mais complicadas do que um simples relacionamento que não terminou bem.

Digitei uma mensagem rápida para ela, para que soubesse que estava tudo bem e deixei em suas mãos o próximo passo. Não estava no clima de ir pedalando até a oficina e decidi pegar meu carro, acabei me arrependendo amargamente. Com o trânsito, demorei o dobro do tempo que chegaria de bike.

Claro que isso fez meu humor sair de ruim para péssimo, entrei e nem falei nada com ninguém, percebi olhares para o meu lado, mas decidi ignorar, talvez eles tivessem algo melhor para fazer. Tipo, trabalhar!

Pelo canto do olho vi Paulão acenando, tentando chamar minha atenção, com bastante insistência, devo dizer, mas fingi que não era comigo e fui direto para o escritório, eu estava fugindo mesmo e não tinha nenhuma vergonha disso. Não queria ouvir sua ladainha de sempre.

Entrei sem olhar e fechei a porta passando a chave, enfim consegui respirar fundo, mas quando puxei o ar, um perfume doce e enjoativo invadiu minhas narinas e fechei os olhos me virando, sabendo exatamente quem estava ali.

— Vitória...

Abri os olhos e a encarei, ela estava sentada na minha cadeira, com as pernas cruzadas e um sorriso enorme nos lábios pintados de rosa. Eu a conhecia bem demais para saber o que tinha ido fazer ali, por isso nem perdi tempo ou saliva perguntando.

— Oi, meu amor! Sentiu saudades de mim? Não nos entendemos bem aquele dia no seu apê, então decidi vir aqui para ver se estamos bem.

Como eu diria que nem mesmo me lembrei dela por um segundo sequer sem magoar seus sentimentos? Optei por esconder esse fato, ou poderia provocar algo que não poderia lidar naquele momento.

— Imagina, não foi nada de mais, estamos bem sim. Como está? — Dei um sorriso amarelo, sem vontade nenhuma e rezando para todos os santos que a fizessem evaporar dali.

Ela estreitou os olhos tombando a cabeça de lado e descruzou as pernas, de uma forma, devo dizer, bem intensa, fazendo questão de deixar todos seus atributos visíveis. Caminhou para onde eu estava parado e estendeu a mão, passando a unha vermelha por meu braço, contornando minha tatuagem.

— Eu estou um pouco carente, amor. Sabe, andei sendo muito desprezada por você, não estou muito feliz com isso. Você foi mesmo muito mal-educado naquele dia. — Estalou a boca de uma forma que frisasse que não estava feliz.

Droga! Eu não sabia lidar com aquela mulher. Na verdade, apesar da minha fama, eu era um idiota quando o assunto se tratava das artimanhas femininas. Prova disso era como fui modelado por minha ex como ela bem quis. Poderia ter dado um fora nela, o que teria sido melhor, me pouparia de inventar desculpas e ser educado, às vezes era cansativo demais, ainda mais com pessoas como ela que não sabiam ouvir um não.

— Sabe o que é, Vitória... Algumas coisas aconteceram desde a última vez que ficamos juntos, muita coisa mudou, não quis ser mal-educado aquele dia, eu estava acompanhado, então acho que não podemos nos ver mais...

Fiz uma careta ao ponto que ela ia se afastando, com um olhar irado. Abriu a boca em um “O” mudo e eu senti a vibração mudando. Era como se a raiva dela fosse se virar contra mim.

— Você está me dando o fora? De novo?! Já não basta aquele doce todo que fez no seu apartamento?

— Você ouviu o que eu disse naquele dia e agora? Eu tô com outra pessoa. Não podemos ser apenas amigos?

Percebi no momento em que as palavras saíram de minha boca que tinha sido a coisa errada a dizer.

— Amigos? O que tem de diferente agora, Rodrigo? A gente sempre ficou junto mesmo estando com outras pessoas.

Ela se aproximava e levantei a mão a parando no lugar, não estava gostando nem que estivesse ali, não queria que me tocasse.

— É diferente, nunca era sério para mim e, dessa vez, mudou. Eu estou gostando dessa pessoa, não vamos ficar juntos de novo. Sinto muito que perdeu seu tempo vindo aqui, sei que deve ter outras coisas para fazer, pessoas para ver, enquanto está no Rio. Deveria ter te dito da primeira vez que veio a oficina, mas eu estava confuso.

O peito de Vitória subia e descia muito rápido, suas narinas estavam dilatadas e os olhos soltavam faíscas.

— Gosta mesmo dessa mulher? Você é mais idiota do que pensei, cara! Ficar apaixonado por uma estrela de cinema é coisa de adolescente, não? Acha mesmo que um homem como você, de sua classe social, com o pouco dinheiro que tem, estará à altura de competir com o monte de ricaço que fica aos pés dela? Não aprendeu nada com a Lívia?

Engoli em seco, sabia que aquilo tudo era veneno, era uma forma de ela sair por cima depois de ter levado um fora. Pelos anos que nos conhecíamos, eu sabia que Vitória não sabia levar um não como resposta, era muito bonita e sensual, sabia usar todos suas garras para conseguir o que queria. Conhecemo-nos ainda adolescentes e nos envolvemos cada vez que ela visitava a cidade, poucas vezes eu a deixei ir sem passar pelo menos uma noite, e claro que a minha recusa a deixaria com raiva.

Porém, ela mexeu em um lugar que me incomodava muito, mesmo que eu tentasse ignorar.

— Você não sabe do que está falando, nem mesmo a conhece. Então, se me dá licença eu preciso trabalhar.

— Deus! — gargalhou alto jogando a cabeça para trás. — É pior do que eu imaginava. Além de estar achando que é bom o suficiente, você está apaixonado. É um idiota mesmo, Big Mac!

Eu estava perdendo a paciência e não tinha mais vontade de ser gentil ou preocupado em ferir seus sentimentos. Estava sendo condescendente por conta do tempo que nos conhecíamos, mas tudo tem limite!

Virei-me, destranquei a porta e a abri totalmente olhando para Vitória, que parecia chocada com a minha atitude, nunca tinha sido tão rude com ela.

— Eu sou um idiota, um idiota que não quer mais nada com você, então, por favor... — Estendi a mão para fora do escritório e vi de soslaio que chamamos a atenção de alguns dos caras da oficina. Tarde demais vi que tinha clientes também e eu odiava misturar problemas pessoais com o profissional.

Vitória cruzou os braços e estreitou os olhos olhando para o lado sem nem mesmo mover um passo.

— Eu não vou sair daqui assim, Rodrigo. Temos que conversar e você vai entender que não tem nenhuma chance de ter alguma coisa com aquela mulher, é demais pra você, meu amor.

Como eu consegui ficar com aquela mulher e não perceber quem era ela? Como era fútil e maldosa! Respirei fundo e me aproximei, ela sorriu, descruzou os braços e eu a surpreendi pegando-a pelo braço, tomando cuidado para não machucá-la, e a levei até do lado de fora do escritório. Aproximei-me de seu ouvido para falar baixo, não precisava de mais plateia do que já tinha.

— Não me importo se não der certo com a Mileni ou não, mas saiba que não vou tocar mais em nenhum fio de seu cabelo. Agora, passar bem, Vitória. Pode sair da minha oficina, por favor?

E a soltei olhando em seu rosto, ela me encarava com ódio e tardiamente vi flashes piscando em meu rosto, quando me virei vi que o homem que achei ser um cliente era na verdade repórter e ele estava tirando fotos há mais tempo do que eu percebi. Olhei para Vitória, que sorriu amplamente e se aproximou.

— Eu não sou mulher de chorar migalhas, querido. Só queria uns cinco minutos de fama. Quando soube do seu envolvimento com a *diva*, não pude perder a oportunidade. — Olhou para o fotógrafo e sorriu. — E consegui o que queria! Obrigada por isso, Digão!

E saiu andando pela oficina fazendo os saltos clicarem no chão, ritmando com os cliques da câmera do idiota. Virei-me para ele, e minha cara não devia ser das melhores porque o babaca arregalou os olhos e abaixou a câmera.

— Some daqui!

O rapaz assentiu e saiu correndo para fora da oficina. Olhei para meus funcionários e Paulão que tinham parado tudo e olhavam para mim.

— Quem deixou esse filho da puta entrar e por que não me avisaram que a Vitória estava aqui?

Paulão se adiantou e deu de ombros.

— Eu tentei te falar sobre ela, mas você me ignorou. O maluco não se identificou, disse apenas que queria falar com você e pedi para que esperasse. Devia ter desconfiado de algo quando ele te chamou de Senhor Rodrigo Silva, desculpa.

Ele não tinha culpa, porque tudo foi orquestrado por Vitória, ela queria alguns minutos de fama e eu não sabia o que ela ganharia com aquilo. Nada aconteceu. A não ser a minha paciência, que ela conseguiu que não restasse nem mesmo um cisco. Só queria saber quem foi o babaca que contou para ela do meu envolvimento com Mileni.

— Tudo bem! Eu vou trabalhar no escritório hoje, pode me cobrir aqui?

Meu amigo assentiu sabendo que, quando eu estava daquele jeito, não conseguiria lidar com clientes, por isso eu me isolava no escritório trabalhando com a burocracia que ficava acumulada até que alguém resolvesse mexer.

Acenei em agradecimento e voltei para dentro, fechando a porta. Sentei-me na cadeira que antes ela estava ocupando e fiz uma careta, o cheiro de seu perfume barato ainda estava impregnado no ambiente.

Mesmo ela tendo ido embora, a visita de Vitória demoraria a ser esquecida, principalmente porque ela tocou em um ponto delicado que eu tentava não pensar. Ainda mais depois de ter conhecido sua família e a forma que Mileni era com eles. Ela era diferente, eu sabia, mas o mundo dela não. Era o mesmo que me afastei e que jurei nunca colocar os pés novamente.

E ali estava eu, um babaca apaixonado por alguém fora do meu alcance.

Ainda tinha o fato de meu espaço ter sido invadido, tinham me descoberto e era só questão de tempo para que começasse as perguntas e eu não saberia o que responder. Na verdade, nem tinha ideia de como me sentiria com isso.

Mas uma coisa era certa: essa história ainda ia me dar dor de cabeça.

Uma batida na porta fez com que eu levantasse os olhos do ponto na mesa que estava me hipnotizando.

— Posso falar com você? — Era Jorge que estava com uma fresta da porta aberta e me olhava com a testa franzida.

— Jorjão, não tô com cabeça agora. É urgente?

Ele assentiu, entrou e fechou a porta sentando-se no sofá velho que mantínhamos ali para dias que precisávamos tirar um cochilo.

— Vou ser rápido...

Ele não tinha aquele semblante de que estava ali para dizer bobagens ou me encher o saco. Na verdade, estava bem sério o que era difícil de ver naquele cara.

— Tudo bem! — Mais problemas ou menos problemas não fariam diferença.

Meu amigo respirou fundo e olhava para mim com uma cara de culpado, que fiquei bem curioso sobre o motivo.

— Na hora que estava chegando, eu vi Vitória saindo daqui e depois um frangote correndo como se visse o demônio.

Assenti e me recostei na cadeira, apertei a ponta no nariz sentindo a dor de cabeça aumentar.

— Ela armou de um filho da puta vir aqui e tirar fotos minhas ao seu lado, provavelmente querendo montar alguma ceninha. Disse que ela esteve no meu apê quando Mileni estava lá, né? Mas, pelo jeito, a mulher já sabia disso antes de chegar.

— Fui eu que disse pra ela que vocês estavam ficando juntos. Desculpa, cara, fui muito idiota!

Não esperava ouvir aquilo e por um momento fiquei sem reação; então, olhando para ele, me lembrando de como estava estranho em certos momentos nas semanas desde que ela reapareceu, percebi o que tinha acontecido.

— Você ficou com ela?

O cara engoliu em seco e se inclinou, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Sim, depois da segunda vez que ela veio, me ofereci para levá-la até o apartamento dela e uma coisa levou a outra, você sabe como ela pode ser persuasiva. No meio de tudo, acabou que me perguntou sobre o tal vídeo e eu não pensei que podia estar armando algo. Contei que você estava gostando da Mileni.

Balancei a cabeça me segurando para não ser o cara que todos estavam acostumados: ser o ignorante que bate depois pergunta. Afinal, Jorge era meu amigo.

— E no dia do bar, que ela esteve aqui? Como Vitória sabia que eu estava acompanhado?

Podia ver o nervosismo em seu rosto, Jorjão evitava olhar para mim. Fez uma careta e suspirou.

— Eu disse pra ela que você tinha saído com a famosona, cara. Desculpa mesmo, fui um burro e percebi isso no momento que ela desligou o telefone e sumiu. Na segunda, quando contou sobre o que ela aprontou, notei que estava sendo usado.

Ele foi um idiota e sabia bem disso, notei que estava se sentindo mal e eu não seria o babaca que diria para ele como foi burro acreditando em alguém como a Vitória.

— E você teve algo a ver com o que aconteceu hoje?

— Não, parceiro. Não vejo nem falo com essa mulher desde o show beneficente.

— Beleza, então. Pode me dar licença, Jorjão? Preciso ligar para alguns fornecedores e pedir algumas peças.

Ele se levantou e assentiu, caminhou até a porta, colocou a mão na maçaneta e voltou-se para mim.

— Desculpa se te causei algum problema, irmão. Não queria isso, juro!

— Tudo bem.

Quando ele fechou a porta, enfim pude respirar e soltei a raiva que estava presa dentro do cara civilizado, peguei o grampeador de cima da mesa e taquei na parede. Idiota, imaturo e ridículo! Mas antes isso do que socar a cara do meu amigo.

Tinha que tomar mais cuidado com Vitória, achei que ela levaria numa boa o rompimento do nosso relacionamento íntimo, mas me enganei. Esperava que não atingisse Mileni e que

aquele fotógrafo frangote não fizesse merda, ou seria capaz de caçar o filho da puta no inferno!

Capítulo 40

Será que existe alguém
Ou algum motivo importante
Que justifique a vida
Ou pelo menos este instante
(Lágrimas e Chuva – Kid Abelha)

Mileni Pontes

Alex: *"Com certeza, eu topo. Estarei no Brasil amanhã. Me espera!"*

E foi essa resposta que recebi de Alex sobre o projeto para o filme. Meu amigo topou logo de cara, na verdade na mesma hora que lhe mandei o e-mail falando sobre o longa, e parecia muito animado para conhecer todos os detalhes. Apesar de ter certeza de que ele amaria o roteiro, encarnar um verdadeiro deus do rock, achei sua aceitação um pouco rápida demais. Parecia que ele estava apenas esperando uma desculpa para voltar.

Depois da minha fugidinha do bar não nos falamos muito, ele só me mandou uma mensagem dizendo que passou bons momentos no Brasil, mas que já estava voltando para a Alemanha. Então eu deduzi que sua animação não se devia somente ao novo trabalho, mas também ao rabo de saia que ele se tornou íntimo.

Poderia arriscar um palpite já que minha amiga não quis nada com Paulão, mas não poderia afirmar. Ela era imprevisível.

Desde que voltei da reunião com os produtores e meu irmão, comecei a pensar em várias

formas de fazer meu plano dar certo e logo comecei a pôr em prática todas as ideias para arrecadar uma grana extra para que o filme fosse um sucesso, sabia com quem poderia contar e fiz as ligações para as pessoas certas. Minha sorte era que tinha amigos fiéis e dispostos a me dar uma mão, claro que você pode colocar o fato de que isso daria uma visibilidade a eles, um marketing "gratuito" como costumavam dizer. E com tudo combinado era só questão de ajustar as pontas soltas e dar andamento.

Senti-me muito bem fazendo todos aqueles planos, colocado a mão na massa, da forma propriamente dita, me lembrei de que foi por isso que me apaixonei pela dramaturgia, quando ainda na escola nós mesmos montávamos os cenários, trabalhávamos com o marketing e recepcionávamos os convidados. Sentia-me realizada e útil.

Não que os trabalhos que fiz me deixaram infeliz ou insatisfeita, mas eu acabei esquecendo o que realmente valia pena, o que fez com que me apaixonasse por aquele mundo cheio de magia. Porque era assim que me sentia cada vez que vivia uma personagem, transformar sonhos em realidade era algo que sempre amei fazer, entreter as pessoas, fazer com que elas sorrissem, chorassem, se emocionassem... era isso que sempre valeu a pena para mim.

Fiquei tão imersa em ideias, sonhos e projetos que nem notei que a noite já havia passado e a manhã já estava bem adiantada, passei a noite em claro, totalmente envolvida e quando dei por mim minha campainha estava sendo tocada, insistentemente, e vi Estevão passando pela sala — nem tinha me dado conta que ele estava na casa, tão silencioso e discreto não me incomodava de jeito nenhum —, com um sorriso no rosto e atendendo o desesperado que estava ali. Atender a porta não fazia parte de seu trabalho, na verdade não tinha ninguém que fizesse isso, eu não gostava desse tipo de coisa. Nunca quis alguém para cuidar de tudo, apesar da insistência de minha empresária, tinha só uma moça que me ajudava a manter tudo em ordem quando eu estava viajando e sempre achei que se eu não pudesse abrir a porta da minha própria casa, ou cuidar da arrumação, poderia ter certeza de que era o fim do mundo.

Provavelmente ele deve ter me visto na sala quando chegou, imaginou que eu precisaria de uma mãozinha e ficou por perto, para falar a verdade eu nem sentia minhas pernas, por estarem dobradas há tanto tempo tinham ficado dormentes.

Mas claro que a minha paz não duraria muito tempo tendo Priscila como melhor amiga, não

é?

— Puta merda, Mileni! Você viu o jornal da manhã hoje? — Virou para Estevão e acenou, meio afobada. — Oi, Estevinho!

Priscila invadiu minha sala daquele jeito singular, que só ela tinha e vi Estevão saindo balançando a cabeça e sorrindo, já era acostumado com a excentricidade da minha amiga.

— Oi pra você também, Pri! Eu não vi o jornal, nem sabia que era de manhã. Passei a noite toda vendo um contrato e acabei me distraindo.

Ela parou à minha frente, colocou as duas mãos na cintura e precisei deitar a cabeça no sofá para olhar pra ela. Eu estava sentada no tapete, com o notebook aberto na mesa de centro e muitos papéis espalhados, vários rabiscos e o celular já estava quase descarregando pelo tanto que o usei, entrando em contato com amigos para dar andamento ao projeto de arrecadação e patrocínio.

— Mulher! Passou a noite em claro? Tu vai ter um ataque quando souber dessa notícia!

— Nossa, gente, que notícia é essa?

Priscila marchou até a minha estante, pegou o controle remoto e ligou a TV, passou pelos canais e parou onde passava fofoca de celebridades vinte e quatro horas por dia.

Levantei do tapete porque minhas costas já estavam reclamando e sentei no sofá esperando para ver a grande notícia que passaria naquele canal lixo.

Eu já ia perguntar a ela o que exatamente teria para eu ver ali depois de minutos sem fim de coisas sem nexo ou verdades montadas, quando algumas fotos começaram a passar em slide, bem devagar. Meu coração começou a bater lentamente, era uma foto e uma batida, e então veio a legenda, que terminou de enfiar a faca em meu peito.

"Affair de atriz famosa tem encontro explosivo com dançarina. Será que a diva Mileni Pontes não conseguiu segurar o bonitão e ele já foi ciscar em outros terreiros? Quem é a dançarina

que fez o gato largar a nossa queridinha dos filmes de romance?”

— Eu conheço *essazinha* aí, Leni! Ela faz de tudo para estar na mídia, só que não tinha tido grandes resultados. Agora arrumou, né? Ah, se eu pegar... E o que o Rodrigo tinha que dar papo pra ela? Liga para ele agora que o vadio vai ter que se explicar!

Eu fiquei petrificada, ouvi Priscila falando de longe, mas não conseguia pensar de modo coerente. A única coisa que minha mente conseguia focar era naquela foto que havia sido congelada na tela, de Rodrigo segurando aquela morena pelo braço e falando em seu ouvido. Eles estavam tão perto que poderiam ser confundidos com um só.

— Mileni, Mileni!

Pisquei duas vezes e vi que minha amiga tinha desligado a televisão e estava parada à minha frente com a testa franzida, parecendo bem preocupada.

— Que foi?

— Você tá bem? Tô falando há minutos e você parece ter sido feita de pedra!

Sacudi a cabeça tentando fazer com que meu cérebro voltasse a funcionar normalmente. Engoli em seco e pigarreei:

— Tá tudo bem sim!

Ela estreitou os olhos e estalou a boca.

— Mileni, você sabe que isso é notícia de sensacionalismo, né?

Dei de ombros me levantando, tentando me distrair, fechei o notebook, arrumei os papéis em uma pilha e peguei meu celular, que havia desligado, para colocar na tomada.

— Sim. Eu sei, Pri. Não estou preocupada.

— Mulher, eu conheço você melhor do que a mim mesma. Para de pensar bobagem. Provavelmente foi algo orquestrado por essa vadia, deve ter descoberto sobre vocês dois e quis cinco minutos de fama!

Fingi não me importar, olhava para todos os lados, menos para a Priscila. Ela descobriria logo o que se passava dentro de mim, a loucura que ameaçava sair e mostrar sua cara feia. Eu podia ser uma pessoa calma, mas sabia virar no Jiraya quando precisava. E naquele momento, eu não precisava...

— Eu já a encontrei uma vez, Priscila. Sei quem é, e o que significa na vida do Rodrigo. Mas não se preocupe que eu estou bem, tenho mais com o que me preocupar. Alex está vindo hoje e precisamos colocar os projetos em dia para dar andamento a um filme novo, então não tenho tempo pra essas coisas.

Andei pela casa como uma barata tonta sem saber muito bem o que estava fazendo e o tempo todo Priscila esteve no meu pé, ela não disse nada, só ficou lá com uma cara de bunda.

Em certo momento, eu pensei que fosse explodir, porque não conseguia nem mesmo me lembrar o que estava fazendo. Virei-me para minha melhor amiga, com os olhos arregalados e esbravejei:

— Caramba, para de me seguir! Por que está fazendo isso?

Ela deu de ombros, revirou os olhos e começou a tirar o esmalte de uma unha, que provavelmente já deveria estar descascando, a Pri tinha essa mania.

— Tô esperando a hora que você vai deixar de ser diva e descer do salto, dirigir até aquela oficina e colocar aquele mecânico gostoso no chinelo.

— E por que eu faria isso, Priscila?

Minha amiga virou-se para mim, bufou e balançou a cabeça.

— Será que eu vou ter que te ensinar cada coisinha, amiga? Porra, vai deixar mesmo algo

assim, uma fofoquinha de programa sensacionalista, atrapalhar o que vocês têm? — Ela ergueu os ombros e fez uma expressão engraçada. — Não que eu saiba o que tá rolando, ou você saiba, mas, cara, ele colocou um sorriso no seu rosto que não vejo há séculos. Fora os orgasmos que ele te deu e deixou sua pele mais brilhante... Agora, queridinha, se você não sair em dez minutos, eu te arrasto pelos cabelos. Tem que mostrar ao bofe quem manda nessa merda!

Confesso que fiquei com vontade de ir lá e tirar satisfações com ele sim, mas estava sendo uma covarde, porque tinha medo do que ele iria falar. Depois da última noite que tivemos, os sentimentos que me invadiram, acreditava que não estava com o psicológico muito forte para aguentar uma DR.

— Não sei, Priscila! Acho que não vou fazer isso. Tenho mais coisa pra pensar nesse momento. E como você disse, é só uma notícia sensacionalista.

— Tá, como se você não tivesse com ganas de estrangular certo *Big Mac* e sua amiguinha.

Estava mesmo! Na verdade, depois que ela mencionou, podia sentir meu rosto pegando fogo, o que queria dizer que eu estava com raiva, muita raiva. E nada de bom poderia vir disso.

Já tínhamos subido e descido as escadas duas vezes, fui ao meu quarto sem ter algo realmente importante para fazer lá, e depois que descemos me lembrei de conectar o celular no carregador. Dei meia volta e fiz isso, retornando para baixo novamente com aquela mulher irritante em meu encalço.

Nunca quis tanto ficar sozinha, precisava surtar em particular, sem plateias ou Priscila que me dissesse que eu estava louca e que precisava soltar essa raiva toda em outro lugar.

Assim que voltamos para a sala, eu parei no meio do cômodo, olhei para minha amiga que continuava com aquela cara irritante dela e fechei os olhos à procura de paciência. Sabia que ela teve boas intenções, não entendia por que gostava de assistir aquele tipo de programa, mas a respeitava. Porém, se eu não tivesse visto aquilo provavelmente tudo seria esclarecido e eu não estaria sentindo uma vontade louca de esganar alguém.

— Pri, eu...

Ela levantou a sobrancelha esperando que eu finalizasse e a campainha tocou. Devia ser Diego ou até Alex. Era exatamente o que eu precisava, o famoso salvo pelo gongo. Sorri para minha amiga e fui em direção à porta, antes que Estevão aparecesse.

E assim que atendi, meu novo visitante não era ninguém que eu esperava, mas sim o alvo da minha ânsia por violência. Rodrigo olhava para mim e parecia desesperado, aparentava ter corrido uma maratona.

— Mileni, precisamos conversar!

Ótimo, tudo que eu precisava agora!

Capítulo 41

Esse amor bateu de frente
Não sai mais da minha mente
Como faz pra segurar?
Já tô louco pra beijar
(Se o amor tiver lugar – Jorge e Mateus)

Rodrigo Silva

"Affair de atriz famosa tem encontro explosivo com dançarina. Será que a diva Mileni Pontes não conseguiu segurar o bonitão e ele já foi ciscar em outros terreiros? Quem é a dançarina que fez o gato largar a nossa queridinha dos filmes de romance?"

— Cara, que porra é essa?!

Eu olhava para Paulão que havia me mostrado a matéria que havia saído num site, não podia crer nas fotos e a legenda da notícia, era uma montagem da verdade, uma mentira... Não acreditava naquilo e estava a ponto de matar um.

— Você achou mesmo que não ia dar em nada, Digão? Você é uma celebridade agora, cara. — Balançou a cabeça e franziu a testa. — Essa coisa está passando até na televisão.

— Puta que pariu! Porra!

Levantei da cadeira soltando fogo, devia ter socado a cara daquele fotógrafo filho da mãe por ter invadido minha privacidade. E também Jorjão por ter dado munição para a merda toda.

Que, aliás, havia sumido desde que pedi para que saísse do escritório.

— Você vai ter que se acostumar com isso se vai continuar vendo a Mileni, Rodrigo. Acho que é uma consequência de estar namorando uma estrela do cinema.

Droga, a Mileni! Virei-me para Paulão, com as mãos apoiadas na cintura, estava um pouco desesperado agora que ele a mencionou. Não tinha me dado conta do que pensaria vendo aquela cena armada.

— Você acha que ela viu isso?

Meu amigo deu de ombros e tombou a cabeça de lado, fazendo uma careta.

— Bom, se ela não viu alguém mostrou, igual eu fiz com você.

— Merda! O que eu faço, cara?

Não sabia como agir, o que pensar, o que fazer. Estava confuso e um pouco desesperado, com medo de que as coisas fossem por água abaixo. Eu só conseguia pensar que Mileni poderia entender tudo errado, não acreditar em mim e o que tínhamos pudesse acabar antes de podermos começar.

— Você tá gostando dela!

— Quê?

Virei-me olhando para Paulão, nem tinha percebido que estava andando no escritório de um lado para o outro, meu amigo sorria para mim e então consegui assimilar o que tinha dito. Eu já havia admitido para ela que estava curtindo o que estava acontecendo entre nós, mas não pensei em falar disso com ninguém ainda.

Parei de andar e abaixei a cabeça assentindo, sentia-me estranhamente aliviado por poder falar disso com ele. Eu estava gostando dela muito mais do que previ, muito mais do que gostaria e ao mesmo tempo que me assustava estava ansioso para vê-la, para tocar em seu rosto

e dizer o quanto era bonita. Tornei-me um verdadeiro mané todo cheio de sentimentos.

— Sim, cara! Muito! E não sei o que fazer com isso.

Paulão se levantou, andou até mim e colocou uma mão em meu ombro, levantei a cabeça e olhei para meu melhor amigo, que sorria de forma que poderia até rasgar seu rosto.

— Vai atrás dela, cara! Tira qualquer mal-entendido que possa ter e diz para ela tudo que tá sentindo, irmão. Não deixa para amanhã, não!

E assim eu acabei parado na frente da casa dela, depois de correr como um louco pelo Rio de Janeiro com a moto de Jorjão, que tinha acabado de chegar da concessionaria e me deu as chaves depois de muito custo, e uma ameaçada de bater na cara dele, o filho da puta me devia isso. Eu estava igual uma estátua sem saber o que fazer.

Nunca tinha passado por uma situação dessas, nunca precisei me explicar com ninguém, sentia que podia vomitar a qualquer momento, minha cabeça zumbia e meu sangue subia por meu corpo alojando-se em minha cabeça.

Não queria que uma armação tão estúpida estragasse o que tínhamos, não permitiria isso. Apertei a campainha e não demorou muito para que a porta fosse aberta por uma Mileni parecendo bem chateada.

— O que você está fazendo aqui, Rodrigo?

— Precisamos conversar, posso entrar?

Ela segurava a porta com força, tinha certeza de que sua vontade era de fechá-la na minha cara, os lindos olhos estavam estreitos e a boca apertada em uma linha fina. Priscila estava parada atrás dela e a expressão de seu rosto não era melhor que o da amiga, na verdade eu diria até pior, ela parecia pronta para pular no meu pescoço, assim eu tive a confirmação de que elas

sabiam da tal matéria.

Achei que ficaria plantado ali por muito tempo, porque a mulher só faltava bufar de ódio. De certa forma aquilo deixou meu coração um pouco acalentado, porque se ela sentia ciúmes era porque se importava. Porque sim, o que via em cada centímetro dela era o puro e velho ciúme.

Priscila cutucou a amiga, passou por ela e estreitou os olhos para mim.

— Eu vou indo, Leni. Te vejo em breve. — Quando passou por mim fez um gesto apontando os dois dedos para os próprios olhos e depois em minha direção. — Vê se faz as coisas direito, *Big Mac*. Tô de olho em você, *brow*.

Às vezes, ela era estranha, tinha até certo receio do que aquela mulher poderia fazer. Mileni se afastou e abriu mais a porta, em um convite mudo para que eu entrasse, engoli em seco e entrei virando-me logo que ela bateu a porta com um estrondo.

— O que foi? — Ela piscou, cruzou os braços e quebrou o corpo apoiando-se em uma perna, enquanto ficava batendo o pé que estava folgado. — O que te fez vir aqui pra zona sul na hora do *rush*?

Tentei esconder o sorriso que se formou em meu rosto sem que eu pudesse conter, aquela rudez em sua voz era bem conhecida. Sabe quando você está com ciúmes e tenta esconder? Você só faz com que fique mais aparente e eu estava achando muito bonitinho.

— Paulão me mostrou algo na internet e achei que tinha que vir me explicar.

— Ah, é? E o que foi que ele te mostrou? — Seus olhos estavam arregalados de forma exagerada.

— Você não viu?

Balançou a cabeça negando e então abaixou a cabeça focando em seu pé que ainda batia no piso de cerâmica.

— Não, fiquei a noite toda presa no trabalho e não tive tempo de olhar a internet.

— Sei, e esse seu humor não tem nada a ver com a tal notícia então?

— Não sei do que você tá falando...

Ela se recusava a olhar para mim, podia ver que tentava se conter a todo custo, mas acabava demonstrando muito mais do que pretendia.

— Hum...

Aproximei-me um passo e Mileni endireitou o corpo, seus olhos estavam atentos a cada passo meu e toda apreensão que senti por medo de ela não me querer mais, depois de toda sua demonstração de ciúmes, evaporou, porque se fosse o caso eu já não estaria mais ali. Tinha certeza de que teria me escorraçado sem que pudesse me explicar.

— Então você não viu nada, não está com ciúmes e nem está sentindo uma vontade meio descontrolada de me matar?

— Não! — ela quase rosnou aquela palavra, o que me fez sorrir.

— Sei... E você não vai se importar se eu te beijar? Estou com saudades, não te vejo desde domingo à noite.

Ela olhou para mim e tinha um aviso estampado em seu rosto, deu um passo para trás tentando fugir de meu alcance.

— Não chegue perto.

— Por que, minha linda? Não sentiu minha falta?

Eu estava bem perto, podia sentir o calor de seu corpo e ela já tinha que esticar o pescoço para olhar em meus olhos, mas Mileni estava se fazendo de difícil e olhava para qualquer lado desde que não fosse para mim.

— Eu estive ocupada.

Inclinei-me e cheguei bem pertinho de seu ouvido.

— Mas não pensou em mim nem um segundo? Eu pensei em você cada momento, me lembrando de seu corpo, como você se encaixa em mim tão perfeita, juro que pude sentir seu perfume — sussurrei e levei minha mão para deslizar por seu pescoço delgado, ela se inclinou sem querer e vi sua pele se arrepiando em resposta ao meu toque. — Aquela mulher não significa nada, eu te disse isso na outra vez. Não aconteceu o que pareceu naquela matéria, não tinha ideia de que ela tinha armado aquele circo todo. Não estou acostumado a isso, vou tomar mais cuidado a partir de agora. Olha para mim, Leni!

Ela levantou a cabeça e vi seus olhos marejados, podia ser de raiva ou o que quer que fosse, mas não gostava de vê-la daquele jeito. Ainda mais sendo eu o motivo de sua dor.

Engoli em seco com a emoção e os sentimentos à flor da pele e abaixei a cabeça dando um beijo em cada lado de seu rosto e então nos lábios entreabertos, onde ela expulsava o ar.

Mileni estava dura, não me tocava, fui me aproximando devagar, conquistando espaço e, quando percebi, os braços dela já me enlaçavam pelo pescoço. O corpo já estava relaxado, praticamente colado no meu, a boca estava na minha, se movia devagar e aproveitei o beijo doce e cheio de saudade.

— Eu quis bater na sua cabeça de tanta raiva! — disse com os lábios colados nos meus, abri os olhos, sorri e ela me encarava.

— Eu imaginei, por isso vim aqui. Não queria que pensasse besteira por muito tempo. Não sabia que esse lado do seu trabalho chegaria a mim dessa maneira. Não aconteceu nada, eu juro. Vitória esteve lá para provocar, exatamente como fez. Ela queria cinco minutos de fama e conseguiu. Eu estava dizendo que ela não voltasse quando tiraram aquela foto.

— Isso aconteceu ontem. Por que não me ligou?

Afastei-me um pouco para poder ter um espaço e olhar par ela.

— Não imaginei que isso se tornaria uma notícia, deixei para te contar quando nos encontrássemos pessoalmente. Sinto muito por isso. Será que vai dar muita confusão pra você?

Ela sacudiu a cabeça e deitou a cabeça em meu peito.

— Talvez, se dermos importância. Mas esse tipo de coisa some depois de um tempo, as pessoas especulam e cansam quando veem que é um boato ou material montado.

Respirei fundo e assenti alisando suas costas distraidamente.

— Tenho que me acostumar com isso e tomar cuidado com o que faço daqui por diante. — Parei por um momento pensando se era seguro dizer a ela o que estava sentindo. — Mas eu gostei de te ver com ciúmes.

Mileni colocou as duas mãos em meu peito e me empurrou devagar, mordeu a boca como se estivesse se lembrando do que sentiu.

— Pois eu não gostei nada. — Franziu a testa, ficando extremamente doce. — E quem disse que fiquei com ciúmes, Rodrigo? Acho que está muito convencido, não?

Abri a boca para falar que estava estampado na cara dela desde o momento que abriu a porta e que eu sabia coo se parecia alguém com ciúmes por já ter sentido aquilo, não muito tempo atrás, mas a campainha tocou impedindo que eu dissesse qualquer coisa. Ela revirou os olhos e se virou.

— Nossa, tá movimentado aqui essa manhã, hein! Deve ser o Diego trazendo os contratos, estamos no meio de um novo projeto e ele está bem animado.

Não só ele pelo jeito. Quando a porta se abriu e eu vi quem era o novo visitante, percebi que o jogo poderia virar rapidamente. Porque, agora, eu estava sendo corroído pelo bichinho do ciúme.

Capítulo 42

Ando por aí querendo te encontrar
Em cada esquina paro em cada olhar
Deixo a tristeza e trago a esperança em seu lugar
(Palavras ao vento – Cássia Eller)

Mileni Pontes

Quando aquela manhã começou, sem que eu me desse conta que já havia amanhecido, não imaginei que passaria por vários estágios psicológicos, que sentiria tantas coisas em tão pouco tempo, e notasse tantas outras coisas. Não imaginava que viveria tantos personagens sendo eu mesma: uma louca sanguinária sedenta por sangue; uma mulher cheia de marcas do passado, que era confrontada por sua vida; um ser humano normal com falhas, defeitos e tristezas. Por fim, uma mulher apaixonada que era correspondida e tinha o homem mais doce do mundo, que lhe enchia de carinho.

Fiquei surpresa com a presença de Rodrigo ali àquela hora, se ele tinha se dado o trabalho de parar na zona sul era porque se preocupava comigo, sentir aquelas coisas me fizeram reconhecer os meus próprios sentimentos para com ele.

Senti ciúmes sim, ódio, uma gana de esganar devagarinho ele e a mulher que teve a audácia de se aproximar do que era meu. Aquele sentimento de posse estava sendo quase impossível de reprimir, mesmo que não tivesse muito direito a isso. Sempre acreditei no viva e deixe viver, ainda mais se contasse com meu relacionamento sério anterior, porém estava difícil de mandar em meu coração e os outros instintos primitivos que afloravam em mim.

Suas palavras, mesmo que simples, conseguiram acalmar um pouco o turbilhão de sentimentos, estava convencida de que foi tudo um mal-entendido, devia ter imaginado. Estava acostumada com aquilo, a mídia pega as fotos estratégicas e montam toda uma história em cima disso. Mas sabe como é, quando o calo aperta no seu pé a dor é maior.

Estava tudo indo bem, se encaminhando para ficar ok, até que Alex apareceu e Rodrigo parecia pronto para surtar legal. Eu olhava entre os dois, sem saber como agir. Pisquei duas vezes e forcei meu cérebro a funcionar, que estava bem lento naquela manhã. Teria que dormir em algum momento, provavelmente fosse falta de descanso essa súbita lentidão. Nenhuma máquina consegue trabalhar direto sem dar problema, não é?

— Oi, Alex! Chegou cedo, entra! — Assim que meu amigo passou pela porta, com aquele sorriso enorme estampado em seu rosto, eu arrisquei um olhar para Rodrigo, que estava claramente infeliz. Toda a aura de delicadeza havia sumido e estava de volta o bruto de sempre. — Você conhece o Rodrigo?

Alex colocou a mala gigante atrás do meu sofá e caminhou para Rodrigo com a mão estendida.

— Nos falamos da outra vez. Como vai? — Olhou para mim com os olhos estreitos e conhecedores. — Vejo que se entenderam depois da fuga digna de um filme!

Fiquei com receio do que Rodrigo faria, se o deixaria no vácuo com a mão estendida, mas se adiantou e aceitou o cumprimento, respondendo por mim a declaração de Alex.

— Bom te ver, Alex! Nós colocamos as coisas em ordem sim. — Deu um meio sorriso, educado, mas frio.

Meu amigo soltou da mão dele, sacudindo de leve, como se estivesse doendo, mas não deixava de sorrir, olhou para ele e assentiu com uma expressão de aprovação.

— Que bom... — Virou-se para mim e suspirou. — Quando começamos o trabalho, Leni?

Arqueei a sobrancelha achando graça daquela conversa estranha, mudei de um pé para o

outro, deixando claro o meu nervosismo diante daquele duelo de testosterona.

— Diego já deve estar chegando com os contratos para que você possa se inteirar de tudo.

Meu amigo assentiu, aproximou-se, puxou-me com um braço pela cintura e deu um beijo estalado em meu rosto. Qualquer mulher ficaria exultante com aquilo, mas eu confesso que fiquei nervosa por causa da cara de ódio que Rodrigo olhava para ele.

— Vou me acomodar então. — Olhou para Rodrigo e sorriu levantando a mão. — Até mais!

Rodrigo assentiu, ainda sério e ficou estático no lugar, não mexeu um dedo ou disse qualquer coisa. Apenas ficou ali, parado, olhando Alex se movimentar pela sala, pegar sua mala e então subir as escadas em direção aos quartos. Assim que ele sumiu de vista, virou-se para mim e ficou me olhando.

— Nos vemos depois então? — Era óbvio em seu tom de voz que ele não estava satisfeito com a presença de Alex, parecia com ciúmes e tentava esconder isso. Identifiquei-me bastante com isso.

— Claro, eu te ligo pra gente marcar alguma coisa, tudo bem?

Quebrei o gelo dizendo qualquer coisa, ele pareceu acordar de um transe e assentiu, mas percebi que estava tenso. Em nada se parecia com o cara que chegou na minha porta, minutos atrás.

Sorri um pouco sem graça e ele começou a andar em minha direção e eu esperei. Aguardei ansiosa por seu toque, era sempre assim quando estava perto dele. Rodrigo colou o corpo no meu, sem colocar um dedo em mim, apenas seus olhos quentes, intensos, me encaravam como se quisessem desvendar a minha alma.

— O que nós somos, Mileni?

Pisquei tentando entender o que ele dizia e tombei um pouco a cabeça de lado, procurando

captar qualquer sinal de clareza para sua pergunta. Precisava dar um descanso para o cérebro, aquela lerdeza estava começando a me irritar.

— O que quer dizer?

Ele levantou uma mão e deslizou dois dedos por meu rosto, seus olhos passeavam por mim, como se gravasse cada detalhe.

— Pode ser cedo para isso, mas com tudo que vem acontecendo, eu gosto de você, mais até do que pretendia. O que nós somos, amigos... mais que isso?

Sorrindo, eu cobri a mão dele com a minha e fechei os olhos, sentindo o calor dele.

— Acho que nem se tentássemos conseguiríamos ser apenas amigos, mesmo coloridos. — Abri os olhos e o encarei. — Eu te levei para conhecer a minha família, não é qualquer um que tem esse privilégio. Estou gostando muito de você também, Rodrigo. E não é coisa de momento ou apenas sexual, estou confusa, não sei como agir. Essa coisa é muito nova para mim, mas não deixo de pensar em você desde o primeiro momento em que me tocou. Então, sim... Somos muito mais do que amigos.

Podia ver a apreensão em seu rosto, seu pomo de adão se mexia provando que estava nervoso. Meu coração batia forte e eu gostei de saber que ele também estava mexido com o que rolava conosco, porque sentimentos unilaterais não são tão emocionantes quanto os compartilhados.

— Então você é minha namorada?

Gente, aquela voz baixa, as bochechas vermelhas e aquela pergunta tão insegura, não combinava em nada com a montanha de homem à minha frente. Mas eu achei tão fofo, tão diferente do Rodrigo que aparentava, mas só eu conhecia.

Sorri de lado e me estiquei ficando nas pontas dos pés, beijei sua boca devagar, apenas roçando os lábios, provando de seu sabor com a felicidade explodindo em meu peito.

— Sim, eu sou sua namorada, *Big Mac*. — Eu ri com o tom rouco da minha voz e o que insinuava o apelido.

Ele entendeu a duplicidade e sorriu junto comigo. Aquele sorriso lindo dele, pleno e feliz, me deixava mais encantada pelo homem tão peculiar.

— Ótimo! Te vejo então, vou trabalhar e te deixar à vontade. — Olhou em direção às escadas e estreitou os olhos como se Alex estivesse ali e ele pudesse atingir o cara.

Voltou-se para mim, deu um beijo estalado em meu rosto e se foi, deixando-me com mais perguntas do que respostas, com sentimentos conflituosos e o coração mais bagunçado do que um quarto de universitário em semana de prova.

Ouvindo o barulho de motor partindo, dei meia volta e subi para o quarto de hóspedes. Havia dito ao Alex que ele poderia ficar ali, esqueci completamente que poderia não dar certo. Ainda mais depois do duelo de olhares que aconteceu na sala, meu amigo havia o provocado da outra vez que se encontraram, insinuando coisas. Mas já havia feito o convite e teria que convencer Rodrigo de que não tinha nada entre mim e Alex, nunca teve, apesar das especulações.

Parei em frente à porta do quarto de hóspedes, que estava entreaberta, e bati duas vezes antes de entrar. Meu amigo estava de pé ao lado da cama, com sua mala aberta e olhava para ela como se estivesse sem saber o que fazer com aquilo tudo. Que estava mesmo uma bagunça! Parecia que ele tinha socado um monte de roupa ali sem nem mesmo se dar ao trabalho de dobrar.

— Tá tudo ok aí?

Ele levantou uma sobrancelha, fez uma careta e olhou para a mala.

— Eu acho que não. Tem alguma lavanderia que passe roupas na emergência? Isso tá um desastre.

Sentei-me na cama, olhei o estrago e sorri.

— Tem sorte de não ter derramado seus perfumes e loção de barba, iria ser um desastre maior. Por que saiu com tanta pressa? Estava fugindo de mafiosos ou algo assim?

Alex olhou para mim e vi um brilho em seus olhos que nunca tinham estado ali, parecia vivo, com alegria.

— Tenho interesses no Brasil que vão além do seu lindo rostinho e o projeto incrível.

— Hum, isso tem a ver com os bons momentos que teve?

— Talvez!

Estava sendo tão misterioso que eu até estranhei. Desde que trabalhamos juntos pela primeira vez, nossa conexão foi quase instantânea, uma amizade difícil de se encontrar no meio em que trabalhávamos. Mesmo que tenham especulado por tanto tempo um suposto relacionamento, e confesso que aproveitamos desse status para divulgar os filmes e crescer na mídia, nunca nem mesmo tive vontade de ter algo mais com ele. Não me entenda mal, Alex Becker era lindo e muito sexy, mas não o via assim, para mim era como um irmão.

— Sei!

— Você e o mecânico, hein? Parece que a escapada do bar deu resultado.

Assenti e me deitei na cama, Alex fechou a mala e a jogou no chão, acomodando-se ao meu lado.

— Acho que sim, mas não estou conseguindo entender o que tá acontecendo entre a gente. Levei ele para conhecer minha família, conheci a mãe dele e ela é um amorzinho, ele é muito interessante. Tem várias facetas, ao mesmo tempo que é rude tem o toque delicado, entende?

Franzi a testa, mais confusa do que o normal e virei-me para olhar meu amigo que sorria com o foco no teto do quarto.

— Entendo, amor, parece mesmo a fera do conto de fadas, hã? Será que você vai conseguir

domar esse bruto?

— Não quero domá-lo, Alex. Adoro aquele jeito bruto dele. — Ele sorriu malicioso e lhe mostrei a língua, voltando meu olhar para o teto. — Mas tenho medo do que pode acontecer comigo se me abrir, você sabe como foi difícil para mim recuperar o que perdi com o Bento.

Alex não me conhecia na época, mas sabia de toda a história. Nossa amizade era tão sólida quanto era com Priscila e em certo momento me abri com eles, não ao mesmo tempo. Eles tinham visões diferentes do que aconteceu, opiniões distintas, mas o que havia em comum era que não aceitavam que eu me martirizasse por conta do que aconteceu.

— Eu sei, minha flor. Você só não pode se prender ao que já foi. Aliás — levantou-se apoiando em um cotovelo e olhando para mim com atenção —, fiquei muito feliz em saber que a senhorita deu um pé na *Chátima*. Estava na hora de se libertar, hein. Não sei por que, mas acho que o tal bruto tem influência nisso.

Ele estava convivendo demais com Priscila, pegou até o apelido que minha amiga tinha dado a minha ex-empresária. Sorri e dei de ombros.

— Talvez!

Devolvi a resposta vaga e Alex sorriu sabendo que tinha feito de propósito.

— Ok, dona diva dos romances. Agora, vamos ao que interessa. Quais são os planos para esse projeto?

Passamos as horas seguintes falando sobre os detalhes do filme e minha ideia em arrecadar fundos para que a produção pudesse melhorar, ficar mais sofisticada, como a obra merecia. Alex era meu parceiro ideal nos negócios, ele dava sugestões que se encaixavam e tinha certeza de que seria um sucesso.

A mídia iria à loucura e tinha certeza de que nós dois gravando e dirigindo aquele longa juntos trariam os boatos de volta, o que por um lado seria perfeito. Mas tinha alguém que não iria gostar nada, nada.

Capítulo 43

Pra você guardei o amor
Que aprendi vendo os meus pais
O amor que tive e recebi
E hoje posso dar livre e feliz
(Pra você guardei o amor – Nando Reis)

Mileni Pontes

Duas semanas depois...

Você sabe que está fazendo algo com amor quando fica exausta, mas mesmo assim aquele sorriso congelado não quer sair do seu rosto. É uma sensação deliciosa e incomparável, algo que fiquei muito tempo sem sentir. Fazer o que a gente ama é especial demais para nos conformarmos com menos.

Trabalhar com Alex era maravilhoso, ele estava sempre atento aos detalhes e seus palpites serviam para enriquecer o enredo e agilizar o andar da produção. João e Luana estavam empolgados e nosso projeto para a arrecadação de fundos estava caminhando muito bem. Já tínhamos tudo acertado, setenta por cento dos ingressos já haviam sido vendidos, fora o leilão que faríamos no local. Conseguimos doações dos nossos amigos artistas e confesso que até eu queria arrebatar um item ou outro.

Estava saindo do escritório dos produtores quando recebi uma mensagem de Rodrigo me convidando para sairmos, um encontro de verdade como ainda não tivemos. A gente se

encontrou em sua casa algumas vezes nessas duas semanas, porém, com a correria do meu trabalho, a mídia em cima de nós, preferimos não arriscar ter dores de cabeças desnecessárias.

Eu precisava confessar que estava encantada com ele, tão compreensivo, protetor e carinhoso. Meu coração pulava cada vez que pensava em seu nome, me lembrava de seu sorriso, ou a expressão de prazer em seu rosto quando estávamos na cama.

Estava animada e ansiosa para vê-lo, já tinha se passado quatro dias desde que conseguimos ficar juntos e nem mesmo foi muito tempo, ou como eu queria, estava tão cansada que acabei dormido em seus braços enquanto assistíamos um filme no sofá da sala dele.

Depois de receber a mensagem, fui para casa, tomei um banho relaxante e vesti-me de uma forma que não fazia há muito tempo. Sentia-me linda e sexy. E, como dizia minha amiga; estava pronta para o jogo!

Estacionei o carro ao lado do restaurante, não tinha me disfarçado de modo algum — apesar de que seria uma surpresa para ele eu aparecer de peruca loira e lente de contato —, tinha o risco de me reconhecerem e nosso encontro não ser tranquilo como desejava. Mas o local era bem discreto e sofisticado. Quando Rodrigo me mandou o endereço, eu até estranhei, porque era bem caro mesmo e difícil conseguir uma reserva de uma hora para outra.

Entrei tentando não chamar muita atenção, apesar de algumas pessoas terem virado rapidamente, algo normal quando alguém entrava em um recinto, não se tronou um desastre completo. Fiquei aliviada e percorri o local com os olhos procurado por meu “encontro”; quando eu o vi sentado em uma mesa afastada de todas as outras, eu quase caí para trás.

Rodrigo trajava uma roupa diferente das outras vezes que nos encontramos, usava calça social escura e camisa preta de manga comprida, cobrindo seus braços e toda a arte pintada em sua pele, que fazia ele ser tão singular. Seu visual todo obscuro, o deixou ainda mais atraente.

Ele estava distraído olhando para a tela do celular e não tinha me visto parada a poucos metros da mesa observando-o, admirando sua beleza rústica que me atraiu desde o primeiro momento que meus olhos se fixaram nele. Até que fui abordada por um garçom que perguntou se precisava de ajuda para encontrar o meu acompanhante.

Sorri educadamente para o rapaz e, quando voltei para olhar, ele já tinha se levantado e vinha até mim, andando devagar, como se estivesse em câmera lenta e me olhava com uma intensidade naqueles olhos quentes dele. Engoli em seco de nervosismo e assim que me alcançou, apoiou a mão em meu cotovelo, puxando-me e deu um beijo em meu rosto, se afastou e me encarou de novo.

— Senti sua falta, moça!

— Eu também! Desculpa a correria, está pior do que quando estou só contracenando.

Rodrigo balançou a cabeça e sorriu.

— Eu entendo, não precisa se desculpar. Vamos? — Estendeu a mão apontando para a mesa e assenti acompanhando-o até a mesa. Rodrigo puxou a cadeira para mim, me sentei e ele acomodou-se do outro lado, olhando-me daquele jeito só dele que me deixava completamente sem ar. — Você está linda, Mileni!

Dei um sorriso sem graça, não sei bem por que fiquei tão tímida com seu elogio. Talvez fosse a voz rouca e sensual dele, ou o olhar que me dirigia e parecia me despir completamente, ou poderia ser a minha mente que criava várias imagens onde em todas elas eu o despia daquela roupa sexy para descobrir o corpo ainda melhor.

— Obrigada, você também está muito charmoso vestido todo de preto!

— Que bom que consegui te impressionar.

— Conseguiu mesmo, esse lugar é incrível. — Virei-me para ele com a testa franzida. — Por que quis marcar aqui?

Rodrigo deu de ombros e olhou em volta, com certa indiferença e poderia ver até certo descontentamento e voltou-se para mim.

— Achei que precisávamos comemorar todo o trabalho e sucesso que está tendo, eu vi algumas matérias sobre o seu projeto e estou muito orgulhoso.

— Mas poderíamos fazer isso em qualquer lugar.

Ao mesmo tempo que ele estava olhando para mim, de uma forma intensa, podia ver que estava incomodado com aquela conversa.

— Como eu disse, você merecia um encontro de verdade. Quis fazer uma extravagância. — Inclinou-se sobre a mesa, com os olhos fixos nos meus, e sussurrou: — Meu cartão de crédito tem limite alto, não se preocupe.

Piscou um olho, se afastou, arranhou a garganta e arrumou o corpo na cadeira. Ele não olhou para mim de novo como eu queria, sua voz estava um pouco dura e fria, ele fez sinal para o garçom, que se aproximou com o menu, entregou um para ele e outro para mim.

Eu já havia estado ali uma vez, em uma reunião com produtores e possíveis "contratos". Fátima tinha dito que era o melhor lugar e mais sofisticado que tinha. Sabia o quanto era caro e talvez Rodrigo não estivesse acostumado com a comida servida ali. Não estava me sentindo bem por estar ali e tinha certeza de que ele também não. Era um lugar muito formal para que pudéssemos fazer o que estávamos acostumados, como rir alto de qualquer bobagem ou que me contasse as peripécias de seus amigos e ele, o que normalmente fazia falando alto e gesticulando muito.

Olhei por cima do cardápio e ele tinha a sobrancelha arqueada enquanto passava os olhos pelo menu e seus preços exorbitantes. Não sabia o que fazer, algo ali estava errado, não era do feitio dele me levar a um lugar daquele. Eu ficaria feliz indo ao cinema, comendo um *fast-food* qualquer e ficado sentada na praça olhando as pessoas passando como dois namorados comuns. Aquela palavra que até então ainda não tinha ficado clara em minha mente me atingiu com tudo, me desestabilizando e fazendo com que caísse da cadeira. Então tomei uma decisão que talvez pudesse dar muito errado.

Fechei o cardápio e o coloquei em cima da mesa, Rodrigo olhou para mim e a testa dele estava ainda mais franzida, se isso fosse possível.

— Vamos embora daqui!

Ele abaixou o menu, o fechou e colocou em cima da mesa, parecia estranhar a minha declaração.

— O quê? Por quê?

Engoli em seco com receio de que ele entendesse tudo errado, eu sabia de sua relutância por causa de nossa diferença social — mesmo sem ele dizer muito sobre o assunto podia perceber por certas indiretas que deu —, o que, dependendo da forma com que eu diria aquilo, poderia colocar tudo a perder. Olhei em volta à procura de um jeito sensato e gentil de lhe dizer que ali não era lugar para nós.

Balancei a cabeça sorrindo e voltei a olhar para ele, que tinha o maxilar trincado e uma veia pulsava em seu rosto, fazendo-o parecer assustador. Mas eu sabia que era a insegurança batendo forte.

— Eu acho que a gente vai se divertir mais se estivermos em outro lugar! — Sorri sem graça dando de ombros, com o coração batendo a mil, realmente com medo de que entendesse tudo errado.

Ele cruzou os braços, encostou-se à cadeira, respirou fundo, não parecia feliz, mas vi que estava tentado a sair daquele lugar. Seu olhar focado na porta dizia isso. Voltou-se para mim de uma forma um pouco intimidante — estava claramente irritado, com o quê exatamente eu não sabia, esperava que não fosse comigo —, e se levantou, estendeu a mão e eu a peguei. Rodrigo praticamente me puxou para fora do restaurante. Parando apenas para dizer ao garçom que não iríamos pedir nada e que já estávamos de saída.

O rapaz ficou olhando para nós com cara de quem não sabia o que estava acontecendo, eu pensei ter visto alguns flashes piscando em nossa direção, mas poderia ser pela rapidez com que passávamos pelas lâmpadas.

Assim que chegamos na calçada, ele parou, olhou de um lado para o outro, como se não soubesse o que fazer, como se precisasse fugir, correr para qualquer lugar... Notei seu peito forte subindo e descendo, parecia ter corrido uma maratona. Mas eu tinha noção de que estava aliviado por não estar dentro do restaurante.

— Rodrigo! — eu o chamei, temerosa do que poderia fazer, do que poderia estar pensando e eu estava pronta para me explicar. Ele olhou para mim, mas não tinha aquela doçura ou até a malícia que ele costumava me encarar. Seus olhos estavam focados em alguma coisa atrás de mim, então virei-me assustada do que pudesse estar atraindo sua atenção daquela forma.

Tinha um homem, claramente bêbado, parado às minhas costas, olhando para o meu corpo de uma forma repugnante, como muitas vezes eu vi. Estava muito bem-vestido e andava cambaleante, diretamente em minha direção.

— Você é Mileni Pontes, não é? A atriz de sucesso internacional?

As palavras dele saíam enroladas e se eu já não tivesse lidado com aquele tipo de situação poderia me fingir de desentendida e me safar, teria sido mais inteligente se o tivesse feito. Sair andando e ignorando sua pergunta, mas minha educação falava mais alto.

— Sou sim, mas desculpa. Agora não posso falar com o senhor, estou acompanhada. — Apontei para trás com o polegar e pude sentir Rodrigo mais perto de mim.

Ele sorriu de um jeito que me deixou com medo, apesar de estar em lugar público, sabia o que um homem como ele poderia fazer. Já estava acostumada com aquele tipo no meio que trabalhava.

— Ora, não se faça de difícil. — Deu dois passos em minha direção. — Sei bem quem você é.

Afastei-me, batendo no peito de Rodrigo e estendi a mão tentando pará-lo.

— Eu não te conheço, senhor. Me dá licença, por favor?

— Você é a puta da revista que me masturbei de manhã. Eu te pago por algumas horinhas do seu tempo, mais do que esse aí pode pagar.

Arregalei meus olhos e, de repente, fui puxada para trás, foi tão rápido que meu cérebro não conseguiu registrar tudo que aconteceu. Logo estava vendo as costas largas de Rodrigo e o

homem estava estirado no chão com o nariz sangrando, parecendo muito atordoado para falar qualquer coisa e então os flashes que vi dentro do restaurante estavam nos cegando, enquanto uma multidão que saiu do estabelecimento, e transeuntes da rua, nos cercavam.

O desastre que tentei prevenir estava acontecendo e eu não sabia o que fazer.

Capítulo 44

Por você
Eu ficaria rico num mês
Eu dormiria de meia
Pra virar burguês
(Por você – Barão Vermelho)

Rodrigo Silva

Foi no momento em que vi aquele galã de cinema subindo as escadas da casa de Mileni que percebi o quanto era um ser educado e evoluído. Porque, parceiro... Meu instinto me mandava tirá-lo da casa, dar-lhe uns tapas por ser tão ousado em tocá-la e, se possível, provar a qualquer um que pudesse interessar a quem aquela mulher pertencia. Mas, enfim, ela não era um objeto para pertencer a alguém, nós estávamos começando algo legal e eu não iria estragar tudo por causa de instintos neandertais.

Isso que justifiquei a mim mesmo no caminho de volta para a oficina no qual eu refreava minha vontade de voltar lá. Pensei em dar meia volta inúmeras vezes e cheguei soltando a raiva que estava sentindo no primeiro que se atrevesse a parar na minha frente, que, para o meu azar, era Jorjão. O cara que fazia troça com qualquer coisa.

— Puta que pariu, cara! Que merda é essa? Tem que tomar cuidado com essa belezinha! Ela é sensível.

Olhei para a cara dele que me encarava com os olhos arregalados e parecia realmente chocado como se eu tivesse batido em algum parente seu. Desci da moto, tirei a chave da ignição e estendi para ele, que a pegou como se fosse um verdadeiro tesouro.

— Não estraguei sua *belezinha*, cara. Fica tranquilo! E não me irrita que você é culpado dessa merda.

Ele balançou a cabeça e se aproximou alisando o tanque da moto.

— Me bate, mas não faz isso com meu bebê. Você não sabe o que poderia acontecer com você se desse um arranhão nela. No melhor cenário perderia a melhor amizade que já teve na vida. — O cara realmente se achava, não é? Olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas. — O que te deu para maltratar ela assim?

Ele se levantou, olhando para mim. Jorjão estava falando sério mesmo, tratava a moto como se fosse alguém de verdade. Mas eu não estava no clima de sacanear ele por isso e decidi contar a verdade, mesmo sabendo que poderia ser um erro fatal. Dar munição ao inimigo é como uma sentença de morte! Fora que estava puto com ele.

— O alemão voltou, e vai se hospedar na casa da Mileni. Chegou lá na hora que eu estava saindo. Queria ter quebrado a cara dele, mas sei que me daria problemas de todos os lados. Porra, não gosto de me sentir assim! — Joguei assim a bomba em cima dele, esperando que mostrasse o tal melhor amigo que mencionou. Que dissesse que tudo estava bem e que eu estava surtando à toa, ou que me incentivasse e até me acompanhasse até a casa dela para tirar o tal de lá.

Ou que simplesmente me zoasse por estar com ciúmes.

Porém, aquele dia estava se mostrando mais estranho que o normal. Primeiro, aquele monte de notícia armada sobre minha possível traição e então os papéis terem se invertido. O ciúme se mostrou um inimigo de peso para a minha confiança e coerência.

Meu amigo ficou olhando para mim e vi um brilho estranho passar por seus olhos, como se estivesse arrependido de tudo que aconteceu e por ter sido, em partes, responsável por Vitória ter feito aquele show, que logo foi substituído por seu sarcástico normal. Jorge poderia até estar agindo como um cara normal vez ou outra, mas aquela cara de sem noção o acompanhava cem por cento do tempo. Sabia que ele estava se sentindo mal com a situação que tinha armado, entendia que tinha mais por baixo de tudo, mas tentava esconder de mim.

— Quem? Aquele ator amigo dela?

— O próprio, parece que eles têm um projeto juntos e Alex chegou para ajudar. Cara, é o trabalho dela, eu sei, e tenho que entender isso. Respeitar mesmo! E olha, eu respeito. Sei o quanto é talentosa e leva muito a sério tudo o que faz, admiro isso nela. Mas, porra, ver aquele mauricinho metido a besta subindo as escadas em direção aos quartos, sendo que nem eu estive lá, quase me matou. Acho que estou sendo idiota, não racional, mas, cara, quem é racional numa situação dessas? Fora os boatos que sempre rolou dos dois.

Falei sem parar e quando acabei percebi que nem mesmo tinha respirado para isso. Olhei para Jorge, que parecia desligado do mundo e olhou para mim com a testa franzida.

— Desde quando você sabe sobre essas fofocas? Isso é típico do Paulão.

Balancei a cabeça, não acreditando em mim mesmo, e respirei fundo me encostando na traseira de um carro que estávamos trabalhando.

— Eu não sei, Jorjão! Surtei ontem à noite por causa daquele negócio da Vitória, fui ver se tinha dado algo, acabou que deu, né. E me deparei com algumas coisas. Quando percebi estava igual um maluco lendo tudo que podia achar dos dois.

— Acho que você está vendo chifre na cabeça de boi, eles são só parceiros de trabalho. Cara, não se preocupe com isso. Vai ficar nervoso à toa. Tem que confiar na Mileni também! Não é como se estivesse sendo usado, irmão, a menina gosta de você. Para te aguentar só assim.

— Nela eu confio, mas nele são outros quinhentos. Quem me garante que o cara não está apaixonado por ela em segredo? Mas, velho, não me dê atenção, estou ficando louco. Vou trabalhar que é o melhor que posso fazer nesse momento.

Deixei Jorge, com aquela cara estranha, parado ao lado da moto, e passei o dia inteiro envolto de muito trabalho para distrair a minha cabeça do fato de que o Alemão estava perto da minha mulher com o seu chucrute.

Meu coração só se acalmou um pouco quando recebi uma mensagem de Mileni dizendo que havia pensado em mim e que queria me ver o mais breve possível. Os dias se passaram e nos vimos algumas vezes, mas não o suficiente para que eu ficasse satisfeito.

Parecia que cada vez que a tinha em meus braços, sentia mais vontade de estar com ela. Era uma fome, uma vontade que não conseguia ser saciada. Duas semanas depois sentia como se fosse sufocar se não a visse, precisávamos conversar e eu tinha que dizer a Mileni o que estava sentindo. Não tivemos um encontro normal e achei que era o que precisávamos.

Tive a ideia de sair com ela, mas queria que fosse especial. Mexi alguns pauzinhos e consegui reserva em um dos restaurantes mais bem vistos na cidade. Mesmo sendo aconselhado por Paulão e Jorge que não era uma boa ideia, por não ser a minha cara estar em um lugar daqueles, que poderia não gostar e me sentir desconfortável, não arredei o pé e insisti que ela merecia.

Mas, ao entrar lá, comprovei que meus amigos estavam certos, me senti sufocado por tanta gente que eu não me encaixava, todos os medos e incertezas me atingiram de uma vez só. Senti como se estivessem olhando para mim e me julgando, como se eu estivesse errado. Não estava malvestido nem nada, o problema eram as minhas paranoias, que me deixaram diferente de quem eu era.

Mas quando eu a vi parada ao lado de um garçom, com aquele vestido azul tão sensual, tão perfeito para ela, senti que poderia sufocar um pouco mais se não me aproximasse logo. Eu daria o que pudesse àquela mulher, e se tivesse que ficar ali naquele lugar onde eu sentia que poderia sair correndo a qualquer momento, ali eu permaneceria até o fim dos meus dias.

No momento em que ela pediu para ir embora, eu senti duas coisas, alívio e desconforto. Senti como se estivesse me julgando, que eu não poderia pagar com o nosso jantar. Mesmo tendo visto os absurdos de preços que tinham naquele cardápio e sabendo que assumiria uma dívida sem sentido não foi algo bom de reconhecer.

Acabei acatando seu pedido e a peguei pela mão, arrastando-a para fora do restaurante, sem me importar com o que poderiam pensar ao ver a cena. Ao chegar na calçada só então consegui respirar. Não sabia se conseguiria olhar para ela e admitir a minha fraqueza, a minha confusão

e o quanto era idiota. Por isso fiquei alguns minutos olhando para a rua movimentada, até mesmo quando eu a ouvi falando com alguém.

Tudo aconteceu tão rápido que quando percebi já havia socado aquele homem no meio do nariz e tinha flashes a nossa volta, pessoas perguntando um monte de coisa e Mileni estava atrás de mim, tremendo e parecia prestes a ter um ataque de pânico. Só por olhar para ela percebi que não estava nada bem.

Peguei em seu braço e a levei até a rua ao lado, onde tinha deixado meu carro, tentando fugir daquele bando de jornalistas e fotógrafos. Ao que parecia, eles já nos observavam desde dentro do restaurante e haviam encontrado um furo de reportagem. Não me importei com mais nada, nem mesmo perguntei se ela estava de carro. Coloquei-a dentro do meu carro e dei partida ignorando completamente as luzes das fotos que ainda piscavam em nossos olhos. Ela parecia em choque e ficou em silêncio o tempo todo até que parei em frente ao meu apartamento.

— Você está bem?

Leni olhou para mim como se percebesse minha presença somente naquele momento, notei que ela não registrou nada do que aconteceu depois do incidente na porta do restaurante e tive vontade de quebrar o nariz daquele idiota mais uma vez. Ou quem sabe outros ossos se juntassem ao quebra-cabeça.

— Estou! — Olhou em volta e franziu a testa. — Acho que sim!

— Mileni... O que...

Fechou os olhos e sacudiu a cabeça levantando a mão.

— Não precisa dizer nada, Rodrigo. Isso acontece vez ou outra, eu fui muito estúpida de ter ido sem disfarce. — Virou-se para mim e seus olhos estavam brilhantes, rasos d’água. — Por isso eu me escondo, para evitar esse tipo de coisa. Fátima tinha razão quando dizia que eu sou tão irresponsável. Que não penso em ninguém além de mim. Sinto muito pelo vexame.

Tive que contar até dez mentalmente para não explodir. Como ela se atrevia a pensar essas coisas de si mesma?

— Você não tem culpa disso. É aquele homem que não respeitou seus limites, ele é o culpado e pagou por isso com o nariz quebrado. Devia ter quebrado a cara dele inteira, mas tenho certeza de que vai pensar duas vezes antes de fazer algo assim novamente.

— Você não entende, é um efeito colateral do meu trabalho. As pessoas acham que por eu ser mulher e uma celebridade pública tenho que aguentar qualquer tipo de assédio, machismo, invasão e até violência. Sinto tanto por ter te arrastado para isso. Não podemos sair assim de novo.

—Espera aí! Você tá dizendo que é obrigada a aceitar isso por ser quem é? Você deve estar louca ou está enlouquecendo. Ninguém merece esse tipo de tratamento, Mileni. Posso ser pobre, não ter o dinheiro que esses caras têm, ou tantas outras pessoas do seu meio de trabalho. Mas eu aprendi a respeitar o próximo em primeiro lugar, entender até onde eu posso ir, e onde eu tenho o direito ou o dever de qualquer coisa. Esse pensamento não é seu, mas de alguém que enfiou essa baboseira em sua cabeça. Estou errado? Meu palpite é aquela mulher que te sufocou por tantos anos.

Ela olhou para mim de uma forma que eu quis colocá-la no colo, a dor era tão crua e parecia tão palpável que deixou o carro insuportável de se ficar. Abri a porta e saí dando a volta e abrindo para ela.

— Vamos entrar, você precisa descansar um pouco e tomar uma água.

Mileni assentiu e aceitou a minha mão, ao parar do meu lado fungou e suspirou.

— Nosso encontro foi pelo ralo, né?

— Não se preocupe com isso agora, tudo bem?

Balançou a cabeça e me acompanhou até dentro de casa, eu a abracei como se assim pudesse protegê-la daquelas pessoas que a machucavam. Contudo, por algum motivo, eu sabia

que havia mais coisas que ela não estava me contando. Como se o episódio com o bêbado tivesse sido o gatilho de algo que lhe fazia mal.

Entramos em meu apartamento e deixei as chaves em cima da mesa, virei-me para ela, cruzei os braços e a encarei sabendo que Mileni não estava bem. Eu ainda me sentia desconfortável com o nosso encontro fracassado, mas era mais importante que ela ficasse bem.

— Você quer me contar o porquê desse ataque de culpa segundos atrás?

Mileni desviou o olhar por um segundo e deu um suspiro longo, junto com pequenos soluços, demonstrando claramente sua fragilidade.

Ela sentou-se no sofá e olhou para mim. Eu realmente entendia o porquê de tanto alvoroço da mídia, era mesmo uma visão olhar pra ela tão perfeita.

— Não estou certa de que seja uma boa ideia te contar essa história. Mas eu acho que você deve saber de algumas coisas antes que a bomba exploda bem na minha cara. O que acho estar mais perto de acontecer do que eu imaginava.

Notei certas coisas nela que normalmente passariam despercebidas se você não estivesse muito atento e não conhecesse a pessoa. Mileni não gostava de tocar naquele assunto, aquilo a machucava demais e, o principal: de alguma forma, eu entendi que poucas pessoas sabiam dessa história que ela me contaria.

Assenti e sentei-me ao lado dela, que se acomodou, colocando um dos joelhos dobrados no sofá, o que a fazia ficar meio de frente para mim.

— Já te disse que comecei bem cedo a atuar e o começo dessa carreira para mim foi tudo como um conto de fadas, consegui ganhar um bom dinheiro para ajudar minha família, o que já me deixou aliviada, me vi podendo fazer o que desejava, por ter recursos para isso. Conheci gente maravilhosa, que até então eu só via pela TV e nunca imaginei conhecer pessoalmente ou ser tratada como igual. E quando tive a oportunidade de trabalhar junto com eles me lembro de que quase enlouquecia, tinha que me segurar para não dar uma de louca.

Ela sorriu parecendo um pouco saudosa, respirou fundo e olhou em meus olhos.

— Conheci Fátima antes mesmo de pensar em trabalhar sério com atuação e cinema, minha mãe lavava e passava roupa para fora e ela era uma das clientes dela. E Fátima nos ajudou muito, tantas vezes que eu nem posso contar, principalmente em algumas situações que eram realmente complicadas, onde passamos aperto em casa. Momentos estes que não tínhamos o que comer. Enfim, ela foi muito boa conosco e sempre serei grata a ela por isso. — Engoliu em seco e fungou parecendo mexida com as lembranças.

Então eu entendi o motivo de se sentir tão em débito com a mulher e por que permitiu que a controlasse por tanto tempo. Nunca fiquei tão feliz por não ter o desprazer de conhecer alguém como naquele momento. Era claro o quanto a ex-empresária de Mileni se aproveitou do passado para mantê-la presa em suas rédeas.

Mileni arranhou a garganta e abaixou a cabeça mexendo no tecido de seu vestido azul. Depois de dois suspiros profundos, continuou:

— Quando ela descobriu o meu talento pediu para que minha mãe a deixasse me levar em um teste para ver como eu me sairia, não seria nada sério e não me deu esperanças. O que acabou se mostrando surpreendente para todos nós. Uma coisa levou a outra e acabei sendo agenciada por ela e sua empresa, acabei decolando no meio, me deslumbrei, aprontei, me perdi e matei o primeiro amor da minha vida. — Mileni olhou para mim com os olhos brilhantes de lágrimas não derramadas e um sorriso amargo em seus lábios. — Sou uma assassina, Rodrigo!

Capítulo 45

Hoje eu preciso te abraçar
Sentir teu cheiro de roupa limpa
Pra esquecer os meus anseios e dormir em paz
(Só Hoje – Jota Quest)

Mileni Pontes

Eu me lembrava claramente daquele dia como se tudo estivesse acontecendo naquele instante. Era doloroso voltar lá, mas sempre que acontecia eu não podia parar as memórias tão vívidas, tão cruas...

Havia acabado de conseguir o melhor papel da minha carreira e estava tão feliz, Bento sugeriu que saíssemos para comemorar. Nós estávamos oficialmente juntos há dois meses e poucas vezes tivemos a oportunidade de sair como um casal normal. Claro que boa parte disso se devia a preocupação excessiva de Fátima, minha empresária e mãe dele.

Naquele dia, ele estava animado e não ligou a mínima para os conselhos dela, éramos maiores de idade e donos de nossos narizes. Bem-sucedidos, fazíamos o nosso dinheiro e não devíamos satisfação para ninguém. Ele me convenceu a isso e eu fui de bom grado. Estava apaixonada, incrivelmente satisfeita e louca para fazê-lo feliz.

Fizemos um tour por bares e boates, fugindo de pessoas que nos reconheciam, para que não atrapalhassem a nossa festa, e aproveitando o máximo qualquer coisa que a fama e o dinheiro podiam nos dar. Pela primeira vez na vida me via bêbada e confesso ter usado algumas drogas que Bento me deu, não sabia o que eram. Só entendia o quanto elas me deixavam ligada e ao

mesmo tempo sem noção do que fazia ou os efeitos das minhas decisões.

— Experimenta esse, Leni, você vai se soltar mais — ele dizia, me convencendo a usar só mais um.

Em nossa última boate, Bento exagerou. Arrumou briga por um cara estar dançando perto de mim, disse que o homem estava me passando a mão, ficou muito bravo e acabou me arrastando dali. Procuramos o carro e não se importou em sentar no banco do motorista, estando completamente embriagado e drogado. Ele não tinha a consciência de que não tinha condições de dirigir, para falar a verdade nem eu. A única coisa que eu sabia fazer era rir sem parar, sem sentido ou motivo algum. Até então tínhamos percorrido todos aqueles lugares de boa, mesmo alto pela droga e o álcool ele mantinha uma velocidade baixa, parecia saber o que fazer, mas então ele me disse que a velocidade iria aumentar a nossa adrenalina.

Eu adorei a ideia, era mais um estimulante para o meu cérebro confuso e ligado.

Hoje eu vejo que o tempo que percorremos a rua dentro da cidade foi Deus que nos guiou para que não feríssemos nenhum inocente, porque Bento fazia zigue-zague com o carro em alta velocidade, colocava a cabeça para fora sem olhar para onde estava indo, gritando e comemorando a minha nova conquista. Puxava-me para me beijar intensamente sem se importar com mais nada. Só que somos responsáveis por nossos atos e as consequências deles muitas vezes podem ser cruéis.

Pegamos a rodovia e ele piorou, começou a pisar mais fundo no acelerador, eu comecei a ficar assustada. Não sabia se era uma lucidez momentânea, ou se mesmo no meio da névoa na qual me encontrava conseguia ver o perigo de toda a situação. Por algum motivo coloquei o cinto de segurança, o que fez Bento começar a gritar comigo que eu estava sendo dramática e com medo dele. Ficou mais imprudente e num piscar de olhos batemos em uma mureta fazendo com que ele voasse para fora do para-brisa perdendo a sua vida cedo demais. E eu? Só tive alguns arranhões e uma vida de culpas e arrependimentos.

No momento em que aceitei cada gole de álcool, cada cheirada de pó, cada comprimido, quando me sentei no banco daquele carro, sem nem mesmo questionar, eu matei um prodígio da música, eu matei o homem que amava, eu matei o filho de alguém.

Eu fui irresponsável e apenas pensei em mim mesma, fazendo com que uma tragédia se tornasse real.

Levantei meus olhos e encarei Rodrigo, mal conseguia enxergá-lo devido às lágrimas que atrapalhava minha visão. Não suportaria ver em seu rosto a expressão que vi naqueles que eu mais amava. Eu decepcionei muita gente, sabia que algo assim poderia acontecer com ele também, e não suportaria que tivesse razão.

— Você não é uma assassina, Mileni! Errou sim ao se deixar levar por alguém claramente irresponsável, mas não matou ninguém...

Não esperei ouvir isso dele, apesar de ter escutado de meus pais anos atrás a mesma coisa. Não concordei e para mim era melhor estar sempre ciente do que nossas imprudências são capazes para que não acontecesse de novo.

Mesmo me sentindo aliviada por ele pensar dessa forma, não conseguia assimilar ou aceitar suas palavras. Em meu modo de entender, eu fui sim a responsável pela morte de Bento.

— Eu só não fui levada a julgamento por homicídio culposo porque não estava dirigindo, mas sou tão responsável como se estivesse. Apesar de destruída, Fátima fez seu trabalho, abafou o caso e pouco foi comentado na mídia, tivemos que gastar muito dinheiro para que não divulgassem nada, molhando a mão de pessoas certas e isso é desconhecido por muitas pessoas. Mas pode estourar a qualquer momento. O episódio de hoje foi um gatilho para que as lembranças voltassem e sua reação pode fazer com que as pessoas se lembrem do que aconteceu sete anos atrás. — Abaixei minha cabeça sem conseguir olhar para ele, era vergonhoso demais deixar de ser alguém a quem se admira para se tornar tão suja e imperfeita. — Se eu não tivesse aceitado sair, se não tivesse bebido ou me drogado, eu teria me sentado ao volante e Bento estaria vivo, fazendo sucesso, teria sua vida para aproveitar. Ele era tão jovem...

Não conseguia conter o soluço dolorido que estava se formando em meu peito e me vi tremendo de uma forma incontrolável, como sempre acontecia quando eu falava sobre o assunto. As vezes que aconteceu eu fui acalentada por Pri e Alex, agora eu tinha o homem que estava apaixonada a minha frente, correndo o risco de ele se decepcionar com a forma perfeita

que havia formado de mim e matar mais uma vez o sentimento que demorou tanto a nascer novamente.

— Mileni, você também era jovem, sabia? Alguém te disse isso? Quando somos jovens fazemos besteiras, infelizmente essa custou a vida de alguém. Mas o erro foi dele por ter sentado ao volante estando do jeito que estava, você poderia ter morrido também e pensar nisso me faz querer que ele estivesse aqui para que pudesse dar um soco na cara do idiota. Porque, pelo que me disse, estava acostumado a isso, pois a ideia de comemorar foi dele, ele te deu todas as drogas e as bebidas. Nós temos que assumir sim nossas culpas, mas também devemos dividi-las com quem tem participação na merda que fazemos. — Ele se aproximou, ajoelhou-se na minha frente e levantou meu queixo com o dedo indicador. — Você não matou ninguém, foi uma tragédia, serviu para que crescesse e o que você pode fazer é estar ciente dos perigos e talvez alertar os jovens do risco que correm agindo da mesma forma.

— Você não está com nojo de mim? — Tantas vezes eu senti asco de mim mesma ao olhar no espelho, que não me espantaria se ele pensasse isso.

Ele sorriu docemente, algo que você juraria nunca ver aquele homem fazer. Balançou a cabeça e se aproximou, dando um selinho em meus lábios que estava ressecado.

— De jeito nenhum, estou com raiva por você ter carregado esse fardo sozinha por tanto tempo. E sua empresária se aproveitou disso para te manter presa a ela, sei que pode ter sofrido e ainda deve sofrer pela perda do filho, mas ela te usou sim e muito.

Funguei e escorreguei pelo sofá chegando mais perto dele. Precisava de carinho e aconchego e se era o que ele estava oferecendo, eu estava recebendo de bom grado.

— Priscila me disse isso tantas vezes, mas eu não acredito. Fátima estava certa em tudo que nos dizia e fomos contra seus conselhos por puro egoísmo.

Rodrigo balançou a cabeça e sentou-se no sofá, puxando-me para seu colo, passei as pernas para o outro lado e encostei a cabeça em seu ombro, ainda sentindo as lágrimas rolarem sem que eu tivesse controle algum.

— Quando a gente é jovem tende a fazer isso, Mileni! E o filho dela era mais velho que você, certo?

Quando assenti, Rodrigo me apertou ainda mais em seu corpo.

— Portanto, mais experiente e ciente dos perigos, não estou te eximindo porque você aceitou tudo que ele lhe deu, mas talvez por ingenuidade e a paixão tenha te levado a isso. Não deve se machucar tanto por algo que não fez sozinha.

— Eu perdi o papel, perdi o namorado, perdi a confiança que tinham em mim. Eu ainda sinto como se minha vida tivesse virado do avesso e procurei me manter na linha o tempo todo e não dar preocupações a mais ninguém, por isso não gostava de ver meu nome na mídia, me escondia para me divertir um pouco, para que não saísse nos jornais e meus pais recordassem da vez que receberam o telefonema dizendo que eu estava no hospital e me levando a delegacia para prestar depoimento. Sempre fui correta e quando decidi ser imprudente matei alguém. Não sei como lidar com isso!

Eu sentia o corpo quente e forte dele sob o meu e conseguia falar tudo o que sentia sobre o assunto, algo que não tinha feito até então. Nem mesmo com horas de análise com terapeutas renomados, ou minha mãe pedindo para que desabafasse sobre o assunto, até mesmo quando Priscila me ameaçou dizendo que se eu não tirasse aquilo tudo do meu sistema iria me dar uma surra. Mas de algum modo o simples apoio e carinho de Rodrigo fazia com que eu despejasse o que estava engasgado há sete anos em meu sistema.

Podia sentir a respiração dele em cima da minha cabeça, mexendo com meus cabelos, o peito que subia e descia devagar, como se ele estivesse respirando profundamente e então soltando o ar. Seu coração batia compassado acalmando meus sentidos.

— Você leva um dia de cada vez, tenta pensar de forma diferente do que vem pensando todos os anos; e acima de tudo, se perdoa e segue em frente.

Capítulo 46

O seu sorriso vale mais que um diamante
Se você vier comigo, aí nós vamos adiante
Com a cabeça erguida e mantendo a fé em Deus
O seu dia mais feliz vai ser o mesmo que o meu
(Dias de luta, dias de glória – Charlie Brown Jr.)

Rodrigo Silva

Ao dizer que precisava me contar uma coisa eu não imaginei ser algo tão sério, tão forte, capaz de destruir uma pessoa sem que ela perceba. Carregar uma culpa dessas nas costas, se castigando — mesmo que inconscientemente —, pode tirar toda a felicidade que a vida tem para oferecer, fazendo com que os dias passem e fiquemos presos naquilo que nos machuca.

Não foi fácil ficar parado, apenas escutando-a desabafar, sentindo a dor que ela vivia, respeitando a sua necessidade de ser apenas ouvida, vendo as lágrimas rolarem sem cessar sem poder fazer nada, percebendo o quanto ela era machucada por uma tragédia e que não via uma forma de tirar aquele *replay* incessante de seu coração.

Quem a via na televisão, ou até mesmo a conhecia pessoalmente, não imaginaria o quanto de remorso ela carregava. O quando de dor aquela mulher linda, de corpo perfeito, talentosa e brilhante, sentia. As aparências enganam, muitas vezes escondem belezas únicas, outras escondem feiuras que precisam ser disfarçadas; e têm aquelas que ocultam tormentas e tristezas.

Mantive-a em meus braços por horas, fiquei em silêncio atendendo a vontade dela em não dizer mais nada, nem mesmo me importei com a bagunça que havia acontecido dentro de mim

antes de tudo sair dos eixos. A raiva e impotência por ser insuficiente, por me sentir desimportante, por ser inadequado.

Quando você gosta de alguém acaba deixando suas aflições de lado para dar importância a quem precisa.

Acabei adormecendo no sofá com Mileni deitada em meu peito e foi a melhor sensação do mundo. Estar protegendo-a daquele jeito fez-me sentir importante, como se ela precisasse de mim para alguma coisa. Como se eu fosse essencial em sua vida. Era gostoso me sentir daquela forma, algo totalmente diferente do que aconteceu no restaurante em minha tentativa falha de impressioná-la.

Assim que acordei pensei que, mais uma vez, tinha me deixado, mas ouvi barulhos vindo da cozinha e me estiquei no sofá para olhar entre a porta que separava os cômodos, imediatamente senti em meu corpo o preço por ter dormido naquele lugar desconfortável e com o peso dela em cima de mim aumentou o nível de incômodo muscular. Parecia que tinha levantado peso a noite toda, mas nem me importei porque era uma dor boa, uma dor que me lembrava de tudo que senti tendo-a em meus braços.

Levantei-me, meio torto, estava ainda com a roupa que saí na noite anterior e precisava de um banho urgente. Assim que parei na porta da cozinha levei um baque ao me deparar com Mileni, vestindo uma de minhas camisetas, que estava enorme nela, com os cabelos soltos coando café enquanto mordia o lábio, provavelmente perdida em pensamentos.

Parecia tão à vontade e relaxada, nada se assemelhava com a mulher que acalentei a noite toda. Percebendo minha presença, a secando como um viciado que não consegue ficar longe, Mileni virou-se. Por um momento ficou surpresa, provavelmente porque eu não fiz barulho algum para denunciar minha presença e então sorriu docemente, levantando um ombro em um gesto meigo.

— Sinto muito pela invasão, mas acordei e estava com calor e com fome. Tomei um banho e vesti uma camiseta sua, daí pensei em fazer um café pra nós, espero que não se importe.

Ela não tinha noção nenhuma de como estava sexy vestindo aquela roupa, as laterais de

seus seios estavam à mostra pelo corte das mangas da camiseta, o colo liso e delicado clamava por beijos, as coxas bem torneadas eram como um colírio. Aqueles olhos expressivos me encaravam com tanta inocência e eu estava praticamente uivando por dentro por ter aquela mulher tão perto e não estar aproveitando a oportunidade de tê-la em meus braços, na minha cama...

— Não tem problema, pode usar minhas camisetas quantas vezes quiser. Você fica linda assim!

O sorriso que me deu poderia iluminar uma cidade inteira. Ok, eu estava me tornando um idiota apaixonado, todo filosófico e meloso. Mas, porra, quem liga quando a mulher que você ama está bem na sua frente usando uma camiseta sua, sexy para cara... opa, ama? Engoli em seco o nó que se formou em minha garganta e pisquei duas vezes. Mileni me encarava de uma forma tão encantadora, tão doce, que estava difícil de aguentar.

Estava surtando por dentro e tentando manter a compostura por fora. Estava complicado, ainda mais depois dessa palavra ter criado raízes em minha cabeça, no meu coração.

Arranhei a garganta e baixei a cabeça, desviando os olhos.

— Eu vou tomar um banho e depois dou um pulo até a padaria para comprar algo fresco pra nós comermos, ok? Já volto!

Saí correndo da cozinha como se o próprio diabo estivesse ali para me tentar. Ouvi que ela tinha dito alguma coisa, mas sinceramente nem mesmo prestei atenção.

Estava parecendo um lunático correndo daquele jeito, não conseguia pensar coerentemente, estava uma verdadeira bagunça e eu nunca saberia explicar como tomei banho e me vesti tão rápido e saí sem que ela me visse naquele meu apartamento tão pequeno.

Em todo momento aquela palavra ecoava em minha mente como se estivesse lembrando-me de que era verdade, e cada vez que repetia meu coração falhava uma batida e sentia um frio na barriga. Algo que nunca tinha acontecido, nem mesmo com Lívia fiquei daquela forma, e olha que sofri tanto quando acabou, com a maneira que fui usado, que *deixei* ser usado.

Mileni estava se mostrando alguém perigosa, ela causava em mim tantos sentimentos conflitantes. Eu sabia que me machucaria, esperava por isso e a noite passada foi a prova de que não demoraria a acontecer.

Foi uma péssima ideia o que fiz levando-a àquele restaurante, eu só deixei bem claro o quanto era inadequado para estar ao seu lado. Deveria ter ficado, mesmo me sentindo mal, não deveria ter corrido como um menino assustado.

Nem mesmo percebi o percurso que fiz indo de casa até a padaria e voltando. Quando me dei conta estava abrindo a porta do apartamento e meu coração deu outro salto quando a vi inclinada sobre a minha pequena mesa, arrumando o nosso café com tanto cuidado. Parecia tão concentrada e alheia ao quanto estava sexy daquele jeito.

A camisa havia subido e mostrava mais do que ela pretendia. Sabia que seria uma tortura aguentar que Mileni ficasse a manhã toda com a minha camisa, cada movimento mostrava um pouco mais daquele corpo perfeito.

Ela se virou, sorriu e afastou-se dois passos.

— Quis te fazer uma surpresa, sempre arrumava a mesa de café para os meus pais assim e eles amavam.

Seus olhos brilhavam com uma alegria tão intensa, por causa de algo tão simples, que senti meu coração se perdendo um pouco mais, se isso fosse possível.

Arranhei a garganta, por causa de meus pensamentos e sentimentos; estava com certeza bem abalado, o que demonstraria em meu tom de voz. Fiquei com receio de sair esganiçada.

— Está lindo! Trouxe algumas coisinhas da padaria que acho que vai gostar.

Caminhei a passos largos até a mesa, sem olhar muito em seus olhos. Estava sendo covarde mesmo tentando distrair a cabeça das coisas que estavam óbvias na minha cara. Qualquer pessoa que estivesse no mesmo ambiente que nós dois e visse a forma como eu reagia a ela perceberia logo de cara, mas eu queria me preservar um pouco mais então decidi que o mais

importante no momento era alimentá-la e não dar ouvidos aos sentimentos inoportunos que teimavam em socar o meu peito.

Coloquei o saco de papel em cima da mesa e comecei a tirar o que tinha comprado na padaria, levei pão francês, alguns biscoitos doces e um sonho de doce de leite.

Quando Mileni viu aquele doce, ela abriu a boca e olhou para mim.

— Você me comprou um sonho?

Assenti um pouco constrangido por sua pergunta feita de uma maneira tão exultante sobre algo tão singelo.

— Bem, não deve ser como os doces que você está acostumada a comer, mas ele é muito bom e está fresquinho.

Nem mesmo terminei de falar quando Mileni me abraçou apertado, colando seu corpo todinho no meu, praticamente cortando a minha circulação de sangue.

— Eu amo sonho, Rodrigo! Muito obrigada por ter lembrado de mim dessa forma.

Afastei-a de mim, para olhar em seus olhos. Parecia ser algo tão grande o que fiz, quando não foi. Não estava entendendo o motivo de tanta animação por algo tão simples.

— Eu não me esqueci de você nem por um segundo desde o momento que botei meus olhos sobre ti.

Os olhos de Mileni estavam marejados, ela me encarava com admiração e eu não sabia o que tinha feito para merecer aquilo, não sabia qual bem havia feito para merecer aquela mulher. E ainda duvidava se era digno.

Estava ficando bem incomodado com ela me olhando daquele jeito, arranhei a garganta e abaixei a cabeça.

— Vamos comer? Você disse que estava com fome, o pão está quente ainda.

Ela sorriu e sentou-se. Como a mesa era redonda, não tinha pontas, então ficamos lado a lado, mesmo porque o lado oposto estava encostado na parede.

Passamos o minuto seguinte concentrados em passar a manteiga no pão e Mileni separou biscoitos e colocou de lado a sacolinha com o seu sonho.

— Quando eu era criança, meu pai sempre levava sonho de doce de leite aos domingos de manhã, era uma extravagância que gostava de fazer. Dizia que éramos filhos incríveis e que merecíamos um carinho daquele, desde então eu entendi que quando alguém pensa em você, te leva um sonho, é porque te acha incrível, que você é especial.

O pequeno sorriso de nostalgia que ela tinha era contagiante e acabei sorrindo também. Mileni se virou para mim e quase perdi o fôlego.

— Pode ter parecido meio louca a minha reação com algo tão simples, mas foi assim que eu aprendi o que é o amor de verdade. Com pequenos gestos: presentear alguém com doces, dar um beijo sem malícia, segurar quando essa pessoa precisa chorar, ouvir sem dizer nada ou julgar. A forma como olha para alguém, o jeito que a voz falha e você precisa arranhar a garganta para que não saia esganiçada parecendo um pato.

Engoli em seco o nó do tamanho de uma laranja que tinha se instalado em minha garganta, meu coração batia forte e acelerado. Ela estava ditando tudo que fiz naquela manhã e tentava fugir de mim mesmo, não admitindo que era real, mas Mileni estava jogando na minha cara o que eu não disse em palavras.

— Não sei quando aconteceu, mas eu estou apaixonada por você.

Abaixou a cabeça sorrindo timidamente, como se não estivesse preparada para ouvir aquelas palavras saindo de sua boca. Balançou a cabeça e então olhou-me nos olhos.

— Não esperava amar alguém, mas aconteceu. E se tudo que aprendi estiver correto, eu acho que me ama também e está assustado tanto quanto eu. Será que estou certa?

Não sabia o que dizer, como responder aquela pergunta, como não pular e gritar feito um

idiota porque Mileni Pontes me amava. Era sério aquilo? Não estava sonhando?

Não sabia como me expressar, não diria palavras tão bonitas como ela, não saberia. Eu era um cara bruto, um mecânico pobre do subúrbio que estava apaixonado por uma diva do cinema. Como isso poderia dar certo? Mas se tinha algo que aprendi era a dizer a verdade independente das consequências que trouxesse.

Optei pela sinceridade que havia em meu coração independente do que viesse. Eu estaria tranquilo, porque mesmo com medo, mesmo estando assustado pra caralho, aquele sentimento trouxe paz a minha alma.

Olhei nos olhos dela, peguei seu queixo entre dois dedos e levantei seu rosto que estava meio pra baixo, me aproximei de seus lábios ainda a encarando e sussurrei:

— Você está certa, eu amo você!

Capítulo 27

Tão longe do chão, Serei os teus pés
Nas asas do sonho rumo ao teu coração
Permita sentir, Se entrega pra mim
Cavalgue em meu corpo, minha eterna paixão
(Pássaro de fogo – Paula Fernandes)

Mileni Pontes

Os lábios dele tocavam os meus tão levemente que pareciam asas de borboleta acariciando o ar.

Rodrigo se afastou, olhou para mim daquele jeito só dele, parecendo tão assustado, que pensei nunca ter dito isso para alguém.

Desde que acordei de manhã e vi aonde estava deitada e como ele estava desconfortável daquele jeito, mas mesmo assim se manteve praticamente imóvel, para que não me acordasse, eu soube que o que sentia por mim era mais do que desejo sexual, tinha mais entre nós do que uma química irresistível e inegável.

Por isso eu decidi fazer algo especial e o observei a partir do momento que acordou e me pegou na cozinha coando café. O ponto final em minhas suspeitas foi o carinho em me levar um doce, gesto simples, mas cheio de significado.

Rodrigo tinha um jeito único, ao mesmo tempo que era sexual, intenso, rústico e bruto, era tão doce e nem mesmo se dava conta disso.

Cada toque daquele homem em mim acendia uma chama em minha alma. Cada vez era diferente, único e inesquecível.

E mesmo tendo quase certeza de seus sentimentos, cada segundo que levou para que ele me dissesse aquelas palavras pareceram eternos, pois eram tão esperadas. Porque qual maior presente que alguém pode ganhar do que amar e ser amado?

Algo que me envolveu desde o primeiro momento era o olhar quente dele, e daquele modo que me encarava deixava-me sem saber como agir, uma coisa bem difícil de acontecer.

— Eu acho que você está ficando com vergonha. — Até mesmo a voz dele estava baixa, rouca e doce. Bateu levemente com o indicador na ponta do meu nariz. — Tá toda corada, linda!

Afastamo-nos, mas não muito. Ainda podia sentir o calor dele. A respiração quente ainda soprava em meu rosto.

— Você tem o poder de me deixar assim. É desconcertante, na verdade.

Ele riu de lado, suas mãos ainda estavam me tocando, e Rodrigo começou a fazer círculos com o dedo em meu pescoço.

— Não tanto quanto você me desconcerta, nunca disse essas palavras pra ninguém a não ser meus pais e Paulão e Jorjão, mas eles não contam porque eu estava bêbado.

E minhas suspeitas se confirmaram, Rodrigo não tinha mesmo dito aquilo a ninguém. Não consegui esconder a minha expressão de surpresa e choque, não que eu tivesse dito isso muitas vezes, só para Bento, mas com o tempo percebi que aquilo não era amor. Mas sim uma dependência emocional que acabei me deixando conquistar por querer tanto viver o sentimento que cresci vendo em meus pais.

— Sério?

— Qual a surpresa, Mileni? Nunca fui de ficar fazendo promessas em vão, e dizer que ama

alguém é uma promessa que você faz. Você está prometendo a essa pessoa que estará ao seu lado, que nunca a magoará. Pelo menos foi assim que aprendi, infelizmente as pessoas não levam isso tão a sério como deveriam.

Não soube o que dizer depois disso. Meu coração estava tão em paz, tão inundado de amor que não conseguiria falar.

— Eu sei, por isso é tão especial. — Minha voz estava rouca pela emoção.

— Você é especial, chegou sem que eu esperasse, tomou conta sem que eu pudesse fazer algo a respeito. Não tive como escapar, você é uma mulher incrível, Mileni. Louco eu seria se não te amasse.

Deus, aonde esse homem tinha se escondido todos os anos da minha vida? Cresci tão perto de onde ele morou a infância toda e nunca nem mesmo imaginei que o homem que era para ser meu estava tão perto.

Às vezes, a vida apronta com a gente. Minha avó dizia que tudo que é para ser da gente chega, é só esperar. Em muitos momentos atropelamos tudo e acaba que tudo sai dos eixos. Acreditamos em ilusões, deixamos que nos modifiquem e julgamos não sermos capazes, contudo isso não passa de mais uma provação. Devemos ser fortes para aguentar as provas da vida, lutar pelo que queremos e não aceitar menos do que merecemos, não precisamos de migalhas de amor e sim o sentimento pleno. Ver no olhar do outro o quanto somos importantes e especiais. Ouvir da boca do outro o quando somos incríveis e que nunca conheceu alguém assim tão perfeita. Mesmo que seja imperfeita... sentir na pele o toque suave e forte de quem te quer com tanto fervor, poder retribuir o carinho que é oferecido de tão bom grado.

Então, para mim, amar é isso. Poder ser você mesma, ter a confiança naquele que é a causa desse sentimento, ter a certeza de que ele nunca te fará mal, que vai te proteger.

Sentindo o toque de Rodrigo e sentindo o seu amor, eu soube que o que vivi com Bento não foi amor, mas outra coisa que não sabia nomear, porque eu nunca tinha me sentido tão segura e amada daquela forma simples. Com uma mesa de café posta e um sonho me esperando para devorá-lo.

Tomamos café de uma forma engraçada, Rodrigo se recusava a parar de me tocar, de soltar minha mão e o tempo todo me dava o que comer na boca. Aquele sonho de doce de leite teve um gosto mais especial daquela forma.

Eu não conseguia imaginar uma maneira melhor de começar o dia do que com aquele homem lindo, sexy e doce ao meu lado.

— Acho que tá na hora da gente assumir o que estamos vivendo.

— Pensei que já tivéssemos feito isso semanas atrás, na sala da sua casa, quando a senhorita teve uma crise de ciúmes. — E ele falou aquilo com um sorriso convencido no rosto.

Estreitei os olhos e o empurrei com o ombro.

— Se me lembro bem, você também não ficou tão sem reação quando Alex apareceu na porta de casa.

E aquele sorriso idiota sumiu, eu sabia que Rodrigo estava incomodado do meu amigo estar hospedado comigo, mas não dizia nada e eu o admirava por isso. Porque, sendo sincera, não teria essa presença de espírito se fosse o contrário.

— Hum.

Sabia que ele só diria isso, sorri e encostei a cabeça em seu ombro. Ainda estávamos sentados à mesa, o que me permitia estar tão pertinho dele. Rodrigo estava juntando as migalhinhas de pão, como se fosse um gesto automático.

— Infelizmente minha vida é pública e se ficarmos nos bastidores por muito tempo ainda teremos muitas surpresas nos tabloides, ainda mais com o novo projeto. Vamos ter que assumir para o Brasil o nosso relacionamento e não apenas deixar rolar. — Fiz uma careta engolindo em seco sabendo o quanto aquilo soava estranho e esperei que ele dissesse alguma coisa.

— Eu sei que não somos um casal comum, Mileni. Não pense que estou com você iludido e enganado. Depois de todos esses dias, notas em jornais e sites, se ainda tô aqui é porque aceito tudo que vem junto.

Levantei os olhos e ele me encarava muito sério, estava mesmo com medo de que a carga que me acompanhava assustasse ele.

— Ainda não quer fugir?

Ele sorriu e negou com a cabeça, levantando a mão e acariciando meu rosto com os nós dos dedos.

— De jeito nenhum!

— Então me acompanha na festa de arrecadação de fundos? É traje a rigor, sei que não é seu estilo, mas gostaria muito que você estivesse presente, de preferência como meu acompanhante, meu namorado. O que me diz?

Eu vi o brilho dos olhos dele se apagando, a mão que estava em meu rosto caiu pesada em seu colo, ele abriu a boca e a fechou. Engoliu em seco e arranhou a garganta.

— Tem certeza de que me quer ao seu lado em um evento tão importante? — Olhava-me com uma cara meio torcida, podia ouvir a insegurança em sua voz.

Sempre soube o quanto a nossa diferença social o incomodava, mesmo tendo falado tão pouco sobre isso, com pequenas insinuações e gestos desconfortáveis — isso sem contar na vez que fui até ele para oferecer dinheiro para que não desse nenhuma informação do que tinha acontecido para a mídia —, Rodrigo era um homem orgulhoso e até mesmo antiquado, se sentia pequeno aos olhos dos outros em comparação a mim. O que não passava de besteira, na minha opinião. Sempre fiz o possível para demonstrar isso a ele e continuaria insistindo até que aceitasse como um fato real.

— E por que não iria querer, Rodrigo?

— Nem sei o que vestir para ir a uma festa dessa, não vou saber me portar e acabar te envergonhando. Por que não convida Alex para ir contigo? — No momento em que disse aquilo percebi o quanto se arrependeu, provavelmente o ciúme que sentia só de pensar em Alex comigo na festa o estava enlouquecendo.

— Quero que você vá comigo, Rodrigo. Por favor?

— Tudo bem então, o que eu não faço por você, não é?

Capítulo 48

Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
(Garotos – Leoni)

Rodrigo Silva

Ok, tive um pouquinho de vontade de fugir. Não dela, mas da tal festa.

Claro que aceitei o seu convite, não conseguia dizer não para Mileni. Mas olhando-me no espelho, tendo Paulo e Jorge atrás de mim segurando para não dar risada como os babacas que eram, tive a certeza de que deveria ter dito não.

— Você tá parecendo um pinguim apertado nesse troço, Digão. Onde alugou essa merda? — Jorjão franziu a testa e se aproximou.

Arrependi-me de ter chamado os dois babacas para ajudar. Por que pensei que eles poderiam ajudar em alguma coisa?

Dei de ombros, tentando arrumar aquela gravata borboleta mais uma vez, aquela porra não ficava direito de jeito nenhum.

— Fui até o centro e entrei numa loja que vi na internet.

— Deve ser de aluguéis de fantasia, isso é do seu tamanho? Acho que seu braço vai rasgar a

camisa. — Colocou a mão na manga da camisa que estava mesmo se esticando perigosamente.

Puxei o braço e fiz cara feia para ele, que se afastou com as mãos estendidas na frente do rosto.

— Vai à merda, filho da puta! Chamei você pra ajudar, não pra ficar falando besteira. — Virei-me e Paulão mal se aguentava. — E você, só vai ficar olhando?

Paulão deu de ombros e se aproximou, ele era maior que eu e aquilo era muita coisa, pois eu tinha quase um metro e noventa.

— Vocês são muito quadrados mesmo, não sabem nem dar um nó em gravata borboleta. Pra que servem mesmo a não ser ficarem se xingando?

— Você sabe porque é estranho!

Jorjão deu um tapa na cabeça de Paulão e saiu correndo do meu quarto quando o grandão ameaçou bater nele. Bem, seria engraçado de ver, mesmo que não estivesse com humor para aquilo no momento.

— Aprendi vendo filmes — ele falava enquanto mexia naquele troço do demônio. — Não é tão inútil como vocês, babacas, gostam de dizer. Pronto! Coloca o casaco que vai ficar legal. E não cai na onda do Jorjão, ficou boa a roupa e não parece ter sido alugada, qualquer smoking que você usasse ficaria assim porque tu és grande. Ele tá assim porque levou um pé na bunda, não tá acostumado com isso, coitado.

Revirei os olhos e encarei meu amigo, que sorria amplamente. Estranhei mesmo as atitudes dele e imaginava se ainda tinha a ver com Vitória, mas não era possível que o idiota tivesse se apaixonado logo por ela, que não gostava de ninguém a não ser de si mesma.

— Mas ele tá certo, tô parecendo um idiota vestido desse jeito. Não sou eu! Vou me arrepender de ir, não vou?

— Bem provável, mas você não tem escolha. Por ela vale a pena aguentar algumas horas de

tortura, não vale?

Pior que ele tinha razão. Mileni não era o tipo de mulher que você encontra em qualquer lugar, ela era especial, bom coração, talentosa e sexy pra caralho. A todo momento, desde que ela me fez o convite, tentei pensar nisso, porque eu era muito sortudo por poder dizer que era amado por ela.

— Ok, vou acabar logo com isso!

— Assim que se fala, filho. Papis tá orgulhoso!

Jorjão apareceu na porta do quarto sorrindo depois de ter dito mais uma das suas, mostrei o dedo do meio para ele, que saiu rindo. Paulo balançou a cabeça e bateu em minhas costas duas vezes, com força.

— Vai lá, Digão! Acredito em você, parceiro!

Senti-me como uma porra de uma Cinderela onde minhas fadas madrinhas, ou seriam ogros, ficavam na porta me vendo sair, revirei os olhos quando os dois babacas ficaram acenando da janela, parecendo duas galinhas poedeiras. Pior merda que fui fazer foi chamar os dois, iriam acabar com minha cerveja e emporcalhar minha casa enquanto me esperavam voltar para saber dos detalhes sórdidos.

O tempo inteiro que segui até à casa dela, onde iríamos juntos para a festa, eu pensei em dar meia volta. Se o episódio do restaurante não tinha dado coisa boa, imagina eu estar cercado de gente rica, me avaliando, anotando os pontos negativos, que, provavelmente, na visão deles seriam muitos e julgando-me inapto a estar entre eles, pior, a estar com ela.

A única coisa que me manteve firme, dirigindo no caminho certo, foi me lembrar dos olhos brilhantes de felicidade de Mileni quando eu aceitei ir até a festa como seu acompanhante.

O que aquela mulher não me pedia chorando que eu não fazia sorrindo. Ou naquele caso, era eu quem estava chorando por dentro.

E então eu disse que sim, fui recompensado por uma Mileni entusiasmada que me jogou da cadeira e subiu em mim, dando milhares de beijos em meu rosto, repetindo infinitamente o quanto eu não me arrependeria, que seria maravilhoso e que me amava por eu estar com ela em um momento tão importante. Pois ela não só atuaria no filme, mas estava também fazendo parte da produção. Era um desafio e se sentia insegura.

Depois começou a falar sem parar sobre um monte de coisa que, sinceramente, mal me lembrava, só ficava imaginando como me sentiria deslocado parecendo um pinguim ao lado de alguém tão perfeita.

Agora, com o dedo na campainha dela, eu estava me sentindo sufocado, uma vontade louca de sair correndo como se minha vida dependesse disso, mas no momento que a porta se abriu eu me dei conta de que do lado dela era onde eu deveria estar. Pois por aquela mulher incrível valia qualquer tortura, na verdade eu me renderia de bom grado se a minha penitência fosse por ser ousado o bastante de ter me apaixonado por ela.

Se estivéssemos em um lugar qualquer eu nunca daria um segundo olhar para ela, não porque não fosse gostosa e linda, mas sim porque não era para o meu bico. A beleza e elegância dela deviam ser descritos apenas por poetas e filósofos da graça divina. Ela parecia uma deusa e eu era apenas um reles mortal.

Mileni parecia ter saído de canções de amor, poesias de apaixonados, seus olhos brilhavam feito estrelas, os lábios cheios e abertos em um sorriso lindo, o corpo esculpido por um artista estava coberto por um vestido vermelho, com um decote gigante, que clamava pelo pecado.

— Deus, você está linda!

Suas bochechas se avermelharam deixando-a ainda mais encantadora. Seus olhos me percorreram de cima a baixo, analisando-me parado na porta de sua casa.

— E você está muito elegante, ficou magnifico de smoking, Rodrigo.

Remexi os olhos e fiz uma careta.

— Tô me sentindo um pinguim apertado nesse troço.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Tá lindo, de verdade! Vamos então?

— E seu amigo?

— Alex alugou um flat pra ele perto do estúdio de gravações, vai ficar por lá até o final do projeto. — Mileni tinha os olhos estreitos em duas fendas e franzi o cenho tentando parecer desinteressado, quando na verdade estava comemorando por dentro.

Tipo com aquelas dancinhas ridículas que as pessoas fazem quando estão felizes.

— Hum, é mais cômodo pra ele, né?

Ela sorriu e assentiu, tirou a chave da porta, dei-lhe espaço para que saísse e trancasse a porta. Guardou a chave em uma bolsinha pequena, que mais parecia uma carteira e olhou para mim.

— Pode comemorar, sei que você não vai com a a cara do Alex. Não precisa se conter por minha causa.

E mais uma vez me fiz de besta, fingindo não saber do que ela estava falando, dei de ombros e fui caminhando até o meu carro, que tinha estacionado logo à frente.

— Posso guardar meu veloz na sua garagem?

— Veloz? — Mileni caminhou até o outro lado e apertou o botão do portão automático.

Sorri e entrei olhando para ela pelo para-brisa. Manobrei o carro e, quando entrei na

garagem dela, parei e coloquei um braço para fora.

— Gostou do nome do meu possante? Só não te mostro a potência desse bichinho aqui, senão corremos o risco de ficar no meio da rua.

Ela sorriu, se abaixou e cobriu meus lábios com os dela em um beijo suave, Mileni sorria e, quando se afastou, parecia ainda mais linda do que quando cheguei.

— Ainda bem que temos um mecânico, não? Se você preferir podemos ir no veloz, eu não me importo.

Revirei os olhos, esperei que esta se afastasse e terminei de ajeitar o carro na vaga ao lado do carro dela. Esperei que Mileni se aproximasse e destrancasse o carro.

— Imagino que se fôssemos no veloz acabaríamos nas capas de revista dessa vez. Até vejo a chamada da matéria: “Diva aparece em uma abóbora para sua festa ao lado do sapo mais bronco do subúrbio do Rio”.

Ela fez uma careta e me estendeu a chave do carro.

— Ok, isso foi maldoso, mas aceito porque muitas são assim mesmo. Vamos lá, meu sapão, que estamos em cima da hora.

Rindo, dei a volta e abri a porta para ela, que adorou o gesto e se sentou no banco do carona e foi minha vez de me inclinar dando-lhe um beijo suave. Quando me afastei não queria fazer, por mim colaria a boca na dela e dali não saía mais, porém precisávamos respirar, né?

— O que não faço pela minha princesa? Vamos lá enfrentar aquele monte de abutres, loucos, para nos devorar vivos.

O olhar dela para mim era sempre aquele, parecia relaxada e eu acabava ficando, mesmo que estivesse prestes a enfrentar o meu pior pesadelo.

O local que iria rolar a festa não era tão longe dali, Mileni tinha conseguido uma mansão de

um artista famoso emprestada e assim que me aproximei tive aquela vontade de correr de novo.

Levei o dedo para o colarinho e o afastei, aquela porra estava apertada. Paulão, deve ter tido a intenção de me enforcar.

Enquanto esperávamos na fila para entrar com o carro vi um monte de repórteres na porta, pessoas aglomeradas querendo olhar dentro do carro, fãs enlouquecidas quando encontravam seus ídolos.

Meus olhos foram se abrindo e não entendi por que não saltaram para fora de uma vez. Senti uma mão na minha coxa e olhei para Mileni, que sorria docemente.

— Ei, grandão! Não precisa ficara assustado, nós não precisamos descer aqui, ok? Se não abrirmos o vidro, o manobrista saberá que vamos entrar com o carro.

Olhei para as pessoas que deveriam estar lá na frente, eles deveriam estar ali há horas esperando a oportunidades para ver as pessoas que amavam. E eu sabia que se fosse um evento comum, Mileni desceria ali, dando o carro para o manobrista, para que pudesse assim falar com seus fãs. Por minha causa, ela estava disposta a não dar atenção àqueles que a amavam.

Balancei a cabeça, negando sua oferta, e cobri a mão dela com a minha, o dobro do tamanho da dela. Podia sentir meus calos em sua pele macia e sorri. Éramos diferentes demais e isso estava claro só das pessoas olharem para nós. Contudo, era naquele oposto imperfeito que a gente se encaixava perfeitamente.

Apertei a mão dela e sorri.

— Nós vamos descer ali e você vai falar com aquelas pessoas que estão esperando para te ver e se perguntarem o que eu, um filho da puta, está fazendo ao seu lado, eu vou responder com todo orgulho do mundo que estou ali para te amar, só isso.

Porra, estava me sentindo o cara naquele momento. Até para os meus ouvidos aquilo soou foda.

Mileni apenas assentiu e virou-se para a frente, quando a fila andou e o manobrista parou ao lado da porta, olhei para ela, que sorria abertamente e assentiu.

Respirei fundo e soltei o ar pela boca, enchi os pulmões de coragem e abri a porta, saí quase cego pelos flashes, arrumei o paletó e acenei para o manobrista em cumprimento. Era um rapaz jovem que sorriu educadamente para mim, dei a volta pela frente do carro sem conseguir ouvir direito por causa da gritaria e o monte de perguntas que muitos repórteres faziam.

Abri a porta para Milnei e estendi a mão. Ela sorriu da forma mais linda que eu já vi e saiu, já acenando para as pessoas e andamos dois passos até o tapete vermelho que havia sido estendido ali.

Puta que pariu, eu estava andando no maldito tapete! Os idiotas deviam estar vendo isso e se rolando de rir.

Mileni entrelaçou os dedos nos meus e então paramos para que ela pudesse tirar fotos com alguns fãs e parou para falar com um repórter, tudo isso sem me soltar.

Não sabia o que seria melhor, ela continuar me segurando ou me soltar, para que eu pudesse correr daquela loucura toda.

— Eu posso responder a duas perguntas, mas não quero ser filada no momento, ok?

Ouvi ela dizendo a um rapaz que pedia por uma entrevista. Ele assentiu e sorriu.

— Ótimo, já me ajuda muito, obrigado! — Respirou fundo, vi que estava nervoso e não sabia como agir direito. Arranhou a garganta e olhou para mim, pegou um pequeno gravador e o ligou. — Como se sente estando à frente do projeto, dessa vez não só como protagonista, mas na produção de um filme que está sendo tão comentado pela mídia?

Virou o gravador para Mileni, que sorriu realmente feliz pela pergunta do rapaz.

— Estou muito animada, nunca tinha entrado em uma empreitada assim e a cada nova descoberta é como estar começando a atuar de novo, estamos fazendo o melhor que podemos

para que seja um sucesso. A festa já é uma amostra do quanto queremos que esse filme seja um verdadeiro feito, uma história eletrizante e diferente do que estou acostumada a trabalhar. Estamos amando muito trabalhar nesse projeto desde o começo dele.

O rapaz assentiu e olhou para mim de novo. Aquilo estava ficando estranho e poderia apostar que ele estava prestes a perguntar sobre mim.

— O seu parceiro sempre foi Alex Becker e não é segredo que todos pensavam em vocês dois como um casal e até por um tempo vocês alimentaram esse boato. Como fica a relação de vocês agora que você está com alguém? Alex não sente ciúmes? Vocês ficaram mesmo juntos ou tudo não passou de um golpe de marketing?

Enrijeci meu corpo todo e Mileni deve ter percebido, pois acabei apertando a mão dela sem querer. Ela olhou para mim e sorriu, voltou-se para o rapaz.

— Eu disse que iria responder duas perguntas. — O rapaz assentiu sorrindo sem graça e ela continuou: — Eu e Rodrigo estamos juntos pra valer e Alex é um grande amigo, que está muito feliz por eu estar amando e sendo amada. É tudo que precisa saber.

E o rapaz, respeitosamente, desligou o gravador o guardando no bolso.

— Obrigado, Mileni, não sabe como agradeço. Sua entrevista será o meu bilhete para um emprego. — Tirou o celular do bolso e franziu o cenho. — Será que posso tirar uma foto de vocês dois?

— Não tem de quê, espero que consiga mesmo o emprego. Rodrigo?

Ela se virou para mim e arqueou uma sobrancelha, como se perguntasse se eu concordava. Não que eu estivesse disposto a ficar posando para fotos, pois eu sabia que mesmo que tivesse tirado foto com um, outros se aproveitariam para também registrar em todos os ângulos possíveis. Assenti e me aproximei dela, enlaçando-a pela cintura, puxando seu corpo ao meu um pouco forte demais. Mas, porra, eu estava feliz pra caralho com a resposta dela!

Quando o clique foi ouvido, eu percebi que estava mais do que documentado que eu,

Rodrigo Silva, um mecânico bruto do subúrbio do Rio, estava mesmo namorando a diva internacional.

Capítulo 49

Como se o silêncio dissesse tudo
Um sentimento bom que me leva pra outro mundo
A vontade de te ver já é maior que tudo
Não existem distâncias no meu novo mundo
(Meu novo mundo – Charlie Brown Jr.)

Mileni Pontes

Rodrigo parecia prestes a vomitar desde o momento que chegou à minha casa, eu desconfiava que estava desse jeito desde o momento que vestiu o smoking, que diga-se de passagem, estava perfeito nele.

Não sabia como tinha conseguido a roupa, mas provavelmente fora alugado, o que não parecia. A peça parecia ter sido feita para estar naquele corpo forte e gostoso. Porém, eu sabia que ele não teria como comprar um traje daquela qualidade e mesmo sendo alugado deveria ter sido além de suas finanças.

Rodrigo era um homem orgulhoso, por isso eu nem me atreveria a mencionar qualquer coisa a respeito.

Quando chegamos ao portão da mansão, eu sabia que estaria abarrotado de gente, pois colocamos notas em jornais, anúncios em rádios e até na televisão passou o anúncio sobre a festa. Esse projeto estava ganhando grandes proporções e até mesmo convidados internacionais estavam vindo para nos prestigiar.

Não foi nenhuma surpresa para mim aquela recepção, era comum em festas com pessoas

famosas, mas vi no rosto de Rodrigo o quanto ficou assustado com aquilo tudo. Eu tinha medo que o meu mundo o assustasse, não sabia como me sentiria se ele desistisse de nós por causa da forma como eu vivia. Mas ele era mais surpreendente do que eu imaginava.

Com tanta naturalidade, elegância e cavalheirismo, ele lidou bem com toda a situação, gentilmente me ajudou a descer do carro, esperou que falasse com os fãs e ao juntar o meu corpo no dele para uma foto de casal, eu percebi que o meu bruto estava ali. Rodrigo não fazia pose ensaiada ou esperada, mas ele me agarrava como um amante conhecedor do corpo de sua mulher.

E isso, meus amigos, foi algo que me deixou ainda mais feliz, por isso meu sorriso era realmente de felicidade e não o engessado que muitos davam no tapete vermelho e que se desfazia logo que os cliques paravam.

Não pude negar em responder as perguntas do rapaz, mesmo sabendo que ele faria o questionamento sobre Rodrigo, o que poderia deixá-lo desconfortável, o menino só queria arrumar um emprego e conseguir a única minientrevista exclusiva comigo poderia lhe dar essa oportunidade.

Despedimo-nos das pessoas e continuamos andando pelo tapete vermelho, lá dentro estava tudo mais calmo e a decoração do lugar estava impecável. Rodrigo mantinha o braço em volta da minha cintura e percebi que ele estava tenso.

Olhei para seu rosto, os olhos fixos à nossa frente, pouco olhava para os lados, os lábios cheios estavam comprimidos em duas linhas finas, a testa franzida. Estava realmente a ponto e surtar. Resolvi amenizar um pouco o clima.

— Tem certeza de que nunca fez isso?

Ele se virou para mim e franziu o cenho.

— O quê, me apertar numa roupa e parecer um enlatado de músculos? Essa porra sufoca! — Levou a mão até o colarinho e puxou tentando soltá-lo um pouco.

Sorri e balancei a cabeça enquanto ele olhava para mim, prestando atenção no caminho. Era uma subida um pouco longa até o centro da festa, o que nos dava tempo de conversar e suavizar a tensão.

— Não, lidar com a imprensa, com os fãs. Pareceu que você já tivesse feito algo assim.

Rodrigo bufou e negou veementemente.

— Não mesmo, tive vontade de correr dali. Não sei como você consegue responder a tantas perguntas e ainda dar atenção àquelas pessoas todas.

Dei de ombros, sabia o que ele queria dizer, mas sempre foi tão natural para mim, mesmo quando eu estava me sentindo sufocada. As pessoas que gostavam do meu trabalho, que me amavam, eram especiais demais para que eu desse uma de diva metida.

— Acho que ter começado cedo fez com que eu me acostumasse, não sei dizer. Mas sempre amei essa interação e agradeço por ter vindo comigo.

Rodrigo parou no meio do caminho, olhou para mim, estendeu a mão e pegou meu queixo entre seus dedos.

— Eu sei o quanto ama essas pessoas e eu sempre estarei ao seu lado. Se é para te ver feliz, Mileni, eu vou até o inferno e volto.

Aquele homem sabia mesmo o que dizer para mim. Seus olhos doces e quentes afirmavam o orgulho que pude ouvir em sua voz, não tinha experimentado esse tipo de sentimento ainda.

— Eu...

— Ora, se não é o casal mais esperado da festa? — Virei-me ao ouvir a voz de Alex, com o sotaque carregado dele. Parecia estar bêbado, mesmo tendo visto ele poucas vezes nesse estado. — A festa inteira pergunta por vocês, sabia? *Vocês dois*, não só a Mileni.

Rodrigo fechou a cara e olhou para Alex, temi que pudesse explodir finalmente, já que

estava prestes a qualquer momento a fazer isso. Mas então ele sorriu.

— É mesmo? Esperam por mim? — O sorriso era mordaz, sarcástico. Aqueles típicos de quando você está falando com alguém que não gosta, mas precisa tratar bem em prol da educação.

Alex riu, demonstrando como estava mesmo bem bêbado, e assentiu, aproximou-se um pouco e se inclinou um pouco cambaleante. Droga, isso ia dar merda até o final da festa! Tinha que dar um jeito de pará-lo antes que estragasse tudo que conseguimos.

— Estão querendo saber se você é tão bonito quanto parece, e se eu vou te bater... Porque, sabe, para eles você a roubou de mim, mas nós sabemos que não é assim, eu nunca tive chance com a diva, não é, Mi?

O quê? Que merda estava acontecendo?

— Alex, o que você está fazendo?

Ele olhou para mim, sorrindo, mas vi em seus olhos uma sombra que nunca esteve ali antes.

— Eu? — Apontou para o próprio peito. — Nada, só recepcionando o casal mais esperado. — Estendeu a mão, se curvando de forma dramática. — Senhor, senhora?

Franzi a testa e olhei para Rodrigo, que não estava nem um pouco confortável com a situação. Alex estava estranho e notei isso desde o dia que disse que achava melhor encontrar um lugar para ficar, que assim eu poderia ter mais liberdade. Não discuti porque queria mesmo levar Rodrigo mais vezes para a minha casa e com ele lá era estranho, no mínimo. Mas percebi que depois disso ele ficou um pouco distante, não falava muito e quando falava era mais profissional.

Com uma leve pressão, Rodrigo me impulsionou para frente e eu andei mesmo tendo vontade de questionar ao meu amigo o que estava acontecendo.

Nem mesmo olhei para trás para ver se ele nos acompanhava tamanha era a minha

confusão, Rodrigo estava se corroendo de ciúmes e, provavelmente, as dúvidas voltavam a sua cabeça.

Caminhamos para a mesa onde deveríamos nos sentar e não estranhei em ver que Alex havia sido mudado dali. Rodrigo puxou a cadeira para mim e me sentei, bebendo logo de cara um copo cheio d'água. Olhei para ele, que tinha as sobrancelhas arqueadas.

— Eu não sei o que aconteceu com ele, Alex não é de beber, mas quando faz acaba falando besteira. Mas nunca agiu assim comigo.

Ele sorriu amplamente e abaixou a cabeça.

— Você nunca percebeu, não é?

— O que quer dizer?

— Ele gosta de você, Mileni. Eu soube disso desde o primeiro momento, por isso sempre fiquei com um pé atrás. Pode não ser reciproco do seu lado, mas do dele com certeza é. Aquela pose de amigo durou somente até que ficássemos sérios demais. Provavelmente, ele estava esperando não dar certo, como deveria ser comum e você voltar apara ele.

— Hã? Não, tá doido? Alex não gosta de mim!

— Então sempre que seus relacionamentos fracassavam você não voltava pra ele chorando, e ficavam nos braços um do outro a noite toda, se lamentando sobre relacionamentos ruins, e como não existia ninguém que o conhecesse como você?

Fiquei olhando para Rodrigo sabendo que ele estava falando algo que eu não queria ouvir, isso não podia estar acontecendo! Como não percebi?

Estava pronta para dizer a ele que não tinha ideia quando vi os produtores do filme se aproximando. Levantei-me sorrindo, um pouco sem graça, e Rodrigo também se levantou.

— Mileni, como você está linda hoje! A noite está sendo um sucesso, a banda está

esperando e estamos muito animados com a quantidade de convites vendidos e logo o leilão será um sucesso. Nossa, não sabemos como agradecer! — João parecia mesmo muito emocionado.

Luana assentiu e se aproximou dando-me dois beijos no rosto.

— Está tudo incrível e a produção do filme será maravilhosa, assim como o projeto merece! Obrigada!

— Não tem que agradecer, eu me apaixonei por esse projeto assim eu coloquei os olhos sobre ele e vendo o sucesso que está acontecendo me deixa em êxtase. — Virei-me para Rodrigo, que sorria de boca fechada olhando para mim, cheio de admiração e corei sem querer. Apesar da cena incômoda que passamos, ele ainda tinha aquele olhar de desejo e amor. — Deixa eu apresentar para vocês, esse é meu namorado Rodrigo e esses são João e Luana, eles que são os responsáveis por me apresentarem a esse mundo novo e me trazerem de volta a animação do mundo do cinema.

Rodrigo se aproximou com a mão estendida, cumprimentou João com um aperto e pegou a mão de Luana também, mas mais delicadamente.

— É um prazer conhecer vocês, Mileni falou muito sobre o projeto e estou bem animado para ver tudo na tela. Estão sendo fantásticos com ela, mesmo que eu não entenda muito sobre o assunto, só de estarem fazendo-a feliz já fico satisfeito.

Luana sorriu encantada e piscou um olho para mim, naquele tipo de aprovação feminina cúmplice.

— O prazer é nosso em conhecer o famoso rapaz que roubou o coração da Mileni. Saiba que é muito famoso e esperávamos mesmo que aparecesse na festa. Terá tempo para umas entrevistas exclusivas?

Ele arregalou os olhos e virou-se para mim, dei de ombros porque a escolha era sua e eu não diria nada se recusasse. Fora que vindo dos dois provavelmente usariam no making of do filme.

— Tudo bem!

João sorriu e assentiu em aprovação.

— Perfeito! Vamos ver se fazemos hoje ainda, ok?

Rodrigo assentiu colocando as mãos nos bolsos da calça, parecendo mais à vontade agora que tinha se enturmado um pouco. Ele estava tão elegante naquele smoking!

Luana colocou um dedo no ouvido, provavelmente escutando alguém em seu ponto.

— Mileni, você pode nos acompanhar? Parece que a banda precisa acertar os detalhes conosco e gostaria que estivesse presente, já que os conhece com mais intimidade.

Virei-me para Rodrigo com o cenho franzido e ele balançou a cabeça, sorrindo.

— Pode ir, vou dar uma volta e pegar algo para nós bebermos.

Fiz uma careta, não queria me afastar. Sabia o quando ele estava desconfortável ali e que tinha ido à festa somente porque eu pedi. Aproximei-me e o abracei, dando-lhe um beijo no rosto.

— Volto logo, tá?

Ele assentiu e logo me vi arrastada por dois produtores entusiasmados, fui levada até dentro da mansão e logo que cheguei vi que o clima do rock já estava reinando no recinto.

John, Kim, Alysson e Chris formavam a Jack Rock[8], a banda mais badalada do momento. Eram um bando de meninos comandados por Elle, que devia cortar um dobrado com aqueles garotos.

Aproximei-me e o primeiro a me ver foi John, que sorriu, e cutucou Chris.

— Ora, se não é a nova produtora de sucesso? Vai ter que fazer o nosso próximo clipe, Mileni!

Balancei a cabeça e parei de frente a eles, cruzei os braços e estalei a boca.

— Não sei não, vocês são muito bagunceiros, acho que não dou conta.

Chris deu de ombros e se levantou aproximando-se com aquele andar preguiçoso dele. Gente, todos aqueles garotos eram lindos demais! Seria um requisito para roqueiros ter aquela sensualidade toda?

— Se a Elle consegue dar conta, você também consegue. — Deu-me um superabraço e então se afastou.

— Falando nela, por que não veio?

Ele arqueou uma sobrancelha, olhou pra John, que não tinha a cara muito boa.

— Algum problema relacionado à certo rapaz, sabe? Ela teve que resolver, mas mandou um beijo pra você. — Ele sorriu amplamente e olhou em volta. — Lugar legal esse, hein! A festa está incrível! Só vimos figurões por aí.

Assenti, me virando, e vi que Luana e João haviam parado para falar com alguém.

— Sim, trabalhamos muito para que desse certo e agradecemos demais por terem vindo me ajudar.

— Não tem que agradecer, mas o que falei é sério. Queremos que produza o nosso próximo clipe, tá nos devendo essa.

Eu não sabia como responder, não tinha experiência produzindo e o filme era a minha primeira tentativa, tive medo sim de fazer besteira. Toda a a minha apreensão voltou e, como se tivesse sido invocada dos infernos, a responsável por eu acreditar tão pouco em mim mesma estava parada a alguns metros dali conversando com o dono da mansão e o mais aclamado diretor do país.

— Chris, se me dá licença, preciso fazer uma coisa.

Virei-me sem nem mesmo falar nada com Luana e João, queria mesmo era fugir e não deixar que Fátima me visse. Ela se manteve em silêncio por tempo demais e agora estava ali.

Coisa boa não deveria ser, pois a mulher não tinha boa fama. Não era substituída sem dar o troco. Ela deveria estar armando alguma coisa, eu deveria ter desconfiado. Agora não sabia o que fazer, não poderia expulsá-la.

Estava sufocando e precisava encontrar Rodrigo para que me tirasse aquilo da cabeça, ou pelo menos estivesse comigo quando a bomba explodisse. Ainda mais agora que Alex estava estranho e tinha sumido.

— Vejo que foi idiota o bastante para manchar a sua imagem com aquele pobre do subúrbio. Não aprendeu nada, Mileni?

Fechei meus olhos, estava quase saindo de dentro da casa e quase escapei dela. Mas, pelo visto, Fátima havia me seguido, planejado seus passos detalhadamente. Eu que fui burra em não me preparar. Na verdade, esqueci completamente daquela mulher e agora pagaria por minha ingenuidade sobre o silêncio dela.

Dei meia volta com um sorriso no rosto.

— Fátima, não sabia que tinha sido convidada para a festa do filme que você recusou antes mesmo de me consultar.

Ela fez um muxoxo, demonstrando claramente sua arrogância.

— Você esqueceu que eu conheço todos do meio, não? Foi só ligar para o Marcos, que fui convidada no ato.

Assenti, muito contrariada, mas forçada a aceitar, pois Marcos havia cedido sua mansão sem cobrar nem um centavo, apenas pelo fato de já termos trabalhado juntos e dado muito certo.

— Bem do seu feitio fazer as coisas dessa maneira. Espero que tenha gostado de tudo que

fizemos. Você ensinou Diego direitinho, tenho que lhe agradecer pelo projeto maravilhoso que colocou nas mãos dele — disse sorrindo e sabendo que ela ficaria irada tendo isso jogado seu rosto.

Os olhos dela estavam soltando labaredas de tanta raiva.

— Você pensa que está por cima, não é mesmo, Mileni? Cercou por todos os lados me impedindo de reclamar o que era meu de direito, uma indenização pelos anos perdidos e por tudo que me fez sofrer causando a morte do meu filho. — Ela estava usando aquilo para me atingir, eu sabia disso e mesmo assim não deixou de doer. — Fica exibindo a sua vulgaridade com aquele mecânico e não sabe que ele está te usando, apenas de olho no seu dinheiro. Quem iria querer ficar com você além disso, Mileni. Por causa de você ser baixa e sem classe e ainda com dinheiro. Prato cheio para homens como ele!

Aquelas palavras foram cheias de veneno, tóxicas e doentias. Não precisava ouvir nada daquilo. Por isso apenas sorri para ela.

— Espero que aproveite a festa e se puder arrematar alho do leilão será bem-vindo. Se me dá licença.

Virei-me saindo de perto dela, senti meu corpo pesar uma tonelada. Arrastava meu corpo e precisava esquecer tudo que ela me disse.

Continuei em minha busca por Rodrigo, mas ele não estava na mesa nem no bar, imaginei que quereria se afastar das pessoas e só havia um lugar mais distante onde deveria estar se refugiando.

Ao passo que fui me aproximando da fonte bizarra que tinha na casa ouvi vozes e ao chegar na esquina vi que ele falava com Lívia Lessa e pareciam íntimos até demais.

Senti um arrepio na espinha, o ciúme me corroendo, mais uma vez, e as palavras de Fátima voltando a minha mente como um mau presságio.

Capítulo 50

Você diz não saber
O que houve de errado
E o meu erro foi crer
Que estar ao seu lado bastaria
(Meu erro – Os Paralamas do sucesso)

Rodrigo Silva

Para cada canto que olhava parecia que as pessoas estavam me observando, me etiquetando, rotulando-me, me desclassificando.

E quando riam, de qualquer coisa, eu achava que tinha algo errado com a minha roupa. Olhei diversas vezes para ver se não tinha rasgado, assim como Jorjão disse que aconteceria, mas estava tudo no lugar.

Eu estava enlouquecendo mesmo e sabia que se Mileni não voltasse logo para distrair a minha cabeça, provavelmente eu faria alguma besteira. Tipo, parar no meio da festa e gritar com um daqueles burgueses e perguntar se tinham perdido alguma coisa.

Vi uma pequena fonte bem distante do local onde tinham disposto as mesas e fui até lá, seria o esconderijo perfeito. Só queria saber de quem era aquela casa, quanta extravagância fazer uma fonte, com um chafariz, e ainda por cima um cara pelado feito de gesso no meio dela.

Se Paulão ou Jorge estivessem ali provavelmente estariam falando um monte de besteira sobre aquilo. Até podia adivinhar o que diriam: *"Esse povo gosta mesmo de ver uma pica, olha*

o tamanho dessa porra! Tô me sentindo um eunuco agora!", e isso me fez rir, aliviando um pouco a tensão que estava sentindo.

Eu estava sendo ridículo e precipitado, não havia sido maltratado por ninguém, talvez eu fosse o preconceituoso ali e não as outras pessoas. Mas é que meu passado estava voltando de uma forma que eu não gostava, podia ouvi-la me dizendo que não me encaixava naquele mundo, que só servia para ser um segredo, e isso estava me enlouquecendo.

— Quando vi sua foto no jornal, não quis acreditar que era mesmo você, mas te vendo aqui...

Meu corpo todo travou, fiquei congelado no lugar. Nunca me esqueceria daquela voz e as palavras que me dissera, que fizera com que eu me fechasse para tudo. Que me fez duvidar de mim me mesmo. Que quase me fez abrir mão de alguém que realmente valia a pena.

Parecia que o passado estava mesmo me assombrando!

Engoli em seco e me virei com as mãos nos bolsos e os olhos arregalados. Quando a vi, parada ali naquele caminho de pedra, ela era exatamente como me lembrava, arrogante e cheia de soberba só em seu modo de ficar parada, contudo, agora mais velha, a malícia em seus olhos azuis se tornaram mais visíveis. Não se parecia em nada com uma garota doce e inocente.

— Lívia?

Ela sorriu, virou a cabeça um pouco de lado e se aproximou. Segurava uma taça de champanhe e tinha os olhos fixos em mim.

— Então se lembra de mim? Pensei que houvesse me esquecido.

— E como isso seria possível?

Lívia mordeu os lábios, balançou a cabeça e me olhou de cima a baixo, deixando-me mais incomodado ainda.

— Você mudou, Rodrigo! Tá maior do que me lembrava.

Eu reconhecia aquele tom de voz, éramos jovens quando estivemos juntos, mas isso não havia mudado. Ela me via como um objeto sexual.

— O que você está fazendo aqui?

Eu não estava a fim daquela conversa idiota e nem de entrar no joguinho dela. Lívia franziu o cenho e deu de ombros, como se não se importasse para nada e eu não duvidava de que fosse mesmo real, tomando um gole do champanhe.

— Essa é minha casa. Não sabia? — Quando neguei com a cabeça e ela riu, me fazendo recordar de quando a vi pela última vez, que na época fez a mesma coisa ao me dizer que eu era muito ingênuo sonhando com contos de fadas e que princesas se misturavam com plebeus. — Quando eu te vi nos jornais com a Mileni Pontes e depois soube que ela estava procurando local para sua festa, precisei convencer, se é que me entende, o meu marido a emprestar a mansão para ela. Não usamos muito aqui, mas ele não gosta de partilhar, sabe? Porém, que chances eu teria de te encontrar de novo se não fosse assim? — Suspirou de forma bem sugestiva e sorriu de lado. — Rever você e notar o quanto está mais forte me deu saudade.

A doçura fingida em sua voz estava me dando asco e eu precisava sair dali logo. Sentia que estava sufocando, era como se uma mão invisível apertasse minha garganta e, pela milésima vez, tentei afrouxar o colarinho. Aquilo daria merda se eu não saísse logo dali!

— Então você se casou com aquele seu noivo? — Tentei mudar de assunto, não estava pensando direito, tinha que ter deixado a mulher ali, falando sozinha.

Ela sorriu sabendo exatamente o que estava causando em mim. Que me incomodava, e até mesmo isso era um tipo de poder que damos a alguém. Não devemos dar munição a quem nos fez mal demonstrando claramente o quando ela nos atingiu.

— Sim, mas nós nos divorciamos dois anos depois, não deu muito certo. Tivemos alguns problemas financeiros e precisei seguir com a minha vida. Sabe como é, né? — Sorriu como se aquela conversa entediante e idiota tivesse algum sentido para mim. — E estou casada agora

há três anos e muito feliz.

Eu imaginava que tipo de problema o cara teve, provavelmente não atendia ao padrão do que ela precisava para ser bajulada, então deu um pé no coitado apaixonado para abocanhar outro ricaço. Assenti amargo e sorri, imaginando o tipo de felicidade a qual ela se referia. Olhando-me daquele jeito, eu tive até pena do coitado que se amarrou com ela. Devia ter uns belos pares de chifres.

— O que você quer dizer, com a conta bancária maior, não?

Seu sorriso esmoreceu um pouco e percebi que Lívia não tinha gostado do meu comentário, sabia que rebateria.

— Não se faça se idiota, Rodrigo, você também não está com a Mileni por causa dos belos olhos, não? Olha só pra você! Bem-vestido, essa roupa lhe caiu muito bem. Sempre soube que o glamour faria maravilhas em você. Até parece gente!

E lá estava, a flechada que estava esperando desde o primeiro momento. Desde que que eu aceitei ficar com Mileni, sabia que pensariam ser por causa de dinheiro. Eu esperava por aquele julgamento, um cara como eu, com minha situação financeira, era como um caçador de recompensas, não?

O ódio queimava minha garganta e não sabia como minha voz sairia. Aproximei-me dela, ficando tão perto, que podia sentir o bafo de álcool. Lívia não tinha tomado apenas champanhe naquela noite. Seus olhos azuis estavam apagados, não eram como quando estávamos juntos. Agora pareciam frios e sem vida. Os cabelos ainda mais platinados estavam impecáveis, ela era linda, mas só eu a conhecia como era realmente. Na verdade, eu tinha pena do marido que, provavelmente, não sabia a cobra que tinha na cama dele.

— Não sou você! Nunca quis dinheiro e prova disso é quando eu não quis aceitar a sua proposta suja de ser o seu amante para que me sustentasse enquanto você se fazia de prostituta de luxo transando com ricaços por grana. Não me julgue pelo seu molde e não ouse falar o nome de Mileni, pois sua boca é muito suja para ao menos pronunciar o nome dela.

Lívia respirava com dificuldade e via o quanto estava abalada com as coisas que disse, talvez por causa de seu ego ferido ou porque percebeu não ter me atingido como gostaria. Que ela continuasse pensando assim e nunca desconfiasse o quanto me feria estar tão perto de tudo que imaginei que pensariam de mim.

— Agora, se me dá licença, preciso respirar um ar menos carregado. Não sou apto a estar no mesmo lugar que a senhora.

E saí dali sem nem mesmo olhar para ver se alguém nos observava, voltei para a mesa e ao me aproximar vi que Mileni estava sentada lá, com o olhar perdido nas pessoas que passavam por ela, cumprimentavam uma a outra com um pequeno aceno, observava casais dançando na pequena pista de dança.

Senti um tremendo alívio ao encontrá-la. Porque, depois de meu encontro inesperado, a minha primeira reação era fugir, mas sabia que Mileni não entenderia e ficaria magoada.

Nunca tinha falado com ela sobre Lívia.

Estava a alguns metros da mesa quando Mileni se virou e me viu, sorriu tão abertamente, com um brilho tão sincero em seus olhos, até mesmo a sua expressão corporal era autêntica.

Como pude um dia comparar as duas daquela forma? Onde estava com a cabeça ao ligar uma coisa à outra? Eu era mesmo um idiota teimoso! Uma mula empacada, como dizia meus amigos.

As pessoas podiam mesmo me julgar, dizer que eu estava atrás de dinheiro, porém o que importa era a verdade. E isso ninguém poderia tirar de mim; eu amava a pessoa que Mileni era e nada mais importava.

Apressei os passos e parei ao lado dela, puxei-a pela mão e a coloquei de pé, colando seu corpo no meu, da forma que sabia que gostava.

Mileni sorria agora cheia de diversão e o seu perfume me levava à loucura.

— Você acha que se eu te der um beijaço aqui, vamos dar um show para esse monte gente que não para de nos olhar?

Ela virou a cabeça discretamente vendo que estávamos mesmo sendo observados e balançou a cabeça devagar.

— Com certeza!

— Ótimo!

E sem pensar em mais nada, eu a beijei de uma forma que nunca tinha feito em público, na verdade tinha sim, mais ou menos. Quando eu não sabia que a mulher em meus braços era uma celebridade.

Mileni não se fez de rogada ou qualquer coisa, devolveu minha voracidade com ímpeto. Seus lábios se moviam contra os meus e seu corpo estava quente por baixo de toda aquela roupa.

Minha vontade era de arrastá-la para fora daquela festa, levar a qualquer lugar mais íntimo e tirar todas aquelas coisas da cabeça, mandar as lembranças e dúvidas embora. Queria ficar só com ela e mais ninguém!

O furor que sentia era tanto que acabei mesmo esquecendo que estávamos em público e só a soltei porque precisava respirar. Droga de pulmão!

Quando me afastei e abri os olhos, Mileni me observava sorrindo abertamente, seus olhos estavam lânguidos e as bochechas coradas denunciavam o desejo que a consumia.

Podia até adivinhar que tipo de pensamento passava por sua cabeça. Sorri de lado e levantei a mão, passando o polegar por seu rosto e limpando o batom que havia borrado.

— Senti sua falta!

— Uau, preciso me ausentar mais então, deixa eu ir ali.

Ela fez que sairia dos meus braços e a prendi um pouco mais forte. Estávamos numa mesa bem perto do palco montado para o show e bastante à vista de curiosos, por isso, pelos cantos dos olhos, podia ver muita gente nos olhando e cochichando.

— Não, senhora, vai ficar aqui comigo!

— Hum, eu acho que não quero ir a lugar algum, mesmo. Estamos na mesma sintonia. — Franziu o cenho. — Não que eu esteja reclamando, mas o que deu em você para ficar com esse... entusiasmo todo?

Sorri de lado e passei as costas dos dedos por sua bochecha macia.

— Não posso querer beijar a mulher que amo?

— Pode sim, a qualquer hora em qualquer lugar. — Mordeu o lábio inferior, sorrindo. — Adoro quando você fala assim, sabia?

— O quê, que te amo?

Ela assentiu com veemência e parecia que o sorriso dela, se fosse possível, apenas aumentava mais.

— Mas eu amo mesmo e não tenho vergonha de dizer isso, se quiser eu grito aqui para que todos ouçam.

Fiz que iria gritar e ela arregalou os olhos apertando mais o corpo no meu, me puxando pela lapela do smoking.

— Não precisa, só fala baixinho no meu ouvido que tá bom demais!

Ah, aquela voz doce, sussurrada daquele jeito, quando ficava rouca me deixava louco de tesão. Senti que meu corpo já estava respondendo — *já tinha respondido, na verdad*e — a nossa aproximação e precisava distrair minha cabeça um pouco, ou senão ficaria exposto demais. Aquela calça fina não esconderia minha reação a Mileni.

— Você tá ficando de mala?

Droga, ela havia percebido e sorria achando graça da minha reação fisiológica que não podia ser controlada.

— Sua culpa, quem manda me beijar desse jeito? Ficar falando com essa voz de sexo.

Mileni olhou para os lados, vendo se tinha gente muito perto para nos ouvir. Havia música um pouco alta, por isso abafaria nossa conversa.

— Como assim? — Se aproximou e mordeu minha orelha devagar. — Quem manda você ser gostoso e me beijar desse jeito na frente dessas pessoas todas?

— Ficou excitada de estar sendo observada, é? — Merda, a situação estava piorando. — Porra, Mileni! Não tá ajudando, precisamos distrair a cabeça. Isso se não quer que as pessoas me vejam desse jeito.

Afastei-me e olhei para baixo, onde nossos corpos estavam colados e podia ver que a situação estava complicada. Ela riu, olhou para os lados e arqueou as sobrancelhas.

— De jeito nenhum, ninguém pode ver o seu pacote. Quer dançar comigo?

Olhei para ela com uma careta. Ficar coladinho no corpo dela ajudaria muito mesmo, né?

Capítulo 51

Que bom viver, como é bom sonhar
E o que ficou pra trás passou e eu não me importei
Foi até melhor, tive que pensar em algo novo que fizesse sentido
(Lugar ao sol – Charlie Brown Jr.)

Mileni Pontes

Não pude deixar de rir da cara que ele fez quando o convidei para dançar. Mas não via outra forma de distrair sua cabeça enquanto escondia a "situação" na qual se encontrava.

Quando assentiu concordando com minha proposta, me virei de costas para ele e puxei-o de encontro ao meu corpo colando-o em mim, assim escondendo seu estado e quem visse de fora achariam que éramos apenas namorados apaixonados indo dançar. O que não deixava de ser verdade, só com um adicional peculiar.

Porém, Rodrigo não via a minha solução para o seu problema tão promissora como eu e gemeu quando seu quadril encostou em meu bumbum.

Bem, confesso que fiquei com um calor intenso naquele momento, pois pude sentir claramente o quanto ele estava me desejando, se é que me entende.

Rodrigo tinha um poder sobre mim que era algo delicioso, me deixava mais leve e relaxada. Desde o momento em que o vi caminhando em minha direção, com aquele andar de predador, de quem sabia exatamente o que queria — quem queria —, ele tinha um foco e esse foco era eu. Fez com que esquecesse o meu encontro com Fátima e todas as baboseiras que ela disse, eu

não duvidava por um minuto das intenções dele, o quanto era íntegro, um cara trabalhador. Nunca pensaria que estivesse interessado em dinheiro.

Porém, ele era um homem bonito e desejável, claro que teria mulheres atraentes querendo ele também aonde quer que fôssemos, não importava a classe social. Quando o vi conversando com Lívia Lessa senti meu corpo todo pesado, minhas inseguranças e paranoias me sufocando. O eco das palavras da Fátima repetia em minha mente e me senti estranha, receosa, com a autoestima no chão.

Mas ao ver a forma como ele olhava para mim, como ficava excitado somente em me beijar, mesmo estando em público, no meio de pessoas que ele não se sentia confortável em estar no mesmo lugar, era a comprovação que precisava naquele momento para deixar tudo aquilo de lado.

Paramos no centro da pista de dança e me virei para ele, sorrindo, Rodrigo parecia tenso e quando nossos corpos se encostaram percebi que nada adiantou para o seu problema, que estava ainda mais intenso.

— Uau! — exclamei com os olhos arregalados e uma vontade quase incontrolável de rir.

— Uau, né? Você, mulher, é uma provocadora, viu? Só piorou minha situação e sinto que dançar com você, desse jeito, colado nesse corpo que só me traz lembranças boas... — Fechou os olhos como se estivesse em sofrimento. — Porra, não consigo! Tô parecendo um adolescente cheio de tesão.

Senhor! Até sendo engraçado Rodrigo conseguia ser sensual.

— Eu não estou diferente, amor. Só que infelizmente para você e felizmente para mim, meu desejo não fica tão explicito.

Ele abriu os olhos e sorriu amplamente, como um lobo, sexy pra caramba.

— Isso para quem não te conhece de verdade, porque eu vejo em seus olhos lindos a forma como está excitada. Como o toque das minhas mãos cheias de calos em sua pele delicada

fazem suas pupilas dilatarem. Como a minha voz faz com que se arrepie e, com certeza, essa cabecinha está como uma máquina de lembranças, imaginando mil coisas que poderemos repetir quando voltarmos pra casa. Tô certo?

Droga! Suspirei profundamente porque suas palavras me deixaram ainda mais quente. Dançávamos devagar, eu estava com meus braços em torno de seus ombros largos e fortes, Rodrigo me segurava pela cintura, nossos quadris estavam bem perto, não juntos, mas meus seios roçavam em seu peito. Ficar daquele jeito com ele era deliciosamente familiar.

— Eu acho que você já está me conhecendo bem demais.

Deu de ombros como se não fosse algo importante.

— É porque você é muito transparente, Leni. Eu sou só bastante observador para te decifrar. Por exemplo: quando voltou, sei que aconteceu algo que te incomodou, mas você não quer pensar sobre isso e está tentando se distrair.

— E como você sabe disso?

Rodrigo sorriu, me fazendo ficar um pouco assustada pelo fato de me conhecer tão profundamente daquele jeito. Poucas pessoas eram capazes de me ler de verdade, não era tão transparente assim como ele disse, só quem me amava e me conhecia de verdade é que eu não conseguia esconder nada.

— Quando você está preocupada ou chateada, franze a testa de um jeito bonitinho, que aparece uma ruguinha bem aqui. — Levantou a mão e tocou no meio da minha testa. — É bem discreto, mas eu gosto de te olhar e já percebi essas coisas singelas.

Eu não sabia se ria ou se chorava de emoção.

O amor é uma construção de pequenas coisas, pequenos gestos, pequenos sentimentos que se tornam gigantes, pequenos momentos inesquecíveis. E também são pequenas coisas que acabamos conhecendo do outro que faz com que nenhuma pessoa te conheça melhor, nem mesmo você. O amor é um complemento de si mesmo, uma parte que muitas vezes nem

sabemos que falta, mas quando ela está ali encaixada e te preenchendo plenamente, é que percebe o quanto sua metade era esperada.

Eu não entendi o porquê de ter demorado tanto para conhecer Rodrigo, se estivemos tão perto a vida toda, mas Deus faz as coisas no tempo certo. Talvez se fosse mais jovem, eu não teria maturidade o suficiente para apreciar o homem que ele era, ou talvez não estivéssemos preparados para o sentimento tão forte que nos derrubou sem que esperássemos. Ambos fomos surpreendidos por ele, que chegou de repente, criou raízes profundas e aquilo dava medo.

— Você sabe que é doce, né?

— Não deixe ninguém saber, ok? Preciso continuar dando pinta de durão.

Pisquei um olho e me aproximei, deitando em seu peito forte. Apesar de estar usando um salto enorme, ainda assim Rodrigo era maior que eu, o que me permitia continuar me sentindo protegida por ele.

— Seu segredo está guardado comigo, pode deixar.

Estavámos nos balançando devagar, ao ritmo daquela música tão gostosa e romântica. A voz do Ed Sheeran, cantando *Perfect*, enchia nossos ouvidos e nos trazia uma paz, um sentimento de que tudo ficaria bem. Que o nosso amor era real e que éramos merecedores de senti-lo. A letra da música era tão repleta de verdade, fechei meus olhos apreciando o momento de estar com ele, de estar nos braços de um homem tão incrível, de ser amada por ele, da felicidade que me invadia só de estar ali.

Your heart is all I own
(Seu coração é tudo o que eu tenho)
And in your eyes you're holding mine
(E, em seus olhos, você está segurando o meu)

Podia perceber o quanto ele estava mexido também com tudo que nos acontecia, Rodrigo

tinha seus problemas, suas dúvidas e medos. Eu sabia disso mesmo que ele se negasse a falar do assunto. Sabia que grande parte era sobre a nossa diferença social, notei em pequenas coisas, atitudes e gestos dele, mas mesmo assim ele permanecia certo de que queria ficar comigo.

Well, I found a woman
(Bem, eu encontrei uma mulher)
Stronger than anyone I know
(Mais forte que qualquer uma que eu conheça)
(...)
I found a lover
(Eu encontrei um amor)
To carry more than just my secrets
(Para carregar mais do que apenas meus segredos)
To carry love, to carry children of our own
(Para carregar amor, para carregar nossos filhos)

E como dizia a música, eu esperava ser forte e superar o meu passado, as dúvidas e culpa que carregava. Entender de uma vez por todas que dessa vez daria certo, que dessa vez era real e não uma ilusão, uma vontade tão grande de viver o amor, que me fez afogar, perdendo-me nas estradas da vida.

— Já te disse hoje que te amo?

E era tudo que eu precisava ouvir naquele momento.

Balancei a cabeça, ainda deitada em seu peito e ouvi que ele riu baixinho.

— Pode dizer quantas vezes quiser, que nunca vou me cansar de escutar.

Rodrigo abaixou a cabeça, beijou minha testa e sussurrou:

— Eu amo você, Mileni Pontes!

— Eu também te amo, Rodrigo Silva!

E tudo que a gente precisava para ficar bem era estarmos juntos e confiar que poderia dar certo.

— Ei, vocês dois! Vão ficar grudados aí a noite toda ou vão dar espaço para as outras pessoas se aproximarem?

Aquela voz irritante me atormentou a vida toda. Sorri e levantei a cabeça do peito do Rodrigo, que também sorria e olhava meu irmão com diversão.

— Você só está com inveja, Diegão!

— Deus me livre dessa melação toda. Mas é sério pessoal, está difícil de ficar vendo isso e não imaginar mil coraçõezinhos em cima de vocês, acredito que até tive um lapso em querer algo assim para mim, precisei vir interromper o casal vinte.

Revirei os olhos e olhei para Rodrigo.

— Problema resolvido?

Ele piscou sedutor.

— Por enquanto!

Assenti percebendo a insinuação com que ele falava, nosso retorno para casa prometia. Virei-me para Diego e franzi o cenho.

— O que te fez vir aqui atrapalhar a gente, pé no saco?

Ele levantou as mãos na frente do corpo e sorriu.

— Nossa, ficou agressiva, maninha! Não que eu quisesse interromper o momento dos dois,

mas é que não encontro seu parceiro em lugar nenhum e a Jack Rock está pronta para subir ao palco, logo depois tem o leilão, então a senhorita vai ter que apresentar a banda.

Eu não queria saber de Alex; se ele estivesse tão bêbado quanto parecia, o melhor era que tenha dormido em algum lugar da casa e voltasse a dar as caras quando estivesse sóbrio.

— Eu encontrei Alex quando cheguei, mas não sei onde está agora. — Olhei para Rodrigo, que tinha fechado a cara ao ouvir o nome do meu amigo inconveniente. — Já volto, não saia daqui.

Ele assentiu e se abaixou para me dar um beijo suave. Voltei-me para meu irmão, que sorria se balançando nos calcanhares.

— Vocês dois são tão enjoativos.

— Cala a boca, Diego! — eu e Rodrigo falamos em uníssono e então saí sorrindo, caminhando em direção ao palco.

Vi que a banda esperava nos bastidores e acenei, piscando para eles. Assim que subi no palco uma luz que me cegou foi apontada para mim, e apesar de estar acostumada com tudo aquilo, agora que já tinha anos de careira, era a mesma sensação e nervosismo de sempre, e olha que nem era eu que iria apresentar o show.

— Boa noite, pessoal. Em nome de toda a produção do novo filme, produtores, atores, autora e toda equipe, quero agradecer a presença e contribuição de vocês para que seja um sucesso. Agora, em forma de agradecimento, espero que estejam preparados para um pouco de rock ‘n’ roll para a noite maravilhosa. Com vocês, a banda Jack Rock!

Comecei a bater palmas e me afastei dando espaço para que os garotos tomassem seus lugares. Logo as pessoas começaram a se aglomerar na pista e eu sabia que perderia Rodrigo de vista, apertei meu passo para me aproximar dele, e assim que desci as escadas senti uma mão me apertando forte e impedindo-me de continuar. Olhei para o intruso que teve a audácia de me tocar e dei de cara com Alex, claramente embriagado e muito confuso.

— Preciso falar com você, Mileni!

— Não tenho nada para falar com você. Me solta, Alex!

Ele olhou para a mão em meu braço, percebendo a agressividade de sua atitude e me soltou, coçando a cabeça, fazendo uma bagunça ainda maior nos cabelos do que já estava.

— Por favor, preciso me explicar.

— Vai cuidar dessa bebedeira, tenho que voltar para o Rodrigo, dá licença.

E me enfiei no meio das pessoas antes que ele tivesse oportunidade de dizer mais alguma coisa. Não estava preparada para ouvir o que ele tinha a dizer, ainda mais se a desconfiança de Rodrigo estivesse certa.

A música já estava alta, os meninos arrasavam no palco, a beleza, charme e talento deles era receita de sucesso. Eu sabia disso, já os conhecia assim como o trabalho deles, por isso não hesitei em fazer o convite.

Vi que Rodrigo não estava mais no meio da pista e tinha se afastado um pouco para o canto esquerdo, onde era mais escuro e privado. Sorri achando graça que ele sempre procurava se isolar das pessoas.

Assim que cheguei ao seu lado, ele me abraçou.

— Senti sua falta, princesa!

E mesmo nunca tendo gostado de ser chamada assim, por ele eu amava, pois me fazia sentir especial de uma forma que nunca tinha sentido.

Capítulo 52

Quando eu me perco é quando eu te encontro
Quando eu me solto, seus olhos me veem
Quando eu me iludo é quando eu te esqueço
Quando eu te tenho, eu me sinto tão bem
(Você me faz tão bem – Detonautas)

Rodrigo Silva

Sempre gostei de música boa e na adolescência acabei me tornando um roqueiro de carteirinha. Mas gostava de poucas bandas depois de noventa e cinco, porém a Jack Rock até que fazia um som legal.

Os meninos tinham talento, isso ninguém poderia negar. Mileni estava a minha frente, naquele cantinho escuro que tinha encontrado, batendo os pés ao som do rock dos garotos, seu corpo colado no meu e eu a rodeava com os braços.

Quando iria imaginar que estaria em uma festa de ricos daquela, assistindo a um show de uma banda internacional enquanto abraçava a estrela da festa?

Isso nunca passaria pela minha cabeça, nem nos meus sonhos, na verdade. Eu era um cara bem realista e ciente de meu lugar no mundo.

Mas, enfim... A vida costuma nos pregar peças, não?

— De onde você conhece a Lívia Lessa?

Mileni se esticou e falou, gritou na verdade, tentando ser ouvida acima da música. Inclinei-me para perto dela.

— O quê? Quem?

— Eu vi você conversando com ela perto da fonte, de onde a conhece?

Meu corpo gelou, não gostava que tocassem no nome daquela mulher e já tinha até esquecido que a tinha visto ali. Lívia era um passado que não gostava de trazer à tona, dei graças pelo lugar estar cheio e não ter que esbarrar com ela outra vez.

— É... eu... — Que porra era aquela? Por que estava gaguejando daquele jeito?

Senti Mileni ficar tensa em meus braços e então ela se virou olhando para mim com o cenho franzido.

— O que foi, Rodrigo? De onde a conhece? Porque para mim pareceram bem íntimos, mais do que um encontro casual de dois estranhos.

Suspirei pesadamente, não via necessidade de contar a ela sobre algo que aconteceu há tanto tempo, não significava nada para mim. A não ser meu ego que havia sido ferido e minha autoconfiança que fora jogada no chão transformando-me num homem mais desconfiado e até preconceituoso na questão de diferenças sociais.

Mas, pelo jeito, se não dissesse a verdade ela criaria mil histórias na cabeça e acreditaria nelas acabando com a nossa noite. Não permitiria que Lívia tivesse esse poder.

— Eu a conheci há muito tempo, Leni. Namoramos por alguns meses, mas acabou de uma forma ruim e não gosto de falar sobre o assunto.

Ela piscou duas vezes, provavelmente assimilando o que eu tinha dito.

— Você namorou a Lívia Lessa? Esposa do diretor de cinema mais aclamado do mundo?

Revirei os olhos, como se eu soubesse disso... Dei de ombros acariciando sua cintura, que

ainda estava rodeada por meus braços.

— Eu a conheci no shopping, eu e os caras íamos lá jogar videogame, porque no bairro não tinha os jogos que gostávamos e aproveitava para paquerar as meninas. Ela estava sentada lá sozinha, acabei me aproximando e aconteceu, mas foi um erro. Ela não era a esposa desse homem ainda, se é o que pergunta.

— Por que não me falou sobre ela antes? Você me disse que nunca tinha namorado.

Sorri para ela, Mileni estava segurando o ciúme que começava a surgir dentro de si, eu reconhecia o sentimento, pois o senti algumas vezes quando chegamos na festa. Quando fomos abordados por Alex e quando vi vários babacas a olhando como se a quisessem levar para a cama.

— É algo que eu não gosto de ficar falando sobre, amor. Não acabou bem, ela me usou e queria me manter em segredo. Não foi um namoro realmente, eu era apenas um meio para ela se satisfazer. Vendo agora sei que Lívia sempre foi o que ela aparenta ser hoje, uma mulher persuasiva que consegue o que quer, a qualquer custo, mesmo que tenha que ser passando por cima dos outros. Eu não me encaixava em sua vida e deixou bem claro para mim, com todas as letras. Então não gosto de ficar falando sobre isso, se soubesse que iria encontrá-la aqui teria te falado sobre isso antes, para que não tivéssemos esse desconforto, sinto muito não ter dito nada.

Seus olhos estavam fixos nos meus e a senti relaxar um pouco sob minhas mãos, a respiração estava mais calma e fiquei aliviado de não ter criado um clima por causa de alguém que não valia a pena.

— É por causa dela que você tem tanto receio quanto às diferenças sociais?

Engoli em seco e assenti, aquilo era duro de admitir, mesmo eu nunca tendo falado sobre isso tão abertamente, pelo jeito era claro para Mileni o meu receio.

Ela fez uma careta e olhou para os lados, a banda tocava sem parar e as pessoas iam à loucura lá no meio da pista. De onde estávamos podíamos ver o show e nos manter um pouco

reservados dos olhos dos outros.

— Eu estou com vontade de ir lá e dar na cara dela, mas tenho certeza de que isso sairia nos jornais e ainda vasculhariam toda a história por trás te expondo de uma forma que não seria legal. — Suspirou pesadamente. — Ela é uma vaca!

Podia ouvir a raiva na voz de Mileni e também o ciúme, tinha certeza de que faria o que disse se pudesse e meu peito se encheu de orgulho, porque ela estava me protegendo de alguma forma e isso não tinha preço.

Sorri e encostei minha testa na dela, olhando em seus olhos tão lindos e tão único. Aquele olhar me encantava de uma forma que nada no mundo poderia fazer igual. Dizem que os olhos é o espelho da alma e no caso de Mileni Pontes isso era verdade.

— Tenho certeza de que faria um belo estrago naquele penteado ridículo dela.

Mileni olhava para mim e então começou a rir.

— Achou engraçado, né? Mas não vale a pena, amor, já passou, sou grandinho e ela não significa nada para mim, ok? Não fica pensando nisso porque não é importante.

Ela assentiu e se esticou beijando meus lábios levemente. Eu adorava beijar a boca dela, era macia, quente e doce.

— Tudo bem então! Vou deixá-la se safar dessa vez, mas que não chegue perto do meu homem de novo.

Sorri de lado e a apertei um pouco mais em meu corpo, sentindo o orgulho invadir meu peito. Porra, era bom demais ser amado por ela!

— Seu homem, hã? Gostei disso. — Fiz uma careta ao sentir que meu corpo começava a responder ao contato tão próximo e nossa conversa meio que sussurrada. — Eu acho melhor eu ir pegar algo para gente beber, estou começando a ter aquele probleminha com toda essa possessividade latente no ar.

Ela riu e se afastou olhando para baixo e vendo que era verdade. Não sabia o que estava acontecendo comigo naquela noite, talvez fosse culpa daquele vestido dela ser tão sexy e estar tão perfeito em suas curvas, mas o fato era que eu parecia um adolescente com os hormônios em ebulição. Nem mesmo o papo broxante sobre o meu passado foi capaz de apagar essa peculiaridade da noite.

— Possessividade, hein? E não tem nada a ver do fato de que estamos quase soldados um no outro?

Dei de ombros e me abaixei para falar em seu ouvido:

— O que posso fazer se estou acompanhado da mulher mais gostosa da festa e ela é minha?

Sorri com a reação que percebi nela, sua pele se arrepiou. Mileni também ficou incomodada, me afastei e olhei em seus olhos que denunciavam o desejo.

— Vou lá e volto, não saia daqui.

Mileni piscou um olho, apoiou as mãos sobre os meus ombros, ficou nas pontas dos pés e sussurrou:

— Não demora, gato!

Porra, queria mesmo era levá-la dali e poder satisfazer todas as fantasias que tive com aquele vestido enrolado em sua cintura enquanto ela cavalgava em mim. Puta que pariu, aquilo não estava ajudando! Dei-lhe um beijo rápido e saí dali com a intenção de distrair a mente dos pensamentos pecaminosos que tinha.

Fui desviando das pessoas, para chegar ao bar precisava passar pelo meio da pista e aquilo foi bom para distrair minha cabeça, quando cheguei no espaço onde poderiam me ver, meu problema já não era visível.

Desde que chegamos a festa, notei que as pessoas me observavam, talvez se perguntando o que Mileni tinha visto em mim e confesso que também me fazia o mesmo questionamento.

Pois eu era um cara simples em comparação com ela, que era linda e especial.

Assim que encontrei o bar sorri para o jovem que estava atrás do balcão. Era bem novo, por volta dos vinte anos, ou menos.

— Ei, parceiro! Pode preparar uma *piña colada* sem álcool e uma vodca com gelo, por favor?

— É pra já!

O rapaz se virou para preparar as bebidas para mim e encostei o cotovelo no balcão observando-o trabalhar. O menino tinha jeito, viu? Poderia até recomendar o *Beer* para ele, sabia que Heitor precisava de ajuda agora que vivia em lua de mel. Abri a boca para lhe perguntar se precisava de um emprego fixo e indicar que procurasse o bar, quando ouvi meu nome ser pronunciado, bem abafado, mas foi como se o vento tivesse levado até mim.

Agucei os ouvidos e olhei pelo canto do olho, vi que era Lívia que conversava com outra mulher, bem próximas, um pouco da multidão que assistia ao show. Estavam de costas, por isso não viam que eu estava ali, perto o suficiente para ouvir.

— Ah, ela deve estar fazendo caridade mais uma vez, sabe como Mileni é! Gosta de ajudar pessoas necessitadas. — Sua voz cheia de sarcasmo combinado com a risada de deboche me deu asco.

A outra mulher assentiu, rindo, e então olhou para Lívia.

— Mas uma caridade dessas, amiga, eu adoraria fazer também. Você viu o homem? É gostoso até dizer chega, me deu um calor quando vi os dois na pista de dança. Pareciam tão conectados! Fiquei até com uma invejinha...

Lívia deu de ombros e bebeu um gole do champanhe. Ela parecia gostar bastante da bebida, só se via ela com uma taça na mão.

— Mas não vale a pena manchar a imagem desse jeito por causa de sexo. Ela está errando

muito em ficar com alguém como ele, vai sentir na carreira mais pra frente, quando essa febre dos dois passar. Porque vai, amiga, escute o que estou dizendo. Homens como ele não têm muito a oferecer, se é que me entende.

E estava lá, a bala certeira que eu fingi não me atingir. Desde que a encontrei e me disse aquele monte de coisa, eu tentei acreditar que suas palavras cheias de maldade não me alcançavam, mas, de alguma forma, ouvi-las falando, sobre mim e Mileni, sem que soubessem que estavam sendo ouvidas, doeu bem mais do que se estivesse jogando na minha cara tudo aquilo, pois não era só uma questão de recalque do passado. Mas era sim o que realmente pensavam sobre nós, o que provavelmente muitos pensavam.

Não deveria me importar, por que me incomodaria a opinião dos outros? Mas a questão ali era que mexeram exatamente onde eu tinha dúvidas, onde eu temia que não desse certo, e claro que despertaram os fantasmas que viviam na minha cabeça para me assombrar.

— Aqui está, amigo!

Virei-me e encontrei o rapaz olhando para mim sorrindo com as duas bebidas nas mãos. Sorri em agradecimento e esperava que estar com Mileni de novo me fizesse esquecer aquela coisa toda.

Peguei as bebidas e saí logo dali, antes que pudesse ser descoberto pelas duas fofoqueiras. Senti meu coração pesado todo o caminho, era como se me arrastasse de volta, como se alguma coisa me dissesse que não deveria estar ali, que tinha que fugir logo... um mau pressentimento.

E conforme fui me aproximando, passando pelas pessoas, queria cada vez mais ir embora. Iria sugerir isso a Mileni, para que não demorássemos, mesmo sabendo que era importante para ela ficar até o final. Mas eu não conseguia mais ficar ali, sentia que poderia parar de respirar.

Quando já estava me desvencilhando de toda aquela gente e cheguei perto o bastante para ver o cantinho que havíamos nos escondido, vi algo que fez meu coração congelar, minha respiração parou, e minha alma se despedaçou. Minha Mileni estava nos braços de outro

homem que a beijava, era como ver uma cena de filme de romance e eu já tinha visto aquela cena outra vez, foi uma tortura, porém sabia que era de mentira. Mas aquilo que se desenrolava na minha frente era real demais para ignorar.

— Você achou mesmo que seria bom o suficiente para ela? — Virei-me e vi a ex-empresária de Mileni observando a cena, assim como outras pessoas que estavam perto. — Eles estão juntos há anos, vão e voltam, tem casinhos, mas acabam juntos. Você foi só uma distração para ela, querido. Não se encaixa aqui, já ouviu dizer que três é demais?

O sorriso em seu rosto deveria ser identificado como uma arma, porque terminou de dar a última porrada que meu coração precisava para cair no chão.

Engoli em seco e assenti, sabendo exatamente o meu lugar. Sentia todos os fantasmas gritando em meu ouvido, dizendo que tinham razão, riam da minha cara. E as palavras de Lívia me veio à cabeça: *"Ela estava fazendo caridade"*.

De novo não, caralho! Como pude me iludir por palavras? Onde estava com a cabeça. Ela era uma atriz, poderia estar muito bem encenando o tempo todo para momentos de sexo quente com o cara do subúrbio.

Estendi a bebida de Mileni e virei a vodca de uma vez na boca, sorri para ela colocando meu copo também em suas mãos.

— Tenha uma boa-noite!

Não deveria ter esquecido de onde pertencia. Não precisava ter passado por nada daquilo. Era como um maldito *déjà vu*. Eu não conseguia ir embora sem tirar satisfações daquela merda que estava acontecendo na frente de todo mundo. Mesmo que tivesse que quebrar a cara daquele Alemão filho da puta e que para isso eu precisasse sair nas páginas policiais como o agressor de gringos, pouco me importava aquela porra.

O meu instinto de sobrevivência pedia para que desse meia volta e fosse embora, mas podia ouvir a voz do meu pai me repreendendo quando não conseguia algo que queria muito logo de primeira.

— Você vai desistir depois de lutar tanto, filho? Isso não é do seu feitio! Tem que lutar, menino. Para tudo nessa vida, a gente precisa lutar muito e não desistir no primeiro obstáculo. Vai lá, levanta e tenta de novo.

Por isso eu não podia ir sem antes saber o que estava acontecendo, parecia que havia um enorme buraco entre nós e eu estava caindo no fundo dele. Com a confusão mais pessoas se aproximaram, não conseguia chegar perto de jeito nenhum. E antes que pudesse me aproximar as coisas aconteceram muito rápido.

Mileni tentava empurrá-lo, o que ficou claro para mim que o beijo fora forçado e por sua linguagem corporal o idiota tentava se desculpar. Meus ouvidos zumbiam com o barulho do show e a raiva que tomava meu corpo. Então ela deu um tapa nele, que ficou surpreso, olhou em volta, conectou os olhos nos meus — que tentava sair do meio daquela gente e que pareciam me segurar de propósito —, provavelmente eu estava com o olhar assassino, pois o babaca se virou e foi embora saindo das vistas de qualquer um.

Mileni que até então estava de costas voltou-se para frente e parecia muito abalada, olhava para as pessoas da mesma forma que a vi quando me contava sobre o ex que tinha morrido, havia culpa e vergonha em seu olhar, e ela começou a andar na direção oposta que Alex tinha ido, precisava alcançá-la, mesmo que a minha vontade fosse de ir atrás do alemão para tirar satisfações com ele.

Tentei me soltar das garras invisíveis que aquele aglomerado de fofoqueiros tinha feito.

— Dá licença, porra!

Alguns se viraram para olhar quem estava empurrando-os com tanta brutalidade, mas outros, tão focados em falar da vida alheia nem mesmo se abalaram.

Comecei a afastar os curiosos na tentativa de alcançá-la, não sabia o que tinha acontecido de verdade, qual era o passado dos dois, sempre desconfiei do interesse dele, não sabia do dela. E mesmo correndo o risco de me machucar, não a deixaria sozinha naquele momento. Mileni parecia perdida e, mais uma vez, nossos caminhos estavam se desencontrando.

Capítulo 53

Eu perco as chaves de casa
Eu perco o freio
Estou em milhares de cacos
Eu estou ao meio
(Metade – Adriana Calcanhotto)

Mileni Pontes

Existem coisas que acontecem em nossas vidas que não temos controle algum sobre elas, é como um desastre inevitável, você não espera, mas ele chega e te tira completamente do lugar.

Não soube explicar, mas o momento que antecedeu a batida que tirou a vida do Bento eu sabia que iria acontecer. Mesmo em meio a minha mente nublada pelas drogas, eu pedi para que ele parasse, para que encostasse e que chamássemos Estevão para nos buscar. Ele sorriu e acelerou o carro.

— *Você se preocupa demais, a gente está nessa vida é para viver.*

Dois minutos depois, ele batia o carro e voava para fora como se não pesasse nem uma grama. Não me lembro muito do que aconteceu depois, apenas a dor e a culpa que senti quando acordei, era a única coisa que eu tinha certeza de que me acompanharia por uma vida inteira.

E desde então comecei a viver pela metade, me entregando menos, sorrindo menos, ou sorrindo em segredo. Tinha medo de que se eu realmente vivesse algo semelhante aconteceria de novo, precisava ter responsabilidade e me manter na linha. Era tudo muito louco, sem

sentido nenhum, mas foi a forma como passei os dias, como suportava continuar em frente, me privando e isolando.

Mais uma vez, a vida me deu uma rasteira, de forma diferente dessa vez, me fez ver o que estava perdendo, quem eu estava deixando de ser por conta de algo que não tive controle algum.

Por isso eu era grata por Rodrigo ter entrado na minha vida, enxerguei tudo de uma forma diferente, não sabia explicar ao certo. Desde que ele apareceu, sacudindo os alicerces mal feitos que eu estava construindo como base, derrubando meus medos e incertezas, as coisas mudaram.

Só não imaginava, que naquela noite tudo se tornaria escuro de novo. E começou com meu melhor amigo fazendo uma grande besteira.

— Mileni, precisamos conversar.

Franzi a testa e me virei, vendo Alex parado — mais ou menos, porque cambaleava devido a sua falta de estabilidade por causa do álcool — atrás de mim. Seus olhos estavam enevoados e respirei fundo à procura de controle, não estava nem um pouco com paciência para gracinhas de bêbado.

— Eu não quero falar com você desse jeito. O que deu na sua cabeça de beber tanto assim na festa do nosso projeto? Enlouqueceu? Quer afundar sua carreira com algum escândalo?

Ele balançou a cabeça freneticamente.

— Eu não me importo com nada mais, minha vida se afundou de vez, preciso de você. — Respirou fundo e cambaleou um pouco mais. — Só você me entende e gosta de mim do jeito que sou, mesmo sendo uma merda de ser humano, você gosta de mim.

Sorriu de forma amarga, parecendo nada com o amigo que convivi todos aqueles anos. Parecia mesmo estar chateado e magoado com algo, e com tudo o que Rodrigo me disse sobre ele gostar de mim, senti certo receio de que fizesse algo que fosse se arrepender por estar

alcoolizado.

— Você precisa ficar sóbrio, desse jeito vai acabar se machucando ou fazendo alguma besteira. O que quer que tenha acontecido não vale acabar com tudo o que conquistou desse jeito.

Ele balançou a cabeça parecendo ainda mais tonto, podia ver que algumas pessoas estavam nos observando e sabia que aquilo iria dar muita merda ainda.

— Não, eu sou um merda, não mereço nada. Estou enlouquecendo, Mileni, não sei o que fazer. Preciso de você mais do que nunca.

Sua voz estava enrolada e falava atropelando as palavras, seu sotaque alemão estava carregado.

Ele tentou dar um passo em minha direção e acabou se desequilibrando, segurei-o antes que caísse no chão. Seu rosto acabou muito perto do meu e a mesma premonição de desastre me assolou naquele momento.

— Eu acho que nós podemos ser bons. Acha que eu saio lá do outro lado do mundo e apareço aqui por causa de um projeto? Não, é por sua causa. Somos melhores juntos, cantamos melhor, atuamos melhor. Somos perfeitos! Só você pode me tirar desse buraco que me encontro.

Balancei a cabeça com pena dele, Alex estava confundindo tudo. Não éramos perfeitos como um casal, mas como amigos. Ele carregava uma carga emocional difícil e isso mexia com seu juízo, pelo menos era o que eu esperava que estivesse acontecendo.

— Isso é sintonia, amizade, nada mais que isso.

— Está enganada, temos uma química, uma atração difícil de encontrar e vou te provar!

Sem que eu pudesse prever, ele me beijou. Prendeu os braços em mim, com força, me impedindo de empurrá-lo. Minhas mãos ficaram presas por baixo dele, quando tentei conter

sua queda. E ele me beijava sem jeito. Já o tinha beijado antes, mas era profissional, técnico. Agora Alex não mostrava nenhum respeito comigo, ele me assaltou, me assediou. E a única coisa que pude fazer para afastá-lo foi morder sua boca com força.

Alex se afastou, reclamando e levou a mão à boca, vi que havia tirado sangue dele. Nunca pensei que isso aconteceria, eu o amava e confiava nele. Como pôde fazer algo como aquilo? Entendia que estivesse sofrendo, mas forçar algo comigo não ajudaria em nada, apenas o afastaria.

— Nunca mais se aproxime de mim desse jeito, ok? Vai curar essa bebedeira e depois nos falamos.

— Mileni... Desculpa! É que... eu pensei, de tanto falarem de nós, e até mesmo fingirmos em algum momento que era real. Achei que... — engoliu em seco como se fosse difícil juntar as palavras em uma frase coerente — pensei que sentisse a mesma atração por mim.

— Alex, não! Nunca, você confundiu tudo, te amo como meu amigo, eu estou com Rodrigo. Não gosto de você assim...

Os olhos claros dele escureceram e um sorriso ruim tomou seu rosto amável.

— Você é mesmo como todas, não? Fez exatamente igual de quando se envolveu com Bento, aproveitou-se do sucesso dele para subir mais alguns degraus na escada da fama.

Sem pensar levantei a mão e o esbofeteei no rosto que estalou alto e ardeu minha mão tanto quanto o meu coração.

— Como pode usar isso contra mim assim?

Ele arregalou os olhos surpreso e então olhou para cima e como se tivessem chutado as bolas, virou-se saindo das vistas dos curiosos.

Não sabia o quanto ele tinha bebido ou o que tinha acontecido para ser tão inconsequente e cruel, mas não me arrependi de ter lhe batido, ele usou do meu carinho e confiança para me

machucar por ter lhe negado algo que provavelmente não sentia, que era fruto de uma confusão de sentimentos. Virei-me, dando graças a Deus de Rodrigo não ter visto aquilo, tinha que achá-lo e dizer o que aconteceu antes que as bocas falassem mais do que deviam e inventasse uma história completamente diferente do que a verdade. Tentei passar entre as pessoas que se aglomeraram na pista de dança, vi que algumas delas haviam assistido ao show de Alex e me encaravam com curiosidade, cochichando entre elas, provavelmente o novo escândalo em que me envolvia.

— Bem, meus amigos, a noite está maravilhosa, Jack Rock está arrasando, mas temos uma homenagem para a responsável por essa festa incrível. Mileni, pode subir ao palco?

A voz de João me fez parar e o refletor apontou diretamente para mim, eu estava um caos e não queria subir em palco nenhum, mas me via sem saída quando começaram a se afastar me deixando em um círculo com todos olhando para mim, não queria subir lá, precisava encontrar Rodrigo, tirar aquela confusão da cabeça, mas se saísse poderia dar mais motivos para especularem. Sorrindo sem vontade, com o coração batendo forte, caminhei em direção ao palco, subi as três escadas e parei ao lado de João e Luana.

— Para te agradecer por tudo que fez por esse projeto, nós fizemos uma homenagem a você e sua carreira. Esperamos que goste.

E se virou para o telão, que antes passava a banda tocando. Engoli em seco sentindo minhas emoções à flor da pele, não queria estar ali, não tinha clima nenhum em assistir a nada, só queria estar nos braços do homem que eu amava, que me respeitava, dizer a ele o quanto precisava de seu apoio naquele momento, mas não tinha para onde fugir.

No telão começou a tocar uma música bonita, uma introdução, um slide de fotos da minha carreira, momentos que marcaram, filmes que fizeram sucesso.

Devia ser tipo um arquivo confidencial que montaram, mas então mudou, como se tivessem alterado o arquivo original.

Senti um arrepio na espinha, e não saberia dizer porque meus olhos foram atraídos para um canto, onde eu vi Fátima parada, com os braços cruzados, olhando para mim e um sorriso cruel

no rosto.

Voltei meu olhar para a tela e algumas fotos minhas da época que conheci Bento, nós dois juntos, abraçados e nos beijando. Em uma eu estava claramente bêbada, todas essas coisas haviam sido excluídas da mídia. Então entrou um vídeo caseiro onde eu estava muito alterada e tentava andar em linha reta.

— Amor, você está muito doidona. Tá linda assim. O que acha de fazer um *striptease*?

A voz de Bento estava enrolada, provavelmente estivesse e bêbado ou chapado, eu olhei para a câmera e sorri amplamente assentindo. Era tão jovem, ingênua... senti um nó na garganta sabendo o que estava por vir.

Comecei a dançar sensualmente, tirando as roupas, ele ria e me incentivava, assobiava e eu não parei. Então o slide mudou, apareceram notas cruéis de jornais de como eu levava a vida regada a drogas e álcool, me tachando e julgando e então algo que quebrou meu coração despedaçou a minha alma.

Fotos do acidente, de Bento caído no chão, com a boca toda ensanguentada. Seus olhos abertos e vazios focavam o nada, a perna estava virada para um lado estranho, fotos minhas desacordada no banco do passageiro, com o rosto machucado e então as poucas notícias que saíram, mas foram tiradas do ar.

"Morre promessa da música brasileira, filho de empresária do cinema, Bento Monteiro. Ele e sua namorada, atriz e também cantora, estavam no carro em velocidade alta depois de passar a noite em boates. Mais uma vez, a irresponsabilidade atinge o mundo das celebridades."

E outras muitas notas cruéis falando sobre como eu abusava das drogas, como arrastei o jovem prodígio para debaixo da terra.

Meu coração já não aguentava e fechei os olhos, percebendo só então que chorava, meu rosto estava todo molhado e nem notei que as lágrimas tinham escapado sem meu consentimento. A dor me cortava como uma faca afiada, abrindo cicatrizes que haviam se

fechado, destrancando as aflições que eu havia fechado em um coração. Sentia que podia perder as forças a qualquer momento tamanha era a tristeza que aquelas lembranças me traziam.

— Deus, tirem isso, tirem isso! — João se adiantou, tentando tirar o vídeo do ar, voltou-se para mim com os olhos tristes e cheios de culpa, parecia chocado, assim como Luana que não apresentava nenhuma reação. — Não era isso que tínhamos preparado, Mileni. Sinto muito, alguém deve ter mexido no arquivo.

Eu sabia quem tinha feito isso, deveria ter previsto, mas fiquei tão distraída com a felicidade que sentia em estar livre, amando e sendo amada, que nem prestei atenção ao silêncio de Fátima.

— Não se preocupe, isso não é culpa sua. Agora eu preciso ir, ok?

Ele assentiu olhando para mim cheio de pena e eu odiava isso. Pelos cantos dos olhos, eu vi que as pessoas estavam chocadas, as fotos eram fortes demais, as notas acusatórias me colocavam como a responsável do acidente. Nada disso tinha sido divulgado, e tinha a possibilidade de muitas pessoas ali não terem visto nada disso alguma vez.

Deus, Rodrigo! O que ele pensava agora, depois de ver tudo aquilo sendo esfregado em seu rosto? Deveria estar envergonhado, no mínimo.

Provavelmente pensava de mim o mesmo que todos que me observavam passar. Meu coração estava pesado demais, abracei-me procurando me proteger, as lágrimas não paravam de cair.

Droga, não queria chorar na frente de toda aquela gente!

Não sabia o que fazer nem para onde ir, não poderia dirigir daquele jeito, tinha que ir embora e não tinha coragem de pedir para Rodrigo me levar para casa, precisava fugir e procurar por ele quando estivesse inteira novamente. Pois naquele momento sentia que tudo que carreguei esses anos voltaram com força total, quase me derrubando.

Ele ficaria chateado por eu deixá-lo com pessoas que não gostava, mas eu não podia.

Antes que pudesse sair do portão, em busca de um táxi, fui impedida de continuar. Tinha alguém em meu caminho. Ela estava ali. Sorria com as mãos nos bolsos da calça cara que vestia. Seus olhos estavam sem vida, assim como os do filho na foto que ela fez questão de mostrar.

— Espero que tenha aprendido a lição, Mileni! Você precisa de mim. Onde está seu irmão? Olha o que ele deixou que acontecesse! Deveria ser ele a prever esse tipo de coisa, cuidar de sua imagem... — Balançou a cabeça estalando a boca, parecendo mesmo que acreditava naquilo que dizia.

Estreitei os olhos, quase não enxergando nada, devido as lágrimas que caíam sem parar.

— Você não está falando sério, né? Você fez isso, Fátima. Por vingança, por egocentrismo, você expôs o Bento de uma forma que nunca tinha acontecido. Como pôde? Você é mãe dele. Era isso que procurava na minha caixa, né? Fotos nossas, recortes de jornais que sabe que só eu tenho. Queria montar um dossiê contra mim?

Sua postura mudou, seus ombros cederam um pouco, a arrogância que antes me encarava agora havia mudado para dor. Os olhos vazios se encheram de cólera.

— Você é a culpada, se não tivesse arrastado meu filho de bar em bar, deixado que usasse aquelas drogas todas e sentado no volante do *seu carro*, ele não teria morrido: meu único filho. Ele seria grande, era maravilhoso!

Podia ouvir a saudade e também a culpa que sentia, ela me acusava porque, na verdade, se sentia responsável. Mas nada disso justificava toda a dor que me causou esses anos, deixando-me carregar aquele fardo e o que fez comigo ali, no meio daquela gente, sabendo o quanto me magoaria.

Ela fez de propósito, para se vingar, para devolver o orgulho ferido, e desconfiava que ficou do meu lado todos esses anos depois do que aconteceu para me punir de alguma forma, pela forma como o filho partiu.

— Bento se drogava porque ele queria, eu não o forcei a nada. Como iria parar? Eu não sabia de nada da vida! Ninguém é culpado, Fátima, mas você fez questão que eu me sentisse dessa forma todos esses anos. Sabe que, além do seu filho, amei você, mas percebi que não merece esse sentimento, não de mim. Na verdade, você não merece nada de mim.

Respirei fundo contendo o soluço que ameaçava me impedir de continuar falando. Mesmo falando para mim mesma que não era culpada por nada do que aconteceu, ainda podia sentir aquele fantasma, que me perseguiu por anos, sentar em meus ombros como um monstro sugador de energia, contudo, eu precisava de forças para prosseguir. Sairia dali em cacos, mas de cabeça em pé.

— Sinto pena de você, por tudo que sofreu, nenhuma mãe deveria ver o filho partir. Você me machucou, atrapalhou a minha vida e fez com que eu me sentisse culpada, sendo que não sou. Agora eu vejo isso.

Seus olhos estavam marejados de lágrimas, mas ela as segurava, não deixava que a emoção, ou o ódio a dominasse, não por completo. Sempre controladora, por isso sofria tanto. Fátima era uma mulher amarga, fria...

— Maldito foi o dia que dei emprego a sua mãe por pena de vocês passarem fome. É isso que dá acolher gente da sua laia, pobres sem terem onde caírem mortos e pior ainda foi o dia que decidi que você seria um sucesso. O que é hoje, Mileni, você deve a mim e mais ninguém. Eu te fiz a mulher que se tornou. Mas no final de tudo perdi o meu filho, por sua culpa. Você só queria se aproveitar da fama que ele já tinha para subir na sua carreira, nunca amou Bento, nunca como eu.

Ouvir aquilo tudo era doloroso, me machucava como nunca e não aguentava mais, não precisava ficar batendo boca com ela. Não deixaria que Fátima controlasse mais a minha vida.

— Concordo com você nisso, maldito dia que eu deixei que você ditasse os meus passos. E apesar do que pensa, eu amei seu filho. Não como você, com certeza que não. Você sempre quis que ele fosse alguém que nunca poderia ser, que fosse um reflexo seu, mas na verdade nunca o conheceu, não de verdade. Ele sabia que nunca alcançaria as suas expectativas. E já parou para pensar que esse era um dos motivos de ele ser tão revoltado com tudo?

Suspirei pesadamente ao sentir aquilo tudo deixando meu corpo, nunca quis dizer isso a ela, apesar das insinuações que sempre jogava na minha cara, pois sempre soube que Fátima já tinha sofrido demais com a perda do filho para se sentir culpada por ele ter destruído a própria vida. Não me orgulhava de ter feito isso agora, mas ela tinha me magoado demais mexendo em algo que já não precisava ser remexido.

— Mas sabe, eu te perdoo por isso. Por tudo que me fez passar e como me fez sentir, pela forma como tratou minha família e meus amigos, não sou ninguém para te julgar. Espero que um dia você se perdoe também.

— Não pedi o seu perdão!

Sorri tristemente, em meio às lágrimas e assenti. Passando por ela, olhei-a uma última vez e, antes de terminar de descer o caminho de pedra que me levaria para a rua, virei-me e a encarei firmemente.

— Não chegue perto de mim outra vez ou arrumo um jeito para que você perca tudo o que ainda lhe resta! Não duvide disso, você me ensinou direitinho como destruir as pessoas.

Engoli em seco, continuando a descer, deixando o passado para trás, meu coração estava muito machucado. Eu estava envergonhada, e sabia que muito ainda estava por vir. O melhor era ficar longe, não chamar atenção, não envolver mais ninguém na minha vida, não arrastar mais ninguém na lama comigo.

Já havia perdido meu melhor amigo e, provavelmente, o homem que amava nunca mais me olhasse com o carinho e admiração depois daquilo tudo, não suportava ver em seus olhos a decepção clara que muitos me olharam.

Peguei meu celular e disquei o número de Diego. Ele atendeu já no primeiro toque.

— *Mileni, onde você tá?* — Sua voz estava desesperada, provavelmente entrou em pânico quando viu o que estava acontecendo, ele parecia sem fôlego como se estivesse correndo.

— Vou sair de cena por alguns dias até essa poeira baixar. Cuida da mãe e do pai para que

eles saibam que estou bem. — Do resto nem precisava me preocupar, meu irmão era responsável o suficiente com seu trabalho para fazer o impossível para abafar aquela história toda e cuidar dos compromissos que tínhamos marcado e eu não poderia comparecer.

— *Não, mana. Deixa eu te levar para casa? Você tá bem?*

Balancei a cabeça, como se ele pudesse me ver e segui por um atalho que me levaria longe da entrada principal, era cheia de arbustos e muito discreta, não precisaria encarar as pessoas que estavam aglomeradas ali.

— Leva meu carro e deixa com Estevão, por favor? E diz para o Rodrigo que eu sinto muito. Te amo, irmão.

Desliguei antes que ele pudesse dizer alguma coisa. Eu precisava de um tempo, sumir por alguns dias, esquecer todas aquelas coisas. Colar-me de novo, como fiz anos atrás.

Esquecer tudo de ruim que aconteceu naquela noite.

Ou pelo menos tentar, eu me devia isso.

— Está fugindo de mim, Mileni?

Estaquei no lugar, sem conseguir me mover, virei-me devagar, sentindo o rosto molhado, a tristeza e a vergonha me consumindo. Não pretendia encará-lo naquela noite depois de tudo que aconteceu, depois do que ele provavelmente viu.

Engoli em seco e abaixei a cabeça negando com um gesto quase imperceptível.

— Só preciso sair daqui.

Vi que ele se aproximava, Rodrigo tinha os olhos enevoados e não consegui identificar nada do que sentia ou pensava, seu rosto estava sério, mas aquele andar característico dele me trazia certa paz.

— E ia me deixar aqui com os lobos? Isso não é de seu feitio, Leni.

Engoli em seco e o encarei de frente, ainda tinha os braços em volta do meu corpo, como se assim me protegesse de qualquer coisa ruim que pudesse acontecer.

— Eu só... — Pisquei duas vezes, procurando por alguma explicação, mas estava entalada, precisava saber se ele tinha visto o que aconteceu. — Você viu o vídeo?

Rodrigo assentiu e fiquei um pouco tonta, dando um passo para trás. Tinha torcido para que não tivesse visto.

— Acho que todos viram.

— O que você achou?

Ele tombou a cabeça e me encarou com muita atenção, parecia procurar por alguma coisa; eu nunca tinha me sentido tão exposta.

— Achei que você não esteve tão bem atuando ali. — E sorriu amplamente, estendeu a mão e enxugou meu rosto com o polegar. — Aquilo foi maldade pura, Mileni. Não deixe que te afete!

Sua voz estava firme e não havia julgamento ou qualquer besteira que pensei que ele poderia sentir. Como pude pensar isso dele?

— Eu não sei o que sentir...

— Vem, eu vou te levar para casa e assim você pode esquecer isso tudo.

Seus braços me envolveram, então eu sabia que de alguma forma tudo ficaria bem.

Capítulo 54

A gente passa a entender melhor a vida
Quando encontra o verdadeiro amor
Cada escolha, uma renúncia, isso é a vida
Estou lutando pra me recompor
(Lutar pelo que é meu – Charlie Brown Jr.)

Rodrigo Silva

Deixamos o carro dela para que Diego o levasse para casa e tomamos um táxi na esquina, ela não queria voltar e ter que enfrentar toda aquela gente e o carro estava muito longe, teríamos que atravessar toda a festa e Mileni só queria sair dali.

Quando voltei para a festa em busca de Mileni, não a encontrei aonde a tinha visto pela última vez e, de repente, ela estava em cima do palco, ao lado dos produtores do filme, olhava para uma tela e pude perceber o quanto estava tensa só por sua expressão corporal.

Virei-me para ver o que se passava e meu coração se partiu, não esperei para continuar assistindo — como os outros faziam, vidrados, ávidos por mais tragédia e humilhação. Seres humanos são estranhos, fascinados pelo mal do outro — e fui passando pelas pessoas, procurando um modo de chegar perto dela, ou então do aparelho que transmitia aquela merda para quebrá-lo em pedaços.

Quando fui me aproximando, vi de longe seu vulto se afastando, indo em direção a uma saída alternativa, que tinha visto quando chegamos. Tive que passar pelas pessoas, que pareciam terem sido feitas de pedras e que cochichavam sobre o que tinha acontecido e meu coração batia acelerado.

Mileni devia estar devastada, se somente em me falar sobre o assunto seu choro sofrido durou horas, imaginava como se sentia revivendo aquilo tudo com imagens cruéis jogadas para que todos vissem.

Enfim, consegui me desvencilhar daquele monte de fofoqueiros e a vi se afastando mais uma vez, mas havia outra coisa que não deveria estar ali. A tal ex-empresária andava na direção oposta, soltando fogo pelo nariz e de alguma forma eu sabia que era a responsável pelo tal vídeo. Ela não me viu, por isso se assustou quando parei na frente dela. Não tinha muito para falar, ou então perderia Mileni de vista, porém precisava avisá-la de uma coisa.

Seus olhos arregalados me observavam com medo, como se tivesse receio de que fizesse algo contra ela.

— Mantenha-se longe da Mileni, ela não está sozinha.

— E o que poderá fazer contra mim? — Sua risada de nervoso comprovava o quanto estava temerosa, em nada se parecia com a mulher orgulhosa.

— Paga pra ver! — A ameaça em minha voz podia ser identificada até mesmo pelo mais distraído.

Do momento em que a confrontei na festa até que chegamos em sua casa, achei melhor levá-la para um lugar onde se sentia confortável, minha mente fervilhava de pensamentos. O ciúme por tê-la visto com Alex me consumia, mas, acima de tudo, podia ver o quanto ela estava machucada e eu precisava ficar ao seu lado, mesmo querendo muito fugir da possível decepção que poderia experimentar.

Mileni se dirigiu para seu quarto e a segui de perto, com medo de que tivesse um ataque de choro como aconteceu da outra vez, perdesse as forças e acabasse se machucando. Ela deitou na cama, de sapato e tudo, e olhou para mim.

— Você está decepcionado ou envergonhado?

Franzi a testa e me aproximei, sentando-me na beirada do colchão. Tirei o casaco e o joguei

do outro lado do quarto.

— Claro que não, por que estaria?

— Você me viu daquele jeito, diferente do que sou hoje. — Engoliu em seco como se falar fosse difícil.

Sorrindo, balancei a cabeça e peguei a mão delicada que repousava em sua barriga entre meus dedos, procurando assim lhe dar um pouco de conforto.

— E por isso acha que ficaria envergonhado por estar com você? Te olharia diferente?

Ela assentiu enquanto lágrimas silenciosas deslizavam por seu rosto.

— Bobinha! Precisaria nascer de novo, ter outra criação, antes de julgar alguém pelo que fez ou deixou de fazer. Não sou esse tipo de homem, já devia saber disso.

— Eu sei...

Ela sorriu, mesmo chorando, e isso deu um baque no meu coração. Sabia que ela estava sofrendo, que doía sentir tudo aquilo de novo, o quanto aquelas imagens deviam ter mexido com ela, mas eu também não me sentia bem.

— Foi a Fátima, não foi?

Ela assentiu e se sentou, recostando-se na cabeceira da cama. Respirou bem fundo fazendo seu peito se encher e esvaziar com tanta intensidade e veio aquele meio soluço de choro.

— Sim. — Sorriu com tristeza e abaixou a cabeça. — Foi meio que uma vingança por tê-la demitido e ido contra suas ordens.

— E isso tem a ver comigo?

Mileni sacudiu a cabeça negativamente e olhou para uma porta no canto direito do quarto.

— Fátima me manteve presa por ter ousado entrar na vida do seu filho e me culpa pelo que aconteceu. Quando resolvi que não queria mais seguir a vida de acordo com seus termos, ela decidiu que era hora de as pessoas verem quem eu realmente era. E quando a vi aqui da outra vez, procurava por coisas que eu guardo, que só eu tenho.

Assenti e olhei para nossos dedos entrelaçados, podia ouvir a dor em sua voz e mesmo que já tivesse dito a ela o que pensava a respeito do que aconteceu e da forma como se sentia em relação a isso, precisava dizer de novo.

— Você não é culpada por nada do que aconteceu e não deve se sentir assim, Mileni. Não deixe que ela tenha esse poder sobre você.

— Eu sei disso! Mas é complicado... — Mileni se afastou, dando espaço para que me aproximasse e voltou a se deitar na cama. — Deita aqui comigo um pouco, para eu tentar arrumar essas coisas na minha cabeça que estão quase me enlouquecendo?

Assenti e deitei ao lado dela, abraçando-a pela cintura, ficamos de conchinha e assim as horas foram se passando.

Ela estava mais relaxada, mas sabia que não tinha dormido. Os momentos que vivemos foram passando por minha cabeça e com eles as dúvidas que me invadiam, mesmo eu não querendo dar atenção a elas. Mas se queria ficar com ela, viver aquele sentimento que nos envolvia, eu precisava dizer tudo que tinha dentro de mim, deixar as coisas claras, tirar aquele peso que tanto me incomodava do nosso meio.

— Mileni?

— Sim? — Sua voz estava sonolenta.

Tinha que dizer logo, eu a confortei como precisava, mas não podia viver com aquelas dúvidas, ou sabia que seríamos envenenados pelos "*ses*".

— Eu vi você e o Alex lá na festa!

Seu corpo ficou tenso novamente e ela se virou na cama, olhando para mim.

— Você viu?

Assenti e engoli em seco o nó que tinha se formado em minha garganta desde o momento que presenciei aquela cena.

— Quando voltei com as nossas bebidas.

Mileni abaixou os olhos e suspirou profundamente.

— Queria que não tivesse visto, foi só mais uma coisa para estragar a noite que estava sendo tão perfeita.

Respirei fundo me preparando para desabafar tudo que me impedia de ser mais aberto, de relaxar, de aproveitar plenamente o que tínhamos.

— Ele gosta de você, Leni. Isso eu soube desde o primeiro instante, mas a pergunta que está me enlouquecendo é se você sente o mesmo. — Ela ia protestar, mas impedi com um gesto, tinha que falar o que sentia ou nunca mais seria capaz de fazê-lo. — Não me sinto o cara certo pra você, lutei contra o que sentia desde o começo, mas estar ao seu lado é incrível demais para abrir mão. Por isso, eu o entendo de certa forma, mesmo com vontade de quebrar o filho da puta. Poder te amar me transformou, fez-me um homem diferente, fez-me ver as coisas de uma forma nova e isso eu vou estar sempre grato. Só que...

Os olhos dela estavam marejados e sentia que poderia sufocar a qualquer momento com o que estava para dizer.

— O quê? Alex não gosta de mim assim, Rodrigo. Ele confundiu tudo, o que fez foi besteira e me machucou bastante. Sabe aquela coisa que as pessoas contam uma mentira tantas vezes que acaba acreditando que é verdade? Pode ser que tenha sido isso que aconteceu, não sei, mas acima de tudo *eu* não gosto dele assim. O que mais precisa saber? *Eu amo você*!

Podia sentir a verdade e intensidade em cada palavra que Mileni dizia, e sabia que estava

sendo um babaca total por dar ouvidos as palavras maldosas que foram ditas para mim, a cena que vi com Alex, o ciúme que me corria. Às vezes, a gente faz uma besteira enorme porque não consegue deixar a porra do orgulho de lado, e isso é uma merda!

— É que não sei se fomos feitos para estarmos juntos, eu me dei muito mal com o relacionamento que tive no passado. Sofri bastante e fui humilhado o suficiente.

— Você tá falando da Lívia Lessa?

Assenti e estendi a mão acariciando o rosto dela, delicadamente.

— Ouvi o que as pessoas estavam dizendo lá na festa sobre nós, em todo lado que fui tinha críticas e olhares acusatórios. E também no restaurante aquele dia, você mesma viu que não era lugar para mim. Acho que temos que dar um tempo, deixar a poeira abaixar e pensar no que realmente precisamos para estarmos de pé, bem, juntos ou separados, não importa. Mas não dá pra viver como se tivesse uma espada da verdade sobre nossas cabeças nos julgando e esperando o próximo escândalo esfregar na nossa cara o quanto estão certos em dizer que não somos compatíveis, que não sirvo para você.

Naquela altura, minha voz estava rouca de emoção e dor, sentia que meu coração se partia em pedaços, aquilo parecia o fim e não só um tempo que disse que seria. Parecia estar abrindo mão da melhor coisa que me aconteceu.

Mileni não estava diferente de mim, mas ela não chorava, apesar de ver o quanto estava machucada. Sentia muito por fazer isso logo naquele momento, mas eu não podia ficar me sentindo mais daquele jeito.

— Rodrigo... — A voz dela estava embargada e falha. — Você está errado quanto a tudo o que disse, eu sei quem é você, o que sente por mim e o quanto é honrado, mas respeito a sua vontade de ficar um pouco distante. E te entendo! Mas você verá que tudo não passará de um momento ruim, e saberá que eu te amo de verdade, por ser quem você é e com tudo o que você tem para dar.

Engoli em seco e encostei a testa na dela, fechando meus olhos, apreciando aquele contato.

Mileni, me abraçou e fungou baixinho, fiquei ali sentindo que poderia ter arrancado o meu coração e deixado com ela. Porque é onde ele sempre pertenceria.

Insisti em repetir a mim mesmo que não era um ponto final, mas meu coração teimou em doer como se fosse.

Às vezes, duas pessoas se amam muito, mas não foram feitas para ficar juntas.

Esperei que Mileni dormisse, depois de nós dois chorarmos por horas e me levantei devagar, fazendo o possível para não acordá-la. Acreditei que não conseguiria ir se visse seus olhos pedindo para ficar.

Peguei o casaco no chão e antes de sair, olhei-a pela última vez. Meu coração pesava e não sabia como conseguiria chegar em casa, arrasado do jeito que estava.

Se pegasse um ônibus acabaria chorando feito um idiota, mostrando para todo mundo o quanto sofria por amor. Mesmo correndo risco de pagar uma fortuna chamei um táxi, que me pegou na portaria do condomínio.

O motorista era um senhor por volta de seus sessenta anos, que se manteve em silêncio por todo o caminho, algo que agradeci imensamente. Para minha sorte, como ainda era cedo, o trânsito estava tranquilo e não pegamos engarrafamento.

A corrida não ficou tão alta e quando fui pagar ao senhor, ele olhava para mim com pena.

— Não se sinta assim, rapaz, a gente faz o que precisa para sobreviver.

Franzi a testa e entreguei ao homem o dinheiro.

— Pode ficar com o troco!

Não sabia sobre o que ele estava falando, mas imaginava não gostar da resposta, abri a porta e pisei na calçada do prédio. Com o casaco nas costas subi as escadas como se tivesse um peso enorme nas costas. Acho que tirando o fato de enterrar meu pai, deixar Mileni e tudo que prometemos um para o outro foi a coisa mais difícil que precisei fazer.

Joguei o casaco no sofá e fiquei olhando para as paredes da minha casa, não enxergando nada realmente, apenas sentindo o vazio que havia em meu coração.

Dirigi-me à cozinha e peguei a primeira coisa que encontrei, uma garrafa de pinga das bravas. Sentei-me no chão, desfiz aquela gravata ridícula. Como consegui dormir com aquela merda? Abri a camisa até o meio do peito e soltei a tampa, dei uma longa golada sentindo queimar a minha garganta e descer fervendo.

Fiz uma careta ao terminar de engolir e apoiei a garrafa no chão. Olhei para a geladeira, onde tinha um adesivo de pinguim, presente de Paulão. O filho da puta parecia rir da minha cara e virei mais um pouco da bebida goela abaixo.

Assim permaneci por horas até que tudo ficasse embaçado e meu peito não doesse tanto, ou assim pensei. Eu mal conseguia enxergar um palmo a frente do rosto, depois de beber quase uma garrafa.

Então, agora me via jogado no chão e sabia que ali iria dormir, ou desmaiar. Que merda tinha feito enchendo a cara daquela forma? Como se me embriagar daquele jeito fosse adiantar alguma coisa. Fora que me enganei ao achar que a dor iria embora, meu peito doía muito ainda.

Não sabia como me sentir ou o que pensar, a última coisa que me veio à cabeça antes de apagar era do sorriso de Mileni e seus olhos incríveis olhando para mim com tanto carinho e admiração.

Caralho! Como essa porra doía!

Acordei com uma puta ressaca, a cabeça matando, o corpo pesando uma tonelada e ainda dolorido por ter dormido no chão frio da cozinha.

Era meio da tarde e estava com um gosto horrível na boca. Isso que dava encher a cara igual a um perdedor.

Levantei-me devagar, para não ter qualquer problema de equilíbrio e acabar no chão outra vez, peguei o celular que estava na bancada da cozinha e nem olhei para a tela ao apertar o botão de desligar. Tirei a televisão da tomada, não chegaria perto do computador naquele final de semana, não estava a fim de ver as notícias, nem a nota na mídia comprovando o que tanto temia.

Passei dois dias inteiros entre dormir, beber, comer, beber e dormir de novo.

Um caso clássico de pé na bunda, porém, naquele caso, eu mesmo procurei pelo sofrimento.

Estava à beira de ir atrás dela, pedir perdão, pedir para que não me ouvisse e que voltássemos de onde paramos. Contudo, apesar de estar sofrendo, não era assim que eu queria continuar.

Não podia começar um relacionamento tendo dúvidas, deixando que qualquer notícia ou comentário maldoso me afetasse daquela forma. Precisávamos de um tempo e se fosse para ficarmos juntos, aconteceria de um jeito ou de outro.

Só que será que poderia machucar menos e eu não parecer um babaca chorão só de pensar nela?

Na segunda de manhã me preparei psicologicamente, Jorge e Paulo estariam prontos para fazer perguntas que eu não queria responder. Cheguei à oficina bem cedo, abri as portas e comecei a organizar as coisas, algo que fazia só quando estava tendo uma crise de ansiedade, precisava distrair a cabeça, esvaziar a mente.

O que não seria tão simples, com meu peito parecendo estar carregando um vagão de trem.

Liguei meu celular pela primeira vez, talvez tivesse alguma ligação perdida dela, mas não tinha. Na verdade, havia várias ligações perdidas sim, mas era do Paulão. E falando no diabo...

— Por onde você esteve, seu filho da puta? Te procurei o final de semana todo, até bati na sua porta. Não estava em casa?

Balancei a cabeça e comecei a separar algumas peças do estoque para o meu trabalho do dia.

— Não estava disponível para conversar.

— Não estava disponível, é? Nossa que legal, você viu os jornais? Ligou a televisão ou a porra da internet?

Fechei os olhos imaginando o tipo de notícia que estava rolando pelas redes. Se quando nosso caso começou, a mídia ficou em polvorosa com um vídeo amador, imagina o que estariam dizendo agora?

Aquilo me incomodava de uma forma que tive vontade de sair socando tudo e quebrando as merdas que estivessem na minha frente para descarregar toda a raiva que sentia, levei minha mão até o pescoço sentindo uma tensão estranha.

— Não olhei nada disso e não estou interessado!

— Cara, o que aconteceu?

A voz do meu amigo estava um pouco estridente. Como ele perguntava o que tinha acontecido se tinha visto as notícias? Estava se fazendo de idiota ou algo parecido?

Balancei a cabeça e com a peças em mãos virei-me para ele, olhando-o firmemente, tentando que assim me ouvisse e entendesse a minha posição.

— Não quero falar sobre isso.

Paulão franziu o cenho e cruzou os braços.

— Você não quer falar sobre isso? E por que está com cara de uma ressaca de dias? Andou bebendo, Digão? E nem viu os jornais? O que você tá fazendo da sua vida, parceiro?

— Não te interessa!? E não quero ver essa porcaria!

— Não sei o que aconteceu, Rodrigo, mas tu tá cometendo um erro desse jeito, cara.

Senti o ódio subindo por minha garganta e ele tinha um gosto amargo, difícil de ser esquecido. A dor ainda era fresca dentro de mim, sabia que alguma hora eu contaria o que aconteceu, mesmo ele já sabendo pela mídia, mas não ainda. Não conseguia formar em palavras tudo o que senti naquela noite, como decaí do paraíso para o inferno.

— Porra, foda-se, o erro é meu e não quero falar disso, caralho!

— Vixi, já vi que o bonitão não passou a noite na casa da famosona.

Jorge entrou na oficina olhando para mim com aquela cara de sempre, revirei os olhos e saí de perto daqueles dois. Vi que Paulo se aproximou dele e começaram a fofocar, provavelmente sobre mim, não queria ouvir o que tinha para dizer então liguei o som no volume máximo, onde eu não conseguiria nem mesmo pensar.

Não queria me lembrar dos beijos dela, dos sorrisos que demos, das conversas que tivemos e das lágrimas que a vi derramar. Não queria lembrar das palavras de amor que me disse, muito menos das que eu disse para ela. Não queria me lembrar de como tudo que disseram era verdade: que eu não era suficiente para alguém como Mileni Pontes. Que ela estava apenas fazendo caridade estando comigo. Que eles eram o casal perfeito, que se encaixavam perfeitamente, que estavam no mesmo nível.

E no final do dia, meu humor estava pior do que quando cheguei na oficina, manter-me isolado não funcionou, precisava de mais uma garrafa de álcool para me entorpecer. Se bem que sabia que não adiantaria, eu acordaria do mesmo jeito, ou pior porque a ressaca era como uma vingança desgraçada.

As coisas não poderiam piorar, podia? Sim, claro que podia, sofrimento pouco era bobagem... Murphy filho da puta!

— Olá, Rodrigo!

Minhas costas ficaram tensas e levantei-me de onde estava abaixado, verificando um carro. Fiquei de costas por alguns minutos e vi que Paulo e Jorge ficaram sem reação olhando a pessoa que estava parada na entrada da oficina.

— Fiquei com saudades e vim te ver, espero não estar atrapalhando. Olá, meninos!

— O que você está fazendo aqui, Lívia? — Virei-me, encarando-a firmemente. — Está bem distante do seu círculo social.

Ela sorriu e desdenhou com um gesto, aproximou-se parecendo a dona do pedaço, trazia consigo um envelope de papel pardo e o estendeu para mim.

— Eu imaginei que gostaria de ficar com isso.

Peguei o envelope e tirei o conteúdo que havia dentro dele: eram fotos. Fotos minhas com Mileni na festa, de quando dançamos e nos beijamos e também algumas fotos dela com Alex, registraram até o momento que eu cheguei e os vi, podia ver a minha cara de decepção e choque, ainda podia sentir a dor que experimentei no momento.

Levantei os olhos e encarei Lívia.

— Por que me trouxe isso?

Ela deu de ombros, sorriu e se aproximou um pouco mais, ficando perto demais para o meu gosto.

— Queria que entendesse que ela não é para você, nós ainda podemos fazer aquele acordo, Rodrigo. Te ver pessoalmente me fez — passou os olhos por meu corpo, descaradamente — relembrar certas coisas e me dei conta de que não tive ninguém como você na minha vida. Deu saudade!

— Então trouxe essas malditas fotos para esfregar na minha cara que eu só sirvo como caridade, como um segredo maldito?

Os olhos azuis dela se arregalaram, então Lívia deu um passo para trás, talvez alarmada pela agressividade em minha voz.

— Você me ouviu?

— Sim, cada palavra. Agora e antes. E você tem razão em uma coisa: eu não sirvo para o seu meio. Não sirvo para ser o segredo ou a segunda opção de alguém. Ver-te também me lembrou de uma coisa, Lívia. Sabe o quê?

Ela balançou a cabeça, parecendo esperançosa.

— Em como você não chega aos pés da Mileni, eu posso ter sido apenas uma distração como disse, mas ela me deu muito mais do que você. Eu nunca quero te ver, falar com você, que dirá colocar um dedo em seu corpo. Para mim, você é um passado vergonhoso que eu preciso aceitar ter vivido.

Lívia engoliu em seco, o sorriso que estava congelado em seu rosto desde que chegou, morreu e franziu a boca em uma expressão clara de raiva.

— Você nunca vai sair desse lugar, podia se beneficiar com o acordo, mas prefere continuar com esse orgulho idiota!

Estreitei os olhos e aproximei meu rosto do dela, para que ficasse ainda mais claro o que tinha para dizer:

— Eu não quero sair de lugar nenhum, Lívia. E não me venderia para o que você tem para pagar, é pouco para deixar meu orgulho de lado. Agora, se me dá licença, tenho que trabalhar, se te virem aqui podem pensar que está procurando por algo que não está disposta a aceitar.

Seus olhos pegavam fogo e não esperei para ver qual reação ela teria, virei-me com aquelas fotos malditas nas mãos e entrei no escritório deixando tudo do lado de fora. Joguei o envelope em cima da mesa e as fotos se espalharam, foquei em uma que estávamos dançando, olhando um para o outro, como se não tivesse nada à nossa volta.

Meu coração deu um baque, senti como se pudesse chorar como um bebê, era um babaca mesmo!

— O que a Lívia estava fazendo aqui? Como ela te encontrou?

Levantei os olhos e vi que Paulão e Jorge entravam no escritório bem assustados.

— Eu lá sei? Só quero aquela mulher longe da minha vida!

Vi que Paulão olhava para o que tinha em cima da mesa e se virou para mim.

— É com isso que está preocupado? Acho que está olhando a notícia errada, Digão. Você tá cometendo um erro, cara!

— Você não sabe de nada! Fica aí correndo atrás de uma mulher que nem mesmo te dá bola. Sonhando com amor. Porra, essa merda só machuca e não leva ninguém a lugar nenhum! — Dei dois passos e peguei a nossa foto. — Tá vendo essa merda? Isso é ilusão! As coisas não são simples, não é só amar que tudo vai ficar bem, se fosse assim não teria tanta porcaria nessa bosta de mundo. Eu fodi com tudo, é isso que querem ouvir? Sou um fodido do caralho e posso ter entregado a única coisa boa que aconteceu em minha vida há muito tempo de bandeja para esse filho da puta de galã alemão.

Joguei tudo o que sentia em cima dos dois. Paulão pegou a nossa foto e a olhou com um sorriso no rosto, mas vi que tinha ficado magoado com o que eu disse. Porra, por que eu tinha que ferir quem amava?

— Acho que você não está enxergando o mesmo que estou vendo nessa foto. — Jogou-a em cima da mesa e olhou para mim. — Olha para isso direito, não é ilusão e eu te disse, já que as coisas nem sempre são como parecem. E eu não estou sonhando, não. Apenas deixo o que sinto bem visível para que, no final da vida, eu possa dizer que amei sem medidas e medos. E você? Está cumprindo tudo que prometeu para ela? Está protegendo a mulher que ama ou está agindo como um moleque? Um idiota fodido?

Virou-se e saiu do escritório seguido por Jorge, que havia ficado em silêncio o tempo todo,

então ele parou na porta e se virou para mim.

— Mulheres como ela não aparecem a todo momento, cara!

Sentei no sofá e deitei a cabeça no encosto, olhando para o teto sem realmente ver nada. Minha cabeça estava a mil por hora, meu coração machucado insistia em dizer que eu estava confundindo tudo, que deveria ir atrás dela. Não sabia o que fazer, mas se seguisse minha intuição, se seguisse o que queria, faria exatamente o que meus impulsos gritavam comigo.

Duas batidas na porta me fizeram virar a cabeça sem vontade, não me mexi, apenas olhei Paulão, que me encarava com o cenho franzido.

— O que foi agora?

— Você tem visita!

Arqueei uma sobrancelha e meu amigo deu passagem para o visitante entrar. E o dia não podia ficar pior.

Levantei-me num pulo, pronto para quebrar a cara daquele filho da puta de uma figa!

— O que você veio fazer aqui, Alex?

Capítulo 55

Nunca mais espero te encontrar
Por tudo que você me fez passar
Tantos dias sem entender
Esperando por você, que não vai voltar
(Dias atrás – CPM 22)

Mileni Pontes

Meus olhos passavam pelas páginas do livro sem que eu realmente absorvesse a história, meus pensamentos estavam longe e, mais uma vez, olhei para o celular em busca de qualquer sinal que indicasse que Rodrigo tivesse me procurado, mas não havia nada.

Senti que meu coração batia descompassado cada vez que pensava nele e não sabia como me sentir a respeito, pois em segredo eu acreditei que ele voltaria atrás com toda aquela bobagem.

Quando acordei e não o encontrei em lugar nenhum da casa, nunca me senti tão sozinha quanto naquele momento.

Seu carinho e apoio foi surpreendente, fez com que não desabasse de uma vez só, que me entregasse as minhas fraquezas; mesmo quando disse que precisávamos nos separar, seu amor foi um bálsamo para minha alma ferida.

Aquele vídeo acabou com o meu psicológico, tirando a minha paz, fazendo-me questionar o que conquistei desde então.

Era mesmo merecedora do meu trabalho, do sucesso, da admiração das pessoas?

Naquelas imagens, eu parecia ser alguém diferente, uma drogada, irresponsável...

Mas, na verdade, o que deveria me importar o que pensam de mim? Por que deveria dar importância a isso sendo que tudo que eu fizesse, bom ou mal, seria alvo de críticas? Era tão relevante assim ser bem vista pelos olhos dos outros?

Ao olhar as palavras daquele livro, sem realmente ler nada, eu percebi que não era. Eu não dava a mínima para o que pensavam de mim, não era por isso eu estava ali, isolada de todos, sem atender telefonemas da minha família e amigos, que não queria ver ninguém. Eu estava naquela praia sozinha, apenas na companhia de um livro porque queria colar de volta o que havia se quebrado ao ver retornar o passado que tentei com tanto afinco esconder. Que tanto tentava esquecer.

Dei-me conta de que errei ao fazer isso, ao sufocar aqueles sentimentos e as dores que elas traziam, dei um poder muito grande a elas. Deixei que crescessem de uma forma que eu não conseguia nem mesmo respirar. Eu estava ali para me transformar em alguém que queria ser, aprender a não deixar que me magoassem e então me dei conta que as pessoas que me amavam de verdade nunca me olharam de forma diferente, nem mesmo quando entrei naquele mundo escuro das drogas e do álcool.

Por isso, me lembrando dos olhos dos meus pais, quando enfim eu me internei naquela clínica de reabilitação, e me reergui de volta, sabia que tudo ficaria bem. Porque, apesar dos meus erros, tinha pessoas que me amavam acima de qualquer coisa.

Mesmo sofrendo com a partida de Rodrigo, que foi um dos motivos que me levou ao refúgio daquela praia, eu o entendia. Pois, antes de nos abrirmos para alguém plenamente, temos que nos perdoar dos erros que podemos ter cometido, nos livrar de coisas que nos prendem ao que já passou.

Para que o convencesse de que éramos sim perfeitos um para o outro, eu tinha que me fortalecer e blindar a maldade que as pessoas direcionavam a nós, tinha que bater de frente aos problemas que surgissem, não poderia fraquejar e deixar que nos destruíssem.

Só de pensar que poderia perdê-lo por coisas tão banais, sentia meu peito doer e precisei passar a mão tentando amenizar aquele sentimento sufocante.

Deixei o livro aberto em meu colo e recostei-me na cadeira de praia, olhando a imensidão do mar. Havia me refugiado na casa de um amigo, e a praia era meio paradisíaca. Só conseguia acesso por lancha e tinha tudo o que precisava ali.

Puxei o ar com vontade enchendo os meus pulmões de oxigênio puro, o cheiro da água salgada invadiu os meus sentidos fazendo com que lembranças boas inundassem minha mente: o sorriso da minha mãe, o abraço acolhedor dos meus irmãos, o orgulho e carinho que via nos olhos do meu pai. A risada da Priscila, e até das bobagens que Alex falava. Mas o que se sobrepunha a tudo era a voz de Rodrigo, seu toque e o amor que me jurou.

Deus, como sentia falta dele!

Fazia quatro dias que eu tinha saído do ar e naquela manhã o sol estava pleno no céu azul, os pássaros piavam e eu podia sentir a paz invadindo meu coração, aceitando o que não poderia ser mudado.

Decidi que já era hora de dar notícias minhas a todos, e resolvi ligar para Rodrigo, dizer a ele que sentia muito por tudo, que o entendia e respeitava o que sentia, mas que queria vê-lo, pois sentia saudades.

Mas, antes que pudesse pegar meu celular e retornar as mensagens e ligações, ouvi uma voz, que não deveria escutar ali naquele lugar remoto, gritar meu nome combinado com um xingamento:

— Mileni, sua filha da puta! Sabe o que eu tive de fazer para te encontrar aqui, sua vaca?

Dei um pulo na cadeira e fiquei de pé, protegi os meus olhos do sol e procurei pela dona daquela voz estridente, demorou para que eu conseguisse focar, mas a encontrei. Priscila descia de uma lancha, ajudada por um rapaz e caminhava em minha direção como se estivesse com muita raiva.

— O que está fazendo aqui? Como me encontrou?

Fiz o impossível para que nem mesmo meu irmão soubesse onde eu estava, conhecia bem minha família e eles fariam de tudo para estarem do meu lado naquele momento, quando na verdade eu precisava apenas de solidão.

— Tenho meus meios, né? Dei três dias para a senhora se curar e chega! Passei por momentos tensos hoje, sabia? Foi uma aventura e tanto.

Então ela chegou, me abraçou apertado e eu nem sabia o quanto estava precisando naquele momento, depois de tudo que aconteceu, depois que minha vida virou de pernas para o ar.

Envolvi-a com meus braços e fechei meus olhos sentindo todo o amor que nossa amizade me trazia, toda a aceitação e compreensão.

— Você sabia onde eu estava desde o começo?

Pri assentiu e percebi o quanto estava emocionada, por isso não queria falar.

— E esperou um tempo até me encontrar?

Ela se afastou, fungou e enxugou uma lágrima que escorria por seu rosto.

— Eu sabia que você precisava de espaço, te conheço melhor do que imagina, garota. — Revirou os olhos e fez uma careta de brava. — Mesmo querendo dar na sua cara pela preocupação que nos causou. Seus pais ficaram muito mal quando viram o que aconteceu pela TV.

Engoli em seco com aquela novidade, sabia que tudo se tornaria um circo e foi um dos motivos que fizeram eu me afastar, não precisava carregar ninguém comigo para aquilo e se ficasse por perto seria cercada por repórteres querendo saber o que não tiveram alcance na época.

— A coisa está muito feia?

Ela fez um muxoxo e deu de ombros.

— Nah! Você sabe como essas coisas são, você nem dá tanto ibope assim.

Sorri com o seu sarcasmo, o que queria dizer que estava bem mais feio do que eu esperava.

— Fico feliz que esteja aqui, não sabia o quanto precisava conversar e não me afogar em meus próprios pensamentos.

— Eu sei disso, além do fato que ficar só ouvindo seus pensamentos não deve ser coisa muito boa, né?

Estreitei os olhos e sorri, abaixei-me e peguei o livro que tinha deixado cair na minha surpresa por vê-la ali. Limpei a sujeira que ficou nas páginas e me virei para Pri.

— Vamos entrar para que me conte como conseguiu me achar aqui.

— Mulher, esse lugar é dez, hein! Queria ter amigos como o seu para me emprestar a casa na praia deles assim.

A casa era linda, simples e confortável. Não era grande, os cômodos eram todos unificados, sem paredes os dividindo, somente o banheiro tinha uma porta e privacidade.

— Nossa, que lugar gostoso, Mi! Por isso não quis voltar para casa, né?

Coloquei o livro em cima da mesa e me virei para ela.

— Né? Muito gostoso ficar aqui, apesar de não ter aproveitado muito meu tempo.

Sentei-me na cadeira e apoiei os cotovelos na mesa, encarando minha amiga, que fazia uma cara feia para mim.

— Agora a pergunta que não quer calar: conseguiu encontrar o que veio procurar aqui?

Pri se sentou na cadeira à minha frente e estendeu a mão, oferecendo apoio. Aceitei seu

gesto e suspirei pesadamente.

— Sim e não. Percebi que me esconder da forma que fiz todos esses anos não foi bom porque se tornou maior do que precisava ser, mas ainda sinto muito quando me lembro do Bento. De tudo que ele podia realizar, do cara que podia ser, do sucesso e a carreira dele, que estava apenas no começo. Ele seria maravilhoso, Pri!

— Bom, não sei quanto a isso porque o cara era meio destrutivo e a mãe dele o deixaria louco, mas eu entendo o que quer dizer. E é mais do que natural que se sinta desse jeito, você o conheceu, amou o homem e perder alguém assim deixa marcas, só não pode deixar que isso te esmague. É forte, mas você precisa ser mais.

As palavras da minha amiga apenas cimentaram aquilo que descobri estando ali, assenti concordando com ela, sabia que tinha razão. Mas falar é muito mais fácil do que fazer realmente.

— E como estão as coisas por lá?

Ela deu de ombros e puxou a mão de volta, pegou o celular da bolsa que carregava. Abriu e virou para mim, mostrando não uma notícia do escândalo que Fatima armou, mas outra coisa.

Arregalei os olhos e a encarei pegando o celular da sua mão.

— O que é isso? Não foi permitido ninguém da mídia na festa!

— Parece que alguém vendeu essas fotos para esse site. A mídia está enlouquecendo, Mileni!

— Deus do céu!

A página de capa da revista mostrava uma foto minha com Rodrigo, nos olhávamos cheio de amor e carinho, foi quando estávamos dançando e uma outra foto eu beijava Alex, me lembrava daquele momento. Eu tentava empurrá-lo sem conseguir, pois minhas mãos estavam presas entre nós, e na foto parecia que eu o acariciava no peito, não que tentava me livrar dele.

Não tinha me permitido pensar muito sobre o que aconteceu ou acabaria pior do que estava. O que Alex fez foi muito mais do que avançar um sinal, ele traiu a confiança que tinha nele. Traiu a nossa amizade... Não acreditava naquela química que dizia sentir, Alex era um homem solitário, que nunca tinha gostado de alguém de verdade e com o passado complicado que tinha preferia se manter solitário. Por isso não se aproximava de ninguém, nossa conexão aconteceu naturalmente; quando vi confiava a minha vida nele e ele em mim. Mesmo entorpecido pelo álcool, ele nunca deveria ter me agarrado daquele jeito depois que pedi para que se afastasse. Ele abusou do meu carinho e isso era algo que custaria a perdoar, se fosse possível de acontecer.

Acreditava que, infelizmente, a nossa amizade não seria a mesma.

— Rodrigo viu isso? — Se ele já estava em dúvida sobre nós antes, imaginava como deveria estar depois de todo o bombardeio da mídia.

— Não sei, amiga! Não falei com ninguém da oficina, mas é bem provável.

Engoli em seco e li as palavras ferinas que disseram sobre mim.

"Depois do escândalo da festa, Mileni Pontes sumiu do mapa. Quem será o verdadeiro amor da nossa diva? Ou será que ela está com os dois bonitões? Eu não a culparia, é uma difícil escolha entre o príncipe e o plebeu."

— Minha nossa, as coisas entre nós já não estavam boas. Ele pediu um tempo para pensarmos sobre nós e tudo que envolve estar juntos, agora mais isso.

— Aquele idiota... Foda-se os motivos dele, tô com vontade de socar a cara bonita dele só por ter te deixado sozinha assim. Se vir com uma de macho com orgulho ferido, não respondo por mim.

Sorri para Pri, que sempre procurava uma forma de me proteger. Apesar da tristeza e a sensação de abandono, entendia o lado dele. Se fosse o oposto, como aconteceu quando Vitória apareceu na oficina, eu surtaria e o ciúme tomaria conta. Eu o conhecia suficientemente bem, para saber que estava se remoendo por tudo que nos aconteceu.

— As coisas não são simples, Priscila. Se fosse, não se chamaria viver, né? E vendo uma merda dessa, o que a pessoa pode pensar?

— Que a mídia monta historinha o tempo todo?

— É, mas ele não está acostumado a isso. Eu preciso voltar!

— Assim que eu gosto de te ver, o moço da lancha está esperando a gente, eu sabia que você voltaria depois que visse isso. Que babado, garota! O Alex também não ajudou, né? — Pri sorriu, olhou em volta. — Se bem que acho que ficarei por aqui pelos próximos meses, você me traz pizza e chocolate? Não consigo ficar sem eles na minha vida!

Nossa, como a gente era parecida. Levantei-me e abri a geladeira.

— E você acha que eu vivi a base de quê esses dias? — Nas prateleiras havia várias caixas de pizza congelada e doces feitos com chocolate.

Os olhos dela brilharam e, então, levantou-se abrindo os braços.

— Casa comigo?

Capítulo 56

Não sei viver sem ter você
Hoje eu queria te esquecer
Mas quanto mais eu tento, mais eu lembro
Não sei viver sem ter você
(Não sei viver sem ter você – CPM 22)

Rodrigo Silva

— Queria conversar com você!

Ele entrou no escritório e sorriu sem graça para Paulão, que fechou a porta, com cara de poucos amigos. Estreitei meus olhos e dei um passo na direção dele, que ficou tenso esperando pelo soco que sabia merecer.

— E o que seria? Preciso de apenas um motivo para quebrar a sua cara.

— Não te culpo, no seu lugar faria bem parecido.

— Que bom então! — Agindo por impulso e todos os sentidos primitivos aflorados desferi um soco no queixo dele que o fez cambalear para trás. Senti os meus nós dos dedos doloridos, mas valeu a pena. Podia sentir meu corpo até mais leve. — Agora você pode falar, mas fala logo que tenho coisas mais importantes para fazer.

Alex assentiu, fez uma careta e colocou a mão no rosto e abriu a boca testando se o maxilar estava no lugar, não achei que tivesse batido com tanta força, coçou a cabeça e suspirou profundamente. Percebi o quanto estava pouco à vontade em estar ali, mas não me importava

em como ele se sentia. Já tinha feito o que estava com vontade desde a festa.

— Posso me sentar? — Dei de ombros e continuei em pé, afastei as pernas e cruzei os braços. Se era minha intenção intimidá-lo? Com certeza! Pelo menos, eu era maior e tinha mais músculos do que ele, foda-se se estivesse parecendo um valentão! — Não sei por onde começar a me desculpar, o que tenho feito há semanas não tem explicação. E o que fiz na festa foi horrível!

— Não é comigo que você tem que se desculpar e sim com Mileni, foi ela que você beijou à força, não eu.

Ele engoliu em seco, provavelmente não esperava que eu fosse tão sincero. Mesmo me sentindo mal com a cena que presenciei, eu sabia que não era por vontade própria que Mileni havia beijado o cara, ela era uma pessoa honesta e se tinha um compromisso comigo, não iria trair minha confiança. Tudo que pensei na hora foi coisa de momento, por isso que voltei para tirar a limpo o que tinha acontecido. A questão não era que eu sentia que estava sendo traído, o que acontecia entre nós era que eu sentia que não me encaixava no mundo ao qual ela pertencia.

— Eu sei, mas devido ao que saiu na mídia achei que deveria vir aqui me desculpar. Mileni nunca me viu daquela maneira, sempre me tratou com carinho e confesso que, de certa forma, tenha me aproveitado disso, sou atraído por ela desde o primeiro momento em que trabalhamos juntos. Quem não ficaria? Ela é incrível! E com tudo que falaram de nós na mídia, acabei enfiando os pés pelas mãos, estava fraco e enchi a cara. — Sorriu de forma estranha e olhou para mim, já ficando sério. — Mas o que fiz não tem desculpas e por isso vim aqui te dizer isso, não quero que ela sofra, ou que você acredite nessas bobagens que aparecem nos noticiários, porque é tudo marketing, tudo montagem da mídia. Logo passa, qualquer um pode ver o quanto vocês se amam. Não quero que se separem por minha causa.

Podia ouvir sinceridade na voz dele e fiquei com um pouco de pena do cara por ser tão idiota e não ver o que realmente estava acontecendo com o que havia feito, só um pouquinho, porque a minha vontade de socar a cara alemã dele de novo era bem grande. Descruzei os braços e me sentei na cadeira bem longe, para não ceder às tentações. Vai que...

— Olha, eu não gostei do que você fez. Quem gostaria, né? Ver um filho da puta beijando sua mulher, ainda mais à força! Mas o que temos aqui é um caso clássico de filhinho da mamãe que não sabe receber um não, acha que é um presente de Deus para as mulheres, que ninguém deveria resistir aos seus encantos. Está tão acostumado a ter tudo o que quer que, quando vê que não vai conseguir, tem as merdas de crise de identidade, enche a cara para ter coragem de fazer o que sóbrio seria um absurdo. Você traiu a confiança dela, usou a amizade como uma ponte para estar perto. Você pode dizer para qualquer um que não foi isso, mas eu sei. Esperou esses anos todos por uma oportunidade para dar o bote. Só que o tiro saiu pela culatra, né? Viu que fez besteira!

Vi que Alex engolia em seco e abaixou a cabeça, o homem parecia mesmo muito abalado com tudo que tinha acontecido e, sinceramente, eu não estava facilitando nada para ele. Mas não faria isso mesmo, pois a raiva que ainda sentia por ele tê-la assediado daquela forma poderia ser identificada claramente em meus olhos.

— Não foi assim, eu só fiz besteira... Mas nunca deixei de respeitá-la.

Assenti sorrindo com sarcasmo, ele não via mesmo as coisas como eram, né?

— Vai me dizer que nunca se aproveitou de uma brincadeira, algo inocente entre amigos, para tocar ela? Para tirar uma casquinha, assim como muitos fazem? Não se aproveitou dos momentos de fragilidade dela para se aproximar mais? Ao invés de apoiar como qualquer pessoa decente, dar abraços sem segundas intenções, dar carinho sem malícia?

Seu rosto foi mudando e ele parecia realmente assustado, os olhos estavam esbugalhados e a cor parecia ter sumido do seu rosto de um milhão de dólares. Babaca!

— Não eu... é isso que parece? Deus, o que eu fiz? Preciso que entenda...

Levantei a mão impedindo-o de falar no meio da frase.

— Eu não sou seu amigo, não tenho nenhuma simpatia por você, então não sou a pessoa certa para te ajudar nesse caso, não vou passar a mão na sua cabeça pelo que fez alegando que foi algo de momento, um ato de bebedeira. Foi assim que aquele babaca riquinho quase matou

a Mileni. A sociedade nos dá direitos, como homens, de uma forma muito distorcida. Eu não tenho estudo, não fiz faculdade ou sou cheio da grana como você, tenho poucos bens, ou bem nenhum, mas minha mãe me ensinou como respeitar as mulheres, que deveria saber os meus limites e que *não* significa exatamente o que ele quer dizer: NÃO. Então, parceiro! Se veio aqui procurar redenção, está no lugar errado. — A bile subia por minha garganta só de olhar para o filho da puta. Ele não tinha entendido a grandiosidade da merda que tinha feito, estava preocupado mais com a imagem que eu teria da situação, se Mileni tinha me traído ou não. Levantei-me não aguentando mais olhar para ele. — Se me der licença, eu tenho trabalho a fazer!

Alex olhava para mim, mas percebi que estava bem chateado, poderia dizer que ainda mais do que quando chegou. Não me importava com isso e fui logo abrindo a porta para que saísse. Seus pés arrastavam no chão como se ele tivesse bolas de ferro presas em seus calcanhares. Quando se aproximou, parou e olhou para mim.

— Sinto muito por tudo!

— Não é comigo que tem que se desculpar, já disse isso.

Ele assentiu, cabisbaixo, e saiu do meu escritório. Fechei a porta e bufei alto levando as mãos à cabeça. Que confusão de merda era aquela? Estava tudo se tornando um verdadeiro inferno para mim e tinha a impressão de que as coisas piorariam.

Eu havia afastado a mulher que amava, tinha gritado com meus melhores amigos, o que mais poderia acontecer?

Bem, como merda pouca era bobagem, descobri que as coisas poderiam sim piorar dois dias depois, quando cheguei a oficina e tinha um bando de repórteres na porta. Franzi o cenho, desci da bicicleta e fui me aproximando, já pensando que poderia ter um corpo de alguém lá na frente, ou que a oficina tivesse sido assaltada.

Que outra explicação teria para aquele circo todo?

Porém, quando um deles me viu, descobri o real motivo de estarem ali. Foi uma loucura,

começaram a se aglomerar a minha volta, com microfones, câmeras, gravadores, celulares e a porra digital toda, enchendo minha cabeça de perguntas.

— Você tem algo a ver com o abandono de Alex do projeto junto com Mileni?

— Vocês estão juntos?

— Tem algo a ver com o romance dos dois ter terminado?

— Pode nos contar alguma coisa a respeito da partida de Alexander Becker do país?

E muitas outras parecidas. Vi-me perdido, cego de tantos flashes na cara e tantas pessoas tão perto de mim. Percebi naquele momento que poderia ser claustrofóbico, ou era só antissocial mesmo. Pois estava a ponto de ter um ataque de pânico ou de fúria.

— Que porra é essa que está acontecendo aqui?

Olhei em direção ao grito e vi que Paulão se aproximava, ele sempre intimidava as pessoas com seu tamanho e a cara feia. E gostava de usar isso ao seu favor quando necessário.

Paulão foi abrindo caminho, afastando os repórteres e eu passei por ele, estava um pouco assustado com o que estava acontecendo. Há uma semana não ligava a TV ou via as redes sociais, então não tinha ideia do que falavam. Abri a porta da oficina e entrei sendo seguido por meu amigo, que se manteve distante pelos dois dias depois que fui um babaca com ele.

— Que merda é essa? Você sabe o que aconteceu para eles estarem aqui?

Paulão arqueou as sobrancelhas e sorriu tirando o lenço do bolso e amarrando na cabeça.

— Você não tem jeito mesmo, não se informa de porra nenhuma, nem quando pode estar envolvido. Alex saiu do país, abandonou o projeto que tinha com Mileni e a mídia está em polvorosa querendo saber o motivo.

Não esperava por isso, foi de propósito que não me inteirei do que estava acontecendo no mundo das celebridades, ainda mais depois da visita do Alex. Não queria ver que escândalo era

aquele que se referiu, muito menos ver mais fotos dos dois juntos. Mas saber que o covarde tinha abandonado Mileni surpreendeu-me, pensei que teria coragem de enfrentar seus erros.

— Nossa, ela deve ter ficado surpresa!

— Pelo que parece, já está procurando um substituto para o papel.

Assenti, engolindo em seco, ao ter notícias dela. Não ouvi falar do seu nome há dias e a saudade só fazia aumentar em meu peito.

— Pergunta logo, cara!

— O quê? — Olhei para ele de cenho franzido.

— Pergunta como ela tá, se eu sei alguma coisa, deixa esse orgulho de lado, cabeça-dura. — Paulão sorriu. — Pelo que eu li, ela estava em um retiro na praia e voltou ontem, mas logo partirá para os Estados Unidos para dar continuidade ao projeto. Por que não liga para ela?

— Não posso, não tenho nada para falar.

— Mentiroso!

E naquele momento fui salvo de dar mais explicações por Jorjão e Rafael, que entravam na oficina com os olhos arregalados.

— Que circo é esse? — Apontou com o polegar para a porta do lado de fora.

Dei de ombros e me virei, não querendo falar mais nada.

— Pelo jeito vamos trabalhar com as porras fechadas hoje. — Paulão riu e apontou para mim com um gesto de cabeça.

Jorjão assentiu como se entendesse que o motivo de toda a confusão era eu. Estava começando a me irritar com essa mania que os dois tinham de conversar em silêncio.

Voltei ao meu trabalho, com a mente cheia de perguntas. Como isso tinha acontecido? Será que Alex havia procurado por ela para se explicar ou apenas abandonou tudo deixando-a na mão?

Meu peito estava doendo, coração cheio de saudade, mas de alguma forma não conseguia pegar o telefone e mandar uma mensagem. O circo na minha porta e todas as perguntas que vieram com os recentes acontecimentos eram provas de que nossos mundos eram completamente diferentes.

Capítulo 57

Você disse que não sabe se não
Mas também não tem certeza que sim
Quer saber?
Quando é assim, deixa vir do coração''
(Se – Djavan)

Mileni Pontes

A primeira coisa que fiz quando retornei ao Rio foi procurar pelas manchetes que estivessem falando sobre a festa e tudo que aconteceu, tinha que estar preparada para qualquer coisa que pudesse estar acontecendo, para a minha surpresa o ponto alto não foi o vídeo, quase não encontrei qualquer coisa falando sobre isso, mas sim meu suposto término com Alex por causa de Rodrigo.

— Deus, essa gente é louca. Olha só o que estão dizendo aqui! — Priscila se sentou ao meu lado em frente ao notebook e olhou para onde eu estava apontando, comecei a ler em voz alta, mesmo que ela estivesse vendo. — "*Mileni Pontes tem uma enorme lista de homens lindos aos seus pés, isso não é surpresa para ninguém, ela é uma mulher inteligente, talentosa e rica. E claro, todos torciam para que o romance com Alexander Becker se tornasse o casamento do século, mas a nossa diva nos surpreendeu ao deixá-lo por um mecânico do subúrbio. Não que ela esteja errada, porque o bruto é um colírio para os olhos, porém os fãs estão dividindo as mídias sociais em concordar ou não de sua decisão. Alex ficou tão abalado com o pé na bunda, estilo brasileiro, que largou tudo voltando para a Alemanha. Vamos acompanhar esse novo romance da nossa diva para ver no que vai dar".*

Pri recostou-se na cadeira e colocou um dedo no queixo, batendo nele duas vezes,

parecendo pensativa.

— Olha, Leni. Até que achei essa nota bem *ligthzinha*, viu? Não teve nenhuma ofensa, ou doideiras tão sem sentido.

— Ah, não?! Só o fato de ficarem o tempo todo dizendo das minhas diferenças sociais com Rodrigo. Será que esqueceram de onde eu vim? E que porra é essa de fila enorme? Cara, estou solteira há anos!

Pri deu de ombros e sorriu, apoiando o cotovelo na mesa e descansando a cabeça na mão.

— Eles não sabem disso, esqueceu do marketing que a *Fávaca* fez sobre você e o Alex estarem juntos e depois com o Thor gostosão? Ai, Deus, adoraria um marketing desses!

Revirei os olhos e balancei a cabeça, só Priscila para fazer graça com um negócio desses.

— Esse negócio com o Chris eu não concordei, ele é muito bem casado e um amigo querido. Fátima errou feio e teve que pagar, fiz com que ela se retratasse com a família dele pessoalmente. Mas e agora mais isso do Alex ter voltado para a Alemanha?

— Ele é covarde, amiga. Já te disse isso. Por esse motivo que não quis mais de uma noite com o cara.

— Você nunca quer mais de uma noite com ninguém.

Ela sorriu e assentiu com entusiasmo.

— É verdade! Mas vamos lá, o que a senhorita quer fazer? Vai atrás do bofe ou vai resolver isso do Alex primeiro?

A vontade que eu tinha de voltar correndo para o Rodrigo era enorme, mas eu tinha compromisso com as pessoas, responsabilidades que assumi, não era uma pessoa de fugir das minhas obrigações. Então peguei meu celular discando o número da pessoa que me esclareceria toda a confusão. Pri arqueou as sobrancelhas, claramente curiosa de para quem eu

estava ligando.

— Diego, te espero na minha casa em meia hora!

— *Mileni, que bom que voltou, as coisas estão uma bagunça desde ontem, mulher!*

— Eu sei, por isso estou te chamando, vamos resolver tudo.

— *Chego aí em vinte minutos.*

Virei-me para a minha amiga, que estava parada me olhando e sorriu voltando para o computador.

— Agora que definimos a nossa tarefa principal, vamos nos preparar para mais baques da mídia.

E assim passamos os minutos que demoraram para que meu irmão chegasse, rolando páginas e páginas de sites de fofoca, redes sociais e tudo que poderia ter sobre o escândalo da festa, era realmente uma surpresa que as pessoas mal comentavam disso, e as que falavam se solidarizavam pelo que aconteceu. Não me julgavam ou culpavam como temi, o projeto do filme estava cada vez ganhando mais popularidade entre os fãs, isso queria dizer patrocinadores. O que era ótimo!

Quando minha porta se abriu e entrou um Diego descabelado, com os olhos vermelhos, provavelmente de trabalhar a noite toda e com certeza movido a café, pois estava agitadíssimo, logo me preparei para horas de trabalho.

— Aquele Alex é um idiota completo, viu? Sei que é seu amigo, mas é um babaca! Ele me ligou ontem à noite, disse que estava deixando o projeto, que o advogado nos procuraria para pagar a rescisão do contrato, mas que não poderia mais trabalhar com você, aí todo mundo viu nos jornais o lance que aconteceu na festa. Que merda é essa, pode me explicar? Você beijando o Alex?

Joguei-me no sofá porque a coisa iria crescer de uma forma que não queria estar de pé para

ver. Meu irmão surtaria com certeza.

— Ele bebeu muito na festa, estava estranho há dias, avançou o sinal e me beijou à força. — Minha voz soou tão apática que até estranhei aquela calma toda, sendo que eu estava muito machucada pelo que havia acontecido.

— Avançou o sinal, o caralho, Leni! Para de defender esse cara e conta isso direito! O filho da puta assediou sua irmã colocando a culpa na bebida, deve estar com vergonha ou medo de encarar você e fugiu, covarde do caralho!

Olhei para Priscila com as sobrancelhas arqueadas. Como cabia tanto palavrão na boca dela de uma vez só. Ela deu de ombros e se jogou ao meu lado no sofá olhando para Diego, que estava paralisado.

— Ele fez o quê? Filho da puta, por isso mandou mensagem e não veio falar comigo pessoalmente! Pensou que eu soubesse quebraria a cara do babaca. Ah, mas vou arrancar um dinheiro dele ou então pego o avião e faço exatamente o que tentou evitar.

— Vamos nos concentrar em nossos problemas agora, estamos sem ator para protagonista e a Priscila me deu uma ideia de quem seria um belo deus do rock.

— Eu dei?

Assenti e sorri de lado, olhei para Diego e pisquei um olho.

— Chris Hemsworth.

— Mano do céu, que babado! — Pri começou a pular na sala e se sentou ao meu lado, Diego se acabou do outro lado da sala, a contragosto, porque ainda queria ir até a Alemanha bater no Alex.

E passamos o dia nessa de entrar em contato com os produtores, atores e o estúdio onde seria a gravação do filme nos Estados Unidos. Eu partiria no final de semana para tratar de tudo pessoalmente. Liguei para o Chris, que aceitou prontamente meu convite, comovido com

tudo que aconteceu. *Pois é, as notícias atravessaram o oceano.* Estava animada com o rumo que as coisas estavam tomando e quando percebi já havia passado a noite inteira trabalhando ao lado da Priscila e do Diego, que na verdade no momento dormiam no tapete com muitos papéis no colo.

Levantei-me sorrindo e fui tomar um banho, era hora de ir ver como Rodrigo estava, queria conversar com ele antes de partir, não sabia quando poderia voltar e não aguentaria ficar tanto tempo longe sem resolver a nossa situação.

Esperava que ele tivesse tido o tempo que precisava para resolver o que o incomodava.

Peguei o carro do meu irmão emprestado, era mais discreto e tinha um adesivo nos vidros que me acobertariam dos olhares curiosos.

Ao parar em frente à oficina vi que havia um bando de repórteres em volta de alguma coisa, ou melhor alguém, alguns fazendo transmissões ao vivo, outros tirando foto, enfim, algo que eu já estava acostumada.

As portas estavam fechadas e, quando percebi que Paulão estava escoltando um Rodrigo claramente chocado para dentro da oficina, dei-me conta de que não podia descer do carro e sair caminhando entre aqueles repórteres sem que me notassem. E se caso resolvesse fazê-lo só pioraria a situação para ele, sabia o quanto era reservado e gostava de manter a discrição.

Eu havia levado isso para sua vida e mesmo com o coração dolorido de saudade, ainda precisávamos de mais um tempo, mais um espaço para que as notícias esfriassem e a mídia fosse à caça de outro escândalo, outro furo de reportagem.

Liguei o carro e dei meia volta, colocando distância entre nós para que a vida dele pudesse voltar à normalidade.

E essa distância seria ainda maior, porque, devido a todo o circo que estava sendo armado, eu adiantaria minha partida para os Estados Unidos. O tempo se encarregaria de colocar tudo no seu devido lugar.

Um mês depois...

— Mileni, entramos em cinco minutos!

Ouvi batendo na porta do camarim e já tinha escutado aquele aviso tantas vezes nos anos que trabalhava como atriz que era tão comum quanto piscar os olhos.

Estava há um mês fora do Brasil acertando todos os detalhes para o filme e começaríamos a gravar em poucas semanas, fizemos alguns ensaios de roteiro e contratamos todos os atores principais que trabalhariam conosco, Chris estava muito animado com todo o projeto e lamentava o que tinha acontecido. Alex havia sumido da mídia e poucos sabiam o que tinha acontecido com ele.

Não recebi uma mensagem sequer dele no mês todo, nenhum pedido de desculpas, nada. Deixou-me bem decepcionada, o que aconteceu comigo não chegou a ser algo tão grave como víamos sempre na mídia, mas poderia ser. Éramos amigos íntimos, ele tinha liberdade comigo, dormia na minha casa, se tentasse algo contra mim em algum momento eu estaria vulnerável; com todo o histórico que tínhamos ainda poderia ser acusada de provocar tal atitude. Era isso que mais me chocava. Se ele não pediu desculpas, se não se incomodou ao menos em se explicar, admitir que havia errado, indicava que não se sentia culpado, certo? E se era esse o caso, do que mais um cara como ele seria capaz?

Aos poucos, o escândalo foi sumindo, passei a monitorar as revistas, jornais e todo meio de comunicação. Estavam esquecendo de falar sobre o assunto, Priscila disse que os repórteres haviam deixado a oficina uma semana depois da minha partida, o que era ótimo. Eu estava prestes a voltar para o Brasil e procuraria Rodrigo, já estava na hora.

Nós não nos falamos, não tentei entrar em contato e nem ele comigo. Mas a cada minuto

que se passava eu me lembrava dele, me peguei sorrindo tantas vezes recordando de nossos momentos, de bobeiras que dizíamos um para o outro, das vezes que ficamos deitados na cama apenas nos olhando, batendo papo sem sentido, de quando o apresentei para meus pais, de como me sentia inteira, plena e transbordava ao seu lado. Dos beijos doces, de seu abraço e amor incondicional, das vezes que me vi perdida e ele estava ali para me ajudar a encontrar o caminho.

Não tivemos um relacionamento de anos, mas o que o tempo tem a ver com o amor que nasce entre duas pessoas e se torna tão grande que você sente que encontrou o que faltava?

Naquela tarde daria uma entrevista a um dos mais importantes programas jornalísticos do Brasil, eles haviam entrado em contato, pedindo exclusividade e que gostariam que os recebesse no estúdio que seriam feitas as gravações. Já havia passado por maquiadores, estilistas e agora tirava meu minuto sagrado para entrar em cena, mas não encenaria nenhum papel dessa vez, eu abriria meu coração, mostrando quem era pela primeira vez.

Abri a porta do camarim e caminhei a passos tranquilos até o set onde tinha montado o cenário para a entrevista. Não tinha nada de muito glamoroso, eu pedi para que não fizessem. Haviam dois sofás brancos, um de frente para o outro, e atrás de onde eu me sentaria, tinha um pôster do filme, com o Chris tocando guitarra e me olhando de longe. Eu estava loira no filme, o que me trazia lembranças.

Sorri para a jornalista e me sentei, logo sendo abordada pelos assistentes que colocavam o microfone e o ponto em meu ouvido. Não demorou muito e já começava a contagem com o diretor de filmagem e estávamos ao vivo.

— Olá, Brasil! Estamos aqui, direto do estúdio de gravação do filme *Deus do rock*[9], onde Mileni Pontes dá vida a Angélica em parceria com Chris Hemsworth, que vive o deus Apolo. — O sorriso em seu rosto era genuíno e quando olhou para mim não foi difícil retribuir. Adorava profissionais que amam seu trabalho, é contagiante. — Mileni, obrigada por nos conceder essa entrevista exclusiva, a primeira em muito tempo, né?

— Imagina, é um prazer poder falar um pouco sobre tudo que estamos fazendo para que o filme seja um sucesso. Fiquei um pouco longe dos holofotes, gosto de me manter mais nos

bastidores.

A moça sorriu satisfeita com a minha resposta e voltou seu olhar para a ficha de perguntas que tinha no colo.

— Parece que esse era um projeto de baixa renda e você conseguiu levantar um bom patrocínio para ele, é verdade?

Assenti entusiasmada ao lembrar de tudo que conquistamos para que desse certo. O resultado era toda a recompensa que esperávamos ganhar.

— Exatamente, quando meu empresário me apresentou o roteiro sabia que precisava investir tudo nele, acredito que será um sucesso, estamos ansiosos para começar a gravar.

A jovem parecia ser tão nova e estava muito feliz por estar ali, me lembrei de quando dei início a minha carreira e era exatamente assim, cada novo trabalho era encantador, maravilhoso e inspirador. Prosseguimos com a entrevista, falando sobre o filme, sua história e todo o elenco maravilhoso que tínhamos.

Então seu semblante mudou e me pareceu um pouco sem graça.

— Eu sei que não gosta muito de falar sobre o assunto, se manteve em silêncio todo esse mês, mas o que tem a nos dizer do abandono de Alexander Becker do projeto depois do que aconteceu na festa de arrecadação de fundos?

Engoli em seco e, apesar de saber quais perguntas seriam feitas, não me senti à vontade de falar sobre o assunto. Respirei fundo e decidi ser mais sincera que podia.

— Fui pega de surpresa! Não sei o que se passou na cabeça dele com tudo que aconteceu até sua saída; e apesar dos boatos que deixei que surgissem, nunca fomos um casal. Lamento muito que as coisas tenham chegado ao ponto que chegou, mas acredito que um dia conseguiremos esclarecer todos esses fatos.

— Bom, você está aqui há um mês e não soubemos mais nada do seu romance com o rapaz

no Rio de Janeiro. Você pode falar um pouco sobre aquele romance de Cinderela às avessas que teve com ele?

Cinderela às avessas, assim a mídia começou a nos nomear depois do incidente, o que me deixou bastante incomodada, ainda mais sabendo o quanto Rodrigo se sentia mal por nossas diferenças sociais.

— Rodrigo foi um presente na minha vida, ele apareceu em um momento que eu mais precisava. Estava sem rumo, sem saber quem eu era nessa altura, não tinha identidade, minha personalidade tinha sido consumida completamente e passar o tempo com ele fez eu me reencontrar. Ele é um homem especial!

— Nossa, pela intensidade de suas palavras parece mesmo um conto de fadas. Vocês ainda estão juntos?

Sorri ao imaginar como Rodrigo reagiria com aquela conversa toda.

— Bom, não sei se seria comparado com contos de fadas tradicionais, mas vivi momentos perfeitos ao lado dele. Infelizmente, as coisas não são simples como nos livros, a vida é complicada e sentimentos são tão confusos, né? Nem sempre conseguimos ficar com quem a gente deseja e isso é algo que foge completamente do nosso controle.

— E você o ama?

Aquela pergunta não estava na sua ficha e ela sabia disso. Estava dando uma de cupido e, silenciosamente, agradeço-a por isso. Pretendia que ninguém mais tivesse dúvidas do quanto amava aquele homem e que nunca mais me esconderia.

— Mais do que posso falar. O amor que sinto por Rodrigo ultrapassa qualquer palavra que possa existir, ele me trouxe algo que pensei nunca ter de volta.

— O quê?

— Minha liberdade.

Capítulo 58

Teus sinais me confundem da cabeça aos pés
Mas por dentro eu te devoro
Teu olhar não me diz exato quem tu és
Mesmo assim eu te devoro
(Eu te devoro – Djavan)

Rodrigo Silva

— E você quer dizer alguma coisa para ele, Mileni? Mandar uma mensagem?

Seus olhos tão lindos brilharam, ou talvez tenha sido um reflexo de luz, não dava para saber, ela olhou diretamente para a câmera e pensei que estivesse ali, me encarando, desvendando os meus segredos, expondo o meu coração e alma para que todos pudessem ver.

— Só espero que entenda que nada mais importa para mim, nunca importou e que você se encaixa em mim como a outra parte do quebra-cabeça!

E assim finalizou a entrevista, fazendo meu peito se comprimir, como se houvesse uma tonelada em cima dele, um desespero de repente me tomou e levantei-me do sofá de um pulo só, andando pela minha sala de um lado ao outro, castigando o tapete e tinha certeza de que meus passos podiam ser ouvidos no vizinho de baixo.

Não conseguia pensar direito e só escutava um barulho irritante interrompendo a minha marcha, era meu celular, parei a minha maratona e o peguei de cima da mesa. Paulão tinha me telefonado, exigindo que eu ligasse a TV e mudasse em tal canal. Fiz de pouca vontade, porque depois de semanas sendo atormentado por perguntas que não sabia responder, fiquei meio

receoso de tudo. Mas, quando eu a vi sorrindo, falando sobre o projeto e tudo que estava acontecendo em sua carreira, sentei-me no sofá e não desgrudei os olhos da tela.

Mileni estava ainda mais linda, seu rosto tinha ganhado uma expressão diferente da última vez que a vi, parecia leve e feliz. Ela fez piada com a cor dos seus cabelos no filme, que traziam lembranças de um momento em sua vida, e não pude evitar o sorriso em meu rosto, e claro outras partes do meu corpo que também relembraram esse momento. Foi quando nos conhecemos e estava disfarçada, usando uma peruca.

Então a conversa mudou, a repórter perguntou sobre nós, pensei que ela mudaria de assunto, pois não tínhamos nos falado por um mês inteiro, o que custou muito de mim para isso. Mas com todo o circo que fora armado achei que ela precisava desse espaço tanto quanto eu. Quase tive que quebrar meu celular para conseguir a façanha. Porém, surpreendi-me. Meu coração tombou, se isso fosse possível, achei mesmo que tinha caído duro, mas estava como uma estátua no sofá.

Ela falava com tanto carinho sobre o que tivemos, os nossos momentos, seus sentimentos. Falou claramente que me amava, sem medo de rótulos, de escândalos, não queria disfarces, ou fugir. Mileni estava se abrindo para quem quisesse ver. Se eu lhe dei a liberdade, ela me deu muito mais.

Precisava vê-la!

— Paulão, preciso encontrá-la!

— E como vai fazer isso, idiota? Essa entrevista foi ao vivo, Mileni está nos Estados Unidos.

— Porra! Preciso dizer a ela que o que sinto não mudou, que a distância só me fez sentir saudades, que preciso dela. Porra, Paulão você tem que me ajudar!

Meu amigo ficou em silêncio por alguns minutos e pensei seriamente em quebrar o celular, ou sei lá, gritar com ele, porque eu estava enlouquecendo de verdade com vontade de abraçá-la, beijar a boca, segurá-la comigo uma noite, um dia, a vida toda.

— *Você não pode só chegar falando o que sente depois disso, parceiro. A mulher disse em rede* internacional *que te ama. Precisa de um ato de amor!*

— Quê? Mileni não liga pra isso. Quer que faça o quê? Pule de uma ponte?

A risada dele me deu medo.

— *Uma ponte não, mas você vai precisar pular!*

A partir daí passamos a noite falando sobre o que faria no dia seguinte, que era quando Mileni estava voltando para o Brasil, Diego nos deu todas as informações que precisávamos. Já era noite e tínhamos pouco tempo para armar tudo, confesso que de primeira não achei que daria certo e até tive receio, era algo grande, eu iria me expor de uma forma como nunca fiz. Iria ficar com as feridas abertas para que as pessoas cutucassem, estaria frágil para que me machucassem. Contudo, por certas pessoas vale a pena se arriscar e deixar sua alma exposta.

Mal consegui dormir e despertei antes do dia clarear, estava uma pilha e quando o comércio abriu encontrei com Paulão em frente a sua casa para colocar o plano em prática, claro que não conseguimos alguém que fizesse o que precisávamos logo de primeira, então depois de rodar a cidade, conseguimos um profissional que nos atendesse prontamente.

Na verdade, a moça me reconheceu das notícias e ficou comovida com meu pedido. Com tudo certo, partimos para casa, eu estava ansioso e até o momento do grande ato já tinha enlouquecido com Paulão e Jorge dando pitacos que, às vezes, eram sem noção, pior foi aguentá-los me enchendo o saco.

Quando o momento chegou, pensei em voltar para casa e procurá-la depois. Seria mais simples dizer para Mileni em privado tudo o que tinha acontecido naquele mês, o quanto de saudade que senti.

Minha boca estava seca, meu coração batia forte, a respiração estava acelerada, sentia que poderia desmaiar. Nunca fiquei tão nervoso quanto naquele momento e não sabia por que me lembrei de quando contei para ela a besteira que fiz na escola. Mileni disse que garotas não gostam disso e eu fiquei com medo de ter exagerado em arriscar daquela forma.

Conseguimos esconder tudo até o momento certo, para não chamar atenção demais. Estávamos há dez minutos no portão de desembarque esperando, eu suava frio e meu coração parecia pular de dentro do meu peito, achei que poderia ter um ataque a qualquer momento.

E antes que ela aparecesse, eu sabia que estava chegando, minha pele se arrepiou, meu coração começou a bater mais calmamente e o nervosismo todo foi sumindo. Dei o sinal para os rapazes, que seguravam balões vermelhos, engoli em seco e fixei meus olhos naquela porta que a traria de volta para mim.

Quando Mileni surgiu empurrando o carrinho com suas malas senti que era a coisa mais certa que fiz na vida. Eu segurava um buquê de rosas vermelhas e uma plaquinha que as pessoas usam para identificar quem havia ido buscar, que dizia o seguinte: *Mileni Pontes, você é o meu encaixe perfeito*. Bem clichê, mas foi a única coisa que me veio à mente no momento que a moça da gráfica pediu para escrever.

Por mais que sua chegada era esperada, Mileni não disse qual dia estaria de volta, por isso não havia tantos fãs à espera por ela, mas ainda assim algumas pessoas, paravam-na querendo uma foto e foi nesse momento que ela me viu.

Uma garotinha de uns doze anos pediu por um autógrafo e apontou para onde eu estava parado. Mileni levantou a cabeça e quando seus olhos se fixaram nos meus, senti um frio na barriga. Os lábios entreabriam de surpresa e então deu aquele sorriso enorme, aquele que eu me apaixonei, aquele que me dei conta do quanto ela havia sido feita para mim.

Ela se levantou, sendo observada por muitas pessoas, que assim que viram a movimentação se aglomeraram a nossa volta, e caminhou até mim, bem devagar. Ou talvez a minha ansiedade era tanta que qualquer demora era demais. Parou à minha frente, olhou para meus amigos, que estavam a um metro atrás de mim, e sorriu.

— O que é isso?

Tive que me segurar para não jogar tudo no chão, flores, palavras e toda a porra e pegá-la no colo a levando dali, só para mim.

Dei de ombros e mordi a boca de nervosismo, olhando em seus olhos com intensidade.

— Isso sou eu te dizendo que sou um idiota, que o tempo que passamos separados pareceram uma eternidade, que fui estúpido em me afastar, que não tenho o que me envergonhar, que minhas dúvidas não significam nada em comparação ao que sinto por você. Que nossa história não é um conto de fadas, mas um amor de verdade, onde eu vou fazer besteira, provavelmente te irritar e você vai querer bater em mim, mas eu vou te amar, até quando estiver cansada até mesmo para aguentar as minhas besteiras. Estou aqui me expondo, mostrando para seus fãs, jornalistas, amigos, e todos os galãs babacas que te querem, que eu te amo, porque é verdade. Nunca amei e não amarei ninguém como amo você. Não preciso me encaixar no seu mundo desde que me encaixe em você!

— Porra, Digão, isso foi lindo! Mas, cara, *encaixar em você*?

Nem mesmo me dei ao trabalho de olhar e mandar Jorjão calar a boca. Mileni ria e olhava para mim admirada, sua boca expulsava o ar vagarosamente, o que era diferente do meu estado que achei que poderia morrer de ansiedade.

— Você planejou isso tudo?

— Tive uma ajudinha dos dois patetas aqui atrás, mas o que eu precisava te mostrar é que eu não tenho mais medo, não quero perder um segundo achando que não sirvo para você, porque mesmo não acreditando que não sou bom o suficiente, se você me ama da forma que eu sou, não preciso de mais nada. Não tenho muito, Mileni, mas o que posso te garantir é te amar e te respeitar todos os segundos que estivermos juntos e depois também, caso aconteça, você é a mulher mais incrível que eu conheço.

Seus olhos se desviaram para a nossa volta e percebeu o quanto tínhamos chamado atenção, tinha pessoas com celulares apontados para nós e eu não me importei dessa vez. Só por ter colocado aquele sorriso lindo no rosto dela já estava bom para mim. Ela voltou para mim e mordeu os lábios.

— Senti sua falta!

E era só o que eu precisava. Deixei a placa cair no chão, as pessoas ficaram em silêncio e eu me aproximei, abaixei a mão com as flores e enlacei sua cintura com o braço livre, colando nossos corpos. Abaixei a cabeça e cheguei bem perto, examinando cada detalhe, cada sardinha discreta e delicada que salpicava seu nariz, pequenas coisas que só via quem a observasse com muito cuidado. Assim como seus lábios entreabriam quando eu ficava perto daquele jeito.

— E eu a sua, minha princesa!

Nossos lábios se tocaram, levemente, e Mileni enlaçou-me pelo pescoço aprofundando o beijo, traduzindo naquele gesto o quanto tinha sentido a minha falta. E eu sabia que não precisava de ato nenhum, isso foi coisa do Paulão que via filmes demais. Se tivesse ido a sua casa somente com a cara, coragem e o coração aberto, eu teria o mesmo resultado. Pois o que sentíamos era simples, imperfeitamente perfeito, mas era certo e real.

Mileni não se importava com provas de amor, com excentricidades, mas, às vezes, um ato de amor não é só isso, e sim um ato de fé. De demonstrar ao outro o quanto estamos ali para ela, que não importa o que dizem e que se foda as porras das diferenças. Mas que você está ali e ali irá ficar, para o que der e vier.

A saudade me corroeu por cada segundo que passei longe dela e percebi o quanto ela se encaixava em minha vida; o quanto eu precisava dela; o quanto esperei por aquele amor que não previ, mas que me completou de uma forma que nem sabia o quanto precisava.

No final é isso que o amor significa: um emaranhado de sentimentos, um monte de talvez, inúmeros *ses* que nos enlouquece, um enorme salto! Um pulo no desconhecido! Um voto de confiança naquele sentimento que tanto nos enche e transborda.

É esse singelo *sim* que faz tudo valer a pena!

Capítulo 59

Lembro que te vi caminhar
Já havia um brilho no olhar
E junto com um sorriso seu
O teu olhar vem de encontro ao meu
(Me namora – Natiruts)

Mileni Pontes

Não acreditava no que os meus olhos viam. Nunca em minha vida imaginaria aquele homem fazendo um ato tão romântico, não que ele não fosse, era sim do seu jeito. Mas Rodrigo nunca foi um cara de se expor, de demonstrações de amor em público.

E ainda assim ele estava ali, segurando uma plaquinha cheia de corações, com aquela frase que só nós entendíamos e o arranjo de flores vermelhas mais lindo que poderia existir. Sem contar em Jorjão e Paulão que estavam atrás dele, dando apoio, com os balões vermelhos e sorrindo amplamente.

Eram um belo e curioso trio.

Ao ouvir tudo que ele tinha para dizer, meu coração se enchia de paz, de segurança, porque eu sabia que era sincero, cada palavra. Ele não fazia promessas em vão e tinha certeza de que estaríamos bem a partir dali.

Fomos embora de mãos dadas, eu carregava aquele buquê lindo, a plaquinha e os balões. Os rapazes tinham saído de fininho, alegando que tinham compromissos, mas a verdade era que queriam nos dar privacidade, Rodrigo levava minhas malas até seu carro.

Parecia estar andando nas nuvens com tanta felicidade invadindo o meu coração.

Ele dirigiu em silêncio, não disse para onde estava me levando, mas com certo atalho que tomou notei que me levava para sua casa. Eu tinha uma porrada de coisas para fazer junto com Diego e Luana, que haviam ficado no Brasil para resolver quaisquer problemas.

Mas quem se importava quando tinha o homem mais lindo e doce ao seu lado?

Os pepinos poderiam esperar, já ficamos tempo demais separados.

Ele estacionou, deu a volta e abriu a porta para mim, sorrindo tão lindo e então pegou as minhas malas.

— Por que tá tirando minhas malas daí? Pretende me manter com você por muito tempo?

Rodrigo piscou um olho, sedutor e tomou a frente até o portão do prédio, abrindo-o e me deixando passar.

— Pretendo te manter comigo o tempo que você permitir!

Suas palavras juntamente com a voz rouca e sensual quase fizeram minhas pernas virarem gelatina. Senti meu rosto esquentando e abaixei os olhos continuando nosso caminho até seu apartamento. Quando parei de frente para a porta, ele a abriu e, mais uma vez, foi gentil permitindo-me passagem.

— Mas você tá muito cavalheiro hoje.

E minha voz falhou ao ver o que me aguardava ali, havia um mural enorme na parede da sala com fotos nossas, eram recortes de jornais e revistas, parecia uma retrospectiva desde que nos conhecemos, a imagem do beco estava lá, provando para quem quisesse ver a veracidade de todas as notícias que saíram. Haviam fotos nossas de cada encontro, algumas que nem sabia que existiam, notas e chamadas que a mídia soltou. E no centro de todas havia aquela da festa, quando dançamos, olhando nos olhos um do outro e prometendo em silêncio o que as palavras não conseguiam.

— Deus, Rodrigo! Você fez isso tudo?

Ele entrou na sala, colocou minhas malas no canto e se aproximou, parando ao meu lado, colocou as mãos nos bolsos e abaixou a cabeça olhando diretamente em meus olhos.

— Tive uma ajuda, te disse que os patetas tiveram todos os dedos nisso, não foi fácil encontrar alguém que fizesse tudo a tempo, mas consegui comover uma fã sua com minha história. Me lembra de ir agradecê-la qualquer dia!

— É lindo!

— É sim, você é linda!

Levantei a cabeça e virei-me, o puxei pelo cós da bermuda e Rodrigo me abraçou pela cintura. Seu toque era tão possessivo, mas ao mesmo tempo tão delicado.

— Você nunca vai deixar de me surpreender, não é?

Rodrigo balançou a cabeça e abaixou-se para colar os lábios nos meus, fechei os olhos sentindo o toque macio e gentil. Como uma brisa fresca aliviando a pele em um dia quente de verão.

— Se pudesse ficaria colado com você, assim para sempre. Ainda tenho medo de te perder, mas não deixarei que essas merdas nos afastem de novo. Passei dias difíceis longe e depois de uma semana comecei a perseguir cada notícia que saiu sobre você. Paulão me ajudou, porque preferi ficar um pouco longe dos jornais que falavam coisas que pudessem me fazer lembrar das minhas neuras. Fiz até uma conta *fake* no Instagram para te seguir e ver seus *stories*.

Deus, aonde cabia tanta fofura em uma pessoa só? Bem, na verdade, Rodrigo tinha bastante espaço para ser vários homens em um só.

— Se te serve de consolo também tive um espião que tomou conta do senhor nesse mês.

Ele arqueou a sobrancelha parecendo bem surpreso.

— Priscila?

Neguei com a cabeça e então ele pareceu ainda mais curioso.

— Quem?

— Jorge, Pri disse que não teria tempo para te *stalkear* por conta das aulas extras que anda dando no estúdio da gravadora, para dançarinos já profissionais, sabe? Então tive que pedir a uma pessoa que me dissesse se você estava bem, que me dava notícias suas, me fazia matar um pouco a saudade, o fiz prometer que não te contaria, e pelo que parece cumpriu a promessa.

— Ponto para ele! Jorjão não é de guardar segredos, mas agora chega de falar, mulher. Não é só o meu coração que sentiu a sua falta, não.

Meu corpo se arrepiou só de pensar nas possibilidades daquela declaração.

— Ah, é? E o que mais em você todinho sentiu minha falta?

Ele assentiu já se abaixando e tomando minha boca na dele em um beijo cheio de fome, saudade e tesão. Rodrigo já não estava delicado e tinha toda intenção de me mostrar quais partes de seu corpo sentiu minha falta, o que para mim estava muito bom, porque eu havia sentido falta dele com cada milímetro de mim.

O desejo que nos consumiu desde o primeiro momento ainda era latente e acreditava que assim permaneceria, o sexo para nós não era só um momento de prazer, mas um ato de amor, a explosão do que sentíamos um pelo outro.

As mãos de Rodrigo começaram a passar por meu corpo, marcando e relembrando sensações. Fazendo-me sentir desejada, irresistível de uma forma que nunca senti com outra pessoa.

Não precisávamos de palavras, declarações nem de promessas, vivíamos aquele momento, o reencontro de corpos, de alma. Nossos corações já falavam por nós, batendo em um só compasso, ditando o ritmo daquela saudade.

Quando terminamos, os nossos corpos estavam suados, felizes e saciados. Estávamos mais uma vez deitados de lado, olhando um para o outro, contornando detalhes pequenos, marcas únicas, beleza singela. Minhas mãos não paravam, parecia que também sentiram falta dele, de deslizar por sua pele e então sorri.

— Eu acho que ainda estou com saudades!

Rodrigo riu e seus olhos quase se fecharam, pois ele estava dando um daqueles sorrisos completos que só ele tinha, que dizia para mim o quanto se sentia bem ao meu lado.

— Eu acho que podemos ficar aqui por anos matando a saudade que nunca conseguiremos deixar de sentir.

E era isso, quando você se sente feliz com alguém, quando sorri sem motivo, ou sente que nunca se cansará dessa pessoa é que você sabe que foi feita para estar ao seu lado, porque por mais que se passem anos o amor só aumenta e a vontade de estar junto, de compartilhar momentos, dividir alegrias, ser cúmplice e companheiro! Era esse tipo de amor que sempre procurei.

Ele era a peça que faltava em mim.

Pouco tempo depois que nos reencontramos precisei voltar para os Estados Unidos, as gravações começaram antes do previsto e me despedir de Rodrigo foi a coisa mais difícil que fiz. Porque, dessa vez, nenhum dos dois queria aquela distância, mas prometemos manter contato, nos falar todo o momento que fosse possível — que foi menos do que gostaria por conta das gravações e do trabalho dele —, fazíamos chamada de vídeo e muitas conversas por mensagem de texto.

Era cada coisa que aquele homem me mandava, ia de fofo a me deixar envergonhada por estar perto de outras pessoas. Já haviam se passado semanas e eu não tinha conseguido voltar,

estava morrendo de saudades e já tínhamos partido para o sexo a distância, por telefone e a porra toda digital, como Rodrigo gostava de dizer.

Divertia-me com os momentos, claro que tinha prazer, mas na maioria das vezes acabávamos indo devido ao nosso desespero. Até sugeri que ele viesse me ver, mas Rodrigo não quis. Diz que tinha que guardar dinheiro para comparecer a première do filme. Eu o entendia e respeitava, então o jeito era aguentar a saudade e ansiedade para que o tempo passasse logo.

O filme estava ficando maravilhoso, tudo feito com muito carinho e cuidado, trabalhávamos dia e noite, virávamos madrugada e eu estava muito feliz.

Em uma manhã de gravação, estava em meu camarim quando João abriu a porta com uma careta estranha. Arqueei a sobrancelha por causa da expressão em seu rosto.

— Você tem uma visita, não sabia se deveria deixá-lo entrar ou não, mas optei por deixar você escolher.

— Quem é? — perguntei mesmo desconfiando de quem se tratava.

— É o Alex!

Senti meu estômago revirar, o tempo que passou desde o que aconteceu não me permiti pensar muito nele. Estava muito magoada e não sabia como me sentiria ao me dar conta do quanto ele não se importava com meus sentimentos.

— Deixa ele entrar.

João assentiu e saiu do camarim, senti meu corpo pesado e achei que as emoções poderiam tomar conta de mim. A porta se abriu novamente e quando levantei a cabeça para olhar para ele tive um baque, se não soubesse que era Alex Becker ali não teria reconhecido.

Ele sorriu parecendo muito triste e encostou a porta, com as mãos nos bolsos permaneceu parado ali, olhando para mim.

— Oi!

Até a voz dele estava diferente do habitual tom grave que sempre se orgulhou.

— Oi, Alex! Senta!

Ele negou com a cabeça e respirou fundo.

— Não, vou ficar de pé. Olhei as coisas lá fora, parece que está ficando incrível o filme.

— Tá sim, graças a Deus estamos conseguindo colocar tudo no lugar, apesar dos imprevistos.

Alex assentiu e abaixou a cabeça. Arranhou a garganta e olhou para mim.

— Eu vim me desculpar, Mileni. Por tudo, pelo que fiz, pelo que disse, por ter abandonado o projeto e te deixado na mão e, principalmente, por ter sido um covarde e não te procurado logo que fiquei sóbrio. Senti vergonha e não pude te encarar. Sinto muito mesmo, fico feliz por não ter atrapalhado seu relacionamento com o mecânico.

Podia ouvir a sinceridade na voz dele e por mais que sentisse que ele estava mesmo arrependido de tudo o que fez, meu coração ainda estava magoado, principalmente com o que ele disse.

— O que aconteceu naquele dia?

— Eu perdi alguém que gostava muito e acabei deixando a dor me tomar, quando percebi já não entendia nada do que sentia e nem via o que estava fazendo. Mas aquela bofetada me acordou e consegui ir embora antes que piorasse a situação, o ultimo prego do caixão foi o Rodrigo me dizendo algumas verdades, percebi que preciso de um tempo para descobrir quem eu sou realmente. Estou abrindo mão da minha carreira e vim me despedir antes de virar um eremita.

Senti meu corpo se arrepiar com o que ele disse, eu sabia do passado do Alex e o que ele

carregava nas costas: a dor e rejeição. E só havia uma pessoa no mundo dele que o amava de verdade, perdê-la deve tê-lo desestabilizado de uma forma que nunca previu. Engoli em seco e me levantei.

— Sinto muito!

Ele sorriu e estendeu a mão, mas a abaixou antes de me tocar.

— Eu também! Principalmente pelo que eu fiz com você. Espero que um dia possa me perdoar.

Não poderia prometer nada naquele momento quando minhas emoções estavam tão frescas.

— Pra onde você vai?

Ele deu de ombros e sorriu tristemente.

— Para o meio do mato, talvez. Não quero que me encontrem e ficar fora das vistas vai fazer com que me esqueçam, logo serei só mais um anônimo. — Olhou para mim exatamente como me lembrava de quando nos tornamos amigos. — Posso me aproximar? Queria te dar um abraço de despedida.

Não sabia como responder, mas sentia que precisava daquela finalização. Se ele estava indo embora poderia significar que nunca mais nos veríamos novamente, então assenti.

Alex se aproximou e se abaixou me abraçando como um irmão mesmo e fechei os olhos grata por não sentir nenhuma vibração ruim vindo dele. Ainda era o meu amigo, só estava perdido mesmo. Quando se afastou vi que seus olhos estavam marejados.

— Só você me sobrou nessa vida, Mileni. Não me odeie!

Sorri para ele e balancei a cabeça.

— Eu não te odeio.

Ele pareceu soltar o ar que segurava e suspirou, assentiu e deu meia volta abrindo a porta, desceu um degrau e voltou-se para mim.

— Adeus, minha amiga!

— Se cuida!

Quando a porta se fechou deixei-me cair na cadeira e fechei os olhos sentindo a emoção me tomar, eu o amei tanto como um amigo, da mesma forma que amava meus irmãos, senti tanto pelo que aconteceu que me doía muito mais achar que tínhamos perdido uma amizade do que a confusão em si.

Agora que tínhamos nos falado e eu entendido em parte o que tinha acontecido, mesmo que não tivesse tido motivos para ele agir daquela forma, sabia que um dia poderíamos nos encontrar e pedia a Deus para que encontrasse um motivo para viver, que conhecesse a si mesmo. Sabia que ainda veria Alexander Becker de novo e esperava que, dessa vez, meu amigo estivesse inteiro.

Levantei-me e suspirei pesadamente, estava pronta para mais uma cena.

Capítulo 60

Me fiz em mil pedaços pra você juntar
E queria sempre achar explicação pra o que eu sentia
Como um anjo caído fiz questão de esquecer
Que mentir pra si mesmo é sempre a pior mentira
(Quase sem querer – Maria Gadú)

Rodrigo Silva

Às vezes, o que a gente precisa para que tudo se encaixe em seu lugar perfeito é abrir os olhos e enxergar verdadeiramente, desfazer dos achismos, dos medos, das dúvidas e se entregar ao que nos é oferecido pela beleza de viver.

— Eu acho que você está muito elegante vestido desse jeito!

Arqueei as sobrancelhas e a olhei pelo espelho. Mileni estava sentada na beirada da cama, de pernas cruzadas e colocava seus brincos enquanto me observava abotoar a camisa.

— Mas estou só de camisa e cueca, ainda nem coloquei o traje completo. Não viu nada, princesa. — Balancei as sobrancelhas e Mileni riu, ela também ainda nem estava vestida. Usava um conjunto de lingerie preta e os saltos mais sexy que a vi usar.

Porra, por que tinha que fazer isso comigo?! Acreditava que estava me provocando de propósito.

— E tá ótimo desse jeito! Só não deixo você aparecer assim na première porque vou ter que sair distribuindo socos e não será bom para a imagem do filme.

Levantou-se e caminhou até onde eu estava, parou atrás de mim e me enlaçou pela cintura, deitando a cabeça nas minhas costas. Cobri as mãos delicadas dela que descansavam em meu abdome com as minhas.

— Tá pronta para o seu grande momento?

Passamos meses numa ponte aérea de visitas bate e volta, chamadas de vídeo, conversas pelo telefone, mensagens de texto e muitas noites em que rolei na cama com saudades. Quando os dias de filmagem chegaram ao fim e Mileni voltou para o Brasil, ficamos dias trancados em meu apartamento, saindo apenas para mudar para a casa dela permanecendo reclusos lá também. E assim foi até o grande momento da première.

— Não sei! — Podia ouvir o nervosismo em sua voz, algo que era recorrente desde que o projeto começou.

Mileni lutava para que tudo desse certo, mas no fundo estava com medo de que não alcançasse as expectativas de todos os envolvidos. Agora que estava prestes a liberar o "filho" para o mundo, sentia o quanto sua ansiedade havia aumentado.

— Vai dar tudo certo, vocês fizeram um trabalho maravilhoso, se dedicaram ao máximo para que ficasse do jeito que queriam, não tem como dar errado.

Senti que ela relaxava um pouco e suspirou pesadamente, Mileni se cobrava demais, era perfeccionista e gostava de tudo certinho. Com todos os escândalos e o passado sendo remexidos, ela tinha lá seus receios, apesar da animação por ver um trabalho que participou ativamente tanto como atriz quanto produtora sendo tão esperado pelo público.

— Eu sei, mas ainda penso no que aconteceu na festa no Rio, poderia ter sido um fiasco, colocado por terra todos os nossos planos e tenho medo de que algo assim aconteça de novo.

Virei-me para ela, envolvi seu rosto lindo em minhas mãos enormes e sorri. Mileni era tão delicada, macia, doce e pequena em comparação a mim; eu era grande, bruto, cheio de marcas de trabalho.

Olhei em seus olhos, com confiança, carinho e admiração. Precisava que ela soubesse que estava ao seu lado para qualquer coisa.

— Não vai acontecer nada! O filme vai ser um sucesso e estarei ao seu lado, te apoiando o tempo todo. Acho até que vai enjoar e pedir para te dar espaço. Você está cercada por pessoas que te amam e admiram, vai dar tudo certo!

E não tinha melhor coisa para mim do que colocar um sorriso no rosto daquela linda mulher! Sentia-me tão foda que poderia explodir de tanto orgulho. O que poderia fazer? Era um homem apaixonado!

— Eu amo você, sabia?

Sorri de lado e dei de ombros me aproximando e depositando um beijo rápido em sua boca, não queria estragar a maquiagem impecável que ela ficou horas fazendo com o pessoal da produção.

— Você diz sempre, mas ainda custo a acreditar que um cara como eu é amado por uma mulher como você.

E eu não dizia por Mileni ser uma celebridade, mas por ela ser incrível do jeito que era. Não era um homem cheio de qualidades.

— Pois acredite! Te amo muito mais do que imagina.

Assenti, porque poderíamos ficar a noite inteira falando disso e não nos cansaríamos. Quando iria imaginar que eu adoraria ficar falando um monte de coisa de amor, ser meloso até dizer chega e achar aquilo lindo? Se meus amigos do futebol me vissem sendo docinho teriam história para me encher o saco.

Estávamos no hotel que a produção alugou para todos os envolvidos no filme, seus familiares e amigos. E tínhamos uma grande comitiva no nosso andar, a família de Mileni havia comparecido pela primeira vez, Diego fez questão e insistiu para que eles fossem, nunca se sentiram à vontade por estar junto com a Fátima, mas foram voto vencido, dessa vez não

tinha desculpa. Paulo, Jorge e Priscila também haviam ido para apoiar Mileni.

Terminamos de nos arrumar, e era indispensável dizer o quanto ela estava perfeita, né? Acho que nessa altura do campeonato dava para saber o quanto eu era apaixonado pela mulher, mesmo se ela vestisse um saco de batata estaria sexy demais.

E preciso deixar claro o quanto foi estranho caminhar naquele tapete vermelho, onde éramos cercados de câmeras, flashes por todo lado e vi tantos artistas consagrados que me senti totalmente em uma obra de ficção. Parecia estar em meu pesadelo mais louco. Não era um ambiente que eu me encaixava, não fazia meu tipo, mas era o dela e estaria ao seu lado em cada momento que precisasse de mim.

Em alguns pontos daquele longo caminho — que para mim parecia não acabar nunca —, tínhamos que parar e posar para a foto, um negócio muito estranho. Saber que logo aquelas imagens estariam rolando pelo mundo, com notas sobre nós, de como estávamos vestidos, com quem Mileni estava acompanhada e tudo que vinha com a avalanche de notícias na mídia, era meio surreal eu me enfiar nisso de boa vontade.

Quando enfim passamos por aquela tortura psicológica e entramos no salão consegui respirar com mais facilidade, nem sabia que estava prestes a cair duro. A certa distância da entrada principal, eu estaquei no lugar e puxei o ar com força.

— Tá tudo bem?

Olhei de lado e Mileni sorria para mim, enquanto eu quase me abaixava e colocava a cabeça entre os joelhos para não desmaiar, contudo me mantive firme, tentando não dar vexame.

— Vou ficar! — Minha voz saiu entalada até para meus ouvidos, parecia que tinha um ovo preso na garganta.

Mileni deu uma risadinha e enganchou o braço no meu.

— Você foi ótimo lá, as fotos ficarão lindas, vou ter é que segurar as mulheres loucas no

meu homem.

Sabia o que ela estava fazendo, tentando me distrair para não surtar e a amava ainda mais por isso. Apesar de já ter me acostumando em eventualmente ter alguém me fotografando, ou querendo falar comigo por ser o namorado da diva Mileni Pontes, aquilo era diferente. Muito grande e importante para que meu cérebro processasse rápido demais.

— Eu acho que você está superestimando seu homem, amor. Não sou grande coisa assim perto desse monte de galã. — Aquilo ali parecia até um desfile dos melhores genes masculinos do mundo, me senti até estranho por achar homem bonito. Isso não acontecia com frequência.

Ela sorriu, maliciosa e se aproximou, se esticando nas pontas dos pés e deu uma mordidinha em minha orelha.

— Eu acho que você é melhor e *maior*, *Big Mac* — sussurrou meu apelido com uma vozinha rouca.

Ah, danada!

— Vocês não têm jeito mesmo, mesmo em terras gringas ficam de safadeza em público, é um atentado a nós, pessoas sem sexo há mais de meses.

Revirei os olhos e olhei para onde vinha a voz daquele pé no saco, Jorjão olhava para nós dois, com os braços cruzados, ele estava em celibato desde o que aconteceu com a Vitória — disse que ia tomar jeito na vida —, e por isso, estava sempre implicando comigo por ficar "grudado" em Mileni o tempo todo, que o deixava com inveja. Bem, eu achava que duraria pouco essa coisa de celibato, já tinha durado era tempo demais e estava deixando o cara mais insuportável do que o normal.

Paulão e Priscila o seguiam de perto e o grandão acabou dando um peteleco na cabeça do nosso amigo inconveniente.

— E você não para de falar besteira nem em terras gringas.

Ele deu de ombros e sorriu tombando a cabeça de lado, sem nem um pouco de vergonha em ser inconveniente.

— Até que vocês são bonitinhos. Quero arrumar uma mina para ficar assim comigo.

— Coitada da garota que se apaixonar por você! — Priscila o empurrou com o ombro e ele riu.

Os dois acabaram bons amigos, saíam juntos e tudo, para o desespero de Paulão, que tinha uma *quedona* por ela. Mas eu via que não tinha nada de mais entre eles, ela era muita areia para o caminhão enguiçado do cara.

Apesar da troca de olhares entre Paulão e Priscila, insinuações e brincadeiras maliciosas, achava que ela tinha medo de se envolver, porque, digamos a verdade, o grandão era intenso em tudo o que fazia. O que poderia assustar quem não queria ter um relacionamento sério.

— Isso porque você não provou do meu néctar especial, Papai do Céu foi bom comigo. — E balançou a cabeça, de modo provocativo e malicioso, parecendo o idiota que realmente era.

Estavam todos elegantes, bem-vestidos e pareciam serem sofisticados. Isso se o Jorjão não abrisse a boca dele. Mileni estava muito feliz com a presença dos amigos, com Priscila foi uma luta para que aceitasse ir, ela só concordou quando prometemos que não tiraria nenhuma foto.

Não entedia muito bem esse medo de sair na mídia, mas a respeitava, não era como um passeio no parque ter sua vida virada pelo avesso à procura de um furo de reportagem, ainda mais quando não se está acostumado a isso.

— Vocês viram minha família? Quando saímos nos disseram que eles já tinham vindo!

Priscila sorriu e olhou para trás de si.

— Eles estão sentados na primeira fila, Luciana e Márcio estão ansiosos para assistir ao filme, trouxeram máquina fotográfica e tudo. — Havia sido montado uma sala de cinema em um canto do salão, para que os convidados pudessem ficar confortavelmente e não duros por

quase duas horas sentados nas cadeiras onde seria servido o buffet.

Nós visitamos o local no dia anterior quando chegamos e fiquei impressionado com a quantidade de gente que trabalhava nos bastidores de uma produção daquele porte.

— Tô muito feliz por estarem aqui!

Pri se aproximou e abraçou a amiga bem apertado, ela não era delicada, podia praticamente ouvir os ossos da coluna da Mileni estalando.

— Você tá linda e vou te ver brilhar muito mais do que já brilha!

— E vamos estar aqui sempre que nos chamar. Aliás, isso aqui é melhor do que o ingresso que me deu para Cannes porque estou vendo minha atriz preferida e amiga ascendendo na carreira. — Paulão mal se continha, ele havia vendido na internet os ingressos que Mileni deu a ele de aniversário, para comprar passagens para que ele e Jorjão pudessem estar presentes no momento especial de Mileni.

E sim, os dois também recusaram que ela bancasse a viagem deles, assim como eu. Trabalhamos intensamente por meses para que pudéssemos ter condições de dar uma de rico e estar ao lado dela.

— Vamos lá? — Entrelacei meus dedos nos de Mileni, que sorriu para mim assentindo.

Paramos poucas vezes para cumprimentar algumas pessoas, e notei que as celebridades até que eram legais, depois que me desfiz do preconceito consegui enxergar os outros além do que meus receios deixavam.

Fomos nos aproximando e vimos a família de Mileni sentada na primeira fila de assentos, assim como Priscila nos disse. Eles estavam felizes e orgulhosos por estarem ali. Quando o filme começou, eu já sabia o quanto de sucesso iria fazer, pois ela batalhou muito por isso; quando se trabalha com amor, o resultado não pode ser outro do que o sucesso.

O filme começou e meu coração disparou, evitei olhar para os lados e o que me manteve sentada ali era a mão de Rodrigo, que não largou a minha nem por um segundo, sem isso acreditava que poderia ter levantado da cadeira e corrido sem olhar para trás. Parecia até uma atriz iniciante em seu primeiro trabalho significativo.

A cada nova cena sentia um frio na barriga, eu ria em certos momentos, alguns de nervoso, e em outros me emocionei. A produção ficou excelente e assistir a tudo depois de finalizado, com os efeitos especiais e a trilha sonora era um sonho. Aquela cena final tomou muito do meu coração, quis fazer uma homenagem ao Bento, escolhendo uma de suas músicas para que Apolo a tocasse. A autora permitiu, porque não fazia parte da história original e ficou lindo arrancando lágrimas de todos os presentes.

Eu lamentava a perda da sua vida, ele era um cara incrível, um profissional maravilhoso e foi mesmo uma triste tragédia o que aconteceu. Carreguei por tanto tempo a culpa por sua morte, me privando de lembrar-me dele com carinho, privando até de viver quando poderia ter feito algo bom com a experiência, alertar as pessoas para que não repetissem aquele erro, usasse da minha imagem como exemplo. Por isso resolvi fazer essa homenagem, para deixar ir de uma vez aquelas sensações que não me faziam bem, mostrando para o mundo quanto uma vida tão bela poderia ser tomada de uma hora para a outra por conta de uma irresponsabilidade.

Quando os créditos finais desceram na tela, as pessoas se levantaram aplaudindo e ovacionando, levantei-me emocionada, fiquei agradecida por tanto carinho depois de meses de trabalho árduo, o reconhecimento que recebia a cada nova etapa vencida não tinha preço. Rodrigo era o mais entusiasmado de todos. Podia ver em seus olhos o quanto estava feliz e orgulhoso, o seu gesto simples de estar ali fez com que uma paz me invadisse e eu tinha certeza de que minha vida ao lado dele seria perfeita.

Ele não permitiu que eu bancasse a viagem, roupa e despesas que uma festa daquele porte em Nova York custava, virou noites trabalhando, pegando serviços que faria por um ano inteiro, para que assim pudesse juntar o dinheiro que precisava para estar comigo.

São os pequenos gestos, *nesse caso era um grande gesto*, que fazem toda a diferença em um relacionamento.

Havia planejado lhe fazer um convite depois que voltei para o Brasil, acabei me esquecendo de todo o plano por estar de volta aos seus braços fortes. Mas olhando para ele não podia adiar mais. Inclinei-me para falar em seu ouvido e ele entendeu o que eu queria, se abaixando.

— Eu acho que a gente deveria morar junto!

Primeiro veio o choque, ele se afastou para olhar em meus olhos, as pessoas começavam a sair da sala de cinema improvisada e seguiam para as mesas, estávamos ficando sozinhos o que impedia ouvidos curiosos de escutarem nossa conversa. Então ele sorriu daquele jeito que eu amava, amplamente, mostrando os dentes e ficando com os olhos pequenininhos.

— Tem certeza disso? Não sou um cara muito organizado.

— Eu tenho certeza! Dormir e acordar com você é melhor do que a cama dos sonhos.

Rodrigo me puxou pela cintura, colando nossos corpos e me mostrando o quanto ele tinha ficado animado com a minha proposta.

— Eu acho que vamos ter que andar de trenzinho mais uma vez. Olha o que você faz comigo!

Arregalei os olhos ao sentir que tínhamos mais um problema, como o que aconteceu na festa de arrecadação de fundos.

— Mas não fiz nada, só propus que morássemos juntos, já que não conseguimos mais dormir separados. E você não me respondeu, isso é um sim?

Desde que voltamos, eu não conseguia ficar separada dele, só quando tinha que viajar para gravar; mas todos os momentos no Brasil eu dormi colada naquele corpo forte e quente de Rodrigo Silva: meu bruto mais doce!

Rodrigo Silva

E, mais uma vez, estava de barraca armada numa festa de bacana. Que sorte eu tinha, não?

Novamente eu andava praticamente colado nela até que nos sentamos em nossa mesa. Puxei bastante a cadeira para que assim a toalha cobrisse meu probleminha. Mileni sorria encantada com o que havia feito comigo, ela gostava de provocar esse tipo de reação de mim. Na verdade, achava que sentia gosto em me torturar. Mas acreditava também que se devia a nossa nova perspectiva para o futuro.

Para qualquer pessoa, não tinha sentido um pedido para morar juntos resultar em uma ereção, mas eu só conseguia imaginar acordar todos os dias ao seu lado. Culpa dela por ter mencionado a tal cama dos sonhos, que eu já havia experimentado, logo imaginei o que poderíamos fazer todos os dias, o que não faltava era disposição da minha parte.

— Por que você tá quase se enfiando debaixo da mesa, Digão? Essa gringada te mete tanto medo assim, parceiro?

Olhei para Jorge e Paulo, que se sentavam à mesa, graças a Deus que estavam lá do outro lado e não podiam ver o real motivo de eu estar me escondendo.

— Não te interessa, me lembra de novo por que precisávamos de você aqui?

Ele deu de ombros e olhou para Paulão, que sorriu já sabendo o que viria.

— Porque eu sou um colírio para os olhos. Já vi umas duas americanas de olho no brasileirinho aqui.

— E o seu celibato? — perguntei rindo e olhei para Paulão, porque apostamos quanto tempo ele ficaria desse jeito, na verdade tivemos que *reapostar*, porque fomos surpreendidos com o tempo que ele ficou sem sexo.

Jorjão fez uma careta olhando para a mesa ao lado onde haviam várias atrizes do cinema, que realmente não desgrudavam os olhos do cara. Que merda, por isso o idiota era tão convencido!

— Olhar não arranca pedaço! — Ele levantou a mão cumprimentando as mulheres, que riram em resposta.

— Eu aposto que ele perde o cabaço até o fim da noite! — Paulão provocou e ganhou uma olhada atravessada de Jorge.

— Eu acho que esse aí fala demais e não faz nada. — Aquela voz doce e ferina era da Thays, irmã da Mileni.

Ela sentou-se à mesa e encarou Jorjão, apoiando o queixo na palma da mão com aqueles olhos de menina inocente, mas que eu sabia o quanto era pilantra.

— E quem é você, *pirralha*?

Mileni logo arqueou a sobrancelha prestando atenção naquela interação entre os dois. Com o tempo que estávamos juntos, ela já tinha se dado conta que tipo de relacionamentos meu amigo tinha e seu alerta de irmã protetora já havia sido ativado.

— Ninguém que você deva se preocupar, só acho que quem fala muito não faz nada, *velhote*!

Jorjão ficou sério pela primeira vez em anos que o conhecia e se levantou, ajeitou a gravata e olhou para ela.

— Considere o desafio aceito!

E saiu caminhando até a mesa do lado.

— Quem desafiou ele, gente? — Priscila perguntou se sentando ao lado da Mileni com as sobrancelhas arqueadas.

— A novinha aqui! — Paulão apontou para Thays com o queixo, a garota parecia feliz com o que tinha feito e sorria amplamente.

— Hum, fica esperta, garota, Jorjão é experiente e, pelo que ouvi, ele sabe quebrar um coração como ninguém.

Thays sorriu e olhou para o malandro que já *chavecava* as gringas.

— Eu não quero nada com o coração, Pri.

Priscila arregalou os olhos, virou-se para Mileni, viu que ela não estava prestando atenção na conversa e estalou a boca.

— Eita! Ainda bem que sua irmã está distraída, sua maluca, mas não posso te culpar. Tá cheio de gato nesse lugar, gente. Juro que vi os gatões da Marvel ali no canto, fiquei meio molhada.

Apontou para uma mesa que estava repleto de artistas dos filmes de super-heróis. Pri os comia com os olhos, o que fez com que Paulão ficasse de cara feia, o grandão se levantou e saiu da mesa, indo atrás de Jorge, se apresentou as moças e se sentou junto das gringas também.

Bom, se um entendia o outro eu não sabia, mas para o que claramente eles tinham em mente a barreira da língua não atrapalhava.

— O que deu nele? — Priscila olhou para mim parecendo mesmo não saber o que estava acontecendo.

— Se você não sabe, não serei a te dizer. — Como ela não via o que estava acontecendo?

Dei de ombros não dando muita ideia para as loucuras daquele povo. Uma coisa boa naquela perturbação da minha paz foi que me distraiu do meu probleminha. Olhei para Mileni e a vi falando com a mãe. Seu sorriso era tão feliz e adorei vê-la daquele jeito, tão distraída.

— Ei, linda! Vamos dar uma volta? — Levantei-me e estendi a mão em sua direção.

— Claro! — Mileni tomou a mão que oferecia e caminhamos com os dedos entrelaçados até o local que eu tinha encontrado, assim que chegamos lá vi que poucas pessoas circulavam pelo jardim. Ele não tinha nada de especial, era apenas mais privado e tranquilo. — Uau, não tinha visto esse lugar ainda! Como sabia?

— Você sabe como eu gosto de ficar longe dos outros, sou um pouco antissocial.

Ela riu e paramos ao lado de uns canteiros com flores e árvores pequenas, aquelas típicas de jardins mesmo.

— É bom pra namorar, né?

Balancei a cabeça afirmativamente e me recostei na parte de trás de um banco de madeira, puxando-a para ficar entre as minhas pernas. Eu a abracei, encostei seu corpo no meu, ela me enlaçou pelo pescoço e sorria, olhando para mim.

— Será que teremos aquele problema de novo? Essa proximidade pode nos trazer complicações, hein!

Neguei com a cabeça e sorri me aproximando, beijei os lábios dela. Sentindo seu perfume encher meus sentidos, meus olhos não conseguiam desgrudar dos dela, era impressionante ver o quanto brilhavam quando ela estava feliz.

— Vou guardar energia pra depois!

— Hum, mal posso esperar.

Sorri e beijei a ponta do nariz dela, num gesto de carinho.

— O filme ficou lindo, amei cada detalhe, você estava incrível, Mileni. Até me lembrei de quando nos conhecemos, loira daquele jeito.

Ela sorriu amplamente.

— Eu imaginei, cada vez que colocava a minha peruca de dois mil dólares me lembrava de como ela ficou presa nos seus braços. Ainda bem que não me viu daquele jeito, não me olharia assim como está olhando agora.

Balancei a cabeça e suspirei profundamente. Como ela não sabia o quanto eu era apaixonado por cada parte sua?

— Eu vou te olhar de todos os jeitos, quero ver cada detalhe novo que aparecer em você, seu corpo mudar, eu amo você pela pessoa incrível que é.

— Vai me amar até quando der rugas em volta dos meus olhos? Esse rosto não vai durar para sempre. Tem que pensar bem antes de ir morar comigo, Digão. Não deixo você ir depois! — Ela brincava para esconder a emoção que podia ouvir em sua voz.

— Vou amar cada uma delas, porque quero ver quando elas forem surgindo e quero que elas sejam de alegria, de amor. Já ouviu o ditado, né?

— Se vamos ter rugas, que sejam de felicidade!

— Exatamente, quero ser um dos responsáveis por sua felicidade. Você me mostrou como o amor é de verdade.

— Então isso é um pedido? Quer ficar comigo até quando estiver velhinha? Você ainda me disse sim...

— É uma promessa, princesa! E eu digo sim para todo o sempre!

E eu faria o meu melhor para que cada momento, cada dia, cada minuto que estivéssemos

juntos eu a amaria como ela merecia. Sem esperar nada em troca, apenas aproveitando o tempo que tínhamos. Ser o homem que ela esperava e que merecia que eu fosse. Respeitar e apoiar suas escolhas, ser amigo, amante, companheiro, confidente... Poderia ser até o príncipe encantado se precisasse.

E quando perguntassem para mim como aconteceu de a diva cair de amores por um bruto, eu direi:

— *Na verdade, quem caiu de amores fui eu quando olhei em seus olhos incríveis e fui domado pela mulher mais linda.*

Nossa vida não seria um conto de fadas, eu não era um príncipe, não chegava nem perto disso, mas viveria aquele amor enquanto ele estivesse vivo e nos fizesse bem.

— Que seja infinito enquanto nos sentirmos desse jeito, meu bruto mais lindo!

Ela fechou os olhos e nos beijamos mais uma vez e seria para sempre!

Capítulo 61

Foi assim, como ver o mar
A primeira vez que meus olhos se viram no seu olhar
Não tive a intenção de me apaixonar
Mera distração e já era momento de se gostar
(Todo azul do mar – Flávio Venturini)

Mileni Pontes

Aquela era uma cena que vivi por tantas vezes, churrasco na casa de Estevão, as crianças ao redor da piscina, meu pai preparando sua famosa picanha, meus irmãos se implicando, Thays exibindo-se como a garota mais esperta, gostava de ver minha família reunida para mais um domingo qualquer, exceto por um detalhe, ou dois.

— Mileni, onde coloco essas coisas? — Rodrigo tinha os braços abarrotados de coisas e sorri olhando para ele, tinha dito que não precisava carregar tudo sozinho, mas o teimoso insistiu dizendo que eu não iria ficar levando sacolas pesadas.

— Ali na cozinha!

Ele assentiu e subiu as escadinhas que davam para a cozinha da casa de Estevão, onde minha mãe, a mãe dele e Maria preparavam o almoço para o nosso bando.

Olhando para todos que andavam para todo lado, percebi como a minha vida mudou muito depois que conheci Rodrigo, reconheci a pessoa que sempre fui e que havia sido subjugada por minha culpa mesmo, reencontrei a felicidade que tinha perdido, nas não era porque precisasse do amor romântico para isso, e sim, porque todos os problemas que enfrentamos para ficarmos

juntos me fez enxergar as coisas ruins que aconteciam a minha volta e eu nem percebia o quanto me faziam mal.

Eram pessoas tóxicas, pensamentos destrutivos, autoestima baixa, sentimento de culpa que me sufocaram a um ponto que precisava me disfarçar de outra pessoa para poder viver sem sentir remorso.

Ao longo dos meses, algumas coisas foram se encaixando: após a estreia do filme “Deus do Rock”, Fátima surtou com a minha homenagem ao Bento. Ela enlouqueceu, porque eu iria sujar o nome do filho dela mais uma vez com a minha falta de profissionalismo e a corja que trabalhava comigo não era digna da arte dele, acabou negligenciando a sua agência me perseguindo e tentando me destruir, deixando os clientes de lado, fora os escândalos que ela vivia fazendo na mídia. Acabou falindo e a última coisa que soube era que estava procurando emprego — qualquer coisa que encontrasse —, como qualquer cidadão precisa fazer para sobreviver.

Alex sumiu mesmo e largou toda a vida do mundo das celebridades e se enfiou em algum lugar bem remoto do mundo, não tinha notícias dele e esperava que estivesse bem. Ainda sentia sua falta, mesmo que Rodrigo me dissesse que ele não merecia nem mesmo um pensamento da minha parte, mas eu o amava apesar de tudo e orava todos os dias para que ficasse bem.

Priscila andou chateada comigo, porque sem que ela soubesse alguém tirou uma foto ao meu lado na première do filme, o que acabou saindo na mídia em uma pequena nota como ela sendo a coreógrafa das celebridades que estava fazendo sucesso no meio, o que não era mentira. E mesmo que eu não tivesse culpa, ela ficou estranha, parecia com medo de alguma coisa e pedi para que me contasse o porquê daquilo tudo, mas acabamos discutindo quando ela disse que prezava muito a sua privacidade e ficar ao meu lado lhe tirava isso, então ficamos afastadas por algumas semanas, claro que não durou muito e Priscila apareceu na porta da minha casa com um pote de sorvete e pizza.

Ficamos a noite toda assistindo aos gatões da Marvel.

Paulão e Jorge continuavam os mesmos de sempre, rapazes de bem, que deixavam meu

humor lá nas alturas, meninos como aqueles dois não se encontrava facilmente e eu tinha orgulho de chamá-los de amigos agora.

Minha família parecia ter ficado mais leve depois que Fátima saiu de nossas vidas, mamãe me confidenciou que se sentia responsável por eu ser tão presa a ela; por ser tão grata ao ponto de não viver plenamente; por ter colocado responsabilidades nas minhas costas desde pequena, mas ela não sabia o quanto eu havia me espelhado em sua força e amor para os meus objetivos de vida.

Era nos meus pais que eu buscava sempre um exemplo para tomar alguma decisão, mesmo que tenha me desviado do meu caminho por alguns anos, ainda conseguia enxergar a paisagem que sempre almejei.

A mãe de Rodrigo havia se tornado grande amiga da minha mãe, percebia até que estava mais feliz e saía mais de casa o que deixava o filho mais satisfeito, ele tinha muito medo da solidão que ela gostava de viver.

Thays estava cada vez mais impossível, tinha pegado o coitado do Jorjão para torturar e perturbava o cara o tempo todo. Fiquei desconfiada por um tempo, porque ela era tão nova; ele mais velho e experiente, mas vi que não tinha esse tipo de olhar da parte de Jorjão. Então me senti mais tranquila.

Diego havia se tornado um profissional exemplar, fez contatos excelentes, buscando misturar um bom cachê com algo que me faria feliz, ainda tinha o fato de que dava importância a minha vontade de estar sempre trabalhando em prol dos outros também, não recusava projetos antes da minha aprovação e isso não tinha preço. Eu vi meu irmão amadurecer em meses, o que não aconteceu em seus anos como adulto.

Pedrinho havia viajado para a Itália e lá seria sua residência pelos próximos anos, tinha conseguido entrar na melhor escola de culinária e não poderia estar mais feliz.

Podia ver a alegria estampada no rosto de cada integrante da minha família, nos preparávamos para o Natal, e eu sentia que aquele era o que meus pais sempre desejaram para nós, não somente presentes materiais e sim ver a alegria no rosto de cada filho, vivendo suas

vidas da melhor maneira, sendo pessoas de bem, realizando seus sonhos... coisas simples que faz da nossa vida perfeita.

Ah, além do fato de que iríamos oficializar o nosso noivado. Sim, Rodrigo não aguentava o status de apenas morar juntos, ele queria o pacote completo, na verdade eu também. Por isso a festa era grande, reunindo as pessoas que amávamos para comemorar esse passo em nossas vidas.

No momento, ele ajudava meu pai a preparar as carnes que iriam para a churrasqueira enquanto era ladeado pelos dois amigos, que o perturbaram desde o momento que dissemos que iríamos ficar noivos.

Sentada de onde estava podia ouvir Jorjão em sua ladainha de tentar "tirar" da cabeça dele aquela ideia idiota, palavras do próprio.

— Você tem certeza de que vai fazer isso? Depois não diga que não te avisei, sou seu amigo e só quero seu bem. É igual ao tribunal, velho. Tudo que você disser vai ser usado contra você depois. É sinistro o negócio!

Virei-me sorrindo e olhei para aonde estavam, Rodrigo fez uma careta e olhou o amigo, que permanecia muito sério.

— Você não tem nada melhor para fazer não? Fico pensando quanto tempo ainda vou ter que te aguentar na minha vida. Cadê a Thays?

— Porra, só tô querendo ser seu amigo, não precisa me maltratar! Aquela pirralha é uma pedra no meu sapato. Com todo respeito, seu Márcio! — Jorge era aquele tipo de cara que você ama e odeia, ele tinha o jeito peculiar dele, mas não dava para não se encantar com a alegria e bom-humor que levava a vida.

Papai sorriu enquanto colocava sal em uma peça de carne. Balançou a cabeça já acostumado com a implicância dos dois. Depois da primeira reunião que tivemos, papai e toda a trupe de Rodrigo se deram bem e ele os tratava como filhos. Um bônus para Paulão, que era carente que só.

Por falar no grandão, que não tirava os olhos de Priscila, que se esticava na cadeira da piscina ao lado de Thays, tomando o frescor da noite. Ele era apaixonado por minha amiga rebelde, que dizia ter uma quedinha por ele. Como não teria? Mas que, por questões pessoais, não poderia rolar nada entre os dois, ela falava que ele era perigoso para o seu coração. Então o pobre do rapaz ficava apenas observando-a.

— Fala para ele, seu Márcio! O senhor tem experiência de casamento, diz para esse cabeça-dura que tá fazendo besteira.

Meu pai riu e olhou para o pobre do Rodrigo, que batia na carne como se quisesse matar a coitada.

— Você sabe que está falando da minha filha, né?

Jorjão piscou.

— Sei!

E ele não tinha jeito mesmo. Sorrindo, peguei o pão de alho que estava em cima da mesa da cozinha e me aproximei da churrasqueira para entregar ao meu pai.

— Ok, meninos, se me dão licença preciso roubar meu noivo.

Jorjão fez o sinal da cruz e balançou a cabeça enquanto Rodrigo olhava para ele como se fosse matar o menino.

— Vou dizer a Thays que você quer falar com ela! — E passou pelos amigos enquanto Paulão e meu pai riam da cara de medo do outro.

Rodrigo me abraçou pela cintura e fomos andando rindo das reclamações de Jorge, levei-o em direção a garagem e ele foi em silêncio, sem nem mesmo fazer qualquer pergunta a respeito.

Assim que paramos ao lado do meu carro, eu o encostei na porta do carona e Rodrigo

arqueou as sobrancelhas.

— Hum, tô sentindo que alguém está com segundas intenções.

— Sempre, amor. Só olhar para você que tenho pensamentos pecaminosos, sabe como é, você me inspira da melhor maneira possível.

Ele sorriu e me puxou pela cintura.

— Tá feliz?

— Como nunca estive antes... — Estreitei os olhos como se estivesse pensando. — Exceto aquele dia que você me disse pela primeira vez que me amava.

— Lembro bem desse dia — ele riu, se aproximou e beijou meus lábios levemente, era maravilhoso quando fazia isso porque me fazia querer muito mais. Beijar Rodrigo era sempre diferente, ele demonstrava o que sentia naquele gesto e amava essa coisa nele. — E vou dizer cada vez que acordar e dormir o quanto você é especial na minha vida.

E aquela perspectiva para o meu futuro era a melhor que tinha.

— Mesmo tendo que me acompanhar em cada festa?

Ele fez uma careta e eu ri.

— O que a gente não faz por amor, né?

— Eu queria te contar uma coisa, por isso te trouxe aqui.

Estava guardando aquele segredo há dias e morrendo de vontade de contar, mas queria que fosse especial.

— Ah, Mileni. Não faz isso comigo que sou curioso, o que é? Vai me torturar muito antes de contar, fala logo.

— Nossa! Calma, homem curioso! Me dá licença que preciso pegar uma coisa no carro. — Rodrigo me soltou e se afastou dando passagem, destravei o carro e peguei no porta-luvas um pequeno pacote e me virei. — Abre!

Rodrigo franziu a testa e olhou do pacote para mim.

— É presente de noivado ou de Natal? Porque eu comprei um só pra você, Leni.

Ele sempre era preocupado com essas coisas, ainda não tinha se acostumado com a minha vontade de estar sempre o presenteando com alguma bobeirinha, dizia não gostar que eu gastasse dinheiro com ele.

— Fica quieto e abre!

Meu coração começou a bater mais rápido, Rodrigo começou a abrir o pacote, rasgando o papel.

— Espero que não seja aquela aliança cara que você queria comprar, a nossa é mais boni...

E ele parou de falar assim que viu o conteúdo que estava envolto do plástico quando terminou de abrir o papel de presente. Um silêncio mortal se abateu sobre a garagem e eu comecei a suar frio. Será que foi uma boa ideia fazer a surpresa? E se ele não levasse bem a novidade?

Levantou os olhos para mim, a boca estava aberta e ele arranhou a garganta.

— O que é isso?

Engoli em seco e dei de ombros.

— Um sapatinho de bebê!

— E o que quer dizer?

Meus ombros caíram e eu soltei o ar com força já perdendo a paciência com aquelas

perguntas.

— Vou ter que te explicar que todas as atividades que tivemos esses meses que moramos juntos, de dia e de noite, resultaram em uma gravidez? — E soltei tudo de uma vez vendo os olhos dele se arregalando. Homens! Sorri e o olhei com carinho. — Você vai ser pai!

Ele parecia chocado, olhava para mim como se não conseguisse entender as minhas palavras e me lembrei de quando estive na oficina parecendo uma idiota perguntando se ele falava minha língua. Rodrigo estava como uma estátua e comecei a me preocupar.

— Amor, você tá bem? Vou chamar os meninos, você tá me assustando.

Isso pareceu acordá-lo e do nada ele me pegou no colo e estava me rodando enquanto ria sem parar, gritando aos quatro cantos o quanto era feliz. Desceu-me e quando coloquei os pés no chão percebi que estávamos rindo e chorando ao mesmo tempo, ele se ajoelhou e colocou as mãos em minha barriga, que ainda estava plana: eu estava de apenas um mês de gestação.

— Meu Deus, não posso acreditar!

— Pode acreditar, teremos mais um integrante na família logo, logo.

Rodrigo levantou os olhos e me encarou com tanto amor que senti um frio na barriga diante de toda aquela devoção e carinho.

— Eu te amo demais, Mileni! Obrigado por ter esbarrado em mim naquele bar.

Sorri de lado e me abaixei para beijar a testa dele.

— Se me lembro bem, você que esbarrou em mim. Encantou-se pelos meus cabelos loiros! Acho até que gosta mais da Leni do que de mim.

Ele se levantou, envolveu meu rosto entre suas mãos grandes e fechou os olhos enquanto me beijava profundamente, se afastou.

— Eu amo tudo em você, cada pedacinho e nosso amor vai crescer ainda mais, temos uma

vida para construir e fico feliz que estejamos juntos nessa, minha princesa. — Seus olhos brilharam de uma forma maliciosa. — Você ainda tem aquela peruca?

E eu sabia que a nossa comemoração estava apenas começando.

A bagunça de Rodrigo chamou atenção e nossa família foi se aproximando querendo saber o que tinha acontecido. Quando contamos a novidade, as reações foram diversas, mas todos ficaram felizes com a novidade de que mais um integrante da família estava sendo gerado com muito amor e carinho.

Sabia que Rodrigo seria um bom pai, ele tinha amor o suficiente, era doce e carinhoso e, acima de tudo, um homem de bem.

Eu estava feliz ao lado do meu bruto mais doce.

"A diva Mileni Pontes casou-se em uma cerimônia simples em sua residência, no Leblon, com o bruto dos sonhos. Foram convidados apenas amigos íntimos e boatos contam que Alex Becker apareceu na festa para felicitar a amiga, mas logo foi embora. Tudo ia bem até que os pombinhos precisaram deixar a festa, mas não porque iam fugir para a lua de mel e sim porque o herdeiro estava chegando; e no dia de seu casamento, Mileni dá à luz ao pequeno Felipe."

— Parece que você vai ganhar o bebê e não a Mileni!

Fechei a cara e olhei para Jorge, que me observava do banco da frente, eu estava atrás no carro enquanto Paulão dirigia feito um louco para que chegássemos ao hospital rápido.

— Alguém permitiu que você falasse?

— É sério, cara, seu rosto tá vermelho. Não vai ter um derrame não, hein? Senão serei obrigado a dizer ao mini Big Mac que o pai dele é um bosta!

— Cala a boca, porra! Você não vai chamar meu filho assim.

Ele riu e assentiu freneticamente.

— Eu vou...

— Dá pra parar vocês doooooois... Ai, caramba, tá doendo! — Mileni gritou e apertou a minha mão tão forte que pensei que poderia quebrar meus ossos.

De onde vinha aquela força toda?

— Calma, amor, logo chegamos ao hospital. Né, Paulão?

Ele olhou para trás pelo retrovisor e assentiu com os olhos arregalados. Estava assustado por ver Mileni daquele jeito, desde que saímos correndo de casa ela gritava e xingava como um peão de obra. Em nada se parecia com a lady que todos estavam acostumados.

— Falta pouco, aguenta aí, Leni.

— Filho da puta, aguenta aí porque não é você!

O grandão ficou quieto e até Jorjão parou de importunar. A coisa estava feia mesmo para calar a boca daquele tagarela. Acariciei seus cabelos e beijei sua testa com carinho, não gostava de vê-la daquele jeito, sentindo dor.

— Vai dar tudo certo, amor. Estamos quase lá!

Mileni levantou os olhos e vi o quanto estava sofrendo, ela assentiu e mordeu os lábios quando a dor ameaçou a tomá-la novamente.

— Você vai estar lá comigo?

— Sempre!

Seus olhos e encheram d’água e ela fez uma careta, gemendo quando outra contração a

afligiu. A teimosa estava se sentindo mal desde que acordou e ficou quieta para não atrapalha o nosso casamento.

— Acho que esse menino estava querendo mesmo marcar esse dia, hein!

Ela sorriu fazendo uma meia careta e assentiu.

— É, o dia que tirei o Big Mac da jogada tinha que ficar pra história.

Balancei a cabeça e me abaixei apoiando a testa na dela.

— Eu tô fora do jogo há mais tempo do que isso, desde que te vi pela primeira vez já não conseguia enxergar mais ninguém.

— É o meu charme, fazer o queeee... Ai, caramba, falta muito?

Eu tentava distraí-la, mas acreditava que o trabalho de parto já estava avançado demais para que ela conseguisse tirar a dor da cabeça com bobagens.

— Chegamos!

Paulão parou o carro e a partir dali tudo se tornou um borrão, chegamos ao hospital, fomos recebidos já na porta e entraram com Mileni porque o bebê já estava chegando, quando dei por mim estava vestindo uma roupa estranha azul, que mal cabia em mim e entrava na sala de parto. Não sabia se conseguiria me manter de pé e quando cheguei na porta tive certeza de que acabaria dando trabalho.

Mileni levantou os olhos e me viu, provavelmente parecendo um fantasma e arregalou os olhos.

— Nem pense em desmaiar, Rodrigo Silva! Você prometeu que estaria aqui comigo.

— Eu não vou! — Engoli em seco e dei a volta, tinha que sair daquele lado da cama, me aproximei do seu rosto e sorri. — Pronta para esmagar meus dedos um pouco mais?

Mileni assentiu e agarrou minha mão como se dependesse disso para sobreviver. A médica entrou e deu um longo assovio.

— Vamos lá que isso vai ser rápido, Mileni quando a contração chegar empurra como se fosse fazer o número dois e quando eu pedir para parar não puxa de volta, tá?

Leni assentiu freneticamente e quando a dor veio ela fez força e quase quebrou meus dedos. Depois teria que fazer um raio-X.

— Isso mesmo, tá vindo. Agora para, ok? Quando vier de novo pode empurrar.

E nem demorou nada, logo ouvimos um choro forte e olhei para Mileni, que estava exausta, sorria para mim e chorava ao mesmo tempo.

— Você foi incrível! — eu precisava dizer isso, se fosse eu teria morrido, tinha certeza.

— Eu te amo!

Pisquei os olhos emocionado com aquele momento e me abaixei beijando-a na boca. Nunca me cansaria de ouvir aquelas palavras e agora que o nosso amor estava completo sentia que poderia ser chamado como o homem mais feliz e completo do mundo.

Eu olhava aqueles olhos incríveis e me perguntava o que havia feito a Deus para merecer tanta felicidade. Ele era tão pequeno, os dedinhos minúsculos, sua mãozinha ficava ainda menor na minha, mas como era forte o pequeno. Assim que tocou em meu dedo, envolveu-o tomando todo o meu coração.

Levantei os olhos para Mileni, que nos observava da cama; ela estava exausta, mas ainda conseguia sorrir.

— Ele tem os olhos iguais aos seus, amor! — E eu estava tão feliz por isso, porque uma das

coisas mais bonitas em Mileni era seus olhos incríveis, os sentimentos que ela expressava em apenas um olhar.

Ela assentiu devagar.

— Mas ele é todinho você, a gente que carrega e sai a cara do pai.

— Deus, eu sou pai! Queria te abraçar agora. Obrigado por essa alegria, Mileni!

Eu segurava o pacotinho como se ele fosse quebrar e não conseguia tirar minha mão das garras do meu pequeno Felipe.

— Só de ver o seu amor por nosso filho, já estou me sentindo abraçada. Você será um pai tão incrível quanto o seu pai foi para você.

Ela sorriu e seus olhos foram se fechando de exaustão, eu olhei para aqueles olhinhos do nosso filho e prometi a ele ser o melhor que conseguisse ser. Se fosse um terço do que meu pai foi estava mais do que feliz, eu sorri para meu menino e já imaginei milhares de coisas que poderíamos fazer juntos.

O sentimento de ser pai era estranho, um amor incondicional me invadia a cada segundo que segurava aquele pequeno, um medo sem sentido, uma vontade de protegê-lo de todo o mal, a responsabilidade que vinha com o cargo. Se havia algo que meu pai me ensinou era que os filhos são as melhores partes de nós, pois carregam apenas coisas boas que temos no coração.

Sorri para aquele menino de bochechas rosadas e me sentei na beirada da cama.

— Agora vamos deixar a mamãe dormir e bater um papo? Tenho tanta coisa para te contar que não sei por onde começar. Acho que seremos bons amigos, hein, rapazinho? Toca aqui! — Fechei minha mão e encostei na dele, poderia jurar que ele riu para mim, mas devia ser só gases, ou não. — Acho que vou te contar uma história, o que acha?

Aqueles olhinhos atentos estavam tomando muito do meu coração. Ele piscava devagar e sabia que logo adormeceria. Comecei a ninar o pequeno Felipe enquanto lhe contava a história

de amor que mais gostava no mundo inteiro:

— Era uma vez, a diva e o bruto...

— Onde está a celebridade dessa casa?

Sorri ao ouvir a voz de Paulão na sala, peguei Felipe no colo e arregalei os olhos para meu filho.

— Acho que o tio grandão chegou, filho.

— Cadê o mini Big Mac?

— Vixi, o malandro também tá aí!

Ajeitei a gola da camisa de marinheiro que Felipe usava e sorri ao sair do quarto, Rodrigo tinha saído para comprar fralda e eu sabia que os meninos estavam para chegar, tinha convidado os dois para um almoço e sempre vinham mais cedo para passar um tempo com Felipe, que amava os tios malucos. Meu bebê já estava grandinho, passaram-se oito meses desde que ele chegou ao mundo mudando a vida de todos nós, trazendo alegria e amor por todo lado.

Dona Maria Helena também viria hoje, ela dizia que era uma cópia do Diguinho dela, mas com os meus olhos lindos. Não poderia deixar de concordar.

Assim que cheguei a sala encontrei os dois sentados no sofá e eles olhavam para algo em suas mãos que parecia muito engraçado.

— Estavam me procurando?

Ao ouvir minha voz levantaram os olhos e sorriram abertamente, Paulão balançou a cabeça e se aproximou. Ainda era difícil acostumar com o tamanho daqueles caras, mesmo convivendo com Rodrigo todos os dias.

— Dessa vez não, Leni. Procuramos um tal de Rodrigo, conhece?

— Ele foi na farmácia comprar fralda, por quê?

Jorjão se aproximou, pegou Felipe no colo e levantou uma revista onde na capa estava estampada a nossa foto em família e ao contrário de outros momentos, Rodrigo sorria tão tranquilo e parecia um galã de cinema. Então entendi o motivo de todo o alvoroço dos dois, estavam procurando motivo para pegar no pé do amigo.

— Ah, saiu a matéria. Ficou linda essa foto!

Peguei a revista da mão de Jorjão, que fazia caretas provocando aquelas risadinhas gostosas de Felipe.

— Ficou e por isso precisamos zoar o Digão. O cara que era totalmente alérgico a essas merdas e se sentiu à vontade demais.

Isso parecia uma vida atrás, estávamos juntos há mais de um ano e parecia muito mais, aquele homem transformou a minha vida, me mostrou como era ser amada intensamente, despertou o sentimento que tanto procurei. Me deu um presente lindo, que era o nosso filho. Ver o sorriso dos dois fazia o meu dia feliz.

E era exatamente isso que eu disse na entrevista quando a jornalista perguntou se eu poderia falar um pouco sobre a nossa história. Ficamos conhecidos no meio como a Diva e o Bruto, por causa de quem eu era e pelo tamanho do meu marido. Achei fofo e acabamos adotando esse apelido desde que ouvimos pela primeira vez. E assim que estava a nota em letras grandes bem na capa.

"A Diva Mileni Pontes e Rodrigo, o Bruto mais charmoso, abrem as portas de sua casa e apresentam o pequeno Felipe."

A porta se abriu e me virei, conectando os olhos com os dele. Era sempre assim, quando ficávamos longe, por poucos minutos que fosse, quando nos reencontrávamos nos buscávamos com o olhar e eu sentia aquele frio na barriga sempre. Acreditava que seria assim para o resto da vida.

Rodrigo sorriu e deu um passo para o lado.

— Olha quem chegou!

Dona Maria Helena entrou sorrindo, parecia mais nova e estava muito feliz, a tristeza que se via em seus olhos já não estava mais lá desde que Felipe nasceu.

Sorrindo me aproximei, dando um abraço em minha sogra, que olhou para mim com carinho e virou-se para o filho.

— Você fez muito bem, Diguinho. Olha essa menina linda, você está radiante, minha filha.

— Obrigada, Helena! Você também está, algum motivo especial?

Nós desconfiamos que ela estava de paquera com um senhor que a ajudava com as compras, mas ela não gostava de falar sobre o assunto.

— Eu vim ver minhas crianças lindas! Agora deixa a vovó pegar o gorduchinho mais fofo.

E logo começou a briga para ver quem ficaria com Felipe no colo, ela sempre ganhava, claro, ameaçava os meninos a deixá-los sem a macarronada e eles entregavam o pacotinho para a vovó chantagista.

Aproximei-me do meu marido, que só tinha olhos para mim, ele deixou cair o pacote de fralda e me enlaçou pela cintura, puxando-me de encontro ao seu corpo. Aquela sensação nunca ficaria velha, minha pele se arrepiava toda vez que ele me tocava.

— Oi, moça!

— Oi, gostoso! Demorou!

— Fui buscar a minha mãe. — Ele olhou por cima da minha cabeça fazendo uma careta ao ver o que os rapazes tinham na mão. — Droga, eles pegaram antes de mim!

Assenti sorrindo e me virei para olhar, aqueles meninos não tinham jeito.

— Se prepara porque eles vão te encher o saco.

Rodrigo revirou os olhos, sorriu e se abaixou beijando-me nos lábios levemente, olhou para mim intensamente.

— Só tô esperando esse bando sumir e Felipe cair no sono, tenho planos para a nossa tarde.

— Uau, agora quero que esse almoço acabe logo!

Rodrigo piscou um olho, sedutor. Senti meu corpo já respondendo ao meu marido, o que não era novidade.

— Rodrigo, como você descreveria o amor de vocês? — Paulão imitou uma voz de mulher e se aproximou com Felipe no colo, havia tomado o bebê do colo da avó de volta.

Pegou o punho gordinho do nosso filho usando como microfone — arrancando gargalhadas gostosas dele —, mas ele não apontou para o verdadeiro alvo, eles estavam encenando e Jorjão fez o papel do entrevistado que cruzou os braços e fez cara de mau.

— Eu sou um idiota, moça. Teimei em não gostar da Leni, fingi que era durão para ela se apaixonar, me fiz de besta um monte de vezes, e no final acabei me descobrindo um idiota apaixonado. Sabe como é, isso aqui... — levantou o braço o flexionando e bateu com a palma da mão — é só fachada, sou um molenga completo!

E nós caímos na risada com a implicância dos dois, meu filho se divertia com aquele trio e já tinha mudado de colo de novo, agora deitava no peito do pai, o nosso lugar preferido, e brincava com a tatuagem nova no ombro dele de uma peça de quebra-cabeça que ele havia feito depois que nos casamos, eu tinha a outra parte que se encaixava perfeitamente.

Aqueles almoços se tornaram rituais, todos os domingos nos reuníamos. Às vezes meus pais e irmãos também iam; outras, Estevão e sua família, mas a nossa casa estava sempre cheia de amor e me dei conta de que era isso que eu sempre sonhei para minha vida.

Uma grande e feliz família, independente de onde morávamos, da nossa situação financeira ou classe social. Tínhamos uns aos outros e nos amávamos, mesmo com as nossas imperfeições. E acreditava que assim que deveria ser, uma bagunça completa que se misturava e se completava.

Eu estava feliz!

— Agora Mileni Pontes, conta pra gente como é ser casada com um mané que vive recitando poemas de amor.

Jorjão correu antes que Rodrigo pegasse ele, aquele malandro não tinha jeito.

Agradecimentos

Falar sobre “A Diva e o Bruto” é como falar sobre redescoberta, esse livro me trouxe a paixão e a leveza de volta. Me diverti, me emocionei, sorri e me surpreendi. É uma história especial, porque ela me trouxe de volta a mesma sensação que tive quando escrevi o meu primeiro livro. Sem preocupações, apenas o coração aberto, transbordando amor.

E, como sempre, tenho anjos ao meu lado que torna o processo de escrita muito mais gostoso e especial.

Minha família, que me apoia e me ama, que está sempre ao meu lado para qualquer coisa, sem esse alicerce eu não seria quem eu sou, não conseguiria resistir as dificuldades. Meu menininho mais lindo e o meu bruto particular. ;) Amo vocês com toda a minha alma!

As meninas do grupo "Deusas do Rock", por estarem comigo todos os dias, por brincarem comigo e aguentarem as minhas loucuras, que, aliás, foi o que originou o nosso Big Mac. Uma brincadeira maluca que resultou nessa história que tanto amei escrever. Vocês são demais!

Minhas amigas e betas mais que especiais: Dani, Lê, Josi, Anastacia e Vanuza. Criar essa história ao lado de vocês foi maravilhoso, discutir cada detalhe e sonhar com o nosso bruto

mais fofo foi perfeito. Não existem palavras que possam expressar o carinho e amor que sinto por vocês. Gratidão eterna!

Silvio Antônio, por ter tido o carinho de ler o livro. Obrigada de coração, sou muito grata por ter você como amigo, é uma pessoa maravilhosa que guardo no coração. Obrigada por tudo!

Carlinha e Lenny, por serem simplesmente quem são e por não me deixarem esquecer o porquê eu amo tanto a escrita. Vocês são anjinhos enviados por Deus, amigas-irmãs de alma. Vocês são maravilhosas demais e que nossa amizade permaneça por toda a vida.

Dri Harada, por dar rosto a esse livro. Muito obrigada pelo carinho, paciência e por entender exatamente o que eu precisava na capa de "A Diva e o Bruto". Que seu talento seja descoberto e reconhecido cada vez mais, você merece!

Carla Fernanda, por tratar meus sonhos com tanto carinho e amor, por me ajudar a ser uma profissional melhor, por estar sempre disposta a me ajudar. Você é maravilhosa, nunca se esqueça disso! <3

Aretha V. Guedes, por ter emprestado a Jack Rock para dar uma palhinha na festa da Mileni. Obrigada, lindona, sou sua fã e fiquei muito feliz em fazer esse *crossover*.

Aos leitores carinhosos, que aguardam por mais uma obra minha. Que vibram e comemoram por cada conquista. Vocês são especiais de uma forma que acho que nunca vou conseguir explicar direito.

Sem esse emaranhado de amor, eu não conseguiria nada do que sou hoje. Então muito obrigada a cada pessoa linda que tira um minutinho do seu dia para me enviar boas energias.

Eu agradeço a Deus pela proteção e a luz que ilumina a minha estrada. Agradeço a Ele por cada coisa boa que tem acontecido na minha vida.

Espero que Mileni e Rodrigo tenha te emocionado e divertido. Obrigada por sonhar mais um sonho junto comigo.

Milhões de beijos, Gi Souza. <3

Gisele Souza é uma taurina teimosa, sonhadora, fascinada pela vida e apaixonada por sua família. Romântica incurável e encantou-se pelos livros aos quatorze anos. Começou sua carreira em 2013, tornando-se best-seller na Amazon com a série “Inspiração”. Desde então não parou mais. Com um gosto literário bem eclético, sonha em escrever histórias de vários gêneros, colocando no papel o seu amor pela escrita.

Nascida em Volta Redonda, interior do Rio de Janeiro, leva uma vida simples ao lado do marido e filho.

SITE:

https://giisouzaautora.wixsite.com/giselesouza

Obras

Todos os livros estão à venda na Amazon.

goo.gl/uQkvo1

1)
Heterocromia (ou heterocromia ocular) é uma anomalia genética na qual o indivíduo possui um olho de cada cor. ↵
2)
Babaca, tonto, imbecil. ↵
3)
Personagem do livro *Esperei por você* das autoras Lenny Silva e Bárbara Moreira. ↵
4)
Protagonista de *Inspiração*, primeiro volume da série homônima. ↵
5)
Amorzinho em alemão. ↵
6)
O ***chucrute*** *(em alemão: Sauerkraut) atualmente, é considerado um prato típico da culinária* alemã. ↵
7)
Perda total. ↵
8)
Jack Rock é uma banda fictícia do romance da autora Aretha V. Guedes compostos até o momento pela trilogia Elle, Chris e dois contos da série. ↵
9)
Livro homônimo de fantasia e mitologia publicado pela escritora de forma independente. ↵